Na pag. 88 refere-se ao *Portugal Pittoresco*.

Duques de Coimbra — pag. 158 e 184

Os Rochedos 110

MUSEU ILLUSTRADO

ALBUM LITTERARIO

SOCIEDADE ATHENA

DIRECTOR GERAL

DAVID DE CASTRO

COLLABORADORES

Abel Acacio
Acacio Antunes
Adelio James
A. Feijó
Alberto Pimentel
Alberto Telles
Alfredo Campos
Alfredo Soares Franco
Amelia Janny
A. M. Simões de Castro
Angelina Vidal (R. A.)
Anonio Gualbert
Anthero do Quental
Antonio Papança
Antonio Xavier R. Cordeiro
Augusto Luso
Aurelio Balthazar
Bittencourt Rodrigues
Bruno
Carlos Boaventura
Christovão Ayres
Clorinda de Macedo
Coelho de Carvalho
Cunha Vianna
Eça de Queiroz
Eduardo Vidal
Ernesto Cabrita
Fausto de Azevedo
F. Guimarães Fonseca
Fernando Castiço
Fernandes Costa
Fernando Leal
Fialho d'Almeida
F. Martins Sarmento
Francisco d'Almeida
Francisco Carrelhas
Francisco de Menezes
Gaspar de Lemos
Gaspar Peçanha
Gomes Leal
Gonçalves Crespo
Guilherme de Azevedo
Jayme Seguier
Jayme Victor
J. J. Silva Bastos
J. M. de Queiroz Vellozo
J. Navarro de Andrade
João de Deus
João Penha
Joaquim d'Araujo
Jorge Seide
José Simões Dias
Julio Cesar Machado
Julio de Mattos
L. T. de Freitas Costa
Leite de Vasconcellos
Luiz de Magalhães
Luiz de Mesquita
Magalhães Lima
Manuel Duarte d'Almeida
Manuel Sardenha
Maria A. Vaz de Carvalho
Maximiano Lemos Junior
Oliveira Simões
Oscar Tidaud
Pedro Amorim Vianna
Pedro Covas
Pedro de Lima
Pereira Caldas
Pinheiro Chagas
Rodrigues de Freitas
Sandoval d'Aguiar
Santos Valente
Simão Rodrigues Ferreira
Sousa Viterbo
Teixeira Bastos
Theophilo Braga
Thomaz Ribeiro
Urbano de Castro
Vicente Novaes
Visconde de Benalcanfôr
Xavier de Carvalho
Xavier Pinheiro

PORTO
TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL
50 — RUA DA PICARIA — 54

1879

A acceitação que do illustrado publico e dos nossos collegas em geral tem adquirido esta publicação incita-nos a proseguir, não nos poupando a trabalho e sacrificios para continuar a merecel-a e assim obtermos a gloria de sustentar um jornal litterario e illustrado digno d'uma segunda capital, unica ambição a que aspiramos.

Desde já annunciamos que breve sahirá o 1.º fasciculo do 2.º anno e com os seguintes melhoramentos:

Cada mez se destribuirá um fasciculo (8.º grande) contendo 22 paginas, papel assetinado, nitidamente impresso e incluindo duas bellas gravuras.

A parte litteraria comprehenderá uma variadissima serie de artigos sobre sciencias, artes, historia antiga e contemporanea; romances, chronicas, biographias, theatros, poesias, etc., firmados pelos primeiros escriptores do paiz, a quem devemos relevantissimos favores, e uma analyse—critica—litteraria trimensal sobre as publicações que forem offerecidas á redacção, o que no fim do anno dá um interessante e volumoso Album litterario, com 24 gravuras, archivo este que demonstrará no futuro o estado progressivo da litteratura presente do paiz.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Por anno — Porto, Lisboa, Coimbra e Braga	2$400
Para as outras terras do reino	2$520
Avulso — 1 numero..	$400

Os snrs. assignantes do Porto, Lisboa, Coimbra, Braga, Vizeu, Lamego, Vianna e Penafiel, pagarão as suas assignaturas em duas prestações e só em face dos respectivos recibos, que lhes serão apresentados em seguida á entrega do 2.º e 7.º fasciculos.

Das outras terras do reino, os que se quizerem subscrever terão de enviar incluso o importe da assignatura, em vales ou estampilhas, directamente á administração do MUSEU ILLUSTRADO.

Consideram-se assignantes os que não enviarem o 1.º fasciculo até á entrega do 2.º

Toda a correspondencia será dirigida á administração do MUSEU ILLUSTRADO S. Bento da Victoria, 20 — Porto.

MUSEU ILLUSTRADO

PORTO

20 — S. BENTO DA VICTORIA — 20

BRAZIL

Por anno — reis fortes .... 5$000

DIRECÇÃO

Rio de Janeiro — — Pelotas — LIVRARIA AMERICANA

20 — S. BENTO DA VICTORIA — 20

PORTO

HISPAÑA

Al año .... 3 duros

DIRECCION DEL «MUSEU ILLUSTRADO»

PORTUGAL

20—CALLE DE S. BENTO DA VICTORIA—20

PORTO

FRANCE

Á l'an .... 20 francs

DIRECTION DU «MUSEU ILLUSTRADO»

PORTUGAL

20—RUE S. BENTO DA VICTORIA—20

PORTO

OBSERVAÇÕES

A quem obtiver 6 assignaturas realisaveis compete uma assignatura gratis.

No fim do anno os snrs. assignantes receberão um brinde offerecido pela redacção, o qual será enunciado na capa do 10.º fasciculo.

NOMES	MORADAS	TERRAS

MUSEU ILLUSTRADO

ALBUM LITTERARIO

GALERIA COMMEMORATIVA
DOS
ESCRIPTORES FALLECIDOS

I

JOAQUIM GUILHERME GOMES COELHO

LENTE DA ESCHOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

NASCEU A 14 DE NOVEMBRO DE 1833 E MORREU A 12 DE SETEMBRO DE 1871

JULIO DINIZ

ROMANCISTA E POETA PORTUENSE

Bem como o lirio, ao fechar da tarde,
Esconde as pet'las e o perfume eleva..
Assim te escondes, mas teu nome eterno,
Como um perfume nosso peito enleva.

AOS NOSSOS LEITORES

Um anno já conta de existencia o nosso periodico e o acolhimento que obteve do illustrado publico da-nos forças para continuar e lisonjeiras esperanças de que não irá de encontro aos escólhos entre os quaes não deixam nem deixarão de avultar os da critica intolerante.

O jornal foi creado para occupar o logar de motor da civilisação e não para incitar odios.

Mais accessivel que o livro, pela modicidade do preço e variedade de artigos, acompanha o homem, sem o importunar, proclamando denodadamente aos quatro ventos a democracia das lettras.

Tanto transpõe o reposteiro do gabinete do rico, como entra no albergue do proletario.

Ninguem contesta, portanto, que o jornalismo é um incentivo á civilisação e á liberdade dos povos, mas tambem se não duvida de que algumas vezes abusa, e é tão doloroso no seu tractamento como as ulceras que tenta curar.

O nosso jornal, porém, é um dos que mais suaves, morigerados e independentes attingem ao mesmo fim, mas por meios diversos. Seja no gabinete particular, no Café, ou em viagem que um individuo o encontre, apenas lhe volva os olhos, elle lhe enrolará o panno de bocca do immenso theatro, chamado — universo, e o invitará a assistir ao grande espectaculo em que os cinco mundos tomam parte. O individuo, então, sem o minimo incommodo e como por encanto, acha-se cosmopolita, relaciona-se com os principaes vultos que lhe indicam o presente e lhe decifram o futuro, e, finalmente, vê erguerem-se das campas heroes que nunca vira nem conhecera. E é por esta solida phantasia, digamol-o assim, que os jornaes d'esta ordem pretendem inocular placida e distractivamente o gosto pela leitura e pelo saber, sem fadiga, sacrificios ou contrariedades. Conforta as vicissitudes da vida e nutre nos corações sensiveis e até cria, nos mais rebeldes, os sentimentos do amor, da virtude, dos bons exemplos, derramando a um tempo a instrucção, base das grandes evoluções que hão-de levar o homem á sua plena emancipação.

Deve este ser o proposito dos jornaes litterarios e do que não nos arredaremos nunca.

O nosso *Museu*, pois, abre de novo as suas portas, exhibindo novos productos litterarios devidos ao generoso talento dos nossos principaes escriptores, cujos nomes de ha muito são consagrados á gloria, e d'outros noveis auctores que pressurosos a conquistam.

Seguiremos escrupulosamente o programma do nosso primeiro volume, inaugurando-lhe uma galeria commemorativa especial para os auctores já fallecidos e seus escriptos ineditos, e empregaremos todos os esforços para que continue a merecer as attenções dos nossos leitores, e nós tenhámos a gloria de sustentar um periodico litterario e illustrado digno d'uma segunda capital, unico e exclusivo interesse a que aspiramos.

A REDACÇÃO.

JULIO DINIZ

Bem cedo a morte o roubou aos seus amigos.

Desde tenra edade applicou-se exclusivamente ao estudo, obtendo a sympathia e a admiração de seus professores.

Acabados os preparatorios, matriculou-se na Academia Polytechnica: sempre distincto na sua frequencia, passou á Eschola medico-cirurgica, onde, pela applicação e talento que desenvolveu durante a sua formatura e pelo brilhante concurso com que depois se habilitou para lente da mesma Eschola, se tornou um dos primeiros ornamentos do respectivo corpo docente.

Todos o consideravam feliz, mas elle sabia bem que o não era.

O joven medico não era materialista nem tinha ainda embotados, pelo virus do scepticismo, os sentimentos d'alma, que nos distinguem dos irracionaes; sentia, tinha coração. Vira fallecer sua carinhosa mãe, os seus extremosos irmãos, e esses golpes foram-lhe profundos e incuraveis. Restava-lhe apenas o pae... triste, venerando facultativo a quem o destino reservára para partilhar da gloria do filho e mais penoso lhe ser depois o córte total da sua derradeira vergontea!

A seriedade e natural melancholia, que continuamente caracterisavam aquelle modesto mas elevado espirito, denunciavam claramente o embate de grandes soffrimentos moraes aggravados lentamente pelos symptomas d'um padecimento physico, que tão breve o arremessaria ao tumulo.

Alguns annos mais e eil-o em lucta com uma *tuberculose* que o havia de vencer na edade mais apreciada, e quando, na sua curta carreira litteraria, tinha, como ninguem em tão pouco tempo, conquistado a corôa de romancista popular.

São as suas producções—*As pupillas do snr. Reitor*—*A morgadinha dos Cannaviaes*—*A familia ingleza* — *Os fidalgos da casa mourisca* — *Os serões de provincia*—as perolas que adornam a sua corôa, corôa

que legou a seus patricios e symbolisa a gloria eterna do seu nome.

O seu caracter probo e triste impellia-o á solidão. Afóra as suas obrigações achal-o-hiam sempre no seu gabinete absorto pelo estudo. Immensamente modesto, nunca firmou as suas esplendidas producções litterarias com o seu nome baptismal; *Julio Diniz* é a assignatura que feicha os seus escriptos e pela qual é conhecido por todos em geral. Affligiam-no os elogios e arredava-se escrupulosamente dos cumprimentos e etiquetas do *grande mundo*.

Nos ultimos tempos, mais abatido pela molestia, que lhe esphacelava o debil organismo, passava o inverno na ilha da Madeira e o verão no Porto, sua terra natal. No derradeiro regresso d'essas infructiferas digressões foi que o seu espirito ascendeu e o seu corpo resvalou na campa.

Mais tarde appareceu á luz publica um novo livro de versos, sob o titulo de—*Poesias,* thesouro particular do saudoso finado, que não só veiu ampliar o seu glorioso e immorredouro tropheo litterario, mas entrelaçar perpetuamente no reconhecido nome de romancista o de poeta.

Jaz no cemiterio de Cedofeita.

O seu tumulo, modesto como o caracter do saudoso escriptor, compõe-se d'um quadrilongo de marmore polido sobre outro maior de granito, que poisa na sepultura: resguarda-o um cadeado suspenso em quatro pilares entrelaçados com heras naturaes.

Sobre a lapide de marmore lê-se a seguinte simples inscripção, mas que comprehende uma epopêa:

JOAQUIM GUILHERME GOMES COELHO.
JULIO DINIZ.

OSCAR TIDAUD.

DESESPERANÇA

(POESIA INEDITA DE JULIO DINIZ)

Meu Deus, que destino!... viver isolado,
Sem ter quem no mundo me possa entender!
Não era esta a vida que eu tinha sonhado
Nos sonhos passados d'um outro viver!

As feras, as aves, as flor's, quanto existe
Se abrazam n'um terno, dulcissimo ardor!
Só eu, solitario, viver sempre triste!
Viver?—Não: que é vida, faltando-lhe o amor?

É ermo entre gelos, é horrida noite,
Aonde um só astro, sequer, nem reluz!
Como hei-de, sem crenças onde a alma se acoite,
Do Golgotha ao cimo levar minha cruz?!

O anceio, este fogo que lento me inflamma,
Não hei-de apagal-o n'um gozo real?
E os vagos transportes que sente quem ama
Terá de abafal-os paixão mundanal?

Não ter seio amigo, no qual eu repouse
A fronte cançada d'ardente pensar,
Uma alma conforme com a minha, a quem ouse
Dizer quanto sinto no peito a pesar!

Ai! triste, que sorte! viver entre gelo,
Sentindo atear-se cá dentro um vulcão!
Nutrir tanto affecto no peito e perdel-o!...
Desejos que abrazam, mantel-os em vão!

Meu Deus! És injusto!... mas oh! se blasfemo,
Perdôa, que a mente mal pensa o que diz!
Perdôa, perdôa-me, ó Ente supremo,
Concede-me ainda que eu seja feliz!

Oh! da-me a ventura, que em sonhos já tive!...
Uma alma, que est'alma soubesse entender!
Um ente, se acaso na terra elle vive,
Que possa este vacuo d'amor prehencher.

Qu'immenso thesouro d'affectos lhe dera!
Sorrira-lhe a vida n'um eden gentil!
Entre outros segredos então lhe dissera
Taes fallas, cortadas por beijos aos mil!

Ai! foge, deixemos da vida mundana
Seus vãos devaneios, seu fogo falaz!
Busquemos sosinhos deserta cabana
Aonde não turve ninguem nossa paz!

Que immensos prazeres que lá nos esperam!
Que ledo futuro que então nos sorri!
Alli não ha magoas, que o peito laceram,
Dos homens o bafo não chega até li!

Que vida, essa vida que então lá teremos
Tão rica d'affectos, de gozos sem fim!
Que ternos enlevos, que doces extremos,
Que bellos os dias, passados assim.

D'esp'ranças e flores no quadro tão lindo
No cimo dos montes, da aurora ao nascer,
Iremos saudal-a, dizer-lhe: — Bem vinda
Tu sejas, que á terra dás luz e prazer!

Depois, vendo as aves com doce harmonia
Soltarem seus cantos nos bosques além,
Na lingua dos anjos, na maga poesia,
Aos céus nossos hymnos se elevem tambem!

Oremos ao Eterno, sagremos-lhe os cantos,
Que d'alma espontaneos prerompam então!
Depois revolvamos provar dos encantos
Da vida ineffavel que amina a soidão!

Da tarde ao crepusc'lo, nos breves instantes
D'essa hora em que se unem as sombras e a luz,
Tambem nossas almas unidas e amantes
Anhelem delicias que a noite conduz!

Alli, o murmurio da rapida briza
Banhada em perfumes, roubados á flor,
E a lympha, que mansa no prado deslisa,
Virão segredar-nos mil fallas d'amor!

—Amor—repercutam os echos da serra!
—Amor—lá das aves se escute na voz!
E as nuvens, as fontes, os bosques, a terra
—Amor—só respirem em torno de nós!

—Amor—alta noite veremos escripto
Com lettras douradas no livro de Deus!...
Presagio divino do gôzo infinito
Que um dia teremos unidos nos céus!

E um dia lá corre, d'amor bafejado,
Ao outro que surge prazeres eguaes!
E sempre esta vida!... Mas, ai! desgraçado!...
Que assim me enlevava d'esp'ranças banaes!

Debalde illudir-me procuro n'um sonho!
Cruel desengano, cruel que elle é!
Elle aponta o futuro, sombrio e tristonho,
Sem crenças, sem gloria, sem vida, sem fé!

A mim, só me resta viver isolado!
Sem ter quem no mundo me possa entender!
Ai! sonhos tão bellos que outr'ora hei sonhado!
Delicias passadas d'um outro viver.

Fevereiro, 1855.

ALEXANDRE HERCULANO

Ha 19 seculos, appareceu de subito na velha Jerusalem dos patriarchas e prophetas um vulto doce e austero. Irradiavam-lhe na pupilla as scintillações dos astros, coroava-lhe a fronte scismadora a aureola dos predestinados, voavam-lhe da bocca, severa e insinuante, palavras harmoniosas e persuasivas, revelação augusta da verdade e da justiça!

Tentaram attrahil-o ao seu gremio os rabbinos, patentearam-se-lhe as synagogas, pretenderam seduzil-o os vãos orgulhos, as pompas mundanas; bateram no hombro e travaram do braço do humilde filho do carpinteiro de Nazareth os Cesares revestidos de purpura.

Jesus sorriu melancholico, e seguindo na vereda tortuosa e ingreme do Calvario só abriu coração e braços, que fechára ao contacto dos soberbos, aos fracos; só para os debeis lirios da infancia pendeu risonho e enlevado, a loura cabeça pensativa!...

O coração de todas as creaturas, verdadeiramente superiores, humanas ou sobrehumanas, identificando-se com as desartificiosas manifestações da natureza, a grande alma universal, namora-se, como o Christo, de tudo o que é simples e bom.

Alexandre Herculano abraçára mais do que nenhum outro a singela religião da natureza, o culto intuitivo das ignoradas virtudes, modestas e espontaneas.

E' por isso que na pobre jazida aldeã, onde, á sombra das arvores que o entendiam e que elle amava, dorme o seu placido e derradeiro somno, não destoará, embora confundida com as illustrações do seculo que de todos os pontos da terra, das cidades e aldêas, acodem a celebrar-lhe a gloria, a voz humilde e enternecida do affecto reverente, do reconhecimento profundo, da saudade inextinguivel!

Cabe ás primeiras, que amparadas pela força prodigiosa do talento lograram escavar a sacra montanha, onde o obreiro da luz arrancou do seio das trevas, para reconstruil-o, um mundo novo e resplandecente de inesperadas revelações, a tarefa gloriosa de talhar em bronze as linhas severas do seu vulto gigante: resta ao amor dos que o estremeciam, á devoção d'aquelles que teem a recordar a hora jámais esquecida, em que de repente, no seu caminho escuro e difficil, brilhou, caindo de tão alto como os raios do sol, a irradiação d'esse espirito extraordinario (reservado, desdenhoso e intransigente para tantos), o dever piedoso de perfumar-lhe a campa de orações, de regar com as perolas fecundas da gratidão as perpetuas, as violetas e as saudades que não deverão murchar nunca no leito de argilla do poeta.

Duas individualidades, absolutamente distinctas e apparentemente incompativeis, se alliavam em Alexandre Herculano: o escriptor de largos vôos e idéas avançadas, e o homem simples, modesto, por vezes infantil nas singelissimas predilecções!

O philosopho revolucionario, o demolidor audaz, o adversario implacavel nos seus sagrados impetos indi-

gnados, o portentoso architecto da *Historia de Portugal,* restituindo-lhe, consoante os syclos do tempo e as evoluções das edades, a rigorosa physionomia verdadeira, que o fanatismo absoluto e a tradição falseada tinham sepultado no escuro cahos do desconhecido; banhando-a, ora com a mystica inspiração do christianismo, talhando columnatas e porticos ogivaes que parecem oscular extaticos a curva azul do infinito, outras, obedecendo á influencia arabe; ora embebendo a tela nas largas sombras do feudalismo da edade media, ou sorrindo e desatando-se em florescencias de Sauzio ao calido sopro da renascença; aqui oppondo á fabula, á crendice, ás brumas do êrro, os altos processos da critica scientifica, alli descendo, com a fronte pallida pela vigilia, ás cryptas da antiguidade para recompôr os periodos interrompidos e reatar os fios dispersos da grande teia da historia; desbravando, infatigavel, invios desertos, talhando na rocha viva, chamando á auctoria os seculos remotos e as extinctas gerações, insuflando-lhe nova vida; salvando precipicios a cada passo, rasgando o seio opaco das trevas e alcançando successivos triumphos, só permittidos aos raros e privilegiados obreiros do Ideal! deixando, emfim, n'essa esplendida *Historia de Portugal,* apezar de incompleta, o unico monumento perduravel, que, a par dos *Lusiadas,* o nosso poema maritimo, reivindicará, para Portugal, os fóros de illustre e illustrado no convivio das nações cultas.

O fogo sagrado, que após a lenta elaboração de todas as idéas generosas de emancipação e regeneração social, rebentou em França e allumiou o mundo; a religião austera da liberdade, vibraram no peito varonil de Herculano, impelliram-n'o para a lucta, para o vivido esplendor da gloria, e conferindo-lhe de improviso a missão de creador de uma nova phase litteraria, transformaram-o em apostolo e por ventura em martyr! D'essa febre de ardente enthusiasmo juvenil, d'esse periodo de palpitante inspiração, brotaram, entre outras joias de inimitavel valia, o *Eurico, o Monge de Cister* e a *Harpa do crente.*

A' poderosa voz da revolução, á apparição da brilhante pleiade romantica, que, impellida por Hugo e Dumas, desthronou os velhos classicos, correspondeu em Portugal á sonora voz do pensamento creador de *Hermengarda,* o pulso cyclopico do artista da *Abobada!*

Pois esse cinzelador da palavra que tão alto subiu, esse genio prodigioso, esse vidente que decifrou os reconditos mysterios da antiguidade, esse artista omnipotente, evangelisador de todos os principios de philosophia transcendente, de alta critica renovadora, de complexa investigação psychologica, que nasceu para dominar um povo e subjugal-o, preso da admiração, era o mesmo varão primitivo, candido na sua austera virtude immaculada, casto, simples e forte como os patriarchas biblicos!

D'ahi as antitheses profundas, os contrastes violentos, cujo enygma indicifravel surprehendia e irritava as multidões.

Tão pertinaz isenção, tamanho desprendimento, tanta lealdade no seguir sem tergiversar a linha recta que d'antemão traçára, incommodava a ambição desenfreada, como que oppunha tacitamente um dique ás paixões venaes, á dissolução dos costumes, ao preamar de mentiras convencionaes e falsas glorias recamadas de lentejoulas!

O despeito dos mediocres, a colera dos ambiciosos, o rancor das sachristias tentou cuspir-lhe fel na veneranda sombra!

O grande homem, unido, apparentemente, na communhão das idéas aos seus contemporaneos, porém completamente divorciado, no fundo dos sentimentos, deplorava a funesta decadencia da sua epocha, e chorava por ventura, como Mario inclinado sobre as ruinas de Carthago!...

Porém, as nuvens caliginosas rarefaziam-se na serena quietação do seu ermo, sombreado pela folhagem miuda das oliveiras, aquecido pelo devotado amor da esposa e divinisado pelo austero culto da honra!

A' porta, deixara elle, como os antigos paladinos ao volverem de combater infieis aos braços da estremecida companheira, a sua reluzente cota d'armas.

Profundamente religioso, como Michelet, embora, como o radioso pantheista de *L'oiseau,* accusado de atheismo, Alexandre Herculano, tendo o amor de Deus e da familia no coração e a paz dos justos na fronte, inclinou a cabeça e adormeceu, á hora em que a França restituia á terra o envolucro d'outro espirito immortal.

O seu derradeiro sorriso foi para o discipulo bem amado, o poeta que lhe amparou a agonia, para as aves que emboscadas no arvoredo chilreavam o *Te Deum* da esperança, e para o céu que lhe abria o seu largo seio azul.

Lisboa.

GUIOMAR TORREZÃO.

EPIGRAMMA

O' Enxundia! deixa a poetica,
Que tens a musa rachitica!
E' melhor mudar de tactica;
Lança-te antes á politica,
Segue a vida diplomatica...

JOÃO DE DEUS.

O PINTOR

ROMANCE HISTORICO

I

O discipulo de Raphael

N'uma camara pequena e mal mobilada viam-se diversos quadros pintados de fresco. Alguns retratos estavam aqui e alli encostados ás paredes; o esboço d'um achava-se n'um cavallete.

Um mancebo, sentado n'um escabello, segurava na mão esquerda um pequeno retrato em miniatura e com a dextra manejava o seu habil pincel: o pintor parava de quando em quando, como para reunir alguma lembrança; depois, continuava o seu trabalho.

Este moço chamava-se Affonso Sanches Coelho.

O cuidado com que o joven artista fazia a sua obra, e o sorriso que lhe premanecia nos labios, eram provas evidentes e sobejas de que aquelle retrato lhe fosse de pessoa não indifferente.

Havia alguns mezes que Affonso Sanches tinha visto na côrte uma formosa dama. O coração do joven pintor, até alli tão livre e socegado, soffreu um golpe; o seu formoso rosto, as suas affaveis maneiras haviam egualmente captivado a donzella. Vêrem-se e amaremse, foi um momento!... os seus olhares encontraramse, os seus corações entenderam-se: já tinham nascido um para o outro!

D. Luiza Reinalt era a dama: o pintor, depois de aquelle instante em que pela primeira vez vira Luiza, tentou suffocar no peito o fogo que ahi lhe começava a lavrar, mas não pôde! Esse amor, que elle julgára apagar com o esquecimento, ia-se tornando mais vivo e forte em seu peito. Era já tarde. Affonso pôde comprar um pagem de D. Reinaldo, pae de Luiza, e, por sua via, conseguiu fallar a sós com a sua dama, abrir-lhe o seu coração e communicar-lhe o seu terno amor.

A primeira entrevista de Luiza e Affonso foi proporcionada pela audacia e esperteza do pagem.

Quando o joven pintor invocára o seu perdão á donzella, o perdão do seu arrojo, encontrou, em logar d'uma negra repulsa, palavras meigas e de esperança. O mais puro amor estava arraigado nas almas d'aquelles dois jovens.

Passaram-se alguns mezes depois d'esta primeira entrevista, e é n'este tempo que vamos encontrar o joven artista na sua camara, acabando com todo o esmero e perfeição um pequeno retrato de mulher.

Era o retrato de D. Luiza Reinalt.

O artista tinha de tal maneira estampado na sua ardente imaginação o formoso rosto da dama, que o passava do cerebro á tela, como se Luiza alli estivesse.

Completava os ultimos toques o terno amante, disendo comsigo:

—Oh! como está parecido! Como é linda! Quem não ha-de amal-a?! Um rosto tão angelico não tem na terra rival!...

E o pintor admirava, extasiado, aquelle retrato, e um ineffavel gôzo se lhe desenhava no semblante.

A este tempo, soou na porta da camara uma pancada: o pintor estremeceu, ergueu-se, e foi abril-a.

—Ah! és tu?—disse o discipulo de Raphael a um lindo pagem que entrava.

—Eu mesmo, snr. Affonso Sanches—respondeu.

—Que motivo te abrigou a vir aqui? Acaso me trazes algumas novas de tua senhora!

—Sim, senhor.

—Oh! então que é?—accudiu o pintor já sobresaltado.

—Uma carta da minha nobre ama e senhora—tornou o pagem, tirando do cinto um papel que entregou ao artista.

Affonso abriu a carta e leu com sofreguidão. Era concebida n'estes termos:

Affonso

«Coisas de grande consideração teem acontecido «desde hontem; coisas que ameaçam o nosso porvir e «com elle a felicidade. Preciso fallar-te, Affonso; aqui «te espero, hoje, ás dez horas da noite.»

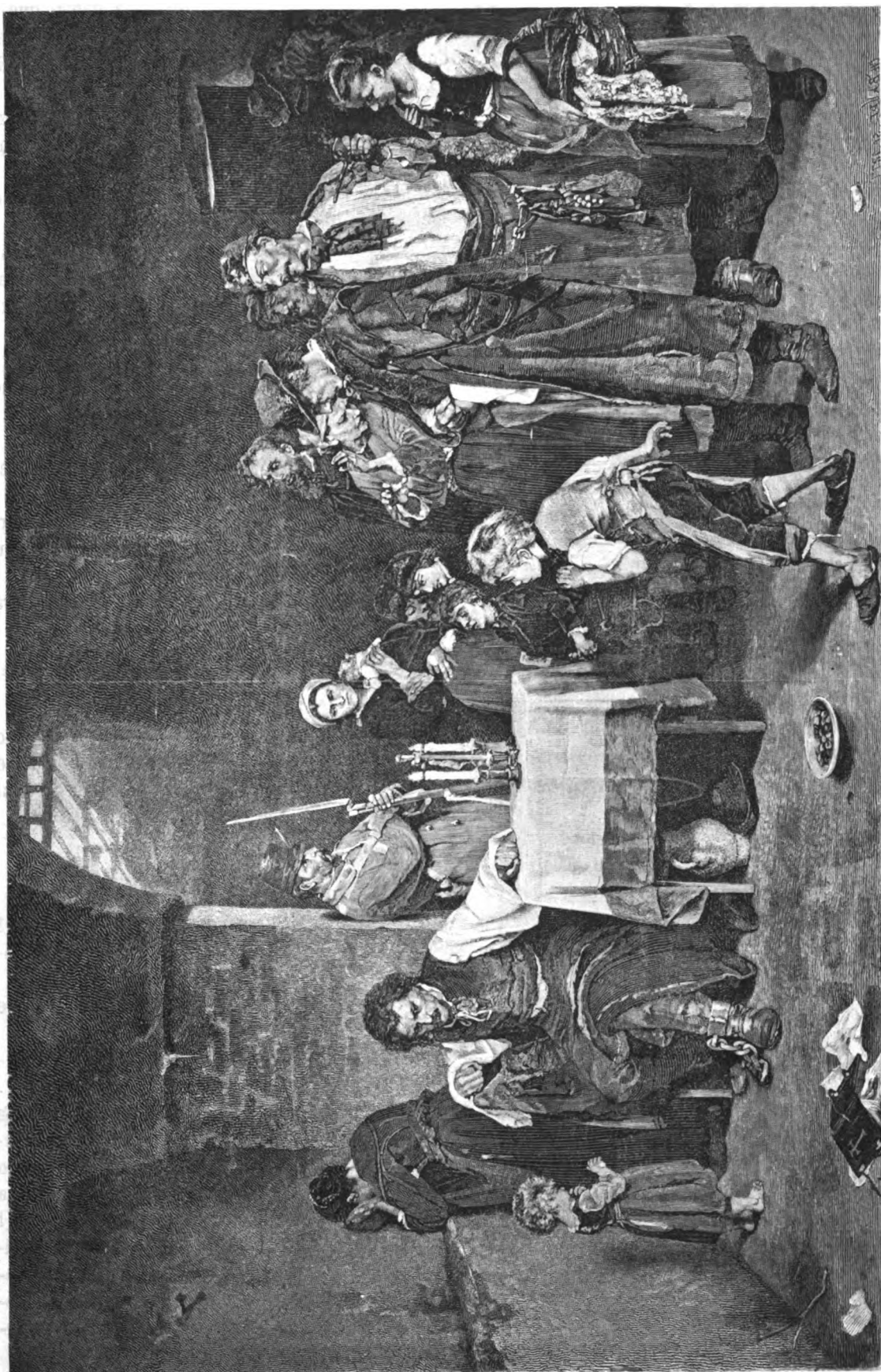
LUIZA.

—Pedro Gil, o que aconteceu em casa de teu amo? —indagou o pintor, depois d'alguns momentos de silencio.

—Não sei, senhor; mas, por Christo vos juro, que o caso não vai tanto a geito como eu esperava....

—Pagem, dize-me a verdade, tira-me d'esta horrivel incerteza—voltou o triste moço angustiado.

—Hontem—continuou o pagem—depois que vós de lá sahistes, o snr. D. Reinaldo, meu amo, chamou-me e disse: «Pedro, diz a minha filha que lhe quero fallar e que aqui a aguardo.» Eu fui. A snr.ª D. Luiza e seu pae tiveram uma conferencia bastante longa! Aquelle chamamento deu-me cuidado; tentei espreitar... mas nada vi: appliquei o ouvido e só destinguia as duas vozes sem nada perceber. Minha senhora, quando sahiu, vinha pallida e angustiada! chamou-me: fez essa carta, e mandou que vol-a entregasse.

—E, depois?... depois?...

DO SUBLIME QUADRO DE M. MUNKACSY E GRAVURA DE M. C. BAUDE

A ULTIMA HORA DO CONDEMNADO

— Nada mais houve, senhor.

— Meu Deus! — monologava o pintor — Que terá acontecido?! Acaso D. Reinaldo saberá?! Oh! e que saiba... não serei eu digno de possuir a mão de sua filha?!...... Eu!.... um pobre pintor!... Sim... sou... e o orgulho de D. Reinaldo é grande para que possa esquecer a distancia que vai de mim a elle.... jamais consentirá na união de sua filha com um misero artista!...... Mas, que importa!... possuo o amor de Luiza, é quanto basta...... o porvir... oh! esse pertence a Deus.....

— Que decidis, senhor? — interrompeu o pagem, vendo que Affonso ficara abysmado nas suas reflexões.

— Vai, e dize a tua nobre senhora que Affonso Sanches cumprirá os seus desejos.

O pagem sahiu.

II

A partida

Batiam nove horas na cathedral de Lisboa. Em uma camara d'um vasto e rico palacio estava uma dama sentada n'uma blazonada cadeira d'espalda, com o cotovello do braço direito encostado e o rosto apoiado na dextra. Parecia absorta em um profundo meditar. De quando em quando erguia os seus formosos olhos e fitava-os n'um relogio que se achava fronteiro. Depois, tornava a inclinar a fronte. O silencio, n'este logar, apenas era interrompido pelo compassado e monotono oscillar da pendula e alguns suspiros abafados, que sahiam do seio da desditosa dama.

Havia já algum tempo que a joven jazia immovel e pensativa quando o relogio annunciou as dez horas: a dama contou-as com anciedade, e, ao timbrar da ultima, ergueu-se: o seu rosto tomou novo aspecto; as faces, até alli tão pallidas, tomaram a côr rubra: o pranto cessou.

— Dez horas! — balbuciou — Não deve tardar. Com que impaciencia, prazer e temor esperava eu este momento!.... Chegou emfim. Vou vel-o... e quem sabe se pela ultima vez! Oh! meu Deus! que desditosa sou!... Em que vos offenderia para que assim me castigasses?! Querem separar-me d'elle... como para me esquecer!... Separar-me! Esquecer-me! e não se lembram que ainda que o corpo se separe cá me resta a alma. Esquecel-o!... Ah! isso nunca... nunca. E depois — continuando com um riso sardonico — insensatos, mil vezes insensatos! querem com o gelo da separação apagar este fogo sagrado... este fogo, que nem o gelo da campa poderá extinguir! ah! que mal conhecem o coração da mulher!... Separem-me embora, que o podem fazer, mas arrancar-me do peito este amor... é impossivel! Affonso... nada no mundo será capaz de fazer-me olvidar-te; serei tua, oh! sim, só tua até á morte.... tu não esquecerás tambem o teu juramento, não... creio, creio em ti...

— Luiza — disse uma voz; e um mancebo appareceu no liminar da porta. A joven apenas o viu, correu a elle, bradando:

— Affonso!...

— Luiza, Luiza! — e estreitaram-se nos braços.

A. Moraes.

(Continua.)

NÃO HA VIDA SEM TI

(CAMPOAMOR—*Doloras*)

Porque queres saber, pomba querida,
Em que vive meu espirito occupado?
Depois que me deixaste abandonado
Sómente anceio abandonar a vida!

Lisboa.

Joaquim d'Araujo.

A ULTIMA HORA DO CONDEMNADO

Offerecemos este anno aos nossos dignos leitores uma galeria de retratos, em gravura, dos principaes escriptores portuenses já fallecidos, fazendo, por este meio, conhecer ás gerações vindouras esses vultos que tanto contribuiram para a elevação dos sentimentos d'alma e a evolução futura da patria, e uma escolhida serie dos primeiros quadros exhibidos na Exposição de Paris de 1878, por entendermos que além d'esta deliberação ser approvada e bem acceite, vai coherente com a indole do jornal.

Para mais agradar daremos tambem, intercaladamente, copias fieis das magnificas esculpturas, que embellezam o park e o palacio do Trocadero, monumentos immorredouros que, dispersos e em grupos, se destacam surprehendentes, phantasticos, symbolisando as nações que tomaram parte na Exposição e parecendo guerrearem-se orgulhosos e soberanos sobre o sólo do primeiro paiz, arena do progresso universal.

A copia que hoje exhibimos pertence á galeria de bellas-artes — secção de gravuras em madeira — tirada

do sublime quadro de M. Munkacsy e gravura de M. C. Baude.

É este um trabalho tão sublime que tudo o que d'elle podessemos dizer, seria não só inferior ao seu merecimento artistico, mas ainda ao que abalisados entendedores teem dito tanto no hebdomadario — *Exposição de Paris*, como em outras *Illustrações*.

Limitamo-nos, portanto, a apresental-o ante a illustrada opinião publica, lembrando-lhe apenas que esta esplendida composição tem a mais um fim utilissimo: — incita a marcha progressiva dos Apostolos da luz e intriga fatalmente os embotados e fanaticos sectarios da pena de morte.

O. T.

NOCTURNOS

(HENRI HEINE)

DONA CLARA

Era noite, e nos gothicos jardins
Do velho alcaide a filha passeava;
Do castello aos ouvidos lhe chegava
Ruido de trombetas e clarins.

«Estas danças são tão fastidiosas,
E não menos aquelles cavalleiros
Que, com modos servis e prasenteiros,
Me comparam ao sol, á lua, ás rosas.

«Ah! tudo me fatiga e me aborrece
Desde que, á luz d'um astro desmaiado,
Vi esse cavalleiro enamorado
Cuja guitarra á noite me enlouquece.

«O seu talhe elegante, e o olhar tão vivo
N'um rosto de um pallor suave e bello
Dão-lhe uma graça tal que eu julgo, ao vêl-o,
Vêr de S. Jorge o rosto pensativo.»

Era assim que pensava Dona Clara;
Ao levantar o rosto distrahido,
Viu deante o gentil desconhecido
Por quem antes seu peito palpitára.

Enlaçadas as mãos, alegremente
Passeavam ao luar enamorados;
Os zephyros brincavam descuidados,
E as rosas os saudavam ternamente...

Saudavam-n'os as rosas ternamente
Tingindo-se de purpura mimosa;
—«Mas dize, minha amante graciosa,
Porque foi que córaste de repente?»

—«Picavam-me os mosquitos infernaes,
E os mosquitos no estio são odiosos
Como os longos enxames horrorosos
De judeus de narizes collossaes.»

—«Deixa os mosquitos e os judeus, coitados!»
O mancebo lhe diz, suave e brando,
Amendoeiras em flor vão semeando
Os seus flocos de neve perfumados.

«Oh! os flocos de neve seductores
Espalham um aroma inebriante;
Mas dize-me sem medo, ó minha amante
Serão só para mim os teus amores?»

—«Amo-te, sim; os labios pronunciaram,
Juro-t'o, meu amante idolatrado,
Por esse Salvador immaculado
Que os traidores Judeus crucificaram».

—«Deixemos os Judeus e o Salvador,»
O mancebo lhe diz, suave e brando,
«Ao longe não vês tu, balanceando
Cheio de luz, o lirio scismador?

O lirio scismador, de luz banhado
Eleva para o céu o seu olhar...
Mas dize, meu amor, sem hesitar
Será teu juramento perjurado?»

—«Não te serei perjura, ó meu amado,
Como não ha em mim, por Deus t'o juro,
Uma gotta sequer do sangue impuro
Do judeu ou do mouro condemnado.»

—«Deixa o judeu e o mouro despresado!»
O cavalleiro diz, suave e brando.
E a filha do alcaide foi levando
Para um bosque de myrtos retirado.

E nos colloquios breves, na verdura
A enlaçou nos braços alquebrados,
Curtas palavras, beijos prolongados,
E os peitos transbordaram de ternura.

O rouxinol fez escutar na selva
O epithalamio mais harmonioso,
Como a formar um baile luminoso
Saltaram pyrilampos pela relva.

O bosque estava mudo como d'antes,
E só se ouvia, como esmaecido,
Dos myrtos o dulcissimo ruido
E os felizes suspiros dos amantes.

Mas o som das trombetas, penetrante,
No castello resôa novamente,
E Dona Clara salta lestamente
D'entre os braços febris do seu amante.

—«É forçoso deixar-te, ó meu amado,
Mas antes, meu amor, de te deixar...
Dize-me o nome teu, que em occultar
Tens sido para mim tão reservado.»

O mancebo sorrindo docemente
Beija os dedos da amante graciosa,
Os seus labios e a fronte setinosa,
E murmura depois serenamente:

—«Eu, que sou vosso amante, sem que possa
Pagar o vosso amor doce e divino,
Sou filho do doctissimo rabbino
Isaac-Ben-Israel, de Saragoça.»

Porto, 1879.

MAXIMIANO LEMOS JUNIOR.

EGYPTO E CHALDÊA

Nas fôrmas da civilisação egypcia acham-se manifestações espontaneas que se repetem na civilisação da Chaldéa, taes como: a situação geographica provocando uma aggregação social; pequenas cidades submettendo-se a uma unidade politica; a necessidade da defeza levando á ambição da conquista e á constituição de um grande imperio que se desaggrega, transmittindo-lhe os progressos adquiridos a novos centros de actividade humana. Assim como o valle do Nilo interrompe a aridez do deserto nas fronteiras da Africa e da Asia, como um grande oasis que estimulava a civilisação consciente das sociedades ante-historicas que alli se accolheram, tambem um segundo oásis e muito mais extenso, situado entre os areaes de Africa e os altissimos platós da Asia, e flanqueado pelas duas arterias de fecundidade—o Euphrates e o Tigre, estava provocando o desenvolvimento das raças felizes, que o encontrassem na sua emigração. Se o valle do Nilo possuia as condições de estimulo cosmico para ali se manifestar a civilisação do Egypto, a grande planicie regada pelo Euphrates e pelo Tigre, conhecida pelo nome de *Naharain*, que lhe davam os antigos semitas, pelo nome de *Sennaar* «o paiz dos dois rios», como a designa a Biblia, ou pelo nome de *Mesopotamia*, como lhe chamaram os gregos, apresentava as condições que produziram na parte septentrional, e na meridional, onde os rios começam a ter curso parallelo, duas civilisações distinctas, a da Assyria ao norte, e a da Chaldêa e Babylonia ao sul, nas planicies formadas pelas alluviões dos dois rios. A's analogias geologicas dos terrenos do Schatt-el-Arab com o Delta, corresponde um mesmo estimulo progressivo, começando a civilisação em *Ur*, subindo o curso do rio para *Babylonia*, até chegar a *Ninive*, da mesma fórma que no Egypto a civilisação começa na ponta do Delta em *Memphis*, sobe o curso do Nilo para *Thebas* e chega até á *Ethyopia*. Tudo mostra que a acção do meio cosmico não foi extranha ao apparecimento das primeiras civilisações humanas, que não teriam saído da sua espontaneidade, se não exercessem entre si uma constante pressão social, como se vê na vida historica do Egypto e da Chaldêa; assim, o Egypto em Thotmés III ou em Seti, aspira á conquista da Mesopotamia, e por seu turno o Egypto é invadido pelas forças da Babylonia e da Assyria. Esta pressão social explica a actividade guerreira da Asia antiga e mussulmana, das emprezas de Alexandre e das Cruzadas, e ao mesmo tempo por que é que um grande numero de raças nunca puderam elevar-se acima da fórma social de tribus, por serem perturbadas na sua estabilidade pelas invasões das potencias militares.

Assim como o Mediterraneo entrava na primitiva por um golpho até onde começa o Delta, assim tambem o Golpho Persico entrava pela terra dentro até ao ponto em que o Euphrates e o Tigre estavam separados e se lançavam no mar distanciando um do outro pouco mais ou menos vinte leguas.

O Schatt-el-Arab, foi constituido pelos detritos do Euphrates e do Tigre, que, como o Nilo, tambem apresentam as cheias periodicas, que começam em meiado de abril até ás calmas de junho. Assim, por esta formação lenta de um sólo fertil, de uma milha ingleza por cada setenta annos, como ainda hoje succede, e de uma milha por cada trinta annos na primitiva, como calculou Rawlinson, se póde por meio de uma chronologia geologica, determinar o tempo em que se fixaram na Mesopotamia as colonias asiaticas, porque o Golpho estender-se-hia pela terra dentro umas quarenta a quarenta e cinco leguas. As cheias do Euphrates assim como formavam um sólo fecundo, exploravel pelos trabalhos sedentarios da agricultura, tambem se derramavam em braços que chegavam ao Tigre e favoreciam as communicações; mas esta riqueza natural precisava ser adaptada pelo trabalho humano, por-

que a falta de canalisação fazia que as aguas ou formassem pantanos doentios, (*Idpa*, a febre, *Nantar*, a peste, deuses vetustissimos da Chaldêa, conservados no culto magico) ou não chegassem aos terrenos que se endureciam ao sol ou eram cobertos de areias trazidas pelo vento do deserto, (o vento symbolisado no talisman turaniano como o demonio do vento de sudueste, que se expunha ás muitas das casas para o afastar.) A civilisação da Chaldêa começa com este trabalho de adaptação ás necessidades do homem; alli a falta de pedra é supprida por um artificio despertado pela natureza, fabricando-se o tijolo com o barro endurecido ao sol ou cosido ao fogo, com que se fazem as grandes construcções religiosas e civis; e d'esta invenção se caminha para outra, a dos caracteres cuneiformes escriptos no barro, os *coctiles-laterculi*, como chamava Plinio a essas chapas em que se escrevia. Emfim, a concepção dos mythos religiosos, já fóra do fetichismo, como a das raças áricas ao entrarem na India, por influencia do céu esplendido da Chaldêa conserva-se na forma da astrolatria, que leva a descobrir a divisão dos dias da semana e a dos doze mezes do anno, divisões do tempo conservadas na civilisação moderna.

Em quanto esta immensa actividade se organisava entre as raças que occupavam o territorio a nordeste do Egypto, comprehendido entre o Mediterraneo, o Mar Negro, o Caucaso, o mar Caspio e o Indus, os Pharaós fechavam-se pelo isthmo do Sinai com fortalezas e muralhas e concentravam-se no sul; porém, á medida que essas raças attingirem a altura de uma civilisação completa, ellas farão pressão bastante para se deslocar a capital do Egypto de Thebas para as cidades do Delta nos confluentes do Nilo.

O apparecimento d'essas differentes raças na Mesopotamia, o confronto das suas tradições homogeneas, sendo o ponto de partida da historia da Chaldêa, é ao mesmo tempo um dos factos mais decisivos do progresso da humanidade.

Lisboa, fevereiro, 1879.

THEOPHILO BRAGA.

ARCADES AMBO

(APÓS A LEITURA DOS «MISERAVEIS»)

Soava meia noite... e tudo era quieto;
A lua irradiava o seu clarão funereo,
E o mundo, similhando enorme cemiterio,
Jazia n'um silencio universal, completo...

Dois velhos, de ampla barba e venerando aspecto,
Amigos dando as mãos, em pé no espaço ethereo,
Fallavam baixo, a sós, a medo, e com mysterio,
As nuvens tendo aos pés e tendo o céu por tecto.

Eis que o mais velho parte um bico a uma estrella,
Faz tinteiro do sol, rasga uma tira aos céus,
Em letras de oiro escreve, e diz, depois de enchel-a:

—Aqui tens mais; estuda, aprende e ensina os teus,
A humanidade é vil; forceja ennobrecel-a! —
E partiram... sabeis quem eram?... Hugo e Deus!

Vizeu.

ABEL ACACIO.

O PHAROLEIRO [1]

O pharoleiro não desviava um só instante a attenção de um ponto branco, que sobresahia ao longe, muito ao longe, no meio do fundo escuro do horizonte. Era um navio que se approximava vindo do sul; mas estava ainda tão distante! talvez 5 ou 6 leguas desviado da costa.

Ás ultimas nortadas frias do outono seguiram-se umas lufadas tepidas, que são o prenuncio dos copiosos aguaceiros.

Approximavam-se as grandes nuvens caliginosas, que invadiam, como legião de monstros disformes, o azul crystallino do céu. O mar bramia.

A ventania encrespava a superficie das aguas côr de chumbo, levantava-as em vagalhões, que vinham do alto mar a crescer, a avultar, a bater-se de encontro á penedia, até se estirarem no areial da praia, espumando, como grandes athletas cançados da refréga.

As catraias da pesca, sem vela, ora desappareciam engolphadas nas ondas, ora se levantavam na espadua das vagas, com a prôa ao ar, mostrando a descoberto a quilha.

De quando em quando cortava o espaço o vôo rapido das gaivotas.

Pela praia alguns marujos tisnados, antigos lobos do mar aposentados, vestidos nos seus fortes jaquetões de panno piloto, soprando ao canto da bocca o fumo do cachimbo de barro queimado, olhavam com curiosidade em que havia o quer que fosse de pavor, para o horizonte.

[1] Embora este artigo já fosse publicado a 16 de fevereiro, no *Commercio Portuguez*, devemos a primazia d'este original á generosidade da illustrada auctora, que nol-o enviou, em dezembro, expressamente para este numero.

Alguns, para não dizer a maior parte d'elles, tinham nas catraias irmãos, parentes e filhos... e advinhavam que o temporal estava imminente!

Um d'elles, o mais novo, perguntou ao mais antigo:

— Mestre João, que lhe parece?

O velho piloto adeantou o labio inferior, encolheu os hombros e respondeu com a sua voz cavernosa:

— O vento cresce. Ora Deus queira...

E passando os olhos pelo horizonte accrescentou:

— É o que eu digo... Temos tempestade, tão certo como estarmos aqui.

O pharol ficava no topo de uma collina. Tinha içado o camaroeiro, que tremulava, com estalidos, fustigado da ventania.

O pharoleiro conservava-se no seu posto como um velho plantão, com o seu albornoz de oleado, com o olho esquerdo fechado e o direito applicado á mira do oculo, seguindo attentamente o desenfrear da tempestade, como um espectador que acompanha apaixonado o desfecho de uma tragedia.

Pobre pharoleiro! Tinha assistido, Deus sabe com que anciedade, a mais de cincoenta naufragios. Era empregado no pharol, depois de ter sido por muitos annos capitão de um navio mercante.

Por isso, quando avistava alguma embarcação em perigo, esquecia-se que estava longe; no pharol, julgava-se no tombadilho do navio em risco, e principiava a dar ordens:

— Eh! a gente que vá colhendo o gafelope! Levanta o gurupez! Iça a vela latina! Vira de prôa! Eh!

E ás vezes, no navio, a manobra fazia-se tal e qual elle a indicava.

— Justamente como eu mandei! Parece que me ouviram! — repetia o velho.

E quando o navio depois ou se afastava da barra procurando abrigo em algum porto mais proximo, ou entrava a barra, o velho marinheiro ficava a pensar no seu tempo, no seu tempo da mocidade. A barca de que elle fôra capitão chamava-se *Briosa.* E elle resmungava:

— Aquella foi mais feliz que a *Briosa!* E eu sou um ingrato. Quando a *Briosa* deu á costa, eu devia morrer com ella! Fui eu que a tirei do estaleiro, e que durante vinte annos a levei, ora á Africa, ora á Inglaterra, ora ao Brazil. Pobre *Briosa!*

Agora, porém, na occasião presente que descrevemos, o velho não andava contente; tinha o quer que fosse que o trazia preoccupado.

Ainda dias atrás, quando os seus amigos o topavam, perguntavam-lhe:

— Mestre João, que tem você, homem?

O pharoleiro não respondia, e com as mãos nos bolços, e envolto na espessa fumarada do cachimbo, caminhava com os olhos pregados no chão.

O pharoleiro era viuvo e as suas unicas alegrias repousavam n'um bello mocetão, que fôra de contramestre na galera *Constança* para Pernambuco.

A galera fizera-se de vela para Portugal, e trazia já 49 dias de viagem.

Já era muito, isso era; mas havia de ser o que Deus quizesse.

— A Senhora da Luz nos valha!

O mar crescia. Principiou a estender-se no horizonte uma neblina cerrada.

O pharoleiro quiz vêr, e não pôde: desviou o olho direito do oculo, e ficou como um espectador que visse inesperadamente descer o panno da bocca do theatro.

A impaciencia redobrava na proporção da incerteza.

D'ahi a pouco o vento desfez a cerração; as nuvens adelgaçaram-se, e pouco e pouco foi aclarando o horisonte.

O pharoleiro applicou de novo a vista á mira do oculo, e pôde vêr que o navio não era outro senão a galera *Constança.*

Imaginem: Alli dentro é que vinha, ou pelo menos devia vir o seu querido filho, a menina dos seus olhos, o seu orgulho, o seu amor. A desgraça tinha-o separado de todos os affectos. Tinha-lhe levado a mulher, dous filhos e a *Briosa.*

Ficára-lhe aquelle unico affecto.

E o filho do pharoleiro merecia todos os extremos, era forte, era um rapaz formoso, e o capitão da *Constança* dizia ás vezes ao pharoleiro:

— O teu rapaz vai longe. Mais duas viagens, e já póde commandar uma barca.

Mas a *Constança* vinha desarvorada. Fez signal de que tinha o leme partido. O temporal quebrára-lhe algumas vergas.

O pharoleiro levantou logo o signal de que era impossivel a entrada na barra, e ordenou que a galera arribasse a Vigo.

Depois, reparando, viu no topo do mastro grande erguida uma bandeira enrolada.

Era a pedir soccorro.

Na praia sabia-se este signal; mas o mar era tanto que os mais arrojados não se atreviam a lançar-se ás ondas. As mulheres choravam, erguendo aos céus altos clamores. Algumas elegantes, e que não se tinham ainda recolhido á cidade, presenciavam aquelle quadro de um pavor sinistro, e commentavam-no artisticamente.

Vinham agazalhadas, o corpo tepido, na beatitude de uma boa digestão, e aquelle espectaculo dava-lhes uma sensação estimulante e estranha.

Teriam que contar nas salas que frequentassem no inverno, que não tardava.

Um naufragio! A maior parte da gente tem-os visto em gravura, em estampas...

É horroroso, e então a fome e os tormentos inauditos da jangada da *Meduza!*

Gericault era um pintor insigne, mas eu vi ainda cousa melhor: uma vez, recolhiamo-nos de um passeio, ouvimos gritar e chorar na praia, corremos, e vimos, ao longe, no rodomoinho vertiginoso das aguas, um navio, um pobre navio que o temporal fazia dançar.

Como isso é bonito para se contar *sotto voce* n'uma sala, confortavel, tranquilla, emquanto a filha do dono da casa, interpreta ao piano um trecho de *Mozart,* ou sublinha com *maestria* uma delicada sonata de Schuberk.

Delicioso, não acha, minha senhora?

Mas o navio, combatido pelas ondas, desconjuntava-se. A mastreação principiava a oscillar. A enxarcia despedaçava-se. E antes que a tempestade submergisse de todo a galera, o mar subiu furiosamente a amurada, cobriu o tombadilho, e arrastou no impeto todos aquelles infelizes, que estavam de joelhos, implorando a misericordia de Deus.

Vinte minutos depois, as ondas principiaram a arrojar á praia os destroços do naufragio.

Os cadaveres fluctuavam á mercê das aguas.

Um dos velhos pilotos viu uma taboa que o mar alijou ás penedias. Approximou-se. Era o letreiro do navio.

E leu o nome de *Constança.*

— Coitado! — exclamou, reunindo-se aos companheiros.

— Que foi?

— Lá vai o pobre Thomaz! Foi a *Constança* que deu á costa, rapazes!

Correram logo ao pharol para evitar que o pobre pae assistisse por mais tempo áquelle transe angustioso.

— Mestre pharoleiro — gritou o que primeiro lá chegou — ó mestre pharoleiro!

Ninguem respondeu.

Metteram os hombros rijamente á porta, e esta cedeu.

O que viram então?

O pobre velho estava estendido no chão, de bruços, e com os dedos pennujentos apertava o oculo.

— Mestre João? coragem! Vamos, arriba! Então que é isso?

Ergueram-no. Mas a cabeça do velho pendera inerte.

Da bocca corria-lhe um fio sanguineo, nos olhos, meio cerrados, havia uma dolorosa expressão indescriptivel.

Estava morto.

No mastro do pharol o camaroeiro ainda tremulava com estalidos, fustigado da ventania.

Lisboa, 79.

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

UNICA FIEL

A ALBERTO TELLES

Eu, bom Alberto, as lagrimas que choro,
Se ainda a fonte, que as géra, não seccou,
São todas por aquella a quem adoro
Mesmo depois que a morte m'a levou.

Amou-me um dia só, o derradeiro
Da vida que tão prestes lhe fugiu,
Mas esse amor, não o ha mais verdadeiro,
Nem mais constante nunca o mundo o viu.

Mentem outras talvez, d'ellas não fallo;
Mas a que um dia o coração me deu
Não me trahiu nem trahe, posso jural-o,
Porque foi n'esse dia que morreu.

SANTOS VALENTE.

Snr. director geral do «Museu Illustrado»

Como no paiz ha poucos jornaes scientificos, e a nossa Academia Real das Sciencias não possue nenhum, como deveria, peço a publicidade do presente artigo sobre a questão vital dos paizes vinhateiros — a extincção do phylloxera.

Com quanto a illustre redacção do *Commercio do Porto* tenha tomado a patriotica resolução de publicar no seu jornal tudo que diz respeito a esta questão vital da actualidade, todos sabem que, pela maior parte, os jornaes politicos são pouco colleccionados e que, apezar de trazerem muitas vezes artigos de profundo saber e incontestavel merito, vão geralmente, depois de lidos, servir de embrulho; assim, por isto, e pela merecida acceitação que o seu jornal tem grangeado do publico e da imprensa, peço o favor da publicação dos artigos que sobre este assumpto lhe fôr enviando.

Penafiel, 20 de janeiro de 1879.

Seu collaborador,

SIMÃO RODRIGUES FERREIRA.

EXTINCÇÃO DO MAL DAS VINHAS

As grandes descobertas, nos diz a historia, são filhas do acaso; mas, philosophicamente fallando, o acaso não é nada: deve dizer-se, portanto, mais acertadamente que ellas são filhas d'um fim intencionalmente diverso d'aquelle a que nos propunhamos. Eis um exemplo comprovativo que acaba de dar-se comigo.

Estudava eu, na minha fabrica de sabão, o meio de fazer o carbonato de soda do sal commum, quando observei que, no momento em que se desenvolvia o oxido, os diversos passarinhos, que alli em torno adejavam, viviam e se abrigavam nos palheiros, tinham desapparecido totalmente. Suspeitando a causa d'este incidente, quiz inteirar-me, e expuz á acção do oxido dous insectos e vi que morreram d'asfixia, e que inclusivè, algumas larvas [1], que viviam n'um ramo de oliveira proximo, haviam cahido egualmente asfixiadas pela mesma acção!

D'aqui conclui eu que o *oxido de carbone* seria um insecticida de primeira força applicado convenientemente ás raizes das vides phylloxeradas.

Escrevi n'este sentido ao ex.mo snr. visconde d'Alpendurada, e ia communicar tambem esta minha descoberta ao illustrado presidente da commissão do estudo e tractamento das vinhas do Douro, quando este senhor, lendo aquella minha carta publicada no *Commercio do Porto* n.º 305, se me dirigiu, e, d'ahi em deante, nos temos correspondido e entendido.

FEMEA ADULTA DO PHYLLOXERA VASTATRIX
VISTA POR CIMA E MUITO AUGMENTADA

Enviei já á *commissão executiva* 200 kilos de residuo e mais 200 de adubos compostos; e, apenas se abra o caminho de ferro para a Regoa, irei alli applicar o *oxido de carbone* nas raizes das vinhas inficionadas que me indicarem.

Quando, ha poucos annos, esta molestia começou a manifestar-se e a desenvolver-se com mais intensidade nas vinhas, a sciencia pelas observações e estudos que fez, conheceu que era proveniente d'um insecto destruidor, e o denominou—*Phylloxera vastatrix*— (Vid. a gravura) o qual se nutria e propagava prodigiosamente nas raizes da vide, destruindo-as; a vide, em poucos annos, definhava-se e morria. D'ahi, a sciencia até hoje pouco ou nada mais tem adeantado! Descobriu o mal e aonde elle se localisava, mas em quanto á applicação do remedio anda ainda em experiencias e divergencias, sem dar a ultima palavra!

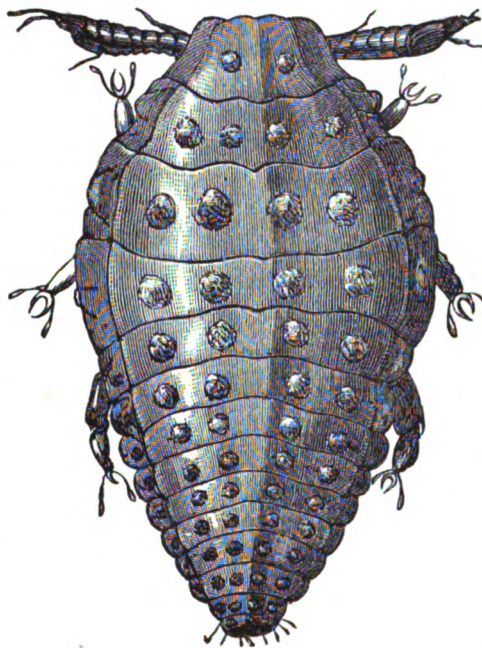
A propria França, a cabeça intellectual do mundo, esse illustrado paiz para onde todos os que soffrem voltam os olhos cheios de esperança, essa nação sem rival, que tem de ser sempre a séde do pontificado maximo do espirito... alli mesmo, as mais robustas intelligencias chimicas e agricolas se debatem em observações e experiencias! Depois de tão prolongada demora e de tão progressivo mal, as unicas e ultimas applicações são os *sulfuretos* [2], por estes terem dado, o anno passado, alguns resultados; comtudo, além de não serem infalliveis são as mais das vezes pouco praticos.

Partindo nós, porém, do conhecido principio — que a causa da molestia é o *phylloxera* — e seguindo direitos á raiz da vide, aonde ella existe, como havemos de cural-a? é o que se tem pretendido descobrir, é o que julgo ter descoberto.

Jámais se poderão extinguir os insectos devastadores sem se pôrem a descoberto as raizes da vide; pois, qual seria o cirurgião, por mais perito, que podesse curar radicalmente uma ulcera em qualquer parte do corpo do doente sem que este lh'a deixasse visivel?! Assim, pois, é necessario descobrir a raiz affectada, e, feito isto, nenhum mais efficaz e poderoso insecticida do que o *oxido de carbone:* mas é isto apenas a metade da operação; depois temos a tractar dos estragos provenientes do mal, e esses, serão combatidos pelos *adubos compostos,* com os *residuos,* que teem principios anti-phylloxericos e principios vegetaes de *sodium* e *potassa,* até se rejuvenecer a vide e se fortalecer o sólo. Depois, é tambem muito conveniente metter á terra, como novo fiador, um *bacello* com os mesmos *adubos* assim preparados.

As causas do desenvolvimento rapido do *phylloxera* são desconhecidas. É certo que este flagello tem pro-

1 Da familia das *cochonilhas:* vivem nas oliveiras e assás se desenvolvem, produzindo a molestia, vulgarmente denominada—*ferrugem.*

2 *Sulfureto de carbone e sulfureto de potassa.*

gredido com mais violencia nos paizes vinhateiros que ha mais tempo são regularmente enxofrados para obstar ao *oidium*, pois aquelles em que o uso da enxofração é menos praticado quasi nada teem sido atacados do *phylloxera!* É um questionario que tenciono propôr á sciencia e aos agricultores practicos: se o desenvolvimento mais rapido e intenso do *phylloxera* procederá do muito enxofre que resta espalhado no sólo sem se volatilizar; proporei mais para, como experiencia, se combater este anno o *oidium*, em algumas vinhas, com o *oxido de carbone* o que não só é mais facil e de egual despeza se não menor á da enxofração, como tambem colhe a vantagem de ficarem os *residuos* melhorando o sólo, e os *cachos* limpos do inconveniente do enxofre no acto da vinificação. Creio ter algum fundamento para acreditar que a abundancia do enxofre disperso na terra, sem se volatilizar, concorre para o desenvolvimento do insecto; e, sendo assim, claro é que os *sulfuretos* vão aggravar o mal e não combatel-o. É sobre este ponto, repito, que chamarei a attenção da sciencia.

Finalmente, o *oxido de carbone*, como insecticida de primeira força, vai ter uma grande applicação nas differentes culturas.

A execução d'este insecticida é a mais economica, o seu orçamento o mais lisonjeiro. Com a insignificante quantia de dous contos de reis póde obter o Douro o grande beneficio da extincção do *phylloxera* devastador e o melhoramento do seu sólo enfraquecido. O poderoso agente vegetal o *sodium* e a *potassa* que os *residuos* conteem, rejuvenecerá as vinhas, e cessará por uma vez o flagello. É esta a minha opinião.

É, sob estes principios e desenvolvendo esta luminosa idéa, que ha tres mezes veiu ao meu espirito e ainda se não desvaneceu, que a minha intelligencia robustecida pelo estudo, me diz — caminha, — prosegue e torna-a do dominio do publico.

Penafiel, 20—1—79.

SIMÃO RODRIGUES FERREIRA.

FESTIM ROMANO

(AO DR. THOMAZ DE CARVALHO)

Vai alta a noite; os pallidos convivas,
Sentados em redor da lauta mesa,
Por amphoras de prata cinzelada
Bebem da Grecia os deliciosos vinhos.
Novo Lucullo, o amphytrião sublime
Da velha Roma, as tradições respeita
Quanto ao luxo d'opiparos banquetes
E á opulencia das salas deslumbrantes.
Trinta escravas da Jonia semi-núas
N'aquelle ambiente de lascivia exhalam,
D'envolta com perfumes do Levante,
Tépido arôma de infernaes volupias.
Em tablados de purpura se movem
Ithyophallicas danças priapescas
Simulando na mimica selvagem
Do deus da selva os lubricos amores.
Candelabros de bronze e serpentinas
Do luzente metal que a Hispanha envia,
Vasos de Etrúria e pórphyros da Grecia
De precioso lavor e finos traços,
Rendilhados florões, marmoreas grutas
De magestosa, olympica grandeza,
Fazem da immensa quadra envolta em luzes
Digna mansão d'um jupiter romano!...

Vai alta a noite. A orgia deslumbrante
De fogos e metaes, d'amor e riso,
Convertera-se emfim á lei suprema
Dos orientaes, assyricos banquetes.
Perpassam como lividas phalanges,
No turbilhão dos sordidos amores,
Vultos d'Aspasia, ignobeis sybaritas,
As cortezans e os capitães das hostes;
O pretoriano audaz inclina a fronte
Nos seios nús da virginal patricia,
E ao velho senador circumdam braços
De esculptural belleza e formosura;
Casa-se ao longe o estrépito das danças
Ao retinir metallico dos beijos,
E aos espasmos do amor mal comprimidos
Os arrancos da morte: — era espantoso!
Vinte algozes, de laminas sangrentas
Arrancam das entranhas palpitantes
De outros tantos escravos o segredo
D'uma volupia mais: — a dôr e o sangue!...

Ergueu-se o amphytrião de taça em punho,
Limpando ás negras, setinosas tranças
De varonil matrona os labios rôxos,
E os cem convivas estacáram quedos:

«Por Jupiter! — clamou — Pretronio mente!
Pois quem ousa affirmar que as nossas damas
Valem da Grecia as cortezans lascivas,
Ou da Germania as lubricas amantes?!
Vergonha eterna! As gerações famosas
Das orientaes, phantasticas orgias,
Dormem no eterno pó do esquecimento,
Não ha calor que as estimule á vida.
Mas se, forçando as urnas funerarias,

Podessem resurgir de novo em Roma,
Córariam de pejo ao vêr tão frias
Ás vossas noites de volupia, ó damas!
Vêde o meu bando de gentis escravas...
Vêde Xanthós, a lesbica bacchante,
Como vai desparzindo em nossas almas
Thesoiros mil de incognitos ardores...
Verdugos, preparae as tinas persas,
O cavallete, a roda, as puas d'aço;
Trucidae lentamente e de tal sorte
Que se sintam morrer os meus escravos.
Quero um festim de sangue e de volupias,
De requintes sensuaes, connubio ardente
Das viboras do amor entrelaçadas
Ás serpentes da gula e da lascivia.
Belluarios, correi; soltae das jaulas
Os meus fieis, intrepidos molossos...
Porque foges, Lucrecia? — o cão das Gallias
Tem por instincto a adoração das bellas.
Patenteia-lhe a alvura dos teus hombros,
Ou a firmeza elastica das pômas,
Elle virá lamber-te as regias plantas,
Por ti soltando eróticos gemidos...
Como a deusa do amor Xanthós é grande
Na arte sublime de inventar prazeres;
Pois, saibamos tambem se é mais fogoso,
Mais acirrante o ardor da virgindade.
Seja a innocente, a candida Lavinia,
Quem dispute a victoria á escrava grega,
Se não prefere conceder primicias
A mim, seu pae, o vencedor do mundo!...»

Sorriu-se a grega ao satyro mostrando,
Do marmoreo salão n'um fresco altivo,
Duas sensuaes, eroticas bacchantes
Em voluptuoso enlace confundidas:

«Sou de Lesbos, senhor!... Xanthós exclama:
Da Venus grega ás attracções sublimes
Mil vezes despertei, collada a fronte
Nos seios nús das cortezans famosas.
Sou de Lesbos, senhor! e tanto monta
Dizer que adoro as perfeições da carne,
Quer na pujança athletica dos hombros,
Quer na feminea correcção dos membros.
Se concedo um valor, um preço enorme
Do nubio ardente á máscula rijeza,
Não menos aprecio o ardor das virgens
E a languidez dos saphicos amores...
Lavinia é bella, a encantadora ingenua
Deve albergar nos seios opulentos
Os mananciaes da hysterica volupia
Das thrybades gentis da patria minha.
Por ella o Nubio, o rei dos gladiadores,
Votaria aos leões, ás féras brutas...
Oh! deixa-nos, senhor, dar vida e alma
D'aquelle quadro ao licencioso thema!...»

Calou-se a grega, a hellenica bacchante
Da eburnea espádua a tunica rojando;
E ao vêl-a núa, prerompendo em bravos,

«Ao leito! ao leito!» — os histriões brámiram...

Lisboa, 1878.

L. T. DE FREITAS E COSTA.

A EDUCAÇÃO MORAL

Um dos problemas mais importantes, na resolução do qual se empenha a pedagogia moderna, é a questão da educação moral.

Nos ultimos tempos d'este seculo a sciencia tem progredido a passos largos. O methodo de A. Comte, desviando os espiritos das subtilezas especulativas da velha philosophia para as inducções mais seguras e proveitosas do positivismo, é sem duvida a causa d'este desenvolvimento assombroso. O progresso scientifico tem sido geral. Hoje não só se conhecem com exactidão as leis da mathematica e astronomia, mas até se começam a precisar as da biologia e da sociologia. A Moral, essa sciencia até hoje tão sujeita a preconceitos, tão contradictoria em si mesma, tão diversificada pelas differentes escholas, que a teem desenvolvido, vai-se resentindo da transformação por que está passando o espirito do seculo, e, desligando-se de certos principios até hoje falsamente considerados como suas bases, vai entrando tambem no seu periodo de positividade.

A erronea analyse psychologica feita pelas escholas antigas foi um resultado do atrazo da biologia. Com o desenvolvimento d'esta importantissima sciencia, a psychologia abstracta tem cedido constantemente terreno aos progressos d'uma outra psychologia baseada completamente no estudo da anatomia e physiologia do systema nervoso. Em virtude da mudança dos fundamentos psychologicos e sociologicos em que se estribava, a Moral mudou tambem o seu caracter scientifico.

Mas não é o nosso intento aqui o apreciar as differentes theorias d'esta sciencia. O nosso trabalho é simplesmente uma applicação practica da moral positiva.

E' um facto incontestavel que hoje a educação moral na familia se acha completamente descurada. Os

paes mandam de pequenos os seus filhos ás escholas, obrigam-nos a *tours-de-force* intellectuaes espantosos, fazem-nos decorar livros inteiros eivados de deschavos e velharias, regosijam-se com os bons resultados que elles obteem nos exames preparatorios, e, todos preoccupados em inundar de sciencia os cerebros das pobres creanças, desprezam e esquecem completamente o cultivo das suas faculdades moraes. Este trabalho é geralmente entregue ao cuidado das mães, que apesar de todas as suas bôas intenções, não teem de ordinario a cultura e o tino bastante para desempenharem a sua missão.

N'um trabalho, que ha tempo publicamos, sobre o modo como actualmente se educam as mulheres em certa classe da sociedade, pretendemos demonstrar que a educação moral *era mais obra da mãe do que do pae.* A opinião que então sustentavamos, sustentamol-a ainda agora. A mãe tem irrevogavelmente, seja qual fôr a causa d'este facto, uma maior influencia, uma preponderancia mais forte sobre o animo de seu filho. Ha entre o sentimento, que liga moralmente a mãe ao filho, e o que liga o filho ao pae, uma differença caracterisada no primeiro, pela persuasão branda e pelo respeito amoravel, e, no segundo, por um predominio mais arbitrario e um respeito mais reservado. A mãe é essencialmente logica nos seus conselhos insinuantes; nas suas reprehensões procura convencer e dar a razão do que diz; dobra o espirito do filho, sem que elle o sinta, sem que elle dê por isso. Ao contrario o pae impõe a sua vontade como um dogma: para vencer despreza a convicção; á resistencia oppõe a força, e dá-se pouco ao trabalho de explicar a razão das suas determinações.

Depois as condições excepcionaes em que o homem hoje se acha collocado pelos costumes da actual sociedade trazem resultados funestissimos para o seu equilibrio moral. Ha de ordinario da parte dos paes uma certa indulgencia para alguns actos menos dignos da vida de seus filhos, indulgencia que se tórna muito favorecida pelas circumstancias especiaes do meio em que elles se dão. O pae desculpa o filho, baseado n'uma theoria de perdão reciproco, theoria na apparencia muito generoza, mas unicamente util para quem tem faltas no cartorio.

Antes de entrarmos n'um estudo mais detalhado, cumpre apresentar os dous elementos com que se ha de trabalhar na educação moral de qualquer individuo. Esses dous elementos são dous factos importantissimos, um dos quaes é uma concepção brilhante da eschola evolucionista de Darwin. São — a hereditariedade e as condições mesologicas. [1]

[1] Clavel — La Moral positive — pag. 20

É hoje unanimemente acceite pelas escholas mais avançadas de Philosophia que um ser qualquer transmitte á sua geração as aptidões e qualidades principaes que o caracterisam. Desde o homem, o typo mais perfeito da escala natural organica até ás plantas cryptoganicas, até aos vegetaes mais rudimentares, todos os seres intercalados n'esta vastissima serie estão sugeitos ás leis fataes e immutaveis da hereditariedade. Este phenomeno que, por muito trivial, tem passado desapercebido de varios naturalistas, merece hoje especial attenção aos que se dedicam ao estudo da Psychologia positiva. É uma consequencia logica e necessaria do principio da *selecção natural,* enunciado pelo evolucionismo. O homem nasce apto para todas as funcções animaes e vegetaes, porque os dous seres seus progenitores são dotados d'um organismo proprio a essas funcções e porque contem o germen d'um novo desenvolvimento individual fóra de si mesmos. O homem quando começa a sua existencia pessoal tem, por exemplo, os apparelhos digestivo e circulatorio promptos a funccionar; e estes apparelhos hão de funccionar do mesmo modo que funccionavam os apparelhos dos seus paes; porque todos os principios, que concorrem para a sua acção mechanica e physiologica são justamente os mesmos que concorriam para identica acção no organismo d'aquelles. Ora o que se dá nas funcções vegetaes dá-se tambem nas funcções animaes de relação; o systema nervoso está sujeito ás mesmas leis de hereditariedade, que regem a acção digestiva, a acção respiratoria, a circulatoria e a acção reproductora. Por conseguinte, os phenomenos moraes, que são meras manifestações das nossas funcções menores, hão de dar-se na prole do mesmo modo e pelo mesmo processo por que se realizaram nos progenitores.

Eis aqui o resultado, que se obtem no campo da Moral, com a applicação a esta sciencia dos principios de hereditariedade e da selecção natural.

Procuremos agora o outro elemento — as condições mesologicas.

Ninguem ignora que todos os phenomenos se realizam no espaço e no tempo. Seria um absurdo acreditar o contrario. O espaço e o tempo são pois o meio fatal de todo o complexo de factos ininterrompidos, successivos, ligados entre si pelas leis da causalidade, factos de todas as ordens e de todas as cathegorias naturaes, complexo que constitue o que se chama o Universo, olhado desde a enormidade do macrocosmos até ao invisivel do microcosmos, desde as manifestações quasi palpaveis da gravitação até ás relações mais complicadas dos factos moraes. Mas, além d'este meio simples e ineductivel, ha outros meios mais secundarios, mais complexos, mais contingentes, immensamente numerosos, já persistentes, já ephemeros, verdadeiro la-

byrintho, cujas relações intimas só os espiritos fortes podem descubrir. Estes meios são os differentes grupos de phenomenos relacionados entre si que se succedem uns após outros n'um movimento eterno constantemente actuado pelas leis da causalidade. Tal phenomeno é meio d'um outro phenomeno; e este reunido áquelle produz um novo meio no qual um terceiro facto se ha de forçosamente realizar.

Os phenomenos são pois reciprocamente meios uns dos outros e a mesologia é uma sciencia largamente ramificada, cujas applicações são extensivas a tudo o que existe.

N'esta pois se inclue a applicação á Moral.

O homem é portanto escravo das condições do meio em que se encontra: estas condições podem favorecer ou combater as suas tendencias hereditarias; mas impossibilitam-no de rebellar-se contra as causas, que o obrigam a achar n'este ou n'aquelle sentido, porque elle é completamente distituido de imperio sobre as determinações da sua vontade.

A adaptação ao meio concebe-se, pois, como um resultado da lucta para a existencia. As aptidões hereditarias hão de ser constantemente modificadas pelas circumstancias externas, que as involvem.

Conhecer bem as aptidões do individuo e procurar-lhe os meios, que sejam convenientes ao desenvolvimento d'ellas, eis a chave, eis o segredo dos processos da educação moral positiva.

Provado como se acha este principio, vamos analysar n'um curtissimo esboço o caracter das mais importantes civilisações, para ver se podemos ou não concluir a favor da perfectibilidade social. Depois, considerando esta como uma generalização da perfectibilidade familiar, procuraremos, baseados na theoria positiva da Moral e com os dous instrumentos de educação já citados, expôr os mais modernos processos d'este ramo de pedagogia, criticando os erros da educação actual, mostrando as suas causas, inconstancias especiaes e a sua acção deleteria na sociedade e no desenvolvimento das ideias moraes, cuja realização pela convicção consciente de cada homem deve produzir o bem estar da humanidade.

Aquelle, que não olhar superficialmente o grande turbilhão da existencia social, aquelle que enterrar o escalpello da critica e da observação nas entranhas d'esse ser collectivo—a humanidade—reconhecerá que todos os professores scientificos, artisticos e industriaes, que toda a gigantesca obra da civilisação humana se acha ameaçada de ruina funesta pela gangrena moral, que lavra no seio das raças mais polidas. E tão remóta é a origem d'este mal, e tão perseverante tem sido elle na sua obra destruidora, que muitos espiritos, aliás lucidos e illustrados, se teem convencido da iracionalissima theoria, que dá ao homem uma acção arbitraria sobre um pretendido dualismo ethico, inherente á sua natureza. Até hoje a moral tem sido em todas as sociedades uma simples palavra, sem significação positiva nem traducção practica. As primeiras concepções theologicas dos gregos, as proprias theogonias orientaes estavam eivadas de immoralidades em todos os seus preceitos. O Brahmanismo sanccionava a escravatura e os mythos gregos promulgavam a prostituição. A sociedade romana nasceu d'um rapto cobarde, e na sua longa historia vemos o adulterio matar a realeza primitiva, a Republica agonizar sob o ferro da dictadura e a maior nação do mundo jogada aos dados pelas amantes dos Imperadores sensuaes. Nas sociedades barbaras, que invadem a Europa, acceitando a religião de Christo, encontramos o germen do hystherismo collossal que, traduzindo-se na Edade-media pelo platonismo amoroso dos cavalleiros errantes, se apresenta em epochas mais recentes transformada por uma lei curiosa na galante devassidão legendaria das côrtes europeias dos seculos XVII e XVIII. O grande movimento revolucionario, que a França realizou em 1793, arrastou para o mundo com os seus principios liberaes as torpissimas sociedades elegantes repletas de *merveilleuses* e de *incroyables*, como o mar n'uma das suas convulsões lança á praia o lodo esverdeado dos seus abysmos; e viu-se então o homem, que fôra combater pela Republica no Egypto, vir restabelcer a tyrannia na sua patria.

Eis o quadro lugubre, povoado de desmoralisação, que a historia nos aponta nas grandes sociedades, desde as épochas primitivas até hoje.

Procurar as causas d'estes phenomenos sociaes e moraes, estudar as condições do meio em que elles se desenvolveram, investigar-lhes as relações historicas e politicas para a determinação dos seus effeitos seria de certo um trabalho curioso e de grande proveito para a affirmação dos principios que expozemos. Mas não valem tamanho prologo as nossas insignificantissimas considerações.

O que acima fica dito, relacionado com o que se segue, fórma um protesto energico e claro contra qualquer objecção dos que julgam a humanidade incapaz de aperfeiçoamento.

Basta saber-se que a desmoralisação é hoje, socialmente considerada, não uma tendencia *innata*, que se desenvolve de geração em geração, mas uma tendencia *adquirida* pelas raças primitivas e transmittida até nós, atravez dos seculos, em razão das leis da hereditariedade.

Portanto o tal dualismo moral do homem reduz-se a uma verdadeira chimera sem significação alguma, deixando por fim ao espirito a liberdade de investigar

scientificamente os meios pelos quaes se ha de regenerar o estado anarchico da sociedade.

Desde o momento em que a perfectibilidade se torne um facto indiscutivel, como realmente hoje é, graças aos exforços da eschola determinista, o problema da educação moral acha fatalmente a sua solução ultima: basta baixar com este principio da esphera social para a esphera individual. De resto tudo se resume em conhecer as tendencias do individuo e em variar os meios, conformemente ao fim que pretendemos.

Mas agora deparamos com outro ponto de mais elevada importancia. Este ponto é justamente o *fim*. N'elle se resume todo o systema ethico, toda a norma moral da educação. Definir o fim, determinal-o, equivale a expôr uma theoria de moral, theoria que tem de ser interpretada, explicada e defendida.

Não é para as nossas forças tamanho trabalho, e, quando o fosse, não cabia elle nos estreitos limites do plano, que naturalmente traçamos a este escripto.

Por isso, pondo de parte a controversia philosophica e acceitando, baseados nas discussões anteriores dos grandes espiritos scientificos, os principios da moral positiva, vamos começar com a tarefa, que nos impozemos — de fazer a applicação practica d'esses principios.

(Continua.)

LUIZ DE MAGALHÃES.

FRAGMENTO

DO

ROMANCE INCOMPLETO

Passou! Passaste, vaporoso enleio
D'uma noite d'estio! alva chymera!
Roseo phantasma! avelludado seio
Onde o tempo de um sonho adormecêra...

Passaste, como as cérulas grinaldas
Que d'entre o fumo d'um charuto esvoaçam;
Como, aos fogos do sol, sobre as espaldas
Do monte, os flócos das neblinas passam!

Concebi-te, visão d'uma só hora!
No consorcio da febre e do desejo!
Foste o delirio do poeta: a aurora
Amortalhou-te em luminoso beijo!

Foste um sonho talvez; o sonho ardente
Que anda no ar, disperso, á lua cheia,
Que enche o craneo de luz phosphorecente,
Que alaga em fogo o sangue em cada veia...

Passaste, como a ronda silenciosa
Dos sylphos que vagueiam invisiveis,
Quando a nossa alma atira-se anciosa,
Cheia de febre, aos sonhos impossiveis!

Ou forte como a rapida ardentía
Que n'um relance as vagas illumina...
Phrase d'amor que a onda pronuncia,
Apostrophe de luz, ancia divina!...

Dois viajantes sômos que no espaço
Cruzaram-se uma vez; e o mesmo instante,
Que os vira unir-se em mysterioso laço,
Os viu, ah! tristes! caminhar ávante!

Dois astros, cujas orbitas prescriptas
Fazem duas parabolas cruzando-se...
Só teem duas conjuncções: descriptas,
Vão mais e mais e sempre distanciando-se...

Lisboa.

M. DUARTE D'ALMEIDA.

SOBRE AS ANTIGAS CIDADES DA IBERIA

(ESTUDO)

É natural que a muitas ruinas de povoações, que não faltam pelos cumes dos nossos montes, possam e devam ser applicadas, em parte, observações analogas ás que o celebre auctor da Historia Romana (*Mommsen, 1, pag.* 52) applicava ás «cidades desertas» e «recintos murados» da Italia, que uns creem obra dos aborigenes, outros dos pelasgos, mas que em todo o caso teem uma origem remotissima, e atravessaram as revoluções dos seculos, para virem ainda hoje desafiar a curiosidade dos archeologos.

Quer-nos parecer, porém, que estas observações não acharão entre nós muitos adherentes, ou porque se attribúa ao tempo uma acção mais destruidora do que elle tem realmente, ou porque se entenda que as velhas cidades ibericas foram de tal sorte transformadas pela influencia romana, que nenhum vestigio lhes ficou da sua physiognomonia primitiva. O explorador que revolver taes ruinarias poderá ajuntar algum objecto mais á collecção das antiguidades romanas; mas perde o seu tempo se cuida encontrar ahi qualquer subsidio

para o estudo da civilisação dos povos de que descendemos.

Pondo de parte a voracidade do tempo, que as descobertas pre-historicas não permittem hoje que se exagere, parece-nos que todos os outros argumentos, com pretenção a serem deduzidos do ensino da historia antiga, em vez de encontrarem n'ella um apoio, encontrarão um desmentido.

O que nos diz a historia antiga é isto:

A conquista da Hispanha começa com Amilcar Barca e acaba com Augusto. Quem falla n'uma conquista de Hispanha pelos carthaginezes parece ignorar que esta pretendida conquista não é mais que o primeiro acto d'um longo drama, que muda logo d'actores, e só termina com o ultimo combate dos Astures. É vêr que a attitude do hispanhol em face do carthaginez e do romano é sempre a mesma; e, se o conquistador romano, para domar a Hispanha, tem de pôr á prova a sua vontade de ferro, por mais de dois seculos, e á custa de sanguinolentas derrotas, o invasor punico na sua tentativa de poucos annos pouco podia conseguir, ou nada, sendo certo que não soffreu menores desastres. Amilcar morre n'uma refrega contra os hispanhoes; Asdrubal, que lhe succede, não tem melhor fim; Annibal anda sempre em guerra com os Vacceus, Carpetanos, Saguntinos, etc., e no seu afan de ferir Roma no coração deixa a Hispanha, pouco mais ou menos, como a encontrára seu pae.

Isto é evidente na segunda guerra punica, em que a Hispanha, um dos theatros da lucta, nem é carthagineza, nem romana. Por motivos perfeitamente interesseiros o hispanhol bate-se nas fileiras dos carthaginezes e dos romanos, saltando d'umas para outras, quando e como lhe dá na vontade, e sempre requestado pelos dois encarniçados rivaes, que com a deserção de taes auxiliares não teem a esperar senão a sorte dos dois Scipiões, d'Asdrubal Gisgon, etc. (Liv. xxv, 22-6; xxviii, 15).

Expulsos os carthaginezes da Hispanha, cuida Roma que tem na mão toda *(sic)* a peninsula (Liv. xxviii, 19), graças principalmente á boa estrella e artimanhas de Scipião, o grande; mas pouco depois da retirada d'este, os romanos com uma ingenuidade, que é uma revelação, como que se admiram que a Hispanha se ponha em armas por sua conta (Liv. xxxviii, 25), e Catão confessa que tem de recomeçar esta teia de Penelope (Liv. xxxiv, 13).

É incontestavel que foi Amilcar o primeiro estrangeiro que sonhou com impôr um jugo á Hispanha, e que até então os povos, que a occupavam e procuraram n'ella uma patria, haviam criado alli profundas raizes, tinham *patrios mores ritusque*, como diria o hispanhol Indibilis (Liv. xxix, 1), uma civilisação emfim (não diremos homogenea), que não queriam trocas pela dos invasores.

O que resulta egualmente do ensino da historia é que o invasor encontrou a Hispanha armada até aos dentes.

Os chronistas não queriam acreditar na innumeravel quantidade de cidades, de que os triumphadores a diziam coalhada. *Livio*, por exemplo, decide que as trezentas cidades, que T. Graccho se gabava de ter tomado, não eram cidades; seriam torres, castellos, (Liv. xli, 4) grandes, ou pequenas, eram povoações moradas. Só na Hispanha Citerior, por um estratagema tomado por Frontino, o consul Catão consegue que, n'um dia e á mesma hora, uma boa porção das quatrocentas cidades que ella subjugára, no dizer de Plutarcho e outros, deitam abaixo os seus muros (Liv. xxxiv, 17); e estes muros eram tão solidos, que, mesmo por confissão de Livio, «o exercito que domára toda a Hispanha» esteve a pique de marear a sua gloria em face dos de Illiturgis, com o grande Scipião á sua frente (Liv. xxviii, 19).

Do *Veneris Templum* a *Nerium promontorium* as cidades fortificadas surdem sempre deante do invasor.

Nas vinte e quatro que *Plinio* conta na Gallæcia Bracaria, omittem-se sem duvida alguma as povoações secundarias, sendo provavel que o vocabulo *civitates* seja já tomado no seu sentido mais lato.

Ora este formidavel estado de guerra não era filho d'um plano de defeza contra o estrangeiro. Isso revelaria uma providencia, uma unidade politica, que com o genio bellicoso e tenaz da Hispanha a tornaria inconquistavel. Precisamente a falta d'união, e, como consequencia, o desaproveitamento da sua força colossal, eram tão salientes que a ninguem escapavam (Strab. iii, iv, 5. Flor. ii, 16.)

Não, não é nas precauções contra uma invasão de sonhados estrangeiros que havemos de procurar a causa d'este armamento geral: é n'outra parte; e a lista dos factos que segue, e poderiamos multiplicar, põe-nos na mão, cremos nós, o fio do labyrintho. As querelas dos Saguntinos com os vizinhos são o motivo de ruina d'aquelles (Polyb. iii., 14); os Ilergetas pedem desesperadamente a Catão que os proteja contra as inclusões dos vizinhos (Liv. xxxiv, 11); os Tittos e Bellos chegam a reclamar legiões permanentes, que os salvem das vinganças dos vizinhos (Polyb. xxxv, 2); na Lusitania os povos dos altos saqueiam as sementeiras dos povos da planicie (Strab. iii, iii, 5); Augusto ataca os Cantabros e Astures a pretexto das devastações que elles faziam nas terras dos vizinhos (Flor. iv, 12)....

Em summa, entre algumas das tribus, que os antigos escriptores nos dão com o nome de «populi,»

haverá allianças d'occasião, mais ou menos sinceras; mas em geral não ha entre todas ellas laço algum, que as impeça d'exercer sobre vizinhos e não vizinhos o *direito* da conquista em pequeno, e da pilhagem em grande — quem sabe quantas vezes instigadas pela fome!

Muito provavelmente a este estado de cousas não é extranha a differença de raças, nem os odios seculares entre os primeiros e segundos occupantes do sólo, de que ainda se lembrava a tradição recolhida por *Diodoro* (Diod. Sic. v, 33); mas não é preciso cavar tão fundo: entre povos do mesmo sangue guerreavam as mesmas paixões que impelliam os dois parentes, Orsua e Corbis, a decidir as suas dissensões á espada (Liv. xxviii, 25), e os já mencionados Tittos e Bellos a pedir, em ultima instancia, a ruina de seus irmãos (Polyb. *log. cit.)*

No meio d'esta anarchia, é inevitavel que estes povos, tão promptos no ataque, estejam preparados para a defeza, na previsão infallivel de reprezalias sem tregoas, e d'aqui a necessidade de construir logares d'abrigo, onde possam refugiar-se, e disputar o que teem de caro e precioso á furia dos inimigos, que os salteem d'improviso, e com forças taes que não possam ser batidos em campo aberto.

A multiplicidade das cidades ibericas parece-nos não poder ter outra explicação.

Quando o estrangeiro chega, o hispanhol, que, na phrase de *Justino,* procurava inimigos em casa, se os não tinha fóra, não se sobresalta.

Claro é que a perpetua hostilidade, em que vivêra sempre com os povos circumstantes, havia de educar-lhe o genio naturalmente bellicoso, desenvolvendo uma tatica poderosa no ataque a descoberto e na emboscada, na investida e especialmente na defeza das praças. Qualquer que fosse o nome do novo adversario, era um combatente, como outro qualquer, sem superioridade conhecida, nem na coragem e forças do corpo, nem na tempera das armas, [1] e cujas tropas, ainda para mais, quasi sempre se compunham na sua maioria, de soldados hispanhoes, não poucas vezes guerreiros d'uma tribu, que vinha tirar a desforra d'uma derrota da vespera.

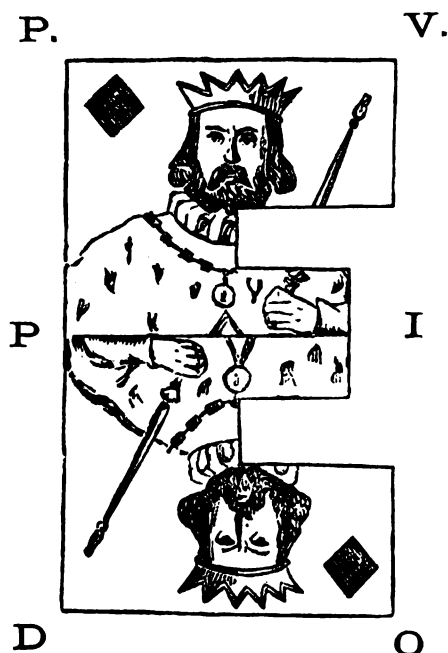
Por isso o hispanhol não recusa combate em terreno nenhum. Se foi batido no campo, era isso um azar da guerra, «a que todos estavam sujeitos,» como em pleno senado o sublinhavam os embaixadores dos Arevacos (Polyl. xxxv, 2); faltando-lhe gente para luctar corpo a corpo, lá tinham o recinto dos seus muros, e, ao ouvil-os, dir-se-hia que dentro d'elles existia um palladio que os tornava invenciveis. Tal cidade manda dizer aos romanos que percam a ideia de a investir, porque teem provisões para dez annos (Front. iii, iv, 2); tal outra avisa-os caritativamente de que nenhum exercito pozéra o pé no seu territorio, que não morresse miseravelmente (Diod. *Sic. Exc. do Vat. pag.* 99); e as famosas defezas de Sagunto, Illiturgis, Astapa, Numancia, Calaguris e tantas outras, os testamentos que as cohortes inteiras entendiam ás vezes ser necessario fazer, antes de as atacar (Vel. Pat. ii, 5.); dizem que em verdade os habitantes das cidades ibericas alguma razão tinham para confiar nas suas muralhas.

Mas é de prever que um conquistador, que sabe do seu officio, como o filho da loba, não vai perder tempo a perseguir guerrilhas, que lhe fazem negaças do descampado e atira direito ao alvo.

Bruto, por exemplo — diz *Appiano,* invadindo a Lusitania e a Gallæcia, vai direito ás cidades.

(Continúa.)

F. M. Sarmento.

Enigma figurado

[1] Sabe-se — diz *Vegecio*, (i, [1]) que os hispanhoes nos são superiores pelo numero e pelas forças do corpo.» Por *Polybio* (vi, 23) vê-se que os romanos tinham adoptado as espadas ibericas.

PORTO—TYP. OCCIDENTAL, PICARIA 50 E 54—1879

GALERIA COMMEMORATIVA

DOS

ESCRIPTORES FALLECIDOS

II

PROFESSOR DO LYCEU DE VIZEU

NASCEU NO PORTO A 4 DE AGOSTO DE 1832

MORREU NO PORTO A 5 DE JUNHO DE 1862

HENRIQUE AUGUSTO DA SILVA

POETA E DRAMATURGO PORTUENSE

A gloria calca aos pés a iniquidade
Do tempo descarnado e colossal...
Não teme as leis da morte, é immortal,
Indelevel memoria em toda a edade.

HENRIQUE AUGUSTO DA SILVA

Filho do eximio e prestante professor Antonio Fernandes da Silva e Gomes, irmão do distincto poeta, naturalista e professor do Lyceu do Porto — Augusto Luso da Silva e do digno professor em Vizeu — Eugenio Fernandes da Silva, foi um genio em embryão, que não chegou a desenvolver-se, aliás teria sido um dos primeiros vultos, tanto nas artes como nas letras e nas sciencias.

Tinha os cursos completos de *Agriculturas,* de *Artistas* e de engenharia civil, na Academia Polytechnica do Porto, e foi professor, no Lyceu Nacional de Vizeu, da cadeira de Introducção á historia natural e principios de physica e chimica.

Poeta lyrico e satyrico, sabia enlevar a um tempo os corações modestos e sensiveis e ferir com o fino estylete da espirituosa critica os arrojados e pedantes: comprovam-no as suas producções poeticas dispersas por varios jornaes e especialmente na *Grinalda* (de Nogueira Lima) onde se póde apreciar livremente n'os dois generos e verificar a nossa asserção.

Com a mesma facilidade e pericia com que manejava a penna, dirigia o pincel e o crayão! Existem d'elle algumas *aguarellas,* bem como desenhos a sepia, crayão e lapis, copias do natural, principalmente payzagens, para que tinha um dom particular.

Mas o joven artista e poeta não ficára por aqui, levou mais além o seu genio, foi dramaturgo. Posto não publicasse nenhum dos seus trabalhos dramaticos, nem por isso elles deixaram de ser devidamente conhecidos pelo publico portuense, que freneticamente os applaudiu, quando a *Companhia Dramatica Academica do Porto* (da qual foi um dos iniciadores e inauguradores, fazendo os papeis de *galan* com toda a pericia) os levou á scena no *ex-theatro de Camões.*

Os seus dramas e comedias — *Amor e amizade — Roberto, o desconhecido — A tomada de Sebastopol — O dia de S. Miguel — As façanhas academicas — Um anachronismo — Os apostatas* e algumas traducções, levadas á scena no mesmo theatro e pela mesma companhia, não só revelam o seu talento e engenho, mas um espirito naturalmente vivo, satyrico e engraçado que nunca o abandonou até ao ultimo momento.

Bom filho, bom irmão e bom amigo, era amado e respeitado por todos.

A sua facil penetração, notavel talento e genio alegre não lhe permittiam profundar muito, mas nem por isso o desmereciam n'os seus argumentos e producções: o talento e o espirito suppriam-lhe o estudo aturado dos genios pensadores como o de seu irmão Augusto.

Era habil repentista e improvisador. Concorrera com seu irmão aos *Abbadeçados* que em tempo tiveram logar em S. Bento das freiras, Santa Clara, Villa Nova de Gaya e a algumas outras reuniões.

Uma das provas do seu genio repentista é o *Roberto, o desconhecido*—drama em tres actos, que por elle foi feito em duas noites, resolvendo, por tão singular expediente, o grave compromisso d'uma recita, que, por divergencias particulares, deixaria de ir á scena no tempo determinado!

Genios d'estes, porém, duram como a aurora matutina: apparecem radiantes para logo desapparecerem. Assim, o joven escriptor, na primavera da sua vida, fugiu aos seus admiradores.

Os pallidos reflexos d'esta eclypsada estrella são as producções mencionadas e outras ineditas, thesouro de familia; uma d'estas, concedida por especial favor pelo nosso particular amigo Augusto Luso, é a que em seguida archivamos com o maximo interesse.

OSCAR TIDAUD.

O CRUZEIRO DA CAMPA

Silencio — nos diz sem falla
Essa cruz que se ergue além!
Silencio, aqui se cala
Tudo, quanto a morte eguala,
Tudo, quanto a campa tem!

E bem silenciosa a lua passa
Por sobre a santa cruz.
Alli de escura sombra o signal traça
Da paixão de Jesus.

Tristes aves perpassando
Centenas de campas vão:
E, sinistros sons lançando,
Vão assim annunciando,
Que alli mortos todos são;

E sobre a negra lapida se estampa
Inda a imagem da cruz,
Como para dizer-nos que na campa
A esperança é Jesus.

O cypreste luctuoso,
Que se eleva até aos céus,
Parece que vai piedoso,
Triste, negro, saudoso,
Pelo morto orar a Deus.

E lá se vê na campa ainda erguida
A piedosa cruz,
Que mortos, quantos são, alli convida
P'ra vista de Jesus.

Alli o mundo ao finado
O socego não desfaz,
Porque só ao morto é dado
Gozar no leito gelado
O triste somno da paz.

E d'entre as negras sombras se levanta
Ao alto erguida a cruz,
Mostrando que na morte a paz tão santa
Foi dada por Jesus.

Lá no tumulo escondidos
Jazem tristes restos só.
Da vida os gozos mentidos,
Entre os males envolvidos,
Findaram-se alli no pó.

E muda inda uma vez nos brada forte
Da campa a santa cruz:
Na vida vos lembrae que tendes morte,
P'ra que na morte vós tenhais Jesus.

Março, 1864.

HENRIQUE AUGUSTO.

A POESIA CATALÃ

RENASCIMENTO LITTERARIO

I

O distincto anatomista Huxley compára as diversas phases por que passa a humanidade na sua evolução continuada ás mudas periodicas da lagarta. Á proporção que a lagarta cresce, vai-se-lhe tornando apertado e estreito o seu tegumento, até que se rompe, e é substituido por um outro novo, mais largo e mais conforme ao desenvolvimento adquirido pelo insecto.

Assim os velhos moldes em que funcciona uma sociedade vão-se pouco a pouco demolindo, para darem logar a novas formas, á proporção que augmenta o desenvolvimento intellectual da humanidade.

Cada uma d'essas crises, durante as quaes se transformam as sociedades, passa por tres revoluções successivas: intellectual, moral e economica. É por uma d'essas crises que está passando actualmente a Europa.

Duas ordens de idéas politicas dominam hoje o continente europeu—a das nacionalidades e a do federalismo, idéas que á primeira vista nos parecem antagonicas, mas que na realidade o não são.

A idéa das nacionalidades já produziu a unificação da Allemanha e a unificação da Italia, e tende a produzir o pangermanismo, o panslavismo e o panlatinismo. Por outro lado de dia para dia augmentam os adeptos ás doutrinas federaes. Estudando minuciosamente e com o methodo positivo os factos sociologicos da historia da humanidade, e em particular da raça indo-germanica, vemos que as sociedades caminham para a unidade da consciencia e para a independencia local e individual. A solução theorica e pratica d'este problema só se póde dar pela federação, que traz a unidade sem a centralisação, e a independencia e a liberdade sem a divisão.

Na peninsula iberica encontramos um exemplo d'essas tendencias do espirito publico. Todos reconhecem mais ou menos que a peninsula caminha para a unidade que se ha de dar forçosamente n'um futuro mais ou menos proximo. Foi o conhecimento d'esta tendencia que suscitou a um espirito, guiado pelos methodos positivos, o pensamento altamente patriotico da hegemonia de Portugal na peninsula. Ora a unificação da peninsula não se póde dar sob a forma republicana unitaria (tomando esta palavra no sentido em que se emprega vulgarmente, isto é, centralisadora), mas apenas sob a forma federativa. E de facto o movimento e a idéa federal augmentam e espalham-se ha muito por toda a peninsula, e ás vezes até inscientemente, como teremos occasião de mostrar.

Uma das provas do valor e incremento que teem tomado os principios federalistas, é sem duvida o facto da renascença no seculo actual de duas litteraturas de ha muito mortas, quaes são—a catalã e a galliziana.

Do renascimento da poesia na Galliza occupou-se o snr. dr. Theophilo Braga no seu *Parnaso Portuguez Moderno*, cuja ultima parte comprehende algumas poesias de escriptores gallegos.

Do renascimento da litteratura catalã ainda ninguem até hoje se occupou entre nós, pelo menos que nos conste, apezar de datar de 1833, de celebrar annualmente os seus jogos floraes e de contar mais de trezentos escriptores (e entre elles muitos distinctos) no curto espaço de meio seculo.

Sobre o renascimento da litteratura catalã diz Pi y Margall no seu bello livro *Las Nacionalidades:* «Restaurou Barcelona os jogos floraes da Edade media e celebrou-os cada anno com mais lustre e pompa. Se-

guiram-lhe bem depressa o exemplo outras cidades da Catalunha; primeiro Valencia e Maiorca, e um pouco mais tarde os povos ao Occidente do mar da Cantabria. Com essas festas despertou cada um d'esses povos o amor á sua litteratura e á sua lingua, a lembrança de suas passadas glorias e o respeito ás suas instituições d'outros tempos.

D'aqui o singular e inesperado movimento litterario de todas aquellas provincias, suscitado, note-se bem, não pelos que nos dizemos federaes, mas pelos que se prezam de ser unitarios e conservadores».

É sobre a renascença da poesia catalã que nos propomos fazer um ligeiro estudo, apenas para chamarmos a attenção dos nossos compatriotas a esta brilhante litteratura, quasi, se não totalmente, desconhecida em Portugal, e que é um dos muitos symptomas da profunda transformação religiosa, politica e social, por que está passando a Hispanha.

II

Antes de fallarmos «dos esforços, do talento e da gloria dos litteratos insignes, dos historiadores eminentes e dos poetas laureados que nas margens do Mediterraneo, segundo diz o snr. Balaguer [1], constituem e formam uma litteratura que só deve o não ser bem estimada a ser geralmente pouco conhecida», devemos dizer algumas palavras sobre o passado da Catalunha.

Quando á queda do imperio e da litteratura romana se seguiu um silencio de seculos, foi na Provença que começou o renovamento da vida social e a alvorada das litteraturas modernas. Entre os Pyrenéus, o Mediterraneo e o Loire, onde o elemento gaulez conservára mais puras as suas tradições, foi o berço d'essas canções artificiosas, de um subjectivismo exagerado, que se espalharam por toda a Europa, provocando o despertar da lingua popular. O ideal d'esta poesia é o amor do servo pela castellã altiva, amor cavalheiresco que domina toda a Edade media, o casamento mystico de duas almas separadas uma da outra pelo abysmo que divide a aristocracia do povo, o evangelho da egualdade perante o coração, poesia cheia de doçura e mysterio, que se propaga por todas as terras, e cuja imitação fórma o primeiro periodo de todas as litteraturas romanicas. Quinet diz que «é o eden dos tempos modernos, a lenda do jardim encantado, onde o par christão, no seio do amor, reconstitue uma lingua, uma sociedade, um mundo».

A poesia provençal, como a antiga poesia gauleza de que derivava, foi inteiramente lyrica e satyrica, como vemos pelas canções dos trovadores provençaes e jogralescos. Esta poesia, que ao principio era ouvida com um certo despreso nos castellos feudaes, tornou-se bem depressa privativa de todas as côrtes. O trovador mais antigo de quem se conhece o nome é Guilherme IX, conde de Poitiers, que morreu em 1127; de certo muitos outros houve antes d'este, sem fallarmos dos antigos bardos; mas os seus nomes não vieram até nós. Uma grande quantidade de trovadores seguiu-se a Guilherme de Poitiers sob a protecção do conde Ramon Berenger, da casa de Barcelona, marido de Dulce da Provença.

A épocha brilhante da poesia provençal foi entre a primeira e a ultima cruzada (1095-1268), quando esta poesia dominava por toda a parte, em França, Inglaterra, Allemanha, Italia, Galliza, Portugal, etc. Os jograes percorriam todas as terras e andavam de côrte em côrte, de castello em castello, e de povo em povo, cantando as *sirventes* satyricas e as canções lyricas dos trovadores da Provença. Foi no berço d'esta poesia que tiveram principio as revoltas communaes, e bem assim ahi se levantou uma heresia, um protesto contra o catholicismo, a seita dos albigenses. Á egreja se deve a destruição d'este fóco das litteraturas modernas; a cruzada contra os albigenses, ao passo que destruiu esta seita, expulsou os trovadores do meio-dia da França; muitos d'elles refugiaram-se na Catalunha e no Aragão, onde crearam um novo centro litterario.

Quer o snr. Balaguer que fosse esta a primeira épocha da litteratura catalã, fundando-se em que «a vasta extensão do territorio em que se fallava a lingua *vulgar* ou *romana*, a verdadeira patria da litteratura romana se estendia então desde o Loire até ao Ebro», em que «nenhuma affinidade existia entre Tolosa e Paris, emquanto que era intima entre Tolosa e Barcelona»; e emfim em que a épocha de mais esplendor para a poesia provençal foi aquella em que governavam a Provença os principes da casa de Barcelona. Parece-nos que isto nada prova em abono da opinão do distincto poeta. A lingua da Provença então conhecida em toda a Europa, por ser a que veiu despertar as linguas romanicas, lingua chamada vulgarmente *lemosina* ou *provençal*, ou ainda *romana*, ou *romanisada*, ou *lingua d'oc*, não era a mesma que se fallava na Catalunha, mas um dialecto que muito se lhe assimilhava por ser derivado das mesmas fontes; e isto mesmo reconhece o snr. Balaguer quando diz que Ramon Berenger III e os catalães que com elle foram á Provença *hubieron de ejercer gran influencia en la lengua, y*

[1] Discursos leidos ante la real academia de la historia en la recepcion pública del ex.mo señor Don Victor Balaguer el dia 10 de octubre de 1875.— Foi no excellente *Discurso* do snr. Balaguer e nas notas que o acompanham, que colhemos a maior parte dos factos citados n'este estudo.

que desde entónces comienzan á prevalecer en ella ciertos giros y ciertas lucuciones propias de Cataluña. Como quer que seja, parece-nos que este periodo não é na realidade o primeiro da litteratura catalã, mas sim o da litteratura provençal, que mais tarde renasceu, e que ainda hoje se ostenta com tanto vigor como a catalã, senão mais.

Em 1214 com a batalha de Muret termina o esplendor da litteratura provençal e com a subida ao throno d'Aragão e Catalunha de D. Jayme, o Conquistador, que succedeu a D. Pedro, morto n'aquella batalha, começa na verdade a primeira épocha da litteratura catalã. Não se segue d'aqui que anteriormente não houvesse trovadores na Catalunha; de certo os houve, mas, como a côrte era na Provença, alli se dirigiam e compunham em provençal as suas canções. Se um ou outro se atrevia a cantar no dialecto patrio, era naturalmente pouco considerado e o seu nome perdeu-se com os seus versos.

(Continua.)

TEIXEIRA BASTOS.

NOCTURNOS

(HENRI HEINE)

SONHO FATAL

(A JULIO DE MATTOS)

Um sonho extranho e que me não esquece
A um tempo me causou dôr e prazer;
Muita visão ainda me apparece
Que o coração me faz estremecer.

Era um jardim profuso de bellezas
E eu n'elle passeava, á phantasia,
Tantas flores olhavam-me surpresas
Que eu olhei-as tambem com alegria.

Um bando de aves ledas gorgeava
Ternas canções e canticos d'amores,
Em campo d'ouro o rubro sol brilhava
E coloria a relva de mil côres.

Tinha a relva um perfume desusado
O ar era doce, tépido, amoroso!
Tudo era alegre, tudo perfumado
E a natureza convidava ao goso.

Perto, havia uma fonte rendilhada,
Que ia entornando a flux a agua mais pura,
E onde uma rapariga apressurada
Lavava um manto d'ideal brancura.

Faces vermelhas, olhos de saphyra,
Era uma santa loura e esmaecida;
E ao vêl-a conheci que nunca a vira,
Mas que no entanto me era conhecida.

E a bella rapariga se apressava
Cantando uma canção extranha, obscura:
«Corre, ó agua da fonte, e lava, lava
Este manto de nitida brancura!»

Eu no entretanto, approximei-me d'ella
E disse baixo, n'um suave encanto:
«Dize-me tu, que és tão gentil, tão bella,
Para quem é que lavas esse manto?»

E ella me respondeu rapidamente:
«Lavo a tua mortalha!» e acabando
De dizer esta phrase, de repente
Tudo se foi em torno dissipando.

Pareceu-me que então me transportavam
A uma floresta lugubre e sombria,
As arvores aos astros se elevavam,
Eu dava larga á triste phantasia.

Mas escutae! que accentos ignorados,
É d'um machado o som que o vento arrasta,
E indo atravez de montes e vallados
Cheguei a uma clareira extensa e vasta.

Havia, em meio da clareira antiga,
Um carvalho de aspecto agigantado,
E eis que apparece a mesma rapariga
Ferindo o tronco a golpes de machado.

E, brandindo o machado, ia cantando
Uma canção extranha, muita vez:
«Aço claro e brilhante, vae cortando
Umas taboas de grande solidez!»

Eu, no entretanto, approximei-me d'ella
E disse com tristeza passageira:
«Dize-me tu, que és tão gentil, tão bella,
Para que cortas tu essa madeira?»

E ella me respondeu rapidamente:
«Construo o teu esquife!» e acabando
De dizer esta phrase, de repente
Tudo se foi emtorno dissipando.

E uma praia, de aspecto desolado,
Appareceu então ao longe, ao largo,
E eu, não sabendo o que se tinha dado,
Conservei-me tremendo, e n'um lethargo...

E, como errasse á toa e desgostoso,
Vejo umas fórmas de uma alvura idéal,
E reconheço n'esse vulto airoso
A mesma rapariga esculptural.

E, curvando na terra a fronte linda,
Ia cavando com extranho ardor.
Approximei-me para a olhar ainda...
Era uma formosura, e um terror.

E ao cavar na terra, ía cantando
Uma extranha canção, funebre e amarga:
«Ó alvião cortante, vae cavando
Uma cova profunda, extensa e larga!»

N'este entretanto, approximei-me d'ella
E disse-lhe, repleto de amargura:
«Dize-me tu, que és tão gentil, tão bella,
Para quem cavas esta sepultura?»

E ella então respondeu rapidamente:
«Vou cavando o teu tumulo, apressada!»
E acabando esta phrase, de repente
Eu vi abrir-se a cova escancarada.

E lançando-lhe o olhar entristecido
Tive um frio terror na alma cançada,
Fatalmente sentindo-me impellido
Para a noite do tumulo e do Nada!

MAXIMIANO LEMOS JUNIOR.

O PINTOR

ROMANCE HISTORICO

—Já te esperava com anciedade, Affonso; as 10 horas já soaram—disse a donzella.

—Que queres, meu anjo, não pude vir mais cedo; mas, que motivo te obrigou a mandar-me chamar? Que ha?... falla... falla...

—Ninguem te viu entrar, Affonso?

—Ninguem.

—E Pedro?

—Lá fóra me espera.

—E elle nada te disse?

—Não: que nada sabe, pois teu pae...

—Quer que nos separemos... e... para sempre.

—Será possivel?!...

—Sim, é, e foi por isso que eu quiz fallar-te. Meu pae, depois de me reprehender asperamente, acabou por me dizer que ámanhã mesmo deixariamos esta terra; que jámais consentiria que sua filha esposasse um pintor!... Ah! nem sequer se lembrou que o amor não conhece distincções...

—Miser......—balbuciou Affonso, e a palavra expirou-lhe nos labios.

—Cala-te, cala-te, Affonso... lembra-te que é meu pae...—disse chorando.

—É um orgulhoso...

—Affonso......

—Oh! perdoa-me, Luiza... perdoa-me: sou um insensato... não sei o que digo!... sou eu que, nem sequer me conheço. Teu pae tem razão, Luiza; nunca poderá consentir que sua filha espose um artista, um plebeu... fui um louco que ousei erguer os olhos para ti, sem medir a distancia que nos separa!... Mas, que digo? não sou eu tambem nobre? Raphael, Vandich, Leonardo de Vinci não foram nobres, respeitados, admirados e contemplados pelos seus monarchas?!... Oh! sim... sou.. sou nobre: a minha nobreza se não está sellada em pergaminhos, está vivamente firme na minha palheta e aqui—pondo a mão sobre o coração.

E o mancebo arrastou estas ultimas palavras, com orgulho, entrecortadas por soluços.

—Jesus!—exclamou Luiza assustada.

—Sou um louco... não é verdade, Luiza? Não sei o que digo! Oh! meu Deus!... minha cabeça... minha cabeça, que te perdes!...—E o pintor tapava o rosto e apertava a fronte entre as mãos.

—Affonso, tu já me não amas—disse a dama com ternura, apertando entre as suas mãos as do mancebo.

—Amar-te! oh! sempre... sempre—respondeu o amante, abraçando Luiza.

—Então, em nome do céu, em nome do nosso amor te peço que não desesperes: tem fé no porvir, Affonso; meu pae quer que nos separemos, e como desobedecer-lhe?—tornou Luiza com o rosto inundado de lagrimas.

—Infelizmente tem de ser. Esquece tudo quanto hei dito; era o amor, só o amor, que assim me toldava a razão: agora conheço o meu erro... mas que queres!... oh se tu soubesses quanto te amo!...

—Bem o sei. Bem sei tambem que somos desditosos... será talvez hoje a ultima vez que assim nos vêmos em frente um do outro... ámanhã... oh! ámanhã... já um grande espaço nos separará!...

— E que importa? Já que assim somos separados na terra, seremos unidos no Céu, e...

O joven não pôde concluir. N'este tempo entrou Pedro; e disse afflicto e apressado:

— Minha senhora, minha senhora.

— Pedro, Pedro, que aconteceu — perguntou Luiza na maior afflicção.

— Sim, sim, que é?—acudiu o pintor sobresaltado.

— O snr. D. Reinaldo — accrescentou o pagem — chamou o mordomo e deu-lhe ordem para que mandasse hoje mesmo aprومptar os cavallos, que o devem conduzir para fóra d'este reino.

— Meu Deus! será possivel? pois já! — tornou Luiza, abraçando o pintor.

— Já! — repetiu Affonso Sanches.

— Foi o motivo que me obrigou a que prestes vol-o viesse dizer.

— Obrigado... obrigado, meu bom amigo.

E o pintor estendia a mão para o pagem e com o outro braço cingia a sua amante, quasi desfallecida, apoiando-lhe a cabeça sobre os seus hombros. Pedro, mudo e impaciente, aguardava as ordens de sua senhora.

Se o leitor já amou... se já teve uma mulher a quem amasse do fundo d'alma, e da qual se visse obrigado a separar-se; se já passou, dizemos, por este transe, facil lhe será fazer a exacta idéa d'esta scena. Pintal-a com todas aquellas vivas côres que a caracterizam, é um impossivel. É n'esses momentos que o amor toma completa posse dos corações e é, então, que a alma d'esses dois corpos, que se separam, sentem as mais horriveis torturas. Quem nunca as experimentou póde talvez comprehendel-as, mas não descrevel-as.

Houve um momento de silencio; o pagem foi o primeiro a interrompel-o.

— Senhor Affonso Sanches, perdoae-me, se ouso lembrar-vos que é forçoso partir antes que possamos ser surprehendidos.

— Tens razão, Pedro, — respondeu o pintor como que acordando d'um sonho; e, erguendo o rosto da donzella, accrescentou: — Luiza, cobra animo, que de bastante careces agora... a hora da partida não tardará e — fazendo um ultimo esforço — Adeus.

— Affonso!... Affonso!... — accudiu a desventurada amante procurando detel-o.

Um toque de clarim soou n'este momento; os tres personagens estremeceram.

— Não ouves, Luiza? é o signal da partida; devo retirar-me em quanto é tempo: breve te veem buscar.

Um suspiro abafado foi a unica resposta de Luiza.

— Senhor!... — exclamou o pagem, como para advertir o pintor do perigo a que estava exposto.

— Adeus... Affonso... — balbuciou Luiza.

O pintor ia a sahir, quando a joven, que tinha ficado em pé, deu alguns passos, bradando:

— Affonso!

Este voltou.

— Ainda o derradeiro abraço... Affonso...

— Luiza... Luiza... resignação... Tenhâmos fé em Deus e em nosso amor — tornou o pintor, abraçando-a, e sahiu como louco.

— Ai! Que desditosa sou!... monologou a infeliz Luiza, tentando encaminhar-se para juncto d'uma cadeira; porém os joelhos vacillaram, as forças faltaram-lhe e cahiu desmaiada no pavimento.

....

Uma hora depois, partiam para os Paizes Baixos D. Reinaldo e sua filha montados em soberbos cavallos e acompanhados da sua equipagem.

A pé, e a grande distancia dos viajantes, caminhava tambem um mancebo, levando ás costas um pequeno sacco: de quando em quando enxugava as lagrimas que lhe deslisavam pelas faces.

(*Continúa.*)

A. Moraes.

PARA

UM COLLEGIO D'ARREPENDIDAS, EM BRAGA

(A PEDIDO)

Nós fomos borboletas deslumbradas
Pelos raios da luz fascinadora,
Entregamos ás chammas despiedadas
Nossas azas, da vida inda na aurora.

Despenhadas, da altura da innocencia,
Ao negro tremedal do impuro vicio,
Arrojadas, da queda na violencia,
Aos ultimos degraus do precipicio.

Consumindo, na orgia turbulenta,
As longas horas d'um viver funesto,
Deixando ver na fronte macilenta,
Do fulgor juvenil — pallido resto.

Despresadas e sós... vagando errantes...
Envoltas na miseria e desventura;
Tendo no peito angustias lancinantes,
E nos labios — o riso da loucura;

Nós fomos, sim, as victimas do mundo
Que nos impelle ao mal, julga e condemna...
Mas somos hoje, pelo amor profundo
Que remiu carinhoso a Magdalena,

—Purificadas, venturosas, crentes...
Em vez da escuridão — mystica luz,
Illumina o caminho onde, ridentes,
A mão da caridade nos conduz!

A benção do Senhor, foi como o orvalho
Que restitue o viço á flor crestada;
E as horas que deslisam no trabalho,
Inebriam nossa alma resgatada!

N'este asylo de paz onde a alegria,
Como um sol bemfazejo, nos aquece;
Onde a esp'rança vive, dia a dia,
E a nuvem do passado se esvaece;

Onde, á voz do dever e da virtude,
Renasceu o valor e a fé perdida;
Onde o falso prazer nos não illude,
E nem no ocio fatal se gasta a vida;

Sentimos que do seio, aberto ao riso
Da infinita bondade do Senhor,
Subirá como o incenso, ao paraizo
A singela expressão do nosso amor!...

Coimbra—1878.

AMELIA JANY.

SOBRE AS ANTIGAS CIDADES DA IBERIA

(ESTUDO)

Os historiodores da primeira invasão romana no Entre Douro e Minho não fallam de nenhuma medida violenta contra as cidades que Bruto expugnou, por mais d'uma vez (*App.* VI, 72). Deveria mesmo inferir-se que não foi com ellas menos generoso, do que o fôra na Lusitania com a mais que rebelde Talabriga, que deixou inteira aos seus moradores. É licito, porém, duvidar de tanta benignidade, dizendo-se que o fim do romano, passando o Douro, foi castigar os gallegos, que haviam auxiliado os lusitanos (PAUL. OROS. V, 5), e que era nas cidades que elle ia procurar, entre outros, os feros bracaros, cujas mulheres combatiam ao lado dos homens, morrendo sem soltar um gemido, ou matando os proprios filhos e matando-se sobre elles, quando eram apanhadas vivas (*App. log. cit.*).

Nem esta magnanimidade entrava no plano do conquistador, nem, diga-se tudo, podia entrar com respeito áquelles povos que só queriam ser o que eram, e levavam a resistencia até aos extremos da «demencia cantabrica.» A tactica de Catão era outra, e melhor: desmantelar as cidades. Como vimos, só, n'um dia vieram a terra as muralhas de grande parte das que ficavam ao nascente do Ebro.

Deixar as cidades sem muros pareceu ainda pouco, e era: a posição de quasi todas tornava-as defensaveis, mesmo sem fortificações ou com ellas feitas á pressa. Assim a tactica mais aperfeiçoada e radical era obrigar os povos dos altos a vir morrer nas planicies e logares abertos. É o que se fez (só do que nos conta a historia laconica d'esses tempos) aos Arevacos de Termancia (*App.* V, 99), aos habitantes do Herminio (D. CAS. XXXVII, 52), em geral a todos os Lusitanos (STRAB. III, III, 5), aos Cantabros e Astures (FLOR. IV, 12), certamente aos Gallegos do norte (P. OROS. VI, 11), e provavelmente aos do sul.

Esta medida implicava necessariamente a demolição completa das cidades abandonadas, sem o que os moradores d'ellas, transplantados á força para sitios, onde lhes repugnava viver, facilmente achariam uma aberta para voltar ao velho abrigo, recomeçando as hostilidades.

E ai da cidade destruida! Uma ordem do senado prohibia a construcção de cidades novas; e porque Segeda, que era uma cidade velha, entendeu não contravir á ordem, reedificando os seus muros (*App.* VI, 44), o senado fez um additamento á lei, tornando a reedificação das cidades velhas dependente da sua auctorisação (*App. ib; Diod. Sic.* XXXI, *Exc. do Vat. pag.* 86-89). Imagina-se se taes auctorisações seriam largamente concedidas.

De modo que as cidades, arrazadas nos cumes dos montes, ficavam condemnadas a um miserando abandono, em quanto se não offerecessem condições favoraveis a uma restauração. Ora taes condições nunca se offereceram. Com o fim da guerra cantabrica, «certa mox fides et æterna pax», diz *Florus*, e de facto a historia não menciona na Hispanha uma guerra digna da attenção, supposto não devessem faltar revoltas mallogradas, principalmente na Asturia e na Gallæcia (HUBNER: *Not.* ARCH. DE PORT. *App. c*).

Por vontade, ou sem ella, os hispanhoes foram-se habituando a uma vida nova, a occupações pacificas. As cidades dos altos, poupadas pelo vencedor, essas cidades sem preço nos tempos heroicos da independencia, tornaram-se quasi inuteis, e muitas d'ellas, senão todas, deviam ser espontaneamente abandonadas pelos seus moradores, que n'aquelles sitios agrestes e desabridos, longe de todo o commercio, só tinham em

perspectiva sacrificios e privações, sem compensação alguma [1].

Agora, nas ruinas que por ahi temos, é possivel reconhecer as construcções que os antigos chamavam «civitates (no sentido estricto), oppida, castella, etc.», e que tanto deram que fazer ás legiões do povo rei?

Não ha muito que respigar a este respeito nos velhos escriptores, para os quaes as cousas d'estes barbaros, que *Justino, Strabão* e outros chegam a gratificar com o epitheto de «bestas», mereciam um absoluto desprezo. No entanto, algum esclarecimento, que lhes escapa, não deixa de ser favoravel a uma identificação.

Sabemos, e isso positivamente, que quasi todas as cidades da peninsula eram nas eminencias; dil-o expressamente *Hirtio* (De B. Hisp. 8.) Esta posição, que as tornava difficeis d'expugnar (*Id. ib*), dava-lhes de mais a vantagem de poderem entender-se por signaes com as cidades da mesma região, que lhes ficavam á vista, ainda que a distancia. De noite estes signaes eram dados com «ignes» (Liv. xl, 47), palavra que não resistimos a traduzir por «fachos,» sem escruplo d'admittir que os fachos, ainda em uso nos principios d'este seculo, teem, como muitas costumeiras e superstições nossas, uma origem pre-romana.

Quem, conhecendo a topographia das nossas cidades mortas, subir a uma d'ellas, avista necessariamente o tope dos montes por onde jazem outras eguaes, e comprehende melhor a noticia que acima extrahimos de *Livio*, e que o extracto seguinte completa:

Os moradoros de Certima, sitiados por T. Graccho, declararam-lhe que não teem forças para combater com elle, mas que lhes deixe consultar os alliados sobre se querem unir a sua causa á d'elles, promettendo renderem-se, se aquelle apoio lhes faltar — «sermo antiquæ simplicitatis» — commenta o historiador. O romano consente; mas os alliados não vieram. Debalde os de Certima accenderam fachos de noite, «como tinham combinado;» ninguem lhes responde (Liv. *ib*).

E, já que subimos á montanha em busca das ruinas da velha cidade, é occasião de examinar os muros «interlita luto, structuræ antiquæ genere» (Liv. xxi, 11), e d'inquirir o destino da ultima ordem de muralhas, cujo ambito, descendo pela encosta, é sempre enorme relativamente á povoação que fica na corôa do monte.

Esta linha extensissima de muros, abrangendo uma área de terreno, em que as construcções faltam absolutamente, demandava, para ser defendida, um pessoal innumeravel, que a povoação em si não podia fornecer, em quanto que os moradores d'ella, concentrando-se na cidade propriamente dicta, facilmente guarneceriam os muros que a fortificavam.

[1] Comp. *Mommsen ob. e log. cit.*

E' singular que *Paulo Orosio,* descrevendo Numancia, se embaraça com este mesmo enigma, sem o resolver definitivamente, como se já no seu tempo as cidades pre-romanas começassem a pertencer ao dominio da archeologia.

Numancia ficava n'uma eminencia. Tinha um muro de 3000 passos d'ambito, que o historiador chama «amplum spatium,» em relação á cidade, «arcem parvam». A pouca gente que a povoação comportava — observa elle, se pretendesse guarnecer a muralha de 3000 passos, mostraria, não querer defendel-a, mas entregal-a ao inimigo (P. Oros. v, 6) Assim suspeita elle que esta larga área murada serviria para abrigar os gados em tempo de guerra, ou era aproveitada para a agricultura em occurrencias difficeis (*Id. ib*).

A primeira conjectura é a mais provavel, a julgar pela aspereza e esterelidade das nossas Numancias, e facil é de comprehender que ao primeiro rebate d'uma invasão, a turba-multa dos habitantes dos arredores, recolhendo com os seus gados ao refugio das cidades, multiplicavam os combatentes e defensores dos muros que lh'os protegiam, que, ficando ao abandono, seriam logo escalados, tornando inteiramente inutil o trabalho gigantesco, empregado em taes construcções.

Mesmas necessidades, mesmas invenções. *Logan* (The Scottish Gael, i, *pag.* 374-93), sem pensar de certo em Orosio, nem nas cidades ibericas, encontra nos *towns* da Escossia a mesma disposição que o historiador hispanhol encontrava em Numancia, e qualquer observador póde verificar nas nossas ruinas, e não hesita em explical-as, como o indicamos acima. O mesmo, *Joyce (The origin and history of irish names of places),* fallando dos da Irlanda, onde o logar d'abrigo para os gados ainda hoje conserva o nome de *badhun* ou *badhbhdhun* (bawn) (*pag.* 307).

D'esta exposição de factos entendemos poder inferir o seguinte:

Antes da invasão da Hispanha pelo estrangeiro, os povos que a habitavam tinham cidades suas e uma civilisação propria;

estas cidades, construidas em logares quasi inaccessiveis, e valentemente muradas, não tiveram outro fim immediato senão a defeza dos seus moradores, dos habitantes dos campos convizinhos e seus gados, contra populações ibericas, e nomeadamente contra inimigos d'ao pé da porta;

n'estas luctas encarniçadas não poucas cidades deviam ser arrazadas, sem poderem mais resurgir;

no decurso da conquista, é principalmente nas cidades que a «demencia» dos «barbaros,» que furtam o pescoço á escravidão, accusa symptomas deveras pe-

rigosos para as legiões [1] e para o progresso da *pacificação* da peninsula; e o que Scipião, o grande, faz por vingança a Illilurgis, que deixa «solo æquata,» a demolição das cidades, converte-se n'uma medida politica, indispensavel para quebrar em pedaços o talisman dos fanaticos incorregiveis, que, vendo intacto o seu berço e dos seus heroicos avoengos, podiam, como Catão o farejou em Carthago *(Plut. Cat.)*, sonhar uma restauração do passado;

depois da conquista, muita cidade que pela sua submissão escapára ao camartello do conquistador, cahiria por si mesma, erma d'habitantes, aos quaes o «novum seculum et ordo» devia tornar insupportavel a vida nos pincaros selvagens e desconversaveis dos montes.

Aqui está o que basta para juncar de ruinas as nossas montanhas. Accrescente-se que quasi todas, por isso mesmo que ficam longe do arado e da cultura, se conservam, a bem dizer, intactas.

No meio de tanta ruinaria não é d'esperar que possamos encontrar vestigios de povoações, onde a influencia romana seja quasi nulla, outras em que ella falte absolutamente?

Dir-se-ha que isto é tarefa d'alvião, e não de dissertação de gabinete; é mais que verdade; mas o que intentamos demonstrar foi que as dissertações de gabinete tambem precisam d'alvião, para cavarem um pouco mais na historia, dando-nos opiniões, menos em desharmonia com ella.

Guimarães, 78.

F. M. SARMENTO.

UM NUMERO DO «INTERMEZZO»

H. HEINE

Sonhando, ouvia suspirar o vento
Das tilias sob a cupula odorante,
E como outr'ora ouvia o juramento
Do teu amor constante.

Que protestos de amor n'esse momento!
Mas, na febre dos beijos que me déste
Como para gravar teu juramento,
Em meus dedos mordeste.

Dona do riso alegre, ó meu tormento,
Dona dos olhos azues, ó minha amada!
Já me bastava o doce juramento,
Foi de mais a dentada.

Lisboa, 78.

GONÇALVES CRESPO.

[1] Augusto tomou contra os Cantabros e Astures as medidas, que vimos, «fiduciam montium timens» (FLOR. IV, 12).

A MUSA DE GŒTHE

Haviamos promettido no numero antecedente exhibir uma serie de quadros, dos mais apreciados na *Exposição de Paris,* persuadidos que as copias nos viessem á altura dos originaes, mas, como nos não satisfazem, e temos sempre em vista mimosear, o mais que possamos, os nossos dignos leitores, resolvemos mudar de idéa e apresentar d'ora avante os magnificos quadros que illustram as creações de Gœthe, cujos desenhos e gravuras tocam a meta da sublimidade, scientes de que todos approvarão, sem duvida, o nosso alvitre.

Representa a nossa estampa a coroação de Gœthe pela sua Musa: é uma allegoria soberba, devida ao lapis de W. Kaulbach e ao buril de R. Stang.

Gœthe, o poeta e naturalista por excellencia, foi, nos fins do seculo passado e principios d'este, um dos precursores da biologia moderna.

Como soldado, combateu denodadamente na batalha de Valmy e ahi prophetisou que desde então principiaria uma nova epocha na historia da humanidade.

Napoleão 1.º ao vêl-o exclamou, no momento em que da sua farda arrancava a Legião d'Honra para a collocar no peito do poeta:

«Mons. Gœthe, vous êtes un Homme.»

Na côrte de Weimar o poeta reunia em volta de si todas as celebridades tanto nas sciencias como nas artes; mas o mais admiravel e extranho é o contraste que se observa entre o seu caracter orgulhoso e frio e as suas obras repletas de amor e de ideal! Margarida, Clara, Carlota, Marianna, Mignon, Philine, Ottilie, tornam-se adoraveis de todos e deixam na memoria uma voluptuosa e inextinguivel recordação que se fixa «comme un cachet sur le cœur.» A maior parte das suas heroinas são simples filhas de burguezes ou do povo; de espirito vulgar, corações frageis, que só sabem amar, rir ou chorar, e que por isso mesmo que encerram uma graça incomparavel excederão sempre aos melhores typos que mais nobres e superiores concepções e inspirações possam crear.

Finalmente, as *mulheres* de *Gœthe* possuem o elemento mysterioso da suprema sympathia e da ineffavel attracção.

São, pois, estes os estudos que vamos publicar em face dos quadros de Kaulbach, cuja série fará quasi um Gyneceu das obras de Gœthe.

OSCAR TIDAUD.

DA ALLEGORIA DE KAULBACH E GRAVURA DE R. STANG

A MUSA DE GŒTHE

O MEU THESOURO

> Mas este amor quem m'o deu,
> Deu-m'o todo para ti,
> E bem sabes tu, que é teu.
>
> GIL-VICENTE.

Lá aonde o amor é calculo,
E aonde se compram risos,
Talvez, que entre dous sorrisos,
Que és bella, te diga alguem.
Hão-de dizer-t'o... dos labios...
Porém o que lá nas salas
Te mentem luzidas fallas,
Eu — mudo — digo-o tambem...

Com punhados d'ouro fúlgido,
Que mercam amores abjectos,
Hão-de q'rer comprar-te affectos,
Coração, crença, e pudor.
Dar-te-hão tudo com mão pródiga;
Mas eu, que sou pobre d'ouro,
Posso dar-te outro thesouro...
Dou-te riquezas d'Amor!

ANTERO DO QUENTAL.

NO TEMPLO

Ella estava ajoelhada e murmurava uma oraçãozinha que lhe ensinaram em creança. Os olhos, tinha-os no altar em que se via a imagem da virgem; mas a idéa, a idéa estava toda *n'elle*, no seu Eduardo, no seu amor.

Tangeu o orgão, olhou para traz e deu com os olhos nos olhos d'elle que a fitaram como carvões accesos. Fez-se levemente córada, da côr da rosa de maio, e sorriu levemente. Elle tinha vindo sem ella o sentir. Foi, pois, uma pequena surpreza que lhe causou um pequeno movimento do coração. Foi um pulinho d'um implume. Ella estava radiante e cheia de jubilo. Que lhe importavam as vozes dos padres e os sons do orgão? Causavam-lhe n'alma uma suavidade immensa, sentia-se n'um mysticismo angelico, mas com o pensamento em Eduardo. Tudo o envolvia e a ella perfeitamente unidos, abraçados, delirantes... O que ella sentia n'este momento era grandioso, porque o tinha alli proximo de si. Elle era tudo, um ente superior. Toda a grandeza de sua alma provinha do seu amor.

Lia muitos romances e poesias, era enthusiasta das novellas e da musica de Verdi. Tinha suprema paixão por tudo isto.

*

Ao sahir do templo, tinha-se acabado a festa, ia um pouco triste. Entrou em casa, fechou-se na alcova e desatou a chorar. Estava nervosa. E sentia um grande peso no coração. D'ahi a pouco estava mais aliviada.

*

Foi sentar-se ao piano; correu os dedos pelo teclado, pôz-se a phantasiar.

*

Foi á janella, espraiou a vista pelo Tejo. Mas não se sentia bem, estava aborrecida, esperava anciosa a noite.

*

Deram dez horas no relogio da sala. Veiu Eduardo. Queria dizer-lhe o adeus da partida.

— Para onde vais?

— Para França.

— Fazer o quê?

— Divertir-me.

— Ah!

E desmaiou.

A mamã veiu ver: encontrou-a pallida, como defuncta.

Gritou, chamou os criados, houve alarido.

....

....

*

Passados dias Amelia foi ao passeio publico, era um domingo. Viu lá Eduardo mui bem sentadinho com uma senhora ao lado e um pequerrucho que brincava com uma bola de elastico.

Ficou fula de raiva. — Que infame, tinha-a enganado! Fez-se branca e teve de encostar-se ao hombro da mamã para não cahir.

*

Desde este dia Amelia ficou doente. O medico aconselhou ares do campo.— A menina estava magra e muito descorada.—Tambem não devia lêr romances immoraes. — Não lia nem tocava, deixou de ser espirituosa e tornou-se prosaica, insipida como uma ingleza vaporosa.

Aborrecia-se de tudo, nunca mais quiz ir á missa, odiava os homens, tinha desejos de entrar n'um convento. Um lazarista, visita da casa, censurava-a por esta indifferença que votava a Deus. — Era uma impiedade! — Que despêgo tão repentino! Um grande peccado!

E ella agora, todavia, sentia-se com mais disposições a viver n'um claustro, escondida do mundo e dos homens sobretudo! — Mas se ella não ia á missa como poderia ter vocação para esposa de Christo? Mysterio.

E no fervor do romantismo amava o padre, tudo que fosse revestido d'auctoridade ecclesiastica: as chacaras e os soláos sensibilisavam-na muito. O medico dizia que isto lhe fazia muito mal: devia preferir o *modernismo,* ser mais positiva, senão... senão enfraquecia, definhava-se, morria.

*

Mas, era tarde, fez-se beata, ia ás tardes, ao sol-posto, fazer oração e beijar as lages da igreja. Fôra educada religiosamente.

Frei Bernardo era o seu confessor, o anjo bom que lhe apparecera. Lançou-se-lhe nos braços n'uma occasião de delirio, na sacristia, estavam sós. A mamã ficára resando na capella do sanctissimo.—E foi perdoada? — Foi, resolveu por fim entrar n'um convento, entrou.

Lisboa 23 de fevereiro de 1879.

REIS DAMASO.

ESTHER

A J. SIMÕES DIAS

Ella era como um anjo! o seu olhar magnetico,
Prodigio da materia, enamorava um sceptico,
E aos vates inspirava idyllios virginaes;
Alguem julgal-a-hia um ideal de Rubens,
Astro de eterna luz, cahido lá das nuvens
N'uns braços divinaes.

As formas do seu corpo e as curvas do seu seio,
Marmóreas, sensuaes, em continuado anceio,
Debaixo da impressão d'um lubrico sonhar,
Traziam á nossa alma o fogo dos desejos
Que sabem traduzir nas attracções dos beijos
Uma palavra: amar!

Amar, amar, amar! o thema dos vint'annos,
Esperança que nos traz immensos desenganos,
Ou sonho que nos doira as trevas do Porvir;
Amar, amar, amar! e quem ao ver-lhe o rosto
Circumdado de luz, nas ondas do sol-posto
Não queria amar, sentir!...

Eu muita vez fitei-a, apparição bucolica!
Prostrada aos pés da cruz, alegre ou melancholica,
Muda como uma estatua, ou triste como a Dôr;
Então, ia beijar-lhe a fimbria do vestido...
Julgava-a uma santa, e alli, como perdido,
Tinha respeito e amor!

Quem era essa mulher? ninguem sabia ao certo...
Diziam uns: — é a flor que os ventos do deserto,
Roubando-lhe o prazer, deixaram triste e só.
Chamavam-lhe outros:—luz do inferno, ou da desgraça,
Que seduz, attrahindo o misero que passa
Rojando-se no pó.

Quando á noite se erguia, a lua, côr de prata,
Mirando-se no espelho equóreo, que retrata
As paizagens do céu e as sombras dos bulcões,
Ella ia, no silencio agreste da montanha,
Cantar, como inspirada, em commoção tamanha,
Suavissimas canções.

E a sua voz tão doce e harmoniosa e calma,
Pairando pelo espaço, erguia na minh'alma
Um cantico de paz, um cantico d'amor!
Tinha-me fascinado aquella mulher-astro,
Seria até capaz de lhe seguir o rastro,
Pedindo-lhe calor...

Encontrei-a um domingo ao regressar da missa,
Occultava-lhe o corpo esplendida pelliça
E velava-lhe a face um longo e escuro véo...
Iá a beijar-lhe as mãos mimosas, feiticeiras,
Quando *ella* me gritou:—«Anjo d'amor, não queiras
«Que eu vá roubar-te o céu...

«Afasta-te de mim, que o meu sorrir condemna...
«És puro, e eu tenho o amor que as almas envenena,
«Sou trevas e tu luz, és novo e eu sou fatal!
«Tu sonhas um porvir de placidos encantos
«E eu não desejo, não, ir suffocar em prantos
«Quem não conhece o mal...

«Agora, venho assim de meditar na igreja,
«Logo, entregar-me-hei ao mundo que me beija
«De noite, á luz do gaz, nos braços do *cancan*:
«E tu, vendo-me inerte, os seios nús, perdida,
«Dirás:—«Eu não te quero, ó falsa Margarida,
«Foge de mim, Satan!»

Era verdade aquillo! o mundo, a sociedade
Que arremessa ao paul a flor da virgindade,
Costuma assim fazer a um anjo que cahiu!...
Ella ficou-se triste, e eu respondi-lhe «Goze
Embora o *teu senhor;* é nobre a apotheose
«Que est'alma te erigiu!»

....

Hontem, era já noite, eu fui ao cemiterio.
Alli, n'aquelle chão de cruzes e mysterio,
Onde a Saudade erguia um monumento á Dôr,
E se occultava ao mundo, em ultima jazida,
Muito corpo desfeito e muito amor sem vida,
Tive respeito e horror!

Diffundia-se a luz d'alguns cirios em ala:
Approximei-me e vi que era deitado á valla,
Envolto n'um lençol, um corpo de mulher!...
Tinha as geladas mãos cruzadas sobre o peito,
Que muita vez bateu em ancias mil desfeito...
Era o corpo de Esther!

D'essa infeliz creança, outr'ora descuidada,
Que viu, ao despertar d'um sonho, maculada
A sua excelsa c'roa alegre e virginal,
E que se transformára em torpe syphilitica,
Indo morrer depois, cançada e paralytica,
N'um leito do hospital!

Porto, 1878.

TEIXEIRA DE CARVALHO.

A ARTE GREGA

(FRAGMENTO)

Assim como na philosophia da arte, a obra d'arte deve ser examinada e considerada segundo o *meio* que a determina, e segundo o estado geral dos costumes e dos espiritos, isto é, as varias condições de sociabilidade que a cercam,—assim tambem a arte grega, para quem a estude independente de todos os preconceitos, deve ser analysada n'aquelle grande *meio* que a gerou, em que ella cresceu e se desenvolveu, em que ella se tornou forte e adquiriu uma poderosa robustez.

A verdadeira arte grega, a nacional, a mais caracteristica, a unica, deixem-nos assim dizer, é a esculptura. O homem completa-se, revoluciona-se, civilisa-se quasi, pela estatuaria, lá n'esse abençoado terrão: —élo formosissimo e fecundo que une o Oriente com o Occidente, a Europa com a Asia. O homem nasce já com vida artistica. E de feito artistica é ella, desde a sua infancia que se impressiona pela natureza, pelos jogos, pelas danças publicas, pela gymnastica, pela orchestrica, pela theogonia; impressão que se reflecte na sua vida politica e que cria constantes obras primas.

Estudemos o *meio* natural, o *meio* historico, a sua theogonia, as suas instituições—objecto d'este artigo; e, depois de termos percorrido a arvore, facil nos será encontrar o fructo nas varias feições evolutivas da arte.

A natureza na Grecia é uma maravilha; não digo bem, é antes uma excepção comparada com a dos outros paizes.

Não ha ahi o immenso, o abstracto, o vacuo do deserto, nem a monotonia do Egypto. O homem não se absorve, não medita, não é escravo da propria natureza como o *brahame* na India.

Nas bemfazejas regiões hellenicas tudo está n'uma harmonia perfeita; o céu não vomita fogo como a abobada egypcia; Euripides já dizia: «os raios de Phœbus não nos queimam»: a atmosphera é benigna e calma; «o povo deita-se nas ruas desde o meio de maio até ao fim de setembro; as mulheres dormem nos terraços» [1]; o céu conserva um perpetuo brilho azul; o sólo é fertil: as laranjeiras inclinam suavemente os seus pomos sobre a superficie lisa das aguas; uma vejetação feliz cobre constantemente a crusta n'uma perpetua primavera; os rios sussurram mansamente por entre alfombras de verduras; as costas são banhadas por um oceano que não ruge, que conserva umas escamas prateadas e que balouça umas bellas embarcações; as ilhas surgem com um pittoresco aspecto, com as suas plantas divinas, as margens deliciosas, cobertas d'um verde magnifico de suaves gradações; bosques, fontes, clima: um kosmos unico, incomparavel. É que aquellas regiões «parecem destinadas a ser vasta officina de actividade humana, onde se vá fabricando não só um presente prospero e idealisador, mas um futuro esplendido de luz.» [2]; a natureza dá vida ao grego; é alli que elle se torna hercules, que adquire a força e a agilidade que fazem surgir os Phidias e os Praxiteles.

«Pour le Grec, en effet, la nature est une conseillère d'élégance, une maitresse de droiture et de vertu» [3].

1 About—*La Grèce* contemporaine, pag. 345.
2 L. Cordeiro—*Livro de Critica,* pag. 52.
3 Ernest Renan—*Saint Paul,* pag. 202.

O sólo da Grecia, na maior parte montanhoso, desenvolve o vigor ao homem; a planicie é rara, o homem tem de combater, de conquistar; d'ahi, uma virilidade heroica e rigida na musculatura; o homem é um hercules, um luctador, um monstro de força.

O alimento do grego é sobrio: tres azeitonas, uma cabeça d'alho e uma sardinha [1].

A sua casa é tambem d'uma simplicidade elegante: um leito, algumas amphoras, e poucos moveis. A casa não é necessaria; é apenas um accessorio da vida do grego, que vive ao ar livre, «en plein air».

«O cidadão passa a vida na praça publica discutindo sobre os meios de conservar e engrandecer a cidade, sobre as allianças e os tratados, sobre as constituições e leis, escutando os oradores, fallando elle proprio, até ao momento em que embarca para combater na Thracia, no Egypto, contra os gregos, contra os barbaros, ou contra o grande-rei» [2].

O romano combate para conquistar, com o unico fim de se engrandecer; o grego combate para se tornar distincto; na batalha o espirito de emulação predomina; todos querem ter direito a uma estatua.

Abandonemos: não nos deixemos encantar pelos multiformes aspectos da natureza. Fujamos d'aqui que mais além tambem encontraremos um *meio* fecundo e original: as instituições.

Ainda que proxima da India, a sociedade hellenica não se deixa impressionar pelo seu pantheismo, nem segue o pantheismo mais espiritualisado dos egypcios. A religião hellenica adquiriu um modo proprio de conceber, particular, exclusivo d'aquella raça. O Deus é o homem; o homem divinisa-se frequentes vezes; basta que elle seja perfeito, que tenha agilidade, belleza, vigor, para se tornar um deus.

N'uma cidade da Sicilia foi adorado um homem por causa da sua belleza extraordinaria e depois da sua morte erigiram-lhe altares [3].

«Em Homero, que é a Biblia dos gregos, sabereis que os deuses teem um corpo humano, uma carne que se póde rasgar com as lanças, um sangue vermelho que corre; os instinctos, as coleras, os prazeres, inteiramente semelhantes aos nossos, a tal ponto que os heroes tornam-se amantes das deusas, e que os deuses teem filhos das mortaes.

De resto, como nós, elles comem, bebem, batem-se, gozam de todos os sentidos e de todas as faculdades corporaes» [4].

Os deuses, «são uns deuses felizes que nunca morrem.» O culto celebra-se com danças, musica, jogos gymnasticos, córos, etc.; a religião é a glorificação do bello; e os gregos escolhendo a belleza animal para seu idolo, divinisando-a, mostram a sua paixão pelas faculdades corporaes.

A orchestrica era uma sciencia que ensinava as posições nas danças sagradas, as attitudes e os movimentos.

Onde a orchestrica teve profunda e sensivel influencia foi certamente na religião. O culto era composto de danças, em que se executava o *pæan.* Os gregos diziam que a dança era agradavel aos gregos que amavam os corpos bem feitos, florescentes, cheios de seiva. Apollo, o luctador, é quem recebe mais danças.

A orchestrica deu á esculptura todos os seus movimentos, posições, grupos; magnifico specimen é, de certo, a frisa do Pantheon.

A gymnastica é uma outra instituição poderosamente influenciadora. Consistia em desenvolver os corpos; as creanças desde a edade de cinco annos exercitavam-se nos saltos, nas corridas, nos jogos; adultos, passavam quasi toda a sua vida na gymnastica.

Por ella se formaram os athletas; os membros recebem um desenvolvimento; as formas bellas teem a sua expansão; o homem torna-se um Deus.

Platão é um athleta; Pythagoras ganha mesmo o premio do pugilato.

«O nú e a vida gymnastica eis a seiva nativa, primordial, d'onde procede a estatuaria grega. Quem não passasse pelas portas dos gymnasios e não adquirisse nos jogos e nas luctas agilidade, elegancia e vigor, attributos d'um corpo são e d'uma alma fortemente temperada, era um miseravel para que ninguem voltáva os olhos senão com tedio ou despreso» [1].

D'estes costumes nasceu o ideal grego. O corpo nú resume-o. As mulheres, nos seus exercicios gymnasticos, apresentavam-se núas. Os exercicios gymnasticos tinham feito apagar os mais pequenos indicios de pudor. Os jogos olympicos, as festas publicas e nacionaes eram a exhibição do corpo nú. Conta-se de Alexandre, que passando na Asia Menor com o intento de combater Dario, poz-se nú e com os seus companheiros fez corridas para honrar o tumulo de Achilles.

Além d'isso as mães descobriram a callipédia, que consistia em dar á luz os filhos mais bellos. Os recem-nascidos pouco formosos eram mortos.

Phryne, a bella, é absolvida de um crime, porque o advogado a despiu no tribunal. A belleza do seu corpo torna os implacaveis juizes em cegos admiradores das fórmas.

1 Aristophanes, Luciano, etc.
2 Taine—Philosophie de l'ant. pag. 104.
3 Herodoto.
4 Taine—Ob. cit. pag. 110.

1 V. de Benalcanfôr—*Na Italia.*

Longe me levára isto se se citassem mais exemplos, que todos mais ou menos sabem.

O que temos dito é apenas um esboço, resumido e incompleto, traçado por mão inhabil, com os planos insignificantes, colorido frouxo, figuras confusas e mal delineadas, — do *meio* natural, e do *meio* historico da Grecia.

Com isto queria-se apontar levemente o seio uberrimo e fecundo, original e formosissimo, em que se gerou, e se produziu a arte grega.

Porto, 1878.

XAVIER PINHEIRO.

DEVANEIOS

Tu tens no teu olhar,
Rainha das Ophelias,
O setim das camelias
Banhadas de luar.

Quando ouço a tua falla
Ao despontar do sol,
Eu julgo que me embala
A voz d'um rouxinol.

Eu, no teu collo, vejo
Um revoltoso mar,
Onde eu, louco desejo!
Quizera naufragar.

Encosta docemente
A' minha a tua face,
Talvez que me repasse
O teu halito ardente.

Reparte, cherubim,
Comigo o teu consolo,
Enlaça-te ao meu collo;
Agora um beijo: sim?

Ambos unidos, quero,
N'um longo abraço, flor,
Sentir o aroma austero
Do teu ingenuo amor.

Abrazam-me desejos
De encher de bons afagos
Esses travessos lagos
A transbordarem beijos.

A tua bocca, irmã
Dos castos seraphins,
Tem gomos de romã
E folhas de jasmins.

E tanto me embriaga
O ver-te, que até penso,
Que ando n'um mar, suspenso
No dorso d'uma vaga.

Encosto-me ao suave
Conforto do teu peito,
E julgo que me deito
Nas pennas d'uma ave.

E penso que adormeço,
Em quanto tu perfumas
As somnolentas brumas
Do teu cabello espesso.

E sinto que me enleia
Um não sei quê, creança!...
O fogo d'uma esperança
No lume d'uma ideia,

Que leva o pensamento
E o pobre coração
Aos mundos da paixão
E ao mar do sentimento.

....

Que louco sonho o meu!
Pois se é tam largo o espaço,
Nas azas d'um abraço
Voemos para o Céu!

Coimbra, 1879.

A. HORTA.

EXTINCÇÃO DO MAL DAS VINHAS

O SULFURETO DE CARBONE E O OXIDO DE CARBONE

Em fins de 1878 a sciencia, depois de dez annos de experiencias e observações continuas, de congressos scientificos e differentes reuniões locaes, apenas descobriu com mais vantagem contra o *phylloxera o sulfureto de carbone puro*, que manda applicar por meio dos injectores de Gastene.

Ultimamente, para evitar os perigos e os inconvenientes do *sulfureto de carbone*, apresentou Mr. Rohard

os seus prismas gelatinosos do mesmo *sulfureto,* como de mais facil, mais racional e menos perigosa applicação.

Foi tambem em novembro de 1878 que eu descobri para o mesmo fim o *oxido de carbone* (vide 1.° art. pag 15).

D'estes dois agentes, ambos energicos e destruidores do mal — um de descoberta scientifica, o outro de descoberta casual — é o *oxido* que tem de se experimentar no corrente anno contra o destruidor das vinhas e outros insectos que tanto infectam e atrophiam as diversas culturas.

O *sulfureto de carbone* é volatil, mata o insecto por explosão ou asphyxia, introduzindo-se aonde, elle habita; envenena-lhe o terreno momentaneamente e impede-o de viver, logo que seja impressionado pela sua acção.

O *oxido de carbone* é muito volatil; egualmente mata o insecto por asphyxia, introduzindo-se aonde elle reside; mas ha uma differença palpavel a notar: o *sulfureto* precisa d'uma direcção scientifica e o *oxido* d'uma applicação pratica. O *sulfureto,* destruindo o insecto, póde, mal applicado ou por descuido, aniquilar a vinha e esterelisar o terreno, em quanto que o *oxido,* sem perigo algum, não só mata o insecto no sólo, mas fortifica o vegetal e vigora a vinha. De mais, o *sulfureto de carbone*, além de ser já caro, torna-se mais dispendioso ainda, porque a sua applicação jámais póde deixar de ser scientifica, e, por conseguinte, executada por pessoas competentes e de confiança, a quem se ha de remunerar com salarios correspondentes.

Phylloxera novo das galhas das folhas da videira

VISTO POR CIMA

VISTO POR BAIXO

O *sulfureto* applicado pelos prismas de Rohard é effectivamente menos damnoso e de execução popular; mas o inconveniente da demora na terra, antes que se dissolvam as capsulas, retarda o effeito a tempo, por qualquer das muitas causas que o podem desviar da sua conveniente e opportuna direcção, e assim inutilisa o seu effeito principal, quando o insecto, na emigração e desenvolvimento, vive em cima da vide e fóra das raizes (vid. grav.). Não julgo os elementos vegetaes, que em si contem as capsulas, bastantes para reparar no sólo os estragos dos *sulfuretos* sem se lhes applicar os adubos necessarios depois da operação, o que vai tornar maior o despendio; pois, segundo o calculo de pessoas competentes, regula, na França, a mais de $^1/_2$ franco por metro quadrado ou corrente, não incluindo o adubo indispensavel quando se applique o *sulfureto.* A isto reuna-se ainda—a fallibilidade d'este agente.

Comparemos agora esta applicação com a do *oxido de carbone.*

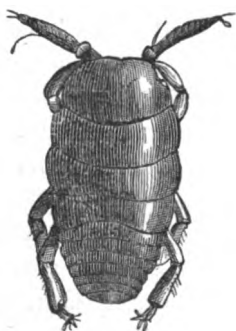
O *oxido de carbone* tem de ser extrahido do sal commum (chlureto de sodium) pelo processo mais simples e barato conhecido na chimica. Desenvolvido o *oxido* e convenientemente approveitado e dirigido por aparelhos proprios para a producção, conservação e injecção, contra o insecto, quer elle esteja na vide ou na raiz a quatro ou cinco centimetros de profundidade, é simples e muito facil a sua applicação.

Feita esta operação, (de per si economica, attendendo ao diminuto preço das materias primas que se empregam, o que não excede a 30 réis o kilo de massa productora), em poucos momentos se conhecem os resultados, observando-os competentemente; e os residuos que restam — *o carbonato de sodium* — não teem menos valor que as materias primas, pela muita applicação, depois de preparados, para a agricultura e as artes.

A applicação do *oxido* nas vinhas, sendo ellas regularmente estrumadas, faz que não precisem de adubos, em quanto que usando dos *sulfuretos* não podem as vinhas passar sem elles e em maior quantidade, o que avulta o preço dos vinhos.

A acção do *oxido de carbone* contra o *phylloxera* não é conhecida, porque ainda não foi empregado, o que vai fazer-se n'este anno corrente; mas não duvidando a sciencia de que este agente é um asphyxiante de primeira força, não crerá de certo que lhe possa resistir um insecto tão tenue e microscopico, quando não resistem outros de mais vitalidade, força e tamanho. Além d'isto, no seu estado multiplo, nenhum agente é mais proprio e efficaz para o combater do que o *oxido de carbone* quando gazoso, sem explosão, mas de grande força asphyxiante.

Accresce mais uma razão em prol d'este agente: Mais que um auctor, como já dissemos no 1.° artigo, attribue o desenvolvimento do terrivel insecto ao muito enxofre que tem ficado nas terras sem se volatilisar, assim como a alteração da seiva nas raizes seguindo-se a podridão, côr amarellada do insecto, e o cheiro dos pampanos, e isto com mais intensidade nos paizes e terras onde primeiro se enxofre, como de facto o presenciamos no Douro, onde mais se tem enxofrado; menos na Bairrada, onde pouco se tem usado do enxo-

fre; e nada no Minho, onde muito menos elle se emprega.

Esta é a opinião seguida por alguns professores da Eschola de Marselha, os quaes em vão até hoje combatem o *oidium* sem o uso do enxofre. Empreguem, pois, sem receio, o *oxido de carbone*.

Tudo, finalmente, me leva a crêr que a salvação dos vinhedos está imminente e que o emprego do *oxido de carbone*, providencialmente descoberto contra o *phylloxera vastratix* será o balsamo salutar da humanidade afflicta.

É esta a convicção do seu descobridor.

Penafiel—4—79.

S. Rodrigues Ferreira.

DESALENTO

Quando cessarás tu, sorte mofina,
D'atormentar meu peito augustiado?!
E quando me verei eu libertado
De jugo tão penoso, ó luz divina?!

Soffrer com paciencia nos ensina
A crença de Jesus crucificado;
Porém, de soluçar estou cançado,
Como a minha vizinha Carolina!...

E n'este desespero e soledade
Descreio até ás vezes (não o nego)
Da fé e da esperança e caridade!

— Por este soffrimento longo e cego
Só tenho o desalento n'esta edade,
Pois nada já me resta a pôr no prégo!

Porto, 78.

Vicente Novaes.

A EDUCAÇÃO MORAL

(continuado da pag. 17)

Principiemos por investigar quaes as causas do presente estado moral da sociedade, estado, que consideramos como um desvio das forças sociaes do alvo, que o espirito humano naturalmente lhe aponta. Hubert. Spencer n'uma das suas mais recentes publicações [1] analysando com a sua critica severa esse estado, diz-nos que elle resulta da preferencia que a sociedade dá ao *apparente* sobre o *real*. [2] Este facto, que é extensivo a todas as diversas manifestações da vida do homem, considerado em todos os seus estados sociaes, tem uma explicação a meu vêr muito acceitavel. O periodo theologico da humanidade é caracterisado pelo desequilibrio entre o instincto de curiosidade constantemente instigado pela acção continua de todos os phenomenos, que impressionavam os sentidos do homem e o estado rudimentar das suas forças intellectuaes. Ora n'estas circumstancias a sensibilidade devia dominar quasi exclusivamente a existencia psychologica do homem e a razão apenas se manifestaria por alguns processos mais simples e pela acção fatal d'algumas das suas aptidões intellectivas mais essenciaes. Portanto, as impressões mais vivas eram as acceites e depois procuradas pelo homem primitivo; e é talvez a esta ausencia da critica da utilidade e do resultado final, que se deve a extensão desmarcada dos periodos prehistoricos. Temos pois provado que esta tendencia que preferia o *apparente* ao *real* não é uma disposição innata do organismo intellectual do homem, mas uma disposição, que as circumstancias excepcionaes da edade primitiva o obrigaram a adquirir. Este facto é importante, porque nos faz vêr, que, combatendo esta tendencia no homem não combatemos um modo d'acção essencial, que fizesse parte intrinseca da sua natureza, mas simplesmente um habito muito accessivel a uma modificação lenta e por ultimo a extincção completa. E fazemos estas observações para confirmarmos as nossas idéas ácerca da perfectibilidade e para que nos não taxem de utopistas. Do que fica dito se conclue naturalmente que a continuação prolongada do atraso intellectivo accentuava cada vez mais esta tendencia no espirito das primeiras gerações, e depois estas inconscientemente, por um processo hereditario a transmittiram até aos tempos hodiernos, através de todas as civilisações e de todos os grandes factos sociaes. E aqui está como ainda as gerações d'hoje dão maior appreço á apparencia do que á realidade. Mas deve notar-se (e isto coincide justamente com a transição para a phase de positividade) que esta tendencia do homem vai desapparecendo lentamente, o que se demonstra pelo espirito dos seus productos mais recentes e pelo caracter analytico e realista, que a sciencia vai tomando nos nossos dias. Ora este facto auxi-

[1] Hubert Spencer—De l'education intellectuelle, morale et physique—traduit de l'anglais.

[2] Ainsi dans tout le cours de la vie l'important n'est pas *d'être*, mais de *paraître*.—H. Spencer, *orb. cit. pag.* 7.

lia poderosamente qualquer plano de regeneração social.

Mas como todo o plano de regeneração social não seja mais do que uma generalisação de egual facto na familia, segue-se que este deve ser considerado como condição essencial d'aquelle. E fazendo uma applicação ao estudo da moral familiar do importante resultado que Spencer obteve com a sua larga e vasta analyse authopologica e nós achamos a verdadeira applicação de todos os vicios, de todos os desregramentos, que envenenam a existencia suave do lar domestico. Um outro distincto pensador francez, o Dr. Clavel [1] tracta largamente este assumpto e por isso para elle remettemos o leitor, que quizer fazer estudo mais vasto de sciencia da moral. Limitar-nos-hemos portanto a provar com alguns factos a verdade enunciada por Spencer.

Em todos os actos da sociedade moderna nós encontramos além da sua essencia, além da sua significação intima, umas certas formalidades exteriores, cuja necessidade e importancia são muito problematicas e hypotheticas. Os ceremoniaes das côrtes, a etiqueta, os uniformes vistosos dos exercitos, as fardas dos altos dignatarios, todas as pragmaticas das differentes associações, o brilhantismo dos symbolos religiosos, a arte exagerada n'um luxo ruinoso e dissolvente pelas cathegorias mais altas da sociedade, tudo isto são manifestações da importancia que ainda hoje se liga ao apparente. Quando um pae educando seu filho lhe incute o sentimento da aspiração ás glorias mundanas, este sentimento é falsamente desviado da essencia d'essa gloria para as exterioridades, que a cercam: quando um homem se propõe a dirigir qualquer organisação social não o faz, as mais das vezes, por um sentimento phylantropico, e pela convicção da sua efficacia, mas pelo desejo estulto e mesquinho de se rodear dos ouropeis de que a sociedade cerca os personagens politicos. N'estes dous factos, dos quaes um representa a acquisição d'uma tendencia e o outro a realisação d'ella no meio social, resume-se a causa mãe de todo o desequilibrio da sociedade.

Mas para se obstar ao segundo era preciso, ou que o meio social contrariasse e modificasse a tendencia, o que não acontece, porque a sua constituição tem aptidões para a desenvolver; ou que a tendencia não fosse adquirida, o que importaria uma completa transformação no primeiro facto.

Ora para se obter esta transformação é necessario educar d'um modo especial o coração dos entes constitutivos da sociedade. É preciso harmonisar n'uma synthese racional, as idéas e os sentimentos, fazendo passar uns e outros, por uma prova de utilidade social nas largas inducções a que se presta a vastissima vida da humanidade.

E notando que a associação, que a colligação é a base fundamental e intrinseca em que se ha de firmar o progresso, e que ella é o unico meio pelo qual se torna possivel a existencia humana, nós temos de combater necessariamente no campo psychologico todos os sentimentos, que sejam estorvo á construcção d'aquella base, ao emprego d'aquelle meio.

Estes sentimentos são os conhecidos pelo termo generico de sentimentos *egoistas*.

Mas não vale só negar: é precizo tambem affirmar. Depois de excluido o *egoismo* devemos de introduzir o *alternismo*. A substituição d'aquelle por este, ha-de subjeitar todos os phenomenos moraes á grande lei da attracção universal, que psychologicamente considerada, toma o nome de amor.

A par d'esta reforma sentimental, tem de caminhar a reforma intellectual, porque esta ha-de pela força persuasiva das suas idéas determinar o sentido d'acção da vontade humana.

Portanto desde o momento em que o alternismo se eleve á norma reguladora da nossa vida moral, é evidente, que se tem dado um grande passo no caminho da perfectibilidade e que já temos preparado o terreno, no qual se tem de semear os novos preceitos ethicos. E n'estas circumstancias poder-se-ha applicar a theoria da educação moral, que Hubert Spencer denomina *processo das reacções naturaes*.

Como naturalmente se comprehenderá a base scientifica d'este processo acha-se na analyse psychologica e na analyse sociologica, e portanto não insistiremos n'este ponto, já por ser especulativo, já porque para elle reservamos um mais detido estudo n'outra occasião, que se nos depare.

A sua base moral é o alternismo; e só com este caracter psychologico o «processo das reacções naturaes» será fertil e efficaz em resultados.

Vamos pois expor este methodo de educação moral.

(Continua.)

Luiz de Magalhães.

* * *

Já viste acaso o Vesuvio,
Que tem no seio um vulcão
Todo coberto de neve?
—Pois esta imagem tão breve
Retrata o meu coração.

N. de G. T.

[1] Dr. Clavel — La morale positive.

O TIO MATHEUS

(LITTERATURA POSITIVA)

Pobre velho!

Cada dia da sua longa existencia foi para elle mais uma pedra, do alto cahida sobre o fardo que as diversas circumstancias lhe collocaram sobre os hombros!

O destino é uma palavra vã, de sentido inexplicavel, que póde arredondar um bom periodo de rhetorica; mas jámais dar-nos o *porquê* das alegrias e dos soffrimentos da humanidade.

A vida é uma enorme taboa de xadrez; n'esta representam as casas as *diversas circumstancias;* se o homem passa por um certo numero d'ellas, segundo uma lei que elle proprio desconhece, *vence;* mas se se desviou uma só da linha que ia traçando, póde ser *vencido.* Melhor lhe seria conhecer aquella lei, de que é possuidor talvez um Deus ou deuses, quem sabe!

Não sabemos a lei? É o mesmo: a philosophia hodierna póde dar-nos a formula da vida; esse conhecimento póde animar o homem para proseguir no caminho, que as *diversas circumstancias* lhe vão traçando, sem n'elle perder-se; esse conhecimento anima-o tambem a meditar á medida que vai transitando, ácerca do meio mais favoravel de chegar áquelle ambicionado logar, onde pensa que o espera a felicidade.

Essa formula é simples: a *vida é uma lucta continuada;* a formula é applicavel a todos os reinos da natureza. Luctemos pois; póde ser que vençamos.

Mas aquelle pobre velho!... no mais acceso da furia em que brandia a espada no campo da lucta, a *cegueira* fel-o perder-se por essa noute completamente tenebrosa, que não mais deixou de o acompanhar, n'essa estrada por onde as *circumstancias* o iam guiando, e eil-o n'um momento parado sem saber para onde ir, julgando que a cada passo que der se lhe abrirá um novo abysmo, abysmo no qual seja sepultado para sempre!

Pobre velho!

N'essa guerra promovida por um principe inepto e sanguinario, digno de ter apparecido nos bons tempos de um Nero ou de um Tiberio perdeu elle os seus filhos; mas no dia immediato áquelle em que soffrera essa immensa dôr, o incendio e o saque completaram a obra originada por esse miseravel de nefasta memoria, que se dizia representante do *direito divino,*—esse Judas de nova especie que seria capaz de sugar o sangue ao proprio filho de Deus se os dezenove seculos da christandade podessem recuar.

Depois veiu a cegueira!

Abrir o bom velhinho os olhos á luz que parecia de proposito esconder-se-lhe quando queria surprehendel-a; pedir á sua phantasia traços e tintas, para ter o ideal das notas que o adoravam, e os traços e tintas confundirem-se, amalgamarem-se, produzindo ora objectos confusos ora imaginarios espectros; não saber qual o involucro adorado da mimosa creatura que ás vezes lhe compunha os seus cabellos em desordem e outras lhe prestava a sua delicadissima e intelligente mãozinha para o guiar, quando por ventura o pobre cego perdia o tino; não saber qual a côr certa da violeta que lhe enviava o seu perfume á tarde, quando os netos o passeavam pelo campo (o tio Matheus preferia a violeta branca á outra); não ver emfim a expressão, se de hypocrita, se de verdadeiro crente, do sacerdote que ás vezes procurava consolal-o fallando-lhe de Deus, da providencia, e do confôrto que a religião presta mesmo áquelles que se consideram os mais infelizes,—eram estes os maiores tormentos que podiam torturar lentamente o bom homem que julgava em sua consciencia não ter jámais offendido a Deus nem a sociedade.

Mas os annos iam passando sôbre a cabeça encanecida do velho e cada dia novas desgraças deixavam sobre ella um sulco de mais. Nem já os netos, e as netas, e outros parentes mesmo ainda os menos proximos, existiam; o velho estava só, completamente só n'este valle de lagrimas...

Já até a desgraça o impellia a andar de porta em porta esmolando...

Deus e a providencia...!

—Como posso eu crer n'um ente que me fulmina cheio de vingança (de que?!) com esta serie não interrompida de desgraças? ou na providencia (segundo diz a religião eu tenho direito á vida e aos fructos da terra) que, impossibilitando-me de trabalhar, me obriga a pedir uma esmola a quem m'a dá pelo *amor de Deus?*

Pois não terei eu direito ao amor *da sociedade?*—

E o pobre velho que não podia ser metaphysico, como um Kant ou como Bacon, esquecia-se de Deus e da providencia.

E lá vai arrastando a peior cruz que as *circumstancias* lhe podiam preparar — a de pedir esmola.

— Seja louvado Nosso Senhor Jesus-Christo! Poderão favorecer um ceguinho com a sua bemdita esmola, que o não posso ganhar?

E uma boa matrona, uma fidalga, que no fim da vida se reconciliava com Deus para que lhe perdoasse as vezes que se prostituira com o seu lacaio ou gallego, dizia-lhe, entregando-lhe um vintem:

— Tome lá; lembre-me nas suas oraçoezinhas; e seja isto tudo pelo *amor de Deus.*

— Sim! pelo amor de Deus! (dizia elle) porque o

cego que não ateou por suas mãos a guerra, que não seduziu donzellas, nem offendeu os homens em qualquer sorte de sentimentos, não é digno do amor da sociedade!

—Seja louvado Nosso Senhor Jesus Christo!

—Perdôe-me pelo *amor de Deus*—dizia alguma pobre mulher, se não tinha que dar ao pobre.

—Sim! pelo *amor de Deus!* porque o pobre cego que não póde modificar a inconveniencia das estações, que não póde dar a chuva ou o bom tempo, não póde perdoar por si ao lavrador o ser victima da fatalidade dos phenomenos naturaes.

Tudo se me dá pelo *amor de Deus!*

Todos se imaginam ricos ou pobres pelo *amor de Deus!* Todos creem poder tirar do pão, que a terra lhes produziu, um cantinho para o cego, exclusivamente pelo *amor de Deus*; e o cego vai continuando pelo seu escabroso caminho, completamente esquecido pelo rico que o favoreceu, pelo rico que fica todo voltado para Deus, pedindo-lhe com a exigencia propria de quem faz simplesmente uma *troca*, que lhe tire da conta dos seus peccados mais um em substituição da esmola dada ao pobre diabo, ao pobrezinho que o infastiou com a triste historia do *porquê* dos seus infortunios; ao pobrezinho do qual nem o nome lhe decorou; ao martyr que deu os filhos para a guerra e que, quando moço e robusto, salvou a vida a uns poucos de naufragos, prestes por pouco a terminarem a sua gloriosa existencia no vasto e humido cemiterio do Atlantico!

A noute surprehendera o pobre velho por uns descampados, onde raro se encontrava um tecto que lhe podesse servir de asylo. Enormes aguaceiros impediam-no de proseguir, e o fusilar do relampago nem ao menos, por um só momento, lhe mostrava baçamente o carreiro pelo qual fosse mais direito ao tugúrio que o abrigasse; ás vezes tropeçava n'uma pedra e cahia; mas a coragem não o abandonou e lá foi dar a muito custo, ora por aqui, ora por alli, a uma casa de pobre apparencia; n'esse momento lembrou-se da Biblia. *Pulsate et apperietur vobis.* (Batei; abrir-se-vos-ha). E bateu. Alguem veio abrir a porta. Era uma viuva, a qual possuia n'este mundo um só bem—um filho.

O velho comeu e dormiu alli n'essa noite. Ao outro dia, quando elle bemdizia a estrella que para esta casa o encaminhára, a viuva assim lhe fallou, depois de lhe ouvir a historia:

«A estrella obedece apenas á lei que a fórça a descrever a sua orbita; a sua luz poderá apenas servir de guia ao nauta que a contempla e não a um cego, impossibilitado de a ver.

É-lhe preciso um guia: ahi tens o meu filho, leva-o; elle te mostrará o caminho que deves percorrer.

Sou pobre; um dia poderá faltar-me o pão, se te sobrar algum, vem aqui e eu comerei metade d'elle; e o meu filho e o teu pão, que sejam unicamente dados pelo nosso amor, que é o amor dos homens entre si; é esta a verdade a mais positiva e a mais salutar que um Deus ou um homem podia ensinar á humanidade. Por mim, (não sei bem porquê) creio mais no filho de Deus, que no proprio Deus pae.

Vae, meu irmão, e que os homens te favoreçam pelo amor que te devem.»

O pobre cego chorava pela primeira vez de alegria depois do seu estado de trevas; levado pela mão do seu filho adoptivo, achou-se em breve no campo; ahi lançou-se de joelhos sob a relva e, escondendo o rosto com as mãos, exclamou:

—Seja a tua gloria maior e mais valiosa do que todos os mundos descobertos e por descobrir, ó Christo! que proclamaste essa consoladora maxima—*Amaevos uns aos outros!*

Bemdita a luz que vejo dimanar d'essa verdade; só agora me sinto feliz, por ti e só por ti, porque posso aconchegar ao meu peito um fructo do mutuo amor da humanidade!

Lisboa, 78.

J. T. da Silva Bastos.

Enigma figurado

EXPLICAÇÃO DO ENYGMA N.º 1

Pedro V é rei carpido

PORTO—TYP. OCCIDENTAL, RUA DA FABRICA, 66—1879

GALERIA COMMEMORATIVA

DOS

ESCRIPTORES FALLECIDOS

III

REDACTOR DE VARIOS JORNAES

NASCEU NO PORTO A 7 DE AGOSTO DE 1828

MORREU NO PORTO A 29 DE AGOSTO DE 1869

ARNALDO GAMA

POETA E ROMANCISTA PORTUENSE

Só podem resistir á crua guerra
da morte o nome e a gloria,
que têm por solio o céu, por patria a terra,
por vida eterna a historia.

Arnaldo Gama

O *Museu Illustrado* é o primeiro periodico do paiz que apresenta aos seus leitores os retratos de muitos escriptores portuenses notaveis e dignos de tal distincção.

Ainda que tardia a idéa nem por isso deixa de ser essencialmente louvada.

Arnaldo Gama era um dos mais notaveis romancistas portuguezes, dotado d'uma alta intelligencia, e de uma comprehensão não vulgar dos anfractuosos mysterios do passado, que tão completamente fez destacar em todos os seus livros.

Aquelles dos nossos leitores que desejem vêr passar em revista as differentes phases d'aquelle espirito, os que pensem em procurar n'estas linhas despretenciosas a physionomia moral d'um homem que todos conheceram, em primeiro logar pelos seus talentos e suas qualidades, e em segundo porque ainda ha bem pouco tempo o viam passar sereno e despreoccupado, voltem a pagina, por isso que lhes não podemos satisfazer a curiosidade. — Para se escrever uma biographia n'estas condições, além de dotes especiaes que não possuimos, é necessario ter-se acompanhado desde o berço ao tumulo o biographado; e o tentar recompôr o individuo pelas obras, além de arduo e difficil, nem sempre dá o resultado que se espera, porque o velho aphorismo — *o estylo é o homem* — nem sempre, e muito menos nos tempos modernos, é verdadeiro e incontestavel. Nem tão pouco nos é isso exigido, porque, se o fôra, largariamos a penna por incompetente. O que nos pedem são apenas duas linhas que recordem ao espirito d'aquelles que leem no nosso paiz os principaes factos da vida do illustre romancista.

Dizemos recordar quando deveriamos dizer talvez noticiar. Recordar suppõe haver uma reminiscencia mais ou menos longinqua, e o publico portuguez é essencialmente indifferente e esquecido. E quando se não esquece, nem sempre galardôa como merecem aquelles que consagram a sua vida, a sua saude, os seus interesses a esta aspera, a esta desconsoladora carreira das lettras. As proprias estrellas de primeira grandeza nem sempre escaparam á injustiça e á ingratidão; os cegos não pódem vêr a luz suavissima que d'ellas se irradia!

Desgraçada carreira! e desgraçados d'aquelles que a seguem! Durante longas horas, durante longas noites, frias e tempestuosas, trabalha-se de um modo verdadeiramente desesperador, tendo-se em vista não sei qué, que nos luz ao longe, muito ao longe... e quando nos sentimos fatigados e doentes, quando vêmos o tumulo abrir-se silenciosamente aos nossos olhos, quando julgamos que o nosso nome ficará para sempre vinculado á época em que vivemos, é então que temos chegado, á gloria? não; ao esquecimento!

Ha, porém, um pequeno numero de privilegiados que assistem ainda em vida á sua coroação: ha outros, ainda, cujo nome não é completamente riscado da memoria d'aquelles que n'outro tempo os admiraram.

Arnaldo Gama pertence a este segundo grupo, e a hora de esquecimento ainda não soou para elle, nem felizmente soará tão cedo. O Porto, que se orgulha de ter entre as suas mais preciosas glorias os nomes de Soares de Passos, Julio Diniz, Coelho Louzada, Ernesto Pinto, etc., não é menos vaidoso de ter sido o berço de Arnaldo Gama. — Foi aqui que elle nasceu no dia 7 de agosto de 1828; aos 18 annos, vemol-o em Coimbra trabalhando para obter a formatura em direito, que conseguiu no anno de 1851. Voltando ao Porto collaborou activamente em muitos jornaes e periodicos litterarios, taes como a *Peninsula* e o *Mosaico*, etc., e dirigia o *Jornal do Norte*. Ao mesmo tempo ia publicando aquella longa serie de livros, todos magnificos, todos excellentes que se chamam:

O *Genio do Mal* (4 vol.); *Poemas e contos; Verdades e Ficções* (2 vol.); *Sargento-mór de Villar* (2 vol.); *A caldeira de Pero Botelho; Ultima dona de S. Nicolau; o Filho do Baldaia; Motim ha cem annos; Honra e Loucura; Segredo do Abbade; Balio de Leça e El-rei Dinheiro.* [1]

O estudo d'estes romances levaria muito mais espaço do que o de que podemos dispôr; nem a obra de um vulto eminente como o de Arnaldo Gama póde ser analysada rapidamente, *à vol d'oiseau,* como necesssariamente deveria acontecer. Não o faço, e deixo a outros mais habilitados o fazerem este estudo aliás proveitoso, porquanto isso leval-os-ha a analysarem além do individuo as condições do meio em que viveu, e, n'essas, ir-se-hão encontrar com a influencia exercida por certo grupo de homens importantes, dos quaes uns morreram com Girão e Xavier de Novaes, outros estão convertidos ao utilitarismo como Delfim Maia e Ribeiro da Costa.

Os romances de Arnaldo Gama além de uma imaginação fertil revelam um estudo aturado. Tentando geralmente fazer reviver alguma epocha importante, o estylo, o desenho dos caracteres, a topographia, etc., mereciam-lhe um cuidado especial nunca desmentido em nenhum dos seus trabalhos. Tamanho excesso de trabalho não

[1] Além d'estas obras deixou incompletos dois romances: o *Satanaz de Cour,* a *Obra do Diabo*, e um Diccionario.

poderia deixar de affectar profundamente a sua constituição e assim a morte, que, com relação aos bons talentos portuenses, nunca os tem deixado chegar ao verdadeiro periodo de maturação, roubou á admiração d'aquelles que em Portugal se entregam ás lettras, na edade de 41 annos, o vulto respeitado de Arnaldo Gama.

Tinham-se então para elle aberto as portas da Academia das Sciencias, de que tinha sido nomeado socio correspondente em sessão de 10 de outubro de 1867, e as do Gabinete de Leitura em Pernambuco, sendo eleito em 27 de maio de 1868. Além d'estas distincções e de outras que por ventura tivesse, mas não vieram ao nosso conhecimento, Arnaldo Gama era condecorado com a Torre e Espada em virtude dos serviços prestados ao paiz.

A sua morte foi geralmente sentida; no entanto o indigena portuense, se nos dias seguintes se lembrou ainda d'aquelle grande romancista, não procurou de modo algum salvar do esquecimento um outro d'aquella importancia! Comprehendeu a sua missão; não é ao indigena que compete aquilatar do merecimento dos homens de lettras; para esses Prudhomme seria um genio e Byron um idiota.

Arnaldo Gama casou em 1858, e d'este casamento houve 8 filhos que não são a mais imperfeita das suas obras. D'um d'elles, Augusto Gama, tem o auctor d'estas linhas o gosto de ser amigo dedicado; é por isso que me limito a dizer que as qualidades de Arnaldo Gama não se perderam completamente! E é uma felicidade; porquanto, quando seu filho, que hoje é uma creança, nos apresentar as obras que o seu provado talento nos leva a exigir d'elle, nós continuaremos a admirar o deslumbrante talento do pae, nos apreciaveis trabalhos do filho!

MAXIMIANO LEMOS.

UM IMPOSSIVEL

(INEDITO)

É de amor o cantar docemente,
É de amor docemente sentir,
Quem bem ama... esse olvida o presente,
E não teme, não olha o porvir.

O poeta assim ama, assim pensa,
É de fogo, é ardente em amar;
Mas os gosos, que amor lhe dispensa
Póde acaso uma lyra dictar?

É d'amor o cantar docemente,
É d'amor docemente sentir,
Mas nem mesmo o poeta que o sente
Póde os gosos d'amor exprimir.

O presente não teme, — elle o olvida,
Do futuro elle sabe zombar,
Mas d'amor esses gosos, querida,
Bem que o queira não póde expressar.

Porto, 8 d'agosto de 1848.

ARNALDO GAMA.

A POESIA CATALÃ

RENASCIMENTO LITTERARIO

(Continuado da pag. 25)

III

Dividiremos a litteratura catalã em quatro epochas distinctas [1]; a primeira, que teve por centro litterario a Catalunha propriamente dita, comprehende os seculos XIII e XIV, e póde-se chamar *eschola dos trovadores*; a segunda, que abrange os seculos XV e XVI, teve por centro Valencia e denominal-a-hemos *eschola italiana*, em razão de se dar durante este periodo a influencia de Dante e Petrarcha; a terceira, que termina nos principios do seculo XVIII, é a epocha de decadencia ou do *culteranismo;* emfim a quarta é a *renascença,* que teve principio em 1833.

D. Jayme, apezar de receber pelas suas largas conquistas o cognome de Conquistador, «tenta, mas em vão, tornar a levantar a nacionalidade do Meio-Dia, caída com seu pae na batalha de Muret; porém funda em seu logar a nacionalidade catalã, e com ella uma lingua que emprega em suas correspondencias, em suas leis, em seus tractados e em suas obras litterarias»; porque D. Jayme foi ao mesmo tempo rei e chronista, soldado e philosopho. Este rei, cujo governo se prolongou por meio seculo, e que creou em volta de si uma aureola de gloria e sanctidade, que a tradição e as lendas se encarregaram de engrandecer e augmentar a ponto de fazerem d'elle o personagem

[1] N'esta divisão afastamo-nos do snr. Balaguer, que divide a litteratura catalã pela seguinte forma: 1.º Epocha provençal (seculo IX a XIII); 2.º Epocha catalã (XIII a XV); 3.º Epocha valentina (XV a XVII); 4.º Renascença (seculo XIX).

mais querido da antiga historia catalã, escreveu uma *Chronica* e um *Livro de sabedoria*, que lhe grangearam a reputação de escriptor distinctissimo. Na sua côrte viviam os trovadores de mais nomeada e os homens de mais conhecimentos, que elle animava e protegia. É então que começa na realidade a litteratura catalã. Durante dois seculos (XIII e XIV) vemos succederem-se poetas e historiadores, ou antes, para fallarmos com mais propriedade, trovadores e chronistas dignos de menção; d'entre estes ultimos citaremos, além de D. Jayme,—Desclot, Memtaner, Pedro o Ceremonioso, Pingpardines e Marsilio; e d'entre os primeiros Kanson Vidal de Besalú, Marfre Ermengaut (que, segundo Balaguer, é auctor de um *Breviario d'Amor*, no qual Dante foi beber a idéa do seu sublime poema, a *Divina Comedia*), Arnaldo Vidal de Castelnoudaury, Jayme Febrer, Jayme Arnaldo, Pedro March, Domingo Mascó e Luiz de Aversó.

Fallando d'esta epocha litteraria, diz o snr. Victor Balaguer:

«Os seus trovadores e poetas, com arte talvez mais profunda que a dos antigos, desterram a affectação dos seus cantos, e em expressão simples e verdadeira, sem amontoar palavras, dão clareza ao estylo e sobriedade de conceitos aos versos. Escrevem porque sentem, não porque finjam sentir; e vê-se n'elles mais o instincto que busca a realidade do que a imaginação correndo desregrada pelos espaços.»

Em 1393 fundou-se em Barcelona um consistorio de jogos floraes, ou academia de *Gaya Ciencia*, á semelhança do que existia em Tolosa desde 1324. O fundador foi D. João I, que nomeou dois trovadores, Luiz de Aversó e Jayme March, para irem estudar os estatutos dos jogos floraes da Provença. Esta instituição, que teve origem em Tolosa, veiu substituir as antigas côrtes de amor, que desappareceram por causa da intolerancia catholica com a cruzada contra os albigenses. Havia tres premios n'estes jogos floraes: a violeta d'ouro, o jasmim de prata e a flôr d'acacia; o primeiro era concedido á melhor canção que se apresentava a concurso, o segundo á *sirventi* de mais merito, e o terceiro á ballada que obtivesse o primeiro logar da classificação.

Os jogos floraes foram sempre protegidos pelos reis; e consta que D. Martinho, o Humano, estabeleceu uma pensão para se comprarem os objectos destinados a premiarem o merito poetico. Mas, com a morte d'este monarcha (1410) termina na verdade o periodo aureo da litteratura catalã, ainda que, a eschola trovadoresca se prolongou por mais alguns annos. Com a morte de D. Martinho e as luctas que se lhe seguiram, esqueceram-se os jogos floraes; subindo ao throno, Fernando o Justo, o d'Antegueza, tentou o celebrado marquez de Villena restabelecel-os, para o que foi de proposito a Barcelona, e conseguiu dar-lhes uma certa animação; mas bem depressa começaram a arrastar uma vida artificiosa e sem importancia.

Affonso V, o Magnanimo, que succedeu a D. Fernando, levou a sua côrte para Napoles, onde reuniu em volta de si litteratos, sabios e poetas de Italia, de Castella e da Catalunha. É então que termina a eschola dos trovadores para dar logar á eschola italiana, que começa com Jordi de Sant-Jordi, imitador e quasi traductor de Petrarcha.

A poesia provençal trouxe a Renascença da antiguidade na Italia, que veiu mais tarde a dominar em toda a Europa. Na primeira metade do seculo XVI foi a eschola italiana introduzida em Castella e em Portugal, alli por Boscan e Garcilasse, e aqui por Sá de Miranda; na Catalunha deu-se esta introducção um seculo mais cedo, pois, em meados do seculo XV já a eschola se tornára celebre em Valencia, que foi o centro litterario d'esta poesia. Ao inspirado poeta elegiaco Jordi de Sant-Jordi, que tanto se destinguiu na côrte de Affonso V, seguiu-se Ausias March, o poeta mais conhecido da Catalunha, e a quem os seus compatriotas chamam o *Petrarcha valenciano*. D'elle diz o illustre poeta catalão, que nos vem servindo de guia: «Nota-se n'elle a imitação do amante de Laura, unida, porém, a certo sabor trovadoresco e a certo gosto provençal, que se casam admiravelmente n'este grande poeta. O seu estro é levantado, a sua dicção robusta, o seu fundo original, a sua imaginação portentosa, e os contos de amor viverão, emquanto viverem na humanidade o amor á poesia e ao sentimento. Ausias March é um poeta que marca epocha e funda eschola.»

Muitos poetas seguem a nova eschola, Andrés Febrer, que traduz em catalão a *Divina Comedia*, e Hugo de Rocaberti, que segue os passos do immortal Dante na sua *Comedia de la Gloria de amor;* no seculo XVI, quando a poesia já estava em decadencia, ainda se notam Pedro Serafi, imitador de Ausias March e Juan Pujal, auctor da *Batalha de Lepanto*, tentativa epica de pouca elevação, devida á corrente litteraria que fez apparecer na Italia a *Jerusálem libertada,* e em Portugal os *Lusiadas*.

N'esta epocha vemos celebrarem-se em Valencia e em Barcelona os jogos floraes, e serem disputados os premios por innumeros poetas: Cozella, Gazull Fenollar, Valmonya, Requezens, etc.

A prosa entretanto continua as antigas tradições. Aos chronistas dos seculos XIII e XIV succedem-se os historiadores Pedro Tomich, Gabriel Turell, Jeronymo Pau, Pedro Miguel Carbonnell, Pedro Antonio Beuter, Dionisio Jorba, Viciano, Icar e Calza.

A poesia catalã começou a decaír em principios do

seculo XVI, não porque a Catalunha deixasse de ter poetas, mas porque estes começaram a adoptar a lingua castelhana. Boscan, um dos introductores da eschola italiana em Castella, era barcellonez, e, como este, muitos outros abandonaram o dialecto patrio para só escreverem em castelhano.

Na terceira epocha da litteratura catalã nota-se na poesia uma falta de ideal que a eleve. O *culteranismo,* que teve influencia em toda a Europa sob varios nomes, gongorismo, euphemismo, marinismo, tambem se fez sentir na Catalunha. O mysticismo invade a poesia; escrevem-se romances sacros, dramas religiosos, labyrintos poeticos.

O poeta catalão d'esta epocha, que gosa de mais celebridade, é Vicente Garcia, reitor de Vallfagona, em quem, segundo diz o snr. Balaguer, «é verdadeiramente de sentir que o ruim e o vulgar prejudiquem o serio e o sublime»; n'elle se encontra a influencia de que fallamos; percorrendo as suas obras encontramos por exemplo uma *Comedia famosa de la gloriosa verge y martyr Santa Barbara*, um soneto *em fórma de laberinto,* em que se vê innumeras vezes o nome de Thereza de Jesus, e um romance com esta epigraphe: «Ao certamen que se celebrou na cidade de Gerona, pelas festas da canonisação de Santo Ignacio de Loyola, fundador da companhia de Jesus,» etc.

O sr. Victor Balaguer nomeia tambem, como digno de especial menção, José Fontanellas y Martell, auctor de uma tragicomedia catalã.

No seculo XVII está a historia representada por Francisco Marti y Villadamor, Gaspar Sala y Berart, Jeronymo Prejades, Monfar y Sors, Francisco de Moncada, Andrés Bosch e muitos outros.

As luctas da succession, em que os catalães combateram pelas suas liberdades contra Filippe V, deram em resultado a ruina de Barcelona (1714) e a queda, ou antes suspensão da sua lingua e litteratura.

TEIXEIRA BASTOS.

(*Continúa.*)

APOTHEOSE

Eu sahi da cidade, e distrahidamente
Fui ao campo parar. Absorto, indifferente,
Não erguia a cabeça olhando o claro azul,
As nuvens d'algodão correndo para o sul,
E a alegria cruel da vasta natureza
Que parecia ter a singular belleza
D'alguem que zomba e ri d'uma funesta dôr.
Irradiava o sol torrentes de fulgor
Que lançavam a terra em jubilos. A aragem
Passava docemente. Eu fui seguindo a margem
D'uma corrente d'agua, orlada de chorões,
Pensando no pezar e nas desolações
D'aquelles que no mundo ergueram no seu peito
Um sacrario d'amor e viram-no desfeito
Pelo cynismo vil d'uma mulher banal.
Ia andando assim d'um modo machinal,
Até que fui parar á borda d'um lameiro.
N'aquella podridão nojenta de chiqueiro
Vivia todo um mundo horrivel de reptis,
Como agglomeração feita de cousas vis,
E tudo isto inspirava um asco illimitado!
— Então, puz-me a lembrar teu rosto idolatrado,
As caricias de luz do teu rasgado olhar,
Que é meigo como a aurora e fundo como o mar;
As graças do teu corpo esvelto e langoroso,
O teu longo cabello em tranças, tenebroso,
— Como sombra espalhada em brancas regiões;
Teu lucido perfil de gregas correcções,
O afago musical da tua voz serena,
E os apertos de mão da tua mão pequena!
As lembranças d'amor, recordações fataes,
Choravam como um côro ingenuo feito d'ais,
Um côro que se perde ao longe. Novamente
Contemplei o monturo, e allucinadamente
Eu puz-me a revolver aquella podridão...
Para ver se encontrava alli teu coração...

1878.

GASPAR DE LEMOS.

A PRIMAVERA

Primavera! A juventude do anno, a sêda das folhagens, os matizes das flores, as galas das campinas, a estação dos amores!

Que de inexplicaveis encantos ella não tem! Quantos thesouros inexhauriveis ella não traz!

Eil-a com toda a variedade e belleza das suas plantas, desde a humilde bonina que vegeta no fundo do valle até ao altivo e amoroso carvalho, que soberbo se eleva no cume da montanha levantando para os ceus os seus ramos frondosos.

Os sombrios bosques, as quebradas dos montes, as planicies expandem novos perfumes e novas bellezas se offerecem.

Além doudeja por sobre as messes douradas dos

trigos a matizada mariposa; as papoulas levantam sua corolla rubra por entre os malmequeres e os loios. Vermes listrados rastejam pela terra esbroada e humida dos chuveiros hibernaes. O olfato delicia-se com os suavissimos perfumes que de todos os lados se exhalam; a vista perde-se pelo ether do firmamento e se expraia pelas verdes alfombras que revestem as campinas; o ouvido deleita-se com as melodias dos alados cantores, com o murmurio dos riachos, cujas aguas prateadas e crystallinas perpassam por entre lucidos seixos. Ao longe ouve-se, a par das cantilenas tristes e monotonas dos pegureiros, do rumor aspero da nora do cazal, o sino do campanario soando festivalmente, o grito do gallo ao debater o pó das azas e o cacarejar assustadiço das gallinhas espantadas por qualquer extranha invasão.

Frondosas e copadas arvores dão animadora sombra e realce á este quadro aprazivel.

O ar fresco e sereno, os prados rindo, o sol espreitando através das nuvens purpurinas do decahir da tarde, o pachiderme vagaroso e indifferente sulcando a terra com a relha do arado, os gorgeios alegres da philomela, o canto plangente da cotovia mesclado com o pio lascivo do pardal...

Tudo isto e muito mais de bello, de magestoso, de delicado e harmonioso que a nossa debil penna não póde descrever pela sublimidade do assumpto!...

E agora digam-nos se ha prazeres, se ha felicidade egual á que póde trazer esta esplendida quadra do anno com que o Creador pela sua infinita bondade e sabedoria presenteou o homem: o homem! essa creatura mesquinha, e que olha para tantas maravilhas com a maior indifferença, que recebe esses dons com a ingratidão do mau e do incredulo.

Lisboa—79.

SILVA PEREIRA.

(A TEIXEIRA BASTOS)

Logar á Nova Idéa, ó falsos crentes
Das mil ficções ridiculas do culto;
Fechae o vosso Deus nas cathedraes
Que nova biblia o mundo já folheia:
Fechae-o bem depressa; se deixaes
As portas mal cerradas, em tumulto
Irão bradar alli vozes frementes,
Logar á Nova Idéa!

Deixae seguir seu curso ás caudalosas
Fontes de luz, que emanam do infinito
Do coração augusto do Progresso!
Quem ha de pôr barreira ás leis eternas?
O Pensamento quebra o vulto espêsso
D'um Deus que não responde ao justo grito
Que soltam febrilmente tão sequiosas
As gerações hodiernas.

Deixae, deixae banhar a humanidade
No divinal fulgor do novo anhelo!
Tentar detel-a é crime; ao dia d'hoje
Ha-de seguir-se em breve o dia pródigo
Em que o espirito altivo mais se arroje
Aos páramos de luz, e em throno bello
Ha-de a formosa diva — Liberdade,
Dictar o nosso codigo!

Vêde, padres e reis, como caminha
A multidão sedenta do porvir!
Salvae, salvae o Deus, sceptros e c'rôas,
Que vai findar seu tempo de fastigio.
Encerre a adulação as falsas lôas,
Que d'ora ávante os hymnos que hão de vir
Serão do povo a voz que se avizinha,
Saudando outro prodigio.

Sim! Vai descer á terra a aspiração
Dos corações famintos de justiça!
Impelle-a a forte mão d'um Deus gigante,
D'um Deus que a nossa esp'rança não falseia.
Ó cegos que julgaes muito distante
O despenhar terrivel da cubiça!
Tomae cuidado! O rigido alvião
Destroe a Velha Idéa!

Logar á Nova Idéa! Sacerdotes
Do despotismo horrivel, miseravel,
Que fez chorar a terra ondas de sangue,
E fez gemer afflicto o mar fecundo!
O corpo que deixastes quasi exangue,
Ergue-se agora altivo, inexoravel,
Lançando sobre a turba d'Iscariotes
Anathema profundo.

Foi uma longa noite o vosso dia,
Noite sem uma estrella bemfazeja!
O homem, propriedade d'outro homem,
Rojava-se na lama aos pés do forte,
Supportando miserias que consomem.
D'um lado tinha o throno, d'outro, a egreja;
Se levantava a fronte, essa heresia,
Punia-a logo a morte!

Vêde-o curvado alli, face na terra,
Inundado de pranto e de suor;
Em volta, as louras messes undulosas
E os fructos que balouçam nos arbustos,
Bemdizem suas luctas corajosas
Contra o frigido inverno assolador,
E attestam que venceram n'esta guerra
Os seus braços robustos.

Pois bem! n'esse thesouro que alcançou
Da inexgotavel fonte — a Natureza —
Nenhum quinhão lhe cabe de direito!
Quem pensa nos direitos dos escravos?
Esmaga-lhe a desgraça o nobre peito,
Mas o *senhor* descança na riqueza
E se um lamento amargo o perturbou,
Castiguem-se os aggravos!

E foram vossas mãos, raça potente
De padres, reis, e todo o sangue nobre,
Que, infamando Jesus, arremessaram
Aos despresados páreas a cadéa!
Mas eis que um dia emfim se levantaram,
E, desmanchando o véo que os astros cobre,
Escreveram na fronte do presente:
Morreu a Velha Idéa!

Logar á Nova Idéa! Vem julgar
Serena e forte os crimes do passado
Traz n'uma lousa os prantos de Bonhomme,
E n'outra as quentes cinzas de Jean-Huss.
Conhece bem as victimas da fome,
E tendo tanta dôr examinado
Alonga pelo céu o firme olhar,
E diz: — *Fiat lux!*

E surge logo a pleiade d'heroes
Que o fanatismo arrancam das peanhas,
Sem usar de punhaes ou bacamartes,
Mas só pedindo auxilio ao novo Deus!
Um leva a luz ao espirito e é — Descartes;
Este encontra na terra mais entranhas;
É Bukland talvez: outros mil soes
Ascendem pelos céus.

Alli Keppler aponta as leis austeras
Que imperam sobre os astros que resplendem
No deslumbrante abysmo d'esse espaço
Onde um enigma — a Força — tudo move.
E emquanto d'Alembert toma o compasso,
E de Fulton as mãos as vagas fendem
Como um tributo eterno, nas espheras
Echôa o *eppur si muove!*

Repete cada qual o excelso *eureka*;
Colombo dá aos homens novo mundo,
E Gama e Cook ao mundo outros paizes.
E os reis e clero? Oh! Bebem bom phalerno
Nas torpes saturnaes; e aos infelizes
Filhos do povo triste, recto, immundo,
Exigem-lhe inda a vida d'hypotheca
Pelo terror do inferno!

Porém, debalde as feras lançam fel
Para apagar a luz da grande aurora;
Criam n'um dia a Saint-Barthélemy,
No outro vão soprar á inquisição;
Mas não vêem mover o bisturi
Nas mãos da nobre Idéa julgadora,
Nem ouvem o moderno Daniel
Bradar — Destruição!

Eil-o o noventa-e-tres! Fique submerso
O tyranno da crença e Liberdade!
Acorda do teu somno, ó regio povo!
E exclama com a altivez da consciencia:
Creou a Evolução um culto novo:
É padre d'este culto a Humanidade:
E no esplendido templo do universo
O Deus é a sciencia.

Coimbra—10—78.

ANGELINA VIDAL.

O PINTOR

ROMANCE HISTORICO

IV

Bruxellas

N'um dos bairros mais afastados da cidade de Bruxellas, em uma rua tortuosa e escura, escuridão esta que lhe provinha da sua estreiteza, havia uma estalagem, que era frequentada por gente de baixa condição. O estalajadeiro, homem egoista e avarento, era tido entre aquella gente como honrado; fazia o seu negocio e *esfollava* os freguezes da melhor maneira que podia.

Tinha dado meio dia.

Alguns freguezes do mestre André, (assim se chamava o taberneiro) estavam sentados junto d'uma meza. Reinava entre elles uma perfeita harmonia e uma

acalorada conversação que, de vez em quando, era animada por estrondosas gargalhadas.

Um d'estes era um veterano que tinha servido no tempo de Carlos V, um tenaz partidario d'este monarcha e que havia deixado o serviço militar, quando o imperador se retirou para a Biscaya a fim de se recolher no convento de S. Justo. Este veterano era o que mais vivamente fallava; e aquelles que o ouviam parecia darem-lhe muita attenção.

—É o que te digo, meu Corcodilo velho, tu nunca ouviste sibilar os pelouros junto aos ouvidos, nem tão pouco tens defendido com a lança, palmo a palmo, a terra que pizas:—dizia o veterano, dirigindo-se a um seu amigo que lhe ficava em frente.

Este amigo era um antigo marinheiro, homem de 45 a 50 annos de edade, alto e proporcionalmente gordo, as faces avermelhadas e crestadas pelos raios do sol.

—Oh! c'os diabos!... toca a ferrar o panno que ahi vem vendaval!—respondeu o marinheiro, dando uma grande risada.

—É o que te digo, sim,—tornou o veterano—fui soldado 40 annos e vi-me a braços com o inimigo em mais batalhas do que tu tens visto de temporaes. C'os diabos!... eu que já pizei os areaes d'Africa, que, com 50 mil companheiros, puzemos cerco a Goletta, que teve de se render, e, depois de victoriosos, entramos em Tunes, onde libertamos mais de 20 mil christãos!...

—E que tem ir a Africa e pôr cêrco a uma cidade? Foi só ahi que ouviste sibilar os pelouros?... — perguntou o marinheiro com um sorriso de escarneo.

—Só ahi!... ora essa!... Depois que voltamos d'Africa, inda fomos á França e tivemos outro cêrco, foi o de Arles, e fomos sempre vencedores; porém, em Metz, não aconteceu assim, porque soffremos uma derrota completa. Oh! cada vez que me lembro! Ainda não posso acreditar que aquelle maldito duque de Guize nos pudessse vencer!... Mas isso já lá vai... Emfim, acompanhei o imperador Carlos V em todas as batalhas. Que te parece? ainda achas pouco? Que podes tu alardear de guerras e de perigos?!... nada...

—Nada... nada—acudiu o marinheiro estimulado depois de despejar a sua altamia—ora vêde como são as cousas! quatro lançadas nos mouros, em terra firme!... ter só contra si esses perros que mesmo a braço se derrotavam!... Ouves, meu amigo, eu queria mas era vêr-te junto á peça, fazendo fogo, e unicamente defendido pela amurada do navio!... Tu, em Metz e Goletta, tinhas só um inimigo, eram os descrentes, e eu tinha a vencer dois muito mais terriveis: um, era o mar e o outro, um indiabrado maritimo.

—Então quem era?—perguntou um dos amigos do marinheiro que o escutava.

—Quem era?! Pois ainda o não adivinhastes?!... Era o famoso Barba-roxa!...

Ao ouvirem este nome, todos tomaram um ar de espanto.

—Oh!... aquillo sim, aquillo é que foi uma batalha!—continuou o homem do mar vendo que todos lhe prestavam, admirados, a maior attenção.—O Barba-roxa e a sua gente batiam-se como desesperados: mas, da nossa parte tambem não faltava animo. A acção durou muitas horas, mas nós ficamos victoriosos e o terrivel almirante cahiu prisioneiro em nossas mãos.

—Foi uma grande victoria, é verdade—disse o veterano, vendo que, se continuasse, podia perder a partida—mas, já vês que os perigos por que passaste não foram maiores do que os meus. Emfim, eu fui um bom soldado e tu um bravo marinheiro. Em quanto aos perigos do mar... esses...

—Quê! os perigos do mar!...—retorquiu o marinheiro, como ferido no seu amor proprio—e achas que são pequenos?! Por Christo!... eu que já tenho visto o mar prestes a engulir o meu galeão!... eu, que tenho sentido gemer aquellas frageis taboas cedendo á força das ondas!... eu, finalmente, que tenho visto o vento rasgar as vélas do navio com uma furia medonha! Tu sabes o que é soffrer os revezes do tempo sustentado apenas por um fragil lenho?!... Já viste no mar uma noite de tormenta, em que o céu, coberto por um manto negro, envolve tudo em trevas, e que só se póde distinguir toda a embarcação ao fuzilar d'um relampago?! Já foram as tuas orações interrompidas por uma vaga que viesse partir-se junto de ti, ou pelo espantoso ribombar do trovão?! Ah! meu caro... o meu inimigo é mais terrivel do que o teu, porque esse póde ser vencido e o meu, não ha poder na terra que o possa vencer. É um inimigo implacavel.

—Apre!... tu fallas como um doutor!... o perigo é, na verdade, bem grande; mas parece-me que tudo é morrer, ou com a barriga cheia d'agua ou atravessado por uma lança—respondeu o veterano galhofando.

Uma unisona e estridente gargalhada geral veiu pôr termo a este dialogo.

O veterano retorceu o seu espesso bigode, como quem se sabia victorioso d'aquelle ataque; o marinheiro estava descançadamente saboreando um appepetitoso guisado que tinha defronte de si, e egualmente persuadido da victoria. Mestre André que tinha chegado n'este momento, depois de saber o motivo de tanta hilaridade, quiz tambem emittir a sua opinião e disse aos seus freguezes:

— Eu, cá por mim, creio que tanto um como outro teem razão.

— Bravo, bravo, — responderam tres ou quatro a um tempo.

— É verdade, mestre André, concordo, mas agora como já não sou soldado e sim um pobre velho, não tornarei a vêr-me de braços com inimigos.

— E ha muito que abandonaste as armas? — perguntou ao veterano, um rapaz, que pela sua apparencia, as mãos quasi negras, a cara suja mostrava ser, como de facto, um official d'alfageme.

— Desde que o nosso imperador Carlos v tirou a corôa da cabeça e a poz na de seu filho, o snr. D. Filippe II, e que se retirou para um convento...

— É verdade... e que vos parece isso? — tornou o alfageme.

— Eu sei lá. Quiz morrer para o mundo, e foi sepultar-se entre as quatro paredes d'uma cella.

— É coisa celebre! deixar assim de governar...

— E então? quem sabe lá os motivos — resmungou o veterano.

— Algum desgosto...

— Talvez...

— E dizem que seu filho o snr. D. Filippe II tambem anda sempre triste — acudiu o marinheiro.

— É certo, e querem que essa tristeza seja por causa da morte da sua primeira mulher — respondeu o alfageme.

— Parece-me tambem que sim — disse o veterano — e já me tem contado Pero Vaz, que é seu escudeiro e muito amigo, que quasi nunca o vê rir; dá poucas fallas e até me disse, — continuou, debruçando-se na meza e fallando em confidencia aos seus amigos — até me disse que o tem visto chorar!...

— Ora essa! — exclamaram quasi a um tempo o alfageme e o marinheiro.

— É o que vos digo — affirmou o veterano com orgulho.

— Mas, parece-me impossivel que o snr. D. Filippe II tenha tantos pezares sendo um rei! — observou mestre André.

— Ah! ah! ah! vós julgais que só os peões teem momentos de tristeza e motivos para chorar — retorquiu o veterano, rindo.

— E assim é — disse o marinheiro — porque bem se diz que, quanto maior fôr a nau, maior nos parece tambem a tormenta.

(Continúa.)

A. MORAES.

EDADE DE BRONZE

Mais um passo se andou na immensa estrada
Da vida social. Homem valente,
Já empunhas, guerreiro prepotente,
Nas callejadas mãos a bronzea espada.

E, quando se levanta a madrugada
Sobre os altos outeiros mansamente,
Tu fazes reflectir a luz sagrada
Em armaduras de metal fulgente!

Triumpho eterno, gloria soberana,
A um templo immorredouro te conduz!
Entre os gritos de guerra crua, insana!

Então o Bronze é o que melhor traduz
O athletico vigor da raça humana
N'este combate esplendido da Luz!

Porto, 21—12—78.

J. L. DE VASCONCELLOS.

HOFER

O *Flos sanctorum* não inscreve este nome nas suas paginas, nem a historia reza do local e epocha do seu nascimento; sabe-se apenas, que em 1809 era estalajadeiro, no Tyrol; vivia como quem possue alguns bens de fortuna, e era immensamente bemquisto. Exactamente n'aquelle anno, levantaram-se os Tyrolezes em massa para expulsarem da patria montanhosa os Bávaros. Faltava-lhes um chefe, escolheram o nosso heroe. Hofer era corajoso, levava uma vida irreprehensivel, tinha relações quotidianas com os montanhezes, era espadaúdo, de formas athlelicas, e senhor de uma figura veneravel; portanto os habitantes, vendo n'este conjuncto de predicados o seu homem, quizeram-o para dirigir a insurreição.

Á testa d'uma população bellicosa, aguerrida, e, ha muito, habituada ao manejo das armas, atacou em todos os pontos, e bateu em toda a linha Bavaros e destacamentos francezes, inferiores em numero; matou-lhes muita gente, fez innumeros prisioneiros, acabando por os expulsar do Paiz! Valente e audaz no combate, era generoso na victoria. Nem praticou nem consentiu esses actos odiosos tão frequentes, como censuraveis em todas as guerras civis!...

Pelo tractado de Vienna foi o Tyrol de novo assegurado á Baviera... e Hofer depôz as armas. Tudo lhe incutia confiança, tudo parecia garantir-lhe o esquecimento do passado! Infelizmente illudiu-se.

Ou porque a submissão dos tyrolezes fosse apenas apparente, ou porque em virtude do grau de popularidade, de que gosava, Hofer fosse temido, é certo que havia um firme proposito de o perderem, e foi accusado de suscitar perturbações nos valles superiores do Iun e no Vintschgam. Os jornaes francezes publicáram «que elle estava d'accordo com outros dois «chefes rebeldes, chamados Kolb e Marberg, e com o «commissario austriaco para fazerem novo levanta«mento no paiz».

Foram expedidas ordens para se prender Hofer, e a sua cabeça foi posta a preço!... Avisado a tempo poude procurar asylo, e refugiou-se nas montanhas. Após longas buscas descobriu-se que estava occulto em uma cabana, construida no vertice do pico mais elevado, quasi inaccessivel no meio das neves eternas.

Descoberto o local, marchou em deligencia um pelotão de granadeiros.

Era o dia 17 de janeiro de 1810, quando a sua cabana foi cercada. Elle proprio abriu a porta. Aquella figura magestosa exclamou serenamente: «Eu sou «Hofer. Francezes, estou em vosso poder, fuzilem-me «immediatamente, mas poupem minha mulher e meu «filho.» E aquelle homem de ferro, impassivel ante os perigos, aquella grande alma, aberta aos nobres sentimentos, aos affectos da familia, trasbordou de pezar, e duas lagrimas vieram humedecer-lhe as faces, escondendo-se logo, como que envergonhadas, no espesso bigode!

Depois... foi conduzido a Mantua. Respondeu a conselho de guerra, que o condemnou á morte! Fuzilado?!... Magnifico premio obtido pelo homem virtuoso! Se fôra um conquistador (pomposo synonimo de ladrão de nações ou de provincias) seria cumulado de honras, de grandezas, e... primo ou irmão de todos os monarchas... mas como apenas era um homem de bem, cheio de virtudes... fuzila-se; o mundo é assim, e a humanidade não póde deixar de ser coherente, mostrando sempre, e em toda a parte a sua imbecilidade, que é talvez a unica couza infallivel n'este esphacelado planeta, que a largos passos caminha para a sua congelação!!!...

A prisão do chefe causou uma sensação tal entre os tyrolezes, que por prudencia a França Napoleonica reforçou postos e guarnições.

Nunca aberrou dos seus principios, e os seus ultimos momentos não desmentiram a coragem sublime e despretenciosa, que mostrára sempre!

Apezar da comprida barba negra e cerrada aquella physionomia era d'uma doçura quasi angelica. A resignação religiosa de Hofer, a sua nobre presença, fizeram profunda impressão nos seus proprios inimigos. Depois da sua morte foi venerado, como sancto, em todo o Tyrol.

Erigiram-lhe um monumento immorredouro sobre o pincaro, onde se refugiara, e a sua cabana, transformada em hospital, tornou-se o asylo de 16 pobres.

Porto — Abril de 79.

A. Soares Franco.

CREAÇÃO DO HOMEM

Quando estava creando a natureza
O céu, a terra, o mar, a flor, a planta,
Cheio d'uma alegria casta e santa
Deus disse: «Do que fiz nada me peza;

«Em tudo reflecti minha grandeza
No sol que os mundos todos abrilhanta,
Na flôr, no mar que aos astros se levanta,
Dos montes na selvatica rudeza.

«Com meus affectos vastos e profundos
Prodigo enchi o coração dos mundos
Que em meu abysmo incognito se domem,

«Mas se tudo revela o meu amor,
Falta quem reproduza a eterna dor»;
Disse Deus tristemente: E fez o homem!

Jayme Victor.

CARLOTA

WERTHER

É sob o ponto de vista do bello e esplendido quadro que hoje exhibimos que se manifesta grande o artista Kaulbach, retratando fidedignamente o ideal da mulher que o insigne Gœthe creou na sua fertil e prodigiosa imaginação de poeta.

Gœthe e Kaulbach são dois vultos que se comprehendem e se tornam necessarios entre si. Se o primeiro idealisou o bello, o segundo deu-lhe vida e completou o effeito a todos os sentidos.

DO QUADRO DE KAULBACH E GRAVURA DE J. L. RAAB

CARLOTA. WERTHER.

Quem se não surprehende em face d'essa maravilhosa e tocante scena?

Oito lindissimas creanças, de dois a onze annos, como um bando de andorinhas, esvoaçam ternamente em de redor d'uma formosa virgem, anticipando-lhe a maternidade. Ella, de talhe mediano, mas gentil, vestida simplesmente com as roupagens da candura, sustenta graciosamente em suas assetinadas mãos um pão de rala que parte em bocadinhos e distribue, conforme a edade e o appetite, por cada uma d'aquellas innocentes creaturas que de mãozinhas erguidas esperam as suas rações.

A doçura e graça com que a donzella as olha; a alegria natural com que os pequeninos e purpureos labios innocentes d'aquelle grupo infantil deslisam um sorriso de agradecimento e amor puro; o appetite com que uns comem, estes offerecem, e aquelles parecem disputar a primazia da offerta, todo o quadro, em fim, exprime, d'um jacto, todo o ideal que o grande poeta phantasiou para divinizar esse modelo de mulher a quem deu o nome de Carlota: recorda-nos o Anjo do quadro de Murillo — *O milagre de S. Diego* — que com sua amavel e santa alegria faz a cosinha, sem receio de manchar as finas e delicadas pennas das azas nos mais vulgares utensilios domesticos: uma bilha, parece na sua angelica mão o vaso dos tabernaculos do céu; e as caldeiras, os tachos, os pratos, os legumes, os fructos, os cestos irradiam-se do reflexo divino dos raios da sua etherea aureola. Assim a imagem de Carlota, idealisando com sua graça os accessorios materiaes da vida domestica, e dividindo do seu pão por seus irmãozinhos, toma, n'esta especie de communhão os ares d'um ente sobrenatural.

Carlota, como a princeza do conde de Berrault, poderia enviar ao seu pretendido o annel de nupcias n'um pastelão amassado por suas proprias mãos.

Em face d'esta mulher modelo, d'esta creatura ideal, ninguem, no vigor da sua primavera e com a imaginação de poeta, deixaria de fascinar-se por ella e de ser devorado pela chamma do mais intenso amor; paixões d'estas levam o homem, as mais das vezes, ao abysmo da loucura.

Werther, por não dizer Gœthe, foi a victima d'esta paixão sem limites! Encendido pela presença de Carlota, o amor mais vehemente e terrivel se apoderou de seu coração, e o expoz aos maiores perigos e aos mais penosos sacrificios.

Devemos, pois, a revelação da patetica historia d'estes amores, á sublime penna de Gœthe e ao distincto lapis de Kaulbach — dois genios privilegiados que, como irmãos queridos, se alliaram para nol-a patentear em todo o seu relevo.

Oscar Tidaud.

TREVAS

É noite! é sombra tudo! é negra a immensidade!
Na terra a confusão! vultos sem fórma e côr!
Monotono piar do *môcho* em soledade
Quebra a triste mudez, e augmenta-lhe o pavôr!

Surdo resfolegar dos velhos campanarios
Das *corujas* lá sai, aonde habitam sós.
E em funebre concerto os *sapos* solitarios
Deixam, gemendo, ouvir melancholica a voz.

O soturno *morcêgo,* a gruta abandonando,
É das trevas o rei, as trevas ama e quer.
É-lhe importuna a luz, silencio só buscando
Esse *ouvido que vôa,* e apraz-lhe assim viver. [1]

O prateado sol de esplendida brancura
Leva comsigo a luz, a graça leva e as côres.
Escondendo-se, esconde em sua luz tão pura
Essas galas gentis d'insectos, aves, flôres.

Negros, mui negros são agora os verdes campos,
As aguas deixam vêr um abysmo profundo,
E até mesmo o luzir dos vagos *pyrilampos*
Um enterro parece annunciar ao mundo!

No bosque esses *pulmões de pennas só cobertos* [2]
Não exppellem agora a forte voz nos ares.
Foi-se a alegria emfim, deixando a noite abertos
Os escuros portaes aos crimes e aos pezares.

[1] As experiencias feitas com os morcêgos, nas mais densas trevas, chegando-se mesmo a arrancar-se-lhes os olhos, sem se lhes dar pela falta d'elles, podendo aquelles achar o sustento, voar em todas as direcções, ir ter com os filhos, fizeram suppôr a alguns naturalistas a existencia d'um sexto sentido. Hoje, porém, sabe-se que as delicadas e complicadas membranas dos ouvidos, orelhas, braços, pernas, cauda, e até em alguns sobre a extremidade do focinho, são a causa da admiravel percepção da mais subtil e leve vibração do ar, produzida pelas azas e movimento do mais pequeno insecto, ouvindo e sentindo o mais leve ruido, evitando os perigos e procurando o que lhes convém.

[2] É sabido que o ar penetra nas aves, nos pulmões, musculos, ossos e até nas pennas; podendo assim os pequenos passaros, como se fossem uns pulmõezinhos cobertos de pennas, soltarem essa voz tão forte que muitas vezes nos chega a admirar.

Céu! nome de esperança! attractiva palavra!
Quando te veste assim a vasta escuridão,
O horror que sinto ao vêr-te em todo o peito lavra,
E bem triste pensar confrange o coração.

Que medonho seria atravessar, subindo,
O immenso e vasto espaço, e sem ao fim chegar,
Das trevas atravez, onde tristes luzindo
Alampadas estão de sinistro brilhar!

E não poderei eu ser sabio ainda um dia,
Ser lucido e saber dos mundos e dos soes?!
Vagar na immensidade, achar essa harmonia
Da negra cerração nos dispersos faroes?!

Hei de morrer, acaso, ao nada reduzido,
Sem nunca reconhecer o que em redor nos vai?!
Da livre intelligencia á inercia conduzido,
Sem d'amigos saber, de irmãos, de mãe, de pae?!

Oh! não, hei de ser sabio; escarneo não mereço.
Não posso ser ludibrio, enganado afinal.
Nasci, pude pensar, e sem culpa obedeço.
Ou não existe Deus, ou eu sou immortal.

Março, 1879.

A. Luso.

CASO VELHO

Desde as seis horas que uma chuva miudinha, impertinente, alastrava as ruas, envolvendo em nevoeiro esbranquiçado os lumes vermelhos, tremulos dos candieiros da illuminação, que tiravam scintillações faiscantes da agua empoçada em pequenos lagos. As arvores, despidas, em esqueleto, bracejavam batidas do vento que assoprava lamentações assobiadas nas esquinas das ruas; no ar passava um rumor monotono e egual de torrentes fugidias que iam mergulhar nas sargetas; as lanternas das carruagens, immoveis, alinhadas aos lados da praça, abraçavam, em circulos estreitos de luz, perfis alagados de cocheiros fumando ao pé da parelha e erguendo o dedo para os transeuntes com entonação serviçal:

— Ó meu amo, o senhor quer carro?

Espreguiçavam-se na calçada lamacenta largas faxas brilhantes, que irrompiam violentas das lojas, onde perpassavam sombras alongadas de conversadores. Vultos abrigavam-se nos portaes escuros, matizados de pontos luminosos, intermittentes, de cigarros accesos. Ranchos de costureiras, rindo, conversando alto, sahiam das modistas, com um ruido inharmonico, descompassado, de sóccos; brancuras torneadas de meias alvejavam por baixo das saias arregaçadas, muito subidas por causa da lama; e ditos muito *frescos,* festivamente acolhidos pelos frequentadores dos estabelecimentos, as bombardeavam na passagem.

No Freitas Guimarães a concurrencia era numerosa, e á porta, com ares mellifluos, faziam-se offerecimentos graciosos:

— Ai! minha flor, que se mólha!

— Se quizesse utilisar-se d'aquelle guarda-chuva... e do braço que o sustinha...

Arredaram-se para deixar entrar uma rapariga que se dirigiu a um dos caixeiros, pedindo fitas:

— De duas faces, de setim e gorgorão, se havia.

E encostado de cotovelos ao balcão, collava-se-lhe ao corpo a capa preta, comprida, de vidrilhos e capuz de borlas, desenhando curvas voluptuosas, amplas, de uma largueza fecunda.

—De que côr? Tinham um sortimento muito lindo, de muita novidade — explicou a voz obsequiosa cheia de *ss,* de um caixeiro, carreando caixões escuros, lustrosos com letras brancas indicativas. E com gestos expeditos tirava as tampas, desenrolava peças, prendia-as com movimentos longos, demorados, nas mãos da rapariga.

—Não queria d'aquellas: Eram fitas para chapeu, côr de lilaz como as que a *madama* mandou comprar hoje.

— Aqui está, Laurinha. Muito *chic,* não acha?

E com a mão vermelha, entumescida, coberta de frieiras tocou ao deleve na face da costureira, cautelosamente, com recatos, olhando para o patrão.

— Esteja quieto, sr. André, ha-de ser sempre creança? — disse Laura a meia voz; mas com o repellão brusco que deu para se subtrahir ao contacto pegajoso d'aquelles dedos tropegos e ulcerados, endireitou-se toda, e encostou-se sem querer, mal equilibrada nos altos tacões das botinas, a um rapaz que, de costas voltadas para o mostrador, conversava animadamente.

— Perdão, senhor — murmurou a rapariga, córando ao sentir um olhar de maliciosa admiração contornar-lhe as linhas arredondadas do corpo; e, mal se atrevendo a levantar os olhos castanhos, grandes e luminosos, continuou para o caixeiro que se ficára confundido, atrapalhado, a cabeça inclinada, um rubor diffuso espalhado na testa alta, muito convexa, onde vinham empastar-se cabellos louros, apartados ao meio: — Vá, que se aviasse e assentasse tudo na conta da *madama.*

Depois sem attender ao aperto de mão, timido e reprehensivo, com que o André, ainda sobresaltado, lhe censurava a vivacidade de ha pouco, sem lhe responder ao carinhoso — Então nem me diz adeus, ruinzinha? e passou por entre o grupo de conversadores que lhe abriu caminho com uma deferencia miudamente curiosa e sahiu direita, alta, na sua elegancia affectada, dizendo com um sorriso de vaidade satisfeita, esboçada nos beicinhos grossos e vermelhos:

— Com licença, meus senhores.

E á porta, abrindo o guarda-chuva pequenino, com guarnições de metal branco, ainda lhe chegaram ao ouvido, destacadas, reprimidas, phrases elogiosas, que a fizeram córar de prazer:

— Que bello peixe!

— Esplendida mulher!

O vento tinha abrandado um pouco. Passos rapidos, apressados, cruzavam-se fugindo á chuva que estalava nas pedras com impetuosidade.

O peior era ter de ir até á Boa-Vista, molhar-se toda, com aquelle tempo. Ainda se tivesse trazido os sóccos! Mas quem havia de adivinhar? Ao meio dia, quando fôra jantar, o tempo estava tão bonito, as ruas tão seccas... E frio?... nem fallar n'isso. Era de enregelar!

Batia as botinas no passeio, com força, fazendo resoar o *tic-tac* dos tacões muito altos, que iam despertar sonoridades amplas nos portaes abertos. Carruagens passavam a trote, os cocheiros envolvidos em capas de borracha alvacentas, deixando cahir o chicote com estrondo sobre as parelhas soberbas, de cabeça erguida, fumegando. Dentro, *toilettes* ricas de theatro davam deslumbramentos instantaneos á luz rapida das lanternas lavradas, muito reluzentes.

Aquelles, sim, que eram felizes. Se ella tivesse alli um trem que a levasse a casa! — sorriu áquella ideia paradoxal, lembrando-se da pequena cazinha esburacada, velha, onde os ratos corriam de noute no fôrro, e phantasiou palacetes altos, bem lançados, com largos vestibulos illuminados, ruidosos. Creados de casaca preta e gravata branca; muito barbeados, com gestos servis, davam-lhe *excellencia,* chamavam-lhe a *senhora viscondessa.*

E porque não? Podia muito bem lá chegar; era de aquella massa que ellas se faziam: não tinha sido lavadeira a baroneza d'Aguiar, para quem eram as fitas que alli levava? A questão era de encontrar marido.

Veiu-lhe então á lembrança o olhar agudo, penetrante, que a admirára na loja de modas, pareceu-lhe que se sentia ainda sob o peso d'aquella investigação silenciosa. Subiu-lhe ao rosto uma vermelhidão, na mente atropellavam-se-lhe as ideias, recordava-se de ter ouvido chamarem-lhe Julio. — Gostava muito d'aquelle nome, mas do dono é que não podia dizer o mesmo. Nem sequer olhava bem para elle... por causa do doudo do André. O que ella ia jurar é que era um rapaz *fino,* de boa familia. — Entrelembrava-se de lhe ver as botas altas, á Frederico, muito ponteadas, com arabescos pespontados, e na mão — não sabia bem em qual — facetava scintillações coloridas um brilhante grandinho, como os que havia na loja do ourives novo. — E ia-lhe quasi cahindo em cima...

Nas costas, ao longo da espinha, conservava ainda a impressão da resistencia do corpo d'elle, macio e convexo, bem fornecido de carnes; e uma ira profunda e rancorosa trasbordava-lhe do animo contra o caixeiro — o *lonso,* que se ia fazendo atrevido. Dava-se ares d'alguem, só por lhe ter dado um lenço de seda e o véo preto que ella punha aos domingos para ir á missa do regimento, á Lapa! Já ia embirrando com aquellas familiaridades; e depois, que proveito tirava d'alli? Elle não podia estabelecer-se, que era um estroina; tudo era fumar charuto, e chapeu alto, e luvas, e o diabo... O patrão não lhe dava sociedade no negocio... Casar com um homem que não a podia tirar d'aquella negra vida de costureira?! Nada... então deixava-se estar assim, com a sua liberdade.

(Continua.)

MARCOS PRATA.

HONTEM, HOJE E AMANHÃ

Amei-te outr'ora, é verdade,
com sincero platonismo,
nem vi a realidade
entre as nuvens do lyrismo.

E meu coração subia
em busca do seu ideal,
mais livre que a phantasia,
mais puro do que o crystal.

Maldizia a sorte dura
e os meus destinos tam tortos
e fallava em sepultura,
em espingardas e em mortos.

Era triste, pensativo,
pallido, magro, mortal,
era o phantasma d'um vivo
sobre a lousa sepulchral.

Via-te as formas airosas
mas sempre á luz do luar,
sentia as fallas mimosas
e as chammas do teu olhar.

Isso p'ra mim hoje é pouco
e cousa melhor anceio;
quero dar-te um beijo louco
nas curvas brancas do seio.

Não quero ouvir de teus labios
ao passar nos salgueiraes
protestos d'amor mais sabios
que os proprios originaes;

Quero enlaçar os meus braços
n'esses teus braços divinos;
quero prender-me nos laços
de teus labios purpurinos.

E como o insecto que exhala
a vida dentro da flor,
quero em teus braços, opala,
morrer ámanhã d'amor.

AUGUSTO GAMA.

THEATROS

Vamos narrar o que geralmente todos sabem e analysar o que muitos dos mais abalisados de nossos collegas já analysaram; comtudo, é do nosso programma darmos trimensalmente uma revista do que apparecer de novo nos nossos theatros nacionaes e, n'esta collisão, não ha outro remedio senão entrarmos tambem em *scena*.

Antes, porém, enunciaremos o naufragio que se deu na *galera* — Principe Real, na noite de 8 de fevereiro do corrente anno.

No dia da dita noite, as esquinas das principaes ruas d'esta cidade, forradas d'alto a baixo de enormes cartazes, invitavam a invicta a *uma viagem á roda da Parvonia* no *Principe Real.* Apesar do rigoroso inverno que fazia e parecia não ter limites, desmoronando totalmente a cidade (quer por sua influencia, quer pelas *medidas preventivas),* viam-se, por entre turbulentas rajadas de vento e catadupas pluviaes, grupos mal firmes, de guarda-chuvas em riste, á frente de cada uma d'aquellas ditas esquinas, disputando os elementos e a leitura de taes extensos *reclamos* e, em seguida, partir de vento em pôpa ao *escriptorio da empreza.*

Chegada a noite de grande anceio, a *galera* achava-se repleta, veleada e prompta a seguir viagem.

A abobada celeste exhibia o aspecto limpido das noites de estio; a lua brilhava com todo o seu argenteo esplendor. Ninguem suspeitava temporal. Em todos os semblantes respirava a confiança no *Capitão* e *Piloto,* e a satisfação de quem viaja por gosto e em mar de rosas.

Iça-se o velame. A manobra começa. É o momento da *partida.*

Uma hora de praia-mar; poucos balanços; algumas nauseas dos viajeiros mais delicados e debeis; dichotes dos tripulantes; risotas dos robustos.

Sôam nove horas; susto a bordo! assombro geral! Retirada do tombadilho; esconde-se a lua: plumbagina-se o céu: o vento sopra em contrario: alguns relampagos de espaço a espaço se acompanham d'um retumbar ao longe: grande faina: o vento recresce: os relampagos succedem-se: o estalido dos trovões aproxima-se: o mar encapella-se, até que a borrasca se desenvolve com toda a sua inhabalavel furia! o perigo é eminente. — Escaleres ao mar, salve-se quem puder — brada uma voz: e todos em montão saltam nos escaleres e ganham terra.

Os tripulantes em vão luctam contra os elementos! Condensa-se a treva: desapparece a *galera:* segue-se o silencio: nada mais se ouviu!... Oh! céus!

Ao outro dia, nas praças, nos cafés, nas salas, em toda a parte commentava-se e exagerava-se o desastre, até que a imprensa, bem informada, como sempre, dá conta do caso e, com grande espanto se sabe que o *casco da galera* não tinha soffrido avaria, havendo só a lamentar duas victimas e um desmancho — O *Capitão* e o *Piloto*, e a *quebra da companhia.*

Do mal o menos...

Agora passemos ao que nos propuzemos.

A empreza Baquet, quanto a nós, pela boa direcção que actualmente assiste á escolha de espectaculos, parece levantar-se prospera. As peças que ultimamente tem exhibido em scena, á custa mesmo de sacrificios, demonstram á evidencia o escrupuloso desejo de entrar n'um periodo lisonjeiro.

Exceptuando *O gato preto,* magica estapafurdica e indecente, temos visto de bom grado as seguintes peças: *O trapeiro de Pariz — O cunhado — Correio de Lyon — O palhaço,* e por ultimo — *Os ladrões do mar* e a *Falsa adultera.*

Fallaremos, pois, d'estes dous espectaculos, porque todos os outros são de ha muito conhecidos do publico e apreciados em varios jornaes.

Os ladrões do mar, que foi á scena pela primeira vez na noite do beneficio do sympathico actor Soller, é um dramalhão, onde ha um pouco de tudo das peças de Shakspeare, menos a força, estylo e engenho especiaes do grande vulto. Tem, comtudo, situações pittorescas, lances d'apparato geral, e variadas scenas commoventes e até horripilantes, que impressionam os sentidos e estimulam os animos fortes dos espectadores.

O enredo é possivel, e no debate entre as tormentas do amor e as do coração, ha um engenhoso parallelo que produz geral attracção, e desvia a um tempo os defeitos para só resaltar o effeito da lucta mui habil e calculadamente disposta.

Em quanto ao desempenho, houve harmonia no todo, especialisando, sem favor, o beneficiado, que, pela maneira com que sempre se destaca nas scenas mais dramaticas, merece os applausos espontaneos que um publico illustrado e consciencioso nunca recusa a quem, como Soller, estuda accuradamente para se apresentar conscio e firme do personagem que representa, tem amor pela arte, e procura elevar-se ao apogeu da gloria, para onde caminha dia a dia a passos gigantescos.

Á entrada da sua primeira scena, recebeu uma enthusiastica e unisona salva de palmas. e foram-lhe offerecidos, no fim do acto, varios brindes por muitos de seus amigos e admiradores.

As chamadas foram innumeras.

Gama, encarnou-se perfeitamente no seu papel. Felicitamol-o de bom grado por o vermos quasi salvo do mal das operetas, que tanto o affectavam, e tolhiam os vôos do seu talento scenico.

Firmino e Amaral houveram-se conscienciosamente., Carolina Sarmento, muito regular; Emilia Eduarda soube tirar o partido possivel do seu insignificante papel, o que muitas vezes não é facil.

Foito desempenhou muito bem o *Casusa;* não sacrificou a arte ao effeito e gosto das galerias, o que muito o fascina, e o tem atrasado na carreira em que deveria, com bom exito, proseguir, e para o que lhe não faltam recursos.

O mise en scene bom, e bem ensaiado; emfim, uma *noite cheia,* como se diz *technicamente,* retirando-se todos, d'esta festa artistica, satisfeitissimos.

*

A Falsa adultera, é de muito superior engenho; é uma traducção magnifica do snr. Julio Gama, o qual merece todo o louvor, não só pela escolha que fez, como pelo esmero e cuidado com que adaptou á nossa lingua todas as phrases do original sem que transpareça o mais simples gallicismo.

O drama é bom e bem desenvolvido: além de prender constantemente a attenção, tem lances de bastante effeito e preparados de maneira que o espectador nunca chega a ficar horrorisado ou succumbido, porque a parte comica acha-se tão bem distribuida no decurso da peça, e vem tanto a tempo e a proposito que não deixa nunca impressionar.

O *Tabellião* e o seu *Ajudante* são dois personagens magnificos, cujos caractéres engraçados e sympathicos os tornam, por assim dizer, os *anjos bons* das duas victimas sobre quem carrega toda a intriga do drama.

Fernando e Herminia, são essas victimas da sordida aristocracia e ambição do conde e condessa d'Orby, os quaes empregam todo o seu malevolo poderio para conquistar uma herança imprevista, que uma parenta millionaria deixára a Fernando, irmão do conde.

Não podendo este e a condessa impedir o casamento de Fernando com Herminia, filha d'um pintor, tramam uma scena, de combinação com um terceiro e uma criada, em que Fernando se julga trahido por sua esposa; o que dá em resultado metter a innocente reclusa n'um recolhimento de perdidas.

Ahi, vão ainda propôr-lhe a sahida d'aquella casa pelo preço da annullação do casamento: Herminia recusa e os condes determinam a final pôr por interdicto seu irmão e cunhado!

Ora, no centro d'esta serie de intrigantes scenas — Fernando (Soller) houve-se admiravelmente e com toda a verosimilhança.

Herminia (Carmen) acompanha-o sempre com egual escrupulo; emfim, brilharam e foram justa e freneticamente applaudidos.

Os papeis de mais interesse são estes dois e os do *tabellião* (Amaral) e do seu *ajudante* (Foito). Os ditos engraçados e probos caracteres d'estes ultimos, antepondo-se sempre ao mal, tornam-os sympathicos e desejados.

Sustentaram-se perfeitamente.

Conde e condessa d'Orby, (Gama e Emilia Eduarda) houveram-se á altura dos seus papeis. (Magalhães) sahiu-se bem do seu antipathico e ingrato papel. Os de mais teem tão secundarios papeis e de tão mesquinho trabalho artistico que não poderiam nunca concorrer para o bom ou mau andamento do todo.

Tudo isto sommado dá, em resultado, podermos afiançar convictos que é um bom drama e muito bem desempenhado.

Pena é que tão de subito fosse posto de parte para entrar em scena um *S. Gonçalo* (drama sacro) que se não recommenda por coisa alguma. Mas... é santo... faz milagres!

Terminaremos, dando os nossos parabens á empre-

za pela sua boa direcção e pelo que se esforça por melhorar o seu repertorio e nivelal-o á altura em que o theatro nacional da segunda cidade do reino precisa sustentar-se.

Porto, 79.

OSCAR TIDAUD.

A ATTRACÇÃO

Tu, que habitas nos mundos sideraes,
que endureces as rochas de granito,
e diriges nas salas do infinito
o *cotillon* dos astros immortaes,

Ó attracção, ó força universal,
como te adoro a magica influencia,
como eu te sinto em minha consciencia
a prenderes-me ao sol do novo Ideal!

Se dizem que ha um Deus n'este Universo!
que lhe dá vida, força, luz e amor,
eu julgo que esse Deus, esse esplendor
no qual o vasto *Cosmos* anda immerso,

eu julgo que elle és tu, grande attracção,
que prendes entre si n'um largo abraço
as luminosas lagrimas do espaço
e os mundos ideaes do coração!

Eu te encontro na força irresistivel
com que a terra me prende ao floreo solo,
como uma mãe, que prende ao niveo collo
um filho com affecto inextinguivel!

E vejo-te em secretas reacções
ir attrahindo os simples elementos:
e combinando um lar com sentimentos
nas retortas dos nossos corações...

És tu que pelas noutes tenebrosas
vais derramando as ondas de luar,
e ás radiações do sol fazes brotar
as desmaiadas petalas das rosas.

És ainda tu, ó força immaculada,
que revolves nas rabidas entranhas,
em convulsões athleticas, estranhas,
desde o cahir da tarde á madrugada,

desde os risos da aurora ao pôr do sol,
as aguas undulantes dos oceanos,
que se contorcem lubricos, insanos,
n'um almejante, esplendido lençol!

Ainda é com teu poder que a natureza
os segredos das noutes nos revela,
quando o espaço de sombras nos desvela
á viva luz d'extatica surpreza!

És tu que, após os gelidos invernos,
fazes surgir da terra as bellas flores,
onde em ninhos se occultam mil cantores
com seus hymnos melodicos e ternos...

Pois sendo assim, ó grande lei fatal,
pois sendo tu a causa bôa e sancta
d'esta belleza enorme que me espanta,
d'esta harmonia etherea, universal,

como é que eu poderei não te adorar,
não conhecer em ti, força gigante,
a eterna lei da vida deslumbrante,
Que em torno a mim eu sinto prosperar?!...

Coimbra—78.

LUIZ DE MAGALHÃES.

ANALYSE CRITICO-LITTERARIA

Poema da alma, Leite de Vasconcellos — *Phototypias do Minho,* José Augusto Vieira — *Portugal Pittoresco,* A. M. Simões de Castro — *Ruinas da Citania,* memoria historica, Simão Rodrigues Ferreira — *A religião mais sublime e positiva,* Caldeira Kingwe — *A questão do Banco Ultramarino,* Magalhães Lima — *Colloquios aldeões,* Cormezim, traducção do Visconde de Castilho — *Margarida,* Julio Lourenço Pinto — *Hespanha moderna,* J. Simões Dias — *A morte de Satan,* Angelina Vidal (R. A.) — *Cancioneiro alegre,* commentado por C. Castello Branco — *Atala,* Visconde de Chateaubriand, traducção de Guilherme Braga, com uma biographia do mesmo por Pedro de Lima — *Historia Universal,* (III e IV fasc.), Theophilo Braga — *O ultimo cavalleiro,* A. M. da Cunha e Sá

O ultimo quartel do seculo XIX assiste a uma renovação de ideas, a um alargamento de criterio, a uma definição de principios inesperada por tantos e por tal fórma arredia do que o consenso unanime havia até elle consagrado que, enchendo de jubilo os que possuiram sempre, ainda nos dias mais apparentemente de reacção, a fé no

progresso eterno, está justificando as previsões que ao cyclo a que elle pertence saudaram no começo como devendo ser o periodo predestinado das fecundas transformações radicaes.

Bastantes annos decorreram já desde que o dr. Büchner escrevia: «Observando attentamente a nossa epocha, distinguimos n'ella, sob uma apathia apparente, os verdadeiros symptomas d'um movimento intellectual, tão tenaz quanto profundo»; mas, por mais confiado que se estivesse na justeza das observações do philosopho de Darmstadt, por mais luz que no espirito de cada um derramasse o confronto de periodos anteriores analogos da historia de humanidade, não se podia ainda assim deixar por certo de estar longe de prevêr quam breve a esmagadora comprovação dos factos constituiria um logico criterio de certeza para a citada affirmação theoretica, dentro do nosso paiz ainda ha tão pouco completamente estranho ao trabalho mental que se ia operando lá fóra.

O seculo XIX abriu esplendidamente com o desastre, aos poucos denunciado, da tentativa mais completa que se ha feito depois de 93 para a resurreição do cesarismo, o imperio napoleonico, vencido afinal, apesar da opulenta somma d'audacia, de valor e de genio despendida no esteril e criminoso tentamen, pela força inquebrantavel do grande factor moderno, a Industria, representado na livre Inglaterra.

Viu, com um sentimento indefinivel de que uma nova era chegara na fieira dos progressos do homem em civilisação, a catastrophe suprema de Waterloo, largo sepulchro em que a tyrannia das sangrentas glorias militares, com o seu cortejo de perfidias e arbitrariedades, se afundou de vez. Assistiu á submissão inevitavel, d'um exemplo definitivo, dos restos do velho regimen ás idéas e aos principios d'onde partira a Revolução. A carta de Saint-Ouen que Luiz XVIII, na ficção monarchica orthorgou *espontaneamente* aos seus leaes subditos, será sempre uma prova de como a modificação radical que a Constituinte decretara dos principios do poder, dos meios de o exercer, da penalidade, da administração, da propriedade, das mais intimas e mais profundas relações dos cidadãos uns para com os outros, não podia desapparecer com os sublimes voluntarios que, descalços, de bandeiras desfraldadas e o canto de Rouget de l'Isle nos labios, portadores do novo Verbo, como que brotaram da inextinguivel fecundidade da *terra mater* ao grito da patria em perigo e que, ao estupido protesto feroz do velho mundo dos privilegios odiosos e dos preconceitos idiotas que dictára ao principe de Brunswick o seu manifesto de Coblentz, responderam com a sua ininterrompida marcha victoriosa através da Europa; antes subsistia immorredoira no coração de todos os homens, de tal fórma que, vencida a França e restituidos ao seu leal Paris os Bourbons que não se deshonravam, segundo elles, em acceitar das mãos estrangeiras tintas do sangue de francezes o throno de seus maiores, a ninguem, nem mesmo ao czar Alexandre entre os seus ferozes cossacos, passou pela mente a estranha idea de que era chegado o momento de restabelecer os privilegios, as *corvées*, o trabalho forçado, a servidão da gleba, o arbitrio real por toda a lei, considerada uma oligarchia aristocratica por toda a nação.

O seculo XIX, abria pois, a sua historia d'um modo eminentemente civilisador e felizmente não contradiria, senão apparentemente, no seu percurso a missão a que parecia chamado. Effectivamente, ante os olhos do pensador succedem-se n'esta quadra feracissima os assombros, desde o canal de Suez até á perfuração do monte Cenis, desde a libertação dos servos na Russia até á unificação italiana, desde a emancipação dos escravos até á consagração final da Democracia, surgindo, como no mytho a fenix, das ruinas fumegantes da França retaliada pelas hordas do rei Guilherme, o devoto cruel que cae em extasi depois da carnificina, como no infinito deserto o contemplativo arabe, a um tempo feroz e doce.

Esta renovação dos costumes, das leis, das instituições, esta transformação maravilhosa da face do globo e da superficie social não é, todavia, devida senão ao surdo trabalho lento de sapa dos espiritos esclarecidos que, retomando a obra da Revolução apparentemente finda, mais terriveis que os iconoclastas de 1793, depozeram o germen da insurreição contra o estabelecido exactamente no mais intimo e mais profundo da consciencia individual. De modo que, tendo o snr. Luiz Bonaparte destruido a republica de 1848, havendo o snr. Mastai-Ferreti feito a sua entrada triumphal na Roma domada pelo estrangeiro, gemendo a Hungria, a Polonia e a Italia sob o talão de ferro dos mais barbaros dos oppressores, respondendo o snr. Narvaez aos protestos ingenuos da consciencia indignada pelo braço do algoz no garrote, achando-se os pensadores expulsos e proscriptos, errando pela Europa, no abandono da massa e sob o olhar rancoroso dos espiões, isolados e fracos no seu isolamento, em menos de 30 annos, baqueam os imperios, caem os deuses, desfazem-se os dogmas, batem-se os exercitos, os cezares submergem-se na sua vergonha e a grande palavra do Evangelho realisa-se emfim, na Jerusalem terrestre, os ultimos veem a ser os primeiros.

Ora, como o dissemos, estes resultados assombrosos não são, na sua grandiosidade, mais do que a objectivação da reforma que surdamente, no fundo de cada consciencia, operaram o exame e a discussão.

A palavra escripta, o pensamento fixado no papel bastou a destruir potentados que se supporiam eternos, a abalar os alicerces do que parecia firmado para todo e sempre em rocha viva e a dar em terra com todas as barreiras que se erguiam em face da corrente das ideias.

Deante da marcha evolutiva do pensamento, a luminosa estrada da civilisação foi-se rasgando lentamente e assim da generosa dedicação do seculo, filho da Revolução, pela causa da humanidade, pouco a pouco a historia foi accrescentando um a um os beneficios, cuja divida o homem do porvir não saldará jamais nos tributos mais sinceros do reconhecimento mais profundo.

Em verdade, que seculo tão nobremente preenchido e que lição tão severa aos que, obsecados pelas pequenas

ambições dos momentos transitorios, não relanceam de mais alto os olhos para mais longe! Como os acontecimentos se atropellam n'uma como que vertiginosa carreira na subida para os asperos cimos do Ideal!

O advento do novo poder do Estado, a imprensa periodica, reguladora do movimento social, interpretadora e directora dos phenomenos collectivos, salvaguarda, pela sua lucta victoriosa contra a ignorancia e contra as falsas educações, das conquistas da Revolução, o advento d'esse poder tam duramente feito sentir aos reis e aos seus cumplices pela revolução infelizmente escamoteada que determinou a enthronisação do ramo mais novo com a ephemera victoria da these de Benjamin Constant, veiu tornar nem sequer interrompida a obra da propaganda, que continua ainda. De tal fórma que, mesmo circumscrevendo-nos ao nosso paiz, cego será aquelle que não veja, através das hesitações e das contradicções do momento, alguma cousa que germina na sombra, um surdo estalar de convicções, uma transformação radical nos pensamentos, uma mudança completa de ideaes.

Ora, sempre o trabalho revolucionario coube por natureza á mocidade, e entre nós a mocidade que, ainda ha poucos annos, não apresentava outros symptomas que não fossem os do enervamento mental produzido pela falsa educação espiritualista que recebera das aulas, arrancando-se por um tenaz esforço, que nos enche de jubilo, do lethargo em que parecia mergulhada definitivamente, como essa juventude generosa que faz a força da França, tem vindo a pouco e pouco reclamar a sua parte da ardua tarefa em que todos andamos empenhados, n'este trabalho de civilisação.

Em 1865 o congresso dos estudantes em Liége, notavel pelo brado que no falso mundo corrupto e imbecil do segundo imperio fez levantar a vivacidade generosa das theses defendidas pela mocidade das escólas que suppunham morta, os miseraveis!, não teve como representante portuguez senão o snr. Luciano Cordeiro, tão adeante da mocidade academica do seu tempo.

O povo das aulas no nosso paiz não se suppunha por então chamado a outra coisa mais do que a maltratar em *troças* infames os ultimos chegados e a recitar ao piano, em chás de familia, velhas poesias sentimentaes em que se fallava, com uma lamuriice réles, no cahir das folhas e nas desillusões dos vinte annos.

Afeita á cabula e á rhetorica, esta mocidade fazia vêr a luz a jornaes reaccionarios, d'um catholicismo á Chateaubriand, fallador e emphatico, alcunhava de pedantes os que liam outra cousa que não fosse a *Joven Lilia abandonada,* e dava *soirées* theatraes em que, á falta de Shakspeare, se exhibiam melodramas idiotas e comedias libertinas.

De modo que, exactamente d'onde deveria partir o grito reformador, é que sahia a declamação retrograda; e onde devia palpitar a chamma revolucionaria era precisamente d'onde o espirito novo estava ausente.

E todavia a transformação operava-se, lentamente, occultamente, inconscientemente mesmo.

A leitura, aos poucos propagada, dos grandes mestres, Proudhon, Michelet, Feuerbach, Rénan e Hugo, havia de operar o milagre, fazendo com que em menos de dez annos á mocidade ignorante e sentimental que fazia elegias e chorava, em verso, entende-se, aos pés da cruz erguida no pincaro da montanha, succedesse uma geração sadia, forte, revolucionaria, utopica, que longe de ter o olhar perdido na nevoa do passado o lançaria desassombrada e confiante ao luminoso futuro.

A presença na nossa banca do *Poema da alma,* que *aos seus condiscipulos* offerece o moço academico, seu auctor, veiu mostrar-nos mais uma vez que as idéas não morrem e que o progresso se não desmente.

O snr. Leite de Vasconcellos propõe-se definir no seu livro o que seja a alma e, bem longe dos seus collegas d'outro tempo todavia proximo, elle não irá repetir distincções absurdas entre o ser pensante e o ser material, elle não irá estabelecer discordancias injustificaveis entre modalidades da materia una, elle não irá, como os cartesianos, collocar o *eu,* sphinge indecifravel para todos os que dispensam uma educação positiva e racional, extrahida dos factos, n'uma região immaterial e transcendente.

O snr. Leite de Vasconcellos não nos diz, seguindo a hypothese espiritualista, arbitraria em si mesma, cheia de contradicções e difficuldades, desde que se lhe extrahem os logicos corollarios, que a alma seja uma substancia. Para o snr. Leite de Vasconcellos a alma é uma propriedade, quer dizer, a alma é, como o diz o dr. Büchner, a resultante de todas as forças coexistentes no systema nervoso.

«Para se fazer uma idéa justa do que seja o pensamento, dizia Cabanis, é preciso considerar o cerebro como um orgão particular»; e, se o cerebro se vê indispensavel á producção do pensamento e das outras forças que, na hypothese espiritualista, se attribuem á substancia hyperphysica que em nós reside, por tal fórma que a relação de continuidade se impõe como de causalidade, com certeza ninguem poderá continuar a suppôr a alma outra coisa que o resultado d'um determinado orgão, como a sua funcção natural. E assim como ninguem se lembra de não acceitar uma relação de causalidade entre o figado e a bilis, entre os rins e a urina, ninguem deverá tambem permittir-se deixar de a vêr entre o systhema nervoso e o facto pensante, sensorial e volitivo.

D'este modo, a origem da alma que, na hypothese espiritualista, a tão burlescas supposições arrasta, acha-se perfeitamente marcada e, assim, quer a preexistencia, a que Pierre Leroux achava na ausencia da consciencia dos estados anteriores um escolho tão difficil de tornear que o levou a suppôr a memoria uma propriedade do *corpo;* quer o traducianismo; quer a creação individual e de momento, ficam naturalmente, e como de justiça, relegadas para o paiz das chimeras; d'este modo, as relações e a esphera d'acção respectiva do corpo e da alma não se conservam, como no dualismo cartesiano, inexplicaveis e contradictorias; d'este modo, a alma dos ani-

maes não conduz a novas supposições, tão gratuitas como as primeiras; d'este modo emfim, os destinos da alma, extincta a vida, acham-se fixados segura e claramente.

De resto, as difficuldades da hypothese materialista, qual a persistencia da unidade do *eu* através das modificações a que a massa nervosa, no turbilhão vital, se acha mais ou menos sujeita, não são senão difficuldades passageiras que não procedem da essencia da hypothese, que, baseada em factos positivos, é por isso mesmo inatacavel, mas do estado dos conhecimentos physiologicos no momento presente, estado que é por natureza transitorio e ephemero.

A lei moral, que levou Kant a desmentir na *Critica da razão pratica* os corollarios que legitimamente procedem da sua assombrosa *Critica da razão pura,* não deve tambem afastar da hypothese materialista, como se esforçam para o fazer todos os que desde Janet até Poitou notam intimamente que o terreno lhes vai faltando debaixo dos pés, porquanto a lei moral, sendo um facto progressivo que se modifica á medida das necessidades do instante em que o homem se acha collocado, não póde, sem grave inconsequencia e sem violenta contradicção dos factos, ser considerada como alguma coisa de absoluto, mas sim como uma simples transformação de idéas que, na palavra do philosopho de Anspach, estão submettidas a um desenvolvimento organico, devendo pouco a pouco formar-se e amadurecer, como os fructos nos campos, como o filho no seio de sua mãe.

Não se supponha que, na hypothese materialista, a sancção moral não póde subsistir, porquanto, por a idéa ser filha do cerebro, não se póde philosophicamente suppôr que ella não tenha os caracteres que se lhe verificam (e d'esses a responsabilidade), considerando-a como oriunda d'uma substancia outra que esse cerebro.

Em ambos os casos, não nos devemos dirigir na pena ou no premio á substancia que originou a idéa, mas a esta mesma, de fórma que, na questão da responsabilidade, appellar para a substancia productora, qualquer que ella seja, é trazer uma questão d'origem aonde ella não tem logar algum.

A immortalidade é para muitos o que mais os faz repellir a hypothese que procede do exame mesmo dos factos; mas, deixando de vez esperanças illusorias com que nada aproveita o homem, afastando todas as theorias, tam incoherentes umas como as outras, desde a metempsycose que Jean Reynaud e Pierre Leroux vieram resuscitar, até á immortalidade no genero que defende Strauss e até ao ultimo recurso de Ch. Renouvier da conservação independente da separação das funcções, quem não verá que é radicalmente absurdo querer conservar-se o effeito sem a causa, querer alongar para além da persistencia do orgão a sua inseparavel funcção?

E não se creia que esta negação d'uma outra vida depois da presente condusa o homem a abandonar tudo o de que é capaz de bello e grande. Pelo contrario; ella levará o homem, desilludido de encontrar algures felicidades que almeja, a esforçar-se por as realisar desde já, de modo a approximar este mundo do sereno ideal transcendente que se formou.

E é assim que, longe de ser perniciosa, esta crença é eminentemente civilisadora; repousa sobre ella todo o progresso possivel na terra.

O snr. Leite de Vasconcellos merece, pois, pela these que é o *substractum* do seu trabalho, todo o nosso applauso.

Quanto á execução, parece-nos digna outrosim de encomios sinceros, posto que nos pareça exhibir um luxo de phantasia demasiado para a severidade das idéas de que o moço academico se fez o interprete.

O snr. Leite de Vasconcellos suppõe que a alma, desejando ardentemente saber o que é e d'onde procede, se dirige em interrogações successivas ao mar, ás flores, ás aves, aos ventos, ás nuvens, ao sol, ás estrellas que, todos, declaram ignorar a solução do problema que ella busca. Mas

de repente soa em todo o espaço um grito
Aterrador: e soes, nuvens, aves e ventos,
Flores, astros e mar, — todos os elementos
Como só de uma idéa esplendida animados,
E para um mesmo fim, reunidos, conspirados,
Surgiram, e, correndo em furia immensa, estranha,
Como corre a torrente, ao descer da montanha,
Approximam-se da Alma e, cheios de anciedade,
Dizem: «Não és um ser, és uma propriedade.—»

E a Alma, como uma flôr altiva e rutilante,
Que fulge e que se esvae emfim como um gemido,
Vagou, vagou, vagou pela amplidão distante,
Até que se perdeu no espaço indefinido!

Tudo o que ha de defeituoso n'esta trama resalta logo; a simplicidade da these do snr. Leite de Vasconcellos havia de o levar forçosamente a succorrer-se, para alongar o seu trabalho, de elementos estranhos ao seu proposito doutrinario, d'onde o perigo de cahir na declamação, de que, felizmente, o seu bello talento o livrou.

De resto, este é mais um exemplo do quanto é perigoso diluir uma maxima, uma verdade, um principio d'ordem scientifica em versos, porque, ou o escriptor se limita a rimar proposições e n'esse caso não chegou a ser um poeta, ou recorre a puros elementos de phantasia e a obra em que queria explanar uma noção determinada fica sendo uma obra de pura imaginação, que não conclue, como se desejava.

É certo que, como o diz Véron, de quem o snr. Leite de Vasconcellos tomou a epigraphe do seu livro, justificação d'elle, as idéas tem poesia; mas é certo tambem que essa poesia, por assim dizer interior, é forçoso não a suppôr na idéa simplesmente, mas extrahil-a d'ella como da crysalida grosseira de que irrompe a divina borboleta.

Assim, por exemplo, se um escriptor disser em linhas rimadas que a terra descreve em tôrno do sol uma orbita,

que é determinada por uma lei geral que rege a materia, descoberta por Newton e conhecida pelo nome de attracção universal, este escriptor nunca será um poeta, exactamente porque não conseguiu extrahir da idéa da attracção a poesia que ella contém. Mas, quando o poeta da *Morte de D. João* diz que:

> ...a terra, a boa mãe, suspensa sobre os ares,
> Como uma grande nau batida pelos ventos,
> Entre o bronco rugir cyclopico dos mares,
> Entre a furia brutal dos cegos elementos,
> Vai com a rapidez das balas d'um canhão
> Por entre a noite má, caliginosa e turva,
> Descrevendo no espaço a grandiosa curva
> Marcada pelas leis eternas da attracção

, o snr. Guerra Junqueiro é um grande poeta, precisamente porque o seu trabalho d'analyse e d'idealisação encontrou o veio aurifero occulto no intimo da severa idéa scientifica. Mas, n'este caso, a obra ficou sendo poesia, quer dizer, perdeu o caracter logico, de criterio de certeza, que querem attribuir á poesia moderna alguns espiritos em erro.

Ora, a obra do snr. Leite de Vasconcellos assemelha-se-nos demasiadamente phantasista para que conclua; e tem todo o espiritualista o direito de perguntar, depois de a lêr, como Laplace, depois de ouvir a *Athalia* de Racine: — *Qu'est-ce que cela prouve?*

A'parte este defeito, que depende d'uma certa comprehensão mesma da poesia moderna, comprehensão que já criticamos, consoante as nossas forças, quando do apparecimento do livro do snr. Teixeira Bastos, áparte tambem uma certa hesitação que notamos no decurso do opusculo e que se demarca por contradicções, de pouca monta, de resto, qual, por exemplo, a dos elementos juntos definirem o que isoladamente não conseguiram, áparte ainda alguns defeitos do verso, por vezes, duro e desharmonioso, o livro do snr. Leite de Vasconcellos parece-nos brilhantemente escripto em paginas calorosas e vehementes, de que só a convicção do entendimento e a nobreza das intenções são capazes. Citaremos a resposta do Sol e a dedicatoria que abre o livro, um dos bellos trechos de poesia que temos lido ha um tempo a esta parte.

Os nossos parabens, pois, ao nosso talentoso e illustrado collaborador, e que o seu livro fique como um signal de que é sempre, como o viu Feuerbach, a geração nova, a mocidade que prova na humanidade uma faculdade de melhoramento e de aperfeiçoamento, por a razão tão simples e tão natural de que a mocidade é ainda aberta, franca, sincera; não tendo nenhum interesse pessoal e egoista em ligar-se contra uma nova verdade, como os homens velhos de corpo e d'espirito, que, por egoismo, vaidade, preconceito, habito ou dever de profissão, são os inimigos professos de toda a innovação fundamental.

(Continúa.) A REDACÇÃO.

ESPHINGE

(C)

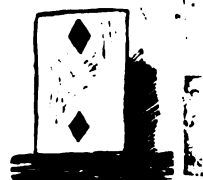
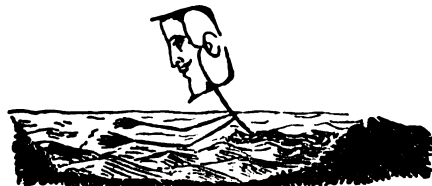
Tens a desenvoltura, a graça, o coquetismo
Das filhas d'Aragão, d'essas gentis creanças,
E o teu perfil hebraico, as negras finas tranças
Dão-me idéa fiel d'um tenebroso abysmo!

Se te escuto fallar, nos vôos do lyrismo,
No venturoso amor das avezinhas mansas...
Eu bebo em teu olhar o philtro que me lanças
E me produz, mulher, cruel somnambulismo!

É então que eu te vejo, envolto em fino manto,
Teu rosto esmaecido, e em languido quebranto
O corpo esculptural que me fascina a vista!...

Cuido que tens da Esphinge aquelle olhar profundo,
Que nos arrasta e leva em sonhos pelo mundo...
— Tu és a concepção do mysterioso artista!

FRANCISCO DE MENEZES.

Enigma figurado

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA N.º 2

Quem cala consente.

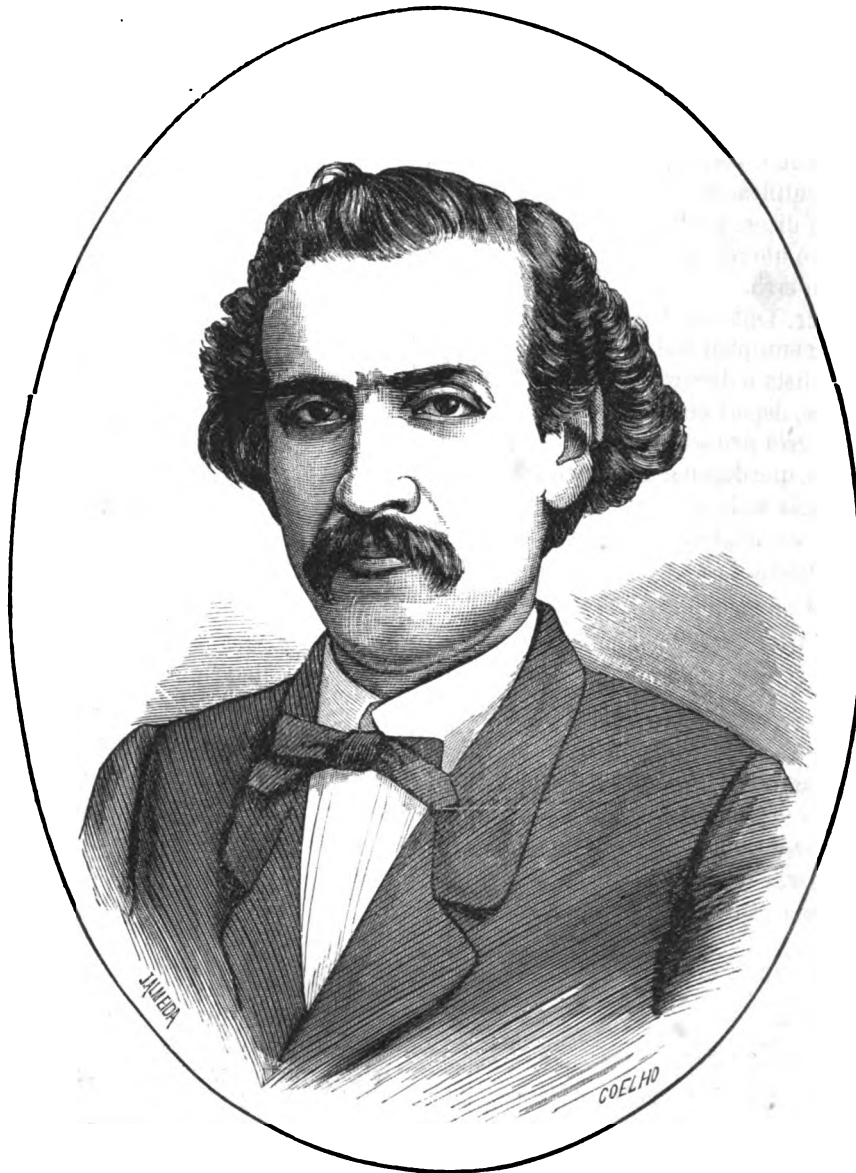
PORTO—TYP. OCCIDENTAL, RUA DA FABRICA, 66—1879

GALERIA COMMEMORATIVA

DOS

ESCRIPTORES FALLECIDOS

IV

AUCTOR DO ROMANCE «OLYMPIA»

FALLECEU NO PORTO A 7 DE JULHO DE 1873

ERNESTO PINTO D'ALMEIDA

POETA PORTUENSE

Arte divina de apollinio côro
tu cultivaste com feliz debate...
e após, tu foste, laureado vate,
depôr aos Numens tua lyra d'ouro.

ERNESTO PINTO D'ALMEIDA

Filho de Antonio Pinto d'Almeida—um dos bravos do Mindello—e de D. Luiza Sophia Ramos Pinto, naturaes de Braga, ahi foi educado e frequentou as aulas de francez, inglez e commercio até á edade de 13 a 14 annos.

Em 1856 foi para Coimbra praticar em uma casa commercial, onde se conservou algum tempo, mais como preceptor dos filhos de seu patrão do que como caixeiro, ensinando-lhes o que sabia, e estudando a um tempo o latim que já antes tinha encetado de seu motu-proprio.

Avesso completamente aos algarismos, dos 15 annos em deante entregou-se á litteratura e sondou egualmente o seu coração, desenvolvendo e firmando os seus pensamentos.

A poesia foi o genero de estudo que mais o fascinou e o que inteiramente se coadunava com o seu espirito.

Orphão de pae, veiu com sua familia — mãe e irmãos — residir no Porto, em 1858, epocha em que um grupo de rapazes cheios de brio e vontade, effervescentes apostolos da nova Musa, encetaram a fórma hugolina, quasi desconhecida entre nós. Eram elles—Custodio José Duarte, Guilherme Braga, José Dias de Oliveira, Nogueira Lima, Alexandre da Conceição, Pedro de Lima, e logo depois Julio Diniz e Manuel Duarte d'Almeida.

Com esta convivencia mais se ampliou o gosto pelo estudo ao talentoso joven e algumas quasi involuntarias poesias na *Grinalda* o tornaram apreciado e conhecido no mundo das lettras.

Animado por este lisonjeiro acolhimento, em vez de se vangloriar e estacionar como muitos, proseguiu; proseguiu, mas no estudo, até se julgar no caso de apresentar a lume obra perfeita e completa.

O destino, porém, obrigou-o a empregar-se no Banco Mercantil Portuense, o que o afastou um pouco dos seus amigos, porque necessitava do tempo vago para, concentrando-se, meditar, entregar-se todo ao seu ideal.

Effectivamente a apparição, em 1865, de — *As Solidões:* em 1868 das *Narrativas poeticas;* em 1870 das *Estrellas cadentes;* e o romance *Olympia* acabaram de lhe firmar o nome de poeta portuense.

Tinha o seu dia completo.

As idéas que, tanto na poesia como no romance, manifestou, são inteiramente desinteressadas e verdadeiramente sãs e maduras.

A humanidade póde aproveital-as sem se incommodar nem se expôr aos perigos das revoluções temporãs. Nunca elle a convocou á arena do combate pelos sons bellicos da tuba marcial, invitava-a a comparecer robustecida pelo estudo e pela moral para opportunamente dar a sua ultima palavra.

Sem se esquivar, portanto, ás obras da transformação, fugia escrupulosamente dos abalos fortes da revolução, porque a sua divisa foi sempre a justiça, a moral e a paz, e para firmar este sublime trino nos corações em geral, entendeu, e bem, que era mister affrontar as tempestades e os perigos que nos ameaçam, não com outros perigos e tempestades, mas por meio do cultivo civilisador, pela creação dos sentimentos da alma, e chegar assim ao complemento da definitiva evolução dentro dos limites da prudencia e da humanidade.

O seu genio estudioso desenhára-lhe a largos traços no rosto a melancholia suave e temperada do homem pensador. As poucas horas que algumas vezes destinava ao descanço da sua laboriosa imaginação, não eram desperdiçadas nas exhibições vaidosas e ridiculas dos passeios publicos, nem no redemoinhar das walsas doudejantes d'um baile, passava-as no seio de sua familia, conversando, ou sentando-se ao piano e phantasiando com uma execução surprehendente musicas que intrigariam Mosart e Donisetti.

A Poesia e a Musica, essas irmãs gemeas, inseparaveis e seductoras, apoderaram-se dos seus sentidos e lhe transmittiram todos os seus sabios influxos, até que os ultimos grãos d'areia da impassivel ampulheta resvalassem, e o seu espirito alasse com ellas ás regiões aereas, onde, orgulhosas da sua preza, o coroariam com o resplendor da eterna gloria.

Arrebatado ainda na primavera da sua vida, deixou familia e amigos na desolação, mas legou-lhes, como symbolo de grata sympathia, o seu nome, que passará sempre venerado, de geração em geração.

Ficaram ainda por completar dois magnificos poemas — *Legendas sociaes* e *O livro de um naufrago,* reliquias que sua familia conserva religiosamente e de que, por especial obsequio e pela amizade que nos ligava ao mallogrado poeta, nos concedeu alguns extractos que em seguida principiamos a publicar.

OSCAR TIDAUD.

ECHOS DO ORIENTE

(DO POEMA INEDITO — LEGENDAS SOCIAES)

I

O espirito immortal que os seculos governa
Á humanidade impondo a lucta insana, eterna,
— Caminha — ao homem disse — o mundo inteiro é teu,
Protege-te o fanal dos nobres heroismos;
Vae: do ignorado sonda os mais invios abysmos;
Aspira á eterna luz, filho de Prometheu.

Segue: o oiro te sorri das serras nas entranhas
Com vividos clarões. Vae; remove as montanhas,
Tu, que o raio venceste, impavido Titan!
Aguia do abysmo azul, vae; libra-te nos ares;
O pelago transpõe; seu reino ao perpassares
Verás surgir da sombra esplendida manhã.

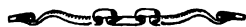
E o atomo subtil, que as duvidas consomem,
Irmão da tenra flor que dura um dia, o homem,
Luctou, venceu, exulta, é grande, é semideus...
Já lh'ergue a natureza um hymno sobre-humano,
Entoam-lhe a epopêa, os terminos do occaso,
Ostenta-a em lettras d'oiro a cupula dos céus.

Que torrente de luz, que os seculos deslumbra,
Atravessa, aniquila a terreal penumbra,
Estranha multidão de mysteriosos sóes?
Os raios vivos são do cerebro que pensa,
É o rubido esplendor da grande aureola, immensa,
Com que Deus circumdára a fronte dos heroes.

É a aurora que nos vem dos céus sublimes d'arte
E nos valles da vida em bençãos se reparte,
Os estros inebria, accende os corações.
É a sibylla eternal que aos Socrates sorria,
Confucios inspirou, que á terra obsorta envia
Homero, Guttemberg, Dante, Newton, Camões.

É a scienca, pharol que a humanidade rege...
A grande inspiração d'esse astronomo *hereje*
Que a biblica legenda annulla, confundiu.
És tu, Vasco da Gama, austero navegante,
Genio altivo do mar; o teu poder, do Atlante
Ao velho mundo absorto, um mundo extranho abriu.

Porto, 1871.

ERNESTO PINTO D'ALMEIDA.

A REPUBLICA FRANCEZA

(A JULIO DE MATTOS)

I

Os phenomenos do mundo social, como os do mundo physico, estão ineluctavelmente sujeitos a leis naturaes, tão necessarias, tão fataes na sua evolução, como as evoluções organicas, que, por successivas metamorphoses, se produzem nos organismos sob as influencias biologicas.

A troca incessante que se opéra entre os elementos dos nossos orgãos e os do mundo externo, e, por consequencia, a transformação fatal dos primeiros é uma condição essencial da vida; e se o corpo do homem é assim o theatro d'um trabalho incessante de renovamento e de transformação, qual não deve ser o que se produz no seio do corpo social sobre o qual tantas influencias poderosas exercem a sua acção?

E' o movimento uma lei universal: os movimentos geraes do mundo moral executam-se com a mesma regularidade que os movimentos do mundo physico. As sociedades cumprem os seus periodos de renovação; finalmente, as suas revoluções, tão precisamente como os planetas cumprem o seu eterno movimento de translação em roda do astro, que lhes serve de centro attractivo.

Todas as grandes conquistas do espirito humano, nas artes e nas sciencias, na religião e na politica, são filhas das revoluções: revolução artistica e revolução scientifica, revolução religiosa e revolução politica.

A muitos causa terror esta palavra; não somos d'esses. Não conhecemos outra que melhor exprima as modificações, que continuamente se opéram na vida das nações.

Para nós a revolução não é o transtorno da ordem, mas o movimento natural de renovação das sociedades. Se muitas vezes se torna violenta devemos attribuir o facto ao concurso energico de forças descommunaes, que apparecem nos phenomenos sociaes evolutivos, como apparecem nos phenomenos physicos, que determinam uma nova disposição molecular.

Do choque entre as forças de potencia e as forças de resistencia é que se faz a grande luz, que ha de fundir com os seus raios calorificos as instituições caducas.

As revoluções d'hontem differem profundamente das revoluções d'hoje. Aquellas operavam-se empiricamente; estas procuram realisar-se pela sciencia. As primeiras teem custado rios de sangue; as segundas são pacificas, efficazes, serenas.

E' á Sociologia, que nos revela as condições da existencia do organismo social, que compete actualmente descobrir e analysar quaes os pontos em que a perturbação subsiste, e qual o remedio efficassissimo que devemos applicar por meio de noções claras e simples, de modo a fazer desapparecer da sociedade a causa agitante e perturbadora.

Este papel importantissimo está hoje confiado á sciencia.

Nas sociedades antigas, as revoluções cumpriam-se pela idéa d'um homem — a revolução de Cesar.

Na meia edade, pela força d'uma instituição — as luctas entre a monarchia e a aristocracia feudal, entre o papado e o imperio.

No mundo moderno, pelo concurso de todas as grandes forças sociaes, pela influencia do povo, que nada era e tudo devia ser — a grande revolução franceza.

De individuaes as revoluções tornaram-se universaes; deixaram de ser a traducção da influencia d'um homem para serem a traducção da vida da sociedade.

Por isso a historia d'este ultimo periodo da vida do nosso planeta se póde chamar com razão — a historia das revoluções.

No estado actual da sociedade e no momento de civilisação em que a grande machina social, o povo, começa a affirmar progressivamente a sua educação intellectual, physica e moral, qual deve ser a importancia, que devemos ligar á velha theoria anti-scientifica dos *grandes homens?* Nenhuma.

Ninguem, por mais violenta que seja a sua intervenção no curso regular dos phenomenos sociaes, póde exercer uma acção directa e poderosa, que actualmente transmude, sequer em parte, as leis naturaes, que regem os passos seguros e progressivos da humanidade. O mais que póde fazer é retardar a evolução humana; desvial-a ou invertel-a na sua essencia — nunca.

A historia moderna abunda em exemplos de factos analogos; a implantação e a queda dos governos dos Bonapartes, é um dos mais frizantes, por certo.

Estas perturbações sociaes, bem que d'uma influencia meramente superficial, são insensatas e negativas, porque são inuteis.

Podem dividir-se em duas cathegorias: umas puramente occasionaes, outras originadas conscientemente.

Estas ultimas tocam os limites do crime; porque o é concorrer com a nossa actividade parcial para o conseguimento d'um successo de todo o ponto inutil e que ha de vir pôr um obstaculo, por certo tempo, a todo o progresso social.

A sciencia devia procurar prever estes accidentes; mas, verdadeiras doenças sociaes, escapam a toda a previsão, como as multiplas doenças que affligem o corpo do homem.

A melhor conselheira para, se nos não dá a previsão segura, dar-nos ao menos os elementos precisos para podermos diagnosticar seguramente a doença e applicar-lhe o conveniente remedio, é, por certo, a Historia.

As relações d'esta sciencia com as leis geraes do mundo moral são immensas e importantissimas.

Nos seus *Estudios historicos sobre la Edad Media,* diz Castellar: «quando nos convençamos de que todos os acontecimentos obedecem a estas leis sociaes, comprehenderemos melhor o movimento geral historico, consolando-nos de muitas desgraças e aprendendo a fundar em base solida as nossas esperanças.»

Estas palavras são verdadeiras; se quizermos portanto chegar a uma conclusão segura relativamente aos casos de teratologia social, que referimos, temos de estudar os factos, que dizem respeito a este assumpto e encaral-os sob todos os pontos de vista, não só os actuaes, mas ainda aquelles que, precedendo-os, foram a causa proxima ou remota dos primeiros.

Para o physiologista deduzir as leis biologicas que regem os organismos é necessario o estudo e a comparação dos phenomenos vitaes; assim para que possamos conhecer as leis que regem os phenomenos sociologicos é necessario um estudo attento d'esses phenomenos e uma observação historica real.

A conclusão mais importante que desejavamos tirar d'este resumido trabalho será mostrarmos que o progresso, uma lei tão natural, como todas as leis physicas, se produz nas sociedades humanas por um processo de evolução racional, lento, mas seguro.

Para chegarmos a esta conclusão applicaremos o processo historico acima referido á nacionalidade franceza.

Mostrar o estado actual da França e comparal-o com a França dos tempos que passaram, subordinando-o ás transformações differentissimas, que este paiz experimentou no seu estado social e politico, será pois o objecto que procuraremos expôr tão claramente, quanto em nossas forças couber.

Porto—Abril de 1879.

(Continúa).

J. M. DE QUEIROZ VELLOSO.

(Traducção de Shakespeare — *Macbeth,* act. v, sc. v.)

A SANTOS VALENTE

A vida não é mais que vaga sombra errante;
— Misero actor em scena a pavonear-se ovante
Na hora que lhe coube... e nunca mais se ouviu;
— Um conto, uma ficção, que um idiota referiu
Com retumbante voz, em furia arrebatada,
E que em summa diz nada.

Lisboa, 1879.

ALBERTO TELLES.

O PINTOR

ROMANCE HISTORICO

(Continuado da pag. 51)

—Pois eu, a fallar a verdade, sempre julguei que os reis tivessem um viver alegre—tornou mestre André.

—Pois, enganais-vos...

—Tambem dizem—accrestou o veterano—que D. Filippe é temido por todas as pessoas que moram no palacio: porque, quando carrega os sobrolhos para ralhar mette medo...

—Irra!—exclamou o marinheiro, dando um pulo no banco onde estava sentado.

—Não vos lembrais—continuou o veterano—d'aquelle fidalgo que morreu de susto por causa d'uma reprehensão que lhe deu Filippe II?...

—É verdade!—responderam todos.

—Pois então, já podeis formar um conceito do caracter d'este principe.

—Eu ainda o não vi senão uma vez!—disse o alfagême.

—E eu tambem—accrestou o marinheiro.

—Pois eu, ao contrario, tenho-o visto immensas vezes—redarguiu o veterano.

—E é bonito?

—Não é nada feio: é ainda moço; e tem uma cara de respeito; forceja, quando apparece em publico, por mostrar-se risonho... Vi-o bastantes vezes em Madrid, e agora, aqui, em Bruxellas, apenas duas, e n'uma d'ellas custou-me a acreditar que fosse elle!

—Porque?—perguntou o alfagême.

—Porque? Ora ide-vos rir talvez e achareis até disparate o que vos quizera contar, ou uma fabula o que me aconteceu.

—O que foi, o que foi?—repetiram todos, movidos pela maior curiosidade.

—Dir-vol-o-hei, mas espero guardeis segredo.

—Podeis contar com isso.

—Ouvi-me: Ha dias, foi n'um sabbado, faz hoje justamente oito, que eu passava por esta rua, eram dez horas da noite, e ahi abaixo, junto á encruzilhada que dista d'aqui uns bons cem passos, estavam reunidos alguns homens altercando uns com os outros; eu ainda vinha distante, mas apenas ouvi aquellas vozes confuzas apertei o passo. Cheguei ao mesmo tempo que um homem embuçado n'uma grande capa e com um chapeu desabado; este desconhecido metteu-se no meio dos que questionavam e perguntou-lhes o motivo d'aquelle motim, e...

—O que era?—interrompeu mestre André.

—Era por causa d'um salario, que o Ferreira Martins não queria pagar a um seu official. O embuçado convenceu com boas razões o ferreiro para que pagasse o que devia; porque, dizia elle: «quem trabalha quer que se lhe pague.» Martins ainda que, com bastante custo, cedeu, mesmo porque, além do embuçado, todos eram a favor do queixoso. Eu desconfiei do tal desconhecido e tinha-me collocado perto d'elle, espreitando de vez em quando por baixo das abas do seu enorme chapeu. A questão tornou-se em nada e os amotinadores começaram a dispersar-se. O embuçado ia a retirar-se, e, ao voltar, o vento faz-lhe voar a capa; eu, que não lhe perdia um movimento, abaixei-me, como para apanhar alguma cousa, e á luz do luar pude reconhecel-o... era D. Filippe.

—Ora essa!... isso não póde deixar de ser engano!—disse o alfagême.

—Qual engano! era elle em corpo e alma. Apenas o vento lhe fez fugir a capa, tornou a embuçar-se ligeiramente, caminhou pela rua abaixo, foi juntar-se com mais dois embuçados, que o esperavam ao fundo da rua. Eu fiquei varado; quiz seguil-os de longe para me certificar, porém desappareceram-me como por encanto.

—O caso é celebre! Que diabo faria Filippe II a essas horas n'uma rua solitaria?!—scismava o marinheiro.

—Não sei. O que posso affirmar é que era elle.

—Póde ser que andasse a passeiar, quem sabe? A noite estava boa—racciocinou mestre André.

—Póde ser... mas duvido—disse o veterano, meneando negativamente com a cabeça.

—Nada: eu não sou d'esse parecer. Se andasse passeando não vinha para esta rua, que me parece que é a peior que ha n'este bairro—suspeitou o marinheiro.

—Não sei... mas eu quasi que tambem sou da mesma opinião—appoiou o alfagême.

N'este momento ouviu-se dar uma hora.

—É uma hora—continuou—devo retirar-me para a minha officina: são horas do trabalho.

—E eu tambem saio—ajuntou o marinheiro.

—Vamos lá; quero tambem acompanhar-vos—disse o veterano.

E encaminharam-se para a rua.

Ao sahir encontraram-se com um mancebo de rosto pallido e cadaverico, que entrava para a taberna.

Mestre André tinha ficado só, o mancebo dirigiu-se a elle e perguntou-lhe:

—Sois o dono d'esta estalagem?

—Sim, senhor.

O mancebo chegou-se para junto da meza, onde

tinham estado o veterano e aos seus amigos, pouzou sobre um banco um saquinho que comsigo trazia e sentou-se.

— Pelo que julgo quereis jantar?—lhe disse mestre André.

— Sim, desejava bastante algum alimento; mas desgraçadamente não me resta dinheiro algum com que vos possa pagar.

A esta resposta André olhou admirado para o recem-vindo.

— Como? então não tendes dinheiro e quereis comer?!...

— Offerece-vos, porém uma compensação...

— Qual é?!

— Ides ver; — e o mancebo tirou do seu sacco alguns pinceis e um bocado de panno.

— Então, que ides fazer? — perguntou mestre André.

— Tirar-vos o retrato a troco d'um jantar.

— Ora essa!... Seguramente enlouquecestes! tirar-me o retrato a troco d'um jantar! Ah! Ah! Ah!— e desatou a rir.

— Quê... pois não acceitais?

— Não — respondeu friamente o estalajadeiro.

— Mas, senhor... olhai que vos offereço uma gratificação demasiada; o vosso retrato ha-de valer mais, muito mais do que a despeza que comigo fizerdes.

— Embora; não acceito.

— Seja ao menos por caridade, já que m'o não quereis fazer por dever; sabei que ha dois dias que não cômo, e podeis, portanto, avaliar a minha desesperação.

E o mancebo mostrava no rosto a veracidade das suas palavras, porque duas grossas lagrimas lhe cahiam pelas faces desbotadas.

— Então que quereis que vos faça? Não posso annuir a nenhum dos vossos pedidos. Ide offerecer a outra pessoa as vossas habilidades — resmungou o inexoravel estalajadeiro voltando as costas ao triste moço.

— Sou um estrangeiro, senhor, e não conheço ninguem em Bruxellas.

— Tende paciencia; procurai outro individuo.

— Miseravel avarento! — disse para si o infeliz, lançando um olhar de ira sobre o taberneiro; e, tornando a recolher os pinceis e panno ao saquinho, ergueu a voz e disse a mestre André:

— Então, não tendes compaixão de mim, acceitande o que vos offereço?!...

— Já disse que não!... irra! é forte teima! quantas vezes quereis que vol-o repita?! Ora vamos, fazeime a graça de me deixar. Ide bater a outra porta, tendes abusado muito da minha paciencia e eu já não estou para vos soffrer.

— Basta, senhor, já vos não incommodo mais.

O mancebo ergueu-se, poz ás costas o seu pequeno sacco e unico thesouro, e encaminhou-se para a porta murmurando por entre os dentes:

— Infame... mesquinho.

E sahiu.

— E esta! Não ha nada mais galante — dizia comsigo o estalajadeiro apenas se viu só. — Entrar assim em minha casa, e exigir-me um jantar a troco d'um retrato! Meia duzia de pinceladas por um bom bocado de carneiro!... oh! oh! oh!... mas não me logrou; não que eu já sou rato velho, não me deixo cahir assim na ratoeira, com tanta facilidade, não. E quem será este maganão?... Disse-me que era um estrangeiro... algum vadio que quer viajar á custa dos tolos... E que palavrinhas tão meigas!... até chorou!... Ora o homem!... e agora lá vai a outra parte com o mesmo aranzel; e talvez apanhe... Deixal-o, como me não logrou a mim... os outros que sejam finos como eu.

E o taberneiro ficou rosnando uma cantiga sua predilecta.

O engano é ratoeira
Onde cai immensa gente
....
Já sou rato muito velho
Não me logram facilmente.

(Continúa.)

A. Moraes.

EUREKA!

Fez-me Deus, minha senhora,
Por generoso condão,
Poeta no sentimento,
Poeta no coração.

Foi colher minh'alma ao horto
Dos modernos ideiaes;
Poliu-a qual diamante
Dos contos orientaes;

Deu-lhe facêtas macias,
Iriadas, multicôres;
Deu-lhe arestas de desejos,
Contorneou-a em amores;

Concedeu-lhe a transparencia,
O impolluto brilhar
Do crystal atravessado
Por um raio de luar;

Pôz-lhe a constancia da rocha,
A candidez dos arminhos;
Entreteceu-a de affectos,
Emmoldurou-a em carinhos;

Inoculou-lhe as vertigens,
A doida embriaguez do goso;
Impregnou-a de aromas;
E disse-lhe carinhoso:

— Vae, minha filha dilecta,
Vae cumprir o teu destino:
Procura a belleza estreme,
Procura o corpo divino,

Que dos mais finos tecidos
Eu para ti fabriquei,
E n'elle entorna os thesouros
Com que te mimosiei! —

E eis-me a voar pressurôso,
Inquieto, febricitante,
Sem um segundo de pausa,
Sem repousar um instante,

Em busca d'esse mysterio,
D'esse anjo, d'essa mulher,
Que era meu destino amar,
Que era meu fado escolher.

Procurei-a em toda a parte
Com afanoso lidar:
Nas cidades, nas aldeias,
No campo, no céu, no mar;

E quanto mais a buscava,
Mais me nascia o receio
D'esgotar-me em vãs pesquizas,
Finar-me de puro enleio,

Antes que dado me fôsse
Tocar, ébrio de ventura,
Essa amphora alabastrina,
Essa urna sagrada e pura,

Que ao meu impulso vibrára
Em extranhas commoções,
E onde eu bebêra sedento
Um mundo de sensações!

Perdida a esperança, a vida
Ia a pique de perdel-a,
Quando Deus, minha senhora,
Me concedeu conhecel-a.

Então cessaram canceiras,
Tormentos, inquietações;
Então céleres dobraram
No meu peito as pulsações.

O conhecel-a, senhora,
Foi para mim a alegria,
O sol depois da tormenta,
A saude após a agonia;

Porque vós possuis tudo
Quanto em si póde conter
De bom, de puro, de bello
A mais perfeita mulher!

De vosso corpo os contornos,
Nitidos, firmes, correctos,
A suavidade das curvas
Em que se enroscam affectos,

O talhe esvelto, elegante,
O meneio seductor,
Lembram a Venus antiga,
São a synthese do amor;

É a vossa cutis mimosa
D'um setinoso tão fino,
Que um beijo deixará n'ella
Um circulo purpurino;

A rara côr d'esse rosto,
Rosada com uns tons quentes,
Queima-me, qual se pisasse
Da Lybia as plagas ardentes;

Sob a vossa pelle agita-se
Uma carnação sublime,
Cuja elastica dureza
Repelle a mão que a opprime;

As ondulações magneticas
De vossos negros cabellos
Só teem egual na magia
De um volver dos olhos bellos;

E o vosso todo rescende
Um aroma delicado
Feito de sonhos de virgens
E emanações do peccado.

Duvida alguma me resta,
Estou certo — achei emfim!
Que sois vós a destinada
Pelo bom Deus para mim.

Amemo-nos pois, senhora,
Sem tréguas, sem dissabor;
Amemo-nos com delirio,
Até morrermos de amor!...

Lamego—1879. ABEL ACACIO.

A EDUCAÇÃO MORAL

(CONCLUSÃO)

Como já dissemos o homem determina-se por motivos, mas das suas acções resultam necessariamente consequencias, que modificam o valor e força d'esses mesmos motivos, que umas vezes lhes confirmam o seu imperio e outras lh'o cerceiam completamente. D'isto se conclue que o criterio, que julga da bondade ou maldade das nossas acções, são as consequencias que ellas produzem ou em nós ou no meio, que nos cerca. Supponha-se o caso da embriaguez. O homem habituado a este vicio cahe de ordinario n'um certo estado pathologico, que se manifesta especialmente no systema nervoso. Ora, sendo innegavel que o estado pathologico não é um estado normal do organismo humano, deve concluir-se muito naturalmente que a embriaguez, que o produz, é sem contestação possivel um facto *anti-hygienico*. Isto quanto ao individuo. E depois, attendendo a que a atrophia do systema nervoso cerebro-spinal, orgão da chamada vida psychologica, leva o homem á completa perturbação das suas faculdades moraes e portanto ao desleixo pelos negocios de familia, á impossibilidade de cooperar com o seu trabalho nas lides do progresso, e o transforma porfim n'um elemento perturbador da ordem social, nós somos forçados a concluir que a embriaguez (socialmente considerada) é uma immoralidade, porque, pela subtracção d'um membro da familia humana á communhão dos esforços universaes, que tendem ao nosso aperfeiçoamento progressivo, ella vae ferir o sagrado principio da *mutualidade moral*.

Todo o phenomeno, que apresenta um caracter opposto ao do meio em que se realisa, soffre da parte d'esse meio uma acção reactiva natural. Este facto é absolutamente generico. Nós encontramol-o manifestando-se não só na ordem physica, mas tambem na ordem moral e social, e podemos explical-o como um resultado logico do principio da adaptação ao meio. Se o meio não reage é porque o phenomeno tem para com elle homogeneidade de caracteristicas, e n'este caso a consequencia será a sua realisação completa; mas se por acaso a reacção se opera poder-se-ha asseverar que a natureza do phenomeno é diametralmente opposta á natureza do meio, e que este não tendo aptidões, que auxiliem a sua effectividade, ou antes, tendo aptidões, que a contrariam, ha de fatalmente actuar sobre elle d'um modo reactivo e como força hostil e impugnadora. Se o meio acceita o phenomeno, este realizar-se-ha completamente; se o não acceita dá-se a *reacção*. Portanto, tomando este facto sob o ponto de vista moral, nós podemos affirmar que o homem soffre sempre a reacção natural do seu proceder: e é n'este phenomeno mechanicamente fatal (permitta-se-me a phrase) que Spencer encontra as bases do seu systema verdadeiramente conforme á acção das leis naturaes do nosso desenvolvimento.

Esta theoria das *inevitaveis reacções naturaes* tem de considerar-se como um consectario das doutrinas deterministas. E de facto ella não é mais do que a applicação individual do principio em que se estriba a moderna theoria da penalidade, theoria, que derrocou o systema da pena de Talião, o systhema da vingança social, o systhema das medidas preventivas, e todos os restantes systhemas penaes, que tem regulado, com toda a sua brutalidade de principios absolutamente anti-scientificos, os casos anomalos da vida social. O *processo das reacções naturaes* vem apresentar o *castigo* sob uma nova phase toda scientifica, toda conforme ás verdades da psychologia.

O castigo ministrado pelos paes é a verdadeira causa de muita perturbação familiar. Este acto leva as creanças a olharem o poder paternal como um jugo pesado e tyrannico; inspira-lhes um certo temor por aquelles a quem deviam consagrar a mais desassombrada affeição. E, como nada é mais natural ao coração humano do que o resentimento pelos ultrajes á sua dignidade, não deve causar estranheza, que após um castigo mais rude ministrado com irascibilidade de genio, a creança prove esse resentimento com uma certa reserva e frieza, que pela sua vez serão causa d'egual alteração no espirito do pae. Ora isto levanta, por assim dizer, uma crise entre estas duas entidades, cujas relações deviam ser exclusivamente dominadas pela mais concordante affeição. É que estes castigos são uma substituição dos meios artificiaes aos meios naturaes, substituição altamente desvantajosa e mesmo prejudicial á boa ordem, que é mister que reine no seio das familias. A creança julga que o castigo é um acto do arbitrio paternal e não adquire o utilissimo criterio da causação, que lhe havia de mostrar, com a con-

vincente eloquencia dos factos irrecusaveis, que do seu modo de proceder derivavam exclusiva e naturalmente as boas ou más consequencias que ella ia soffrendo; o que mais tarde influiria poderosamente na sua conducta moral.

Dizer-se, por exemplo, a uma creança, que não pratique certos actos, porque d'elles lhe advirão resultados funestos é expôr um preceito, é impôr lhe uma ideia, que como vulgarmente se diz entra-lhe por um ouvido e sahe-lhe pelo outro. Ora desde o momento em que a ideia desappareça, desapparece com ella a sua força persuasiva e portanto o seu poder de motivo. Mas, se nós ao contrario deixarmos a creança experimentar essas consequencias, fazemos com que a ideia resulte da sua fonte natural — a sensação — e substituimos portanto um conhecimento *á priori* por um conhecimento *á posteriori*. A isto responder-se-ha provavelmente, que por este processo nós levariamos o nosso educando até á propria destruição d'elle, como se, por exemplo lhe quizessemos mostrar pela experiencia pessoal os perigos, que resultam do contacto com o fogo. Mas esta objecção não tem importancia alguma, e Herbert Spencer prevenindo-a, refuta-a claramente n'estas palavras: «Sem duvida, nas raras occasiões em que haja um perigo grave, deve-se preservar d'elle a creança até pela força; mas, pondo de parte os casos extremos, o systhema a seguir, deverá ser não subtrahir a creança aos pequenos riscos quotidianos, mas aconselhal-a e advertil-a;...». E d'aqui deduzindo o papel que os paes têm a desempenhar na educação de seus filhos, nós notaremos, que por estes meios a creança reconhecendo practicamente, pela convicção propria, a verdade dos conselhos recebidos, achará n'esta identidade um novo motor para as suas affeições filiaes: o que demonstra que o systhema em questão é plenamente altemista.

Com effeito o educador deve ser antes um conselheiro do educando do que um despota com plenos poderes, revestido d'uma força imperativa, que se não digna impôr pela razão e decretando do alto da sua auctoridade e a seu bel-prazer quantas contradicções lhe aprouver, manifestando a sua importancia por ordens absurdas, promulgadas em estylo imperial. A dictadura não serve para educações: o absolutismo do patrio poder é para ellas prejudicialissimo. A unica fórma pela qual se póde reger a familia é... a fórma liberal. Os despotas humilham, mas são odiados; a voz desinteressada da amizade tem sempre ouvidos que a escutem. E esta reconhece-se pela experiencia dos factos, comparando-lhe as consequencias com os conselhos recebidos.

O processo das *reacções naturaes* tem todas estas vantagens, e tem além d'isso uma outra vantagem superior, que é o ser conforme com as leis do nosso desenvolvimento natural. A moral na sociedade constituiu-se assim gradualmente por uma experiencia vastissima. No homem ella deve firmar-se do mesmo modo, porque n'este se acham, por assim dizer, resumidos quasi todos os grandes principios, que regulam os phenomenos sociologicos. A imitação da natureza é a melhor base de todos os systhemas d'educação: e assim temos que o methodo Pestalozzi completamente natural é na sua theoria absolutamente acceitavel.

Alguns exemplos, esclarecendo estes principios, haviam de os affirmar completamente e elucidariam as duvidas que esta rapida e talvez imperfeita exposição fizesse nascer no espirito d'algum dos nossos leitores. Mas além de nos acharmos limitado pelo curto espaço de que dispômos, este systema é tão simples, regula-se por uma lei tão *à portée de tout le monde*, que julgamos desnecessarias mais apreciações.

O grande defeito das educações modernas provém já directa, já indirectamente da tendencia entranhada na sociedade de preferir o que é apparente ao que é real. Homens e mulheres são profundamente versados no *savoir vivre* e na *science de sallon*; aprendem musicas, estropeiam linguas, conhecem romances sentimentaes e versos idealistas, sabem walsar e sustentar uma conversação fina; os homens montam a cavallo com distincção, jogam as armas com elegancia, vestem-se bem; as mulheres cuidam das suas *toilettes*, tem a utilissima prenda de fazerem ellas proprias os seus vestidos e primam no gosto com que enfeitam as suas casas desde o salão de baile até ao vestibulo d'entrada. A respeito, porém, da parte util da sciencia do *ménage* a sua ignorancia é ordinariamente crassissima. Têm-se por muito bons *papás* e *mamans* e excellentes educadores; mas, intellectualmente, não conhecem um unico systhema pedagogico: entregam os filhos aos cuidados da instrucção official, de cuja excellencia entre nós se póde avaliar pela profusão dos programmas; moralmente arvoram em processo de ensino a imposição violenta dos preceitos e das ordens e a coacção brutal, de que a ferula é a garantia practica nos casos de desobediencia ou revolta, aliás plenamente justificaveis; physicamente seguem um systema insustentavel, empregando os mais disparatados regimens, já sob o ponto de vista alimenticio, já sob o do exercicio muscular. Ora n'estas condições os resultados são absolutamente pessimos. Um educador precisa conhecer as leis do pensamento, quando a cultura d'este seja o objecto do seu trabalho pedagogico; precisa conhecer as leis moraes do nosso espirito, quando se proponha a emprehender uma educação moral; e precisa conhecer as leis biologicas no que ellas dizem respeito á anatomia e physiologia anthropologica, se o

seu fim fôr aperfeiçoar physicamente o educando. Ora o que é inquestionavel é que hoje raros são os *papás* e nenhumas as *mamans* que conhecem as leis biologicas do organismo humano, quer sob o ponto de vista intellectual e moral, quer sob o ponto de vista do desenvolvimento physico. E assim não é para estranhar que a banalidade, o egoismo e a anemia sejam as tres principaes caracteristicas de grande parte da sociedade do nosso seculo.

Qual das tres cabeças d'este cerebro social urge decepar primeiro? A ignorancia, a immoralidade, ou a fraqueza?

A resposta é talvez perigosa, mas nós affirmamos que o golpe deve ser triplo. As ideias impõem-se ás consciencias, e por ultima phase d'esta evolução, transformam-se em acções pessoaes. Portanto a instrucção ha de debellar a immoralidade, e a morte d'esta arrastará comsigo o desapparecimento da fraqueza physica. Não é facil determinar precisamente a que distancia de nós se realisará este grandiosissimo phenomeno: o que, porém, podemos asseverar é que para isto ha de influir immenso um bom methodo de educação moral.

Ora, attendendo a que todos os esforços sociaes se dirigem para a felicidade, nós temos naturalmente de procurar os meios que lá nos hão de conduzir. D'aqui a importancia geral de todas as sciencias e consequentemente da *sciencia pedagogica,* de cujas leis se deduzirão com rigor syllogistico todos os preceitos da *arte pedagogica.*

E, relacionando os nossos pensamentos acima rapidamente expostos, a conclusão que muito fatalmente resolve de todo este edificio logico é que «um bom pae e uma boa mãe precisam antes que tudo ser excellentes pedagogos.»

LUIZ DE MAGALHÃES.

IMPRESSÕES

Se a luz do sol nascente as altas serras beija,
Se dá um casto brilho á vastidão dos mares,
Se faz nascer a planta e torna alegre os ares,
A doce e casta luz, que sobre mim dardeja
Dos lindos olhos teus, brilha, aviventa mais
Que toda a etherea luz dos astros immortaes!

. . . .

Amar-te com ardor, prender-me á tua idéa
Seria, minha flor, a dulcida cadéa!...
E ver-me junto a ti, ó alma sempre pura,
Era, d'um rasgo só, matar a noite escura
Que habita no meu peito e o leva á sepultura.

Guimarães — 1878.

AFFONSO FOLHADELLA.

LILI

A formosa figura principal que se destaca, illuminada pelos raios divinaes da virgindade, no quadro que hoje damos, é um dos bellos ideaes de Gœthe e uma das brilhantes composições de Kaulbach.

Lili, comtudo, não é propriamente dita uma personagem imaginaria; existiu, chamava-se Anna Elisabeth: era filha d'um rico negociante de Francfort e completava vinte e cinco annos quando Gœthe a conheceu, em 1774, no centro d'uma variadissima collecção de seres alados, que saltavam, corriam, esvoaçavam em redor d'esse anjo que, sustentando no regaço um cestinho cheio de alimentos, d'elles repartia alegremente por aquelles animaezinhos magnetizados por seu olhar feiticeiro.

Conheceram-se e amaram-se.

Gœthe tinha o dom de fascinar, Elisabeth o de enfeitiçar. Entrelaçaram-se os condões e o amor encadeou aquellas duas almas.

Chegára o estio — a estação celeste que, com os dulcissimos perfumes das flores, incensa e ascende os corações amantes.

As portas d'uma lindissima casa de campo, que o tio da donzella possuia em Offembach, abriram-se generosamente aos dois amantes, como as do jardim d'um Eden.

Ahi, a musica, o socego da vida campestre, as pequenas festas bucolicas, tudo phantasiava aos olhos dos dois queridos um paraizo. Gœthe fazia versos; um vizinho, amigo da casa, compunha romanças, e Anna Elisabeth tocava ao piano: assim passavam a manhã.

Á tarde, depois que os raios do sol ardente começavam a declinar em sua intensidade, passeiavam por entre os logares mais pittorescos da terra, e á noite... oh! a noite! era o ponto negro d'aquellas duas almas: tinham de separar-se, de se não verem até ao outro dia, e essas horas eram tão longas e amargas, como doces e curtas as que corriam durante o dia.

Gœthe despedia-se triste da sua querida, e a sua fronte ia mais cheia d'aquella fascinadora imagem do que de somno.

Errava então inconscientemente pela estrada de Francfort, até que o poderoso Morpheu o forçava ó descançar seu alquebrado corpo sobre a primeira pedra que encontrasse e lhe servisse de thalamo, cuja sobrecéu, recamado de scintillantes estrellas, brilhava com todo o seu esplendor sob a infinita cupula de saphiras.

Ao fechar os olhos murmurava sempre aquelle mote da Escriptura:

DO QUADRO DE HAULBACK E GRAVURA DE A. SCKULTHEIFS

LILI.

«Durmo, mas o meu coração vela!»

Este amor, porém, foi interrompido a final pelo imprevisto casamento de Elisabeth.

Mais tarde, em 1815, descia aquelle anjo á sepultura...

Tres lustros se passaram. Acabava o triste poeta de publicar um volume intitulado — *Verdade e Poesia* — aonde descrevia a historia d'este acrysolado amor, sob o nome de Lili.

Um encontro casual com a sobrinha de Madame de Turkheim, occasionou uma conversa sobre a sorte de Lili, que despertou no coração do poeta o fogo d'aquelle amor, um pouco amortecido pelo tempo e pela edade, e o anjo, que lhe juncára de flores a primavera da sua vida, reapparecia-lhe adoravel ainda, apenas transfigurado pelos raios d'um sol poente.

Eis, pois, em resumo a historia de Lili.

A estampa representa a scena em que o joven poeta, sob a pelle d'um urso, contempla a encantadora donzella, no centro dos seus queridos animaezinhos, repartindo com a mais gentil innocencia e ingenuidade a ração que cuidadosamente todos os dias lhes preparava.

Se a idéa do poeta é sublime, a interpretação de Kaulbach não a desmerece, realça-a.

OSCAR TIDAUD.

CASTA DIVA

(A SATAN)

Não tem a pallidez dos rostos choloroticos,
Nem a adiposa tez das faces carminadas,
Mas tem a doce luz das virgens esmaltadas
Nos lendarios crystaes dos bellos templos gothicos.

É um lirio virginal de perfumes exoticos,
No seu olhar de pomba ha a luz das alvoradas.
Tem a fascinação d'amavios narcoticos
E a nostalgia ideal das almas namoradas.

E saber eu que a flor de candidez infinda,
Germen de Beatriz, Desdemona, ou Herinda,
Quando desabrochar ha de encontrar-me exhausto...

Ó meu Satan, é tua esta alma embevecida,
Mas has de dar-lhe então o amor de Margarida
E a mim esse elixir que deste ao doutor Fausto!

Porto.

JAYME FILINTO.

NO DIA DO NOIVADO

Levantou-se pela manhã muito cedo a menina Beatriz. « Que tinha passado mal a noite » disse, quando a mamã beijando-a e por vêl-a um tanto descórada, a interrogou.

— E tens olheiras, arroxeadas, fundas... vê lá se te sentes doente, filha! Tão pallida, pareces abatida! Olha que qualquer incommodo n'esta occasião é mau.

— Estou boa, descance.

E dando uma voltinha com ar indolente foi vêr-se ao espelho.

Almoçou poucochinho: uma torradinha e uma chavena de café com leite.

Ia ser esposa n'aquelle bello dia d'abril, ás 2 horas da tarde.

Era uma burguezinha franzina e nervosa, clara e de cabellos louros.

Queria ir vestida de branco com seu veo de blonde e grinalda de flor de laranja.

Muitas das suas amigas tinham ido assim á egreja; e depois, na volta, vestiam um lindo vestido de faille côr de rosa. Isto é que era o mais *chic*: jantaria com esta *toilette*, e á noite, na *soirée* de familia, dançaria o seu bocadinho, só até cançar, sempre no mesmo trajo, elegante, bonita, appetitosa, e mesmo um tanto ideal.

Era uma côr linda — a côr de rosa — tinha o quer que fosse de poetica, despertava os sentidos, inebriando-os ás vezes n'uma voluptuosidade immensa!

Depois, quando horas, ella seria conduzida ao leito nupcial. Assim, estaria linda, tentadora; o marido ardendo em desejos teria gestos de tenor, transportes, arrebatamentos, encantal-o-hia. E, passados os enthusiasmos, em languidez suave, a côr de rosa teria ainda a mesma tentação, teria a mesma influencia, e reanimaria o encanto, a ardencia, o fogo sagrado do amor!

Ella tinha ouvido dizer muitas cousas das côres dos vestidos. Pensára toda a noite como se tornaria linda, aos olhos de todos; e nos seus enthusiasmos, febris, ardentes, eram sempre o branco e côr de rosa que a serenavam, que lhe venciam o espirito no seu doudejar inquieto.

Vira muitas donzellas vestidas assim, pallidas, com olhares ternos, realçando a sua belleza entre ellas que pareciam anjos. Pareceu-lhe assistir a uma festa deslumbrante em que todos os olhares se lhe dirigiam com desconsolação das virgens suas companheiras. Julgára-se uma rainha; na formosura e na *toilette* ninguem a excedia. Mirava-se toda vaidosa com o sorriso nos labios e leves pulsações no seio, muito feliz,

adoravel, desejada. Tivera uns sonhos deliciosos, tudo lhe fôra agradavel; visões poeticas, encantadoras, confundiam-se n'uma aristocracia, elegante, perfumada, volteando em ondas de luz.

E os decotes, sobretudo os decotes, causavam-lhe frenesis: via-os em brancos rouges, que estavam muito bem, deixando sobresair, realçar, o collo, o seio, com a sua côr natural ou pennujado de fino pó d'arroz aromatico: nunca os vira exaggerados na alvura das rendas: ella era branca de neve, iria muito decotada, já o tinha pensado; mas ainda: — Ficar-lhe-hia bem? ficava-lhe de certo: os decotes fascinaram sempre.

Estava muito contente, sentia-se realmente feliz: — Se nunca o fôra em sua vida! — Ia cazar-se e já não pensava na sua noite de febre e de visões encantadoras.

Esperava a cabelleireira: «A modo que ia tardando!» Estava frenetica e tinha maneiras desabridas com a criada.

Todas as vezes que batiam á porta, sentia uma pancadinha no coração. «E a mulher tardava!»

Ella tinha apenas 18 annos: considerava o casamento um paraiso, uma cousa essencial, necessaria a toda a menina da sua edade: era até uma cousa feia o celibato, não estava bem a raparigas. E ella que já havia sentido uns certos *ferrinhos*, quando via ir adeante as suas amigas do collegio! Depreciava-as, invejando-as, vertia uma lagriminha, e para disfarçar punha-se a lêr romances.

— E a cabelleireira sem vir! — dizia de instante a instante, n'uma inquietação crescente.

Tres vezes chegou á janella; tinha vibrações nos nervos e começava a desesperar.

Já passava do meio dia quando bateram á porta da sala; a criada foi abrir: era finalmente a *mulher*.

Ás 2 horas em ponto a menina Beatriz estava prompta, toda radiante de jubilo, mas simulando. Arranjou-se muito á pressa, estava nervosa, frenetica, e a mamã dizia:

— Tens a tua pontinha de febre.

Teve nova inquietação, o noivo demorava-se.

Era demais, não tinha sina de viver um momento descançada, nem um instante de socego! eram tudo contrariedades, ella não merecia: — Que aborrecimento, crédo! — dizia, fazendo beicinho. Então parecia triste, mirava e remirava os sapatinhos de setim.

Estava sentada.

E no entanto repuxava as luvas de *gris-perle*, esticando-as, ainda em duvida se estariam bem justas.

De muito justinhas é que ella gostava, que lhe desenhassem a saliencia das unhas. E ella que as tinha compridas, brancas de leite, muito limpas, bonitas.

E apertando as extremidades dos dedos, mordia o beicinho côr de romã e suspirava.

Tomára-se já na egreja, abençoada pelo padre, recebendo os cumprimentos do estylo: muitas pessoas já lhe haviam dado os parabens por aquelle dia de felicidade.

Mas não rodára senão um trem na rua, era o d'ella, que o esperava; o noivo domorava-se, ia passando a hora: «Que teria acontecido? ninguem, nem os padrinhos...»

O coração d'ella batia com violencia, sentindo subir-lhe o sangue á cabeça: mordia os beiços para reprimir as colerazinhas que lhe iam dentro, que a abrazavam. Receava soltar alguma expansão que lhe ficasse mal; não tinha remedio senão conter-se. E estava deveras inquieta, desesperada, sentia uns certos arripios pelo corpo, os beiços muito vermelhos pareciam verter sangue. — Que raiva! — chegou a dizer. — Depois pensando que alguma cousa triste poderia ter succedido ao noivo, ou que ella fôra illudida, escarnecida, ludibriada, sentia-se gelar, trespassada por agudo punhal. E com estas idéas levava a mão ao coração como se sentisse ferida, e sentia-o parar momentaneamente. Ao cerebro vinham-lhe cousas desagradaveis em turbilhão.

Parou um trem á porta; era *elle* sem duvida, e era.

— Até que emfim! — murmurou, levantando-se, toda tremente, sentindo palpitações fortes, um jubilo immenso que arrebatava todo o seu ser.

Elle vinha himpando. — Que foi, que succedeu? — interrogaram de todos os lados. Respondia: — Cousas, transtornos... — «Que não mereciam a pena.» resumiu.

Beatriz fingia-se triste.

— Mas não se demorem — disse um convidado que entrou.

— Que horas?

— Quasi tres.

— Vamos — gritou um dos padrinhos.

— Vamos — repetiu o outro e mais baixo:

— Olhem se não tenho tido o cuidado de avisar o prior, heim, sr. noivo!

A menina Beatriz levava um só pensamento n'esta occasião: era o de nunca ser laboriosa na vida domestica.

Ás 4 horas voltavam da egreja. A noiva vinha um pouco vermelha. Saltou muito ligeira do *coupé*, dando a mão ao noivo que estremeceu. Entrou na sua alcôva, que ia deixar para sempre: o seu novo quarto de dormir era forrado de azul claro; tinha-o ido vêr na ves-

pera com a mamã; gostara immenso: era lindo, agradavel, o casamento, era.

E emquanto a criada a ajudava a mudar de *toilette,* ella pensava n'uma infinidade de coizinhas:

— Que pena a ceremonia não ter durado mais tempo! — Sentira uma commoçãozinha. E foi tão gabada! Um rapaz janota, encostado á pia d'agua benta, tinha-lhe dito baixinho quando ella com a madrinha passavam junto: — Que sympathica! — E accrescentou depois: — Mal empregada! — Uma velha de capote rôto e esverdeado que pedia esmola á porta da egreja, tambem disse: — Que pena, tão linda! — E estendia-lhe a mão suja e descarnada em que o noivo deixou cair um pataco.

Tinham-n'a olhado muito: rapazes e meninas deitavam-lhe olhares invejosos, arregalados. E alguns janotas de botão de rosa na casa do frak, eram tão elegantes! — Que pena — repetia o seu espirito, — durar tão pouco a ceremonia religiosa! Tudo aquillo lhe inspirára uma certa poesia, e o coraçãozinho pulava-lhe de contente. — Gostava de ir ainda outra vez á egreja para o mesmo fim, muitas até, porque não? era tão nova... e tinham admirado tanto a sua belleza!... O espirito perdia-se em devaneios, phantasiava coisinhas impressionaveis, doces, deleitosas.

Recebeu uma carta n'esta occasião, ficou um pouco assustada olhando o sobrescripto. Pareceu reflectir e teve uma curiosidade immensa. Sobresaltada ainda começou a abril-a, devagarinho. — «Que seria? que podia acontecer?» eram umas tolices os seus escrupulos. — Por momentos demorou-a entre os dedos trementes, nervosos; algumas baguinhas de suor lhe tomaram a testa.

Teve um movimento repentino, decidido, como uma contracção nervosa, rasgou d'uma vez com certa indignaçãozinha o *enveloppe.*—Pois não era uma covardia deixar de abrir?! —

A carta era concebida n'estes termos:

«*Minha senhora.*

Desprezou-me, porque eu era pobre; preferiu-me a um velho devasso e nojento, porque é rico! Fez bem.

Criado humilde
Alfredo. »

— Ora, que lesma! — disse — ainda vir incommodar-me!

Á noite vieram as primas Fonsecas, creaturinhas chloroticas, anemicas: foram convidadas para a *soirée* de familia.

Eram duas meninas muito sentimentaes, dadas á leitura de romances e de poesias d'amor: ambas tocavam piano e cantavam em voz muito espremida. Eram altas, mas muito magras. Dizia-se d'ellas: — São duas enguias de bom gosto. — Na verdade não eram bonitas, mas tambem não se podia dizer que eram feias. E tinham os seus namoros, aos pares, eram muito namoradeiras, estavam sempre á janella.

Embebidas no romantismo, tinham expansões de Leonores com que faziam os padecentes andar de cabeça á roda. E eram muito conhecidas em Lisboa, frequentavam muitos bailes, davam «*sota e az*» a tudo. Alguem até lhes chamára «lettradas». Educadas no sentimentalismo vadio da capital, tinham certas liberdades e ditinhos excitantes, ás vezes com espirito. E passavam tambem por espirituosas «agradaveis» divertidas, não obstante a pallidez dos semblantes, uns rostinhos quasi macilentos.

Tocaram e cantaram muito desafinadamente, quasi sempre o *Trovador;* era a paixão d'ellas; e de vez em quando segredavam ao ouvido da priminha Beatriz coisinhas agradaveis e sensuaes: algumas muito excitantes, e soltavam risadinhas, indo depois cantar o *Miserere.*

Beatriz parecia tristinha e pensativa.

Finalmente, dançou-se em familia, quatro pares, até a mamã foi instada para o baile e lá foi com as suas dôres rheumaticas e os seus cincoenta janeiros, walsou.

As meninas Fonsecas, depois do chá, foram as primeiras a sair. Era já tarde, uma hora, a mamã recommendou-lhes que se não demorassem depois da meia noite. «E tinha ficado com a sua costumada pontada, coitadinha!»

Offereceu-se para acompanhal-as até casa um dos convidados que disse para si: — São esguias mas engraçadas e não de desperdiçar. —

Á saida segredaram ao ouvido da priminha e soltaram risadinhas pela escada.

Beatriz pôz a capa, a um aceno do marido. O trem rodára parando á porta. Iam-n'a levar á sua nova habitação, um *rez-de-chaussée* bonitinho á Lapa.

Despediu-se da mamã com muitos beijinhos e lagrimas.

Ia muito triste: recordava-se da carta que recebera e pela qual já o marido perguntára com um certo modo, brusco.

— Ciumento, que horror! — E a realidade era esta: um velho libertino a quem se ia entregar! que teria ciumes d'ella, que talvez nem a deixasse chegar á janella á tarde, depois de jantar. Mas era já velho e se fosse libidinoso, ella sabia d'uns certos remedios para lhe excitar a sensualidade, para o embriagar e tornal-o louco. Depois domal-o-hia, havia de se vingar.

O cheiro do almiscar enojava-a; o marido rescendia: ella gostava mais da agua de colonia: pela manhã gastára um frasco; salpicou os vestidos, o seio; destemperando-a, tomou um bochechinho e lavou a cara.

O marido puxou-a para si, dentro do trem, beijando-a muito; ella repellia-o brandamente, fugindo ao cheiro do almiscar e a um certo halito avinhado que lhe causava tal ou qual repugnancia. Era-lhe tudo um pouco desagradavel então.

E ella que ainda na vespera áquella hora sonhára coisas deliciosas! —Não pensára de certo na sua situação! —Tudo era ficticio, a realidade começava a despontar.

Tinha lido scenas d'amor que a inebriaram: muitas vezes, embebida em pensamentos romanescos, sentia no coração uns estremecimentos brandos, uma suavidade e doçura que a embalavam. Lêra *Romeu e Julieta*, exhaltaram-n'a. N'aquella singeleza e paixão devoradora, achava uns certos tons, variegados, doces, sublimes! —Aquillo é que era a natureza em toda a sua nudez, o puro amor revestido de graça infinita! —Como ella desejava ser amada assim!

Mas a sua vida tinha uns tons escuros envolvidos em ondas de rendas! Triste realidade! E não podia pertencer a outro!

E sentia que era desejada por muitos que ao apertal-a em seus braços robustos, musculares, estreitando-a muito, lhe segredariam palavras doces, d'um amor eterno. E sacrificára-se n'um momento; não pensou bem de certo; toda a sua existencia, em minutos, ficou acorrentada. —Mas ia viver bem, o marido tinha muito de seu, seria feliz! —Ora, amor, que era amor, com toda a sua pureza e candura, que os poetas revestiam de arminho, embalsamavam em arômas subtis, odôres voluptuosos?! Tolices; amores eram desejos, luxo, prazeres, divertimentos; não estava o tempo para romanticos, elles tambem tinham os seus momentos acres. —

Com estas recordações chegava-se ao marido; deu-lhe até um beijo, sonoro, ardente; julgou aspirar os nectares do céo!

Tinha o cerebro escandecido; com as idéas confundidas, julgava-se junto d'um homem querido, d'um apaixonado Romeu; depois o ideal desapparecia n'um vaporzinho subtil, inclinava a cabeça para o hombro, como extenuada; caía na pura materialidade: a realidade era isto.

O trem parou: —tinha chegado a caza, á sua clausura, ao seu martyrio e inferno talvez; quem sabe?! —

Desceu um pouco tremula.

D'alli a pouco estava no leito conjugal. Acanhou-se, as faces tingiram-se-lhe d'um leve rubor. Levou muito tempo a tirar os alfinetes e os ganchos da cabeça; suspirou, balbuciando palavras sem nexo, inintelligiveis.

Depois, achou gracinha n'um ditinho do marido, recordando-se dos segredinhos das priminhas Fonsecas; teve um riso hysterico, uma especie de convulsão, as carnes tremeram-lhe brandamente, deixou cair a cabeça, n'um «*ai!*» sumido, delirante, cheia de palpitações, anciosa, apaixonada!...... E murmurava.................. Depois, ainda sentiu grande repugnancia, crescente; afastou-se sem dizer palavra; duas grossas lagrimas lhe correram pelas faces, lembrando-se do seu Alfredo que tão cruelmente havia desprezado; teve uma commoçãozinha. E pôz-se novamente a pensar, escrever-lhe-hia; o ideal romantico dominava-a.

—Que regalo de vida, com um pequeno sacrificio! —resumiu.

REIS DAMASO.

Lisboa, 1879.

ARCHIMEDES

Em calculos absorta a fronte prateada
De Archimedes pendia;
O sabio pensativo
Buscava novas leis, invento destructivo;
Nada ao redor sentia
Em calculos absorta a fronte prateada!

Em ondas já corria o sangue em Syracusa,
Os gritos e os lamentos
Atroavam os ares,
A traição entregára a Roma os deuses lares,
O povo, os armamentos,
E em ondas já corria o sangue em Syracusa.

O sabio nada ouvia, abstracto, mudo e quieto,
Em busca d'outra idéa
Que a cidade livrasse
Do sitio rigoroso ou que as naves queimasse!
Já dentro se guerrreia
E o sabio ainda jaz abstracto, mudo e quieto.

Mas um soldado chega e em vão, em vão, o chama!
Archimedes não sente
O brado militar,
Sepulto como está em fundo cogitar!
E o soldado impaciente
De Archimedes o sangue em borbotões derrama.

Lisboa, outubro, 78.

TEIXEIRA BASTOS.

ZALUAR

Emilio Aug. Zaluar, ??

Por pouco certo que o leitor esteja hoje d'esse nome, não poderá ser-lhe de todo estranho nem deixará de recordar-se vagamente do homem que o tinha. Eu proprio, e era bem novo n'aquella epocha, lembro-me de vêr no passeio publico, aos domingos, passear nas ruas lateraes, envolto n'um amplo albornoz de capuz, dos que tanto se usavam então, um moço alto e esbelto, physionomia arabe, cabello crespo, olhos grandes e negros, tez bronzeada, e o ar melancholico e distractivo que faz com que os burguezes digam comsigo ao verem um poeta:

— Ainda bem que eu não sou assim!

Nada posso diser do seu caracter nem das mil particularidades de indole que, até no tracto do mundo, dão quasi sempre verdadeira idéa de uma pessoa. Não era, ao que supponho, muito amante da sociedade; e, em vez de borboletear nas noites de theatro lyrico de camarote em camarote, em visitas de etiqueta elegante, permanecia obscuro no seu logar de platéa, escutando attentamente a musica e entregando-se todo ao extasis sonhador da sua alma.

Era um homem sinceramente triste; diziam isso, em parte os seus versos, em parte a expressão do seu semblante: a vida d'elle disse o resto. Não foi ao Brazil dansar, nos bailes, de cravo ao peito, á caça de um casamento; foi, devorado de magoas, aproveitar o ultimo lampejo da esperança, trabalhar, luctar.

Separado da sua terra e saudoso da familia, Zaluar não teve animo de esconder ao mundo as suas penas. D'isso nasce o sentimento pessoal em que predomina a sua musa. Não é um orgulhoso, que só pensa em si, mas um infeliz que não sabe esquecer-se. Os piedosos affectos do lar, assim como todos os sentimentos generosos e nobres, inspiraram sempre este poeta, mas não conseguem libertar-se do tom incessantemente angustioso, que só á sympathia de uma alma dedicada não parecerá monotono. Que poder ha de ter a poesia de um espirito assim, melancholico e comtemplativo, nas occupações dos homens do nosso tempo? A hora do triumpho dos poetas, já lá vai. Em redor do altar abandonado da musa, raros são já os fieis que queiram dar ouvidos ás vozes inspiradas...

Lisboa, 1879.

JULIO CESAR MACHADO.

NOCTURNOS

(HENRI HEINE)

O REI HARALD HARFAGAR

O Rei Hárald habita a profundeza
Do Oceano profundo e transparente
Com uma fada cheia de belleza;
Os annos vêm, e passam lentamente.

Preso do seu encanto e formosura,
O rei nem viver póde nem morrer;
Ha já duzentos annos que isto dura,
Este martyrio em braços de mulher.

E o rei descança a fronte sobre o seio
Da fada, de quem fita sem cessar
Os olhos com um languido receio,
Não podendo cançar-se de os olhar.

E os seus cabellos d'ouro refulgentes
Se tornaram em breve prateados,
As maçãs de seu rosto são salientes
E tem o corpo e os membros alquebrados.

Mas por vezes desperta de repente
Do seu sonho d'amor em que adormece,
Quando rebenta o mar violentamente
E o palacio das aguas estremece.

E das normandas guerras, no mar alto
Ouve gritos que ao vento sobresáem,
E então, estremecendo e em sobresalto,
Levanta os braços que em seguida cáem.

E ás vezes julga ouvir os marinheiros
Que passam sobre as vagas a cantar,
E celebram nos canticos guerreiros
Os feitos do rei Hárald Harfagar.

Então, o rei soluça tristemente
Do fundo do seu peito, mas a fada
Debruça-se sobre elle vivamente
Beijando-o com a bocca perfumada.

Porto, 1878.

MAXIMIANO LEMOS JUNIOR.

CASO VELHO

(CONTINUADO DA PAG. 59)

Com um gesto de cabeça affirmativo, cheio de resolução, accentuou os pensamentos revoltosos, indignados, que lhe referviam no cerebro. Mas tinha chegado, e esfregando os pés na soleira da porta com vagar, demoradamente, fechou o guarda-chuva, sacudiu a capa com movimentos ondulados; depois por uma das aberturas da cancella rendilhada e carunchosa metteu a mão, levantou a tranqueta. Uma campainha de timbre fraco, rachada, repicou precipitadamente, ao cimo da escada empinada, que rangia com estalidos de madeira velha sob os passos ligeiros da costureira, veiu esperal-a um cão pequeno, sacudindo a cauda, requebrando-se em meneios affectuosos, lambendo o nariz bipartido, com espirros amigaveis.

Se era ella? — perguntou de dentro uma voz grave, masculina, com inflexões avelhentadas; e sollicita, n'um tom de carinhoso interesse: — Vinha tão tarde... porque se tinha demorado? — inquiriu.

Muito boa noute. É verdade, já era tardinho; mas tinha tido que ir aviar um recado á *madama*, umas fitas para chapeo, muito lindas, que só as havia no Freitas Guimarães. Eram para a baroneza de Aguiar, aquella senhora da rua Formosa, a gorda. Se o pae e a mãe as queriam vêr?

Tinha tirado a capa, pendurava-a com cautela attenta n'um cabide, estendida, muito aberta, a enxugar. Depois sentada n'uma cadeira baixinha, de costas para o pae que lia, vagarosamente, soletrando, um jornal, que trouxera á tarde da repartição, descalçava as botinas, uma perna em cima da outra, com gemidos impacientes. Suspirou alliviada e, palpando as meias humedecidas, um pouco amarelladas, ás manchas da agua da chuva, levantou-se descalça, em bicos de pés, foi á commoda antiga, desconjunctada, que ostentáva um sanctuario pequeno de páu preto, d'onde sobresahia a nudez congestionada, roliça, d'um menino Jesus, de vestido bordado a ouro, de gaze, transparente, revelando indiscrições plasticas atrevidas. Abriu a gaveta forrada de velhas gazetas, escolheu por alguns instantes com minuciosa attenção; já tinha na mão um par de meias enrolado, mas um calefrio que a abalou deulhe um momento de hesitação.

— Nada, as de lã são melhores, são mais quentinhas — tirou-as, aspirou-lhe com voluptuosidade satisfeita o perfume desvanecido, muito ao longe, de rosas seccas, e entrou na alcova, arredando a cortina de chita de ramagens largas, phantasticas, de côres cruas, arreliosas, restos d'uma antiga colcha.

Estava a ceia prompta, se quizessem vir comel-a era só terem o incommodo de se chegaram á mesa... se não queriam que a *negra* lh'a fosse metter na bocca — prorompeu da cosinha uma voz colerica, biliosa, n'uma irritação concentrada, e logo com abundancia de gestos, a face angulosa mosqueada de manchas vermelhas de ira, veiu á porta uma figura alta, sem fórmas, esguia, que pondo a mão espalmada por sobre os olhos piscos, envinagrados, como para vêr melhor, gritou em falsete.

— Isso, muito bem, o *senhor* a ler... pois não? e a *morgada* ainda não acabou de se arrebicar?

Bastava! Que genio, santo Deus! Que espalhafato! Para que seria preciso aquillo? Já iam. — O' Laura, anda, que está a mãe á espera. — Levantou-se da cadeira, dobrou o jornal com impeto, de mau humor, e com o candieiro de petroleo na mão, o braço um pouco curvado, como quando corria o reposteiro do gabinete do snr. governador civil; esperou firme, direito, a testa enrugada, que passassem a filha e a mulher um pouco branda já pela attitude que elle tomára, e fechando a marcha, chamou o cão adormecido no capacho da janella, deu volta á chave com estrepito porque — costumava ponderar com uma convicção entranhada — *vale mais dizer bem fiz eu*...

Ceiaram. Mas um silencio lugubre, pesado, de mau agouro, dava constrangimentos que opprimiam, na pequena cosinha, d'uma côr adusta de oca retinta, só se ouvia o ruido sonoro, metallico dos talheres pousando nos pratos grosseiros, com pinturas impossiveis de peixes antediluvianos; ou o estalar secco de ossos esbrugados, que o *Beserra* deitado no chão, as patas estendidas, triturava entre as maxillas poderosas, bem fornecidas de dentes, no lar, junto ao fogão, onde um grillo emigrado punha modulações tremidas.

Á mesa, coberta d'uma toalha branca, um pouco coçada do uso, não se dizia nem palavra. O veterano, a fronte sulcada de rugas transversaes profundas, um aspecto de poucos amigos, conservava o semblante contrahido das grandes occasiões, dos momentos solemnes, em que o seu genio brando, bonacheirão, caricioso de natureza, espicaçado pelas interpellações da snr.ª Perpetua, travava do marmeleiro e lhe media as costas abauladas, ossudas como um rosario de gigantes. Laura, a vista pregada no prato — onde um pterodactyco côr de açafrão disputava primazias com um icthyosauro rubro, iracundo, n'uma lucta homerica, ambos semi-occultos nos reconcavos de promontorios accidentados de feijões fradinhos, muito cosidos, a casca aberta, banhados por oceanos tenues e transparentes d'azeite e vinagre — sentia os olhos queimarem-lhe, avermelhados da fixidez esquecida; vagas tristezas indefinidas d'uma infelicidade enorme e im-

merecida davam-lhe inspirações profundas, amplas, em que o peito lhe parecia vazio, e suspiros saudosos de uma vida melhor vinham-lhe passar comprimidos, quasi estrangulados, por entre os dentes muito brancos, pequeninos, *de rato,* como lhe dizia o pae que era doidinho por ella.

Emquanto que a mãe era uma bicha, não podia vel-a, não podia conformar-se com o amor que o pae lhe tinha — pensava; e de revez, pelo canto do olho, enviusava um olhar em direcção á mãe que, raiventa, desapontada, por lhe escapar uma occasião de exhibir uma das palinodias do seu sermonario, fazia estrellinhas, rodas, mil arabescos cambiantes, com as migalhinhas d'um palito, quebrado entre os dedos, nodosos de rheumatismo, mal cuidados, escuros do trabalho da cosinha, com rancor, com um odio universal. Mas ella levantou-se sacudida; os pratos arremessados sobre a banca de lousa negra, em que se lavava a louça, tinham sons agudos arripiados, como o grito do estanho; e deitando a agua quente, a ferver, no alguidar vermelho, vidrado, já com as bordas esbeiçadas:

Que lhe desse aquella rodilha do prego — disse aspera, cheia de azedume, para Laura que, de pé dobrava a toalha, sacudindo-lhe as franjas gastas, deseguaes. Rapido, n'um movimento instantaneo, o veterano deitou mão da rodilha esburacada, encardida de lavagens pouco cuidadosas, pegou n'uma tigella que a escorrer acabava de ser lavada, resistiu ao empenho meigo, insistente, da filha que o queria substituir.

—Não, não, vae fazer alguma cousinha que precises para amanhã — e para a obrigar:

Era verdade; que lhe fosse pregar um botão no casaco que lhe tinha cahido, estava guardado no bolso furtado.

Obedeceu: á luz fumosa da candeia que fazia na parede, por cima do prégo, desenhos tremulos d'uma côr carregada, accendeu o rolo de cêra entrançado; e resguardando-o do vento, que se coava por um vidro quebrado, com a mão aberta, d'uma transparencia rosada, sahiu vagarosa, com um passo arrastado, somnolento. Sentia-se quebrada; aquellas contradicções continuas davam-lhe uma afflição profunda, desgostosa da vida, e assentada na cadeira pequena, com o casaco do pae no regaço, as mangas varrendo o chão, duas lagrimas volumosas cahiam-lhe demoradas ao longo do nariz incorrecto, arrebitado, d'uma pequenez bonita, n'um sulco que a amargura lhe desenhava na face. Depois, junto ao canto da bocca penduraram-se-lhe do buço pennugento, alourado, fizeram-lhe cócegas; enxugou-as com máu modo, assoou-se estrondosamente, muito dolorida.

Mas que maldito genio! para que se apoquentava ella assim? Sempre era ser muito parva — resmungava. — O que devia era fazer o mesmo que as do *Pitadas.* Tambem a mãe ralhava e o pae batia-lhes por dá cá aquella palha; mas iam-se rindo e tinham mais larga do que ella; até no verão passado tinham ido ao fogo a Mathosinhos com o irmão, o cabo do 18. Tinham-se enchido, e vieram depois contar-lhe que tinha sido uma *pandega:* tinham ido os rapazes d'ellas que eram alfaiates, e debaixo das arvores, no meio do povo, viram o fogo; fôra uma alegria, uma noute cheia. Ella, não. Aos domingos mal a deixavam ir só á missa do regimento; e se dava uma voltinha pela rua de Santo Antonio e pelos Clerigos, vinha logo para casa, e á tarde, depois do jantar, ia com os velhos a passeio, aturar as caturrices da mãe, sempre azeda, ruim como as cobras.

Mas na cosinha vozes fallavam alto, altercavam. Escutou attenta, e o nome d'ella, resahindo, excitou-a, dissipou-lhe uma indecisão. Pé ante pé, subtil, foi encostar-se ao humbral da porta, pintada d'azul desbotado, constellado de pontos negros das moscas; entreabriu-a, metteu a cabeça, e phrases soltas chegaram-lhe aos ouvidos, duras, d'uma aspereza que feria:

—«Era preciso obrigal-a a dar todo o dinheiro... que o extravaganciava todo em ninharias, em fitas, em rendas em...»

E a voz grave, cortada de silencios emphaticos, do veterano não lhe queria tomar contas. — «A filha nunca lhe seria pesada... emquanto vivesse tinha que comer.

—«E em elle morrendo?... Tinha dito o André que gostava d'ella... mas era muito amiga de luxo...

—«Que se calasse: quem mandava em casa era elle... levasse o diabo o André... homens não faltavam, assim houvesse mulheres...»

Sentiu apertar-se-lhe a garganta, um novello difficultava-lhe a respiração; ao rosto subiu-lhe em ondas purpureas, congestivas, a reacção impotente contra aquella injustiça; fugiu da porta que mal teve tempo de encostar, e soluços altos, irrompendo em tumulto, convulsionavam-a, faziam-a arquejar, elevavam-lhe as fórmas suaves e molles do seio. E na alcova, quasi despida, — porque afinal já não tinha cabeça para mais — deitou-se de joelhos, ao lado da cama alta, de larga cabeceira embaciada, resando fervorosa, muito contricta, a Nossa Senhora dos Perdões, que a contemplava da sua moldura preta de friso dourado, com uma expressão mystica, bemaventurada, d'uma bemaventurança corporal e nutrida.

Porque realmente tinha muita fé n'aquella Senhora. Tinha sido ella que a salvára do sarampo, quando era pequenina; o pae trouxera-lh'a n'aquelle caixilho e, sentado ao pé do leito, olhando-o muito com a physionomia anciosa, ensinou-lhe os versinhos que cercavam a

imagem, muito bem dispostos, n'um alinhamento symetrico, na fita enfunada artisticamente, arqueada em dobras fôfas como de panno muito engommado, as extremidades, talhadas em duas pontas, reunidas por uma medalhinha com iniciaes entrelaçadas em que ella, na singeleza estupida de creança, via o nome do pae — Antonio Martins.

Recordou os carinhos d'elle, que nunca a abandonava que não fosse para lhe trazer um miminho, uma gulodice; e emquanto se mettia na cama, com estremecimentos de frio que lhe arripiavam o corpo, muito encolhida dentro da camisa, murmurava a pequena quadra n'um tom de religiosidade devota e piegas:

Santa Virgem, Mãe de Deus,
Refugio dos peccadores,
Compadecei-vos de nós,
Alliviae nossas dôres.

(Continúa.)

MARCOS PRATA.

BUCOLICA

Rompia o sol; na múrmura deveza,
Sentinella do amor e da alegria,
Cantava docemente a cotovia;
Banhava-se de luz a natureza.

E eu disse á minha amante, a camponeza
Mais formosa d'aquella serrania:
«Não sei que mais me encanta e me enebria,
Se a luz de teu olhar, se esta grandeza.»

Foi tão banal e tolo o cumprimento
Que a filha da montanha ao meu talento
Ironica sorriu; depois... depois...

Ai, a mulher com pudibundo enfado
Recusa sempre um beijo ao namorado...
Mas não se importa que lhe roubem dois!

Lisboa, 1878.

FREITAS COSTA.

ANALYSE CRITICO-LITTERARIA

(Continuado da pag. 62)

—O snr. José Augusto Vieira brindou-nos com um exemplar do seu livro, *Phototypias do Minho*, recentemente publicado.

O auctor d'este livro é novo, muito novo mesmo. Conhecemol-o do tempo em que frequentavamos juntos as mesmas aulas, em que as nossas almas de pobres rapazes ingenuos se expandiam sem respeitos de convenção em enthusiasmos freneticos por tudo o que se nos affigurava de grande e puro. Oh! o bom tempo da mocidade, quem pudera fazer com que elle voltasse, esse bom tempo alegre das chimeras e dos sonhos, esse tempo adoravel tão breve passado, em que se sabe amar, em que se vive amplamente e para o qual a natureza se reveste das suas galas mais opulentas!

José Augusto Vieira tinha por então quinze annos, viera havia pouco do fundo da sua provincia e matriculara-se em geometria no lyceu nacional.

Encontravamo-nos todos os dias na aula, em que eu, que escrevo estas linhas, apavorava o professor com os meus successivos *estenderetes*, rebelde ás sublimidades de Euclides como ao jugo do freio a zebra listrada.

Embebido em Ponson du Terrail, pobre de mim!, julgava-me o mais desgraçado dos mortaes, por me vêr obrigado a demonstrar a relação da hypothenusa para os cathetos e, como aquelle duquezinho de que resam as anedoctas galantes, não poria duvida em perguntar ao primeiro mendigo que me fallasse das suas profundas miserias, se estudava geometria tambem.

José Augusto Vieira compadeceu-se de mim, ensinou-me um theorema, d'ahi a nossa velha amizade.

Por esse tempo, apparecia o *Diario da Tarde*, esse singular periodico, que determinou *meetings*, festejos patrioticos, demissões de authoridades, preces e tumultos e cuja influencia na orientação liberal da opinião foi verdadeiramente extraordinaria.

Succedeu que nos encontramos liberaes, os dois, e que ambos viamos que não podia deixar de ser por nós considerada como uma affronta pessoal a infallibilidade do papa, que o recente concilio havia decretado *urbi et orbi;* e tractamos de ajuntar em torno a nós os poucos que se encontravam pensarem em bons radicaes.

Como nós seguiamos com um interesse vivissimo todos os acontecimentos que se iam succedendo; como nós acclamamos o nervoso juiz implacavel dos *Falsos apostolos*, quando, assomando a um camarote de 1.ª ordem do theatro Baquet, Guilherme Braga deixou cahir dos seus labios frementes de enthusiasmo sobre a multidão agitada que assistia á *première* do drama de Faniot umas quadras sobre que a *Palavra* do dia seguinte entornou todo o seu fel de sachristia!

Os nossos conciliabulos, em que o menos concebido era ir estabelecer um phalansterio em Africa, ao lado da republica do Transwaal! Os nossos doidos projectos de barricadas em que, ao som sinistro do rebate, os jacobinos que illumina o amarellado clarão dos archotes, cahem envoltos na bandeira vermelha! Os nossos jornaes, realisados uns, indefinidamente em projecto outros! Como as palavras nos sahiam inflammadas e como a indignação, possuindo-nos, nos torcia!

Reuniamo-nos em minha casa os *puros;* B., uma

creança severa, cuja inflexibilidade nos levou a chamal-o o pequeno Robespierre; A., hoje official do exercito, intelligencia clara, coração generoso, de riso facil e sempre com as lagrimas nos olhos deante d'uma bella acção ou d'um nobre pensamento; A. N., um loiro e branco, d'um olhar azul, triste e mysterioso, que se deixou morrer no Bussaco, entre a desolação dos seus e no meio da luxuriante vida d'aquella floresta magestosa, José Augusto Vieira, sempre com um novo livro, e eu.

A sala que algum tempo depois abrigou D. Fernando Garrido, expulso do territorio portuguez e perseguido da policia, o velho revolucionario illustre, cuja palavra, ardente e convencida, nós escutavamos n'um recolhimento severo, era exigua de proporções e modesta de mobilia, tendo por unica esteira os jornaes espalhados pelo soalho e com uma simples janella no alto, d'onde cahia uma luz indecisa. Sobre a mesa, velhos livros que serviram para uma dissertação ácerca das idéas innatas que escandalisou o nosso professor de logica, Locke, Voltaire e o dr. Buchner, que A. trouxera escondido um dia e que revelára, em voz baixa de conspirador cauteloso, fechada previamente a porta. N'uma pequena estante, Proudhon espiava com o seu olhar de revolucionario desconfiado, e ao fundo, dependurado da parede, o divino Michelet sorria da nossa ingenuidade de collegiaes indisciplinados, como um bom pae, alegre e indulgente.

Como o tempo nos parecia curto e como a fé nos principios era para nós sagrada.

Oh! os debates apaixonados! Os enthusiasmos sinceros! As generosas utopias! E depois, quando a noite havia descido, como se ia, em tumulto, com largas phrases ruidosas, passear á beira do caes, e como se retomavam os themas favoritos, emquanto trens retardados cortavam o macadam, uma luz baça cahia dos candieiros e na agua verde do rio os barcos amarrados balouçavam surdamente!

Tudo passou, tudo passou; e agora que á quadra das illusões despreoccupadas succedeu a dos pesados deveres, como a saudade nos faz revivêr nas velhas recordações d'um tempo que não voltará, como o que lamentava o côrvo de Edgar Poe, *never, oh never more!*

Comprehende-se, pois, que o livro de José Augusto Vieira seja, por estes motivos, para nós verdadeiramente respeitavel; elle é o trabalho d'um velho amigo que partilhou comnosco illusões e desenganos, elle é, antes que tudo, a prova de que o espirito que outr'ora comnosco trocou idéas e sentimentos está álerta como então, n'uma fecunda elaboração interior.

O trabalho do novel escriptôr é uma collecção de quatro contos, cuja acção se passa no Minho, d'onde é originario o seu auctor.

Podemos, crêmol-o sinceramente, affirmar, sem que nos cegue a amizade que do coração votamos ao moço escriptor, que o seu livro se destaca poderosamente do que uma bajulação que passou já em julgado na imprensa costuma chamar *uma estreia auspiciosa.*

A do nosso amigo é em verdade sobremodo notavel, por quanto os seus contos, revelando-nos uma natureza de artista do mais puro quilate, são d'um labor serio que chama desde logo sobre elles o respeito dos que leem.

N'elles, uma phantasia original e sustentada sem hesitações allia-se a um estylo que, se ainda não definitivamente fixado, é já hoje muito brilhante. N'aquelles *casos*, ha interesse, porque ha drama; as situações são naturaes e procedem, sem precipitações, antes espontaneamente do decurso da acção, em cujo agenceamento, por vezes complicado, como na *Cura d'uma nevrose*, se manifesta exuberantemente uma imaginação não vulgar. Os caracteres que o auctor faz mover ante nós acham-se bem desenhados, com um contorno seguro, que os levanta do fundo do plano em que se agitam; o dialogo é frisante e verdadeiro, e as descripções são imaginosas e trabalhadas.

Faltariamos á seriedade que nos devemos, e aos nossos leitores, se fingissemos não vêr no livro os defeitos que lá existem realmente, defeitos que são, de resto, quasi insignificantes.

Assim, no dialogo nota-se um certo abuso dos plebeismos que se poderiam dispensar talvez de todo.

É vulgar o erro de suppôr que o dialogo do homem do campo não póde ser dado com exactidão, desde o momento em que os solecismos, os cacophatons e os vicios patrios do dizer não sejam postos na bocca dos personagens que conversam nas obras litterarias. Modernamente, cahe n'esse erro, entre outros, o snr. Bento Moreno na sua *Comedia do campo.*

A nós quer-nos parecer que nem por ser expurgada d'esses plebeismos, que, quasi sempre, são intempestivos e exaggeradamente introduzidos na conversação de aldeãos pelos escriptores que os fazem fallar nos seus livros, essa conversação perderia em caracteres de verdade, antes ganharia, por isso que, repetimos, o aldeão que pronuncia mal está todavia bem longe de amontoar os desconchavos, demasiadamente litterarios, evidentemente procurados, que na comedia ou no romance os escriptores lhes fazem dizer, de modo que poucas palestras entre camponezes, compostas na idéa da reproducção minuciosa da linguagem dos interlocutores, se encontrarão naturaes e espontaneas, não conhecendo, pela nossa parte, n'esse genero á altura de exemplo senão o prodigioso dialogo dos *Contos do soalheiro,* do snr. Augusto Sarmento.

O exemplo de Julio Diniz, que conseguiu chegar aos mais completos effeitos de naturalidade no dialogo de aldeãos, sem recorrer aos plebeismos que condemnamos, poderá, se o quizerem, vir em auxilio da proposição por nós adeantada.

Merece-nos tambem reparo, quando o auctor toma a palavra nas suas descripções e nos seus commentarios aos actos dos seus personagens, um luxo de erudição, uma despeza de terminologia scientifica, em que se reflectem as preoccupações do medico mas que nos não parece do mais puro bom gosto, antes totalmente descabida n'um livro de arte.

Mas, áparte estes (entre porventura outros) senões que a nossa lealdade se viu obrigada a levantar, as *Pho-*

totypias do Minho affiguram-se-nos um trabalho distinctissimo e poderiamos, se o quizessemos, citar em abono da nossa opinião as palavras insuspeitas de dois bellos talentos da nossa terra, o snr. Julio Lourenço Pinto, no *Commercio do Porto,* e o snr. Guilherme de Azevedo, no *Occidente.*

Felicitamos, pois, o nosso amigo pela sua magnifica estreia e fazemos votos para que, depurado o seu estylo que ainda se nos afigura hesitante e de posse plena do seu talento, applique os notaveis dotes da sua observação tam lucida e da sua imaginação tam brilhante a obras d'um mais amplo folêgo, poisque no livro do snr. José Augusto Vieira encontramos nós o embryão d'um escriptor que deve a vir ser distincto entre os melhores.

— Sob a direcção do nosso amigo e illustre collaborador, o dr. Augusto Mendes Simões de Castro, começou a publicar-se em Coimbra um periodico mensal, intitulado *Portugal pittoresco* e de que devemos os quatro primeiros numeros sahidos à amabilidade do seu director.

Este periodico é illustrado de bellas gravuras em madeira representando os monumentos da arte architectonica que se acham espalhados no paiz e tam descurados e inapreciados na maior parte, que se permittem varios vandalos, sob pretextos absurdos, estragar com reformas planeadas com a mais crassa ignorancia e executadas com o mais solemne mau-gosto verdadeiras obras-primas d'architectura, como o provam, por exemplo, uns desaforados *reparos* que se levaram a cabo na egreja de Sánta Cruz de Coimbra.

Os artigos, que acompanham estas gravuras são devidos á penna do nosso collaborador, e distinguem-se por uma erudição antes attrahente que importuna e por uma critica judiciosa.

O *Portugal pittoresco* possue tambem uma collaboração das mais distinctas em prosa e verso; fazemos notar, sem prejuizo dos outros publicados, um curioso e sabio artigo do snr. Philippe Simões sobre se *Coimbra foi povoação romana e que nome teve.*

No n.º 2 insere o nosso grande lyrico João de Deus um espirituosissimo epigramma, d'um bom senso caustico tal que não podemos resistir á tentação de, com a devida venia, o transcrevêr. É como segue:

A UM LIQUIDATARIO

— Porque andas tu n'essa guerra
Cruel ás instituições?
— Por ter um palmo de terra...
— Mas terra de cada um...
N'esse mundo ha regiões,
Immensas, sem dono algum,
Que te não custavam nada.
— Sim! Terra já cultivada,
Que eu não sou tolo nenhum!

Além d'estes versos, tam sensatos, em que pretensões criminosas, que se escondem sob amphibologias grosseiras, se acham punidas d'um sarcasmo a que se não póde encontrar resposta, o n.º 2 do *Portugal pittoresco* publica um bello soneto do nosso amigo Joaquim d'Araujo e o n.º 4 umas mimosas quadras do nosso amigo Alberto Roque.

A REDACÇÃO.

(*Continúa*).

SONETO

Saciae-vos, esfomiados, tempo é já
De sobre a morta rez cravar as garras!
Desprendei a Cubiça das amarras,
Pois, quem contas vos tome, hoje, não ha!

Ao fraco, que se estorce, quem irá
Defendel-o das curvas cimitarras?
Tu, *briosa Inglaterra,* vê se agarras
As migalhas cahidas dos de Allah!

Segue o exemplo da Russia; eia... avança!
Vae tambem disputar parte da preza...
Não vês até, calada, a propria França?

Diz — *achar-se insultada a honra ingleza!* —
Mostra no Leão examine a pujança...
No moribundo d'Albion a affouteza!

Lisboa, 79.

JOSÉ HELIODORO DE FARIA LEAL.

Enigma figurado

OUSADAS?

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA N.º 3

Nada é menos constante no mundo do que a cabeça da mulher.

PORTO—TYP. OCCIDENTAL, RUA DA FABRICA, 66—1879

GALERIA COMMEMORATIVA

DOS

ESCRIPTORES FALLECIDOS

V

AUCTOR DO VOLUME = POESIAS =

PINHEIRO CALDAS

POETA PORTUENSE

Bem como outr'ora ergueste, em canto arrebatado,
a Patria, e dos Heroes seus feitos immortaes,
teu nome, hoje da campa erguido e memorado,
será sempre immortal na historia entre os mortaes.

Pinheiro Caldas

O mallogrado poeta, cujos traços biographicos vamos ligeiramente esboçar, nasceu no dia 12 de novembro de 1824, na cidade do Porto, e foi baptizado na igreja parochial da Sé.

Sua mãe, senhora de bellissimas virtudes, a ex.ma snr.a D. Julia Candida Felicidade, era tambem portuense, e seu pae, o snr. Bento Pinheiro Caldas, nasceu em uma povoação do Minho, e foi cidadão prestavel e acreditado negociante n'esta cidade do Porto, para onde veiu ainda menino.

Antonio Pinheiro Caldas, dotado de natureza impressionavel e ambiciosa, seguiu a carreira mercantil, e ahi recebendo as primicias de uma educação simultaneamente litteraria e commercial, foi, desde sua adolescencia, auxiliar do escriptorio da casa de seu pae, onde mais tarde se associou.

N'este certamen abençoado do trabalho utilitario, cresceu a descuidosa creança, desenvolveu-se o desapercebido moço, até que um dia, annos depois, a electricidade das idéas:—a luz do bello e a da mulher—fez-lhe sentir os idyllios de seu primeiro e santo amor... e amando... fez-se poeta!

Tinha elle então vinte e cinco annos; e unia-se por laços nupciaes com o anjo meigo e sympathico das suas canções — a ex.ma snr.a D. Candida Carolina Mourão.

Pinheiro Caldas, já então conhecido e apreciado por algumas das suas producções, que mais tarde colligiu e publicou, fazia parte tambem do illustrado grupo das pleiadas luminosas que n'aquella epocha collaboraram para o *Bardo* e a *Miscellanea poetica*; e entre os seus amigos e irmãos nas letras — Castello Branco, Coelho Louzada, Augusto Soromenho, e Novaes — tomava elle logar modesto, mas distincto na poesia contemporanea, n'essa poesia ainda hontem tam viva de sentimento, tam cheia de naturalidade, tam sympathica e communicativa, quando Soares de Passos arrancava ao infinito um punhado de estrellas, e ia traçar no livro da humanidade os caracteres de luz das epopéas do espirito e dos poemas do coração! n'essa poesia aonde hoje esplende no mesmo traço luminoso, como centro de outros soes, o mavioso João de Deus.

Pinheiro Caldas, desajudado um pouco das alfaias preciosas do estudo, veste as suas poesias nas galas singelas do sentir, e mostra-nos, sem os artificios do calculo, a graça, a correcção e a belleza da verdade — o natural!

E assim o poeta em plena liberdade, no goso dos seus affectos, da sua aspiração e do seu entendimento, procura, com certa subtileza de engenho, com notavel delicadeza de espirito, adivinhar aquillo que nunca lhe disse a *eschola*, ou os livros que não abriu!

E n'este empenho arduo mas glorioso, deve elle a si proprio a pagina mais bella da sua vida — a nobre e a bella conquista do nome modesto e sympathico—porque soube insinuar-se e fazer-se lido com agrado na poesia.

E já n'aquelle tempo, e em nossos dias, onde o elemento scientifico abre a cada instante amplissimos horizontes ás evoluções litterarias, é de muito apreço e de valia a nobre e a bella conquista que o finado poeta obteve na republica das lettras.

No seu livro de versos a melhor feição que lhe conhecemos é a sua poesia do lar; poesia que ás vezes nos mostra com certo maneirismo de fórma, mas sempre cheia de suavidade e de sentimento; destacando-se tambem aquella em que elle cantou com tanto enthusiasmo o bello da arte, e que o fez em outros tempos tam sympathico e popular das plateas, onde por vezes soube ter a *nevrose convulsiva* dos loucos sublimes.

Ha muito, porém, que Pinheiro Caldas se havia retirado do mundo litterario, onde apenas de longe a longe ia esfolhar a primicia de uma saudade, ou reedificar uma recordação.

E todo entregue ao amor da familia, a quem relia o passado e extremecia o presente, sonhava e vivia o nosso poeta no remanço abençoado do lar, até que mortal doença veiu lentamente dissaborar-lhe a existencia e roubar-lhe a vida que a familia extremecia, e que saudosa pranteou, quando em seus braços o sentiu fallecer no dia 15 de junho de 1877, pelas 10 horas da manhã, n'uma casa de campo em S. João da Foz.

O seu cadaver jaz sepulto n'um modesto jazigo de familia, no cemiterio da Ordem Terceira do Carmo, em Agramonte.

A poesia — *Ás mães* — que melhor do que nós dá terminação e complemento ás toscas palavras que aqui deixamos a recordar uma intelligencia tam apreciavel, foi a ultima, talvez a mais feliz de todas as producções do finado poeta.

Porto—Junho de 1879.

Arnaldo C. Barbosa.

ÁS MÃES

Ó mães! ó meigas fadas carinhosas,
Que aos seios apertaes, louras, formosas,
As primicias do vosso puro amor!
Boas mães! Educae-lhe as almas bellas,
Que sejam vossos filhos as estrellas...
Os guias d'um futuro redemptor!

São ellas, as creancinhas, o futuro!
Inspirae-lhes amor ardente e puro
Por tudo quanto é grande ao coração;
E vós, ó mães, ó fadas carinhosas,
Sereis mais tarde as chammas luminosas,
Brilhantes, immortaes da creação!

Educae-lhe a razão, dae-lhe o talento:
Se é morta a viva luz do entendimento,
O homem, da desgraça, o escravo é:
Como póde elle aos seus, á patria qu'rida,
Ser util? ensinar, expôr-se á lida,
Sem a fronte curvar, sempre de pé?!

Eu sinto immensa dôr, dou largos prantos
Aos orphãos d'uma mãe, a todos quantos
Nasceram sem a Luz e sem o amor;
Amor e Luz, que faz as almas bellas,
Similhantes ás candidas estrellas,
Os guias d'um futuro redemptor!

Ó mães! ó alvas pombas innocentes,
Fazei que os vossos filhos sejam crentes,
Mas dae-lhes sempre a Luz da instrucção.
E vós, ó mães, ó fadas carinhosas
Sereis mais tarde as chammas luminosas,
Brilhantes, immortaes d'aurea nação.

Porto, 1870. PINHEIRO CALDAS.

A POESIA CATALÃ

RENASCIMENTO LITTERARIO

IV

Chegámos á quarta epocha da litteratura catalã e á parte principal do nosso trabalho.

Por mais de um seculo não se sente o menor indicio de vida litteraria na Catalunha; os seus poetas e os seus prosadores parece que se foram para nunca mais voltar; se uma ou outra vez se levanta, é abafada e morre desapercebida no meio do silencio glacial e da fria indifferença de todos: a lingua de D. Jayme e de Ausias March jaz esquecida e quasi se podia julgar uma lingua morta, se não fosse fallada no trato intimo da população; Castella é a soberana das Hespanhas e a sua lingua supplanta as das suas irmãs; de Vigo aos Pyrenéos é o castelhano a lingua official; o dialecto d'uma provincia tornou-se a lingua d'uma nação.

Vem a invasão franceza, e os exercitos de Napoleão, expulsos pelos povos alliados, deixam de traz de si os germens das novas idéas. O povo que dormia no seio do indifferentismo acorda á voz da liberdade. Começa então um movimento de renovação geral por todas as partes. D. Antonio de Capmany y Montpalan vem recordar com as suas *Memorias Historicas* as velhas tradições da Catalunha, e o bispo de Astorga e a Real Academia da Historia tentam dar á luz uma *Bibliotheca de escriptores catalães*. Emfim, em 1833 Carlos Bonaventura Aribau, com a saudade e o enthusiasmo de filho ausente da patria que o viu nascer, d'essa patria cheia de tradições gloriosas, exclama, na lingua *em que soltou o primeiro vagido:*

¿Qué val que m'haja trèt una enganyòsa sort
A veurer de mès prop las torres de Castèlla,
Si l'cant dels trobadòrs no sènt la mia orella,
Ni desperta en mon pit un generòs recort?
En va á mon dòls pais en alas jo m'trasport,
E veig del Llobregat la platia serpentina,
Que, fora de cantar en llèngua llemosina,
No m'quèda mès plaher, no tinch altre conort.

Esta poesia *A ma patria* que é conhecida na linguagem popular por *A Dèu siau, turòns,* do primeiro verso, foi a voz de rebate da litteratura catalã. A esta voz vieram bem depressa juntar-se innumeras outras de todos os cantos da Catalunha. Barcelona, Valencia e Maiorca acordaram do seu largo somno de cem annos, e, unidas pelos laços da fraternidade, pozeram-se a trabalhar na grande obra — a *Renascença litteraria.* Ha decorrido meio seculo e a litteratura catalã ostenta-se vigorosa com os seus poetas e romancistas, com os seus historiadores e philosophos, com os seus sabios e dramathurgos.

A lingua catalã, como todas as outras linguas romanicas é formada de varios elementos unidos pelas fórmas syntaxicas do latim. Entram na composição d'esta lingua elementos gaulezes, celtiberos, punicos, romanos, gothicos, arabes, etc.; predominando, comtudo, o elemento romano ou latino, cuja lingua chegou a ser

considerada a lingua patria da peninsula hispanica sob o dominio dos romanos.

Tres leis geraes dominaram a formação das linguas romanicas na sua derivação do latim:

1.ª Permanencia do accento latino,

2.ª Suppressão da vogal breve,

3.ª Queda da consoante medial.

A lingua catalã é uma das que mais soffreram esta transformação. Citemos alguns exemplos: fazer, *fer* (em latim *facere,* gallego *facer,* castelhano *hacer,* italiano *far,* francez e provençal *faire);* mundo, *mòn* (latim *mundus,* gal. e cast. *mundo,* ital. *mondo.* fr. *monde,* prov. *mounde);* homem, *hom* (lat. *homo,* gal. e prov. *home,* cast. *hombre,* ital. *uom,* fr. *homme).* Esta ultima, porém, tem variantes: os catalães empregam indistinctamente *hom, home* e *homen,* assim como: *dol* (dôr) e *dolor, dia* e *die* (além de *jorn), aixis* (assim) e *aixi, ple* (cheio) e *plen, ma* (minha) *mèva* e *mèua,* etc. A lingua catalã está dividida em dialectos, que pouco differem uns dos outros; os principaes são o catalão propriamente dito, o maiorquino e o valenciano. O maiorquino ou balear é o que mais differe: os seus poetas escrevem *uy* (olho) por *ull, nigul* (nuvem) por *núbol* ou *núvol, mitx* (meio) por *mitg* ou *mitj;* etc.

Como acabamos de provar, não ha verdadeira unidade na lingua catalã; os escriptores barcelonezes, valencianos e maiorquinos escrevem cada qual no seu dialecto, o que não impede que venham os seus artigos e poesias intermeiados nos mesmos periodicos e nas mesmas selectas, e que elles se considerem collegas e compatriotas. Não estão de accordo os poetas e os prosadores dos varios dialectos sobre o nome geral da sua litteratura: querem os catalães, e, segundo nos parece, com boas razões, que se lhe chame litteratura catalã, emquanto os valencianos e maiorquinos lhe dão o nome de lemosina ou romana. Não queremos nem podemos entrar n'esta questão, em primeiro logar porque nos levaria muito tempo e espaço; em segundo logar porque nos faltam dados positivos sobre que possamos basear um juizo seguro; continuaremos, portanto, chamando a esta litteratura catalã, por ser o nome adoptado pelo sr. Victor Balaguer, a quem seguimos quasi sempre na primeira parte do nosso trabalho.

Analysemos agora o caracter geral da poesia catalã abrangendo os tres differentes ramos em que hoje se divide. Todo o ideal d'esta poesia póde resumir-se em tres palavras: *Patria, fé* e *amor,* que é a divisa do consistorio dos jogos floraes.

Os jogos floraes, ou academia de *Gaya Ciencia,* são a instituição de que já tivemos occasião de fallar, restaurada em 1859, sendo nomeados pelo *Ayntamiento* sete poetas para juizes do certamen e mantenedores da instituição; o consistorio, que, na phrase do snr. Balaguer, *parece el encargado de guardar siempre vivo el fuego sacro,* teve por primeiro presidente o snr. Milá y Fontanals, e desde 1859 tem celebrado annualmente a sua festa poetica no primeiro domingo do mez de maio. Na Provença os jogos floraes existiram até á revolução franceza, e em 1806 foram novamente restabelecidos.

Nos jogos floraes de Barcelona os premios ordinarios são: *a rosa de ouro,* para a melhor poesia sobre qualquer dos feitos historicos, usos ou costumes da Catalunha, sendo preferida em egualdade de merito a que fôr escripta nas fórmas narrativas de romance ou lenda; a *violeta de ouro e prata,* para a melhor composição lyrica, quer religiosa, quer moral; e a *flôr natural,* para a mais inspirada poesia sobre qualquer assumpto deixado ao livre arbitrio dos concurrentes. O auctor que recebe este ultimo *premio de honor y cortesia* entrega-o a uma dama de sua escolha, a qual é proclamada *Rainha da festa,* e distribue os outros premios aos laureados. Além d'estes premios ordinarios, ha outros extraordinarios offerecidos pelas deputações e corporações provinciaes, pelas associações *Atenéo Barcelonés, Aranya,* etc., e pela redacção de *La Renaixensa,* revista que se publica em catalão.

Os jogos floraes muito teem concorrido para o desenvolvimento da litteratura catalã, e, como dissemos, a sua divisa — *Patria, fé e amor* — dá-nos o ideal de quasi todos os poetas da renascença litteraria; porém o amor da patria é o principal sentimento que fez soar as lyras depois de um silencio secular, e o que ainda hoje é a alma da maior parte das composições.

Da Allemanha parte o novo movimento litterario para toda a Europa. Os grandes estudos encetados pelos dois Grimms, sobre as tradições populares da Allemanha, as epopêas e contos da edade media, o direito, lingua e mythologia, trouxeram uma transformação litteraria.

O mesmo se deu entre os outros povos da Europa; o estudo do passado encontrou as fontes da inspiração artistica. O romantismo acompanhou as idéas liberaes por todos os paizes.

(Continúa.) TEIXEIRA BASTOS.

A TI!...

(N'UM ALBUM)

Porque dizes em horas de tristeza,
Que sou bem mais descrente que um atheu?...
Não contemplo accaso a Natureza,
Deus, quando fito o meu olhar no teu?

AFFONSO FOLHADELLA.

UM SONHO

Sahira ás nove horas de uma noite de chumbo, humida, pesada, da luvaria da rua do Ouro. Fôra buscar o trabalho para trez dias, embrulhára-o cuidadosamente a um bocado de *Noticia*, e caminhava perplexa com uns pensamentos tristes que a atormentavam, deixando-a cançada, embrutecida. Queria formular o seu futuro, a sua casa; pensava no casamento como um criminoso que desejasse fugir ao isolamento lugubre da sua prisão, ter um marido, a quem ella muito amasse, recostando-se-lhe nos hombros, dizendo-lhe palavras ternas, apaixonadas, de mulher platonica, viver muito honrada sem dar que fallar á vizinhança, de quem tinha muito mêdo por causa das *linguas*, que eram damnadas.

Calcava aquella rua da baixa pela crua necessidade de ter de ganhar para viver. Embirrava com a numerosa porção de candieiros illuminando montras, com os seus reflectores muito bem polidos, distribuindo uma luz claramente fresca, que deixava observar facilmente todas as *toilettes*. A sua era pobre. Desenvolvera-se-lhe uma forte paixão, filha da miseria, pela lã preta, porque, depois de usada, permittia uma lavagem de café, com que se illudia tomando-a por nova. Era este o seu maior cuidado, não se mostrar suja, não apresentar vestidos cheios de nodoas, desbotados, para não dar glorias ás suas inimigas, que antigamente a conheceram muito em cima, sempre luxando, offerecendo presentes, consumindo o tempo em bordados a missanga, que mandava encaixilhar, e pôr na sala, quando o pae era vivo, que era amanuense do ministerio da fazenda.

Na luvaria, a dona, com o seio de uma curva pronunciadamente sensual, embrulhado n'umas rendas de uma brancura cuidada, com os seus perfumes e as suas importancias, era visitada muitas vezes pelas mulheres da *grande roda*, muito afidalgadas, que a tinham em bôa conta. Estava bem vista! Possuia ouro e pedras finas, que scintillavam risonhas e atrevidas dos seus engastes preciosos como para zombar da desgraça da pobre Margarida.

Cosida com as paredes, roçando-se precipitada pelos cunhaes de marmore dos grandes estabelecimentos, olhava dolorosamente, n'uma grande avidez de quem tivesse o pensamento de roubar, as montras dos ourives. Cubiçara os adresses, sentia-os já no seu cólo muito alvo e muito decotado que ella mostraria n'uma imponencia sensual, misturando o frio natural dos metaes com o morno calor da sua delicada pelle de um rosado suave; pesando na sua pequenina orelha desvanecidamente acarminada — mas na algibeira apenas sentia o peso monotono do cobre!

Chegou a parar n'uns extasis dolorosos deante de uns brincos de brilhantes provocadores, circumdados por uma infinidade de objectos de ouro, onde o gaz a jorros lançava desenhos que refulgiam pelas superficies polidas, espelhando-os de uma luz viva e penetrante.

Aquellas estrellas de luz que tremeluziam nas pedras finas, claras como um lago de agua purissima lambida por um raio de sol esplendoroso, e enebriavam-n'a, e faziam-lhe sonhar em dinheiro, em sedas, em muito ouro. Como deveria ser bellamente seductor possuir um *boudoir* sumptuoso, onde se respirasse um ambiente perfumado e morno; levantar-se tarde; ver n'um largo espelho esculpturadas as suas fórmas esveltas; atirar com os cabellos pretos, muito longos, muito fortes, para os peitos serenamente impudicos; e ter a seu lado um cofre forrado de velludo carmezim, onde archivaria joias, e depois espalhal-as pelas tranças de ebano, onde scintillassem como estrellas n'um céo escurissimo! E a Margarida vêr-se só, no seu quarto, olhando o corpo nú, sensual, appetecivel; deitar-se n'um leito de mogno, com cortinas de Bruxellas, em cima de uma coberta de setim castanho para mais relevo dar ás fórmas; e reclinar-se, errando a vista no estuque do tecto em procura de grandes nuvens illuminadas, por onde sahissem Cupidos, muito gordos e muito nús, que lhe atirassem settas que a ferissem delicadamente, fazendo-lhe estremecimentos lubricos; e ella pensar no amor sensual, abraçada, deixando-se dormir; sentir-se apertada por um corpo vigoroso de athleta, que a estremecesse, a beijocasse, trocando-se halitos—e a Margarida emquanto olhava a montra do ourives pensava em tudo isto, que lhe galopava a tropel pela mente, como phantasmas brancas estalando gargalhadas, dando cabritas no seu cerebro febril, allucinado.

Um *frou-frou* de vestidos ouviu-se a distancia. Aspectos de anemicas aproximaram-se emanando *opoponax*, e umas vozes cantaroladas detiveram-se á mesma montra. Apreciavam. Censuravam o gosto dos ourives, os seus productos, tão feios, tão mal acabados, finalisando por declararem não ser os brilhantes de primeira agua, muito ordinarios, que mal valiam cincoenta libras. E seguiram n'uns tacões de metro, n'um abanbolinado libertino, gargalhando de tudo, dando encontrões aos *marialvas* que passavam, e que, cofiando bigodes estroinas, lhe dirigiam umas phrases de bordel de uma moralidade assassinada.

— Cincoenta libras!—pensou a costureira, como se uma operação difficil lhe apresentassem repentinamente para a sua desgraça resolver.

(*Continúa.*)

MARIANO PINA.

O VASO QUEBRADO

(DE SULLY PRUDHOMME)

O vaso onde emmurchece esta verbena
Com a pancada d'um leque foi fendido,
E pancada tão leve, tão pequena,
Que não a revelou nenhum ruido.

Mas a fenda tenuissima, de manso
Foi mordendo o crystal e de tal modo
Que, avançando invisivel, sem descanço,
Foi lentamente circumdando o todo.

Foi-se esgotando pouco a pouco a taça,
Perdendo a seiva o ramo delicado;
Ninguem inda suspeita da desgraça,
Não lhe toqueis, porém, que está quebrado!...

Muitas vezes a mão, que nós beijamos,
Silenciosa o coração nos fende:
Perdem a seiva os mais viçosos ramos,
O amor, a pouco e pouco, murcha e pende;

Exteriormente vivo, rubro, amado,
Sente o crescer e o gottejar constante
Da pequena ferida penetrante...
Não lhe toqueis, por Deus, que está quebrado!

Trad.

PEDRO ESCARLATE.

QUADROS HISTORICOS

CONJURAÇÃO DE 1641

Na conjuração de 1640, que elevou ao throno de Portugal D. João IV, 8.º duque de Bragança, havia-se resolvido immolar ao resentimento de todo o povo legitimamente portuguez as vidas do conselheiro de Estado—Miguel de Vasconcellos e do arcebispo de Braga D. Sebastião Mattos Noronha; D. Miguel d'Almeida, [1] porém, pôde conseguir que os conjurados poupassem a vida do arcebispo de Braga «cuja morte seria sem duvida odiada por todo o paiz em consequencia da summidade da sua dignidade ecclesiastica e da sua importancia politica, e principalmente pela inquisição, com cujos membros elle estava em boas relações de amizade e que eram gente temida até de principes poderosos.»

A conjuração de 1640 é a mais gloriosa epopêa que o povo portuguez conta nos fastos da sua historia. O fogo que a todos os conjurados animava era tam impetuoso como grande a empreza em que se iam empenhar; mas nem por momentos se lhes esmoreceu a coragem ou se lhes esfriou o animo de legitimos portuguezes que se esforçavam por se levantarem dos vexames e da infamia (a que quasi sempre nos lança a incuria d'aquelles que a seu turno vão assumindo o cargo de tutores dos povos) e que arriscavam agora n'um lance bem duvidoso as suas vidas e todos os seus bens para restituirem á sua patria a liberdade e autonomia que já nas côrtes de Almeirim as tontices d'um velho fanatico rei nos deixou ficar compromettidas.

A pusillanimidade ou antes a covardia de D. João IV teria feito da nossa nação uma *Republica aristocratica*, o que seria sem duvida bem mais funesto do que a tutella d'uma monarchia, se não fôra apertado pelas desmedidas ambições de sua mulher D. Luiza Francisca de Gusmão, e pela machiavelica e ardilosa politica do ministro hespanhol, conde-duque de Olivares, que procurava a todo trance chamal-o a Madrid para o prender ou afastar de Portugal, o que sempre suspeitára o duque de Bragança. Apesar, porém, de todas as contrariedades e obstaculos o espirito de nacionalidade não se extinguiria e a independencia de Portugal estabelecer-se-hia de facto.

No dia 1 de dezembro, cada um dos conjurados aos que tinha cabido a sorte de assassinar Miguel de Vasconcellos, disputava a felicidade de ser o primeiro a feril-o. Foi porém D. Rodrigo de Sá, camareiro-mór, o primeiro que o feriu com um tiro de pistola, sendo depois secundado n'este empenho pelo restante dos conjurados que fizeram cahir sobre este desgraçado tyranno infinitas punhaladas sem que nenhuma resvalasse pelo remorso.

O grito da aclamação de D. João, era grito de emancipação e independencia em toda a sublimidade patriotica; foi acceite, portanto, em todos os angulos de Portugal, com vivo enthusiasmo. E os hispanhoes, sentindo levantar-se o gigante que vivera opprimido e prostrado sessenta annos, fugiram com a precipitação dos condemnados que se evadem das prisões. Os portuguezes que n'aquella conjunctura occupavam os logares da administração do Estado e que eram conhecidos sobejamente affectos á côrte de Madrid, eram logo demittidos se n'elles ainda se encontrassem. O arcebispo de Braga, por ser o mais affeiçoado ao dominio de Filippe, era tambem quem mais sentia a sua

[1] Souza Macedo diz ser Miguel d'Almada.

perda; demais, via de todo perdida a sua importancia politica e interesses que só poderia rehaver com o restabelecimento do Governo hispanhol: além d'isto accommettia-o a todos os momentos o receio de ser mandado prender por D. João IV, logo que a sua auctoridade estivesse inteiramente estabelecida em Portugal. Tudo isto eram, pois, razões bastantes para moverem o arcebispo a emprehender o commettimento d'alguma conjuração. A reclusão e a vigilancia com que apertavam cada vez mais a sua soberana, a princeza de Mantua, pareceu-lhe ser um proceder altamente tyrannico e insupportavel: «a princeza pedia-lhe a liberdade a troco de tantas *graças* que lhe havia concedido». Era a supplica que lhe parecia ouvir sempre d'aquella horrivel prisão; e nunca as bondades da princeza foram mais surprehendentes e cheias de encantos! nunca lhe parecera mais digna de sacrificios e de trabalhos! Decide-se, pois, a dar principio a uma conjuração.

Vimos bem que uma empreza d'este genero devia tomar um caminho semilhante ao da conjuração de 1640; e do mesmo modo fazer entrar n'ella a nobreza, um dos principaes elementos de força n'aquellas epochas.

Alguns nobres não viram de bom grado a elevação da casa de Bragança, por se julgarem com os mesmos ou mais direitos ao throno de Portugal. Facil era, portanto, ao arcebispo conseguir que alguns d'estes descontentes fossem os cabeças da sua conjuração.

De facto é o marquez de Villa-Real—D. Luiz de Menezes, a quem primeiro fez rebellar-se contra o novo governo, dizendo-lhe «que o rei, sendo um espirito timorato e desconfiado, procurava aniquilar a casa do marquez, receiando deixar a seu successor inimigos tão temiveis em vassallos tão poderosos; que elle e o duque d'Aveiro, ambos de sangue real, estavam afastados da administração do Estado, emquanto que todos os empregos e dignidades do reino tinham sido dados a uma turba de sediciosos: que todas as pessoas viam com sincero sentimento o indigno ostracismo a que o rei o votara, condemnando-o a viver no fundo d'aquella provincia; que reparasse—ser elle muito grande pelo seu nascimento e bens para ser vassallo de tão pequeno rei; e que muito sentia ter-se perdido um senhor tão poderoso, na pessoa de D. Filippe, unico que poderia dar áquelle marquez empregos e dignidades segundo o seu nascimento, porque tinha dominio em muitos Reinos e Governos».

A taes considerações respondeu o marquez com um intimo suspiro, deixando perceber ao arcebispo que semilhantes reflexões tinham já sido feitas pelo seu espirito ambicioso.

Folgou no entretanto o arcebispo pela facilidade com que decidiu o marquez e o seu filho duque de Caminha a entrarem n'esta empreza. E para que não esfriasse o animo do marquez, lisonjeava a sua vaidade, dando-lhe o pomposo titulo de *libertador da patria*, e incendiava-lhe a sua ambição com a promessa do Vice-reinado de Portugal para cujo cargo, segundo affirmava, desde ha muito o destinava o conde-duque de Olivares.

Tendo já o arcebispo bem certos estes dous personagens, que eram de summa importancia para os primeiros passos d'esta conjuração, procurou tambem fazer entrar n'ella o clero e a inquisição, cuja influencia moral e material fazia decidir muitos timidos e imporia respeito aos mais audazes.

O inquisidor-geral Nuno de Mendonça, conde de Val de Reis era intimo amigo do arcebispo, e os seus sentimentos e escrupulos orçavam pelos d'este prelado. Os estreitos laços de amizade que os prendiam davam-lhes o direito de poderem contar com o valimento que em cada um mais cabia; por isso contava não só com elle como tambem com todos os officiaes da inquisição.

Ambos convieram, pois, no engrandecimento do numero dos conjurados com pessoas das mais gradas do reino não só d'entre a nobreza como d'entre o clero. E por seu empenho conseguiram effectivamente que se alistassem para esta conjuração — D. Pedro de Menezes, nomeado para bispo do Porto, o padre Fr. Luiz de Mello da ordem de St. Agostinho, nomeado para bispo de Malaca, D. Francisco de Faria, bispo de Martiria, o Commissario da Cruzada o conde de Armamar, sobrinho do arcebispo de Braga, Antonio Corrêa, e Lourenço Pires de Carvalho, thesoureiro-real, e muitas outras creaturas afeiçoadas ao dominio castelhano a que deviam os seus empregos e fortunas e que não tinham esperança na conservação ou rehabilitação d'elles senão pelo restabelecimento do governo de Filippe.

Tambem, pela sua parte, D. Agostinho Manuel, fidalgo arruinado, mas homem astuto e refinado velhaco, e o mais intimo confidente do arcebispo, não afrouxava no empenho de crear partidarios e de aggravar os odios dos descontentes do novo governo. Entre os partidarios que conseguiu que se alistassem para esta conjuração, contava-se um certo Pedro Baeça, *christão-novo* e rico negociante da praça de Lisboa, mui conhecido pelo seu commercio e riqueza em toda a Pe-

(1) Primeiro amanuense de Miguel de Vasconcellos que escapara das punhaladas que, no dia 1 de dezembro, D. Antonio de Menezes lhe dera, irritado pela insolencia com que elle recebeu os conjurados quando procuravam o ministro de Estado para o matarem.

ninsula, e cuja alliança veiu a ser, como veremos, de grande utilidade aos conjurados.

Pelas funestas e absurdas provisões, adoptadas por D. Manuel a 30 de maio de 1497 contra as familias hebrêas, era Lisboa a cidade em que viviam maior numero d'estas desgraçadas familias que em qualquer outra povoação do reino.

N'esta conjunctura, D. João IV deixava de acceitar uma consideravel somma que os hebreus lhe offereciam para que pozesse termo ás perseguições com que a inquisição os affligia e para consentir que professassem publicamente a sua religião.

Não esqueceu ao arcebispo este resentimento dos hebreus que habilmente aproveitou em pró da sua causa. Assegurou-lhes a protecção junto do inquisidor-geral, em cujas acções bem sabiam elles ter o arcebispo toda a preponderancia; depois fez-lhes crear o receio de serem expulsos de Portugal, porque este principe affectava uma grande catholicidade, e no entretanto prometteu-lhes a liberdade de consciencia e d'uma Synagoga no reino, se quizessem contribuir para a reintegração do dominio de Filippe. Levados por estas promessas, facil foi conseguir que promptamente se prestassem á conjuração projectada. Foi por ventura a primeira vez que se viu a inquisição trabalhar d'accordo com a Synagoga.

Reuniram-se os conjurados muitas vezes para assentarem nos meios que melhor fariam vingar esta empreza. Conheceu-se ser preciso communicar ao ministro hispanhol todo o plano da revolta para que lhes enviasse tropas que auxiliassem os seus meneios, sem o que não poderia necessariamente ter bom exito esta conjuração. Mas era dificil fazer sahir cartas fóra de Portugal, porque as fronteiras eram cuidadosamente vigiadas desde que se soubera que a princeza de Mantua tinha feito chegar cartas suas a Madrid. Temiam tambem que quaesquer providencias, porventura intempestivas, podessem fazer abortar a conjuração; e por isso resolveram empregar cada um os meios extremos para fazer chegar a Madrid esta noticia pouco tempo antes de ter de se manifestar a conjuração. O commercio que Pedro Baeça sustentava em muitas praças da Peninsula, fez-lhe conseguir que obtivesse do monarcha permissão de poder mandar um expresso ao reino de Hispanha. Appareceu portanto aos conjurados ensejo facil de endereçarem as suas cartas ao conde-duque de Olivares.

Recommendou Baeça ao seu expresso que entregasse aquellas cartas na praça fronteira e mais proxima do reino de Hispanha, julgando tel-as posto a cobro, logo qne estivessem fóra de Portugal. Era felizmente governador d'essa praça o marquez d'Ayamonte, proximo parente de D. Luiza de Gusmão, e com quem D. João IV havia muito se correspondia secretamente. Ao vêr o marquez um masso de cartas, selladas com o sello maior da inquisição, suspeitou que ellas revelassem ao ministro a correspondencia que elle sustentava com o rei de Portugal; quebrou portanto o sello e não ficou menos aterrado quando leu todo o plano da revolta e os nomes de todos os conjurados. Enviou-as logo ao rei de Portugal, recommendando-lhe o mais rigoroso segredo e a mais perspicaz prudencia no uso d'aquelles documentos, quando tentasse fazer abortar a conjuração. [1]

O plano da conjuração era o seguinte: Os judeus ás 11 horas da noute do dia 5 de agosto, poriam fogo ao palacio e a muitas outras casas em differentes logares da cidade para chamar ahi uma grande parte do povo, emquanto que a outra parte restante que corrésse desorientada pelas ruas seria contida com o respeito do temor pelo inquisidor-geral, pelo arcebispo e por todos os officiaes da inquisição, que n'essa conjunctura andariam por toda a cidade; os outros conjurados entrariam no palacio, sob pretexto de levarem soccorro, e no meio d'aquella perturbação e confusão que necessariamente causam os grandes accidentes, apunhalariam o rei; e o duque de Caminha apoderar-se-hia da rainha e dos infantes, para conseguir que ella removesse alguns obstaculos e reincidencias que seus partidarios opporiam á completa realisação d'estes projectos; o marquez de Villa-Real assumiria a governação do Estado até que se providenciasse de Hispanha; e uma frota hispanhola a este tempo entraria no Tejo e faria implantar e sustentar em Lisboa esta nova auctoridade que dentro em breve se havia de fazer acceitar em todo o reino.

A sabedoria ou, por ventura, o medo ditou a D. João conselhos tão prudentes e tão efficazes que das medidas adoptadas nenhumas, por demasiado discretas, trahiram o segredo da revelação, nem, por extemporaneas, deram logar aos criminosos de cuidarem da fuga.

A 5 d'agosto, entravam em Lisboa, sob pretexto d'uma revista geral, todas as tropas destacadas nas povoações mais proximas da capital; deu D. João, na manhã do mesmo dia, em segredo, um bilhete fechado ás pessoas da sua côrte, só áquellas em que mais con-

[1] O sr. Camillo Castello Branco nas suas «Noites de Insomnia» n.º 10, pag. 35, diz-nos que Manuel da Silva Mascarenhas fôra um dos denunciantes da conjuração de 1641. Ora como infelizmente não possuimos os documentos e auctores que sem duvida enriquecem o gabinete de trabalho do sr. Camillo, aproveitamo-nos apenas d'aquelles que mais facilmente pudémos conseguir que nos chegassem ás mãos, e cuja opinião é a que vamos seguindo.

fiança depositava, com a ordem precisa a cada uma de só abril-o ao meio dia, e para então executar pontualmente o que n'elle se lhes dizia. Em seguida mandou chamar ao seu gabinete o arcebispo de Braga e o marquez de Villa-Real, pretextando querer tractar com elles varios negocios, e ahi os reteve sem que o rumor da prisão d'estes personagens podesse transpirar, pondo d'aviso os restantes conjurados.

Ao meio dia eram abertos os bilhetes e, conforme as determinações n'elle expressas, cada um cuidava em prender o conjurado que o rei lhe designara e de conduzil-o a esta ou áquella prisão, guardando-o á vista até nova ordem.

A prisão, porém, de pessoas demasiado suspeitas por serem conhecidamente affeiçoadas ao dominio castelhano fez receiar ao povo que se tractava d'alguma conjuração; e isto, que a principio eram meras suspeitas, correu dentro em breve com todos os visos de verdade. Accudiu muita gente ao palacio, e pedia em altos brados que se lhe entregasse os traidores. O monarcha appareceu a uma das janellas do paço, agradeceu ao povo o cuidado em que tinha a sua pessoa e a autonomia da sua patria, e assegurou-lhe que os criminosos iam ser punidos. Mas receiando que aquelle odio passasse por ventura aos sentimentos de piedade e compaixão, fez publicar «que os conjurados tinham deliberado — assassinar o rei e toda a familia real; pôr fogo á cidade e o que não fosse preza das chammas seria preza dos sediciosos; e que a politica de Hispanha, para poupar-se a futuros receios de novas conjurações e para melhor cevar a sua vingança, tinha resolvido povoar a cidade d'uma colonia de castelhanos e mandar todos os burguezes para as minas da America, para sepultal-os vivos n'aquelles abysmos onde faziam morrer todo o mundo».

Estas asserções, posto que exageradas, tornava-se preciso serem apresentadas com semilhantes côres attendendo a que, para se restabelecer a autonomia de Portugal, só se podia contar com o vehemente fogo patriotico d'um mingoado numero de portuguezes. E era esta uma das occasiões que convinha aproveitar para irritar contra os hispanhoes os odios do povo, que nas fronteiras obrava prodigios de valor em defeza da sua patria em quanto que D. João, em Lisboa, fazia musica ou batia as coutadas reaes, rodeado de monteiros. E já que a sua presença nos exercitos não estimulou capitães e soldados, ajudando a victoria e ornando de suas palmas a dynastia elevada pelo braço do paiz, como diz Rebello da Silva, ao menos excitava-nos á peleja, incendiando-nos no peito o odio contra os que foram nossos oppressores.

Interrogados os reos, confessaram ser verdade de quererem assassinar o rei, fazer proclamar novamente o dominio de Filippe para cujos meneios tinham o tribunal da inquisição cheio d'armas, e que, para vingar esta empreza, esperavam o auxilio de Hispanha.

Foram pois julgados, e a 29 d'agosto foram decapitados — o marquez de Villa Real, o duque de Caminha, o conde de Armamar, Pedro Baeça, Melchior Correia, Diogo de Brito Nabo; condemnados a prisão perpetua — o arcebispo de Braga, o inquisidor-geral e os bispos de Malaca e de Martiria; e esquartejados os restantes conjurados.

O arcebispo ainda tentou o perdão e a clemencia de D. João IV, por mais d'uma vez, instancias que lhe valeram sem duvida a morte que se fizera crer e divulgar ter sido accidental, mas que fôra devida ao ferro ou veneno que a Politica sabe em casos taes ministrar aos criminosos de grande importancia e influencia.

Porto — 1879.

ALMEIDA CHAVES.

AOS COMETAS

Emquanto os geniaes astronomos profundos,
Exploradores vãos do ceo, de novos mundos,
Aguardam surprehender
A vossa apparição nos fócos das lunetas,
E attentos combinando os alphas com os betas,
Expõem qual deva ser

A sabia, a eterna lei de vossos movimentos;
Emquanto a turba ignára em choros e lamentos,
Em dissono carpir
Presaga se desfaz, temendo um cataclysmo,
Mal vossa cauda vê do ether pelo abysmo
Aligera seguir;

Emquanto a negra fé catholica romana,
D'onde a mentira brota, o erro só dimana,
E nunca um bem nasceu,
Fé na religião da dôr, do exterminio,
Á luz da sciencia hostil e ré no assassinio
Do grande Galileu,

O gladio a fulgurar na dextra ameaçadora,
Nos quer persuadir com fóros de doutora,
Dos padres pela voz,
Que o instrumento sois da colera terrivel
De um hydrophobo Deus, decrepito, irascivel,
De um Jupiter feroz;

Emquanto caminhais, cometas mysteriosos,
Soberbos de elegancia, altivos, descuidosos,
Ideaes na fórma e côr,
Para uns eterno assumpto em que avidos cogitam,
Para outros auxiliar das tramas que meditam,
Para outros um temor:

Eu quedo-me a scismar na vossa transparencia,
Na vossa limpidez, na vossa fina essencia,
Tão fina e tão subtil,
Qual se talhada fôra em almas condensadas
Por infantil caricia, a riso emmolduradas
Nos perfumes de abril.

Eu quedo-me a scismar com verdadeiro espanto
Na longa cauda errante — o vosso regio manto,
Vossa insignia talar,
Que ora se espraia em leque, ora se encurva em pluma,
Ora se rarefaz, dilata, expande e esfuma,
N'uma poeira stellar.

E admiro o vosso nucleo, essa spheroide extranha
Que a Natura teceu — a portentosa aranha,
Com atomos de luz;
E essa cabeça inquieta, informe, nebulosa,
Movediça, diffusa, insciente e caprichosa;
E a mão que vos conduz,

Pela etherea amplidão, do kosmos nos espaços,
Já requestando o Sol com fervidos abraços
De uma lascivia ruim,
Já divagando a sós, fugaces, desgrenhados,
N'um veloz discorrer, sem meta, allucinados,
Por orbitas sem fim!

Viveis no estado fluido, ou solido, ou gazoso?
Acaso é o vosso todo, aereo, luminoso,
Materia sideral
Mil vezes menos densa ainda que a atmosphera?
Por luz propria brilhais, assim como o assevera
A analyse spectral?

Possuis na verdade um nucleo incandescente?
A influencia que vos faz nutar continuamente
Do Sol a recebeis?
A vossa cauda é real, ou filha de apparencias?
Quem vos habita?... sempre emfim para as sciencias
Um enigma sereis?...

Fluctuae! Fluctuae! meretrizes do espaço,
Ondeando a bata airosa, entretecida de aço,
De prata e de arreboes;
Requebrae-vos gentis em paixões lascivas,
Tregeitos sensuaes, e não negueis esquivas
As caricias aos sóes.

Trementes percorrei os mundos planetarios,
D'espiritos subtis! ó poetas visionarios!
Ó kosmica expansão!
Que anceando um horizonte e um Ideal melhores,
Nostalgicos vagais — funestos sonhadores —
Buscando a Inspiração.

Quando a imaginativa alada me transporta,
Então vós pareceis á minha mente absorta
As pennas com que Deus
Escreve sem cessar no azul da Immensidade
Os fastos do Universo, as leis da Humanidade,
O futuro dos ceos!...

Dezembro de 1878.

ABEL ACACIO.

CLARA

DO DRAMA — O CONDE D'EGMONT

Depois de Shakespeare, ninguem como Goethe apresentou e soube pôr em relevo os usos, costumes e linguagem das diversas camadas que compõem a sociedade em geral.

O distincto poeta aspirava tão facilmente e *à son aise* o ar impregnado da taberna como o aroma inebriante e subtil que se espalha vagaroso no ambiente dos ricos e faustosos salões. Conhecia egualmente a linguagem do povo e a do Olimpo; e fazia fallar, com relativa perfeição, tanto os deuses immortaes, sentados á mesa de Jupiter, como os burguezes, em volta dos seus bufetes.

Clara (personagem de quem de relance nos occupamos hoje, porque em descripções de gravuras não podemos nem devemos ser extensos) não é, como Carlota, ou Lili, uma burgueza; é filha do povo; uma simples, mas terna, meiga e ingenua *grizette*, que se enamora do Conde de Egmont, porque elle sabe muito bem montar a cavallo, porque a deslumbra com os seus ricos fatos e porque todos fallam d'elle com certo respeito e admiração.

Assim, pois, como n'uma noite tenebrosa brilha e surprehende a estrella da bonança isolada no plumbeo ceo, Goethe faz surprehender e brilhar a imagem de Clara no centro dos mais sombrios horrores que comprehende o drama do Conde d'Egmont.

A peça rompe por incertos rumores d'um povo em agitação conspiradora.

Os burguezes de Bruxellas combinam-se com os soldados do conde, e estes discutem, criticando, a fria e

DO QUADRO DE KAULBACH E GRAVURA DE C. GAYER

CLARA.

severa magestade do rei Philippe II, e lamentando a um tempo o imperador Carlos, de saudosa memoria. Recordam-se dos seus passeios a cavallo, sem escolta, nem apparato, pelas cidades de Gand e Bruxellas, saudando honesta e continuamente o seu povo, emquanto que o filho passava hoje rude e sombrio, com todo o seu cortejo, sem nunca corresponder á saudação dos seus subditos. Maldizem o enlace entre a antipathia d'um paiz civico e jovial com a altiva e mystica Hispanha, e comparam este estado de coisas a uma *feira holandeza* de Rubens, na qual apparecesse uma lugubre monja de Zurbaran, vestida com seus habitos!

Entra Egmont.

O conde, no drama, não é um d'esses conspiradores que, de clava em punho, chama o povo á rebellião. O seu papel, na revolta de Flandres, determina-o mais a ser medianeiro indeciso do que um inimigo declarado: homem de compromissos, de transacções, de reservas, não tem nunca nem a audacia, nem a attitude bellica dos revolucionarios de que resa a historia. Protestou a sua fidelidade ao rei, que o assassinou, e o seu testamento foi o acto de contricção do vassallo! A morte d'elle foi sentida, é verdade, mas não exaltou a populaça á indignação de se conspirar contra os juizes.

Assim, não podendo Goethe fazer de Egmont um heroe de acção, fel-o um heroe de amor.

Vemol-o, pois, no drama um amante romanesco, depositando no seio d'uma mulher obscura os seus successos politicos. Clara ama-o com todas as forças da sua alma, e quando sua mãe, de pronunciada bossa casamenteira, assaltada por um tardio remorso lhe dizia: — Qual não é a minha dôr ao lembrar-me de que a minha unica filha será uma mulher perdida! — a filha returquia:

— Perdida... eu?! a amante de Egmont?! O' minha mamã, por Deus, não me falle assim... seja boa. Este quarto, esta casa, tudo que nos cerca é um paraiso desde que Egmont aqui vem. —

Mas este amor havia de ter um fim triste e fatal.

Egmont foi preso e condemnado á morte.

O duque d'Alba invita o conde a uma audiencia amigavel. D'uma janella de seu palacio avista-o ao longe; o conde approxima-se; entra na côrte; estabelece-se a audiencia; soldados occultos por uma porta esperam o signal de o prender: Egmont é arguido e condemnado; os seus adversarios provocam-n'o esperando que elle se exceda para ser apanhado em flagrante: Egmont contem-se quanto póde, mas a paciencia esgota-se-lhe e atira ás faces dos seus inimigos as mais fortes invectivas; a porta abre-se, os soldados apparecem, e o conde vê-se de repente n'um circulo d'espadas.

Segue-se o sussurro da populaça causado pela prisão do conde: Clara sabe, sae de casa e corre as ruas chamando em altos gritos o povo ás armas a fim de salvar seu amante da prisão; mas as suas palavras tinham o exaspero da loucura; o povo dispersa, e Clara, abandonada, louca, em desalinho, entra de novo em casa, prepara uma bebida mortal, envenena-se e morre nas mais horriveis torturas.

Eis em resumo o drama e o que representa a nossa gravura.

OSCAR TIDAUD.

DE NOITE

Desceu de ha muito a noite silenciosa.
A lua, como um lirio immaculado,
Abre o calix d'amor, urna saudosa,
No azul, d'astros serenos cravejado.

Quem me déra sonhar o meu noivado
N'aquella estancia doce e luminosa,
E aspirar-te os perfumes, branca rosa,
Longe das garras cruas do Peccado.

Talvez que se eu vivesse n'esses mundos,
Calados, cheios de segredos fundos,
Te seguisse do alto dos espaços,

E, estrella ou nuvem solitaria, um dia
Cahira inerte, inanimada e fria
No abysmo luminoso dos teus braços.

Lisboa.

JOAQUIM DE ARAUJO.

CONTOS AO CORRER DA PENNA

A VIRGEM DO CALVADOS

Em Cayena, rua de S. João, ainda hoje se vê uma casa de aspecto antigo e pardo, de perfis duramente accentuados, pequenas janellas com vidros enquadrados em caixilhos de chumbo, uma escadaria de pedra gasta, degraus falhados, cheios de intersticios onde irrompe a herva, grandes gatos de ferro aqui e além, amparando a pequena balaustrada que delimita a escada, o tecto em bico, encimado de arabescos toscos de *fayence,* uma pequena varanda saliente á altura do

primeiro andar, e toda a habitação como absorta no quer que é de triste, de mysterioso, como o involucro de um thesouro de legenda, ou como a ruina a que se chumba o primeiro elo de uma cadeia tragica e poetica de recordações e de desgraças. Para traz, as grandes arvores murmurantes, contorcidas, de copas irregulares e ramarias engalfinhadas, desenham sobre um chão coberto de hervagens, de heras e de eloendros, uma sombria abobada ogival de mosteiro, sonora de echos de passaros e tão triste, tão triste como a habitação. Uma brecha praticada no muro que abraça este logar contemplativo, permitte a entrada ao *touriste*.

Entre duas estatuas partidas, vê-se um pequeno lago sem repuxo, cheio da agua das chuvas, onde as rãs coaxam de noite. As veredas, antigamente traçadas com areia reluzente, estão hoje vestidas de forte relva intractada, em camas varias, picadas do escarlate hillariante das papoulas e do amarello aurico dos frageis malmequeres campezinos. E' a casa de Carlota Corday, meus senhores. Foi aqui, sob a protecção desvelada e amiga de M.me Coutelier, que a loura normanda passou os seus annos infantis, ao sahir da abbadia *aux Dames*, é aqui que ella fortaleceu a sua coragem, cimentou as suas convicções heroicas, e educou o seu espirito extraordinariamente varonil, entre os livros de Plutarcho e de Tacito, de Voltaire e de Rousseau, e com as leituras dos jornaes revolucionarios dos girondinos, onde Brissot, o grande luctador implacavel e o grande martyr, fazia transcrever os seus discursos candentes, de um vigor terrivel e prophetico. A casa derrue lentamente. E quem poderá recompôl-a e habital-a, em espirito, com os seus ornatos antigos e os seus antigos habitadores? De manhã, n'aquelle tempo, a um feixe de sol, bipartindo em dois tons diversamente coloridos a fachada e a trazeira da pequena e modesta vivenda, abria alguem as janellas do primeiro andar. A senhora Coutelier, com a sua grande touca de folhos de cassa, o seu simples vestido preto, esguio e severo, sem ornatos e sem decotes, vinha tractar as flores da sua varanda, pôr ao sol as aves chilreantes das suas gaiolas, emquanto do lado do jardim, Carlota Corday vestida de branco, com o seu largo avental de *ménagère*, fazia as primeiras disposições para o almoço. A casa de jantar ficava ao rez do chão, com portas sobre a esplanada do lago. Sobre a branca toalha, Carlota dispunha os dois talheres de prata, um defronte do outro; no meio, o jarrão de velho Sevres, de figurinhas de anjos e molhos de rosas de musgo, servia de base a um grande *bouquet*, todas as manhãs renovado. M.me Coutelier amava as rosas. Carlota dispunha-as graciosamente, em feixe, no meio dos lirios brancos, das grandes campainhas riscadas, entre rendilhagens magnificas de verdes palmas retinctas e de folhas gordas, metallicamente espinhosas, semeadas de miudos veios, escuros e tenuissimos. A's nove horas almoçavam. Depois, emquanto Madame se recolhia a bordar, Mademoiselle, com os cabellos n'uma trança opulenta, um grande chapéo de palha nos olhos, um livro no bolso do vestido ou do *indispensavel*, sahia para o jardim, e d'alli, muitas vezes acompanhada de um rapazinho, cujo nome se perdeu, para a vastidão e para a liberdade dos campos. Era muito nova ainda; vinte e quatro annos, quasi; de rosto oval fresquissimo e branco, um louro fulvo nos fortes cabellos enormes, o perfil bem construido, de uma linha esculptural de deusa antiga, a mão pallida, nervosa, afilada, de uma distincção aristocratica e polida de princeza.

O seu genio resentia-se um tanto do ascetismo da sua primeira educação. Prematuramente orphã de mãe, fôra para a abbadia. Alli obrigaram-na pequenina aos habitos regulados da ordem: estudar ás tantas, comer ás tantas; então sempre grave no seu logar, olhando toda séria, feita uma senhora de juizo. E sem os affectos minuciosos que uma mãe dispensa no berço de seu filho, aos seus primeiros passos, nas suas primeiras necessidades, ao alcance dos seus desejos, ao fulgor dos seus primeiros sorrisos, entregue ás seccas e velhas monjas automaticas, cheias de gotta e de egoismo, a sua expansibilidade de ave retrahiu-se pudibundamente, atrophiou-se como um ovo infecundado. Era reservada, um tanto fria, reflexiva, olhos baixos, um fulgor na pupilla azul profunda, as narinas frementes quasi de continuo, mal experimentavam qualquer emoção. Estudava. O estudo concentrava-lhe as faculdades. Era prima de Corneille e ufanava-se do parentesco; sabia todos os versos do poeta, recitava-os com uma paixão entranhada e com um grande enthusiasmo: era só n'estes momentos que se abria, como uma flor de cacto, purpurina e soberba, se abre no crystal de uma taça. Fóra da convivencia de Madame, e das suas leituras predilectas, era uma inexperiente. Lançada na philosophia, derivou na politica. Allucinara-se.

N'um livro de lembranças escrevera um dia estas palavras do *Emilio*, onde a perspicacia de Voltaire annunciava o *noventa e tres*: o grande torna-se pequeno; o rico, pobre; o monarcha, vassallo. Approximamo-nos da crise, do seculo das revoluções!—Logo após a queda do partido realista, alguns deportados vieram ter a Cayena. Ella conheceu-os a quasi todos. Foi então que as suas convicções se accenderam e que as suas audacias reclamaram. Entre os proscriptos, havia um rapaz de genio indomavel: *Barbaroux*. Ha um retrato d'elle no museu *kesington*, em Londres. É uma d'essas magnificas cabeças que jámais se esquecem, esboçadas a quatro traços, atrevidas e ideaes, d'essa audacia que dá o talento e d'essa idealidade que dá a juventude;

a grande testa desafrontada e branca, sem uma ruga, e de bossas frontaes desenhadas n'uma ondulação imperceptivel; o nariz a prumo, n'uma linha direita e franca, bem cortada; a bocca firme, vermelha, sensualmente grossa; a pennugem de um buço esfumando ao de leve uma sombrazinha dourada sobre o labio risonho, e os cabellos seccos, revoltos, em ondas, em novellos, de um castanho claro de tons luzentes, atirados para traz com um movimento leonino, ao subir talvez a tribuna para defender uma medida de governo, ou ao tomar uma espada para correr ás barricadas. Nada mais bello que o typo d'aguia d'esse homem cheio de audacia e de talento, creança e heroe, combatente e martyr! Com auctorisação de Madame, *Barbaroux*, começou a frequentar as *soirées* da casa. Ás oito horas accendiam-se as serpentinas deante do grande espelho de crystal. Niche, a creada, accendia o fogão de marmore. Madame vinha estender sobre a pequenina banca de jogo o panno de ramagens a matiz, toda abafada na sua velha pelliça forrada de setim. Ás oito e meia, chegavam visitas, ordinariamente, o visinho tabellião, Mr. de Saint Clair, a velha madame de Fresne, mademoiselles de Fournemère, duas manas, installavam o jogo. Barbaroux poucas vezes jogava: só quando eram mais vivas as instancias de Madame Coutelier. De ordinario ouvia ler Carlota, junto do fogão, ou conversavam em politica, lendo ao velho tabellião, os jornaes chegados de Pariz. Uma noite, era já no mao tempo, a rebellião crescia; surdos rumores de ameaça acompanhavam as narrativas das sessões do parlamento. No serão de Madame, estavam mais alguns convidados que de costume. Tres burguezes moços, de bons habitos, recatados, tomavam fogo na partida.

Carlota apontou-os a Barbaroux meditabundo, e com a sua fina voz, de um timbre infantil e casto:

— Elles jogam — disse — e a patria morre!..

Foi a primeira vez que o proscripto a admirou. Na mesma noite, a admiração transfez-se em amor.

Alguma grande missão dispersára pela Normandia os girondinos exaltados, que a proscripção de 31 de Maio, azorragára de Pariz. Dizia-se que eram emissarios de uma associação occulta, composta de homens decididos. Com Barbaroux, havia Salles, Buzot, Valazé, Petion, Louvet. Em certos dias Barbaroux não vinha a casa de M.me Coutelier, ninguem o via em Cayena.

Era quando se reuniam os proscriptos para deliberarem nas medidas a pôr em pratica. A Normandia agitára-se, exhalando rebellião. Wimpffen, o commandante de Cherburgo annunciou que marcharia para Pariz, á frente de sessenta mil normandos. Installou-se definitivamente a *Assembléa central de resistencia á opposição*, tendo por lemma: *Patria, dever, e salvação publica*, a cujas sessões Carlota Corday assistiu.

Prégava-se alli que Marat era o mao genio da França, o promotor da anarchia, o fermento da serie de infamias commettidas, o artista de todos os crimes. Carlota meditou então o seu plano de sangue. E uma manhã, 9 de Julho de 1793, tomou o album de aguarellas, uma grande capa, os seus lapis, a palheta das tintas, e n'uma especie de mala, pequenos objectos de *toilette*, um livro de Plutarcho, e partiu.

Era um lindo dia de verão. Nos confins da paizagem, os pinheiraes ennodoavam de negro o azul desvanecido do céo. Os insectos de azas febris passavam, de ramo em ramo, pondo vibrações musicaes nas camadas do ar aquecido. O pequenito que a costumava acompanhar abriu a cancella do jardim. Ao ruido dos gonzos, Madame assomou á janella a ver o que era.

— Vou tomar perspectivas, *ma tante*—disse Carlota risonha, mostrando a pasta dos cartões. E sahiu sem dizer adeus, sem voltar a cabeça. Não disse nada a *Barbaroux*, a ninguem. Madame ficava á janella, regando as suas flores.

— Elles julgam-me sem me conhecerem — pensava ella afastando-se de casa — um dia saberão quem sou.

E depois:

— Emquanto viver Marat, não póde haver segurança para os amigos das leis e da humanidade.

Já no campo, olhou uma vez para os altos tectos da casinha que protegera os seus dias serenos de creança ingenua. Através das arvores e das casarias apinhadas, poude distinguir ainda um angulo da fachada, a alta chaminé de *fayence* que desenrolava fumo, os cimos das nogueiras do jardim. Esteve a olhar um pouco de tempo.

Deu dinheiro ao rapazito. Ouvia-se a guizada da posta que sahia pela estrada de Pariz devendo passar alli.

Disse ao pequeno:

— Vae a casa e traze-me o livro que esqueci na mesa da sala de costura. Eu fico esperando por ti. Vae!

Quando se viu só, metteu o album na mala, atirou a capa aos hombros. Bem depressa a sege appareceu no cotovelo do caminho. Carlota fez signal. Pararam.

E lestamente, a normanda tomou logar a um canto do trem junto de dois burguezes, que voltavam do mercado para as suas herdades. Disse em voz baixa:

— Barbaroux fica! O seu olhar exprimia uma doçura infinita, e uma pureza ideal. Coroada da branca touca de folhos, caracteristica das mulheres do paiz, a sua cabeça loura tinha um desenho de *madona*, delicado e divino.

(Continúa.)

FIALHO D'ALMEIDA.

AOS NOSSOS PATRICIOS DA REGOA

PELA

INAUGURAÇÃO DOS SEUS CAMINHOS DE FERRO

Assim como do sol o fogo puro e bello
dissipa de momento a sombra agonizante,
do novo mundo a Luz rebenta scintillante
da forja do Progresso aos golpes do martello.

O gigantesco impulso é o ultimo duello.
O escravo triumphou! E ao silvo retumbante
gira a locomotiva airosa, rutilante,
unindo um povo ao outro em dulcido anhelo!

Findou a solidão: deixa de haver distancia.
Á medonha escacez succede-se a abundancia;
E o solo abandonado aspira a produzir.

Vôa de pólo a pólo a multidão contente...
E agita-se no seio a alma sorridente
ao vêr aberta, emfim, a estrada do Porvir!

Porto 10 de julho, 1879.

OSCAR TIDAUD.

UMA ARREPENDIDA

(A MEU IRMÃO JOSÉ)

N'aquella tarde, depois de jantar socegadamente com as duas filhas, o snr. Teixeira fôra dormir a sesta—*dar a sua lição de trombone* — como graciosamente dizia.

Não podéra, porém, descançar: um grande desassocego d'espirito por causa da filha mais nova, porque havia dias o tinham avisado para que se acautellasse, difficuldades de respiração, um calor insupportavel, mosquitos que enchiam o quarto de incommodos zunidos e o aferretoavam fortemente, lhe afastaram o somno para bem longe.

Estava havia pouco na cama, revolvendo-se constantemente, quando ouviu uma voz de creança que dizia á filha mais velha:

—O' snr.ª Joanna, a sua irmã entrou ha um poucachinho para o quintal do tio Rezende, que eu bem vi.

—Ah, seu grande mentiroso! Como póde isso ser, se ella está em casa?!—ouviu-se gritar muito zangada a rapariga a quem a creança se dirigira.

—Está, está!—retorquiu o rapaz garotamente.

O tio Teixeira apenas ouve estas palavras de viva confirmação, salta rapidamente da cama, percorre a casa, interroga, e, obtendo a certeza de que a filha, a Rosa, se não achava ahi, toma uma velha espingarda d'um cano, suja, ferrugenta, e com um passo largo, theatral, febril, agitado, um estranho brilho no olhar, uma vigorosa immobilidade de feições, encaminha-se na direcção da casa de Rezende.

A Joanna, aterrada, livida, começou a gritar pela vizinhança que accudissem, que o seu pae ia matar a sua irmã. Ninguem apparecia: a casa ficava n'um logar um pouco deshabitado, e áquella hora os vizinhos andavam a trabalhar nos campos.

Seguia, pois, o velho o seu caminho, quando a Josefa do Monte o encontra e, n'um grande espanto, pergunta:

—Você para onde vai, homem?! assim n'esse preparo, em mangas de camiza, sem chapéo.

—Deixe-me, vizinha—atalhou—Vou matar aquella desavergonhada, aquella grande velhaca que apenas me apanhou deitado me fugiu para casa do Rezende—E possuia-se d'um grande desespero.

—Deixe lá, homem, deixe lá! Agora o que lhe ha-de fazer?—volveu prudentemente a Josefa—Já não tem remedio. Olhe: o que você vai fazer com isso é dar escandalo á freguezia.—E aconselhando-o:—Sabe que mais? volte para casa que bem precisa, e quando ella estiver de volta então cumpra com o seu dever... Mas não matar! Credo!

—Mas é que eu não posso. Hei-de matal-a—e, enfurecendo-se, deu uma arremettida para deante como um boi que sai do curro.

Porém a Josefa agarrou-o valentemente e com boas rasões o foi arrastando e convencendo até que o demoveu do seu sinistro proposito.

Socegara um pouco. A intensa raiva que se apoderara d'elle acabara por prostral-o e espaçadamente gemia e chorava, invocando o nome da que lhe fôra companheira.

*

Uma tarde de julho, quente, calmosa, suffocadora. O vasto céo claro, todo alagado de sol tinha uma irradiação caustica. A atmosphera morna, irrespiravel. A vegetação sequiosa, com uns tons esbraseados, fulvos, erguia para o alto os braços mirrados n'um ar de preces — ad pluviam—. Os milharaes curvavam os caules amarellecidos, extenuados. O rio, uma estreita fita de prata, encostava-se de cansaço a uma das margens como a procurar a sombra refrigerante dos salguei-

ros. Do solo ardente sahia uma como evaporação d'um forno.

Desde pela manhã, Rosa trazia a cabeça pesada, amollecida, abundante voluptuosidade por todo o corpo, espreguiçando-se a cada passo e sentindo a fatal necessidade de se encostar a alguem. A Michaela dissera-lhe que o Rezende a esperava n'aquella tarde e que lhe tinha a participar coisas importantes. Ella adivinhara, sentira logo por todo o corpo voluptuosos arrepios, ficara muito contente. Já havia tempos que o desejara, que uma ideia fixa, que lhe enchia a alma de desejos, se lhe tinha cravado no cerebro. Tinha tido até mornos sonhos em que elle lhe apparecia nu, branco, robusto, apertando-a contra o seio, sob uma longa effusão sincera de beijos. No meio d'estes delirios acordava e n'um profundo desconsôlo encontrava-se só. Achava-o extraordinariamente bello: era espadaudo, negros cabellos corredios, umas bem talhadas suissas, e sobre tudo uns olhos que a deslumbravam. Não havia no logar pessoa que se lhe avantajasse. E depois, sabia dizer palavras que lhe entravam n'alma e ficavam lá, por largo espaço, resoando n'uma indolente vibração amorosa. Porque ella já amara varios. Um, sobre todos, tratara-a com uma castidade incomparavel. Verdade é que eram ambos creanças, mas apezar d'isso ella já tinha impetuosidades. Mas o rapaz com umas vagas tendencias romanescas que irrompiam do fundo do seu temperamento, julgava-a a casta visão dos seus sonhos. A sua natureza ardente, impetuosa, fortemente animal, incommodava-se com semilhantes delicadezas, portanto deixara-o. Mais tarde entretivera um longo namoro com uma pessoa *de posição*.

Lembrara-se então de casar: assaltara-a a ambição de ser rica, de se collocar bem, e assim tentou *intrujal-o*. Corresponderam-se por bastante tempo. Ella, nas suas cartas procurava recatos de virgem, profundas delicadezas de sentimento, fallava em honra, em dignidade com exaltação, com palavras d'um intenso colorido mostrando uma forte posse de taes qualidades.

Chegára a illudir-se, porque elle, *o penca grande*, respondia em termos calculadamente honrados. Mas, por fim, um bello dia estalou um pedido, e ella irritada, vendo assim desfeitas todas as viridentes esperanças que n'uma farta vegetação se alastravam na sua alma e lhe tinham deixado vêr a ampla perspectiva d'um futuro illuminado pelo bom sol da felicidade, respondeu insolentemente, e tudo acabou. Teve então uma epocha d'absorvente desconsolação. Confessou-se a um missionario, frei Bernardo que trovejava no pulpito com gestos de possesso contra as immoralidades do seculo e descrevia com palavras d'um allucinado as furias e terrores do Inferno. Frei Bernardo apresentava-se como enviado da Providencia, afim de conduzir para o céo todo o rebanho do logar que, segundo elle, se ia afastando do redil.

Fallava na regeneração humana pelo longo jejum, pelo aspero cilicio. E a sua alta corpulencia volumosa, de faces anafadas e d'uma vermelhidão de bebado, impunha-se convictamente aos bons crentes, como o austero mystico, de faces cavadas, macillentas, que n'um profundo extasis olha fixamente o amplo céo.

Ella chorou lagrimas d'um arrependimento sincero e projectára nunca mais olhar para homens. Porém as exigencias do seu temperamento impelliam-n'a para o amor sensual todo repassado de abraços demorados e de beijos ardentes como brazas. Sentia ás vezes que a serpente da luxuria se enroscava por toda ella.

Por esse tempo appareceu-lhe o Rezende, um pequeno proprietario que lhe dava esperanças. Conheciam-se de ha muito, mas nunca se tinham olhado singularmente. Porém o Rezende começou um bello dia a perseguil-a, a enviar-lhe a Michaela, velha mestra em *industrias*. Esta creatura servia de cyreneu a todos os que se sentiam fracos na execução dos seus planos amorudos. Porque ella tudo conseguia: era dotada de habilidades raras, e, quando as não convencia por palavras, punha em pratica estrategias admiraveis que nunca falhavam.

O Rezende promettera-lhe *mundos e fundos* se lhe arranjasse a que tanto appetecia. Disse-lhe a Michaela:

—Dou-lhe a minha palavra d'honra que lh'a arranjo —E cynicamente—ainda que fosse um anjo do céo!

—Grande mulher, grande mulher! Ah que n'esse dia, tia Michaela—e esfregava alegremente as mãos—sempre lhe hei de dar uma boa recompensa.

—Com toda a certeza. Tão certo como eu ter este rozario nas minhas mãos—e mostrava umas grossas camandulas—porque além da poucachinha habilidade que Nosso Senhor me deu—dizia modestamente—a rapariga está por aqui—e puchava com o index e o polegar o labio inferior.—Verdade é que me tem dado algum trabalhinho—accrescentava.

—Bem, bem, tia Michaela. E—passando-lhe affavelmente a mão no hombro—você é capaz de desencantar uma santa.

—E olhe que sou, snr. Rezende—e, collocando a dextra no peito, intumescia de orgulho.

*

Effectivamente n'essa tarde, logo que o pae se deitou, Rosa sahiu surrateiramente. A irmã, a Joanna, que a vira de manhã conversar com a Michaela, perguntou meia desconfiada:

—Aonde vais, rapariga?

—Vou visitar a Joaquina, coitada!—respondera serena e promptamente.

Joanna tranquillisou-se, quando bruscamente o rapaz lhe dá a terrivel nova de que a irmã havia ido ter com o Rezende. Percebeu logo tudo; ficou muito afflicta: receiava as cóleras do pae, temia os seus repentes. Ainda assim esperava que a irmã voltasse em quanto o pae dormisse; e portanto nada se saberia. Mas succedeu exactamente o contrario. O pae, apenas ouviu o pequeno, veiu em seguida, perguntou pela Rosa; a Joanna respondeu—titubiando—e foi então que se passou a scena a principio esboçada.

Rosa sahira de casa, atravessára os milharaes e a ponte sobre o rio, onde raparigas ensacadas, deixando ver grossas pernas sadias, as saias entaladas entre os joelhos, batiam compassadamente nas pedras as suas roupas, e enchiam a morna atmosphera de notas frescas e alegres. Ao passar a ponte abaixou-se e coseu-se com as paredes para a não verem. Corria como impellida por um desejo que se ia inflammando mais e mais.

Do lado do rio, n'uma pequena imminencia, erguiam-se alguns pinheiros e em seguida apparecia o quintal do Rezende. Tremia ao approximar-se. Elle esperava-a de certo, porque apenas ella transpoz o baixo vallado que confinava o quintal, correu ao seu encontro e tomou-a nos braços. Abandonara-se sem uma palavra, pallida, arquejante, um brilho quente no olhar, as palpebras cerradas, toda ella n'uma molle voluptuosidade absorvente.

*

Quando se lembrou do pae teve um grito afflictivo, mas elle serenou-a e outros beijos e outros abraços a puzeram novamente em vibração. No entanto a tarde descahia n'uma larga serenidade consoladora. O sol resvalava magestosamente por entre montões de nuvens que barravam o poente e tomavam aspectos phantasticos, com decorações d'um rubro afogueado. Bandos d'aves cortavam o horizonte, reflectindo brilhos metallicos. Uma aragem fina descia. Rolos de fumo esbranquiçado debatiam-se no ar fresco. Rijos bois mansos soltavam sons sibilantes que se repercutiam ao longe doloridamente, e lavradores, de jaqueta e enchada ao hombro, vinham conversando sobre o estado dos campos, do tempo, das colheitas.

Rosa, ao passar por estes alegres grupos palreiros que recolhiam, sentiu-se afogueada, envergonhada, n'um terrivel receio de que lhe lessem o seu crime claramente estampado, de certo, n'aquelle rosto em brasa.

—Então por aqui a estas horas, Rosinha? Seu pae lhe falará—diziam ingenuamente.

Com effeito, o pae esperava-a com um bom marmeleiro para a deslombar—dizia—mas a Josefa do Monte receiando alguma desgraça conservou-se até que a rapariga voltasse. Apenas Rosa assomou ao limiar da porta, dirige-se-lhe o pae, fulo, enraivecido, d'olhos esbugalhados, feições descompostas, um pequeno floco d'espuma nos cantos da bocca, e nas mãos levantando um solido cacete argolado.

— Ah! sua velhaca! Ah! que a racho! Você assim me deshonra?! — e assaltavam-n'o umas furias que lhe faziam ranger os dentes. Os olhos pareciam saltar-lhe das orbitas, um prodigioso dilatamento das pupillas, as feições arrepanhadas, todo elle entregue ás agudas allucinações da raiva. — Ah! que a mato! — e encaminhava-se.

— Alto lá, vizinho! — accudiu no apertado lance a Josefa, deitando vigorosamente a mão ao marmeleiro que se dispunha a descer — Alto lá! A cachopa não commetteu crime que mereça esse castigo.

— Nem me digas isso — bradou desesperadamente o velho.—Aquella desavergonhada assim me suja as barbas! — e passava a mão pelo queixo —.Deixa estar! — ameaçando-a terrivel.

—Basta de se affligir—tornou a Josefa. Já agora o que não tem remedio, remediado está. — E sabiamente— : você, sr. Teixeira, perdôe á cachopa porque Christo tambem perdoou a quem o offendeu. Ella promette nunca mais dar *trella* a esse homem...

E depois d'um certo silencio entrecortado de soluços e gemidos:

— Então faz-me isto, sr. Teixeira?—disse a do Monte.

Mas elle nada respondera.

Então a Josefa, resolutamente:

—Vem cá, rapariga, ajoelha aos pés de teu pae, pede-lhe perdão e promette-lhe nunca mais olhar para esse marôto.

— Perdôe-me, meu querido pae—ganiu Roza, ajoelhando-se e cruzando as mãos — perdôe-me pelas cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Christo...

E n'um copioso pranto mostrava lavar a sua culpa.

Pouco tempo depois o Rezende estabelecia-se.

Porto—1878.

FRANCISCO CARRELHAS.

PULVIS ES

O homem nasce como a flor e brinca,
sob o calido céo da Primavera;
vem do estio o clarão ceccar-lhe o viço;
vem da negra razão tisnar-lhe a folha;
e um ludibrio d'amor bate na campa,
e depois geme o teixo: *Pulvis es.*

Marvão—1879.

C. BOAVENTURA.

DUAS PALAVRAS DE MEDICINA

Ideia justificativa—Conservação do individuo—Origem da Medicina—o que é definição—o que abrange—anecdota—monomania receituaria—um facto entre mil—infancia da arte—primeiras tentativas - Hippocrates.

Não pretendo mostrar erudição, satisfaço a um pedido.

Não é pedantismo, é o cumprimento d'um dever medico [1]. Tambem não é charlatanismo, porque o—*Museu*—não é lido só por facultativos, que devem saber o que escrevo, mas simultaneamente por individuos de classes diversas, que o podem ignorar. Crime não ha, porque falta a intenção e o mal material, conseguintemente não peço perdão a Deus, nem desculpa aos homens!

O—serva te ipsum—é a causa motriz de muitas acções dos homens infelizmente!

E' a força impulsiva, o principio fundamental, o regulador de grande numero d'actos instinctivos dos seres vivos!

E o egoismo desbragado, e posto em practica pela sociedade humana, campeia infrene, como se esta exageração d'aquelle fim, a que tem de satisfazer todo o animal, pudesse justificar-se nunca!

O egoismo e a inveja são effeitos, é certo, mas abusivos do instincto da conservação. O seu uso tem sido a causa de grandes commettimentos, o abuso porém é, como sempre, prejudicial e injustificavel.

Na grande maioria dos casos um homem não póde vêr soffrer outro sem o desejo de lhe suavisar o soffrimento, cedendo assim ao mais nobre impulso do coração.

Por outro lado, quem soffre, busca allivio em tudo que o rodeia, emprega meios empiricos, e mais ou menos racionaes... Pois bem, do amor de si proprio, do instincto da conservação, casado áquella propensão natural e innata para diminuir ou curar os soffrimentos alheios, nasceu a Medicina.

A Medicina é uma sciencia e uma arte simultaneamente: sciencia por ser constituida por muitos factos collecionados e theorias dispostas em corpo de doutrinas; arte por dar preceitos e regras com fim determinado.

Tomada na sua accepção verdadeira e mais lata, tracta da conservação e do restabelecimento da saude; é este o seu fim, composto portanto de duas partes: «conservar a saude, ou prevenir as molestias» (hygiene); «curar estas ou restabelecer aquella (therapeutica)».

A materia da Medicina é o estudo e o reconhecimento exacto do organismo são e doente. Chama-se—organismo—ao conjuncto das partes d'um ser vivo.

E, como póde estudar-se em completo repouso, no estado *estatico* (anatomia); ou em actividade, no estado dynamico, mas normal, são, (physiologia); ou finalmente no estado dynamico, em actividade sim, mas anormal, doente, pathologia); segue-se que a Medicina abrange immediatamente, além d'outras sciencias tambem chamadas accessorias, a anatomia, a physiologia, a pathologia, a therapeutica, e a hygiene.

E, apezar da grande vastidão da sciencia, todos *sabem* medicina!!!!... Só os medicos confessam o muito que se ignora ainda.

Admiravel e inconsciente vaidade humana!!...

Um dia perguntou o Sultão ao seu gran-visir «qual era a profissão mais seguida no imperio». O ministro pediu 24 horas para reflectir e dar resposta precisa.

Fumigou-se com palha de centeio para amarellecer, atou um lenço na cabeça, e saiu do palacio.

Cada conhecido encontrado receitava logo ás primeiras palavras. Cada cabeça, cada sentença.

O receituario era enorme.

A lista dos *facultativos* improvisados enchia um volume. O diagnostico era simples necessariamente, porque todos o faziam com rapidez. Para nenhum foi duvidoso, ninguem deixou o seu juizo suspenso!...

Sublime certeza e facilidade!...

Entrou no palacio no dia seguinte. Então? perguntou El-rei. Mas logo attonito exclamou:—Que tens?! Estás tão pallido, soffreste?...—Senhor, não pude dormir, soffro horrivelmente, dôres de cabeça e de estomago, caimbras, vomitos... mal posso suster-me de pé. Vim para responder a V. Magestade.—Bem; vae para a cama, isso é uma *cólica*; toma chá de herva cidreira, ou de larangeira, põe sinapismos, e estás prompto.

O gran-visir tirou a lista, onde ficava no topo um espaço em branco, e escreveu o nome do Sultão. Apresentou-a, e disse: «Entre os subditos de V. Magestade a profissão mais seguida é a Medicina, começando por El-rei» e contou a anecdota.

Chega a ser mania e tão inveterada, que até aos proprios medicos *receitam!!!*

Ainda, ha pouco, o auctor d'estas linhas tratava um doente, um amigo, que chegára d'Africa com licença da junta, importando das regiões inhospitas do Ambriz todas as consequencias das febres endemicas alli, e as proprias febres. Anemia profunda, congestão

1 *Hufeland—Relações do Medico com o publico.*

passiva, e hypertrophia em parte das visceras abdominaes, especialmente do baço, era o estado pathologico, para o qual houve quem, entre muitos *medicamentos*, aconselhasse o seguinte: «cortar 3 bocadinhos de papel do tamanho d'uma pollegada, escrever no 1.º —Padre—no 2.º—Filho—no 3.º—Espirito Santo—embrulhar e tomar estas *pilulas*, uma por cada vez, e n'um só dia» attestando sob palavra de honra, que sempre fôra remedio heroico!!!

Custa a *engolir*, mas é verdade, e só póde explicar-se pela fatal estatistica dos 72 por cento analphabetos na peninsula Iberica!!.....................

Fraquissimos recursos eram os da arte ainda no berço.

As molestias foram julgadas castigos do Ceo, e os meios de as debellar, como revelações divinas. Assim a Medicina andava aggregada ás practicas religiosas.

O pequeno numero de remedios conhecidos, o estudo das enfermidades eram como que o apanagio exclusivo de certas familias. Tornou-se notavel a dos Asclepiades, guardando, como herança, as noções adquiridas.

Alguns philosophos gregos, como Pythagoras, Heraclito de Epheso, etc., dedicaram-se em especial ao estudo do homem, são e doente, intellectual e moral, nos seus estudos geraes da natureza, mas crearam apenas hypotheses! Acron previu a importancia da *experiencia;* Aegimius tentou estudar o pulso; Icus de Tarento o regimen; Herodicus engrandeceu as vantagens da gymnastica; porém tão pequeno numero de trabalhos isolados e difficientes não constituiam sciencia... eram vagas noções, e nada mais!

Quatrocentos e sessenta annos antes de Jesus Christo nasceu na Ilha de Cós, em que havia o templo de Esculapio, Hippocrates o grande, 2.º do nome, porque houve 7. Era filho de Heraclito, e descendia dos Asclepiades.

Colligiu as observações inscriptas nos templos (como era uso então) e as notas deixadas pelos seus ascendentes. Cotejando tudo com o resultado da sua vasta experiencia, tirou illações, deduziu, formulou theorias, estabeleceu emfim principios doutrinarios!

Com uma razão clarissima, energico e preciso na linguagem, perfeito observador dos factos, lançou os alicerces para o edificio da arte de curar. Delimitou os campos, separando a philosophia da medicina, cujos verdadeiros principios descobriu e deixou gravados em paginas immortaes, com caracteres indeleveis!

Segundo uns falleceu de 99 annos de edade (361 antes da era Christã), segundo outros de 104 (356 antes de Christo) — [*Hippocrates Cous medicus insignis centum et quatuor annos vixit*]; finalmente 85, 90, e 109 são outras tantas opiniões diversas em relação á sua edade.

Nunca teve doença grave. Os seus descendentes foram dois filhos, e uma filha, que casou com Polybo. Os filhos (Thesalus e Dracon) e o genro fôram medicos tambem. Mais de dois mil annos, 22 seculos, não téem podido apagar os vestigios dos immensos serviços que lhe grangearam o epitheto de *Patriarcha da Medicina*!!!...

Porto, Julho de 1879.

(Continua).

ALFREDO SOARES FRANCO.

EM RESPOSTA AO PRIMOROSO SONETO

O MARTYR

QUE ME FEZ A HONRA DE DEDICAR O MEU PRESADO AMIGO

OSCAR TIDAUD

Mon esprit, que du doûte á senti la piqûre
Habite, âpre songeur, la rêverie obscure.

V. HUGO

Eu duvido tambem, porque a musa sem fé,
Altiva, ingrata, audaz, me abandonou ha muito,
E apenas me deixou, — reflexo tão fortuito —,
Um raio d'essa luz que me sustem de pé.

Nem sempre levo o olhar fito no duro chão;
Marcho, caminho, e só, lá vou trilhando abrólhos
E de quando em quando ergo ao ceo meus tristes olhos,
E peço-lhe me dê d'esperança um clarão.

Mas elle não me attende, e mudo para mim,
Como um sarcasmo vil, atrophia-me a alma;
Por mais que busco alli não tenho paz nem calma,
E não posso soltar meu almejado « em fim »!

Eu, como um cego vou, sombrio sonhador,
Adormeço no pó, e quando erro o meu passo,
Um pesadélo enorme abre-me o olho lasso,
E o seu dedo de braza incensa-me de dor.

Quando a cova se abrir, então, na eterna luz,
O espirito, talvez que n'ella se absorva,
E emquanto a terra mãe o alimento sôrva,
O corpo dará flor ao pé da heroica cruz.

Porto, 2 Abril de 1879.

PEDRO DE LIMA.

ANALYSE CRITICO-LITTERARIA

(Continuado da pag. 86)

—O nosso illustrado collaborador, o snr. Simão Rodrigues Ferreira, offereceu-nos um exemplar da sua memoria ácerca das ruinas da Citania, o qual agradecemos, vivamente penhorados.

Sobre o ponto, que faz o thema do trabalho do nosso amigo, não ousamos adiantar uma palavra, com tanta mais razão que, não tendo visitado nunca as ruinas da povoação de cujos edificadores e destructores se occupa o snr. Rodrigues Ferreira, nem tendo seguido attentamente o debate que as ruinas de que vimos fallando hão suscitado, nos julgamos completamente incompetentes para aventar a mais somenos opinião.

Lembramos, todavia, ao leitor curioso, além do erudito trabalho do nosso amigo, o snr. Simão Rodrigues Ferreira, os artigos do snr. Martins Sarmento, Luciano Cordeiro e Joaquim de Vasconcellos, os folhetins do snr. Manoel Maria Rodrigues e, especialmente, o volume do snr. Hübner, recentemente posto em vernaculo pelo director da *Archeologia artistica,* volume aonde se encontram condensados os debates e discutidos com o mais alto discernimento scientifico os pontos obscuros que originaram as divergencias.

—Devemos á obsequiosidade do snr. Caldeira Kingwel um opusculo, intitulado *A religião mais sublime e positiva.*

Esta pequena obra é especialmente destinada, como o diz o auctor no seu prefacio, ao povo, a quem se propõe tornar accessiveis os principios do livre-pensamento. N'este proposito, o auctor faz notar as despezas que as ceremonias catholicas trazem comsigo, o que é um singular meio de fazer duvidar da santidade d'ellas, porquanto de tabellas de preços, que podem ser, como são realmente, abusos de sacerdotes não se segue que as ceremonias que ellas cotam percam *ipso facto* o caracter da origem divina que lhes é attribuida. Não se segue de que um padre me leve um *tantum,* pequeno ou grande, por me remir um filho da culpa original, que tal culpa seja uma superstição sem realidade, e que eu, n'essa persuasão, deixe de me submetter á tabella do padre para obter o fim que desejo, isto é, o de remir meu filho.

De resto, o argumento do auctor póde ser voltado contra elle mesmo, porquanto, uma vez estabelecido, como urge fazer, o registro civil, todos os seus assentos terão de ser pagos, para cobrir assim as despezas d'administração das respectivas repartições, e não é de certo com differencias monetarias que se prova outra coisa que não seja a vantagem d'um systema economico qualquer sobre outro. Mas o lado religioso da questão, que o snr. Kingwell se propõe discutir, não fica encetado sequer.

Realmente, extravagante modo de provar a superioridade da simples moral philosophica sobre a revelação, qual o de estabelecer que um cidadão, sem dinheiro ou sem vontade de o gastar, deve atirar ás ortigas com as crenças religiosas e fazer-se livre pensador, porque póde guardar d'esse modo uns tantos reis na algibeira!

Ser-se voltairiano por economia, parece-nos deshonroso para a sombra do grande ironico, mesmo porque nada mais natural do que um incredulo, que comprou o livre-exame por sete vintens, fazer-se bruscamente adorador do deus Sivah, desde que d'essa maneira gaste só um tostão de convicções, reservando para cerveja nacional o pataco restante.

O folheto do snr. Caldeira Kingwell contém de resto algumas reflexões sensatas sobre a lei moral, a instrucção publica, a hereditariedade real e acha-se adaptado á comprehensão popular. É, pois, um trabalho de propaganda digno em parte de applauso, sendo, porém, de sentir que o seu estylo seja por vezes bastante descurado.

Não nos parece de todo fóra do rasoavel que ao povo se não dê só duvida, mas tambem grammatica. Pois mal iria que, no grande dia solemne das reveindicações que se annunciam, o povo decretasse n'uma syntaxe caprichosa e n'uma orthographia libertina que a *opreção abia çeçado,* tal qual como Assi, o celebre fomentador das *grèves* do Creuzot, que fallava da burguezia ignorante n'uma prosa que estava pedindo instantemente palmatoria para o auctor. Bom será, pois, que o povo aprenda que o privilegio real é absurdo, mas que do mesmo passo não se persuada, por exemplo, de que *sublime* é susceptivel de *mais* e *menos.* Porque, se o monarcha perca um previlegio odioso, que a demagogia poupe ao menos as inoffensivas regalias do adjectivo, pelas almas.

Fallando sério, a nós quer-nos parecer que o povo lucraria bem mais, se os seus amigos divulgassem entre elle noções justas de sciencia politica, a philosophia do direito, o direito das gentes, a geographia geral, a geometria plana e a no espaço, a chimica e a mechanica applicada, do que em saber que Deus é uma historia da carocha, que a burguezia é uma sucia de ladrões, que elle é uma besta de carga, e que, finalmente, é preciso acabar com isto, porque, realmente, se elle é miseravel, é porque o snr. Pedro Franco illumina o seu quintal com balões de papel pintado, a que s. s.ª chama venezianos por um exaggero de rhetorica, nunca assaz censurado.

A comprehensão da religião, da outra vida e dos destinos do homem, de Deus e da personalidade subjectiva é tão alta, tão transcendente, demanda uma tão grande somma de conhecimentos previos, que fallar n'esses assumptos á parte menos culta da populução assemelha-se-nos verdadeiramente uma contradição nos termos. Porque, de duas uma:—ou se demonstra o que se affirma e, n'esse caso, o leitor não póde perceber a demonstração, porque se lhe reconheceu já a absoluta carencia de conhecimentos, ou se affirma sem se provar e, n'esse outro caso, nenhum espirito sério, ainda o mais ignorante, se dará por convencido.

—O nosso illustre collaborador e bom amigo, o snr. Magalhães Lima, brindou-nos tambem com um exemplar do seu opusculo recentemente publicado ácerca da *Questão do Banco Ultramarino.*

Comprehendem os leitores que nos é vedado entrar com o snr. Magalhães Lima na apreciação dos actos da gerencia do banco verberada pelo nosso amigo n'uma assembléa geral que, pelo facto mesmo da eloquente oração do moço escriptor, teve no paiz uma notoriedade a que assembléas geraes, quasi sempre de meros cumprimentos de accionistas ingenuos a directorias velhacas, não andam acostumadas.

Os acontecimentos que se criticam no opusculo do snr. Magalhães Lima escapam á alçada das publicações da ordem da nossa, e quasi que só pertencem aos interessados directamente n'elles.

Registramos, todavia, que o trabalho do snr. Magalhães Lima é escripto com o calôr das convicções honestas, e evidencia uma vez mais o talento alevantado e o caracter integerrimo do seu auctor.

E bom é que trabalhos, em que a indignação amostra a verdadeira face das coisas, deixem a claro que, se é certo que a crise, que ha tempos affectou a nossa praça e cujos resultados ainda hoje se sentem, se manifestou em virtude da lei geral de periodicidade que rege esses phenomenos economicos, para lhe prevenir os effeitos de modo a se passar sem grave aballo a um novo cyclo de credito, como ao tempo em que a evolução economica se opera chama John Mills de Manchester, não usaram os gerentes das companhias e emprezas mercantis da prudencia, tino e sollicitude que lhes competia possuir, como indeclinavel dever.

(Continúa) A Redacção.

OS ROCHEDOS

Quem vos plantou nos montes verdejantes,
Como enormes cabeças para o ar?
Sois decepados craneos de gigantes?
Ou de um ignoto deus sois velho altar?

O montanhez que passa e vos admira
Não vê em vós os filhos da materia,
Mas ouve as notas de encantada lyra,
Mas vê o encanto de belleza etherea...

O' penedos, vós sois a habitação
Das *Mouras* que, outro tempo, em vós captivas,
Choram hoje, mimosas sensitivas,
Nas noutes festivaes do S. João.

Retumba ao longe o reboliço e o gôso,
O pastor ergue ao ar suas cantigas,
Emquanto na *fogueira* as raparigas
A sorte invocam, ao luar saudoso...

Mas vós, n'essa mudez triste e gelada,
N'esse horrivel silencio sepulcral,
Mais comprimis da *virgem encantada*
As lagrimas eternas, por seu mal...

Quem sois? Ai! tendes uma longa historia,
Grandes lendas a vós andam unidas:
Estais cobertos de indelevel gloria
Nos *dolmens* e *antas*, funeraes jazidas,

De vós sahiu o *silex* que os primeiros
Homens, duros selvagens inda então,
Empregavam alegres, prazenteiros,
— E que mais tarde (ó viva tradição!)

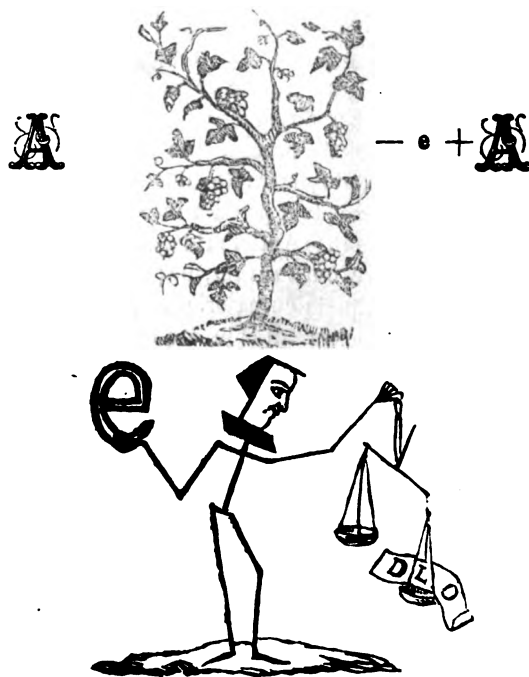
Entravam nos horrendos sacrificios!
Inda hoje o pobre habitador da aldeia,
Quando o raio as florestas incendeia,
E enche os campos de fundos precipicios,

Adora as *pedras* que vê vir do ar...
O' agrestes rochedos, santos vultos,
Quem vos não ha-de com ardor amar,
Se vós nos revelais extinctos cultos?

Se vós tendes d'ahi presenciado,
O' sublimes fetiches das alturas,
A evolução do mundo organisado,
E estais p'ra ver evoluções futuras?

Conselho de Paredes, 31 de Dezembro, 78.

J. Leite de Vasconcellos.

Enigma figurado

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA N.º 4

Armas ou letras.

PORTO—TYP. OCCIDENTAL, RUA DA FABRICA, 66—1879

GALERIA COMMEMORATIVA

DOS

ESCRIPTORES FALLECIDOS

VI

AUCTOR DE TRES VOLUMES DE POESIAS

NASCEU A 7 DE FEVEREIRO DE 1817?

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES

POETA PORTUENSE

Tu nasceste poeta... e ao sentimento
d'este largas julgando o mundo bom!
Mas cançado d'enganos, de momento
soltaste a gargalhada em alto som.

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES

Quem não conhece este nome?

Quem não retem na mente uma grande parte de seus finissimos e espirituosos epigrammas?

Quem não se recorda do poeta popular, de cujas producções transparecem os genios de Bocage e Nicolau Tolentino?

Ninguem!

Ninguem, sem duvida, esquece aquelle sympathico vate, que tanto fez repercutir em sua patria as alegres e scintillantes vibrações da sua lyra!

No entanto este genio não nasceu para rir!

Era poeta de coração!

As primeiras harmonias, que o seu plectro fez soltar, prolongaram-se ao infinito, foram maviosas como o canto da cotovia, ternas e meigas como um doce beijo de mãe! Dizem-no claramente algumas poesias que publicou [1] e muitas das que só viram a luz depois que seu auctor deixou de existir.

Qual o motivo, porém, que o levou a tão completa mudança de estylo e estro?

É ponto para averiguar.

Ha, comtudo, um meio infallivel, quanto a nós, de attingir com acerto á verdadeira causa:

Considerando — o ideal — o elemento que naturalmente dominava o espirito do poeta, o que ninguem com justiça poderá contestar, porque os seus versos lyricos, tão espontaneos, sentidos e naturaes, não podem deixar de ser o limpido espelho de sua alma, restanos, portanto, averiguar se a sua metamorphose de genero poetico será devida á ambição de celebridade, á sêde de conquistar um nome entre os seus contemporaneos, ou a um grande desgosto moral....

Com relação ás primeiras hypotheses, só poderão admittil-as aquelles que o não conheceram, e a esses certificamos nós que o nosso vate nunca foi vaidoso, nem nunca o attrahiu a ambição: elle conhecia bem a historia contemporanea dos grandes vultos, que todavia soffreram durante a sua vida a obscuridade de seus nomes, as perseguições, e os desprezos! e, só annos, e até seculos depois, é que os seus escriptos foram apreciados, e enthusiasticamente admirados, as suas doutrinas seguidas e os seus nomes alevantados da vala do olvido: ora o nosso poeta, que se lhes não podia comparar, como germinaria aspirações a um nome ou a uma apotheose? Suppôr n'elle tal vaidade é desconceitual-o, é calumnial-o, é não lhe conceder nem o senso commum. Resta-nos a ultima hypothese—desgosto moral.

Eis inquestionavelmente a causa.

O homem nasce naturalmente bom e até aos vinte annos vive do ideal, e em tudo vê o amor e a crença! Solta os olhos para o horizonte da sua florida primavera e comprehende-o sereno e puro como os sentimentos de sua alma, e o pensamento expande-se-lhe sob a magica influencia da sua mesma phantasia: quando mais tarde, porém, entra, por força invariavel de circumstancias, na gelida estação — o positivismo da vida — então, ao baixar dos olhos, a fausta e seductora magnificencia dos vicios absorve-o! Embora no começo o contriste e lhe repugne, lá vai, insensivelmente impellido pela corrente inabalavel d'uma força irresistivel, engolphar-se no abysmo, até que, deslocado do seu ideal, ou se deixa dominar, ou aborrece e detesta a sociedade! N'este ultimo caso, não podendo vingarse, porque é fraco para tão poderoso mal, concentrase, e vive isolado, ou atira-lhe a mais sarcastica gargalhada.

Foi o que ao nosso poeta succedeu, foi o que o nosso poeta fez!

Da sua primavera passou para essa sociedade, pejada de aberrações deploraveis, e viu-se maniatado e constrangido: forte, vigoroso, firme no seu sentir, não se deixou contaminar; mas, sem bens de fortuna, sem um ente que o comprehendesse, precisou calar os sentimentos d'alma para se não tornar *ridiculo* aos olhos dos ridiculos; fingiu-se sceptico; timbrou em parecer alegre, para arremessar contra os seus detractores, como diplomatica represalia, a satyra espirituosa e por vezes pungente.

Riu... e com o riso ficou seria muita gente e fez rir outra que, menos pervertida, o applaudiu e ainda o venera.

Foi, por conseguinte, devida a mudança de estro a um resultado de circumstancias e não de principios: a sua alegria era forçada e postiça; se isto não foi revelado plenamente, como o fez Voltaire a Richelieu, manifestam-no sufficientemente as suas primitivas producções poeticas.

Mas o seu coração pulsava, sentia... e os louros colhidos pela sua nova Muza não o indemnisavam dos profundos desgostos moraes e materiaes!

Era infeliz. Conhecia a sua fraqueza.

Não podia viver mais em lucta aberta com o mundo e comsigo. Resolveu a final tentar em longiquas regiões o que a patria lhe não dava nem jámais daria. Partiu para o Rio de Janeiro. Alli abriu um estabelecimento de livros; mas a sua má signa estava de ha muito marcada nas paginas negras do destino!

[1] Referimo-nos ás poesias publicadas no *Bardo*, firmadas pelas iniciaes C. L. que ainda hoje muitos julgam ser de Coelho Louzada!

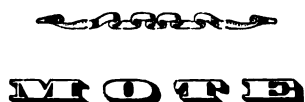
Quando começava a bafejar-lhe uma viração bonançosa, como que prenuncio d'um futuro propicio, o seu physico, abalado de ha muito pelas affecções moraes, começou a vergar sob a influencia d'ellas e dentro em curto espaço de tempo tombou exanime

« no solo abrazador d'extranha patria ! »

Foi depois que o snr. Miguel Novaes, reuniu todas as producções do finado poeta, seu irmão, e publicou um volume de poesias posthumas; volume que o snr. Antonio Moutinho de Souza, intimo amigo dos dois, republicou em 1876, com previa auctorisação, ampliando-o com alguns ineditos; bem assim outros dois volumes dos quaes um já se acha á venda e o outro no prélo.

É tambem ao mesmo snr. Moutinho de Souza que devemos a fineza do improviso inedito que em seguida publicamos, soneto, que de relance verifica tudo o que avançamos.

OSCAR TIDAUD.

MOTE

O mundo é para os mais; a cova minha.

MARQUEZA D'ALORNE.

IMPROVISO

Julguei que venturoso sobre a terra
Podia sem chorar passar um dia!
Foi louco o meu pensar, pois não previa
Do luctar das paixões a crua guerra!

Tristezas hoje só minh'alma encerra!
Maldigo sem cessar a sorte impia...
E, de prestes baixar á campa fria
O desejo fatal ninguem desterra!

Nasci p'ra ser no mundo desgraçado!
D'esp'ranças no porvir, que outr'ora tinha,
Me vejo para sempre abandonado.

Assim a triste vida se definha!
Pela sorte já fui desenganado,
O mundo é para os mais; a cova minha.

Março, 1852.

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES.

CONTOS AFRICANOS

I

IÓBA

Era uma tarde d'agosto.

O sol ia declinando para o occaso envolvido n'um esplendido cortejo de afogueadas nuvens.

No horizonte extremo a cupula celeste ardia em chammas listradas d'ouro e azul.

A briza de Santa Helena, erguendo o vôo no occidente, vinha, suave como o halito virginal d'uma creança, murmurar na côma do arvorêdo uns queixumes mysteriosos e sentidos.

A meus pés deslisava o Dande [1] por entre margens opulentas d'uma vegetação virgem, escondendo no crystal das suas aguas o terrivel crocodilo e o monstruoso hyppopotamo.

De quando em quando descia o rio um ou outro *dongo* [2] tripulado por um negro que, sentado á pôpa, negligentemente segurava a escôta d'uma véla primitiva, formada de esteiras e enfunada pela viração.

Eu, sentado na margem direita, accompanhava distrahidamente com a vista estas pequenas embarcações, até que dobrassem um cotovêlo do rio, e em seguida cahia em meditar profundo.

Pensava na terra querida da patria, da qual o destino me separára e onde eu havia deixado a familia, os amigos, tudo.

Recordava as longas noutes do pluvioso dezembro decorridas em dôce tranquillidade, no seio augusto de meus paes, e sentia a alma confrangida por uma saudade vivissima.

Comparava o meu viver, n'estes logares selvosos, com a vida agitada dos grandes centros, onde enxa-

---

[1] *Dande*, rio, sómente navegavel para *dongos* ou pequenas lanchas em virtude da pouca profundidade da sua entrada, onde se accumulam as arêas que as enchentes accarretam do interior no tempo das chuvas.

A sua foz está situada em 8°26′ lat. S e 22°6′ long. de Lisboa.

[2] *Dongo*, nome que os indigenas dão ás suas embarcações, feitas de mafumeiras, arvores que lhes fornecem um tronco que facilmente cavam e trabalham, dando-lhes a fórma de piróga.

Medem geralmente 8 a 10^m de comprido, 0^m,8 de largura e 0^m,6 de profundidade:—ha-os de maiores dimensões. São dirigidos por um ou mais negros com o auxilio de pequenos remos em fórma de pá de fôrno.

Adanson falla de *dongos* feitos de imbondeiro, arvore que se encontra no Congo, que medem sessenta toneladas e onde 200 homens podem manobrar á vontade. (?)

meam os homens e onde fermentam mil paixões diversas, labyrintho d'absurdos e mizerias, origem de todos os seus tormentos.

Admirava os imbondeiros [1] magestosos, que estendiam sobre as aguas os seus ramos giganteos, e tentava confrontal-os com as maiores arvores do meu paiz; mas essas pareciam-me rachiticas e acanhadas ao lado d'estes gigantes da vegetação.

Lembrava-me que os antigos tinham o costume de fazer plantações d'arvoredo nas ruas das suas cidades e em torno das suas habitações, porque sabiam, por experiencia, que o ar respirado sob verdejantes e frescas sombras era mais puro e mais vital que nas aridas planicies. Assim, Athenas, Corintho, Lacedemonia e outras cidades da Grecia, eram cheias das plantas mais bellas e louçãs.

Attendendo então a este mundo immenso de vegetaes que me cercavam, imaginava quam saudaveis seriam estes climas se os pantanos e lagôas, d'onde sahem deleterias emanações, fossem sangrados, terraplenados, destruidos!

Em seguida, comtemplava a paizagem esplendida que ante mim se desenrolava e cujo fundo severo e imponente, perdido nas brumas do horizonte, eram as ricas montanhas do Libongo, [2] cortadas de valles profundos e coroadas por enormes rochedos suspensos sobre o abysmo onde pareciam prestes a tombar.

Quantos pensamentos suaves e brandos, tristes e sombrios, povôam a nossa imaginação quando nos embrenhamos n'uma floresta natural, sob essa abobada movediça, onde os ramos de toda a especie de arvores se enlaçam, e onde todas as folhas se confundem.

Oh! sorridente verdura! tu és para nossos olhos o que a esperança é para nossos corações.

Sem ti a natureza seria fria, inanimada e como cahida em perennal inverno.

Ao ver-te, o nosso espirito sente-se penetrado de profunda admiração e reconhece a obra d'um creador supremo!

---

1 *Imbondeiro* (Adansorica disitada). Arvore cujo tronco attinge um prodigioso diametro e que possue uma casca fibrosa de que se faz grande exportação para os mercados de Inglaterra, onde é empregado no fabrico de excellente papel.

Esta arvore adorna-se de formosas flores brancas d'um palmo de largura, d'onde nascem fructos em forma de noz e que medem muita vez 0,m 5 no seu maior comprimento.

Este vegetal, o maior do mundo, faz parte das immensas riquezas florestaes das nossas colonias d'Africa.

2 *Libongo,* montanhas existentes no conselho do Dande, proximas da barra do rio d'este nome e apenas distantes 8 leguas de Loanda. São notaveis pelas fontes de petroleo que vertem e que denunciam a existencia infallivel de carvão de pedra.

Perto de mim estava um negro, seguramente alheio ao que eu pensava e sentia.

Era Ióba, o meu companheiro e o meu guia.

Alto, espadaudo, d'uma musculatura admiravel pelo seu desenvolvimento, fiel e obediente, avaro de palavras e de gestos, destinguia-se entre os demais da sua raça.

Tinha-o tomado por criado e elle havia-se-me affeiçoado extremamente:—seguia-me por toda a parte, era a minha sombra.

Recostado sobre a folhagem, a dous passos de mim, fumava tranquillamente n'um cachimbo enorme de *goiába* [1] algumas folhas de tabaco do Bihé. [2]

Quando por acaso attentava n'elle, via-o sempre com os olhos fitos na liza superficie das aguas, como procurando descobrir o que se passava no seu seio.

Contemplava-o alguns segundos e engolphava-me novamente nas minhas divagações.

Entretanto o sol havia mergulhado no Oceano, como uma grandiosa esphera incandescente.

Alli, como em todos os pontos proximos do equador, o crepusculo é de pouca duração.

Ia anoitecendo.

De repente, a cabeça horrenda d'um crocodilo appareceu fóra d'agua, fitando em nós um olhar de desafio e ameaça.

Ióba, como ferido de repente pela terrivel cobra cuspideira, [3] ergueu-se d'um salto, com os olhos chispando raios e os musculos das faces e dos membros vigorosamente contrahidos.

Um grito, uma phrase d'odio e terror sahiu dos seus labios tremulos: «*Angana, angana, cogiba an gando*»—Senhor, senhor, mata o jacaré.

Eu, tomando rapidamente a minha clavina Schneider, que tinha carregada, ajoelhei, firmei a pontaria e fiz fogo.

A bala foi cravar-se no frontal d'aquella cabeça verde-negra, exactamente entre os olhos do monstruoso amphibio, que, açoitando as aguas com a possante cauda, n'um paroxismo de morte, desappareceu no coração do rio com o craneo despedaçado.

O negro perdeu o aspecto feroz que havia tomado

---

1 *Goiaba,* fructo muito agradavel que, tanto na Africa como na America, é muito conhecido. A arvore que o produz chama-se Goiabeira e é dos ramos d'esta que os négros fabricam os seus cachimbos, por lhes tornarem o tabaco muito suave.

2 *Bihé,* paiz situado na fronteira oriental de Benguella. Demarca ao Sudoeste com Galengue, e pelo O N. O. com Bailundo. Tem 36 leguas de comprimento e 30 de largo.

Contém algumas minas de ferro em differentes pontos. É paiz saudavel e povoação tranquilla, parte da qual é christã.

3 *Cuspideira,* cobra venenosa que expelle a distancia o virus.

e, com palmas frenéticas, saltos de contentamento e gritos de alegria, felicitava o bom exito do meu tiro.

Mas, havia o quer que fosse de extraordinario no procedimento de Ióba........................

Nunca eu tinha visto um filho d'Africa, um Ethiope tomado d'impressão tão forte pela simples presença d'um jacaré!

Antes ao contrario, por muitas vezes, tinha estranhado a louca indifferença com que um negro, em geral cobarde, se afoutava a uma morte provavel, atravessando um rio, morada d'esses monstros vorazes, aos quaes são immolados quasi sempre.

E Ióba era valente como poucos.

Não receava a cobra mais venenosa ou a serpente mais terrivel; escarnecia com profundo desdem da onça e outros animaes ferozes: confiava absolutamente na sua machada e punhal, no seu arco e azagaia.

Havia, pois, uma razão e razão fortissima para motivar no meu companheiro a profunda commoção que o perturbou.

Nunca elle se teria incommodado com a vista d'um crocodilo, nem de certo se alegraria com a sua morte se algum facto extraordinario, talvez horrivel lh'o não houvesse tornado odioso e repugnante.

Resolvi-me a interrogal-o e a pedir-lhe me contasse a sua vida.

Mas a noite ia-nos envolvendo no seu manto e, não podendo continuar na margem, tinhamos de voltar a Catumbo, [1] povoação que nos ficava ao norte e bastante afastada.

—Senhor, me disse Ióba, o sól já cahiu no mar e a lua já espreita o mundo; o cacimbo [2] vai começar e o cacimbo faz febre ao branco; tres horas não bastarão para chegar ao povoado e tu não tens *tipoya;* [3] conheço proxima uma clareira onde podemos passar a noute; far-te-hei uma cama com folhagem e accenderei fogueiras; se quizeres ouvir-me, dir-te-hei a minha historia; não querendo, dormirás e eu velarei por ti.—

Acceitei immediatamente a sua proposta ancioso por ouvir a narração que elle me promettia.

Partimos.

Deante de nós levantava-se o mato emmaranhado, como insuperavel barreira.

Mas o meu guia marchava na frente, abrindo caminho e cantando uma aria improvisada:

1 *Catumbo,* povoação de bastante commercio situada na foz e margem esquerda do Lifune, quatro leguas do N da barra do Dande.

2 *Cacimbo* ou cacimba, orvalho doentio.

3 *Tipoya,* rêde onde se viaja deitado suspensa por duas pontas n'um varal; especie de palanquim que dous prêtos conduzem aos hombros.

Ah! o jacaré queria carne!
Tinha fome, coitado!
A clavina fallou!
E o jacaré comeu chumbo!
Oh! a clavina tem força!
E o jacaré já morreu!
Oh! já morreu!

Todo o negro tem a mania do canto.

Um facto qualquer, com importancia ou sem ella, serve de assumpto ás suas cantigas: algumas palavras soltas fazem a lettra das suas canções.

Iamos caminhando.

O céo estava azul e formosissimo.

A luz suave da lua e as brilhantes scintillas de milhões d'astros, derramavam na terra essa bella claridade que faz nascer uma incomprehensivel nostalgia e uma secreta tristeza no fundo do coração d'aquelles que, em virtude de razões imperiosas de saude, de familia ou de carreira, são obrigados a deixar a Africa e as suas noutes encantadoras.

Fômos marchando um quarto d'hora, no fim do qual chegamos á pequena clareira aonde nos dirigiamos.

Ahi, Ióba, começou por cortar com a sua machada alguns ramos das arvores vizinhas e com elles improvisar uma tenda de campanha onde eu devia abrigar-me do cacimbo que já humedecia a atmosphera.

Em seguida procurou alguns troncos sêccos e accendeu, a curta distancia da barraca, duas formidaveis fogueiras.

Juncou de folhas o chão do meu verdoso palacio, onde nos sentamos quasi a par, depois de havermos accendido, elle, o seu enorme cachimbo, e eu um rasoavel charuto de tabaco de Ambaca, [1] fabricado em Loanda.

Decorreram alguns minutos em profundo silencio, até que Ióba, lançando aos ares uma baforada de fumo e erguendo a cabeça com resolução, principiou:

— Senhor, tu és um branco bom e amigo do teu preto; permittes que me sente quando te sentas, e ouves os meus conselhos; castigas com justiça não sendo cruel e mau; levas-me para onde vais e gostas de me vêr feliz; quando estou doente das-me os teus *milon-*

1 *Ambaca,* povoação situada em 3° 36' lat. S. 25° 5' long. L. de Lisboa.

É regada e dividida ao norte e oeste pelo rio Lucala, e ao sul pelo rio Luzillo. O conselho d'este nome é muito rico de matas de excellente café silvestre.

É muito saudavel e os seus habitantes sabem em geral lêr e escrever o portuguez e são os mais christãos e civilisados da provincia de Angola.

gos [1] e sentes o meu soffrer! Obrigado, senhor, o preto conhece que o estimas e por ti faria tudo, por ti daria a vida, não mente, pódes crêr.

Tu tens coração e respeitas. *Zambi,* [2] posso dizer-te tudo. Ouve, pois, a minha historia:

(Continua).

J. J. D'ALMEIDA.

A AFFONSO PINHEIRO [3]

Insana, horrida lucta a que se trava
No espirito que á luz, que ao bello aspira;
Na alma que por amor ideal delira,
E soffre e vive n'esse mundo escrava!

O percorrer na selva escura e brava
Da terra, onde as vaidades e a mentira
São senhoras feudaes; d'onde fugira
O Bem, que as almas puras consolava;

Tem-me feito cahir no mais profundo
Abysmo das tristezas, caro amigo:
No oceano da descrença e desconforto.

E afflicto, oppresso e despresando o mundo,
Corro a encontrar meu doce, ameno abrigo
Dentro em seu coração — tranquillo porto.

Porto.

ERNESTO PINTO D'ALMEIDA.

O PINTOR

ROMANCE HISTORICO

V

O homem põe e Deus dispõe

Sentado n'uma pedra na rua de *La Montaigne* em Bruxellas, estava um mancebo vestido miseravelmente. O seu rosto, tão altivo e soberbo, tinha-o agora abatido e desfigurado; os seus cabellos, que outr'ora lhe cahiam sobre os hombros em formosas madeixas, estavam agora em completo desalinho. Tudo, no triste, representava miseria e desgraça! Apoiava os cotovêlos sobre os joelhos e escondia o rosto entre as mãos. O misero chorava...

Quem visse o pintor da côrte de D. Joanna, não o reconheceria presentemente, coberto d'andrajos e solitario em uma rua de Bruxellas, e a deshoras!

O sino d'uma torre annunciou onze horas. Affonso Sanches ergueu a cabeça e fitou os olhos no firmamento.

— Onze horas! — monologou — meu Deus! como o tempo corre veloz para os desgraçados! Quando este sino bater a meia noite já eu não hei de existir... não!... que, com a vida vão terminar os meus soffrimentos...... Este viver é tormentoso... horrivel! sem um asylo para me resguardar do orvalho da noite!... sem um bocado de pão!... E eu... tenho tanta fome... Ai! a que estado cheguei!... e ninguem, ninguem se compadece de mim!... Todos me expulsam como se fôra um cão! todos me evitam como a um leproso! Que sorte! Que vida!... O pintor da côrte de D. Joanna é o mendigo em Bruxellas!... Vamos... é preciso ter valor para acabar com este existir de torturas; é preciso..... e Luiza?... pois eu hei de morrer sem ao menos a ver ainda uma vez sobre a terra!... Ah!...

E exhalou um profundo suspiro. Depois, ergueu-se resoluto exclamando:

— Sou um cobarde!... Ah! não! minto... o portuguez Affonso Sanches Coelho ser cobarde!... Ah! isso nunca; morrer?... que importa! tenho fome e não me soccorrem! tenho frio e não me sabem dar asylo!... miseraveis, que tendes em tão pouca monta os martyrios d'um infeliz!... mesquinhos! que vos não importa ver morrer á mingoa um triste! que não lhe valeis! Dentro em pouco vos não importunarei... não serei mais que um cadaver.

Estas ultimas palavras foram acompanhadas d'um sorriso fugaz; e só depois d'uma longa pausa continuou:

— Inda ha bem pouco tempo que a minha vida era toda delicias... era feliz!... o amor de Luiza tornava-me orgulhoso! N'um olhar d'aquelle anjo recebia eu nova vida, n'um sorriso uma nova alma... e agora... onde as suas caricias?!... Já as não possuo... Que será feito d'ella? p'ra onde m'a levaram?... Infames!... que vendem a sua nobreza a preço d'ouro! que trocam um pergaminho pela honra!... Roubaram-m'a... e não me resta sequer uma esperança! esperança?... só a de morrer...

E desatou a chorar na mais intensa dor.

1 Remedios.
2 Deus.
3 Soneto inedito tirado d'um volume, que o fallecido auctor tinha em via de publicação, sob o titulo de *O Livro de um Naufrago*.

Tudo ficou submergido no profundo silencio da noite; só, de vez em quando, se ouviam os suspiros entrecortados que sahiam do seio do infeliz amante.

Um vulto, embuçado em negra capa, appareceu ao fundo da rua e caminhou com passo ligeiro para juncto do artista; este, absorto em seu triste penar, não deu pela chegada do desconhecido. O embuçado tocou-lhe no hombro e o pintor virou-se sobresaltado.

— Que fazes por aqui parado a estas horas? — lhe perguntou o vulto, em flamengo.

— Que vos importa? — respondeu o pintor.

— Talvez esperes occasião para perpetrar um crime? — retorquiu o desconhecido.

— Já vos disse que não tinha satisfações a dar-vos: e, vamos, que fazeis vós por aqui tambem a estas horas?

— Passeava.

— Pois julgae que o mesmo eu fazia e que fatigado, me sentei sobre esta pedra.

— Porém, adverti — acrescentou o embuçado — que as leis d'este paiz prohibem que alguem esteja parado nas ruas, fora d'horas; além de que, vós não andais passeando, como dizeis, porque os vossos vestidos não são de quem passeia por se divertir... algum projecto tentais realisar.

— Não vos enganais, e ainda lhe não perdi as esperanças...

— Projectos para realisar ás 11 horas da noite, mancebo, não podem ser bons.

— E não — disse involuntariamente o pintor.

— Esperais alguem?

— Não.

— Ides só?

— Vou.

— Pois bem, ide, e Deus vos guie.

O desconhecido afastou-se e o pintor, apenas se viu só, caminhou em direcção ao rio.

Mil ideias lhe assaltavam a mente. O crime, que ia perpetrar perante Deus, e Luiza eram os seus mais tristes pensamentos. Chegou perto do rio, subiu a um escarpado rochedo, e ajoelhou.

Com os olhos fitos no céo e as mãos cruzadas sobre o peito, parecia que um profundo lethargo se havia apossado d'elle.

Houve um grande silencio.

Era penoso ver o infeliz amante n'esta posição, cahido no mais profundo abysmo da desgraça...

O céo estava coberto d'um alvacento gaze. A lua reflectia os seus raios sobre as aguas do rio; o vento fazia um surdo ruido na ramagem das arvores; as limphas, batendo d'encontro ás penedias, uniam o seu murmurio ao d'um regato que serpeava entre as pedras; este conjuncto vago e triste vinha tornar o quadro ainda mais triste e monotono.

O pintor fez o signal da cruz; depois ergueu as mãos e orou:

— Meu Deus! sei que vou commetter um grande crime... um crime que vos offende... perdoae-me, Senhor! bem sabeis que é a desgraça que a elle me impelle... bem sabeis que a minha vida é um martyrio. As minhas esperanças estão perdidas... só me resta a morte!

E as lagrimas o suffocaram. Deixou cahir os braços; ficou algum tempo immovel; depois continuou:

— Luiza, Luiza, tu tambem me has de perdoar; oh! sim, tu me perdoarás quando souberes da minha morte... Luiza, nunca mais te verei: perdi-te... e comtigo a minha felicidade... Não quiz a nossa malfadada sorte que fossemos unidos na terra, mas sel-o-hemos no céo, e lá, Deus me perdoará. Vamos; a minha resolução está tomada... o mundo vai acabar para mim! a sepultura vejo-a aberta... alli... debaixo de meus pés; vão terminar, no centro d'ella, todos os meus pezares... e, ámanhã, quando a onda descobrir, deixará um cadaver na praia!... depois, esta terra, que tão ingrata me tem sido, dar-me-ha um asylo perpetuo...

E erguendo insensivelmente um brado:

— Vamos... agora, que estou só, quem m'o impedirá?!...

— Eu! — disse uma voz, e um braço vigoroso agarrou o infeliz pintor no momento em que elle ia a precipitar-se no rio.

(Continúa).

A. Moraes.

* * *

Quando tu, mulher, volves para mim
esse teu puro olhar,
creio que és tu um livro de marfim
onde vou soletrar,
como em segredo, um nome — que é meu!...
E, vendo a minha fronte retratada
n'esses olhos de pomba immaculada,
penso commigo a sós: — Tambem sou teu!...

I. S. Braga.

DUAS PALAVRAS DE MEDICINA

(CONTINUAÇÃO)

Bases da Medicina—difficuldades d'observar—experiencia—dogmaticos—empiricos—methodicos—humorismo de Galeno—a que o reduziu a sciencia moderna—chymicos—mechanicos—animistas—vitalistas—mechanico-dynamicos—systemas e seitas, como obstaculos ao progresso da medicina.

Observação, experimentação e historia são as principaes bases da medicina.

Quando os factos se apresentam naturalmente, de per si, temos a primeira base; portanto o *observador* é uma testemunha presencial e attenta, mas quasi indifferente e involuntaria dos mesmos factos.

Na segunda base provocam-se, empregam-se os meios para os produzir, os processos necessarios para os pôr em relevo—o que fez dizer a Zimmermonn [1] «O observador escuta a natureza, o experimentador interroga-a.»

Tanto um como outro, embora admittamos o concurso de circumstancias favoraveis, limitadissima colheita podem fazer; bem maior numero de factos ha-de escapar-lhes, porque *vita brevis, ars longa*... logo insufficientes para a comparação e deducção? D'aqui a necessidade impreterivel de se recorrer ás observações e experimentações alheias, isto é, á historia, á tradição—terceira base.

Á convergencia dos sentidos e da intelligencia para um objecto com o fim de bem o conhecer chama-se —*observar*;—é uma operação mental, e em medicina extremamente difficil.

Coopera n'essa difficuldade a complicação do objecto, que se observa «o microcosmo humano.»

Os organismos, com quanto subordinados ao typo da especie, differem entre si. Diversificam até no mesmo individuo em épochas differentes da sua vida! O homem de hontem não é o de hoje, nem ha de ser o homem de amanhã! A creança, que chora, e não sabe explicar-se; o alienado incoherente nas respostas, se as dá; o estrangeiro, cuja lingua se não comprehende; o interesse do enfermo em enganar o medico, no homem para mover á compaixão, para fugir ao tributo de sangue, etc., na mulher para esconder uma falta ou um crime, são outras tantas cousas, que difficultam a observação medica!!...

[1] De l'experience en Medicine. T. 1.º

«Ha muitas cousas, que o ignorante vê, e que o homem da sciencia não vê.» [1]

Em seguida á observação vem a experimentação, mas o terreno é ainda mais escabroso, e difficil. É a ella, que se devem os progressos, a certeza de toxycologia. Só por ella póde augmentar a materia medica, portanto é egualmente necessaria para a therapeutica.

Experiencia é cousa diversa, é um effeito, um resultado da longa observação; mas nem sempre é o fructo da edade, não é exclusiva dos velhos! Não basta vêr muito, é preciso vêr bem. Não póde, nem deve desprezar-se a experiencia precoce; é possivel ser novo e ter tido occasião d'observar muitas vezes um certo grupo de molestias, ou uma serie de factos similhantes.

Confunde-se vulgarmente e por vezes experiencia com *rotina*, isto é, com a repetição irreflectida e automatica dos mesmos actos, embora sem resultado, ou com resultado mau! Infelizmente abundam os exemplos. Ha muito quem tenha immensa practica de pessima experiencia, e todavia morre no seu posto!!

Os descendentes de Hippocrates, os quaes já citámos, substituiram pelo raciocinio a experiencia, que era tudo para o velho de Cós, fundando a seita dos chamados *Dogmaticos*. Gastaram o tempo em subtilezas e devaneios, sem deixarem cousa approveitavel. Arrastou-os a philosophia da épocha. Chegados ao cumulo da exageração, fizeram, por assim dizer, brotar das suas nebulosas theorias outra seita diametralmente opposta, a dos *Empiricos*.

Não tinham em conta o raciocinio. Os sentidos, a experiencia, e a memoria, bastavam-lhes. Póde porém dizer-se que *concluiam* por inducção, ao que deram o nome de —*epilogismo*—. Era um raciocinio bem simples, mas era raciocinio. Contradição manifesta e admiravel! Repugnava-lhes a anatomia e a physiologia. Heraclito de Tavento e Philinus foram dos principaes fundadores da seita.

Asclepiade de Pruse applicou á medicina a theoria corpuscular de Epicuro, chamando aos trabalhos de Hippocrates, *meditações sobre a morte*.

Das ruinas d'aquellas seitas e d'este systema nasceu o *methodismo* de Themison.

Foi solidista, despresando completamente os humores. Tomou para base da classificação das molestias o estado das fibras entre si (strictum, laxum, mixtum) *aperto*, *relaxação* e o *myxto*. Subdividina-se em duas seitas, que não passaram de embryão: *episynthetica*, tendo Leonidas á sua frente, propondo reunir todos os

[1] Obra citada.

dogmas, e factos conhecidos; a *ecletica* capitaneada por Archigene, querendo escolher de tudo só o bom, ou o aproveitavel. O que, seja dito de passagem, seria magnifico!

Atheneo, achando vazias as arterias depois da morte, attribuiu as pulsações d'aquelles vasos *ao pneuma*, cujo principio ou espirito activo e subtil era causa dos phenomenos da economia!

Todas estas seitas tiveram relativamente pequeno numero de sectarios, a seguinte, porém, é um marco milliario respeitavel no caminho da sciencia.

Perto de 15 seculos imperou na medicina theorica e practica o *Galenismo*. As bases da doutrina regular e symetrica de Galeno foram achadas em Hippocrates e Aristoteles.

Quente, frio, secco e *humido* eram as quatro qualidades principaes correspondentes aos quatro elementos *fogo, ar*, *terra* e *agua*. Os humores dominantes, *sangue*, *bilis*, *pituita*, e *melancholia*.

Do predominio de cada um resultava o temperamento do mesmo nome; *sanguineo, pituitoso*, *bilioso*, e *melancholico*. Correspondiam-lhes quatro grandes classes de molestias — as inflamatorias, as biliosas, as pituitosas e atrabiliarias. Que resta hoje de esse humorismo?! A chymica descobriu os verdadeiros elementos, ampliou-lhes o numero, e demonstrou que o ar, a agua etc., são corpos compostos. A Physiologia descriminou os fluidos circulatorios dos fluidos segregados. A atrabilis desappareceu. A pituita é apenas um unico sem importancia!...

Paracelso foi um terrivel adversario de Galeno. O enxofre, o sal e o mercurio substituiam na sua doutrina os quatro elementos. Wedel foi um dos principaes adeptos da seita dos chymicos, bastante prejudicial á humanidade. Suppunham o organismo um verdadeiro laboratorio, e o tubo digestivo uma retorta. Empregaram diversos agentes com o fim d'obterem combinações, fermentações, precipitações, etc., como em vasos inertes!!... Imagine-se o resultado. Depois ou antes simultaneamente (seculo XVII) veiu a dos mechanicos.

O grande vulto de Boerhaave figura n'esta seita. Para elles a economia era uma perfeita machina hydrostatica, cheia d'alavancas, roldanas, cordas, etc.

Uns e outros deixáram de considerar as propriedades vitaes para a explicação dos phenomenos.

Stahl admittiu uma alma intelligente, principio e origem unica d'aquelles phenomenos. Assim os orgãos ficavam reduzidos á condição d'instrumentos passivos na doutrina dos animistas, e a medicina, tornada inactiva, seria expectante em toda a extensão da palavra, porque as molestias eram julgadas *reacções salutares*.

Os vitalistas admittiram uma causa occulta reguladora dos phenomenos da vida, um principio vital, que Barthez chegou a personificar, concedendo-lhe até ideias, appetites e vontade! Em opposição a estes, e aos animistas, vieram os mechanico-dynamicos dar o exclusivo á structura organica dos tecidos.

Este solidismo, propagado ainda pelos escriptos de Hoffman e de Cullen, reinou até aos ultimos tempos.

Para terminar esta parte resta-nos fallar dos systematicos mais celebres do fim do seculo passado. Brown, Rasori, e Broussais.

O 1.º só admittia no organismo uma propriedade— a incitabilidade — o seu augmento ou diminuição era causa de molestia; no 1.º caso por excesso de força *sthenia*, no 2.º por falta *asthenia*, dois grupos de doenças.

Para elle o 2.º grupo era immensamente maior, d'aqui o uso, *e até o abuso* dos estimulantes. A affecção local não tinha valor por si, era apenas a manifestação do estado geral, da fraqueza diathesica!

Na Italia foi Rasori o principal adversario. Tambem considerou o excesso e a falta de *stimulus* como a causa das molestias, porém o primeiro estado, ou diathese era bem mais frequente, ou quasi constante exigindo por conseguinte o emprego dos sedantes absolutos.

Havia só dois grupos de medicamentos—estimulantes, e contra-estimulantes.

Estabeleceu o principio de que a economia sob o imperio da diathese supporta perfeitamente o agente therapeutico, chamado a combatel-a. D'aqui nasceu a lei da tolerancia, cabalmente demonstrada com o tartaro emetico no tratamento das pneumonias. É o dogma importante e approveitavel da theoria italiana.

Ao mesmo tempo em França fundava Broussais a sua «doutrina physiologica» como elle lhe chamou.

Do mesmo modo que Brown e Rasori admittiu dois grupos de molestias por excesso, e por falta de *stimulus*. Em opposição ao primeiro attribúe grande influencia á origem local, e ás vias digestivas em todos os estados morbidos, e principalmente nas febres. Como Rasori suppõe a *estimulação* causa morbifica por excellencia, e quasi exclusiva, d'onde a utilidade dos emollientes e antiphlogisticos, figurando em 1.º logar as emissões sanguineas.

Esta exposição reduzida só ao ennunciado das seitas, e percorrida rapidamente, tem apenas por fim fazer sentir, quanto os diversos systemas e theorias, transviando do verdeiro caminho scientifico os seus sectarios, estorváram o progresso da Medicina, a par de muitas outras cousas.

Agosto de 79.

A. M. Soares Franco.

(Continúa.)

CONSOLAÇÃO

Morre a loira creança; a mãe afflicta
Nem quer, nem tem consolações possiveis!
Contorce-se nos lances mais horriveis,
Chora, soluça, gesticula e grita!

O pae, coitado! comprimindo os ais,
A ver se a esposa a maior dôr desterra,
Diz-lhe:—Não chores; se voôu da terra,
Um anjo conta agora o céo a mais!—

Braga, 1879.

J. J. D'ALMEIDA.

EPHIGENIA

No plano principal do esplendido quadro que hoje exhibimos destaca-se admiravelmente a sublime imagem de Ephigenia.

A arte moderna ainda não produziu figura que tanto se approxime da belleza grega.

No puro perfil, na fixidez dos olhos, na magestade da sua tunica alvejante, esguia, solta e em longas pregas, em tudo se revela a verdadeira estatua de Phidias.

Mas o seu olhar reanima-se como uma estrella que desapparece de momento para rescender em seguida no ponto mais culminante do céo!... Um rythmo tragico circula nos seus delicados membros actuando-lhe gestos de heroina e supplicante! a bocca de marmore vitaliza-se de repente, entreabre-se e seus labios deslisam harmoniosamente a limpida poesia de Sophocle!

E' que esta obra prima de arte plastica é a um tempo uma maravilha de belleza moral! Os mais puros sentimentos modernos, congraçados com a simplicidade primitiva, enternecem esta bella estatua creando uma alma sensivel, delicada, n'um corpo formado como o de Pallas antiga! Milhares de sublimes sentimentos se desenrolam em seu seio d'alabastro!

A historia, porém, d'esta formosa mulher não é para desenvolver em tão curto espaço, nem tão pouco para resumir sem incorrer na pena de profanar a mais sublime de todas as creações de Gœthe: assim descreveremos a scena que o nosso quadro representa.

Diana arrebatou-a do altar, onde Calchas a queria imolar, e levou-a para Tauride, seu templo, fazendo-a sacerdotiza.

Exilada por muitos annos, longe dos da sua raça; resolveu voltar ao seu lar.

Ahi se concentrou, deixando-se ver do povo barbaro, apenas por occasião de cultos.

Purificou o seu templo dos ritos crueis que o ensanguentavam, e aboliu as leis selvagens que decretavam a morte a todos os extranhos.

Mostrou-se, finalmente, a digna filha da Grecia—nos seus melhores tempos—. Logo que a lithurgia impuzesse uma victima humana, Ephigenia procurava qualquer subterfugio lendario para salval-a, fazendo circular, como em Sparta, a lenda de que «uma aguia descida dos céos arrebatára das mãos do sacrificador o ferro homicida.»

Assim, esta sacerdotiza vivia envolvida em ar e cheia de deuses, como diz Homero, e n'um extasi calmante respirava os espiritos que fluctuavam por entre os zephiros do bosque sagrado.

Thoas, o velho rei de Scithas, era o unico que tinha a concessão de penetrar no seu sanctuario.

Amou-a.

Erritado, porém, pela recusa do seu amor, constrange-a a sacrificar dois captivos.

Ephigenia reconhece n'elles Oreste seu irmão, e Pylade filho do Rei de *Phocide*.—Eis o quadro e o ponto principal em que o auctor faz sobresahir maravilhosamente os puros sentimentos de consciencia, humanidade e heroismo de Ephigenia.

Oreste vem ao encontro da Sacerdotiza; conta-lhe as calamidades que houve depois da sua volta de Troia; a extincção da sua familia, a sua vingança e a perseguição de seu fado.

Ephigenia lança-lhe a absolvição, exorciza-o das furias que o perseguem até ao solo do templo, e, á vibração da sua voz ellas se somem immediatamente no Tartaro e feicham após si as portas de bronze.

Mas, para salvar os dois infelizes era mister enganar Thoas e fugir com elles.

Suscita-se no intimo d'esta mulher heroica e virtuosa o debate encarniçado entre a mentira e o dever, a cobardia e a salvação! Quasi decidida a dar o primeiro passo errado, revolta-se-lhe o pudôr.... hesita, e vinga o dever.

Parte a denunciar-se a Thoas! este, apezar de irritado e rude, cede ante a sublimidade da delinquente, perdoa, e deixa-a partir com os dois extranhos, renovando em seguida, todos os seus barbaros costumes.

OSCAR TIDAUD.

DO QUADRO DE KAULBACH E GRAVURA DE E. E. SCHAEFFER

EPHIGENIA.

OS CÉOS

Em vão o telescopio ao céo aponto
E com a vista corro o firmamento;
Em vão os astros sondo, sigo e conto
Com esse ôlho gigante, aberto e attento;

Em vão de gráu em gráu eu subo prompto
Através dos espaços n'um momento;
Em vão por largas horas firme affronto
Dos grandes soes o olhar eterno e lento.

Em vão e sempre em vão! o céo é mudo;
Nos espaços não ha mansão divina
Nem de um potente deus existe a face.

O céo,—astros, planetas, luas, tudo,—
Só os nomes e as glorias nos ensina
De Kepler, Galileu, Newton, Laplace.

TEIXEIRA BASTOS.

CASO VELHO

(Continuado da pag. 86.)

Fechou os olhos, metteu debaixo da roupa a cabeça atada n'um lenço branco de tres pontas, mas não conseguiu adormecer.

Decididamente tiravam-lhe o somno as afflições. E depois aquelle dito da mãe tinha-a offendido muito.— Com um ar de dignidade ferida, espesinhada, gesticulava, embrulhada, bem conchegada na quentura dos cobertores; lembrava o chale de xadrez azul e preto que lhe déra de folar na Paschoa do anno passado e os sapatos de cabedal de azeite, abotinados, que o Jeronymo, o mestre do casão, lhe tinha feito por dezoito tostões para o anno novo.

—Mas d'ella não tinha a esperar outra cousa; tinha sido sempre assim.

Vinham-lhe então á memoria, esbatidos em penumbras distantes, indistinctos, como quadros a oleo, velhos, cheios de pó, os primeiros annos, quando o pae era da guarda, de cavallaria. Moravam no Carregal, e as suas reminiscencias mais remotas surprehendiam-a muito pequena ainda, de chalinho de baetilha vermelha, feito d'um saiote decrepito e esburacado da mãe, com o cestinho da meia na mão, a ir para a mestra, uma senhora da rua do Rosario, muito sua amiga. Fôra ella, a senhora D. Preciosa, quem lhe enfeitára com umas fitinhas côr de rosa a primeira obrazinha, uns cothurnos de linho para o pae, para estreiar no dia do Corpo de Deus: mas que contentamento o d'ella! Á tarde, foi vel-o, a cavallo, a acompanhar o S. Jorge e sentia-se vaidosa, muito mais crescida, quasi mulher, pensando comsigo que se não fosse o trabalhinho que ella tivera e o revesilho aberto que rendera uns tantos *cóques* na cabeça, não faria o pae tanta figura com o seu penacho branco, o capacete reluzente, os encarnados vistosos da farda. E como ella desejára n'esse dia que elle não levasse botas! Mas a mãe não tinha podido levar a bem aquella lembrança, e á noute, quando o pae voltou, cançado, da procissão, ralhou muito, desfez no presente, disse que estavam mal feitos os cothurnos; e tudo porque o pae lhe trouxe um peliço de doces e, com ella nos joelhos tropegos, tremulos de ter andado muito tempo a cavallo, lhe prometteu umas morcellinhas de ouro para as orelhas.

Nunca lhe tinha esquecido aquella, e desde então cada vez se tinha feito mais ruim; até parecia que lhe tinha feito inveja. Era inveja, era — pensava, n'uma certeza arraigada e profunda — porque principiára a sentir differença na mãe n'um dia em que o velhote lhe disséra:—deixa a rapariga fazer figura, os aceios agora são para ella, que tu com'assim já estás velha. E de outra occasião ella era maiorzinha, quando o pae lhe comprou uma capinha preta de panno, muito singelinha, para ir para as modistas, as Furtadas da rua de Cedofeita, tinha ido tudo raso, porque a mãe queria que ella pagasse dos tristes tostõezinhos que trazia no fim da semana; mas elle não tinha deixado e até a *bicha* apanhára d'essa vez. Que a mãe não ficava a devel-as e quem as pagava todas era ella, a pobre, quando o pae não estava em casa. Assim a podia ella vêr!

E rancorosa, com a ira accumulada de injustiças antigas, tirou para fóra da roupa o braço nú, curtinho, as veias azuladas a cruzarem-lhe a alvura roliça, e estendeu o punho fechado, pequeno, d'uma côr mais escura, crestado do frio, para a salinha allumiada pela luz enfraquecida, quasi apagada, da lamparina do oratorio, que ia concentrar um raio oscillante, tremulo, no vidro d'um quadro d'onde emergiam as barbas brancas, muito crespas, do duque de Saldanha, o peito recamado de condecorações, a banda bordada de marachal apertada muito abaixo no ventre proeminente, as grã-cruzes a tiracollo.

Através das lufadas de vento que enchia o silencio espesso e obscuro da noute de vagos rumores disformes, de folhas em turbilhão, de ramarias sacudidas, de agua despenhada, horas badalejaram na Lapa com uma sonoridade melancholica e esvaida. A's voltas, moida, Laura desesperava-se por não pegar no somno, e phosphorescencias cambiantes iam e vinham n'uma cadencia incessante e matizada, passando-lhe por deante dos olhos, fechados com força, muito pregados.

Já duas horas; e a respeito de dormir, nada! Quem havia de estar ao outro dia na modista, é que ella não sabia. Ainda se pudesse dormir até ás sete...

Enrolou-se no conchego tepido das mantas e, de bruços, as mãos mettidas debaixo do travesseiro, quebrada das emoções, tentou adormecer. Mas estava resolvido que não socegaria em toda a noute: um trovão secco estalou, arrastou-se estrepitoso; medrosa, tremendo, escondia a cabeça para não ver a lividez crua dos relampagos que penetrava pela telha de vidro, opaca e pulverulenta, e murmurava a *Magnifica,* atrapalhada, cortada de invocações a Santa Barbara. Pensamentos extravagantes, impios, davam-lhe estremecimentos fanaticos de terror; e dizendo inconsciente, mechanicamente:—*porque pôz os olhos em sua humilde escrava*—imaginava-se a serva de Deus que, na magnitude e na gloria dos andores do Terço, lhe apparecia vivo, animado, d'uma perfeição sensual e provocante, com o aspecto juvenil do seu admirador da loja de modas.

Menos distincto, outro ronco surdo, continuado, rolou afastando-se; grossas pingas cahiam no telhado, pesadas, entremeiadas de pedrisco graudo que saltitava sonoro; e banhada em suor, do medo exagerado, a roupa quasi cahida no chão, Laura encolhia-se, fazia-se pequena para se livrar do perigo. A camisa, ennovellada das voltas, subida, collada ás curvas molles do corpo, revelava a brancura cylindrica, muito torneada, da perna bem feita, um pouco delgada no apertar da liga; perdia-se n'um recato mysterioso logo acima do joelho redondinho, sem saliencias osseas, uma pequena mancha escura do habito de rezar ajoelhada todas as noutes.

As ultimas implorações, quasi indistinctas, entaramelladas do somno, resolveram-se-lhe n'uma inspiração mais funda; o arfar sacudido do peito socegou e, moderado, em oscillações regulares, levantava o braço curvado, assente sobre a proeminencia suave e contornada dos seios pequeninos, muito alvos, um todo nada afastados. Adormecêra.

E pela manhã—quando o pae veiu chamal-a, batendo discretamente no humbral da porta, a cara de lado, sem olhar para a cortina que no arame arqueado do pézo, franzira uma leve dobra, por onde se via sobre a caixa de pinho clara vestidos negrejarem—foi em sobresalto que ella acordou. Sentada na cama bruscamente, esfregava extremunhada os olhos com as costas da mão, pensava com máu humor no sonho appetitoso interrompido; e bocejando, os braços elevados por cima da cabeça com uma preguiça invencivel, descahiu no travesseiro, os olhos piscos, abrangendo os objectos n'uma visão indistincta. Mas no relogio de campainha, americano, d'aspecto triangular, sete horas soaram arrastadas, e lá fóra fabricas, chamando para o trabalho, assobiaram em tons variados.

Eram horas não havia remedio.

Com um impeto voluntarioso saltou da cama, para não se arrepender e emquanto se arranjava com lentidão casquilha, toda preoccupada comsigo mesma, ouvia o pae na sala engraixar as botas, escovar-se, com abundancia de ruidos activos, passeando, cantarolando a *Maria da Fonte*. Uma nesga de claridade azul, que penetrava pela pequena claraboia empoeirada e se espreguiçava communicativa na parede caiada, deu-lhe uma alegria intima; e as modulações desafinadas, eriçadas de desharmonias, que o velhote trauteava, despertaram-lhe o desejo de despejar de si a satisfação que a abafava. Desobstruiu a larynge, expectorando o pigarro matutino, garganteou uns bocadinhos da *Senhora Angot*, do *Amar sem conhecer*, a sua musica favorita, e, emquanto penteava o cabello comprido, levemente onduloso, defronte do espelhinho da parede, punha na voz uma melancholia alambicada, em falsete, nas phrases altas da aria do espelho.

Dize, espelho, tu
e sê bem leal...

Acabava de pregar o ultimo gancho na trança grossa, enrolada muito acima, no alto da cabeça; tirou dos hombros, devagarinho, a toalha d'onde apanhou com um gesto delicado cabellos que tinham cahido, e enrolando-os nos dedos muito apertados, faz uma bolinha, deitou-a na bacia de louça grossa posta sobre uma cadeira de páu. E, elevando a voz para fóra:

—Lá vou já. É só um instantinho.—

Respondeu ao pae que a chamáva para o almoço.

Sentava-se á meza, tinha já dado uma dentada na fatia grossa de trigo, mas a campainha badalejou a medo, e uma voz aguda, muito acreançada convidou-a a descer:

—Que viesse; ficava alli á espera.

Era a Lenita do Pitadas que vinha buscal-a para irem juntas — explicou para dentro baixinho, a bocca cheia; e para baixo gritando:

— Tem paciencia, Lénita; eu vou já.

Comeu á pressa, alvoraçada por pensamentos alegres, pôz a capa, ligeira.

— Toda no ar, a *cabra* — ficou resmungando a mãe. E desceu a escada, ageitando o lenço da cabeça que lhe acariciava as faces com as dobras quebradas e macias da seda.

Era a Lena effectivamente que a esperava com as irmãs—a Micas e a Rosa. Escondidas no vão da porta, apenas ella transpôz a cancella, correram umas para as outras, n'um transporte, como doudas; beijocaram-se muito, todas abraçadas, n'uma confusão de braços, como depois d'uma ausencia longa; beliscaram-se ao de leve em partes que lhes despertavam cócegas, rindo gargalhadinhas suffocadas d'um regosijo interior.

Mas fazia-se tarde; já tinham dado oito horas—E puzeram-se a caminho, alegres, escarninhas, levantando os vestidos, ao atravessar da rua, os cotovellos muito salientes por baixo da capa, em meneios presumpçosos, para não se molharem na humidade areenta das chuvadas da noute.

Se tinha tido medo da trovoada, a Laurinha? Ellas não sabiam onde haviam de metter-se: até se tinham ido deitar juntas, muito agarradinhas, na mesma cama, para tornarem o medo umas ás outras. Que se não fosse o vento que fizera.... mas durara pouco. E agora parecia que o tempo estava segurinho..... O vento pelo menos estava de cima.

E olhava para o céo d'um azul profundo, lavado da trovoada, onde se algodoavam nuvenzinhas brancas, que corriam para o céo, que corriam para o mar levadas por uma aragem branda, deslumbrantes de claridade, que lhe fazia bater as palpebras feridas d'uma intensa radiação de luz. Por entre a herva fresca do campo, d'um verde tenro e luminoso, gottas d'agua faiscavam, batidas do sol, que recortasse no chão sombras filagranadas das arvores a desabrocharem as suas folhinhas informes, branqueadas por uma pennugem macia. Na confusão de ruidos que enchiam o ar limpo, d'uma pureza embalsamada, notas agudas de cornetas destacavam, sons melancholicos, rachados, da campainha do cabreiro, chocalhavam rouquejando. Pregões arrevesados, hyperbolicos, atiravam-se n'uma fanfarrice cantada, com grandes erros de pronuncia.

Rico *piêxe!*

Coibes de folha!

Cabos de *sobodlas!*

até aos ultimos andares das casas, em que appareciam criadas, muito arremangadas, os braços papudos, avermelhados do frio, chamando com largos *psius* appellativos.

Á porta das lojas, patrões anafados, de pequenas suissas commerciaes, multiplicam ordens, atrapalham com indicações simultaneas aos marçanos timidos que, em mangas de camisa, com expressões alvares d'uma imbecilidade medrosa nos rostos empapuçados, varrem as testadas; as calças de lona crua muito escorridas nos quadris angulosos, os calcanhares gretados, envermelhecidos, a sahirem-lhes das chinellas de cabedal branco, d'uma apparencia conspurcada. Carros carregando peças de ferro, que esturgem em gritos agudos, enfileiram-se na rua, os bois envertidos no *cabeçalho,* ruminando com serenidade contemplativa e mansa, piscando os grandes olhos d'uma bondade abstracta e umas paveias de palha aos cantos da bocca por onde sáe, larga e espalmada, a lingua negra, aspera, a acariciar as humidas aberturas nasáes.

Envolvida na capa traçada, Laura, um arripio de frio a percorrer-lhe o corpo todo, ouvia, distrahida n'um embevecimento, as bisbilhotices das raparigas, os mexericos em que se emmaranhavam ditinhos da Thereza que ambicionava o logar da contra-mestra, da Balbina, que tinha denunciado á *madama* o namoro que o marido lhe fazia. Uma irritação nervosa melancholisava-a, dava-lhe impaciencias phreneticas; vinham-lhe desejos de chorar, sentia no peito um vacuo enorme que a affligia, parecia-lhe que estava só no mundo, e n'aquella confusão de ideias uma sobrenadava pertinaz, n'uma insistencia agradavel.

Mas tinha-o a *elle,* ao Julio.—Achava um prazer em lhe pronunciar o nome; em lhe chamar:—o *seu* Julio —mas uma desolação magoada opprimia-a ao aproximar-se da modista sem o ver.

E na Praça Nova, quando avistou o André, junto do estabelecimento em conversa hilareante com outros caixeiros, esfregando as mãos, o contentamento d'uma noute bem dormida a irradiar-lhe da physionomia minhota, um suspiro reprimido, ao recordar-se da *scena* da mãe, veiu expirar-lhe nos beicinhos entreabertos por um sorriso de desprezo enraivecido; passou olhando para a estatua, onde a chuva tinha posto uns laivos esverdiados no pedestal mesquinho, deu a sua opinião em voz alta, com uma volubilidade irada, compadecida da contra-mestra, uma accusação profunda de rancôr contra os homens:—Uma cambada, todos!—rematou intencionalmente.

Pozeram-se a subir a rua de Santo Antonio de vagar, n'uma lassidão remissa. Gallegos de sacco ás costas, um mólho de córdas ao pescoço, tiravam taipáes das *vitrines* em que se espelhavam claridades crúas do sol descoberto, raparigas pequenas, desmazeladas, limpavam os crystaes das exposições das modistas; vozes apregoavam o *Primeiro de Janeiro,* correndo ao desafio, com apostrophes obscenas.

Ao entrar para a *madama*, Laura não poude resistir a um desejo louco, imperioso, deixou-se ficar

para traz um instante, porque lhe tinha parecido que o vira entrar na Casa Havaneza.

Não se enganára; era *elle.*—Vinha descendo a rua lentamente, accendendo um charuto, n'uma affectação aperaltada, muito presumida. A calça clara espalmava-se-lhe em quebras molles sobre a bota de verniz aguçada, pequena; tinha um andar gingado que lhe fazia balancear a cabeça em movimentos pretenciosos, e debaixo do braço, n'uma tremulação suave, fitas amarellas e vermelhas fluctuavam, inculcando o quintanista do *hospital.* Bafuradas de fumo azulado escapavam-se-lhe da bocca ao retirar o charuto, encastoado na boquilha lisa, d'uma singeleza aristocratica, e passava quasi, por deante de Laura, sem reparar, n'uma indifferença descuidada; mas da loja de cima alguem vem á porta, chamou discretamente, n'uma entonação segredeira.

O' senhor doutor...

E formulava queixas, expunha soffrimentos, exigindo muita attenção, agarrado a um botão do casaco do estudante, que vagueava olhares d'uma resignação compungida pelas janellas ainda fechadas, de transparentes corridos, pelos passeios da rua, onde se baralhava gente afadigada, n'uma diligencia tardia. De subito, com um movimento impaciente, irreprimivel, voltou-se para baixo, e n'um momento, topou com a vista na costureira, que do limiar da porta o espreitava disfarçada sem encarar com elle; cortou a palavra ao doente que se arrastava em lamentações doridas, e, fallando alto, com ostentação, deu-lhe conselhos em tom dogmatico, prescreveu medicamentos variados.

—Mas voltaria á noute... antes das oito...—accentuou com proposito, olhando muito Laura que se ruborisou n'um colorido extenso de prazer áquelle emprasamento. Despediu-se com apertos de mão sacudidos, de grande intimidade, cingiu-se muito á parede, e passando rente da costureira pegou-lhe na mão, e com uma pressão doce.

—Até á noute, meu amorzinho... sim?—recommendou-lhe baixinho, n'uma voz ciciada, muito amoravel, de timbre masculino, que a penetrou d'uma commoção poderosa. E seguiu rua abaixo, bamboando o corpo em requebros muito quebrados de cintura, voltando-se a espaços para Laura, que não se moveu emquanto o não perdeu de vista aos Congregados, no borborinho de gente d'aldéa que tinha vindo ao mercado.

(Continúa.)

Marcos Prata.

TRANSFIGURAÇÃO

Quando dormes, ó loira immaculada,
Entre as finas bretanhas do teu leito
E ondula docemente de teu peito
A transparente curva assetinada,

Contrista-se a minha alma angustiada,
Pensando, todo em lagrimas desfeito,
Que esse teu corpo angelico e perfeito
Ha-de volver ás solidões do Nada.

Feitas em pó as perfumadas rosas
Que brotarem as fórmas graciosas,
Serão varridas dos tufões do Sul,

Vagueando a tua alma, ó creatura,
Em flamula de luz suave e pura
Errantes pelas lampadas do Azul.

1875.

Gaspar de Lemos.

ESTUDOS POPULARES SOBRE A PHYLOXERA DO DOURO

O insecto que hoje infesta as vinhas do Douro é o que os homens competentes denominam *Phyloxera* e *que,* segundo a termonologia grega significa «*amante da vinha*».

Este parazita internou-se na Europa por importação dos bacelos americanos. Passando do novo mundo para o antigo mudou tambem de modo de viver. Lá, vive na vide, ao ar livre, e formando galhas á maneira de casulos, aonde propaga uma nomerosa geração: aqui, muda da parte aerea para a subterrania, donde nunca sae, vive nas raizes da vide, produzindo egual fecundação que se multiplica successivamente e suga toda a seiva até que a planta definha e morre fatalmente á mingoa d'alimento. É por isto que se accrescenta ao nome de Phyloxera o adjectivo *vastraterix*—destruidor.

Os trabalhos profundos e pacientes de Mr. Lichtenstein e d'outros sabios, e ultimamente de Mr. Maxime Cazun, assaz patentearam o estudo historico do insecto e suas differentes phases:

Nas tres primeiras, d'inverno, quando sáe do ovo é partogenere; reproduz-se sem fecundação previa. Na quarta phase transforma-se em alado: (vid a grav.) imperceptivel e microscopico, com as azas duas vezes

maiores que o corpo, é levado pela mais pequena aragem a infeccionar as vinhas indemicas, onde produz uma geração sexoada mais forte e numerosa, que se espalha por toda a parte, deixando microscopicos ovos, e multiplicando novas gerações.

Descripta a largos traços a vida biologica d'este insecto, diremos que no nosso paiz, essencialmente accidental e pela posição geographica e geologica dos terrenos, com especialidade no Douro, onde o calor é intenso e o sol opera como uma lente, o insecto desperta muito mais cedo e hiberna mais tarde, do que resulta maior numero de gerações e maiores estragos. Para o Norte, os alados da 4.ª phase, apparecem apenas quasi no fim d'agosto, e no Douro já volitam pelas vinhas em fins de Junho.

Em vão os governos, os homens scientificos e os humanitarios de todos os paizes teem querido accudir aos reclames dos doridos; dez ou doze annos de lucta se tem passado e o tão tenue quão terrivel inimigo, intrincheirado por tão formidaveis reductos, de tudo tem zombado.

Os congressos scientificos, os cordões sanitarios, as medidas, as precauções, as experiencias nada teem detido a progressiva marcha de tão calamitoso mal.

São tristemente eloquentes os relatorios pelo ministro da agricultura da França: — Em 1877 havia 28 departamentos infeccionados, e em 1878 achavam-se 39 — mais um terço!

Com relação porém, ao nosso paiz, o governo portuguez mandou, aos paizes infeccionados, homens competentes estudar e vêr as applicações e o modo como combater esta calamidade, do que temos relatorios bem elaborados. Ultimamente por decreto de 7 de agosto passado, creou-se *uma commissão executiva d'estudos e tratamentos ds vinhas do Douro*. Foi esta commissão composta de pessoas technicas, dos maiores proprietarios, cujos trabalhos scientificos e experimentaes foram derigidos por um dos primeiros homens scientificos do paiz — o Dr. Manuel Paulino d'Oliveira, lente cathedratico da Universidade de Coimbra. Nas primeiras reuniões d'este areopago scientifico e competente para apreciação de novos medicamentos e applicações, divergiu a commissão, estando as opiniões quasi contrabalançadas: uns queriam que a applicação do *sulfureto de carbone*, já provado nos paizes phyloxerados, se praticasse desde logo a todas as vinhas affectadas: era um sacrificio de oito centos a mil contos para o paiz, mas que deveria fazer-se, ficando elle livre d'este flagello!

PHYLOXERA ALADO

A muita prudencia e previsão de illustrado presidente da commissão salvou o Douro d'esta crise e o paiz d'este grande sacrificio. O futuro justificou a sua sensata opinião.

Crearam-se, depois, no Douro os postes experimentaes para os ensaios, fizeram-se commissões de vigilancia nas differentes localidades e publicaram-se instrucções uteis para a agricultura.

De todos os remedios que se tem applicado e que deram melhores resultados aqui e no extrangeiro foi o *sulfureto de carbone* applicado puro pelos injectores de Gastine, ou, em estado gelatinoso, pelos prismas de Rohart. Este celebre processo, que tanto enthusiasmo e esperanças causou aos viticultores, foi bem proveitoso e uma boa mina de exploração para Mr. Rohart; pagou-lhe bem a ovação saudatoria do Trocadero em França. O auctor dos prismas tirou fabulosos lucros, que mingoaram os recursos dos viticultores e provaram á evidencia que o inventor dos prismas e dos pós insecticidas enriqueceu e os viticultores empobreceram.

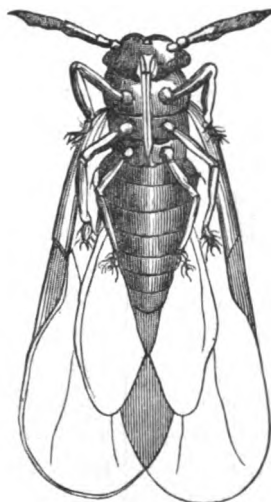
O *sulfureto de carbone* puro e applicado pelos injectores de Gastine mostrou a sua efficacia e as applicações feitas no Douro mostraram o sufficiente, applicado a cada cepa, para matar o phyloxera, sem destruir a vide; por este lado a resolução do problema de matar o insecto sem destruir a vide, dá um resultado negativo pela parte economica.

Servir-me-hei do mesmo calculo da commissão.

—Um hectar de terreno de vinha produz irregularmente 3 pipas de vinho, fóra a estrumação sempre necessaria depois da applicação; custa 33$000 reis só a applicação do sulfureto, o que affecta o preço do vinho 11$000 em pipa, ao que póde augmentar-se 2000 reis para adubos correspondentes, cuja somma é — 13$000 reis por pipa.

—Um proprietario no Douro tem 10 pipas de vinho, que vende de 20$000 a 30$000, preço medio—25$000 reis, somma total=250$000 reis; metade d'esta quantia—125$000—é para o fabrico, desde a primeira cava até á vindima e envasilhamento! fica-lhe, por conseguinte, liquido para a sua sustentação e de sua familia—125$000 reis! Como poderia viver se gastasse na applicação do *sulfureto* 120 a 130$000 reis?

Era melhor não cultivar a vinha.

Dirão a isto que a applicação durará só dous a tres annos e que tambem a vide leva dous a tres annos a crear novas raizes: e durante esse tempo o viticultor de que ha-de viver?

O *sulfureto* evolatilisa-se logo ás primeiras cavas ou a qualquer movimento da terra, e quem póde assegurar que as novas raizes não sejam atacadas?

É opinião de pessoas competentes que o phyloxera não se extingue no Douro, pelo incremento que tomou nos ultimos annos; terá pois, o viticultor de viver com elle como tem vivido com o *oidium*.

Persuado-me, porém, que o futuro anno de 1880 será mais desanuviado para o Douro, estabelecido logo, desde o principio, um novo regimen para a vide crear raizes fundas, que a sustentem e livrem dos ataques mais superficiaes do parazita.

A introducção de novos estrumes mineraes, desenvolverão na seiva um succo que não será talvez tão agradavel ao parazita.

Penafiel, 11 de Julho 79.

S. R. FERREIRA.

ESBOÇO

O marido curvado para a mesa,
Ante um arido livro de sciencia,
Estuda com alegre persistencia
As coisas mais subtis da natureza.

Ella, nervosa e pallida belleza,
Em momentos fataes de impertinencia,
Afaga com visivel impaciencia
Um pequenino cão de raça ingleza.

Esterica e ociosa, a phantasia
Deixa vagas em tristes desatinos
N'um mundo de infamante poesia...

De repente sorri a uns sons divinos....
Era a voz da criada, que dizia:
—Chegaram de Pariz os figurinos.—

Pernambuco.

A. DE SOUZA PINTO. [1]

[1] Acha-se actualmente entre nós este distincto poeta que, volta á patria depois de vinte annos de ausencia no vasto Imperio Transatlantico.

O lauriado nome de snr. Souza Pinto é muito conhecido entre nós desde a publicação do magnifico livro *Estros e Palcos* de Luciano Cordeiro, onde vem um esplendido capitulo á cerca d'elle—auctor das *Idéas e Sonhos*.

Este digno poeta honrou-nos com a sua visita e com a sua collaboração.

AS RÃS

Quando eu era pequeno, um garotozito vermelho, robusto, perverso e birrento, o terror das velhas de Villa de Frades e o encanto de meu pae que só sabia sorrir-se para mim, usava após a sahida das aulas, brincar e correr pela povoação, sem chapéo e sem vergonha, com um pão e um queijo nas mãos, pão e queijo que despreoccupadamente ia tasquinhando. As minhas correrias alcançavam quasi sempre por termo um arrabalde da villa—*O Ribeiro da Villa,* planura fofa de relvas, batida da luz e do vento balsamico dos campos, cortada a meio por um regato que lhe dava nome, e tendo proximo, d'um lado o chafariz alluido em que os carreiros faziam beber as mulas de transporte, do outro lado uma pequena ponte de alvenaria, perdida entre grupos de salgueiros, e massas pardacentas de oliveiras antigas.

Amava particularmente dois rapazes do meu tamanho: o *Zé da Joanna,* um primo levado de mil diabos que Deus me havia dado, e o José Antonio do Cego, moço que se finou bem cedo, por uma vendima de ha dez annos.

O *Zé da Joanna* era uma creatura pequena, nervosa, mettediça, muito azougada, o melhor atirador de pedras que eu conhecia. Outro tinha a mania dos passaros, dos ninhos, conhecia as pôças do *montado* em que as perdizes iam beber *pela calma,* creava rolas em gaiolas de canna que elle mesmo fabricava, enormes como predios, todas garridas de pequenos torreões aguçados e caprichosos.

Depois da eschola, á tardinha, providos cada qual de nós, com o seu farnel de merenda, ajuntavamo-nos no *Ribeiro da Villa*—para pescar rãs. No verão, o regato mal corria entre accumulações de uma areia suja, coberta de ramos seccos, de limos verdenegros, de insectos elegantissimos de grandes azas membranosas de um brilho azulado de aço de boa tempera, azas que na posição de repouso se abrigavam sob elyctros corneos, luzentes, iriados, solidos como as pequenas couraças dos guerreiros de uma hoste dispersa pelos arraiaes de um rebelde vencido.

As rãs eram a nossa paixão.

Á nossa chegada viamol-as saltar dos verdes tapizes de mentrastes e de juncos, com um *plhaú* sonoro, na profundeza dos pegos.

Mais longe, n'uma circumvallação do regato, pensando-se sosinhas, algumas d'ellas, coaxavam á flôr d'agua, erguendo acima do nivel tranquillo, a sua chata cabeça verde, de olhos estouvados, iris côr de ouro, a enorme bocca semi-eliptica, aberta ao ar com

uma especie de sorriso extatico, uma fila de pequeninos dentes corneos, um pouco curvos, dispostos para a apprehensão dos animaculos. Iamos com grande subtileza, acautelando as passadas, promettendo baixinho, em côro, duzias de Padre Nossos a Santo Antonio, se *fosse servido*, entregar-nos alguns dos animaezinhos que faziam a nossa paixão e o nosso desespero. Mas precepitados como eramos, não conseguimos nunca aprisionar os elegantes anuros, e cahindo a noite da cordilheira gigante que pesava ao noroeste e ao nascente, voltavamos cheios de tristeza e de cançasso para os nossos lares e para a nossa ceia em familia.

Na volta, sentiamos com surda raiva, o côro de rãs, unisono, forte e magnificamente sarcastico, que parecia erguido de proposito para saudar a nossa retirada, o nosso desalento e a nossa pouca destreza piscatoria.

E esse côro, na penumbra mysteriosa e vasta dos campos, tinha uma concentração harmonica, uma especie de poesia local: era o hymno da liberdade, de uma colonia que readquire o seu imperio e a sua independencia! Feria. O *Zé da Joanna* especialmente, não tolerava o insulto.

E com mão rapida, fazia chover nas pôças d'agua mais sonoras, grandes pedras talhadas em cunha, que acompanhava de pragas adquadas ao caso, e á solidão do logar.

Ouviamos dizer que as pernas das rãs tinham uma carne excellente e branca, tenra e fina como a de gallinha. Nenhum de nós tinha comido ainda: mas era magnifico! O José Antonio do Cego, o mais velho, dizia então para nos aguçar a cubiça:

— Eu cá, já uma vez apanhei uma rã muito grande. E vai, abri-a, e tinha na barriga um canivetinho muito bonito, de duas folhas. Para os nossos oito annos innocentes e loiros, ter um canivete de duas folhas, era ser duque de Avila e Bolama. O canivete de folhas largas, relampejantes, de mola elastica, de cabo de marfim ornado de pequenos ramos vermelhos, constituia para a nossa vaidade, o luxo mais fino que uma pessoa póde querer no bolso do collete. Conheciamos só um rapaz que tinha um canivetezinho dos taes — era o filho do medico. Que lindo! Tinha vindo de Lisboa, n'uma pequena caixa azul, com seu lettreiro.

— Eu cá, hei-de ter um,—dizia cada qual de nós.

Porque traziam as rãs canivetezitos na barriga? Não sabiamos. Mas traziam, traziam: nós tres affirmavamos convencidamente.

E todas as tardes, depois da eschola, pedida a benção em casa, á mãe e ás tias, deposta a pasta dos livros sobre a meza do jantar, atirado o chapéo sobre a arca da roupa, tóca para o *Ribeiro da Villa*!... Lembro-me que nunca fui mais forte, mais voluntarioso, mais terrivel que n'esses tempos. Em eu batendo com os pés, os criados tremiam e davam-me quanto eu pedia. Senão, era sabido... ia-me á louça de cantareira, e com mão funesta, zás — tudo para o meio do chão! Quantas duzias de sovas me não deram, com chinellos na região sagrada, com varinhas de marmeleiro nas costas, puxões de orelhas, de cabellos, reclusões n'um quarto escuro! Era o mesmo que nada.

Um dia mandaram fazer uma palmatoria e deram-me com ella.

N'essa noite, quando senti tudo a dormir, levanto-me descalço, devagarinho, como um bandido sagaz, vou-me á palmatoria, agarro-a ferozmente, e dirigindo-me á cosinha, lanço-a no monte de brazas que na lareira fazia ainda intensa vermelhidão.

No outro dia de manhã, encontraram-lhe intacto — o cabo!

Ia-me sahindo cáro o expediente.

Meu pae interveiu na questão, ameaçou-me com os *pretos;* que me mandava para uma loja, que me *rachava de meio a meio*. Mas não comprou segunda palmatoria, e eu d'alli em diante parti menos louça.

Um domingo, o *Zé da Joanna*, veiu com uma noticia que realmente me abalou. Tinha visto mesmo junto da ponte, uma rã enorme, toda pintada de verde e riscas amarellas, com um canivetinho mesmo, mesmo a sahir...

Agachou-se para lhe lançar a mão, de mansinho, com medo que ella fugisse. E ao pôr-lhe os dedos no lombo, ella dá um salto e some-se. Uma cousa assim!

Eu estava n'um pasmo indiscriptivel.

— Como será que ellas teem canivetes lá por dentro?—dizia todo impressionado.—Aquillo é cousa que os engolem.

— Qual!—objectou o *Zé da Joanna*, com indiscutivel superioridade e um riso mofador de homem que sabe o caso desde as origens.

Tocava para a missa.

— Anda,—disse-me o primo—agora não está ninguem no *Ribeiro da Villa*; vamos a ellas!

Fomos a ellas. De longe as sentimos coaxar alegremente.

— Que cantoria que fazem!—disse eu parando.—

— Deixa,—resmungou meu primo *Zé da Joanna;* — eu dou cabo d'aquelles diabos — tirára do bolso uma grande pinça, e estendendo-m'a explicava:

— Ellas apparecem, entendes tu? E eu vou com isto estendido, agarro-as por uma perna...

E com o profundo desdem de um sceptico consumado:

— Hoje *não é cá preciso* Padre Nossos!...

Chegamos á beira dos pegos. De todas as barranceiras, os ageis batracheos saltavam para a agua.

— Uma, duas, tres, quatro... hi, tantas! — dizia eu, contando, deslumbrado.

— Olha,—disse meu primo,—tu vais dentro do pego, para as enxotares. Descalça os sapatos, tira as meias e arregaça a roupa até ao joelho. Eu estou aqui á espreita. Rã que passe... oh pae!...não escapa á minha arma.

A esse tempo arregaçava-me eu lestamente, para descer. Um arrepio da aragem fazia pequeninas ondulações concentricas na agua. Iam passando as ovelhas para o restolho das cearas.

— Ó *Zé*, — observei eu em voz baixa e receosa — se o pae ahi viesse, hein? com uma vara!...

— Avias-te ou não? Já tocam a erguer a Deus. D'aqui a nada vem gente.

Puz os pés descalços nas primeiras pedras humidas em que as lavadeiras costumavam bater as suas roupas ensaboadas. Penetrava a agua do pego.

— Parece fundo!—disse eu, temendo.

O *Zé da Joanna*, todo zangado da minha cobarde irresolução, exhibia contra mim as suas carantonhas, mais temerosas.

— Oh minha lesma!—dizia, desprezando-me.

Fiz um grande esforço e metti a perna, procuranda apoio no fundo limoso da pôça. Mas os dedos escorregaram-me por um lôdo movediço e traiçoeiro. Quiz agarrar-me com as duas mãos ás pedras inclinadas do lavadouro, mas ao primeiro empuchão, as pedras cederam, rolando comigo no pego. Então, não posso bem saber o que se seguiu. Ouvi *Zé da Joanna* chorar pelo *Ribeiro da Villa* fóra, gritando para que me acudissem.

Uma manhã achei-me de cama, com a cabeça amarrada n'um lenço, bebendo remedios muito amargosos. Minha mãe chorava. Meu pae, aos pés da cama, com as mãos nos bolsos das calças, um casaco de linho pelos hombros, pousava na attitude apagada de uma pessoa sem esperança.

— Agua!—disse eu. A minha voz era fraca e rouca. Percebi que duas cabeças se curvavam para me beijar e que a figura de meu pae se deslocára dos pés do leito para a cabeceira.

Alguem me beijou em terceiro logar, e ouvi dizer baixinho, para mim só, com voz acre, mas affectuosamente compungida:

— Torna a ir pescar rãs, torna!

Era minha avó, pobre sexagenaria a quem dei muitos cuidados.

Ai de mim! D'essas tres queridas pessoas a quem mereci tantas dedicações e a quem fiz verter tantas lagrimas, duas dormem já no cemiterio de Villa de Frades, aquelle somno de que jámais se acorda, e que afinal de contas é tão terrivel de dormir. Mas vamos ás rãs. Passaram doze annos.

Ainda amo esses pequenos e excentricos animaes, mas extinguiu-se-me o desejo de os possuir, de lhes comer as pernas, de os extirpar em busca do maravilhoso canivete de duas folhas. Amo-os agora pela sua maravilhosa estructura e pela sua vida especial e alegre, com este amor que um coração honrado deve ter por tudo o que é pequeno, e tem uma vida e um destino proprios. Vou-lhes contar essa vida, com quantos pormenores souber, e esse destino com quantos dados encontrar.

Não é prelecção pedantesca que lhes faço: simplesmente uma noticia despretenciosa, que farão bem em lêr.

(*Continúa*).

FIALHO D'ALMEIDA.

N'UMA CARTEIRA

Esse pallido amante dos bordeis,
o *bijou* das Imperias sensuaes,
que passeiava nos escuros caes
com Messalinas, vinhos e pasteis;

e que ria a bom rir d'esses fieis
que vão aos templos santos divinaes,
balbuciar em phrases virginaes
as rezas da pureza dos vergeis...

Pois este *dandy* negro e saturnal
como o negro demonio... afinal
fui hontem encontral-o... mas só visto!

De joelhos no chão, ar divinal,
rezando a penitencia quaresmal
n'umas contas de vidro ante o Christo!

C. BOAVENTURA.

MEMORAÇÃO

Não podêmos vêr sumir-se para sempre no pó dos tumulos um vigoroso talento juvenil, sem que de nós se apodere o mais intenso desalento, o mais agudo desconforto e nos accometta o desejo de derramarmos

sentidas lagrimas sobre o lutuoso futuro do nosso *jardim da Europa.*

Este sólo tão de continuo bafejado de auras propicias, tão amorosamente aquecido pelo sol meridional, tão abundantemente regado por deliciosos rios e caudalosas torrentes; este clima amenissimo e fertilizador; este meio tão de molde affeiçoado á producção de grandes phenomenos naturaes; parece terem gradualmente cançado e arrefecido, como um velho planeta depois de haver rodado invariavelmente, por espaço de milhares de seculos, em torno do seu centro de attracção.

E, senão, como explicar-se a morte prematura da maior parte dos nossos homens notaveis, a quem o vigoroso trabalho intellectual parece gastar depressa?...

Ha poucas semanas ainda, a 16 de julho d'este anno, finou-se em Lamego um moço de 18 annos, que era uma esperança e uma affirmação: affirmação de um verdadeiro talento, esperança de futuros engrandecimentos para elle, para a familia e para o paiz.

Antonio Bastos Cardoso Junior nascêra poeta, e tendo comprehendido, com prematura lucidez de espirito, os modernos Ideaes, as novas concepções estheticas, os ultimos moldes da poesia, procurava com afan illustrar o seu preclaro espirito na lição das novissimas theorias scientificas, respigando noções geraes em todos os ramos da Arte e da Sciencia.

Promettia muito, a avaliar pelo que, ainda tão novo, já revelava. Colheu-o a morte no melhor dos seus devaneios, em meio das suas aspirações, na rosada plenitude dos seus sonhos.

Para que o leitor possa formar um acertado juizo ácerca d'esse talento, ainda emergente apenas dos cotyledones embryonarios, apresentamos á sua illustrada consideração a seguinte poesia, uma das ultimas producções do finado na qual se nota um brilhante colorido oriental, uma exacta comprehensão do meio e uma exposição elevada e nobre.

RECORDAÇÃO DE VIAGEM

O sol a prumo cáe e o marmore brilhante
Reflecte a viva luz; a aerea columnata
Da mesquita de Omar recorta o céo distante;
Nem um murmurio só das ruas se desata;
Mais longe, no deserto um ar, que o sol devora,
Levanta o adusto pó, fingindo cavalgata.
O Cedron quasi secco em valle esteril chora;
Por cima do Olivete avista-se o mar Morto,
E ainda além, qual nevoa, outeiros côr de aurora.
Por fóra da muralha, ao pé de um tronco torto
De enfezada oliveira, os arabes tisnados
Escutam um mancebo. O auditorio absorto
Anima-se ao ouvir os versos recitados
De Antar, pastor guerreiro e poeta do deserto,
E grita—allah!—co'as mãos nos craneos tonsurados.
Ao lado uma Osmanli de rosto descoberto,
Véo para traz lançado, o seio nú e o collo,
Contempla um mausoleu de anemonas coberto:
Seu rosto exprime a dôr da esposa sem consolo;
Como o azeviche negro, o fulgido cabello
Desdobra-se em anneis e vai juncar o solo.
Ella diz um segredo, e como se ao anhello
O marido acordasse entre o marmoreo leito,
Inclina o ouvido e escuta em ancias de disvello,
Por muito tempo unido á pedra aquelle peito,
Aquelle mar nevado — a perca das Sodomas...
....
Antar já não recita ao arraial desfeito;
Agora contemplava o poeta solitario
Do tumulo no pó impressas duas pomas...

A briza suspirava, ao sol poente, aromas;
E a luz, banho de sangue, expira no Calvario.

ANTONIO DE BASTOS CARDOSO JUNIOR.

ANALYSE CRITICO-LITTERARIA

(Continuado da pag. 110)

—Foi-nos offerecida outrosim pelo seu editor, o snr. C. P. P. Neves, a versão dos *Colloquios aldeões* de Cormenin pelo visconde de Castilho.

Este livro foi premiado pela academia franceza e approvado pelo nosso governo para uso das escholas publicas.

Realmente, poucos livros se encontrarão em que boas verdades se achem ditas com uma tal nitidez, uma tão grande singeleza, uma tão fina comprehensão das necessidades do entendimento popular como o volume que óra nos occupa.

E com certeza nas escholas ruraes não se poderá arbitrar aos que aprenderam a lêr uma leitura mais sadia, mais clara, mais util, mais cheia de conselhos fecundos.

Na maioria dos casos, os professores das escholas primarias fazem lêr aos seus alumnos os *Lugares selectos*, quer dizer, decretam por uma leitura indigesta o odio á leitura, cujos beneficios desejam todavia fazer reconhecer.

Os *Lugares selectos*, compilados n'um proposito rhetorico de tornar conhecidos os mestres da lingua, são uma obra monotona, emphatica, declamatoria, d'um aborrecimento mortal.

De modo que o pequeno aldeão, que não sabe nem necessita de saber quem foi o Plauto portuguez, quem o Tacito, quem o Tito-Livio, estranho ás bellezas de construcção, que quasi sempre o seu proprio mestre ignora tambem, não vê na compilação do snr. Borges de Figueiredo senão um amontuado de trechos sem nexo, referentes a coisas que lhe são inintelligiveis como a tomada de Malaca, a religião chineza ou a gruta de Cavadonga, d'onde um ensino proficuo e positivo não brota.

Antigamente, um livro, que todos os que hoje sômos homens recordamos com saudades e que foi posto de lado, mercê dos exaggerados reparos que umas puerilidades, menos deleterias do que o que se repetiu até á saciedade, o *Manual encyclopedico* do snr. Monteverde, fazia conhecer ás pequenas victimas da menina dos cinco olhos, que tão longe estavamos de amar, os principios racionaes, d'uma applicação pratica evidente, da geometria, da historia natural, da geographia, da arithmetica, etc.

Hoje, porém, aquelle que timidamente levantar a voz por o seu velho conhecido *Manual*, passará decerto por um caturra evadido da comedia de Sardou e nunca será bastante o desdem que o puna da injustificavel philaucia.

Mas nós que entenderemos sempre que as aulas primarias não se crearam para fazer litteratos aptos a distinguir processos de estylo, mas para dar ao paiz cidadãos desabusados e capazes do trabalho, preferiremos e proclamaremos sempre a excellencia d'obras que ministrem aos espiritos que desabrocham o alimento viril da verdade.

O livro de Cormenin, definindo principios exactos respeito aos salarios nos campos, ás superstições do vulgo, ás caixas economicas, á hygiene rural, parece-nos, pois, uma magnifica leitura e não hesitamos em vivamente o recommendar aos professores das escholas primarias, a quem particularmente elle é destinado.

A traducção é feita n'um portuguez de lei e, sabendose que o que se encarregou d'esse trabalho foi o visconde de Castilho, seria escusado até dizel-o. Com effeito vê-se que o trabalho de traducção foi pensado com seriedade e levado a cabo com uma sciencia segura das duas linguas, e não alinhavado *du jour le jour*, sem cuidado e sem reflexão, *stans pede in uno*, como executam sua tarefa a maioria dos modernos traductores, o que tanto exasperava Cousin d'Avallon. Podêmos, pois, confiar na exactidão com que chega até nós o pensamento de Cormenin.

Singular destino o d'este Cormenin! O amargo pamphletario que, a proposito da lista civil, um tão mau quarto d'hora fez passar á monarchia de Julho, não possue na enorme lista das suas producções litterarias em que a oscillação permanente do pobre espirito que acabou por se abandonar á reacção se manifesta a cada passo, não possue, dizemos, além dos incisivos pamphletos que o levaram á camara no meio das aclamações unanimes da França, um outro trabalho de serio alcance dos *Entretiens du village* que outra individualidade por egual hesitante e perniciosa pelo exemplo das suas contradicções e pieguices verteu para a nossa lingua com o nome de *Colloquios aldeões*.

Um e outro dos dois escriptores estão mortos; um e outro pertencem já ás severidades imperscriptiveis da historia. E, se o visconde Cormenin nos dá um quadro de faltas successivas em sua vida, sobre o visconde Castilho não menos pesa uma responsabilidade bem triste.

Ha uns annos vivia-se singularmente, em questão de lettras, no nosso paiz. Emquanto, lá fóra, caminhando impavidamente na via do progresso mental, se iam colhendo os sazonados fructos da civilisação, Portugal permanecia n'um *statu-quo* que ameaçava de ser interminavel, não o guiando a alma nova, mas indo-o amparando o debil sopro do velho espirito. Alheio ao trabalho que reformara as crenças e fundira no cadinho da analyse philosophica os principios adquiridos pela via experimental, d'onde irrompêra uma nova comprehensão do mundo e do homem, e o que em Portugal se chamava a litteratura não passava d'um jogo banal de rimas insulsas e de considerações moraes que fariam inveja ao famoso snr. Joseph Prudhomme de Henry Monnier, de galhofeira memoria. A velha Arcadia revivia com a sua admiração estulta pelos modêlos da litteratura latina, cujas exterioridades imitava sem lhe perceber o espirito interior.

E assim via-se commendadores suppôrem em quadras doloridas que o caramanchão do seu quintal lhe fornecia a sombra da olaia frondosa em que, como Tityro, dedilhavam por Amaryllis a frauta pastoril.

O bello movimento romantico que iniciaram Garret e Herculano parecia haver cessado; voltava-se com delicias ás ficções mythologicas que já não causavam riso.

E, presidindo a esta orgia de sentimentalidade tola, em que o ideal se submergia, ouvindo cantar a cigarra de Anacreonte, o snr. Castilho decretava as reputações para os applausos do vulgo ignorante.

(*Continúa.*) A REDACÇÃO.

Enigma figurado

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA N.º 5

A vida é um pesadêlo.

PORTO—TYP. OCCIDENTAL, RUA DA FABRICA, 66—1879.

GALERIA COMMEMORATIVA

DOS

ESCRIPTORES FALLECIDOS

VII

AUCTOR DA LYRA TEUTONICA

JOSÉ GOMES MONTEIRO

ERUDITO ESCRIPTOR PORTUENSE

> **Julgar que a morte, é má, é vã—chimera!**
> **Ella vem-nos chamar ao reino eterno,**
> **Transportar-nos de novo á primavera**
> **Sem açoitada ser jamais do inverno!**

José Gomes Monteiro

E' sempre limitado o intervallo entre o tumulo do homem celebre e a gloria.

Poucas vezes é contemporanea, porque sendo ella o grito do reconhecimento, a divida da humanidade ao genio, o premio dos serviços prestados em prol da propria humanidade, é necessario que o seu credor tenha, por longo trabalho e serviços bons, merecido a recompensa de tão subida distincção e, as mais das vezes, esse trabalho, esses bons serviços são assiduamente guerreados, interrompidos, profanados pela inveja e vaidade, que entreteem o geral na desconfiança, quando não germinam a completa repulsa das doutrinas mais sãs e uteis á sociedade.

Por esta evidente circumstancia, o homem de talento, que se eleva entre os de mais, póde por ventura conseguir, em sua vida, a reputação—juizo d'um pequeno numero de pessoas sensatas em quem a ambição e a inveja não penetram e por isso inabalaveis—mas a gloria, essa... só além da campa, quando as idéas do ausente correm mundo e véem outras camadas progressivamente d'homens sensatos formar um numero egual ao que lhe era antes adverso, então e só então é que verdadeiramente essas doutrinas, quasi esquecidas resurgem, são aquilatadas pelo seu justo, pêso e o glorioso nome de seu auctor immortalisado.

A historia só comprehende, admira e eleva o homem, como o merece, depois que elle deixa de existir.

Assim o vulto de que hoje nos vamos occupar, posto que já durante a sua vida recebesse inequivocas homenagens dos maiores vultos da nossa litteratura, cujos nomes immortaes estão gravados em lettras d'ouro nos annaes da historia do nosso seculo, ainda assim a sua verdadeira gloria, a sua apotheose só por sua morte surge esplendida, universal.

É curto o espaço de que dispômos e mesquinhissima a penna que intenta, por um impulso irresistivel d'admiração, descrever tão fecundo e erudito mestre; mas era um dever grupal-o na nossa Galeria commemorativa, e, por conseguinte, esboçal-o.

Respeite-se a bôa intenção.

José Gomes Monteiro, natural do Porto, cursava aos 20 annos a faculdade de direito na Universidade de Coimbra, quando as perseguições politicas de 1828 o obrigaram a ausentar-se da Patria.

Esteve em Londres e d'ahi partiu para Hamburgo, onde se associou a uma casa commercial sob a firma de Santos & Monteiro.

Sempre laborioso e votado ás lettras, dedicára todos os momentos livres á collaboração com José Victo-Victorino Barreto Feio, sobre as duas edições das obras de Camões e Gil Vicente, que depois publicou.

Em 1835, quando livre e independente fluctuava a bandeira da Liberdade no ambiente lusitano, regressou o joven erudito á patria, publicando em seguida as magnificas traducções, em verso, de poesias allemãs, sob o titulo de *Echos da Lyra Teutonica* e uma carta a Thomaz Northon ácerca da situação da Ilha dos Amores, de cujas paginas resalta o espirito sério, penetrante e fecundo de tão eminente escriptor.

Mais tarde tomou a direcção da Casa Moré no Porto, e foi o principal editor do paiz, emprehendendo e conseguindo confeccionar livros dos primeiros escriptores portuguezes, a cuja collecção nominou—Bibliotheca Moré.

Desde então nada mais publicou; mas, sempre assiduo e reflectido nos livros, continuava a approveitar as horas do descanço no estudo, contemporisando assim os trabalhos materiaes, de que era gerente, com os intellectuaes, que o distinguiam.

Foi então o seu campo a correspondencia.

No genero epistolar era ainda superior a Visconde de Castilho; é esta a perola mais valiosa da sua coroa de gloria! As suas cartas, espontaneas, familiares, como a sua conversação, encerram a eloquencia mais surprehendente.

Que de apreciações litterarias ellas contéem! Que de contos e pequenos romances originaes dignos de publicidade! Que formoso volume não comporiam todas essas dispersas producções!

José Gomes Monteiro tinha uma alma energica, profundidade, vigor e exacção nas idéas: possuia uma grande memoria e todavia considerava-a uma faculdade de ordem inferior, sobretudo quando não è acompanhada d'um são juizo.

E com effeito o nosso escriptor tinha um juizo recto, em grau subido.

Sendo nm homem de reconhecido talento, era a um tempo um homem de bem, em toda a rigorosa acepção da palavra; a observancia dos seus deveres nunca degenerou em bravia austeridade.

O seu tracto era affavel, paciente, sereno, resignado, attento, cheio de sentimentos compassivos pelas angustias de seus similhantes: amava as creanças e innoculava naturalmente nos que o ouviam o caracter probo, solicito e sympathico que elle proprio possuia.

Não se impunha: sempre modesto, não atacava os que, contra a sua abalizada opinião, seguiam a *nova eschola*. Assim como conhecia o erro em que laboravam os seus sectarios, tambem lhe não passavam desapercebidos os jactos de luz que d'elles emanavam,

como prognostico de futuros talentos, e entendia, e bem, que estigmatizal-os na sua effervescencia resultaria allucinal-os na errada vereda, ou impediria aos mais timidos a marcha do seu livre e espontaneo desenvolvimento.

N'este sensato proposito calava-se e esperava que chegasse o dia da madureza, e então elles saberiam, mais reflectidos, destrinçar o bom do mau, tornarem-se uteis e grandes, verdadeiros apostolos da luz.

Um dia, porém, apparece a traducção do Fausto por Visconde de Castilho, e em seguida uma critica violenta áquelle trabalho. Como Sansão, ao readquirir das suas forças, o erudito levantou-se á altura do seu pedestal e mostrou mais uma vez quanto sabia, em defesa do homem que respeitava.

Depois, voltou de novo á sua habitual condescendencia e concentração.

Escreveu ainda, por incumbencia do snr. Emilio Biel,[1] um esplendido estudo ácerca da vida de Camões, e introduziu nas notas mais sete variantes, que não vêem em nenhuma das edições até hoje publicadas.

Foi este o seu ultimo trabalho.

A edade e a fadiga foram-lhe arrebatando as forças até que succumbiu indifferente, como sempre, á attracção da gloria, levando apenas d'este mundo a amargurosa saudade por sua intelligente filha, que muito estremecia.

E era esse o seu unico sentir... a morte nunca o penalisara: sabia que o homem é immortal; que a carne que se decompõe, os ossos que se encizam, tudo que se reduz a nada — não é o homem. Ha seis mil annos que os homens passam, como sombras, por deante de homem e, todavia, o genero humano, apesar de immerso no imperioso prestigio da fé e cercado por milhares de superstições impossiveis, ainda assim, tem conservado como dógma a tradição da immortalidade: óra elle, o espirito esclarecido, melhor a comprehendia e, longe de temer a morte, o seu passeio mais favorito era o cemiterio de Agramonte. Parecia que o espirito queria visitar o logar onde o seu involucro breve se sumiria.

Pouco tempo espaçou sem que assim acontecesse.

A patria hoje lamenta a perda de mais um dos grandes vultos d'este seculo.

O inedito, que em seguida publicamos, é um extracto d'uma longa carta, que o finado auctor escreveu das Taypas a um seu amigo do Porto. Por elle se póde attingir a sublimidade de seu genero epistolar.

Devemos esta preciosa reliquia á dedicadeza e generosidade da Ex.ma Sr.a D. Julia Augusta Gomes Monteiro, filha unica do fallecido escriptor, illustradissima senhora, que com a mais fina condescendencia nol-a concedeu.

OSCAR TIDAUD.

....

Quando aqui estive ha quatro annos, tive occasião de prestar um valioso serviço a um pobre garfeiro, o que me valeu a reputação de um habil medico.

Era um dia de calor intensissimo, e o garfeiro, deixando a forja, tinha ido ajudar a uma sega de centeio. Acabado aquelle trabalho, que é um dos mais fatigantes da lavoura, o bruto, abrasado em calor e gotejando suor por todos os poros do corpo, desceu ao rio, que corria mesmo alli á borda da veiga em que andava a sega, e banhou a cabeça. Immediatamente foi fulminado de uma forte congestão celebral, e d'ahi o conduziram em braços para casa. Ouvindo as lamentações das mulheres que o seguiam, fui n'aquella direcção e encontrei já o garfeiro deitado na pobre enxerga, collocada na unica peça de que se compunha a sua habitação, e a distancia de uma vara da forja que estava accesa. Informado do acontecido mandei pôr ao lume uma panella com agua, para lhe dar um escalda-pés. A mulher do garfeiro, parentes e vizinhos, atulhavam o pequeno cubiculo e carpiam já o honrado garfeiro como um homem irrevogavelmente perdido. A agua fervia em cachão: mando deital-a em um alguidar, que felizmente alli appareceu, e eu mesmo mergulho n'ella os encrustados pés do moribundo vulcano. Esta simples medecina foi bastante para o restituir á vida, com grande alegria da pobre mulher, que já chorava a sua viuvez e não menor assombro de todos os circunstantes, que classificaram a cura de milagrosa. Mas não ficou aqui o espanto; o verdadeiro milagre realisou-se quando o *medico* em vez de estender a mão aberta para receber a *vizita*, metteu um pinto debaixo do travesseiro do doente, recommendando-lhe que no seguinte dia não accendesse a forja e que mandasse comprar uma franga para tomar os seus caldos. O bom garfeiro, depois de restabelecido, mostrou a sua gratidão por todos os modos que lhe foi possivel. Uma esturdia, composta de rebeca, ferrinhos e de viola, que elle mesmo tocava, veiu festejar o *medico* milagroso; não faltou tambem a garfeira com o seu presentinho de frangões, o que ficou em conhecença para os annos seguintes; pois, apenas se sabe da minha chegada, ella

1 Este cavalheiro, é um negociante allemão no Porto, e o proprietario d'uma nova e luxuosa edição illustrada dos *Lusiadas*, a qual brevemente vai sahir a lume.

ahi apparece com o cestinho debaixo do braço, a fazer a annual declaração que abaixo de Deus é ao snr. Doutor que deve a vida de seu marido e o amparo de seus filhos.

A fama d'este curativo deu-me uma celebridade um pouco incommoda e nada lucrativa, visto que se soube que o *medico* não só dava saude, mas dinheiro. Os recados amiudavam-se, e mesmo de longe acudiam doentes a consultar o *doutor* dos milagres. No anno seguinte, sabendo-se que eu era chegado, appareceu um rico lavrador com sua mulher que, de distancia de seis leguas, vinha cheio de fé buscar a saude d'esta, que os facultativos, de Braga e da Villa não tinham sido capazes de lhe dar. A minha sciencia achou-se em falta. A mulher parecia padecer de uma lesão organica, d'estas que nas aldéas dão tanto que fazer e que comer ás bruxas e benzedeiras. Debalde fiz ao honrado lavrador a mais franca confissão da minha insufficiencia, explicando-lhe que as molestias a que chegava a minha alçada, eram d'aquellas que qualquer pae ou mãe de familia sabe curar. Quando lhe disse que eu não era medico, o homem ficou como assombrado, e pensando que só algum motivo sordido me poderia induzir a negar a profissão que tão gloriosa fama me tinha adquirido, declarou-me que elle estava em circunstancias de poder remunerar os meus serviços generosamente.

Persisti com firmeza na minha declaração e os infelizes conjuges tiveram de recolher-se a sua casa no mais afflictivo desapontamento.

Tornando ao nosso garfeiro, direi que vim este anno encontrar o snr. João Cura muito prosperado. Alugou melhor casa por que paga dois mil e quatrocentos por anno, e forja em separado de que paga seiscentos reis.

....

Caldas das Taipas, Junho de 1854.

José Gomes Monteiro.

PENSAMENTO

A esperança, astro brilhante,
Que, no horizonte da vida,
Aos olhos do tenro infante
Se patentéa primeiro,
Na hora extrema da partida
É tambem o derradeiro,
Que se eclipsa n'este mundo
Á vista do muribundo.

* * *

N'UM ALBUM

Ó Senhor! Do meu soffrer
tende dó, por piedade;
pois, viver assim quem ha-de
á sombra só do seu ser!...

Escapães

Luiz de Mesquita.

PENUMBRAS

III

THAÍS

(AO SNR. DAVID DE CASTRO)

I

Thais saltára fóra do perfumado leito.

Uma alampada aurirosada derramava pelo aposento uma luz mysteriosa e poetica que fazia desenhar no damasco vermelho das paredes a sombra d'aquella creatura angelica.

A côma loira e solta, impregnada de aromas, espalhava rios de oiro resplendente sobre as espaduas nuas, onde, através da finissima epiderme, se adivinhava o borbulhar d'um sangue vivissimo e quente.

Illuminada pela luz mysteriosa suavemente esbatida através dos finos vidros rosados, resaltando-lhe todas as bellezas artisticas do seu corpo formosissimo, Thais encostara-se pensativa; e calcando, como automaticamente, com a arcada dentaria superior finamente polida e branca, o labio superior, deixava transparecer no rosto os vestigios do trabalho intellectual em que se occupava.

Inclinára, depois, brandamente o rosto sobre o peito, e fitava com persistencia uma flor do rico tapete persiano.

No cerebro encandecido, onde não fluctuára nunca senão o fogo voluptuoso do prazer, derramava-se agora o doce encanto d'um puro e santo amor.

Insensivelmente brincava, torcendo nos seus dedos rosados as franjas doiradas da sumptuosa coberta, que simi-occultava o polido marmore de que era talhada a columna onde se encostára, ao mesmo tempo que trazia á idéa os fogosos festins das suas companheiras de Bubiame.

II

Thaïs tinha sonhado.

N'um formosissimo valle, atapetado de verdejante herva, e limitado por longinquas collinas azuladas, que pareciam confundir os seus cumes altivos, nevados, com o auri-azulado céo, corria um rio polido, entre arvores frondosissimas...

As tintas sombrias do regato, que reflectia puramente as nuvens que esvoaçavam pelos céos, e as mais finas constellações do ether, casavam-se bem com as côres avermelhadas de que rutilo horizonte se povoava.

O sol suspenso mysteriosamente nos pincaros azulados dos montes longinquos, crescia em vulto, deformava-se, e doirava a verdejante campina. Os montes nevados reflectiam então nas innumeras platas dos crystaes de neve raios multicolores, semelhando-os a perolas e topazios, amethystas e esmeraldas, rubis e diamantes espalhados a granel pelas ondeantes collinas.

Os cumes verde-escuro das arvores iam-se perdendo pouco e pouco nas tintas sombrias, que a noite esbatia no espaço.

Os ceifeiros, carregados com as loiras messes que o sol ponente doirava, grupavam-se em redor do carro pejado dos cereaes, incitando com os seus cantos aldeões os pacificos bois...

Ao somnolento chiar do carro, cazava-se o tocar sonóro do sino da tarde, no qual os poetas romanticos querem achar mil e mil poesias.

Espalhava-se no ar o cheiro acre e mysterioso dos pecegueiros, e as magnolias iam lentamente fechando as corollas aos ultimos beijos do sol, ao tempo que o melanchólico *geranium triste* enviava ao ether os seus finissimos e penetrantes perfumes... e as boas noites recebiam no seu calix azul os primeiros beijos de luar.

Uma melancholia doce parecia apoderar-se do espirito, bafejando-o de efluvios magneticos que convidavam á prece e ao amor.

Os melros e os rouxinoes em sentidissimos threnos festejavam a suave passagem da lua para a sombra...

Thais sentara-se á margem do rio e entretinha-se mergulhando as mãos brancas e delicadas na agua corrente, que se cortava em microscopicas cataratas ao encontrar aquelle obstaculo inesperado, perturbando-lhe o seu mórno e somnolento deslisar.

De repente estremeceu...

Do leito sombrio das aguas sahiam uns raios luminosos que lhe feriam a retina e ahi desenhavam um busto formosissimo.

Resaltava entre as faces, docemente coloridas, um nariz grego sem o traço da mais ligeira curva; dos lados nasciam na fronte elevada as longas sobrancelhas assetinadas e espessas, como querendo defender os olhos azues, grandes, profundissimos, d'onde se irradiava, não a doce languidez das velhas Julietas estafadas pelos romanticos, mas o fogo de myrrha nos actos libidinosos do pae.

A bôcca vermelha como os cactus da areia, entreaberta n'um sorriso languido, deixava ver umas arcadas dentarias mais polidas do que a neve, e mais brancas do que a sua.

Da garganta alabastrina suspendia-se por um cordão de perolas a jaspeada heliotropia que defende dos venenos, e torna invisivel, vindo-se semi-occultar nas pregas que os dous globos creadores interceptavam entre si.

E a côma loira, d'onde se desprenderam suavissimos perfumes, como os que traz a rajada que beija as laranjeiras em flor, envolvia-se no turbante de carmezim e oiro, inclinado sobre a direita e apertado por um finissimo broche de pedras!

Singularidade! esta estatua, desenhada nas aguas e reflectida na sua retina, tinha o rosto de Thais, e brincava como ella brincava.

As pontas dos seus dedos rosados tocavam-se mutuamente: seria a sua antipoda? Não, era o seu retrato.

III

Isto sonhara-o Thais.

O resultado dos seus pensamentos agri-dôces foi o sentir por si mesma um amor violento.... e a séde do prazer chamava-a!

Quanto dera ella mesma para se poder satisfazer na sêde libidinosa que a envolvia! E mirava-se como se ella fosse uma artista e ella mesma fosse uma estatua!

IV

O mergulhar-se nos prazeres das Messalinas causava-lhe agora tedio. Queria amar-se com um amor ardente e purissimo, com um amor santo.

Sacrificar-se-hia como Magdalena amando uma parte de si mesma — a sua crença?

Não; o seu desejo era maior.

Se ella pudesse ao menos devorar no fogo do amor a sua alma, tão materialmente como Tideu triturou com os dentes o craneo de Menallippe!

Não amava ninguem mais, porque só amava o seu retrato, porque só se amava a si.

E o amor de prostituta regenerada é um amor ardente... ardente; é um amor que rouba a pureza ao lyrio, que estremeçe de prazer ao avistar o objecto amado.

Thaís namorava-se. Trazia sempre o seu retrato, beijava-o, encostava-o junto ao seio. A magica heliotropia tinha sido substituida por este penhor preciosissimo... Escrevia-se; pedia-se cabello... e depois venerava-o... encerrava-o dentro d'aureas medalhas que collocava junto ao coração. Enganava os desejos ardentes do seu profundo amor, imprimindo quente o fogoso beijo n'aquella pequena placa de marfim, onde o habil pincel d'um artista lhe tinha retratado fielmente o seu rosto cheio de belleza, ou então beijando os seus labios rosados, reflectidos pela fria e vitrea lamina d'um espelho!

V

Passaram-se mezes...

Este amor vehemente ia, como todos os amores mortaes, perdendo em encantos. Thaís languescia pouco a pouco; o brilho fogoso dos seus olhos azues amortecia, ficavam-lhe inertes as pupillas e só reviviam as phrases romanticas esculpidas nas comedias do divino Balaovitri o Terencio da epocha!

No seu rosto alabastrino, onde não se notava o traço da mais ligeira incorrecção artistica, marchetavam-se agora uns pequenos circulos violetas, indicios d'uma commoção desagradavel e afflictiva. O seio já não se agitava impellido pelas emanações fogosas do seu amor ardente. Tinha a tristeza indefinivel das amantes abandonadas. Parecia-lhe que já não se queria, que já não se amava!... Contemplava a sua formosura, imprimia beijos quentes, voluptuosos, na sua imagem, galvanisava o cadaver do seu amor, mas elle recahia-lhe frio, inerte... então desanimava e via fugir-lhe, através das suas mais risonhas esperanças, a sua loucura amorosa!

VI

A lua suspensa como uma gigantea flor de prata, que lançasse no espaço, não ondulações de embriagantes aromas, mas ondulações de luz, allumiava o espumoso mar.

As ondas gigantes, enormes, erguendo o seu escuro dorso, vinham quebrar-se com medonho estrondo contra os penedos, erguendo-se iradas em catadupas de espuma, que a lua coloria fazendo-as similhar a giganteas cataractas de prata fundida.

Além, além fluctuava sobre as vagas o cadaver de Thaís.

Um denso lençol de espuma envolvia o cadaver semi-putrido.

Na côma solta e fluctuante prendiam-se as algas e os lichens de variadas côres, similhando-se, com a luz da lua, a verdes esmeraldas, a vermelhas amethystas, a fitas longas e assetinadas côr da opala. E d'aquelle rosto formoso, onde os beijos vibrados fizeram outr'ora estremecer as carnes tepidas, restavam apenas fragmentos de pelle onde se aninhavam os vermes, pendurados aos ossos brancos e polidos, d'onde a lua arrancava golpes de luz phosphorecente. E nas mãos, onde a dura cartilagem se somnificara, sustentava ainda unido aos labios, como a transmittir-lhe o seu ultimo beijo e o fogo do seu ultimo alento, o retrato do seu *amor*.

Bordados nos vestidos brancos appareciam scintilações rapidas e fugitivas.

E nos seios semi-nus, n'esse triangulo mysteriosissimo interceptado por dous semi-mundos coroados de rosetas roxas e placidas, nasciam os cactus, que similhantes á virtude modesta, parecem fugir ao dia, para só á noite darem a sua luz e o seu perfume, erguendo as corollas vermelhas ao céo constellado, para receberem o beijo immaculado da luz!

Ó visão levada pelas ondas, e sacudida pelo mar, tu vais desapparecendo pouco a pouco, como os luminosos planetas que descrevem curvas, e terminam no infinito como as paixões celestes... Thaís... tu morreste para não veres punir-se o teu amor por ti... abençoada tu sejas.

Depois, depois só se via fluctuar sobre o dorso espumeo das ondas a côma loira e solta.

Apulia 1879. JULIO CARDOZO.

UM POEMA D'AMOR

ULTIMA FOLHA

Martyr! sonho febril da minha vida inteira!
Ó saudade immortal! ó gôzo d'uma hora!
Que vou eu ser sem ti, clarão d'esta cegueira,
Sem ti, rapida luz, phosphorecente aurora!

Não! Do espirito meu conservo-te ainda á beira,
Tão perto, quão de mim o teu distante mora.
Ficaste, intima crença! intima e derradeira.
Salvei-te do naufragio, herança redemptora.

Que o balsamo caudal que as minhas faces unge,
Que as lagrimas que choro e a magoa que me punge
Possam lavar a offensa... e o remorso...—Depois,

Irei buscar-te *lá*... no céo... O Inconcebivel
Concebe-o a dor... e a fé. Amanhã—é possivel—
Serei junto de ti. Até amanhã, pois.

NARCISO DE LACERDA.

DUAS PALAVRAS DE MEDICINA

No capitulo antecedente fallamos d'alguns obstaculos ao progresso da medicina, hoje apontaremos algumas circumstancias, que o tem favorecido. Pondo de parte o caminhar incessante das outras sciencias, citaremos só os sabios illustres, cujos trabalhos exerceram uma acção duradoura e poderosa na sciencia.

1.° Hippocrates. Alguns dos seus escriptos, que constituem a «Collecção Hippocratica» teem o cunho do genio e do talento observador.

2.° Celso. (Medico Romano do 1.° seculo da era Christã). Creou processos operatorios, que chegaram até nós. Fez descripções tiradas do natural; observou. Desenvolveu e appresentou o quadro dos conhecimentos medicos anteriores.

3.° Areteo de Capadocia. (1.° seculo) Foi o inventor dos revulsivos. Habil e sagaz observador era insigne, e inexcedivel de verdade na descripção dos estados morbidos.

4.° Galeno. (2.° seculo) Apezar de systematico, foi util e muito pelos vastos conhecimentos anatomicos, pela sua practica feliz, pelas investigações, que fez, sobre o pulso, e pelo tractado — *De locis affectis* — onde se revela grande observador!

5.° Cœlius Aurelianus. (2.° ou 3.° seculo) Pode-se-lhe censurar ter adoptado os principios dos methodicos, é certo, mas por outro lado, dividindo as molestias em agudas e chronicas, insistiu no conhecimento da séde, na influencia sympathica, e nos meios locaes.

6.° Alexandre de Tralles. (6.° seculo, Lydia) Seguiu a ordem anatomica ou topographica na historia das molestias. Foi o primeiro a fazer diagnosticos differenciaes.

Usou em geral e notavelmente das sangrias, especialmente da *jugular*. Foi dos primeiros a empregar preparados de ferro.

Como quasi todos os antigos, tinha o deffeito da *poly-pharmacia*, mas era contrario a remedios violentos.

7.° Rhazés. (de Ray—Persia—seculo 9.°) O mais illustre dos medicos Arabes; foi quem primeiro descreveu as bexigas e o sarampo. Deixou preciosos documentos das molestias das creanças.

O unguento do seu nome, usado ainda hoje, é efficaz no «tico doloroso da face.»

Foi um practico habil e engenhoso nos seus processos.

8.° Jean Fernel nasceu em 1486 segundo uns, ou 1497 segundo outros. Foi o primeiro a combater e repellir as doctrinas de Galeno, olhado, como oraculo até então. Grande mathematico, bom medico, coordenou methodicamente os elementos da sciencia. As suas obras foram por longo tempo um guia seguro.

9.° Luiz Mercado nasceu em Valladolid em 1513. O pulso, as febres graves com petechias, e as anginas gangrenosas foram os estudos a que mais se dedicou. Foi dos primeiros a descrever a terçã perniciosa.

10.° Felix Plater. (nasceu em Bale, 1526) Foi utilissimo á sciencia, porque reuniu variados factos, e tentou o primeiro arranjo nosologico, e pela ordem que seguiu na exposição das molestias.

11.° Guilhaume de Baillou. (nasceu em Pariz, 1538) Colligiu bastantes factos. Imitou Hippocrates, estudou e insistiu nas iufluencias athmosphericas, nas constituições medicas, nas epidemias. Fez com intelligencia a distincção entre a gota e o rheumatismo.

12.° Charles Lepois. (nasceu em Nancy 1553) Buscou instruir-se pelas dissecções, fez observações importantes nas hydropisias do craneo e do thorax, e nas hydatides do pulmão.

13.° Thomaz Sydenham. (nasceu no Condado de Dorset, 1624) Estudou a natureza, servindo-lhe de guia Hippocrates e de Baillou. Foi d'uma verdade admiravel nas descripções das epidemias, e das enfermidades em geral. Practico habilissimo, deixou magnificos preceitos, medicamentos até, que ainda conservam o seu nome, e proscreveu o abuso dos excitantes, que predominavam na terapeutica.

14.° Richard Morton (de Suffolk) partidario dos estimulantes, dos meios activos e energicos, prestou ainda assim grandes serviços á medicina, escrevendo sobre a phtysiça, e febres, e dando conhecimento das intermittentes *larvadas* (isto é, que sob a fórma de qualquer affecção, mas periodica) cedem ao uso dos preparados da quina.

15.° João Pringle fez conhecer as molestias epidemicas e contagiosas, devidas á accumulação de individuos nos hospitaes e nos exercitos.

16.° Bernardini Romasini. (nasceu em Carpi 1633) Dedicou-se ao estudo das epidemias e das affecções peculiares a cada classe d'operarios.

17.° João Maria Lancisi. (nasceu em Roma, 1654) O seu maior padrão de gloria foi o conhecimento, que deu, dos miasmas paludosos.

18.° Jorge Ernesto Stahl. (nasceu em Anspach, na Franconia, 1660) Comquanto chefe de seita, inventor e apologista d'uma hypolhese, foi um chymico habil, e estudou com discernimento as cauzas e a marcha das molestias.

19.° Frederico Hoffmann. (nasceu em Halle, na Saxonia, 1660) Dissertou sobre quasi todos os ramos da sciencia, deixando valiosos escriptos. Foi infatigavel, mas prolixo, como escriptor.

20.° Jorge Baglivi. (nasceu em Napoles em 1668, e morreu em 1706) Tomou por norma a natureza, e o estudo dos antigos. *Scribo Romae, et sub cœlo Romano*: condição essencial, que nunca se devia desprezar!

O que elle expoz em relação á séde das febres encarregaram-se de o confirmar o tempo, e o progresso da sciencia!..

21.° Hermann Boerhaave. (nasceu em 1668 perto de Leyde) Pode dizer-se encyclopedico, porque todos os ramos dos conhecimentos humanos lhe eram familiares. Foi, por isso mesmo talvez, um medico celebre. Comquanto eclectico, seguiu a theoria dos mechanicos. Com a edade, e a experiencia reconheceu a necessidade de estudar as leis do organismo vivo, e do systema nervoso. Os seus livros escriptos com a maior percizão foram por muito tempo, e simultaneamente, guia dos medicos practicos, e fonte dos auctores theoricos.

22.° João Baptista Morgagni. (nasceu em Forli 1682) Foi discipulo de Valsalva, e grande anatomico. Associou á observação medica a anatomia pathologica, fazendo-a assim progredir.

23.° Gerard Van-Swieten. (nasceu em Leyde, 1700) Commentou, accrescentando pela sua experiencia os aphorismos de Boerhaave, de quem foi discipulo.

24.° Antonio de Haen (1704) fundou uma eschola em Vienna, cuja cadeira de clinica medica regeu. Era amigo de Van-Swieten, e, como elle, discipulo de Boerhaave. Publicou escriptos sobre quasi toda a sciencia.

Pela sua muita instrucção talvez, é que desconfiava das *innovações!*..

25.° Boissier de Sauvages. (nasceu no Languedoc, 1706) Foi quem primeiro ensaiou seguir a ordem natural e methodica na classificação das molestias. As Academias de Bordéus e de Tolosa premiaram muitas das suas publicações.

26.° Guilherme Heberden. (nasceu em Londres, 1710) Escreveu resumidamente o resultado da sua longa practica, e foi o primeiro a descrever a angina do peito.

27.° Guilherme Cullen. (nasceu no Condado de Lanerk; 1712) Como espirito superior demonstrou a falsidade das doctrinas dos mechanicos nas Universidades de Oxffort e de Edimbourg, e que o systema nervoso era o regulador dos actos e funcções da vida animal. Expoz conscienciosamente os caracteres das molestias, e estudou com proficiencia os agentes da therapeutica.

28.° Theophilo de Bordeu. (nasceu em Bearn, 1722) É um vulto na historia da sciencia. A diversidade dos seus trabalhos scientificos demonstram um espirito finamente observador, e imminentemente practico, um genio!..

29.° João Hunter. (nasceu na Escossia, 1728) Foi grande cirurgião. Fez importantes observações sobre varias molestias, mas sobre tudo as syphiliticas devem-lhe muito.

30.° Paulo José Barthez. (nasceu em Montpellier, 1734) Para o seu espirito elevado era acanhada a arena da observação pessoal. Reflectir e generalisar foi todo o seu empenho.

Esclareceu a historia da gôta, e estabeleceu a *doctrina dos elementos*.

31.° Maximiliano Stoll. (nasceu em Souabe, 1742) Succedeu no magisterio a Antonio de Haen; descreveu com fidelidade as affecções sporadicas, e epidemicas. Tendia para o *humorismo*, e era partidario convicto do emprego dos evacuantes. Bom practico.

33.° João Pedro Frank. (nasceu em Deux-Ponts, 1745) Publicou interessantes factos, dissertações instructivas, e um resumido tractado de pathologia interna, magnifico resultado da sua longa experiencia. Practico imminente ensinou a clinica medica em Gattinge, Pavia e Vilna.

33.° Fillipe Pinel. (nasceu em Tarn, 1745) Pintou com vivas côres as miserias dos alienados; immensamente humanitario eliminou em Bicêtre os ferros, que esses desgraçados arrastavam.

Introduziu na medicina os principios da analyse, fez reviver o estylo preciso, e aphoristico, e deu o verdadeiro logar aos meios hygienicos. Era d'uma logica invencivel, e d'uma exactidão maravilhosa nas descripções!

34.° João Nicolau Corvisart. (nasceu em Champagne, 1755) Querendo solidamente fundamentar os seus conhecimentos medicos, tomou para base a anatomia e cirurgia.

Instituiu na Eschola de Pariz o ensino clinico. Esclareceu bastante a historia das molestias do coração.

35.° Xavier Bichat. (nasceu em Ain, 1771, e morreu em 1802) Foi o primeiro, que em França fez um curso de anatomia pathologica. Metade da sua vida passou-a a dissecar cadaveres. Com os seus trabalhos anatomicos prestou grandes serviços á pathologia, e serviu de guia aos physiologistas.

36.° Francisco Broussais. (nasceu em Saint-Malo, 1772) Tomou por divisa a reflexão de Bichat «de que serve a observação, quando se ignora a séde do mal?!..» O seu fim era conhecer a lesão primitiva dos tecidos, a origem local da molestia, como ponto de partida. Mostrou assim que muitas das febres, chamadas essenciaes, eram apenas symptomaticas, encontrando a lesão dos orgãos. A pathologia oscillou, e a practica ressentiu-se da revulsão, que fez na Medicina!

Apezar da exaggeração do systema, fez e deixou applicações uteis, e importantes preceitos.

37.º Renè Theophilo Jacyntho Laennec (nasceu em Quimper, 1781) promoveu muito os progressos da anatomia pathologica.

Inventou a *auscultação*, e por ella se illucidou o diagnostico das affecções thoracicas; apperfeiçoou-lhes a historia, revelando os principaes generos, importantes signaes, e caracteres percisos. Importou e vulgarisou em França os recursos therapeuticos da Eschola Italiana.

Com estas e outras poderosas alavancas poude a Medicina arcar com os obstaculos, vencêl-os e conseguintemente progredir.

(Continua)

Soarés Franco.

NOCTURNOS

(HENRI HEINE)

A Evocação

(Ao Snr. David de Castro)

O joven franciscano está sentado
Na sua cella em que ha frios eternos,
E lê no velho livro intitulado:
A chave dos infernos.

Dá meia noite, e echoa no arvoredo...
Elle inda hesita, mas não póde mais,
E, com os labios trémulos de medo,
Tenta evocar as sombras infernaes:

«Espiritos! á cova ide tirar-me
O corpo da mulher mais bella e pura
E dae-lhe vida; eu quero edificar-me
Na sua formosura!»

Mal acabando a fórmula horrorosa
Esta sua vontade está cumprida,
E chega a morta, pallida e formosa,
N'umas brancas roupagens envolvida.

O seu olhar é triste, e o seu seio
Vem uns longos suspiros agitar;
Olham-se os dois com trémulo receio,
E não pódem fallar.

Maximiano Lemos Junior.

A POESIA

A arte é sempre a revelação do *bello*, a complexidade perfeita das sensações exteriores e das commoções intimas; — «quer seja, servindo-nos da phrase de um illustrado critico, a que nos falla á vista e pela vista, isto é, a *arte optica,* quer seja a interprete da audição, isto é, a *a arte acustica.*»

Mas a côr, que é a luz que fixa a imagem na pintura; a plastica, que é o relevo que forma o talhe na estatuaria; o som, que é o movimento vibratorio que leva a nota á musica; o rythmo, que é a cadencia no verso; a palavra, que é a idealisação na poesia, não passariam de formas, de *effeitos d'optica*, ou de *vibrações acusticas*, se não fossem interpretes da impressão intima do bello.

Ora a poesia é a arte aonde melhor se imprime o caracter genial, e a que melhor abrange todas as manifestações do bello, porque nos dá o *som* no verso, a *côr* na imagem, a *belleza* na esthetica e a *idéa* na palavra. É a unica que indica, descreve, narra, pinta, persuade, communica e fixa a impressão.

Nós fallamos da poesia—sentimento—da poesia que se inspira no bello, fallamos d'essa poesia que é a ultima medulação do pensar e do sentir, que é a unica forma em que o espirito sabe consubstanciar-se com o sentimento, quando produz o poema, em que a arte sabe ampliar-se ás concepções sublimes do genio quando forma a epopéa, em que o poeta e o artista sabem intimamente consorciar-se com a natureza e a humanidade.

E assim é ver, em cada verso de Lamartine uma alma enamorada; é ver, em cada pagina de Herculano uma cabeça pensativa; em cada nota de Bellini uma célica harmonia; em cada marmore de Phydias uma vida a pular; em cada tela de Murillo uma natureza a sorrir.

E a poesia é isto, é a arte, é a manifestação do bello. A poesia é isto, é o pollen da flôr do genio a fecundar o grande espirito da humanidade, é a parte bella da natureza e o lado bom da creação, é esse meigo sympathico que Heine nos diz ser o esplendor de toda a verdade—a consciencia.

E assim se mostra ella—esplendida alvorada—linda como os olhos azues da primavera, galante como a creança, branda como a caricia, meiga como o affecto, generosa como a caridade, boa como o sentimento, como uma alma a substanciar-se em Deus, como a flôr a desabrochar ao sol.

E a poesia sem este ideal, sem o attractivo sympathico do bello, sem a caricia do affecto, sem a gran-

deza magestosa do infinito — será tudo: — uma tela immensuravel, uma licção scientifica, um estudo didatico, um curso de pathologia, um problema geometrico, um tractado philosophico, um *Cosmos* emfim, mas não é, não pode ser a manifestação esplendida da arte no aspecto perfeito do bello.

Não despreciamos, e ás vezes agrada-nos a eschola realista quando vem subordinada á moral e casa o sentimento á idéa; mas ainda assim não cremos que ella seja a mais potente para fazer pulsar o coração da humanidade ante as suas mais vivas impressões. Jamais quando o realismo descamba na abjecção: quando elle, dando como forma exclusiva do pensamento, a bruteza desnudada da vida material, nos mostra como assumpto e como aspecto de seu prosaismo, o que ha de mais esqualido e repugnante no mundo physico e no mundo moral; quando canta o feio e o disforme e quando tem predilecções pelas aberrações da natureza e pelos aleijões da humanidade; quando desfolha a flôr e vai fazer analyse na podridão que lhe deu a seiva; quando disseca a imagem para galvanisar o esqueleto; quando assassina uma vida para anatomisar o cadaver; quando troca o plectro pelo escalpello e faz da lyra uma meza anatemica! este estender e dissecar de achaques e de miserias humanas em um livro de versos; este trescalar de emanações inffectas na poesia, parece-nos cynicamente cruel e repugnante para a arte.

Não queremos a *sensiblerie* do lyrismo plangitivo, lamurioso, vasio, serodio dos *Heraclitos*, mas sim aquelle que é forte e crente, que tem uma dor e uma prece, um affecto e uma saudade, que reedifica por a recordação, e que construe por o amor. Aquelle que vem mostrar-nos á luz do sentimento e á da razão este trinitario divino e humano: — a belleza da arte na tela de Rubens — a Virgem; a belleza da alma na mulher do chrystianismo — a *Mater;* a belleza do espirito no martyr do Golgotha — o *Christo.* —

Ha uma lucta titanica, esmagadora entre o Fausto, que é a ancia; Hamlet, que é a duvida; e D. Juan, que é cynismo! Lucta osseanica, mas real, verdadeira, porque n'ella está o homem, a genesis da vida social, a synthese concreta e continua do drama da alma humana.

Em que *meio*, porém, estará o *madelo,* o *ideal,* a *esthetica,* a *eschola?*

A *Mater* e o *Christo* do Calvario é um traslado de dores, de agonias e de lagrimas; mas este martyrio lacrimoso dá-nos um poema de fé, de sorrisos, de luz e de bençãos!

A *Venus* de Milo é um original do bello, da arte, do mimo, da graça, da natureza, e do genio; mas esta *nudez* dá-nos as *formas cobertas* com as vestes angelicas e castas das *virgens* de Raphael!

Que o lyrismo não seja um *epitaphio....* e o realismo uma *animalidade....* e d'esta laboração artistica e litteraria irrompa a *eschola....* — o *fiat* illuminador.

Porto — 1.º de Junho de 1879.

ARNALDO BARBOZA.

UMA ORGIA

(AO MEU AMIGO BRUNO)

Era ceia d'amigos estudantes,
uns cabulas sedentos de cachaça;
tinham as almas rubras e brilhantes,
eram carmim as faces de potassa.

As cabeças pesadas de vinhaça
esburgaram a vida das amantes;
fizeram á sotaina alvar chalaça,
e epigrammas aos lentes mais pedantes.

Discutiram a sã democracia;
a communa, o petroleo exaltaram
dos sons da mais lidrosa poesia.

Depois... depois as luzes desmaiavam:
era o siderio alvor de novo dia,
— e no chão os patuscos resomnavam.

C. BOAVENTURA.

MARGARIDA

Tanto no mundo poetico como no mundo real ha creaturas que nascem sob a irradiação d'uma feliz estrella! Apenás apparecem, um grito unanime, espontaneo de saudação e surpreza echoa de todos os que as contemplam!

São como divinas... attrahem e fascinam os corações.

As Artes primam em exaltar-lhes a belleza: a Pintura dá-lhes uma formosura ideal; a Musica cede-lhes umas maravilhosas notas; e assim se completa, na alma d'uma epocha, um todo analogo á transfiguração da mulher amada no cerebro de seu amante!

De todas as filhas da Poesia moderna — Margarida — é a que mais se tornou admiravel e digna de perpetua attenção.

DO QUADRO DE KAULBACH E GRAVURA DE E. MANDEL

MARGARIDA.

Ha mais d'um seculo que ella nos appareceu e ainda não deixou de ser lembrada e engrandecida!

O seu nome arrebatou o mundo inteiro, e tem feito derramar mais lagrimas do que *Julietta* e *Ephygenia*.

A Pintura, reproduzindo-a milhares de vezes em quadros graciosos e melancholicos, tem-na generalisado, como as Virgens de Raphael.

Diz-se—*Margarida sahindo da Igreja—Margarida fiando—Margarida na fonte—Margarida no jardim;* como se diz:—*A Virgem da cadeira—A Virgem do véo—A Virgem do pintasilgo—A Bella jardineira!*

Um sem numero de artistas teem passado a vida a pintar a sua lenda e a evocar a sua figura! Ao prestigio da forma succedeu a magia do canto... a Musica tornou-lhe a axistencia aerea, transportou-a da imaginação ao delirio! o seu nome, apenas deslisa nos labios, evapora-se! é como a ascensão infinita de Beatriz de Dante percorrendo o céo e arrebatando de cada estrella uma nova gradação de luz!

E, todavia, quem é Margarida na realidade? Uma pobre filha do povo, ignorante, simples, que se deixa seduzir sem resistencia; que se torna louca, e mata seu filho: scenas vulgarissimas que enchem quotidianamente as columnas dos jornaes de todos os paizes. Os seus infortunios, são a consequencia necessaria da sua desgraça!... Mas, é justamente n'essa mesma vulgaridade que se encontra a poesia de Margarida. Se fosse menos vulgar, seria tambem menos admirada!

Margarida resume em si todas as fragilidades do abandono da mulher ingenua entregue, sem defeza, aos ataques da tentação.

A sua propria ignorancia lhe valeu o signal pathetico da fatalidade! É virgem em quanto o abysmo do vicio a não preverte! O homem reconhece n'ella a fraqueza singela de seu caracter, e fal-a victima de seus caprichos pecaminosos. Ella deixa-se ir innocentemente! e só tarde se conhece a vivida imagem da miseria! d'ahi a popularidade sem egual; a apotheose da piedade; a conquista das almas.

Milhares de jovens, obscuramente perdidas, se não se elevaram, como Margarida, a uma existencia ideal, é porque a voz da poesia se não prestou a decantar-lhes os queixumes, em quanto que as alegrias, soffrimentos, illusões e arrependimentos de Margarida se fixaram em scenas immortaes na sua lenda. Finalmente, a immortalidade de Margarida está tão só na dôr e na piedade.

Escusado é, pois, alongarmo-nos mais nem contarmos a sua longa historia, porque bem conhecida é ella por todos em geral. Cremos que ninguem haverá que, ou pela leitura ou pelas exhibições, quer nas tellas quer nos theatros, não esteja ao facto da historia de Fausto e Margarida de Gœthe.

Diremos, portanto, só mais duas palavras ácerca do quadro que hoje apresentamos.

—E' ella—a bella Margarida... que nos recorda o verso de Dante que n'uma só linha diz muito:

«Bella creatura bianco vestita.»

Ella apenas pensa!... timida como a pomba... é como a innocencia que apparecesse! Vai para a Igreja, rezar; leva o seu rozario nas mãos. Depois retira-se ao seu lar: a absolvição do sacerdote calou-lhe na alma: escapa-se ao braço de Fausto que a quer demorar ao bafejar-lhe docemento estas palavras:

—Formosa Dama, acceitarias o meu braço para vos acompanhar?

—Perdão, Senhor, eu não sou formosa nem dama; e posso ir bem sem ser acompanhada—.

E ella seguiu... mas o seu coração palpitou!... Fausto não mais a deixara nem Mephistopheles—os dois!

OSCAR TIDAUD.

ELMANO!

Elmano! Elmano! Quem te deu a lyra
Deu-te, tambem, o soffrimento e a dôr!
Como Camões, o Immortal cantor,
Tiveste o genio, que o poeta inspira!

Da patria ingrata sustentaste a ira,
Cantando aos immortaes, cantando amor!
E, em guerra com Neptuno, ao seu furor
Roubaste os versos, que o talento admira!

Camões foi grande no soffrer e amor!
Camões é immortal! Fel-o o seu canto,
A obra mais sublime do talento!

Tu, Boccage, és-lhe egual no solfear!
Como Camões, na dôr soffreste tanto!
És immortal como elle, és um portento!

Lisboa 10 de Julho de 1879.

JOSÉ HELIODORO DE FARIA LEAL.

A VIRGEM DO CALVADOS

(CONTINUADO DA PAG. 101)

A viagem foi longa, extremamente longa. Á medida que avançavam o terreno mudava de aspecto, a vegetação tinha phases de exhuberancia ou de atrophiamento.

N'aquelle tempo, as estradas eram horriveis, corcovadas e informes, entre barrocaes temerosos. Ella não pronunciou uma palavra. Mas o seu typo recatado, incomparavelmente bello, fazia impressão. Um dos burgueses quiz-lhe saber o nome, offereceu-lhe fructas. Ella sorria. Um outro, bonacheirão e encanecido, pediu-a para esposa, por gracejo. Quando chegou a Pariz era de manhã, e a cidade acordava. Apregoavam pelas ruas o *Amigo do Povo*; as esquinas estavam cheias de proclamações; a turba affluia por todas as encruzilhadas n'um fluxo e refluxo sem termo. N'aquella manhã, vinte cabeças haviam sido cortadas. Citaram-se nomes de mil annos de edade, phrases das victimas, e ao descer o cotelo da *viuva*, um grupo de megeras sem meias, desgrenhadas e lividas, tamancos cheios de lama, os carapuços de cassa na nuca, passou cantando a *Marselheza*: vinham de junto do cadafalso, onde aspiraram vapores do generoso sangue derramado, onde tiveram aso de cuspir injurias e blasphemias na face cavada dos martyres. Carlota desviou-se, empallidecendo. Entrou n'um livreiro; deu com os olhos no julgamento dos assassinos de Bourbon, que comprou para ler. Mais adeante, n'uma cutellaria pediu punhaes, comprou uma lamina por 2 francos. N'esse mesmo dia foi a casa de Marat, rua *des Cordeliers*, 30, hoje (dizem as notas d'um livro que vou seguindo) rua da Eschola de Medicina, 22. Era uma d'estas casas muito altas, de tectos em bico, pequenas aguas furtadas encravadas no telhado, uma serie de janelliculas de vidros meudinhos, um corredor profundo e negro para entrada, um diabo de escada carunchenta e escorregadia, cheia de gatos e de talos de hortaliça. No primeiro andar morava Marat, com *sa maitresse*, Simonne Everard. Carlota Corday penetrou no corredor, junto da escada saccou do punhal que comprara, desnudou-o da bainha de couro, esteve-o mirando. Era uma folha, de dois decimetros de comprido bastante estreita, brilhante e afiada. Metteu a arma no seio. Desciam a escada dois operarios de aspecto desleixado, barretes phrygios, blusas em rasgões.

—Olá cidadã, quem procura? — interrogaram, de passagem.

—Marat—disse ella—poderá receber-me?

—Talvez. O grande homem não é muito dado ás conferencias com mulheres bonitas. Isso é com Danton, o *petit maitre*. Demais, a cidadã Limonne é ciumenta: tomai conta.

Ella encolheu os hombros e começou a subir. Algumas horas antes tinha escripto a Marat, supplicando uns momentos d'audiencia. Bateu com mão firme. Um *porteur* do jornal, abriu.

— O cidadão Marat; é aqui?

— Aqui mesmo.

— Pergunte-lhe se póde receber-me. Sou a mulher que chegou de Cayena e lhe escreveu esta manhã. Tenho revelações capitaes a fazer: não esqueceis isto.

A sua voz era um pouco sacudida, e a face adquirira uma tinta pallida e rigida. O *porteur* voltou. Marat estava doente, não podia ouvir ninguem. Toda a noite passára com febre, sem poder dormir. Que viesse no dia seginte.

Carlota, porém, tinha pressa em ser admittida, declarou que não sahiria d'alli sem fallar com o grande homem, que esperaria quanto tempo lhe exigissem. Em face de tamanha insistencia, Marat mandou entrar. Achou-se então n'uma pequena sala pobrissima, empoeirada e tosca. Junto da janella, de pequenissimos vidros enquadrados em molduras de chumbo, uma estante de madeira preta carregada de livros e brochuras, tinha um aspecto antigo; sobre as lombadas de couros ornadas de douraduras e de sulcos, a poeira de longo tempo fazia camadas pardacentas, como uma pennungem de immundicie. Os bufetes, as cadeiras, os vãos das portas, os cantos do aposento, estavam carregados de papeis, manuscriptos envoltos em pergaminho *beurre fraire*, massos de jornaes empilhados entre duas taboas, apontamentos em tiras cheias de nodoas de tinta. D'um prego pendia o mappa da França, coberto de pequenas estrellas a lapis vermelho. Uma bengala, tendo um velho chapéo pendente do castão de chumbo, estava erguida sobre a secretaria e fixa na parede por um annel de ferro oxidado. Do tecto pardacento, esquadrado por um friso vermelho; as teias d'aranha carregadas de pó, faziam papos; pequenas prateleiras aos cantos, n'um desmazello triste.

Carlota Corday esteve alli alguns minutos, olhando. Á sua alma branca, amante da luz e dos frescos aromas, aquella soturna penumbra apparecia fatidica. Sentia-se suffocada pelo cheiro a bolor, a cousa morta que parecia exhalar-se dos cantos e dos armarios carunchentos. Mandaram-lhe que entrasse no quarto de Marat: foi por um corredor escuro, sobre que abriram portaes acanhados. Ao fundo, uma voz disse:—*entre*— caminhou dois passos, achou-se n'um quarto de tectos baixos, com duas janellas, atravez das quaes appareciam verduras de arvores. A primeira impressão foi de pudôr e de nôjo. Marat estava no banho, com uma es-

pecie de barrete na cabeça, de que sahiam falripas de cabellos humidos, fermentados e sordidos. Apoiada nas bordas da tina, uma taboa larga servia de mesa, sobre que o panphletario escrevia. A sua face escavada e livida, cheia d'essas fibrilhas verdes e vermelhas que annunciam um organismo em decomposição interior, era a de um maldito expulso da face da terra e respirando as emanações abafadas e putridas dos antros e dos tumulos. N'esse rosto carcumido e velho que um nariz curvo, como o bico de um carnivoro, dividia em dois lobulos de uma symetria sinistra, os olhos giravam extranhamente moveis, ardendo com um brilho allucinado e dominador.

Carlota deteve-se a contemplar esse homem de que todo o mundo conhecia a audacia e a crueldade e que nos proprios soffrimentos achava a energia vingadora com que decretava a morte dos seus inimigos.

Marat ergueu a cabeça. Via-se-lhe o tronco esburgado; o pescoço alto e direito, as claviculas resaltando a cada movimento da respiração convulsiva e oppressa. Podiam contar-se-lhe as costellas, tão nitidas sob a pelle, os arcos lhe convergiam ao sterno. Os braços cabelludos, de um tom *olivatre* e morbido, pousavam nos bordos da tina, e a angulosidade das articulações resahia cruamente, n'uma decadencia miseravel e dolorosa.

— Disseste que havia revelações a fazer. Estou escutando—disse elle sem a olhar. As narinas de Carlota Corday palpitaram; cobrira-se-lhe a fronte de uma pallidez de marmore sem veios. Fez-se um silencio tragico. Depois, a normanda avançou para elle, sem fazer ruido. E com a sua voz um pouco tremula, mas em que dominava sempre o timbre suave que lhe era peculiar, perguntou:

—Sabes a que venho?

—Dil-o-has, cidadã.

Carlota ergueu o braço.

—Matar-te!—exclamou. E resolutamente embebeu a lamina no hombro de Marat. Depois, com uma força desesperada e toda nervosa, Carlota Corday, agarrou a cabeça do monstro, deu-lhe uma punhalada na garganta e sem perder tempo, feriu-lhe o lado esquerdo com um golpe profundo, terminante e mortal. Aos gritos de Marat, toda a gente da casa correu. Simoune atirou-se desesperadamente sobre o corpo do seu amante, gritando por vingança. Os *porteurs* e *plieuses* do jornal agarraram solidamente a corajosa creança, cubrindo-a de insultos e de pancadas. Fizera-se alarido na rua e toda a gente subia a escada, inquirindo do que houvera. *Chabot*, o scellerado, era dos que primeiro haviam tomado posse da criminosa.

A sua mão adunca, agarrou-lhe o relogio que lhe pendia ao lado, por uma cadeia de ouro fino. A normanda serenara já: longamente havia meditado talvez aquelle passo terrivel. E replicou, com uma ironia escalpellante e despresiva, ao larapio exaltado:

— Olha que os capuchinhos fizeram voto de pobreza!—Todos queriam vêr o assassino do grande homem. As harpias, em blasphemações roucas, pediam a cabeça de Corday, querendo ellas mesmas executar a sentença [1].

N'essa manhã, as portas da Abbadya, eram abertas para dar entrada á prima de Corneille. A turba, que se apinhára presa d'uma commoção suprema, nas ruas de transito, e na esplanada da prisão, poude vêr n'uma carruagem, entre os uniformes dos soldados, uma cabeça loura e delicada, tão loura que parecia irradiar fulguração indefinida e poetica, tão delicada que attrahia a commiseração e o amor. Uma grande serenidade espiritualisava a face da pupilla de Madame Coutelier. A cada urro da canalha, Carlota voltava a cabeça para olhar, e os seus olhos, de um azul tranquillo e lucido mais exprimiam curiosidade de que horror... As noites que se seguiram, os dias que decorreram, eram provados de allucinamentos e de horrores. Sósinha, em face das suas meditações, tinha frio e vacillara. Ás vezes, cedendo a exigencias de temperamento, a grandes expansões nervosas de uma susceptibilidade exquisita, desatava em choros. Lembrava-se, d'uma maneira nitida, cheia de saudades profundas, da pequena casa de Cayena, com o seu tecto em bico, e as suas rendilhagens de *fayence*, as grandes arvores benevolas e murmurosas do jardim, sonoras de canticos de passaros e bordadas de flôres escarlates e brancas. E madame Coutelier, o *soirée* de todas as noites, juncto do velho fogão de marmore, quando lia com Barbaroux os jornaes do partido! E fechando os olhos, via dentro de si, com uma nitidez extraordinaria de pintura, todo esse turbilhão de episodios e panoramas de felicidade, illuminados pelo olhar de Barbaroux. o unico homem que lhe fizera bater o coração.

O carcere era infecto e lobrego. Um arco assente em dois pilares de granito dividia a abobada com o seu rebordo carcomido. Á esquerda, n'um recanto tenebroso, um largo poial de pedra salitrosa e avida de humidade, continha a palha do leito.

N'uma banca de pau tosca, feita de troncos de azinheira pregados com grossos pregos de cabeças sa-

[1] Todos os dados historicos do caso, foram por nós extrahidos do artigo de Larusse *Carlota Corday*, magnifico em detalhes e commentarios.

lientes, pouzava a bilha d'agua, uma escudella de estanho onde lhe serviam de comer e no fundo de que os ratos chiavam toda a noite abocanhando os restos da sôpa repellida e sordida. Por cima da porta chapeada de ferro, aferrolhada com grossas barras, guardada á vista, noite e dia, por duas sentinellas ferozes, uma fresta profunda, mais ampla no sentido do comprimento, rasgara-se para dar ar, um ar que fazia vertigens, saturado de emanações gordas e de velhas putrescencias abafadias. De noite, a normanda não podia dormir. Legiões de phantasmas, envoltos em roupas de sangue, passavam deante dos seus olhos, escancarados n'uma especie de spasmo idiota, levando espetadas nas pontas das bayonetas as cabeças lividas dos guilhotinados. E ella via ondular vagarosamente essa procissão, perder-se na profundeza negra do carcere, resoar com passadas surdas ao largo dos subterraneos, rir no fundo das cisternas, e estar gritando a espaços para os antros, no meio das respostas dos echos frementes e lugubres, exhalados como da garganta do inferno. Dormia e vinham dedos gelados tocar-lhe a face esmaecida e setinea. Ás vezes, tomada de uma allucinação suprema, erguia-se da palha infecta do leito, atirava-se ás cegas na treva, com os braços estendidos, os cabellos soltos, gritando... Cahia de bruços no lagedo que a humidade alluia, ferindo a testa e quebrando as unhas — aquellas unhas longas, ovaladas, côr de rosa, de um brilho de madreperola irisada, que M.me Coutelier amara tanto ver pouzadas na seda negra do seu vestido de viuva. Escrevera ao pae n'um dia em que sentiu dentro de si ainda, a fanfarra triumphal da sua antiga coragem de heroina: e essa carta que ficou celebre, citava o verso de Corneille:

Le crime fait la honte e non pas l'echafaud.

Finalmente, uma manhã entraram os soldados na prisão; o carcereiro disse-lhe que ia ser conduzida ao tribunal, e a communicação deu-lhe um instante de abatimento. Conduziram-na serena já. Um personagem de catadura feroz interrogou-a:

— Para que mataste Marat?

— Matei um homem para salvar cem mil — respondeu serenamente.

— Que esperaveis, matando-o?

— Dar a paz ao meu paiz.

— Credes haver morto todos os Marats?

— Morto um, os outros terão medo.

Condenaram-na á morte. Devia ser d'alli a tres dias, á uma hora da tarde. Ninguem a viu trepidar mais. O seu sorriso era tão tranquillo como o d'uma creança embalada, que sonha os sonhos azues do paiz das fadas e dos encantamentos. E levava horas preoccupada bizarramente do que diriam d'ella os vindouros.

Queria deixar uma recordação de si, além do cadaver de Marat. — Se me retratassem! — pensava com insistencia. E pedia a toda a gente que lhe conduzissem um pintor. Afinal fizeram-lhe a vontade. A tela, que ainda hoje póde contemplar-se na galeria do Louvre, representa Carlota Corday n'uma *pose* cheia de Graça: o seu sorriso é vermelho e casto, os arcos das sobrancelhas teem a altivez da dignidade. Ha no fundo dos seus olhos, tão limpidos como vidros através de que se sente viver e deliberar uma alma, uma luz selvagem e grandiosa. A linha do busto é fina e elegantissima, os cabellos, de um louro pallido, resahem da touca normanda em madeixas de um annelado natural. Toda essa figura tem uma luz interior que enche de commoção quem a olha. E instinctivamente ama-se essa loura creança devotada a uma idéa, e morta sem um queixume e sem uma blasphemia.

O dia da execução chegou: toda a noite fôra tempestuosa e rasgada de trovões sinistros. O céo emburelava-se encobrindo o sol. Sobre o chumbo procelloso das nuvens estagnadas n'um espesso forro, viam-se correr os farrapinhos brancos que se desfaziam em aguaceiros. A espaços na cupula orgulhosa e sombria, cahida como um assombro sobre Pariz ensanguentado, uns zig-zags de fogo corria de polo a polo, e retumbavam então, como os echos de velhas contendas de cyclopes rebeldes. Quando a carreta sahiu da prisão, levando a normanda ao sacrificio, a chuva era torrencial, violenta e sibilante. Carlota Corday ia de pé, com a cabeça descoberta, despojada de tranças, a face marmorea, as duas conchas do nariz palpitando. Das lojas dos predios, estendiam-se, ao ver passar o cortejo, milhões de braços aduncos, ameaçando. Duas ou tres vezes, a normanda sorriu complacente. E passava. Na praça da guilhotina, a multidão era tão compacta que mal se abria caminho. As janellas estavam cheias de homens e mulheres avidas de carnagem. Alguns experimentaram perante essa figura erecta, esculpida e radiosa de belleza, um profundo sentimento de piedade, de respeito e d'amor. Sentia-se admiração por uma desgraçada tão delicada e tão bella. Um estudante allemão publicara dias antes uma broxura, pedindo para ser guilhotinado com Corday. E os espiritos começavam a odiar o sangue já, a admittir o perdão...

Carlota subiu lestamente as escadas do patibulo. Envolta na camiza vermelha dos condemnados, a sua figura tinha um relevo magistral de estatua. Sorrindo, entregou-se. No meio da anciedade da canalha, o carrasco ergueu a cabeça de Carlota, que acabara de rolar no estrado, e com um riso monstruoso, e um gesto vilissimo de embrutecido, esbofeteou duas vezes, á

vista da multidão, as faces da normanda. Ergueu-se um grito de horror de todos os peitos. E os que estavam perto do cadafalso, poderam ver a fronte da que fôra Corday purpurear-se instantaneamente á affronta recebida. D'alli a tres dias, na cazinha de Cayena havia lucto, e Barbaroux soluçava de bruços, esse grande choro que só sabem chorar os rapazes novos e os amantes viuvos.

(Continua)

Fialho d'Almeida.

UM CÃO

Passava os dias, farejando a vida,
o pobre abandonado,
nas ruas da cidade, anciando o dono,
que o tinha desprezado!

Parava ás vezes na viela immunda
o emagrecido cão,
cheio de fome, revolvendo o lixo
disperso pelo chão.

Garoto malfazejo o escorraçava
com rustico desprezo;
entorpecido, nem fugir podia,
o misero indefeso!

Extenuado de fadiga, enfermo,
gania o vagabundo!...
Era o grito do triste, sem recurso,
o ai do moribundo!

Foi condemnado um dia o parazita
ás leis da auctoridade.
Faltava-lhe a colleira... oh! era um crime
perante a *humanidade!*

Logo, em seguida n'uma rua larga,
alguma coisa achou..
comeu: e, afflicto, estonteado, immerso,
na dôr — agonisou.

Viu uma pôça trasbordando em lôdo...
a ella se arrastara
cambaleando, e, com ardente sede,
d'um trago a esgotara.

Par'ceu-lhe um lago immenso d'agua pura,
limpida, crystalina;
mas ainda era maior a fatal sêde...
queimava-o a strechnina.

Em poucos momentos
exhausto cahiu.
E o dono passára:
olhou-o, e... seguiu!

E ao dono inda volvera bassamente
os meigos olhos seus,
como um signal perenne d'amisade,
um derradeiro — adeus! —

Assim o cão, no agonisar da morte,
ia perdendo a luz...
e perdoava ao dono a crueldade,
a dôr, a sua cruz,
com esse meigo olhar
do compassivo Christo!

Lisboa, 1879.

Reis Damaso.

UM SONHO

—Cincoenta libras por uns brincos!—repetiu inconscientemente, como se desejasse conhecer da somma precisa para o resto do *trem* corresponder ao luxo das orelhas.

E de quando em quando voltava a cabeça para olhar mais uma vez, n'uns desejos contrahidos, aquellas mulheres que riam de tudo com uma satisfação de invejar, aquellas mulheres para quem as libras não passavam de uns pequenos objectos insignificantemente indispensaveis para a travessia rapida no oceano da vida.

Não lhes encontrou, é verdade, a linguagem decente da dona da luvaria. Ouviu-lhes sahir, por entre uns dentes cuidadosamente tratados, umas palavras que a offenderam, umas palavras que ella sabia proprias d'essas creaturas a quem o mundo condemna com a severidade digna dos attentados á moral. Eram prostitutas. Mas desculpou-as, porque não tinham a apparencia boçal das mulheres, que via arrastar pela Mouraria, mostrando vestidos de chita excessivamente engommados, que raspavam asperamente pelos passeios

lageados, mostrando as botinas de polimento com muitos enfeites, os tacões tortos, batendo nas saias em frente, para amarrotar a fortaleza da gomma que lhes não deixa livres os movimentos das pernas; com nodoas de vinho, perfeitas barregãs nojentas, de palavras immundas, dando o braço a marujos, beijando-os mesmo na rua, deixando-se apalpar deante de todos, sem vergonha, sem rebuço...

E desculpava-as ainda mais ao lembrar-se que traziam sêdas, luvas amarellas, de seis botões, talvez algumas das que ella tivesse feito, e uns fartos regalos confortaveis, que provocam o desejo de se roçar por elles, ambicionando-lhes o brando calor suave, de amollentar.

E cosendo-se com as paredes, desviando a attenção das palavras atrevidas que lhe dirigiam uns biltres de bengala, dirigia-se para casa com grandes presentimentos lugubres, onde a esperava o trabalho que ella já pensava em aborrecer. Pois, se ella um dia desejou comprar umas botinas de duraque, com polimentos e botões, que vira n'uma loja ao Chiado—um regalo—capazes de se pôrem nas orelhas!—juntou dinheiro, n'uma caixa que fôra de amendoas, que o pae lhe comprara um anno antes de morrer, mas o que depositava era só cobre—e por fim teve de cahir nas mãos da *contrabandista*, que era capaz de roubar a tunica de Christo, de uma usura implacavel, digna de um gabinete do Aljube!

Pela torre da Sé tombou vagarosamente a uma hora da noite. A Margarida sentava-se n'um bocado de velho tapete, tendo na frente um banco de pinho, onde collocara um candieiro de petroleo, com uma luz sombriamente amortecida, lançando fetidas emanações de um cheiro penetrante, de asphixiar. Cosia umas luvas de camurça.

Cadeiras de polimento com uma folhinha deterioradamente escassa, perfilavam-se resignadas juntas das paredes, de um papel verde, de muitos ornatos irregulares, onde o bruxulear da luz e a sombra dos moveis desenhavam espectros enormes, pardacentos, que se estorciam n'umas corcovas lugubres e medonhas. Umas velhas cortinas de renda, de uma côr amarellada, coavam, por entre confusos e emaranhados rendilhados, uns raios pallidos de luar de um tom fresco e azulado, que vinham esperguiçar-se n'um abandono agradavel nas velhas taboas do sobrado carunchoso. Uns quadros de dourado velho suspendiam-se pesadamente de pregos amarellos, representando scenas tristemente desoladoras da vida agitada de Joanna d'Arç. N'uns quartos proximos sentia-se o resfolegar de pessoas que dormiam, e de espaço a espaço tosses convulsionados feriam o ar abafado, e uns *ais* plangentes, seccos e emortecidos, como o soluçar agonisante de alguem que vai morrer, vinham impressionar a Margarida, reboar-lhe no cerebro, onde martelavam pancadas enormes, que a deixavam muito angustiada, muito perdida, por se lembrar da mãe, que estava alli entrevada havia dois annos, e que se não fosse ella, com o trabalho das luvas, estaria a estas horas n'um hospital muito suja, sem ninguem que a limpasse, porque já se rão sentia, que lhe cuidasse da existencia, tão debil, que se podia desfazer á menor commoção, ao mais leve agitamento.

Momentos depois a Margarida deixou pender vagarosamente a sua elegante cabeça ao peso do somno, e adormeceu. A luz diminuia pouco a pouco á falta de petroleo, tornando pesada a athmosphera, respirando-se em difficuldade.

As luvas cahiram-lhe das mãos ficando no regaço, inertes, espalmadas, entre as prégas do vestido de lã preta.

A costureira sonhava...

N'um horizonte desembaraçado, farto de azul puro e de luz clara, de uma fascinação irresistivel, devisou a prostituição que a attrahia para um lago de adulações, de riquezas, de sumptuosidades, e de uma liberdade surprehendente.

Mergulhados em grandes ondas de luz, via ella pequeninos diabinhos, com azas muito vermelhas, injectando dos olhos scintillações rubras, deixando ver os corpos muito encarniçados, como se um sol ponente os illuminasse de fulgurações rubramente mephistophelicas, muito nús e muito gordos, despejando grandes vasos cheios de ouro sobre as cabeças desgrenhadas de sultanas risonhas como as rosas da primavera, vindo pulverisar de astros luminozissimos, de uma insignificancia fascinadora, as suas estrigas de cabellos pretos, doudejando nas espaduas alabrastinas, francamente rosadas.

Para entrar n'aquelle tabernaculo bastou apenas um predicado—a formosura. A uma mulher sua amiga, gravemente hypocrita, já ella ouvira dizer:

—Ai? a Margarida é um regalo, aquillo é que é elegancia! Sempre tem uma boquinha! uns olhos! e a cintura? E' uma mulheraça. Um dia vi-lhe calçar uma meia... Um pouco acima do joelho que carnes! que frescuras! Ai! filhas! A liga, que era grande, sempre fazia vincos n'aquelles estofos!...

E a visinhança contava-a no numero das mais bonitas e das mais engraçadas.

As luvas viu ella envolvidas no labyrintho escuro do trabalho. Quando passara pela rua do Ouro, elegante e provocadora como todas as Messalinas, olhava

com despreso para os brilhantes. A luveira, a dona do estabelecimento, aquillo era uma insignificancia. Não sabia apresentar-se, não tinha distincção, *uma pata choca*, como ella lhe chamava, que mal tinha geito para enfiar luvas nos dedos dos freguezes.

Os admiradores eram immensos. De dia ainda ella dormia socegadamente as grandes conquistas da ultima noite, as enormes orgias com as suas companheiras, que sempre se embebedavam em cognach, já um enxame de offerecimentos de camarote para todos os theatros invadia a sua grande bilheteira de prata cinzelada, onde se olhava uma Venus entrando no banho, mergulhando um pequenino pé, bem modelado, nas aguas enrugadas de um regato, que se escoava sereno por duas filas de cannaviaes. Era um luxo!

(Conclue.)

MARIANO PINA.

SENEX

(A LUIZ BOTELHO.)

Este velho ellipsoide miseravel,
Feito de agua, de lodo e terra dura,
Fonte de tudo o que é abominavel,
Do homem berço, prisão e sepultura;

Que sempre em torno ao Sol mudo girando;
Tem já endurecido com a edade,
E onde as plantas nos vai acorrentando
A grilheta chamada *gravidade*;

Scenario eterno das mais tristes scenas,
Testemunha fatal de nossos damnos,
Jardim damninho que produz apenas
Desillusões, tristezas, desenganos;

Declara abertamente ser já farto
Da vida, que lhe causa tedio e nojo,
E diz ter exhaurido, em tanto parto,
O seu fecundo e formidavel bojo.

Outr'ora ainda vivia satisfeito,
Infligia aos pezares o ostracismo;
Se mais que de costume arqueava o peito,
Produzia na terra um cataclysmo.

E ao vêl-a baralhada, introvertida
N'uma tal convulsão, alegre, ria:
Estava então na força da sua vida,
Por isso amava immenso a judearia.

Ás vezes ria tanto e com tal gosto
Das asneiras pelo homem praticadas,
Que chegava a chorar seu viril rosto...
E eis d'um diluvio as terras inundadas.

Hoje está velho,
Mono, abatido;
Verga o joelho;
Um vão gemido
A medo exhala;
Mas já nem falla,
Nem tem ouvido,

Rugas profundas
Lhe tem sulcado,
Bêtas immundas
Lhe hão manchado
O rosto feio;
Causa receio
O seu estado.

E faz dó vel-o
Tropego, manco...
O seu cabello,
Gelado, branco,
Cobre altas serras
É ao polo as terras...
Tragam-lhe um banco.

Se fome sente
Roga uma praga
E a sua gente
Devora, traga.
Aponta um callo
A apoquental-o
Em cada fraga.

Respira a custo
Pelos vulcões;
Treme de susto,
Tem convulsões;
A voz do vento
É o seu lamento
Nas solidões!

Com seu chorar
Tem feito o mar,
Com sua inercia
A solidão;
Não tem solercia,
Desembaraço;
Soffre de gota,
Cahe de cançasso...
Pobre idiota!
Pobre ancião!

ABEL ACACIO.

DO VALOR

A idéa do valor desponta com a troca, e completa-se no mercado pela concorrencia.

A troca é um contracto bilateral—e, mesmo, todo o contracto bilateral se reduz realmente a—troca—; está, pois, subjeita a sua validade a condições juridicas, as quaes são a liberdade e a capacidade intellectual e moral das partes pactuantes.

Os jurisconsultos junctam-lhe, como terceira condição, a egualdade de valor dos objectos trocados; e os economistas, á excepção de Condillac indevidamente censurado pelo physiocrata Le Trosne e pelo proprio J. B. Say, concordam com os jurisconsultos; o que é muito para estranhar da parte dos escriptores que se ufanam por ter levado a luz a muitos assumptos do direito e, em a theoria de valor, destruirem as illusões que havia á cerca da fixação legal dos preços.

Mostremos, pois, que a idéa de egualdade não entra na idéa da troca:

Consideremos, por exemplo, um chapeleiro que quer trocar um chapeo por um par de botas. Para elle, o chapeo representa uma somma de sacrificios, que os economistas teem avaliado com muita finura, e á qual chamaram—*custo de producção*—; as botas apparecem-lhe como uma commodidade. O chapeleiro compara o incommodo que experimenta por não ter de calçar com o *custo de producção* do chapeo. Quando diz—as botas valem um chapeo—affirma que para obter o par de botas vale a pena de fazer um chapeo; no que não pretende significar que, o incommodo que soffre com a privação das botas é egual ao que lhe custa a producção do chapeo, pois, n'esse caso, ver-se-hia no estado de perplexidade do burro, imaginado pelo philosopho Buridan; porém escusamos recorrer a exemplos de *logica asinina*, como diz Bruckner, temos, no que se observa nos leilões, com que provar claramente a nossa these:

Os lances, em quanto são baixos, crescem rapidamente; desde que são subidos, os augmentos diminuem, os competidores vão desistindo da porfia, até que deixam um só senhor do campo.

O momento em que cada um se retira é aquelle em que a somma de sacrificios, que para elle representa a importancia do ultimo lance, se torna egual ao incommodo que soffre com a privação do objecto apregoado.

Crêmos expostos os factos como realmente se passam, tanto nos leilões, como na troca do chapeo pelas botas, e acrescentaremos que, o que dissemos do chapeleiro se pode dizer do sapateiro.

O que é, pois, o valor?

Para o chapeleiro—é a utilidade que vê no par de botas: para o sapateiro—é a que attribue ao chapeo.

Os economistas sustentam que, o chapeleiro vê o valor no chapeo; e o sapateiro nas botas. [1] Porem, o chapeleiro não diz:—o chapeo vale um par de botas. —. Mas, as botas valem o chapeo; ora o objecto valioso é o que tem valor, o que vale o sujeito do verbo valer.

Nota-se por tanto que o valor, tal como o difinimos, não é o valor completo, é o valor embryonario, tal qual desponta na simples troca, antes de ser influenciada pela concurrencia; e ao qual chamaremos valor particular ou subjectivo, alliás, na troca apparecem dous valores distinctos. O valor de cada objecto é comparado com o custo da producção do outro; e a condição economica da troca é, que o valor de cada objecto seja superior ao custo da producção do outro.

O custo da producção é, para o productor, termo de comparação dos valores dos objectos, pelos quaes está resolvido a trocar productos, que custavam egualmente.

Os valores de dois objèctos que se trocam entre si não são facilmente comparaveis, e mesmo quando a comparação d'elles fosse facil, os pactuantes não se dariam ao trabalho de fazel-a.

O custo da producção de um objecto não é o mesmo que o trabalho necessario para produzil-o, e quando o fosse, quando esse trabalho pudesse ser reduzido a kilogrammetros, os custos da producção do objecto feitos por diversas pessoas não se poderiam comparar; porque a apreciação, que qualquer individuo faz do seu trabalho, varia com o seu grau de rebustez e com a repugnancia que esse trabalho, lhe inspira.

(Continua)

PEDRO AMORIM VIANNA.

---

[1] O chapeo que está á venda, dizem elles, não tem utilidade directa para o chapeleiro, porque não o usa; tem-n'a, porém, indirecta, porque; por meio d'elle póde adquirir as botas. Por isso, Storch difine o valor — uma utilidade indirecta e Stwart Mill — o poder da acquisição que tem um objecto.

DAS FEITICEIRAS DE MACBETH

(ACT. I, SC. III)

AO DISTINCTO POETA E MEU AMIGO

L. T. DE FREITAS E COSTA

. . . .

1.ª Feit. — A mulher de um marinheiro
Em seu regaço levava
Castanhas, e mastigava,
Mastigava e mastigava :
Da-me uma, lhe disse eu,

E a atrevida, a pestilenta,
Que de restos se alimenta,
Fôra bruxa! respondeu.
O marido foi para Aleppo
No *Tigre* por capitão ;
As ondas me levarão
Tambem, dentro n'um peneiro,
Para o mesmo paradeiro,
Feita rata derrabada,
Hei de fazer
E acontecer!...

2.ª Feit. —Dou-te vento de feição
1.ª Feit. —Agradecida.
3.ª Feit. —Tens outro da minha mão.
1.ª Feit. —Pois os mais tenho eu então
E todas as enseadas
Para onde sopram constantes,
E todas as partes marcadas
No mappa dos navegantes.

. . . .

De mãos dadas
As irmãs fadadas
Mensageiras do mar, da terra toda,
Vão e vem, á roda, á roda.
Tres vezes para lá,
Tres vezes para cá,
E ainda outras tres, — que as nove faz.
Caluda!... O encanto se perfaz!

Lisboa-79.

ALBERTO TELLES.

ANALYSE CRITICO-LITTERARIA

(Continuado da pag. 132)

Garret havia morrido; Herculano retirara-se, desgostoso, para o fundo de uma quinta ignorada a que mal chegavam os rumôres do mundo e o unico homem que, pela ausencia dos dois grandes mestres, poderia oppôr uma barreira ao retrocesso que se ia operando, havia sido, o desgraçado, internado em Rilhafolles.

Lopes de Mendonça havia endoidecido; despedaçara-se aquella vehemente organisação de artista, e do democrata cheio de fé e do escriptor saturado de ideal que fizera a admiração dos que o liam, do historiador, do critico e do romancista, nada mais restava do que um pobre frenetico que se debatia na sua cellula em impetos hallucinados.

Feito, d'este modo, um silencio propicio, o snr. Castilho tomou sem reclamações a *pose* de tetrarcha litterario e começou de passar *brevets* de gloria aos seus incensadores, tantas vezes mystificados cruelmente, todavia, os imbecis!

E, como fóra da Egreja, não ha salvação, tambem fóra da conhecida *coterie* não se reconhecia a existencia de quem quer que fosse. Dispunha-se dos orgãos da imprensa periodica e mal ia ao que se revoltava, ao que se suppunha capaz de ir só, ao que se não queria submetter a pedir o beneplacito e a fazer preceder o seu trabalho d'umas regrinhas em que se lhe diziam paternalmente banalidades dogmaticas.

Senão, bom Deus! lá estava para o pobre rebelde o arsenal das insinuações e das injurias, quando não a bem conhecida *conspiração do silencio*.

Ai d'aquelle que fôsse insensivel ao byronismo de segunda mão dos *Ciumes do bardo*, ai d'aquelle que entendesse que traduzir d'uma lingua que se não conhece não é precisamente o mais sensato, ai do que ousasse suppôr que Molière, Goethe e os *outros* mereciam um pouco menos dos sobrolhos severos das nossas glorias no Brazil, —na palavra cruelmente preciza do auctor das *Odes modernas*; sim, ai do pobre refractario que ousasse rebellar-se contra indiscutidas gloriolas faceis!

E apezar de tudo cahiram essas odiosas theocracias litterarias e a nova ideia, que se pretendia abafar com o silencio covarde ou com a aggressão idiota (de que podem servir de exemplo burlesco as cartas do conselheiro José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha—*A eschola Coimbrã*), fez pedaços todas as pêas com que a queriam subjugar!

A carta *Bom-senso e bom-gosto* publicada pelo snr. Anthero do Quental em 1865 foi o primeiro passo da legitima insurreição e, ainda vinte annos não passados, já as velhas reputações e os sediços modos de considerar o Homem, a Natureza e a Arte se dissolveram como fumo,

Brilhante exemplo da incompressibilidade do pensamento!

Que a severidade com que todos nós, homens da geração nova, temos de julgar o seu mais tenaz inimigo

não nos faça, todavia, desconhecer as qualidades reaes que elle possuia com os seus enormes defeitos, é o que forcejaremos por sempre conseguir; e, assim, hoje que temos sobre a meza de trabalho a versão do livro de Cormenin, não nos esconderemos para dizer que, entre as poucas qualidades que distinguem o assassino do grande poema de Goethe, avulta a de escrever bem e correctamente a sua lingua.

Felizes, se pudessemos accrescentar alguma coisa mais em seu abôno!

—O snr. Julio Lourenço Pinto brindou-nos tambem com um exemplar do seu romance ultimamente publicado, *Margarida, scenas da vida contemporanea.*

O nome do auctor d'este livro começou a tornar-se conhecido dos que lêem ha bons dez ou doze annos em pequenas publicações litterarias que tinham, como quasi toda a producção d'este genero no nosso paiz, a sorte d'aquellas dôces creaturas que o immortal cantor das *Orientaes* commemorou n'uma das suas paginas mais amplamente poeticas e que eram *sitôt mortes que nées.*

Pouco depois, porém, do nome de que fallamos ter apparecido pela primeira vez a firmar algumas columnas de prosa, desappareceu e durante bastantes annos ninguem mais ouviu fallar do moço escriptor até que ha perto de dois annos elle reappareceu nas paginas do *Commercio do Porto*, subscrevendo revistas semanaes que de novo vieram chamar a attenção publica sobre o seu auctor.

Estas revistas, ao principio não assignadas, desdobravam ante os olhos do leitor um dizer tão imaginoso e tão brilhante, posto ao serviço d'uma analyse tão lucida, esteada n'uma erudição ao mesmo tempo tão variada e tão séria, que o snr. Julio Lourenço Pinto, seu auctor, teve as honras de vêr por varios jornaes do paiz tomadas as suas elegantes chronicas por devidas á penna attica do visconde de Benalcanfor, habitual folhetinista do periodico de que o auctor da *Margarida* se constituira collaborador.

O seu trabalho recentemente publicado e que n'este momento acabamos de lêr veio revelar uma nova e vigorosa aptidão do seu entendimento, amostrando-nos ao lado do chronista espirituoso e correcto um romancista de primeira plana que bruscamente nos apparece feito.

Porque, como já o disse um critico, o romance de *Margarida* não é uma estreia promettedôra, é um trabalho completo; e o seu auctor não deve ser tido na conta d'um talento que se está constituindo mas na d'um grande romancista a mais que o nosso paiz possue já.

Em verdade, no romance do snr. Lourenço Pinto todas as condições que, quanto a nós, tornam completo este genero de litteratura acham-se preenchidas: a urdidura do entrecho é perfeita, todos os fios dos successos se prendem de modo a formar a unidade da trama; esses successos decorrem naturalmente e conduzem ás situações dramaticas sem o mais leve esforço; o dialogo, habilmente sustentado, esforça-se por conservar a nota verdadeira que grandes romancistas, Hugo entre outros, nunca souberam faser dar aos seus personagens; nas descripções o colorido é brilhante como a respectiva é rigorosa; os caracteres são copiados com fidelidade photographica do meio em que a acção circula; e a intenção moral do escriptor palpita em todo o decorrer da obra, tornando-se evidente o seu ensinamento na resultante que dão os caracteres pervertidos, como o de Adelina, ou as acções criminosas, como a de Fernando.

Os nossos applausos, pois, ao trabalho do snr. Lourenço Pinto, com certeza, depois do *Primo Bazilio*, o unico romance, de observação minuciosa e de execução superior, o unico verdadeiro grande trabalho de arte que ha visto a luz entre nós.

Esta admiração sincera que sentimos pelo livro do escriptor portuense não nos impede, todavia, de que sob pena do delicto de impertinencia, em que por ventura vamos incorrer, deixemos consignado o que nos parece defeituoso no trabalho de que vimos fallando.

Assim, a descripção do snr. Lourenço Pinto, por mais opulenta que se manifeste á primeira vista, não possue todavia o relevo, o poder de destaque, o dote proprio dos delicados nervosismos artisticos, de nos deixar vêr nos differentes planos os personagens e os objectos com essas suaves tintas de idealisação que fazem com que um candieiro cujo clarão duvidoso torce a ventania, uma cumeada envolta n'um largo manto pardacento de neve, uma rocha batida pela onda em furia, assumam imprevistos aspectos phantasticos.

Esta força de fazer ressumar o espirito das coisas possuem-a as naturesas romanescas, que, a largos traços, sem dispendio excessivo de côr e sem esforço, conseguem que as suas paginas palpitem da intensidade da vida que copiam.

(*Continúa.*)

A Redacção.

Enigma figurado

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA N.º 6

Quem escuta de si ouve.

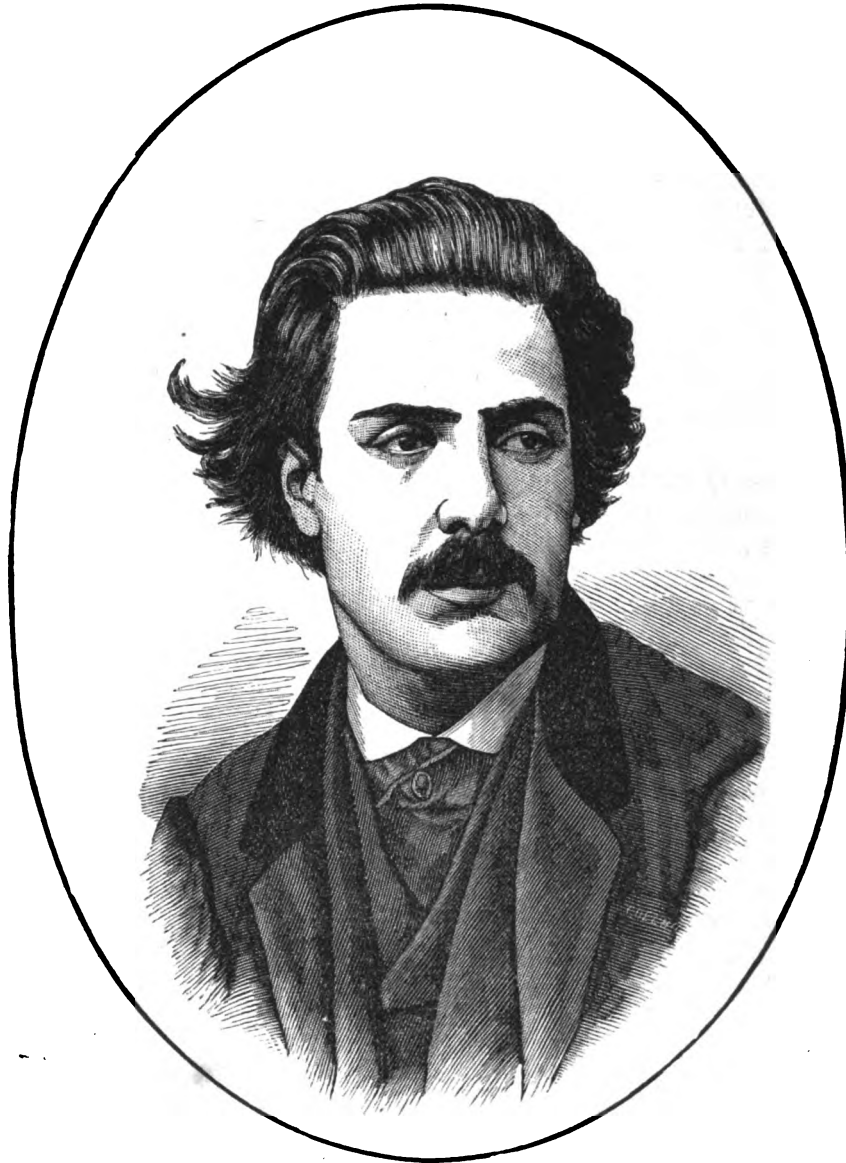
PORTO—TYP. OCCIDENTAL, RUA DA FABRICA, 66—1879.

GALERIA COMMEMORATIVA

DOS

ESCRIPTORES FALLECIDOS

VIII

JORNALISTA EORAD OR

NASCEU NO PORTO A 22 DE MARÇO DE 1845

FALLECEU NO PORTO A 26 DE JULHO DE 1874

GUILHERME BRAGA

INSIGNE POETA PORTUENSE

Cantor do sentimento e poeta fulminante!
No combate e no amor heroe por sua vez!
Calçavas egualmente a luva como o guante!
Foste Marte e Romeu! Oh! eras Portuguez.

GUILHERME BRAGA

Assim como na cupula celeste se contemplam corpos luminosos com luz propria, conservando entre si uma posição constante ou pelo menos subjeita a pequenas alterações, outros opacos que brilham com luz emprestada e ainda outros que seguem estes em seu curso, volteando á roda d'elles, assim tambem no firmamento da litteratura ha estrellas fixas, planetas e satelites.

Guilherme Braga é sem duvida um d'esses primeiros astros: nunca o poderemos confundir com os segundos, porque nunca plagiou, nem com os terceiros, porque jámais rodeou os segundos.

Guilherme Braga só deveu a si proprio o que foi, o que sabia e o nome que immortal se tornou nas paginas da nossa historia.

A sciencia tem uma só patria—o universo. Reune em seu proprio thesouro as riquezas dispersas por todo o mundo tornando-o seu tributario. O que a cultiva torna-se, por um limitado tempo, tambem cosmopolita; faz-se cidadão de todas as republicas; habitante de todas as nações; conduz-se de paiz em paiz estudando todas as leis, costumes, religiões e governos para um dia voltar ao seu lar e n'elle propagar uma lei, um costume, uma religião, um governo purificado de erros para engrandecimento e felicidade de sua patria.

Só o estudo eleva a natureza, e o homem que a elle se dedica exclusivamente não vive, não deve viver senão para saber e communicar.

É isto o que tem comprehendido um bom numero de celebridades creadas no nosso seculo e para o que se preparava o joven poeta de quem hoje nos occupamos.

—Poeta!—Muitos crêem que o poeta é inutil! que é um ente que só vive nos paramos do ideal e, por conseguinte, jámais póde ser um observador conciso do mundo physico! e que a poesia é uma arte de deleite!...

Que falso juizo! Que blasphemia!

A poesia é o sopro divino que eleva a natureza; nasceu com ella e com ella existe sempre: é a origem das pesquisas, das observações, dos principios, das emoções, o alimento da reflexão, finalmente, a alma de natureza: sem ella tudo se nos tornaria indifferente, não nos distinguiriamos dos brutos.

Do poeta, póde dizer-se: tem uma alma dupla: sente e combina a um tempo; reflexiona para melhor sentir e fazer sentir; o enthusiasmo com que expande os seus pensamentos é a luz radiante com que os clarifica e abrilhanta: inocula com muita mais suavidade o que deseja implantar.

Se o philosopho consegue descobrir as causas d'onde os outros nem os effeitos conhecem; se o orador consegue imprimir os seus pensamentos pela sua persuasão, o poeta, abrangendo tudo, impressiona pelo mimo das suas imagens: em vez de fazer meditar—inspira: expõe sem cançar, porque pinta, e é escutado com mais attracção porque canta; e todo este conjuncto especial cala mais imperiosamente em todos os corações, o resultado é muito mais prompto e decisivo.

Foram os poetas, nos seculos heroicos, os motores de muitas victorias alcançadas no campo das batalhas; serão elles ainda os iniciadores victoriosos do grande combate — a evolução.

Guilherme Braga, se o destino implacavel lhe não cortasse tão rapidamente a carreira, seria o heroe destinado entre nós a tão alta missão.

Discipulo de Victor Hugo, era poeta intimo e de combate.

Desde a aurora da sua primavera começou por surprehender os seus conterraneos com producções sublimes pela singeleza e espontaneidade com que se nos filtravam, predestinando o genio que mais tarde surgiria resplandecido pela aureola d'uma gloria immortal.

Era filho do honrado negociante da Praça do Porto —José da Silva Braga, e de D. Maria Emilia de Carvalho Braga, senhora muito distincta e de virtudes.

Mal despontava em seu meigo horizonte a edade das paixões quando lhe foram arrebatados pela implacavel e invisivel mão destruidora do destino, não só estes dois entes queridos, mas seus dois ternos irmãos —Victor e Maria Emilia.

Orphão e tão joven não ficou todavia desamparado: viu logo a seu lado um outro pae,— seu irmão mais velho—o snr. dr. Alexandre Braga, poeta de grande merito, unico protector que lhe restava, e que nunca o abandonou.

Apenas havia estudado a sua lingua e o francez quando, aos 15 annos de edade, as suas poesias lyricas eram escutadas e lidas com admiração.

Filiou-se na pleiade d'esses noveis talentos, que seguiram Custodio José Duarte—o iniciador da eschola hugolina—cujos nomes inolvidaveis já mencionamos no esbôço biographico de Ernesto Pinto d'Almeida, tambem contemporaneo.

Foi desde então que o já distincto poeta se entregou verdadeiramente ao estudo serio; cultivou o latim e o allemão e fez da *Grinalda* [1] o campo das suas conquistas.

[1] Referimo-nos á *Grinalda* de Nogueira Lima, publicada no Porto.

Bastariam essas formosas e eloquentes poesias lyricas e philosophicas para o engrandecerem, se não fossem do dominio do publico muitas outras, tanto patrioticas como de combate, que por elle proprio foram recitadas em varios theatros nos dias commemorativos ou adquados, sempre interrompidas pelo arrebatamento de milhares de espectadores, que não resistiam ao enthusiasmo de o applaudir freneticamente por cada estrophe que se lhe soltava dos labios.

As suas *Heras e violetas* são um bouquet de flores, cujo perfume eleva os corações á mais alta sublimidade, e os dois esplendidos poemetos *Falsos apostolos,* e *O Bispo* foram a corôa que ainda hoje remata o seu tropheu de glorias, como iniciador da poesia social portugueza.

Revoltado contra os que intentam ainda suffocar a liberdade — esse mote de Jesus — atrophiando cobardemente as consciencias do povo rude com fanatismos impossiveis, elle, o denodado poeta, transforma a sua delicada penna em afiado gladio e fulmina a reacção com golpes certeiros na arena da *Lucta* [1] ao som de seus hymnos de victoria.

Unira-se, mais tarde, pelos laços do santo amor conjugal a uma candida e angelica menina, dotada de todas as qualidades precisas para comprehender aquella alma e perfumar-lhe a existencia com o mais puro incenso de seu amor, cubrindo-lhe de flôres os espinhos que continuamente se multiplicavam na estrada que tinham de pizar: porém, era já tarde!... as forças do infeliz poeta iam-se lentamente abalando... a muita vida matava-o! e, como o cedro, que provoca o rancor das tempestades e por fim não lhes resiste, assim elle teve de ceder á implacavel saciedade da morte... baqueou.

Pouco tempo mediara entre a sua morte e a de sua estremosa esposa. Esta havia jurado uma vez para sempre unir-se ao destino de seu primeiro amor e voou a cumprir a sua promessa.

Assim desappareceram na profundeza do insondavel abysmo! Sem vida e sem vigor jazem unidos como viveram.

Amaram-se na vida, não podia a morte desligal-os! Descançam tranquillos; mais felizes! Já não soffrem os baldões do mundo insano! e o ardor, a chamma que os animou não se extingue jámais no gelo da campa, é ella mesquinha para apagal-a... só póde encerrar e corroer a materia... o espirito... esse tem por patria a immensidade, o seu viver é eterno.

Deixaram-nos, é certo, mas não se esqueceram de nós!... Doaram-nos — um — o nome; outro — o exemplo; e conjunctamente a esperança n'um filho, fructo de tão acrysolado amor, que, protegido e educado por seu tio, o irmão do finado, decerto proseguirá, com identico empenho, na lucta que seu querido pae encetára e pela qual se immortalisou.

A estes, pois, offerecemos esta singela, mas sincera commemoração. É mais um sentido e intimo suspiro de sympathia e saudade, que irá encontrar echo em seus corações, repercutindo-se depois no tumulo do irmão e amigo.

OSCAR TIDAUD.

[1] Periodico, que ainda hoje existe n'esta cidade do Porto, e que primitivamente se nominou *Diario da tarde*. Foi o primeiro orgão de evolução e por largos annos sustentou inabalavel as suas doutrinas.

POESIA INEDITA

Torna a bella estação de novo aos prados
A cobrir-lhes a pallida nudez:
Já das fendas dos muros arruinados
A madre-silva em flôr nasce outra vez.

Outra vez pelas arvores da estrada,
Que torna a revestir nova folhagem;
Da flôr da laranjeira embalsamada
Passa da noite a suspirosa aragem.

O rouxinol de novo aos arvoredos
Trina alegre seus canticos d'amor:
Murmura a fonte e geme entre os fraguedos
Que as heras vão cobrindo e o musgo em flôr.

Tudo sorri! De escuro véo funereo
A natureza eil-a a final despida:
Ai! até nas soidões d'um cemiterio
Tudo parece reanimar-se á vida!

E estas noites assim, quando calada,
Do astro dos mortos á sombria luz,
Vais sósinha de um morto na morada
De rosas brancas adornar-lhe a cruz;

Estas noites assim não te recordam
As bellas noites dos passados dias,
E de tu'alma os echos não acordam
As saudades do amor que então sentias?

Recordam, bem no sei. E sua frente
Vêl-a ainda em teu seio reclinar,
Cheia de luz da inspiração ardente
Que um teu beijo fizera rebentar.

Inda pensas ouvir na voz dos ventos
A sua voz, chamando nos espaços,
E nos echos, a todos os momentos,
Julgas, qual d'antes, escutar-lhe os passos.

Ai! então já na fronte do poeta
Se estendia da morte a pallidez...
E já de emtorno a ti vias inquieta
Descer a noite da fatal viuvez.

Mas os astros do céo, da terra as flores,
Os doces cantos da estação florida,
Afastando do tumulo os horrores,
Vinham de novo revocar-te á vida.

Vinham, e d'alma a luz não se apagava
Não se extinguia a doce luz da fé,
Que uma voz, que o Senhor a ti mandava,
Te dizia ao ouvido: «Espera e crê.»

Tu esperaste em vão. Cedo, bem cedo,
Veiu do céo o archanjo das saudades
Para junto de ti, calado e quedo,
Chorar tambem de um mausoleu nas grades.

Era muito, bem sei... Mas quando enxuta
Foste dos prantos da primeira dor,
A cruz tomando aos hombros, resoluta
Tu disseste: «Esperemos no Senhor!»

Sim! lá terás as luminosas palmas!
Tem fé, digo eu tambem, confia, espera.
Deus une sempre as separadas almas
Na eterna luz da eterna primavera.

Porto, 30 de janeiro, 1842.

GUILHERME BRAGA.

1.º DUQUE—D. PEDRO

Todos aquelles, a quem não são indifferentes as glorias da patria, certamente estremecerão de jubiloso enthusiasmo recordando-se da brilhante facção de que se originou o titulo de *Duque de Coimbra*, o primeiro titulo de *duque* que houve em Portugal.

Referimo-nos á conquista de Ceuta, nobre e esforçado commettimento, primeiro passo dos portuguezes para a gloriosa série dos nossos descobrimentos e façanhas nos seculos XV e XVI.

Achou-se na conquista de Ceuta (21 de agosto de 1415), e ahi se distinguiu por importantes feitos, o infante D. Pedro, filho d'el-rei D. João I. Querendo o monarcha premial-o pelos assignalados serviços que prestára n'esta gloriosa empresa, quando a armada d'esta expedição regressou ao reino abicando aos portos do Algarve, então o condecorou com o titulo de *Duque de Coimbra* em uma solemnidade publica que fez celebrar com grande apparato na cidade de Tavira [1].

O infante D. Pedro nasceu a 9 de dezembro de 1392, e foi o segundo filho varão d'el-rei D. João I e da rainha D. Filippa de Lencastre. Tinha 23 annos quando foi investido na dignidade de duque.

Creando este e outros titulos, o monarcha não só praticava actos de justo galardão, mas procedia conformemente aos dictames de uma sabia e prudente politica. Como a maior parte da nobreza de primeira ordem fôra partidaria de Castella nas contendas anteriores á acclamação de D. João I, sendo por isso despojada de seus bens e honras, muito convinha crear uma nova nobreza que servisse de appoio e sustentaculo á nova dynastia.

É este principe um dos vultos mais sympathicos que destacam na grande tela da historia de Portugal. A sua biographia dava para longas e brilhantes paginas. Por brevidade só apontaremos, muito em resumo, alguns factos d'este principe verdadeiramente grande, grande em tudo: na sabedoria, no valor, na prudencia, e grande até no infortunio.

N'uma epocha em que as communicações eram difficeis, o infante D. Pedro percorreu em instructiva viagem quasi toda a Europa, e ainda alguns paizes da Africa e da Asia; visitou os logares santos de Jerusalem; foi a Constantinopla e Babylonia, e tomou parte nas guerras da Italia e Allemanha, feito eternisado por Camões n'estes versos:

Olha cá dous infantes Pedro e Henrique,
Progenie generosa de Joanne:
Aquelle fez que fama illustre fique
D'elle em Germania, com que a morte engane.

(*Lusiadas*, canto VIII, est. 37).

Na menoridade de seu sobrinho, el-rei D. Affonso V, foi o infante D. Pedro nomeado regente do reino.

---

[1] *Chronica de D. João I*, 3.ª Parte, por Gomez Eannes d'Azvrara, cap. 100.

El-rei D. Duarte deixára determinado em testamento que, depois da sua morte, sua esposa D. Leonor governasse estes reinos emquanto seu filho D. Affonso não chegasse á edade de os governar por si; porém as côrtes celebradas em Torres Novas não estiveram pela disposição do monarcha, e nomearam o duque de Coimbra por defensor e regente do reino, allegando que *assy como a nós sómente pertence a emleger rey, se a real e legitima subcessão se extinguisse, e se nam guardaria em taal caso ho testamento nem disposição d'Elrey postrimeiro, assy pertenee a nós emleger agora regedor*.

Pouco depois assumiu o duque todos os poderes por acordo dos cidadãos de Lisboa, confirmado nas côrtes celebradas em dezembro de 1439 n'esta mesma cidade, não valendo os esforços que em contrario fizeram a rainha e seus parciaes e a propria politica de Castella.

Como regente prestou o duque de Coimbra importantes serviços ao paiz.

Foi durante a sua regencia que se concluiu o nosso primeiro codigo ou collecção systematica de leis conhecida com o nome de *Ordenações Affonsinas*, facto em verdade importante na evolução do direito patrio.

A prudencia e acerto do seu governo grangearamlhe a dedicação e amor do povo, do que dá testemunho o quererem os cidadãos de Lisboa erigir-lhe ainda em vida uma estatua.

A essa honra se oppoz o prudente principe, dizendo: «*Amigos, se a minha imagem alli, onde dizeis, estivesse esculpida, ainda virão dias, que em galardão d'essa mercê, que vos fiz, e d'outras muitas, que com a graça de Deus espero fazer-vos, vossos filhos a derribarão, e com pedras lhe quebrarão os olhos*» [1]. Esta resposta do sabio principe foi immortalisada pelo grande poeta Garção:

> Não, lusitano povo, eu não consinto
> Que estatua ao meu nome se dedique;
> ....
> Não queirais offuscar minha memoria,
> Provocando-me a collocar no solio
> Um injurioso exemplo da vaidade,
> Um padrão da lisonja. A fama illustre
> Deve durar na tradição intacta,
> Sem a nota de fragil. Fóra impropria
> A gloria que me dais, se n'essa estatua
> Descobrissem os seculos futuros
> As maculas horrendas da vangloria.

[1] *Dialogos* de Pedro de Mariz, dial. IV, cap. 7.º

> Vós mesmos, vossos filhos, vossos netos,
> De tão clara doutrina convencidos,
> Ou do tempo melhor aconselhados,
> A mesma estatua, que quereis attentos,
> Agradecidos hoje levantar-me,
> Ámanhã se veria derribada
> Em pedaços jazer: com páos e pedras
> Os olhos lhe tirarem; que a fortuna,
> Ligada co'a inveja e c'oa soberba,
> Não deixa durar muito os elogios.
> ....

Chegando seu sobrinho á edade de 14 annos, o infante D. Pedro lhe fez entrega do governo. Sobrevieram depois intrigas de cortezãos, seus emulos e inimigos, os quaes conseguiram malquistal-o no animo do monarcha. D'ahi se originaram graves discordias que deram em resultado a desgraçada morte do infante em Alfarrobeira a 20 de maio de 1449.

«Foi indigna de suas grandes virtudes a morte com que acabou (paga vergonhosa e costumada do mundo, para que ninguem se engane com elle, e segredo do Altissimo); morreu em uma batalha (chamam-lhe de Alfarrobeira as memorias antigas), em que só elle era buscado, e quasi só elle morreu, merecendo só viver [1].

O poeta conimbricense Antonio Ferreira dedicou á memoria do desditoso duque de Coimbra o epitaphio seguinte:

> Filho segundo d'el-rei João primeiro,
> Tio e sogro d'el-rei Affonso quinto,
> Vês-me em premio de amor tão verdadeiro
> De pó coberto, de meu sangue tinto;
> De ingratos morto, e em morte prisioneiro,
> Lê minha triste historia que não minto.
> A fama dá de mim fé verdadeira;
> De injusto e cruel odio, Alfarrobeira.

Jaz o infante D. Pedro no mosteiro da Batalha em soberbo mausoleu, que seu pae lhe destinára na capella denominada do *Fundador*, onde este tem tambem a sua jazida.

Coimbra, 1879.

A. MENDES SIMÕES DE CASTRO.

[1] *Historia de S. Domingos*, por fr. Luiz de Sousa.

AOS EMIGRADOS HISPANHOES

Eu quero-vos saudar tambem, Expatriados!
foragidos irmãos, heroes, a quem o brio
fez um dia deixar os bellos ceos calados,
e em troca ir demandar... a fome, o pranto e o frio!

Eu quero-vos saudar. Vós sois os degredados
pela idêa do justo!— Um rude deus sombrio
vos roubou patria, lar, os campos semeados,
e os olhos da Mulher como um luar macio.

Por isso vós choraes a patria e os vossos lares,
emquanto que os clarins retumbam pelos ares,
e a Europa vê marchar uma ignobil horda:

mas deixai, mas deixai, na guerra espessa e bruta,
batalhar toda a terra e o sangue encher a lucta,
a vêr se Deus ouviu, vêr se a Justiça acorda!...

Lisboa, 1879.

GOMES LEAL.

O PINTOR

ROMANCE HISTORICO

(Continuação)

— Oh! e quem sois vós? — perguntou o pintor arrebatadamente.

— Sou o mesmo que ainda ha pouco vos fallou alli, no centro d'aquella rua.

— E que pretendeis?

— Impedir-vos de praticar uma loucura.

— Na verdade que sois bem curioso para assim espreitares os meus passos! que vos importa?

— Mancebo, não vos irriteis. Quem vos obriga a esta fatal resolução.

— A desgraça...

— Não tendes um meio de vida pelo qual possaes alimentar-vos, para assim quereres pôr termo á existencia?

— Tenho. Sou pintor...

— Como? — atalhou o desconhecido — e não achastes quem vos désse que fazer em Bruxellas?

—Não, senhor.

— E como viestes aqui ter? Sois extrangeiro: contae-me a vossa vida, moço, talvez vos possa ser util.

— Pois bem, ouvi-me: chamo-me Affonso Sanches Coelho, e sou portuguez; fui pintor da Côrte de D. Joanna, irmã de vosso rei D. Filippe II, era amado por ella como se fôra seu filho — oh! que tempo tão feliz era aquelle!... a minha sorte, porém, já estava dictada e eu devia cumpril-a. Entre as damas fidalgas de Lisboa havia uma, linda como um anjo do céo e pura como a rosa que vegeta no prado: Luiza Reynalt era o seu nome. Desde a primeira vez que nos olhamos amamo-nos mutuamente. Eu amava Luiza com aquelle amor que Deus poz nos corações sensiveis, amava como os passarinhos o raiar da aurora!.. amava-a... como ainda a amo. Ousei dizer-lh'o; a minha confissão não foi, repudiada —Oh! aquelle dia foi o mais feliz da minha vida e tenho aqui (collocando a mão no peito) gravadas as suas palavras, como se fôra hoje que aquella divina bocca as pronunciasse e que os meus ouvidos as escutassem! Desde este dia nos amamos com a maior ternura... porém... ai de mim!... aquelle amor, que tão bem cultivado era, não pôde vegetar!... O pae de Luiza, era nobre, não consentia, portanto, na união de sua filha com um plebeu!... miseravel!... que queria que eu tivesse nobreza e ouro, como se a fôra comprar! Apenas soube dos nossos amores, quiz atalhar ao mal e cortal-o pelas raizes como se fora tempo! Sahira de Portugal e trouxe comsigo Luiza: eu, porém, não desanimei; com algum dinheiro que possuia metti-me a caminho e segui-os. Como viessem bem montados e eu a pé, não pude alcançal-os e perdi-os de vista.

—Infeliz!—balbuciou o desconhecido.

—Perguntava a todos e ninguem me sabia responder! O pouco dinheiro que me restava acabou-se e vime reduzido á miseria. Offereci-me a tirar retratos e ninguem os queria!... Cheguei, finalmente, a esta cidade, onde vagueio ha dois dias, e a fome se apodera das minhas entranhas... vi que não podia resistir por mais tempo e resolvi pôr termo á minha triste vida; e esta resolução foi tomada alli, onde ha pouco me encontraste pela primeira vez. O resto... vós o sabeis.—

O desconhecido, commovido ao ouvir a triste narração do joven artista: apertou-lhe cordealmente a mão e disse-lhe:

— Mestre Affonso Sanches, quero valer-vos: desisti, pois, d'essa loucura e cobrai animo. Eu desejo que me tireis o meu retrato; aqui tendes algum dinheiro por conta. Já é muito tarde e vós precisaes de tomar algum alimento e repouso: ide, pois; com esse dinheiro podeis facilmente achar um abrigo e que comer. Exijo, porém, que me façaes um bilhete, pelo qual vos obrigueis a tirar o retrato á pessoa que vol-o apresentar.

Tirou de baixo da capa uma carteira, rasgou uma das folhas em branco, e apresentou-a ao pintor.

De boa vontade — respondeu o artista — mas aqui, com este escuro, não o posso fazer.

— Vinde comigo, e alli, debaixo d'aquella alampada o escrevereis.

Ambos se encaminharam para o logar que o desconhecido tinha designado: era junto a um nicho, onde se achava uma imagem de Nossa Senhora. Quando ahi chegaram, o embuçado escondeu com mais cuidado o rosto debaixo da capa.

— Escrevei assim: «Obrigo-me por meio d'este bilhete, a tirar o retrato á pessoa que m'o apresentar.» E assignai-vos.

O pintor escreveu o que lhe fôra dictado, assignou-se e entregou-lhe o papel.

— Muito bem, Mestre Affonso, gosto da vossa condescendencia e tenho fé em Deus que tambem hei-de gostar dos traços do vosso pincel. Adeus, ide repousar, qualquer dia nos tornaremos a vêr, breve tereis noticias minhas.

O desconhecido ia a afastar-se, mas o pintor deteve-o e perguntou-lhe:

— Não poderei saber quem sois, senhor?

— Não posso dizer-vol-o agora, mas cedo o sabereis: espero que respeitareis o meu incognito.

— Basta, senhor.

— Mestre Affonso Sanches, adeus — e estendeu-lhe a dextra.

— Adeus — disse o pintor apertando-lhe a mão.

E separaram-se.

A. Moraes.

(Continúa.)

AO CAHIR DA TARDE

Que doce harmonia,
que santa poesia
minh'alma enebria
qual sonho d'amor.
A noite cahindo
e a tarde fugindo
nos mostra sorrindo
da lua o palor.

Oh! dai-me, poetas,
as notas secretas,
as vozes dilectas
do vosso cantar.
Pois tu, natureza,
com tua bellesa
suave tristesa
me vens inspirar.

Na mente gravados,
dos tempos passados,
os sonhos alados,
perdidas visões,
Oh! tudo esvoaça,
qual fumo que passa
da lubrica taça
nos aureos salões.

Da vida encantada,
dos sonhos de fada,
que resta hoje? Nada,
já tudo morreu!
As louras esp'ranças,
as gratas lembranças,
embalam creanças,
ó almas do céu.

Assim como as rosas,
mais bellas, formosas,
se vão desditosas
perdendo no chão,
tambem esta vida,
dos sonhos despida,
é sombra perdida,
é triste visão.

Oh! magos perfumes,
oh! candidos lumes,
que vertem ciumes,
que tremem d'amor!
Já hoje não cingem,
a fronte da virgem,
na louca vertigem
do seu trovador!...

Que doce harmonia,
que santa poesia
minh'alma enebria
qual sonho d'amor!...
A noite cahindo
e a tarde fugindo
nos mostra sorrindo
da lua o palor.

Costa Goodolphim.

APONTAMENTOS DE VIAGEM

Um traço do caracter allemão:

Max-Müller, o eminente philologo da universidade de Oxford, chegára a Pariz, no principio da sua vida litteraria sem dinheiro nem protecção.

Annunciando-se como professor de linguas antigas e modernas, teve que esperar alguns mezes, primeiro que a fortuna lhe começasse a sorrir.

A lucta é o distinctivo de todo o homem moderno. Max-Müller luctou e venceu. Ao cabo de certo tempo entraram-lhe pela porta dentro dois rapazes, da alta sociedade, que desejavam aprender Sanskrito.

Ora devemos advertir que o illustre auctor da *Philologia comparada* não sabia Sanskrito. Pensando porém, e ajuizadamente que d'alli lhe poderia advir a reputação, metteu-se em brios, e respondeu aos seus pretendentes que o procurassem dentro de quinze dias.

Max-Müller começou então a estudar, como um desalmado; não hesitou um instante sequer; proseguiu corajosamente nos seus trabalhos de linguistica e fez-se professor de Sanskrito.

O caso é que quando os seus dois discipulos fizeram exame, n'uma eschola de Pariz, um dos examinadores, admirado do modo, porque elles respondiam ás interrogações que lhes eram feitas, perguntou quem tão brilhantemente os havia leccionado n'aquella lingua.

—*Max-Müller!*—disseram.

N'esse mesmo anno ainda, foi Max-Müller chamado para fazer parte do jury dos exames; e hoje é este habilissimo professor o primeiro, conhecido do mundo, na sua especialidade.

*

* *

A lingua franceza tem sobretudo, como nenhuma outra lingua do mundo, o caracter *mignon*, se assim nos podêmos exprimir. Por isso ella se presta tambem, como nenhuma outra, e com extrema facilidade, a um grande e variado jogo de palavras; e por isso talvez, escrevia M.me de Stael—emquanto o francez tem uma idéa o allemão tem dez.

Mathematicamente, pois, as idéas estão na proporção de 1 para 10 da França para a Allemanha, o espirito o contrario—na rasão de 1 para 10 da Allemanha para a França.

Vejamos um pequeno exemplo muito conhecido attribuido a Victor Hugo *dans les pays des francs* (sem calembourg.)

Alfredo de Musset frequentava rarissimas vezes a Academia de Pariz.

Uma occasião, ao entrar, deparou-se-lhe Victor Hugo que lhe sorriu meigamente com a seguinte exclamação:

— *Il parait que vous vous absynthez* (absentez) *trop, Mr. de Musset!...*

Ao que o illustre auctor do *Jacques Rolla* nada respondeu.

*

* *

Salmeron reside, actualmente, em Pariz com sua esposa n'um quinto ou sexto andar, escrevendo correspondencias e trabalhando em investigações scientificas.

Tem um philosopho que adora—Krause. É metaphysico *à outrance* e passa hoje pelo primeiro philosopho hispanhol.

A avaliar pelo modelo temos que uma das causas da falta de organisação politica na Hispanha e da ausencia de unidade, em geral, é incontestavelmente o predominio da metaphysica.

Por isso Salmeron teve que suspender as suas conferencias em Pariz onde a corrente philosophica é completamente outra e o movimento scientifico diverso.

Entre a Hispanha e a França, ha pois, o abysmo que vai de Krause a Littré!

*

* *

Ainda um outro defeito dos hispanhoes — fallam demais e compromettem-se muito!

Zorrilla encontrava-se n'um café de Madrid, conversando com um republicano, seu correligionario, á cerca de politica, quando por acaso, se approximou d'elle um militar trajando á paisana, com intenção manifesta de prender o seu companheiro politico.

Então Zorrilla, indignado, estygmatisou semelhante proceder e vociferou mesmo algumas palavras contra o governo do sr. Canovas del Castillo.

O intruso então, atalhou:

—E quem é o snr. para assim me fallar?...

—Eu sou D. Manuel Zorrilla, ex-presidente de conselho de ministros.

—Era isso precisamente que eu desejava saber.

E prendeu-o sem mais preambulos.

Por onde se prova que os hispanhoes são em geral pouco atreitos a estadistas.

*
* *

Os francezes são o contrario. Sabem ser politicos.

Jules Simon distribuia os premios na *Associação philotecnica* de Pariz, de que é presidente.

Quando chegou a vez do primeiro professor, philologo muito illustre, elle disse-lhe em voz baixa:

—Meu amigo, não esqueça a philologia, mas tambem não esqueça nunca a propaganda que é a nossa vida!

E entregou-lhe o diploma.

Em contrario a isto temos Ernesto Rénan, que ha muito foi agraciado com a *Grã-cruz* da *legião d'honra,* mas que todavia ainda não está officialmente reconhecido como tal, pelo simples facto de haver escripto a *Vida de Jesus.*

O fanatismo, que é um crime em religião, é, pelo contrario, uma virtude em politica.

*
* *

Emilio Zola, o celebre romancista da actualidade, volta-se para sua creada Augustine e recommenda-lhe que não está em casa para pessoa alguma.

—Sobretudo, replica elle, não estou em casa para esse rapazelho d'esse Balzac que pretende já ser o meu *successor no romance.*

*
* *

Lamartine, depois de ter consumido milhões, careceu no fim da sua vida, que lhe promovessem uma subscripção nacional para poder viver.

Alphonse Karr recorreu ás violetas do seu jardim de Nice e mandou-as vender em Pariz. D'isso vive actualmente o espirituoso escriptor. As violetas de Karr passaram á moda e ao *chic* pariziense.

Offembach, ganhando, na sua viagem á America, um milhão de francos, está pobre e doente. No entanto a generosidade dos amigos ainda o traz alimentado do *champagne* e de bolos—seu unico prazer.

Chama-se a isto—a vida dos contrastes!

Lisboa, 1879.

MAGALHÃES LIMA.

RACHEL

Não sei que mal te fiz,
Nem sei o que mais queres;
Caprichos de mulheres,
Vinganças feminis.

Ha tempos n'amplidão
Procuro a nossa estrella
E não consigo vel-a
Por entre a cerração.

Tal é a nuvem, vê,
Que aos olhos meus envias,
Ensombras os meus dias
Sem eu saber porquê.

Não sejas tão cruel,
Nem vás a pouco e pouco
Envenenando um louco
A propinar-lhe fel.

Não escarneças mais
D'um culto assim secreto;
Jámais se paga o affecto
Com ironias taes.

O negro e denso véo,
Que a noite desenrola,
A mim não me consola
Que eu já não olho o céo.

Mas, ai! formosa houri,
Da perfida miragem,
Irei como a folhagem
A' terra onde nasci.

Mas tu és boa; e sei
Que em noites de ventura
Transformarás a agrura
Dos transes que passei.

E juro nem siquer
Contar a minha historia...
Vingança transitoria
De uma gentil mulher.

Vizeu.

FRANCISCO DE MENEZES.

LEONOR

Tão conhecida no mundo é esta formosa princeza, irmã do Principe — duque de Ferrara, por ser, segundo tradições, o enlevo d'alma do infeliz poeta Torquato Tasso, contemporaneo do nosso immortal Camões.

Goëthe apresenta-a como uma alumna de Platão: tão digna como Diotima de discursar no Banquete dos sabios.

De certo ella repetiria todas as manhãs aquella prece attica que os Gregos evocavam a Venus: «*Permitti que nada digamos que desagrade, e que nada façamos que não seja agradavel.*»

Tudo, emfim, n'esta mulher respira graça e reserva; razão e respeito; circumspecção e delicadeza.

Nos contos de fadas figuram princezas, que espalham preciosas perolas de seus labios de coral; pois os de Leonor, quando articulam, parecem semear folhas de oliveira... tão doces, tranquillas e delicadas são as suas fallas!

Ama, mas sabe conter o seu amor entre o pudor de mulher e a altivez de princeza.

No quadro que hoje offerecemos, destaca-se a imagem da bella Leonor, cercada por sua côrte, no jardim da Villa de Belrignado. Emquanto as suas damas discutem sobre o poema de Tasso—esse immortal poema que o poeta alli havia offerecido ao principe e por que foi coroado pelas proprias mãos de Leonor com a corôa que a mesma havia depositado na fronte do busto de Virgilio — a princeza dirige amavelmente algumas perguntas ao timido poeta que apenas responde sem ousar levantar os olhos.

O que aquelles dois corações não sentem?!

Ambos se amam e ambos conhecem a impossibilidade de seu amor! As leis sociaes distanceam aquellas duas almas que o amor pretende unir!

Como Beatriz foi de Dante e Laura de Petrarcha póde Leonor ser de Tasso... o seu anjo da guarda, a sua musa, a sua protectora, mas nunca a sua amante ou esposa.

Eis o martyrio dos dois... eis a desgraça de Tasso.

Á historia comtudo têem serzido exageradas torturas e horriveis soffrimentos. Por muito tempo o infeliz poeta foi comprehendido como um furioso, agrilhoado a um pilar de pedra, n'uma masmorra escura, humida, nauseabunda; cercado de espectros medonhos e disformes soltando gargalhadas infernaes! A critica, depois, limitou um pouco esta horrivel poesia; mas ainda assim, a prosa da realidade é bem triste.

Resumamos a sua historia em duas palavras:

Tasso, de facto, não soffreu verdadeiramente o peso das gargalheiras nem as torturas da inquisição, mas foi internado n'um hospital como um alienado inofensivo... um idiota!

Por uma cynica benevolencia deixavam-no sahir algumas vezes a cumprir as suas devoções, a assistir a uma mascarada ou a um torneio. De quando em quando, as princezas, para deleite seu, obtinham licença do duque para que o pobre fosse a seus palacios. Elle então comparecia, sempre humilde e timido, ante essas soberbas damas que o forçavam a fallar sobre qualquer coisa.

«Ragionasse d'alcuna cosa» diziam ellas do alto de seus pedestaes. «O que é o amor?» lhe perguntou uma vez a princeza Marfiza, e um dia todo o fez discorrer sobre aquelle assumpto para desfastio das socias da Casa d'Este—que tanta figura faz na historia e que tão pouca reputação merece.

Assim, pois, viveu sete annos n'este martyrio lento e moderado, mas mais vexatorio e cobarde do que o d'aquelles que chegam a sentir o sybillar do cutello ou a vêr a aureola da fogueira.

Quando finalmente lhe deram a liberdade, Tasso era apenas a sua sombra! Aquelle fogo ardente que lhe encendiava a alma havia-se extinguido completamente. O poeta da *Jerusalem libertada,* pedia esmola a todos os principes da Italia! A um pedia uma capa para se resguardar do frio. A outro—«*la salata di domani a sera*», Por toda a parte procurava *una servitú!* O *escravo* habituara-se ao jugo!... A liberdade incommodava-o!... tinha a nostalgia do servilismo! O seu caracter e genio subjeitaram-se a todas as baixezas do parazitismo e da cobardia.

Teme a censura da inquisição sobre as volupias de Arminda e as virtudes de Clorinda, e desforma o poema hypocritamente lavando com agua benta todas as paginas amorosas! A *Jerusalem libertada* torna-se a *Jerusalem conquistada!* O nobre templo da Renascença, decorado de estatuas semi-nuas, mesclando, na decoração ideal os arabescos musulmanos com as flores do Calvario, transformara-se, n'uma igreja jesuitica cheia de alegorias mysticas, beaticas, piegas.

A causa, porém, porque Tasso soffreu este miseravel castigo é ainda um ponto escuro na historia: embora passem como veridicas as amargas invectivas do poeta contra os promotores da sua injusta perdição, a espada que desembainhou contra Antonio Montecatino no palacio do principe, e a tradição d'uma carta d'amor dirigida á princeza Leonor, e um beijo... tudo isto não passa d'uma lenda.

OSCAR TIDAUD.

DO QUADRO DE KAULBACH E GRAVURA DE J. L. RAAB

LEONOR.

UM DANDY

(Ao EX.[mo] CONSELHEIRO A. M. CAU DA COSTA)

Elle, o *pur dilettante* do Chiado,
passeia de caleche, verde-negro,
fumando o puro havano perfumado.

E na Havaneza em estudada *pose*
aguarda, de gravata radiosa,
a figura gentil d'actriz nevrose.

De noite espreita as pallidas *cocottes*
dá-lhes orgias, deslumbrantes ceias
e diz-lhes de Bocage uns certos motes.

O pae na Beira, lavrador ignaro,
a poder de suor engrossa, engrossa
o patrimonio de seu filho caro.

E elle em banquetes lautos, infernaes,
estraga dez cearas; e n'um dia
joga d'um anno as lides paternaes!

Portalegre—1879.

C. BOAVENTURA.

A FESTA DAS FOGAÇEIRAS

NA VILLA DA FEIRA

Apezar das nossas laboriosas investigações não logramos descobrir a epocha verdadeira, em que foi instituida esta festa das Fogaçeiras: não rezam d'ella os foraes da camara. Comtudo podemos remontar a sua origem ao tempo dos condes da Feira, descendentes de D. Edmundo, irmão de Deziderio, rei dos Longbardos, senhores e donatarios d'esta pequena villa, edificada entre os rios Mondego e Douro.

Rezidiram sempre os condes no seu palacete, hoje desmoronado, onde tinham tambem a sua capella, [1] construida primorosamente em forma d'hexagono com tres coretos, que se correspondiam interiormente com o palacete. Era situado ao pé do alto e antiquissimo castello gothico, que se vê eminente á villa e que hoje não é mais que um acervo de ruinas.

[1] Tem a invocação da Nossa Senhora da Encarnação, festejada a 25 de março.

Penetrando-se dentro d'esta muralha, vemos ainda uma sala quadrada e vestigios de tres fogões, nas paredes; e subindo-se por uma escada de pedra em espiral, encontramos um eirado de pedra, tendo a cada canto uma torre, entre ameias e setteiras. Proximo á entrada d'este castello ha um poço de grande altura, ladeado por uma escada de pedra em espiral, com janellas d'espaço a espaço, que conduz até o fundo, e a mais alguma distancia um subterraneo abobadado com argolas de ferro nas paredes e bicas de pedra, aonde talvez os encarcerados acabariam os dias da vida amarrados ás argolas e mettidos n'agua, sem verem uma restia de luz.

Ainda no anno de 1560 vivia no seu palacete o quarto conde da Feira, D. Diogo Frogare e sua mulher a condessa D. Anna de Menezes. A' sua particular devoção e piedade deveu-se a edificação do mosteiro [1] na villa, perto do castello, e a escolha da congregação dos conegos de S. João Evangelista por ter n'ella o conde dois irmãos, Rodrigo da Madre de Deus e Leoniz Santiago.

Concluida que foi esta obra monastica, agradou tanto aos habitantes da villa a sua igreja, que não descançaram em quanto não conseguiram da congregação tornal-a igreja parochial. E seja dito de passagem —é uma das igrejas magestosas de Portugal, d'uma nave só, mas amplissima, architectura dorica, com jaspes e marmores finissimos na capella-mór, aonde estão dois tumulos d'alabastro brancos, vermelhos, e negros; um com esta inscripção—Sepultura de D. Manoel Pereira, terceiro conde da Feira, etc.—o outro—Sepultura de D. Diogo Forjare, quarto conde da Feira, etc.—e no cruzeiro da mesma capella-mór, obra de finissima pedraria, está outra sepultura com este epitaphio—Aqui jaz o muito reverendo padre Rodrigo da Madre de Deus, filho do conde D. Manoel Pereira, etc.

No tempo dos condes, segundo a tradição, uma epidemia devastou implacavelmente a villa; e elles, valendo-se da protecção de S. Sebastião, prometteram festejal-o todos os annos com missa cantada, Santissimo exposto, sermão, procissão, e com a offrenda de treze brôas de pão doce, chamadas fogaças [2] benzidas no acto da festa.

Com effeito a epidemia desappareceu e os condes da Feira cumpriram religiosamente o voto até o anno

[1] Denominado impropriamente dos frades loyos ou de Santo Eloy, costume vulgar d'este reino dar ás religiões o titulo derivado d'algum principal mosteiro.

[2] Broas de differentes tamanhos, compostas de trigo, assucar e ovos, d'aspecto agradavel e excellente gosto.

de 1702, em que a casa dos condes, pela extincção dos mesmos, passou no tempo de D. João V para a casa do infantado. Depois d'este acontecimento as pessoas mais nobres e abastadas da villa encarregaram-se d'esta festividade e cumpriram o voto dos condes por espaço d'alguns annos, até que afrouxando a devoção deixaram de festejar o santo.

Decorridos annos, reappareceu na villa a epidemia e com tal força que apavorou toda a população. Depressa a viuvez e a orphandade invadiu o poleiro do rico e a choupana do pobre. O povo attribuiu o reapparecimento do flagello á relaxação do voto e pediu á camara municipal, para que esta, continuando o exemplo dos nobres condes da Feira, se encarregasse de fazer a mesma festividade a expensas suas. A camara accedeu de bom grado á vontade do povo e obteve do infante D. Pedro III, uma provisão para celebrar a festa annualmente e com a mesma offrenda das tres fogaças benzidas, que seriam conduzidas na procissão por tres homens e repartidas depois por todos os habitantes da villa. E para mais brilhantismo da festa estatuiu que seriam obrigadas a comparecer na procissão as cruzes parochiaes das freguezias mais proximas, toda a policia da villa e concelho, e que a mesma camara assistisse á festividade e incorporasse na procissão com o seu estandarte.

A' medida que a população cresceu, cresceu tambem o numero das fogaças, que já eram conduzidas por donzellas de vinte e cinco annos e pouco tempo depois por meninas de nove a doze annos, preferidas ás expostas, recebendo todas da camara uma pequena gratificação. Desde então a festa, em honra do martyr, tem sido feita com todo o esplendor na igreja parochial do mosteiro, concorrendo muito para o seu luzimento a assistencia das Fogaçeiras, toucadas de flores e vestidas elegantemente de branco.

Na festa brilham meninas,
entre devotas romeiras,
mimosas, como boninas,
chamadas as—Fogaçeiras,
de branco todas vestidas,
por voto assim promettidas.

E' o dia vinte de janeiro o dia d'esta esplendorosa festividade, dia festivo e alegre para todos os Feirenses.

Repicam todos os sinos,
na igreja do mosteiro,
alegres sôam os hymnos
ao Santo Martyr, guerreiro,
que, de mãos e pés ligado,
foi n'um poste asseteado.

Acabada a festa, desfila a procissão pelas ruas da villa, juncadas de flores e apinhadas de povo.

E' da festa aquelle dia
para devotos e crentes,
que todos correm contentes,
em alegre romaria,
a depôr aos pés da imagem
seus votos em homenagem.

Abrem a procissão todas essas Fogaceiras, que abrilhantaram a festa com a sua fogaça benta, fechando este cortejo uma outra que conduz á cabeça um castellinho de madeira, pintado, alludindo a esse velho e derrocado castello, que com as suas ameias, cobertas de musgo e heras, se debruça melancholico por cima da villa, pelo lado do leste. E todas estas Fogaçeiras

Traziam no peito flores
e cintos de lindas côres
nos seus vestidos de caça,
a bandeja á cabecinha,
e com uma bandeirinha,
fluctuando na fogaça.

Recolhida a procissão, voltam as Fogaçeiras, acompanhadas da camara, aos paços do concelho, onde são partidas ás fatias todas as fogaças e distribuidas a ellas, que n'aquelle dia as offerecem a todos os habitantes da villa, e nos seguintes ás pessoas mais gradas, nas freguezias do concelho.

S. Martinho d'Escapães.

LUIZ DE MESQUITA.

OCCASO

Emquanto nos rochedos vão batendo
Com lentidão as vagas espumosas,
Eu vou lançando a vista
Por sobre as praias tristes e saudosas
E, vendo o sol no occaso esmurecendo,
Minh'alma se contrista.

E scismo então:—Tudo desmaia... tudo
Inerte cáe, perdendo o aroma infindo,
A essencia delicada...
E esse teu rosto peregrino e lindo
Tambem—oh! dor cruel!—o heide ver mudo,
Ó minha bem-amada!...

Ancora—1879.

ABILIO MAIA.

DUAS PALAVRAS DE MEDICINA

«GRÁOS DE CERTEZA, UTILIDADE E DIGNIDADE»

Homens dedicados trabalham, ha mais de dois mil annos, no engrandecimento da sciencia!

Muitos trabalhos, e resultados escriptos provam exuberantemente a intelligencia e conhecimentos d'esses homens. As experiencias, raciocinios, e meditações de milhares de apostolos scientificos, são o cabedal de que dispõe o medico de hoje para pôr, com a propria experiencia, criterio e razão á disposição da humanidade. Após tudo isto será crivel, que a medicina seja uma chimera?!. A sciencia medica será apenas uma agglomeração de palavras, euphonicas sim, mas sem valor real?!. De hypotheses sem base, de theorias futeis?!.. O medico á cabeceira do enfermo será perfeitamente inutil? não conhecerá a natureza da molestia, nem o perigo, nem meio efficaz a oppôr-lhe?!. Ao simples senso-commum repugna decerto a resposta affirmativa; todavia quantos *pobres de espirito* com o fim de se mostrarem *espiritos fortes* ridicularizam a medicina e os medicos?!. como se os serviços, que prestam, os não collocassem ao abrigo do sarcasmo?! Quantas vezes nas epidemias devastadoras o medico paga com a vida a sua dedicação! Quando todos fogem ao perigo, o medico vai procural-o. Quando, ha pouco, na guerra do Oriente a peste negra se manifestou em diversas localidades lá foram sacrificados muitos com o fim de estudarem a molestia!

Verdade é que alguns renegados ministros da sciencia proclamam a sua inefficacia, exercendo, apezar d'isso, a profissão, o que é n'este caso um abuso de confiança, manifesta burla, porque vão receber a remuneração d'um serviço, que elles téem a certeza de não poderem prestar!.. Ai do doente, que se entrega nas mãos do *sabio* sem crenças medicas, d'aquelle, que pergunta o systema pelo qual quer ser tratado, como se o enfermo-leigo pudesse dar a preferencia com conhecimento de causa, quando os proprios medicos divergem entre si, seguindo uns a Allopathia, outros a Homœopathia, isto por convicção e não por interesse, porque dos ultimos, verdadeiros mercenarios, nunca nos occuparemos! Quem mostra mais serena coragem? O militar embriagado com o cheiro da polvora, no ardor do combate, não está a sangue frio, não póde parar... incitam-o a ambição da gloria, a repugnancia, a covardia e o exemplo dos camaradas; o medico entra no quarto do enfermo de molestia contagiosa e grave tranquillamente—quando a propria familia o não, faz!—ausculta, apalpa o doente, recebe-lhe o halio, as emanações! Aqui é unicamente o cumprimento da sua missão, que o determina. A exigua e miseravel paga da visita não levaria talvez junto do leito nem o mais necessitado maltrapilho, com receio do contagio! Todavia muitas vezes nem conhecido era do enfermo. É esta a verdadeira coragem do dever.

A medicina poderá hoje dizer-se positiva, haverá n'ella alguma certeza? Os actuaes meios de exame para o diagnostico, a anatomia pathologica, a descoberta de muitos agentes therapeuticos, provam que é bem mais positiva, do que já foi, e que em grande numero de casos ha certeza da séde, extensão e qualidade da molestia.

Além de que dispõe de meios capazes de a debellarem!

A ignorancia de muitas causas das affecções, a grande variedade de condições individuaes impedem de combater aquellas, destruindo todas as combinações therapeuticas?

Decerto, não. A causa intima, primaria, essencial, é em tudo desconhecida: basta conhecer os effeitos. A essencia da gravitação, da afinidade, são acaso melhor conhecidas? E todavia sabe-se a orbita descripta pelos astros, explicam-se e obteem-se as diversas combinações chimicas.

Póde saber-se muito, mas é impossivel saber tudo. Em todas as sciencias ha um limite, além do qual a razão humana não passa. Porque seria a Medicina uma excepção? Aqui basta observar os phenomenos, e conhecer as suas relações. Para dissipar muitas duvidas, e tomar resoluções importantes é inutil ultrapassar a esphera dos factos sensiveis!..

E' certo que a variedade individual é o maior escolho do exercicio clinico para o verdadeiro medico, todavia ha regras geraes, principios, que o guiam primeiro, e as observações feitas no seu doente com sagacidade levam-o rapidamente ao perfeito conhecimento do enfermo, tratando-o então com toda a segurança.

Desconhecendo-se na maioria dos casos o modo de obrar dos remedios, será prejudicada a practica da arte?!..

Os bons resultados serão devidos ao acaso, á natureza, ou á acção dos meios empregados?..

E' evidente que seria vantajoso saber o *porque* da acção curativa, porque seria facil achar medicamentos substitutivos racionalmente, sabida tambem a causa da molestia, isto em vez de serem descobertos casualmente... póde porém dispensar-se. Com effeito, que importa ao practico saber como o ferro destróe e cura o estado chloro-anemico se elle vai entrar directa e immediatamente na circulação, e augmentar o numero dos globulos rubros, ou se é mediatamente-

collocando os vasos e o organismo em condições favoraveis á sua formação?!. O facto é que, em face d'aquelle estado morbido, applica o ferro, e a saude volta!

E' este o *desideratum*, o fim do medico.

Desde a mais remota antiguidade se attribuem á *felicidade* muitas curas.

Curam-se alguns doentes sem medico, d'aqui a inutilidade da medicina, conclue o vulgo! Os facultativos receitam para o mesmo doente, e na mesma occasião, de modo diverso, logo é inutil a sua presença! Averiguemos: os que se tratam sem medico modificam sempre o regimen, empregam meios, embora simples, e quantas molestias se não curam n'estas circumstancias?!. muitas. As condições hygienicas são poderoso auxiliar em todos os systemas, e são a base fundamental, talvez unica, em alguns!

A fortuna do medico está em ser chamado a tratar molestias curaveis, mas de grande apparato symptomatico, molestias agudas em geral, a pneumonia, por exemplo, intensa, mas franca, com pontada, agitação, anciedade, difficuldade de respirar, tosse, etc., etc. que põe a familia em alarme, e o enfermo á beira da sepultura, *segundo ella:*.. chega o *Esculapio*, prescreve os antimoniaes em dóse contra-estimulante, as emissões sanguineas ou não, conforme fôr medico da moda ou medico practico, depois os revulsivos, e... o doente curou-se!!... *É um sabio.*

Mas, se é chamado a tratar uma lesão cardiaca, um scirro, um amollecimento cerebral, etc.?!.. eis a infelicidade do facultativo! Quando a molestia chega ao termo fatal e invariavel, o medico tem de soffrer *as consequencias da sua ignorancia* porque *matou*, ou pelo menos *deixou morrer* o doente que, ha dias ainda *estava bom e a passear!!*.. Portanto a felicidade do medico está muito longe de ter a significação, que geralmente se lhe dá.

A boa applicação dos remedios resulta do conhecimento da molestia, e dos agentes therapeuticos, logo depende d'uma razão clara para bem raciocinar, do genio ou caracter observador para a boa interpretação dos factos e symptomas importantes, e da intelligencia precisa para bem jogar com os principios sabidos, sem pretender enfronhar-se em novas theorias não sanccionadas pela practica.

Nada mais e nada menos... Ora, isto não é felicidade. Muitas vezes só para os profanos divergem os meios empregados.

E' muito vulgar satisfazerem todos os medicos á mesma indicação, variando todavia o indicado: isto é, suppondo a *diagnose* identica todos applicam *narcoticos*, por exemplo, mas receita um—*opio bruto*, outro—o *extracto gommoso, aquoso*, *ou thebaico* (que é o mesmo), outro ainda—a *morphina*, ou um *sal d'este alcaloide*, a *codeina*, os *seus saes*, o *hydrato de chloral*, etc. etc., e o vulgo n'este caso avalia da *ignorancia dos* facultativos, e da *incerteza* da sciencia pela variedade de nomes, porque os ignora, porque *não vê* a *analogia* d'acção, a identidade do fim!!...

E' grande o poder da natureza, admittamos até o termo, força medicatriz, é todavia claro, que, se aquella força ou poder fôr intelligentemente coadjuvado pela arte, não só lhe poupa esforços, não se exgotando assim tanto o organismo, mas tambem abrevia o soffrimento, a molestia deixará menos estragos subsequentes, e por conseguinte a convalescença será mais rapida.

Não é só o bom resultado obtido, que prova a certeza da medicina: prever a marcha da affecção, prognosticar o termo fatal, marcar até a epocha, e isto, apezar de todos os esforços, prova-a egualmente.

D'este conhecimento da séde, intensidade e extensão do mal, do conhecimento da importancia da lesão, e por isso mesmo do perfeito conhecimento da inefficacia dos meios a empregar, concluir pela inutilidade da sciencia, é simplesmente ridiculo e insustentavel!.. A medicina não aspira á infallibilidade. O medico prudente nem affirma, nem promette. Obriga-se a tratar os doentes com esmero e zêlo, esforça-se por ser util, e nada mais.

Engana-se por vezes, *errare humannum est ;* se nunca se enganasse, deixaria de ser um simples mortal!.. Exigir que a medicina fosse infallivel, e só ella, é querer o impossivel, o absurdo! Não póde ser *absolutamente certa*, quando as outras sciencias não possuem uma tal certeza. A agricultura illude-se, a justiça engana-se, a arte da guerra tem revezes, a chimica tem dado algum passo retrogrado, apezar do seu incessante progresso, a physica precorre a hypotheses, não obstante o rigor das formulas, e os seus apparelhos experimentaes.

(Continúa.)

SOARES FRANCO.

DESCONFORTO

Fugiu-me a esp'rança, magica miragem,
Que eu, louco, pretendia vêr de perto!...
Transformou-se-me o dia em noite escura,
E no que inda me resta de viagem
Só vislumbram meus olhos um deserto!
Por oásis só tenho a sepultura!

P. S. L.

UM SONHO

(Conclusão)

E ella recusava desdenhosamente a todos, a todos que lhe depunham aos pés, n'uns arrancos pelintras, massos de notas do Banco de Portugal. Estava feliz! Levantava-se ás duas da tarde, revia-se no seu largo espelho de Veneza, acariciava muito as côxas, roçava a mão de setim pelo ventre para sentir umas sensações agradaveis, mirava sempre a cara para ver se as estroinices da ultima noite não lhe desmaiaram as feições, se não tinha olheiras, que não fossem aquellas que ella sabia arranjar com uns cosmeticos cheios de perfume inebriante. Depois pegava em grandes serpentes dos seus cabellos pretos e fazia-as ondular pelos peitos tumidos, onde umas proeminencias de carmim, destacavam atrevidas na grande serenidade da sua pelle branqueada. Amava-se muito, tinha uma paixão de creança ciosa pelo seu bem esculpturado corpo, e revia-se na sua ampla nudez consentindo ao espelho o envolvel-a toda na sua superficie polida, como se a abraçasse eternamente. E ria-se com a sua imagem, brincava com ella, atirava-lhe essencias, beijocava o vidro com phrenesi, com ardor, como se quizesse devorar-se a si propria, poder roçar-se por aquella segunda Margarida, que a endoidecia, a excitava, e muitas vezes ficava triste de se não poder dobrar toda, como um *clown*, e percorrer n'um beijo fremente todo o seu corpo, que ella tanto amava, por que era sublime!

Entrava no banho muito nervosa, muito febril, chapinhando na agua da tina que a esperava tepida, quieta e aromatisada, como um amante *chic*, que ambicionasse abraçal-a. E deixava-se envolver toda n'aquelle morno delicioso, e o seu corpo sentia um bem estar intimo, mergulhando-se todo, ficando enervada, langorosa por muitos minutos, até que saltando entrava a escorrer, na sua cama fofada esperando a reacção, muito aconchegada ás bretanhas, apertando as pômas, encolhendo as pernas; e alli ficava inerte, por muito tempo, deixando escapar de quando em quando lufadas de halito, que se perdiam por entre os lençoes brancos, lavados, com um bom cheiro de sabonete.

E ao levantar-se, debruçando-se lasciva do leito de mogno, encortinado, como ella phantasiára no tempo de costureira, enfiava nos seus pequeninos pés, com umas veiazinhas que se cruzavam n'uns arabescos caprichosos, umas chinellas de velludo e setim. Era delirante esta vida!

Á noite vinham os *habitués*. Que prazer, que alegrias, que gargalhadas tão crystallinas não reboavam no seu gabinete amarello! Ria-se francamente, e em appetites sensuaes despejavam-se garrafas de Champagne espumoso, que alcoolisava os seus libidinosos adoradores. Ella fisgara da cohorte d'aquelles imbecis, um Armando muito louro, não tendo nada de piegas, que não sabia platonisar porque gastava as horas com os cavallos, com os touros, na Havaneza, e com a sua joiazinha, a Estella, porque a Margarida não gostava do seu nome dos tempos em que cosia luvas e mudou-o, para ser mais elegante. Estella! Sympathisara com elle, n'uma noite em que viu a *Andréa* em D. Maria, onde a Falco que fazia de bailarina, se apresentou muito bonita, com cabellos louros que se encaracolavam n'umas fôrmas diabolicas na sua cabeça que pedia beijos, mostrando as pernas enfiadas n'umas bellas meias de sêda côr de carne, que eram um encanto! E a Margarida pensou logo em tomar aquelle nome. O seu Armando era muito sympathico, ella morria por elle, pelos seus olhos pretos rasgados, muito ramalhudos, e quando elle chegava era sempre:

—Meu Alfredozinho! meu anjo! como te quero!

E apertando-o muito contra si, encostando-lhe a cabeça ao seu collo, dava-lhe beliscões, mordia-lhe as orelhas, sempre a beijocal-o, a fazer-lhe *ron-ron*, como se fôra uma gata ciumenta que se enroscasse no collo de uma mulher que a adorasse. Pegava-lhe nos beiços, obrigava-o a beijal-a nos olhos, a fazer boquinhas, a aventar muito as bochechas para ella dar pequenos sopapos delicados fazendo-lhe sahir todo o ar que tinha na bocca! E pela noite adeante, estando ambos refastelados no mesmo sophá, fumando charutos, abraçados sempre, trocando-se palavras febris, ella mandava vir cognac, e bebiam juntos, quasi sempre pelo mesmo copo, dando ella estalinhos com a lingua, saboreando, muito demorada, pequeninos golos d'aquelle liquido que lhe escaldava a garganta, errando os labios pela fronte do seu Alfredo, até que levantando-se meio embriagados, abraçavam-se muito, quasi a desmaiar, offegando com muita precipitação, e n'um beijo humido, prolongado, egual, lá iam até ao leito afogar as paixões ardentes dos seus vinte e cinco annos.

Como era horrivel o trabalho da costureira, como era feliz o viver da prostituta! Brilhantes, theatros, carruagens, creados, libras e amantes, surgiam de todos os lados em grandes ondas, e a Margarida costureira, hoje a Estella do *grande mundo* já tinha fama. Já a citavam como o modelo das bacchantes. O seu nome era respeitado entre os filhos dissolutos dos grandes argentarios, e ella já sabia dizer ao passar junto de uma montre:

—Que brincos tão ordinarios! não valem cem libras!

Era uma princeza! Só havia uma tortura n'este sonho. Ás vezes, envolvida com os desvarios, vinha á lembrança de que as luvas ainda não estavam pespontadas!...

Esta vida regalada, de grande epocha e de grande luxo durou alguns annos. Depois começou a Estella a *amadurecer*. A edade entrava-lhe em casa, punha-lhe na cara sulcos carregados, e arrepenhava-lhe muito a pelle. Era um desgosto ver-se ao espelho destituida d'aquella formosura que endoidecia meio mundo.

Um dia desappareceram os admiradores. Foram a seu turno desapparecendo o dinheiro, as sêdas e até mesmo os cabellos. Parecia uma enfiada de convidados safando-se de uma casa onde tinham devorado um jantar, deixando apenas na mesa a toalha enferrolhada e os pratos sujos. Declinara. Os antigos apreciadores já a apontavam como a um collosso que tivesse perdido o seu prestigio. E a Estella descia precipitadamente, vertiginosamente os degraus da miseria.

Um bello dia de maio teve de chamar um trem que a levasse á *quinta*. Entrou alli muito afflicta, muito envergonhada, sentindo-se dorida da rudeza com que a tratavam os medicos que pareciam querer-lhe abreviar a existencia. Filas de camas, onde gemiam as grandes dissolutas, circumdavam o seu leito de dôr. A atmosphera carregava-se das evaporações atordoantes das grandes pomadas causticas, das infusões ardentes que queimam sem ceremonia a pelle dos atacados. Estava no Desterro!

A syphilis desenvolvera-se-lhe horrivel no corpo, e a copahiba substituira os caldos de gallinha, como uma pimenta póde substituir um rebuçado. A enfermeira, uma mulher gravemente hypocrita rapou-lhe o cabello e ella deixou-se pender n'um grande chôro continuado. E as luvas começaram por lhe apparecer mais attrahentes!

No hospicio soffreu dôres atrozes e desprezos crueis, que a amofinaram muito, deixando-a um cavaco, muito magra, e muito alquebrada. Á sahida, depois de *curada*, da Estella apenas restava o nome, porque o corpo mostrava-se medonhamente envenenado pelas grandes orgias, deixando vêr no rosto umas malhas rouxamente repugnantes do trabalho destruidor da syphilis.

E a grande favorita, a mulher adorada do *mundo elegante*, safando-se alta noite pelos cunhaes dos predios—pedia uma esmolla á caridade publica.

E os homens, por a conhecerem nos seus tempos de brilhantismo, afastavam-se d'ella, como de uma creatura impestada, e o seu Alfredozinho, um dia chegou a dizer-lhe em escarneo:

—Queres adresses de cem libras?!

N'este momento a pobre Margarida acordou em sobresalto, e dos seus bonitos olhos rasgados, desprenderam-se duas lagrimas de uma dôr horrivel! Estava pallida, febricitante, n'um suor continuado. A luz extinguia-se pouco a pouco, e no quarto proximo a mãe punha no ar abafado os gemidos da sua dôr, que se espalhavam por toda a casa n'uma toada lugubre e chorosa.

Uns raios de claridade da madrugada beijavam em meiga caricia aquelle rostinho de anjo martyrisado por um sonho tão monstruoso, e a boa Margarida reparando nas luvas, que se conservavam inertes no regaço, pegou-lhes em grandes contracções, sorriu-lhes angustiada, e olhando pela janella para uns clarões rosados do raiar da aurora, n'um chôro pungente, disse:

—Perdôa-me, minha mãe, porque será sempre este o nosso unico pão!

E foi ver se a velhinha dormitava socegada...

Lisboa, junho de 1879.

MARIANNO PINA.

QUEM?

Quem te deu a magia d'esse olhar,
o brando arfar de teu formoso seio?
Quem inspirou mulher, teus sonhos bellos,
castos anhelos d'um futuro enleio?

E, quem primeiro as illusões da infancia,
tua fragrancia do viver roubou?
Quem viu surgir tua manhã d'amores,
e d'essas flores seu primor cantou?

Quem?... Depois anhelante, acaso a medo
foi em segredo tributar-te um preito?
Quem?... Do amor te mostrou as puras flammas,
e n'essas chammas abrazou teu peito?

E, quem te disse ó terna mariposa
que a mais formosa luz para te dar,
era essa luz que aos anjos como exemplo,
tu vês no templo radiar no altar?...

28 de Maio de 1879.

JUSTINO DA SILVA BRAGA.

A MULHER

(A' EX.ma SNR.a D. AMELIA AUGUSTA BANDEIRA)

A mulher! Eis um nome que encerra em si tudo quanto nós conhecemos dôce, terno e meigo. E' a nossa formosa metade. O homem é o rei da creação; a mulher é o primor da natureza. Sem ella esta ficaria incompleta.

E' por ella e para ella que vivemos. Encetamos a carreira da vida, e ao mesmo tempo começa o seu benefico influxo sobre o homem. Occulta-nos em seu seio mimosa égide, que nos protege contra as intemperies da natureza. Depois, quando abrimos os olhos á luz da vida, que nos ha de fascinar, que nos ha de cegar, que nos ha de matar, lá está ella, a mãe, junto do berço do infante, velando com o seu amor essa excruciante agonia que então começa, e que ha de findar com a existencia. São os seus labios que nos bafejam, que nos insuflam o ar que primeiro respiramos; é o seu coração, o seu peito, o nosso primeiro alimento.

E' a mãe que nos ensina a balbuciar as nossas primeiras orações, terna offerenda que ella depõe sobre as aras da Divindade por intermedio do innocente filhinho de suas entranhas.

E' ainda a mãe quem nos ampara os primeiros passos, quem nos incute na alma a obrigação de sermos bons, quem forma nosso coração, quem imprime em nós com as suas virtudes uma scentelha divina que nos eleva por vezes acima do tremedal em que jazemos, quem nos dá o sentimento do bello, do puro, de tudo emfim quanto é sublime e affectuoso.

Infeliz, mil vezes infeliz aquelle que não conheceu mulher a quem pudesse dar o nome de mãe. Não tem familia, pobre pária, vive só no meio da sociedade, que muitas vezes cobrindo-o de sarcasmos o arroja pelo despenhadeiro do crime.

*
* *

Passamos os primeiros annos; chega a edade dos sonhos, das esperanças, das paixões. Mãe, ou já a não temos, ou nosso espirito irrequieto nos não deixa ouvir seus conselhos. Estamos no pendor do abysmo. Precisamos d'outra mulher que saiba comprehender as nossas aspirações, que medere nosso ardor, que apague as nossas asperezas.

Felizes se então a encontramos: a vida deslisa n'uma perenne felicidade e quasi podemos ter a certeza de que a nossa alma não será sacudida pelo vendaval das paixões.

Ai de nós se não temos tal ventura. Véem então os vicios com todo o seu hediondo cortejo. Não ha fé, a consciencia perde-se, o coração, malbarateado em noites de orgia, verte sangue, já não sente e, esphacelado, se ainda pulsa é porque estamos na edade em que sobra a vida, e em que a desperdiçamos.

Haja porém uma mulher cujo olhar limpido seja a nossa estrella na obscuridade que nos envolve, que com uma das mãos nos ampare, e nos aponte com a outra a estancia amena onde reside o amor puro, e o coração, até alli insensivel, palpita de novo impellido pelo amor verdadeiro que só a mulher casta sabe inspirar.

O coração, farto de se gastar em amores sensuaes em que o fastio corre parelhas com a variedade, ambiciona um amor ideal que lhe dê o socego e estabilidade que necessita.

O coração renasce para o amor. E' n'elle que espera encontrar a paz porque suspira. As paixões apagam-se, esquece a desgraça, a vida resume-se toda na estima da mulher querida. Oh! então é tudo côr de rosa, a vida é a felicidade, e na alma da nossa amada vemos o paraizo.

No caso contrario a vida é o inferno. Não ha quem possa dizer o que se passa na alma do homem que ama e não é amado. Deve ser um supplicio como o de Prometheu. O abutre rasga o ventre, abre o peito, mergulha nas carnes palpitantes, arranca e dilacera as entranhas que renascem para de novo serem despedaçadas. O coração ardendo dá origem a lagrimas que não podem ser vertidas porque se volatilisam para se tornarem a condensar e cahirem sobre elle como chuva de fogo que o abraza. Esse homem não tem quem o estime, porque elle tambem não pode estimar ninguem. E' um reprobo N'elle não ha um pensamento bom. Quer repousar, e não pode. E' o Ashaverus do amor. Tudo n'elle é rude, selvagem. Não tem o sorriso da mulher adorada que lhe desenrugue a fronte, e lê-se-lhe no fulgor sinistro do olhar a tempestade que lhe vai n'alma. Para elle não ha consolação, porque o somno lhe foge das palpebras e a vida é uma perpetua vigilia. Só tem uma esperança, uma amiga—a morte!

....

*
* *

O amor é de origem divina, está acima de todos os outros sentimentos; por isso o homem nem é senhor de o crear, nem o póde repellir por sua propria vontade.

Desce do céo; entra no coração, que o consagra á pessoa estremecida, e n'elle se conserva a despeito das maiores resistencias.

Um olhar, uma palavra bastam muitas vezes para despertar a mais violenta paixão. Essa fascinação mysteriosa essa attracção, invencivel só pode achar explicação na palavra *sympathia*.

E's tu mulher essa visão querida que nos abre com os roseos dedos as portas d'um benevolo porvir, que nos perfumas a existencia, que nos arrebatas em vertiginoso torvelinho.

Teu olhar profundo em que se espelha o azul do infinito, teu encantador scismar que nos seduz, são os philtros que nos fazem suspirar delirantes pela ventura de podermos a teus pés contemplar a peregrina belleza de que Deus te dotou.

O amor assenhoreia-se então da alma do homem. A sua imaginação, a intelligencia, o coração, a razão, emfim todas as suas faculdades são agitadas por esse sopro divino que se chama—*paixão*.

A alegria descuidosa é substituida por uma doce melancholia que nos mergulha em deliciosos sonhos.

Ao ouvir o nome da senhora de seus pensamentos vivo rubor sobe ao semblante. A mão distrahida traça a miudo inconscientemente o nome da pessoa adorada.

Ao vêl-a o homem ainda o mais impassivel, córa, perturba-se, balbucia. O coração palpita, a mão treme.

Durante a noite a imagem estremecida illumina os sonhos, e ao despertar, profundos suspiros e lagrimas, que involuntariamente sulcam as faces, são testimunho de quanto é penosa a ausencia da pessoa amada.

Torna-se então indispensavel que os laços indissoluveis do hymineu unam esses dous corações que se souberam amar e comprehender. Desde então, companheira inseparavel do homem, a mulher vem compartilhar as suas alegrias e as suas penas.

Mas se o homem pela sua superioridade physica e intellectual é o amparo, o defensor da mulher, esta, pela sua maior sensibilidade, meiguice e instincto, compensa bem a protecção que o homem lhe póde dar.

Mais impressionavel, mais terna que o homem, a mulher é mais sensivel ao amor, é mais sincera na sua paixão, entrega-se completamente, sacrifica-se sem condições.

Quando o homem se acha desanimado pelas luctas da vida vai encontrar no seio da mulher consolação, esperança e conselho, porque ella, com a perspicacia de que é dotada, lê melhor que nós os mysterios do futuro.

E' na desgraça que a mulher é verdadeira heroina, que leva a dedicação ao extremo, sabe triumphar sacrificando-se nobremente, e torna-se grande pela abnegação.

E' este o destino da mulher: *amar e soffrer*. Soffre para nos dar o sêr e ama para nos prodigalisar as mil caricias de que precisamos na infancia. E' o seu amor que nos enebria nas epochas felizes da vida; é o seu soffrimento que nos dá exemplo e força nas horas difficeis da adversidade.

Maravilhosa lei das compensações. É ella, o ente debil e franzino que procura em nós apoio e protecção, é ella que com a sua mesma fraqueza nos prende o coração, nos subjuga, e muitas vezes nos transmitte uma coragem que nos tinha abandonado e que não podiamos achar em nós.

Só o coração terno e delicado da mulher póde assim amar. O amor é tão indispensavel á mulher como a vida, como o ar que respira.

A natureza impoz-lh'o como uma necessidade, ella considera-o como um dever, e n'elle resume muitas vezes o premio de seus sacrificios.

Por isso madame de Stael disse: «O amor, que nos homens é apenas um episodio, é nas mulheres a historia completa da sua vida.»

Porto, 20 setembro, 79. ANTONIO DE PAIVA.

DESCONFORTO

Hontem, dita me conf'riste,
Hoje, triste,
Sinto no peito a saudade
Referver!
Quem vive na soledade,
Tolda-se-lhe de anciedade
Seu viver!

Quando a vida tem caricias
E delicias,
No mundo vemos encanto,
Fino amor;
Mas, perdido o gozo santo,
Permuta-se o riso a pranto...
Nasce a dor...

E o tormento me exaspera,
Dilacera,
Porque a solidão d'est'alma
Vejo só...
A'manhã, da vida a palma
Abrazada n'esta calma
Será pó?...

Porto—1859. A. CABRAL.

ANALYSE CRITICO-LITTERARIA

(Continuado da pagina 154)

Entre nós, o snr. Eça de Queiroz é um bello exemplar d'estas preveligiadas organisações. Tome-se para exemplo comprovante o *Mysterio da estrada de Cintra* e leia-se aquella adoravel pagina, d'essa phantasia encantadora, da scena do terraço.

Descera a noite; sobre o terraço, entre as exhalações que chegam do jardim, a condessa bate dos seus afilados dedos aristocraticos as teclas d'um piano Herz e a sua voz, timbrada e macia, deixa cahir no rumor discreto da natureza que adormece as notas crystallinas da velha ballada que Gounod pôz em musica. Rytmel, o loiro capitão, recem-vindo de Southampton, com a pequenina chavena da condessa nas mãos tremulas, o olhar afogado na nevoa do crepusculo tranquillo, escuta, emquanto em baixo, no largo tanque a agua canta nas bacias de marmore, d'um verde que desmaia. Nada mais simples, nada menos trabalhado, nada de traços apparentemente menos seguros e todavia nada mais profundamente impressionante.

Ora, este *quid divinum*, que injustamente o snr. Oliveira Martins dizia não encontrar em Garrett, não o possue, quanto a nós, o snr. Lourenço Pinto.

O auctor de *Margarida* escreve o mais correctamente do mundo. A sua paisagem é ampla e nitida. Os seus quadros são embebidos de côr, e a sombra que n'elles determina os destaques é diluida com uma sciencia discreta. Mas sente-se que alguma coisa falta alli. A natureza apparece-nos copiada por um processo fiel e brilhante, mas não é a natureza, Vê-se que a obra não é sentida; a paisagem deixa-nos frios e insensiveis, como deante d'uma photographia exacta no aspecto geral do reprodusido e colorida nas linhas que o contornam, mas photographia sempre, quer dizer mas copia, mas imitação, cujos elementos se apercebem claramente.

O snr. Lourenço Pinto que, entrevendo talvez vagamente isto mesmo, de que não é comtudo responsavel, por ser isto dependente da organisação mesma do seu espirito, forceja por encobrir a falta de sentimento com exageros de côr sobre minudencias que lhe embaraçam por fim a marcha da acção, o snr. Lourenço Pinto é um talentosissimo escriptor, qne percebeu os processos litterarios modernos e que por um esforço, mais ou menos custoso, os assimilou, até nas suas mais desperce-biveis minudencias, (como na gradação das situações marcada tão só no principio dos periodos pela adversativa *mas*, como no meio de encurtar o dialogo, etc.) de modo a se servir d'elles com vantagem. Mas, no fundo e sempre, elle não é senão o operario habil capaz de copiar nitida e exactamente, mas que não pode fazer palpitar a sua obra do desconhecido espirito interior que dá a grandiosidade ao que a tem.

Não estamos longe de suspeitar que as nossas palavras não se tornem facilmente accessiveis á maioria dos nossos leitores, pouco acostumados a *nuances* subtis; mas que se confrontem as descripções do snr. Lourenço Pinto com as do snr. Eça de Queiroz e os nossos reparos resaltarão desde logo a todos, vendo-se que, apezar do colorido do auctor de *Margarida* ser incomparavelmente mais brilhante que o do auctor do *Primo Bazilio*, apezar do traço ser no primeiro muito mais seguro, a prosa magestosa, a syntaxe perfeita, o arredondado do periodo ciceroniano, apezar de todas essas vantagens, o que parecerá aos frivolos parodoxal, o talento descriptivo do romancista portuense é immensamente inferior ao do que se tomou para confronto.

O snr. Lourenço Pinto não passa afinal d'um academico que escreve admiravelmente bem a sua lingua; emquanto o snr. Eça de Queiroz, atravez as suas irregularidades, os seus solecismos, os seus gallicismos, as suas repetições, os seus tons apagados por vezes, mercê d'uma sobriedade á Merimée, é um grande artista, na maxima amplitude do termo.

Não deixe outrossim de ser dito que, mesmo quanto á parte material do seu estylo, ao arranjo dos seus termos, á superficie do seu dizer, o snr. Lourenço Pinto ainda deixa tambem a desejar, se se quizerem vêr as suas *redites* de imagens, as suas repetições de palavras, o uso constante de determinados adjectivos que voltam com a insistencia do *largo* do snr. Eça de Queiroz, o seu amaneirado de phraze, por vezes nada natural, antes affectada e *recherchée*, principaes defeitos d'um estylo que forcejando por se modernisar não se acha ainda completamente emancipado da construcção e adjectivação ao presente substituidas.

No dialogo, tambem nos não parece ter sido muito feliz o snr. Lourenço Pinto, porquanto não é elle sufficientemente trabalhado, antes deixa frequentemente a desejar de simplicidade na pergunta e de espontaneidade na replica.

Quanto á these do livro e á urdidura geral do drama que se propõe desenvolvel-a, nota-se sem custo que ellas não pertencem de proprias ao romancista de *Margarida*, pois que não são senão o reverso da medalha apresentada pelo snr. Eça de Queiroz no *Primo Basilio*.

Como todos sabem, com o seu romance, que não logrou passar d'um episodio, todo restricto, de determinada familia, sem o alcance de ensino social, por não mostrar como no *Crime do padre Amaro* o celibato ecclesiastico, os effeitos d'um determinado factor generico de collisões desastrosas, propoz-se o snr. Eça de Queiroz deixar a claro as causas e os effeitos do adulterio por parte da esposa. O snr. Lourenço Pinto retoma a questão, considera-a pela face opposta do adulterio por parte do marido e como Luisa, pelo seu crime, destruiu a organisação intima do *ménage*, assim Fernando, pela sua falta, nos mostra as consequencias do adulterio masculino na estructura e destinos da familia.

São, pois, os dois romances que se completam os dois aspectos diversos da questão una, a proposito de que Girardin aconselha a maternidade legal, Naquet o

divorcio pleno e Dumas, o *dandy* feroz, a faca de ponta, como do mais expedito.

Esta falta de originalidade na idéa primordial do seu livro, leva-a o snr. Lourenço Pinto aos detalhes que constituem a acção d'elle, detalhes que são evidentemente suscitados pelos analogos até á mais perfeita semelhança do romance do antigo redactor das *Farpas*.

Assim, no *Primo Bazilio* a crise final é suscitada por uma carta de Bazilio que determina em Luiza uma febre cerebral de que lhe procede a morte. Em o romance do snr. Lourenço Pinto, essa crise é suscitada tambem por uma carta, tam inverosimil da parte de Adelina, como logica da parte do primo Bazilio, da leitura da qual se determina um aborto que traz comsigo um typho cerebro-espinhal, d'onde a morte de Margarida.

A analogia entre as duas acções é evidente, pois, e mais evidente a tornam as scenas da doença tam similhantes, a do passeio no Palacio de Crystal tam assimilavel á do encontro no Passeio publico, a da noite de S. João com o *Baile de mascaras* tam claramente suscitada nas suas menores minudencias, como na informação colhida no *Primo Bazilio* por Acacio ácerca do camarote real que D. Felicidade não via e que se transforma em *Margarida* na procurada por Fabião da Rocha respeito aos camarotes que Adelina não via tambem, pela da noite de S. Carlos com o *Fausto*, as das entrevistas do *Trianou* comparaveis sem o menor esforço ás do *Paraizo*, etc.

(Continúa.)

A Redacção.

DE NOITE

I

E' de noite que o crime tem seu culto
Do assassino brutal nos duros braços,
E as montanhas, crescendo nos espaços,
São como monstros de um aspecto estulto.

As cousas tomam gigantesco vulto,
Prende-se a alma em mysteriosos laços,
E os ceos ás vezes, lugubres e baços,
Volvem por sobre a terra olhos de insulto.

Mas é tambem de noite que os soluços
Soam melhor, e os ais dos desgraçados
Acham echos n'um monte adormecido!

Quantos não andam pallidos, de bruços,
E com os seus pés nús, ensanguentados,
Assim buscando um echo a um seu gemido?

II

Noite! Noite! Se a sombra que te veste,
Qual castigo de crua divindade,
Aterrou n'outro tempo a humanidade,
E esconjuros no mundo recebeste;

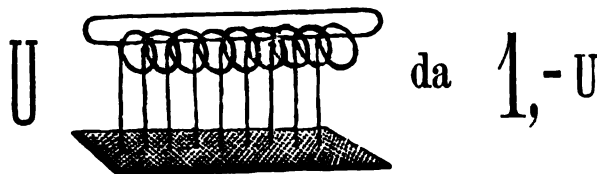
Se em teu manto se esconde a flor agreste;
E o homem, envolto em lugubre saudade,
Levanta os seus olhares de anciedade
Ao vago e azul da abobada celeste;

Se nas campas geladas e sombrias
Os mortos gemem longas elegias
Por sob os braços morbidos da cruz:

E' em ti, Noite, *espirito do mal*,
Que a alma sabe tambem o quanto vale,
Nas trevas a lembrança de uma luz!

Porto, 24 Junho 79.

J. Leite de Vasconcellos.

Enigma Figurado

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA N.º 7

Deus escreve direito por linhas tortas.

PORTO—TYP. OCCIDENTAL, RUA DA FABRICA, 66—PORTO

GALERIA COMMEMORATIVA

DOS

ESCRIPTORES FALLECIDOS

IX

AUCTOR DAS SOMBRAS DO VALLE

NASCEU EM 20 DE ABRIL DE 1850

FALLECEU A 11 DE DEZEMBRO DE 1877

Alberto Malheiro

DISTINCTO POETA LYRICO

Oh! se morreste, se não é mentira,
ou se voaste á luminosa esphera,
«a quem deixaste a maviosa lyra?»
«quem teus accentos aprender podera?»

ALBERTO MALHEIRO

Alberto Malheiro de Magalhães Villas-Bôas, era filho, d'uma das mais distinctas e illustres familias de Barcellos, terra que o viu nascer.

Seu pae, João Malheiro de Magalhães Villas-Bôas, já fallecido, foi eximio charadista n'aquelle tempo em que a charada não se resumia apenas a um entertenimento futil, a um simples trabalho œdipico.

Longe d'isso.

A charada d'então era, a bem dizer, um motivo, um pretexto, tão sómente, para o desenvolvimento d'uma poesia magnifica, que se desenrolava no conceito.

Quem fosse charadista era poeta, e João Malheiro foi-o e da primeira plana.

O nosso sympathico biographado herdando, pois, de seu pae, com muitas qualidades distinctas, o gosto pela poesia, e possuindo, ao mesmo tempo, uma alma nobre, delicada e finamente sensivel, que sua boa mãe, a Exc.ma Snr.a D. Emilia Roland Crivas, lhe havia tão cuidadosamente formado com mil desvelos e attenções, começou desde muito novo a ser alumno das Apollineas virgens, merecendo da musa Eutherpe particular protecção.

No seu seio vibravam cordas tão puras e tão ternas, como só vibram no coração d'aquelle que é ainda embalado pelas mais doces illusões da vida, e ao qual o sol da esperança e do enthusiasmo inunda a alma com a sua luz aurirosada e doce.

A sua imaginação elevada occupava-se sempre em grandes devaneios.

Alberto Malheiro vivia immerso nas mais doces e floridas crenças.

Via no céo do seu futuro um cariz anilado e fascinante, attrahente e seductor.

Os desenganos crueis que se occultam nos caminhos da vida eram-lhe desconhecidos: para elle o mundo consistia n'um formosissimo Eden, coberto de devêzas povoadas de Napêas, de flores de matizes alegres e variegados, de perfumes gratos e inebriantes e d'encantos mysteriosos e apraziveis.

Aos seus olhos tudo era sorridente e deleitoso;—a estrella fulgurando no céo, a vaga depondo na praia os seus beijos d'espuma, a purpurina rosa orvalhada pelo rocio crystallino, a humilde violeta do couvalle, os aligeros cantores da primavera, o sacrosanto amor de mãe, d'esposa e filho, o affecto altroista da amizade, tudo, tudo quanto fosse candido, nobre, suave e bello, despertava n'esta organisação sympathica a mais delicada inspiração poetica.

Sincero admirador do grande e laureolado poeta João de Deus, procurava cuidadosamente estudal-o, seseguil-o, e de tal modo soube tornar-se um discipulo distincto d'este mestre eximio, que lhe mereceu uma lisongeira carta, em que eram apreciadas sinceramente as suas «Sombras do Valle».

Este mimoso livro de 192 pag. foi, por tal maneira, estimado tambem pelo nosso erudito amigo e collega Dr. Rodrigo Velloso, que da melhor vontade se promptificou a edital-o.

E de facto, se elle não é, como bem sabemos, uma das mais soberbas rosas da cornocopia lyrica, se é apenas um trabalho modesto e singelo, como as petalas fragrantes da madre-silva campestre, nem por isso deixa de ter valor, e muito.

Se por vezes a forma é menos rigorosa e correcta, a idéa, essa é sempre subida e nobre, digna; se não prima pelos arrebiques e atavios da arte, ha alli, em compensação, um sentimento tão sincero d'admiração pelo bello, uma simplicidade tão ingenua e meiga, mas tão docemente sensivel, que nos impressiona e comove, que nos fascina e seduz.

Viveu o malogrado poeta longo tempo no Porto, onde estudou, e foi n'esta cidade que o seu genio, desenvolvendo se completamente, mais se inalteceu.

Amigo intimo de Guilhherme Braga, Pedro de Lima e outros litteratos cheios de talento e engenho, conviveu com elles constantemente, e n'essa convivencia, tão agradavel a todos, mais e mais se foi arreigando no seu coração o grande amôr pelas lettras.

Publicou então as «Sombras do Valle»; e muitas poesias bellissimas jazem dispersas em varios jornaes litterarios do paiz, taes como *Turbilhão, Tribuna, Vigilia, Borboleta* e outros.

O mavioso vate imprimia em todas as suas composições o cunho d'um sentir profundo, immenso, infinito, e illuminava-as, sempre, com os reflexos da sua alma, que era generosa e bôa, e com os lampejos da sua intelligencia, que era clara e lucida.

Um dia, porém, passeando a insaciavel Morte no vasto jardim da Vida viu uma flôr formosissima, cheia de encantos, que se baloiçava suave e descuidadosamente sobre a hastea delicada. Longe de respeital-a, pela sua belleza, sentiu o cruel desejo de cortal-a para o seu *bouquet* sinistro e, erguendo cinicamente a foice açacalada, decepou-a d'um só golpe.

A flôr viçosa e odorante era o symbolo da vida de Alberto Malheiro, d'esse poeta de coração, cheio de mimo e sentimento, d'inspiração e d'amor. E assim como a amendoeira em flôr succumbe ao tufão indomavel, ao raio que a fulmina, assim o nosso biographado succumbiu ao poder destruidor d'uma tuberculose pul-

monar, que o roubou ao amor acrisolado da familia e ao affecto sincero da amizade.

Deixou um livro posthumo, que seu intelligente irmão, o Ex.^mo^ Snr. Joaquim Malheiro de Magalhães Villas-Bôas, em breve fará publicar.

D'elle extrahimos nós a bella poesia que se segue.

J. J. D'ALMEIDA.

SAUDADES

Foi um delirio, meu amor! recordas-te?
Lembras-te ainda que feliz amor?...
Tremulos passos, caminhamos tremulos
Á beira d'agua para o valle em flôr.

Que linda estavas! No teu rosto angelico
Brincava um riso de celeste luz!
Cuidei-me preso a teus cabellos nitidos,
Que te choviam pelos hombros nús!

De frescas rosas, transparentes lyrios,
Formoso ramo desmaiava alli,
Ao tacto imbelle d'essas mãos finissimas,
Que de mil beijos tanta vez cobri!

Que linda estavas! Tua mão diaphana
Depois senti que me apertava a mão!
Beijei-a ainda, e no declive proximo
Feliz auxilio te dispuz então.

E, decotado, sobre a relva tumida,
Vi teu pésinho, vacillando, errar!
Tu hesitavas suspirando timida,
E me volvias piedoso olhar!

—Fulgem teus olhos, no teu seio agita-se
Fervido oceano de pungente ardor!
Debalde tentas desafogo intimo,
Mas eu bem sinto que me tens amor!

Ah! sem coragem, sem vigor, sem animo,
Immoveis ambos no lodoso chão!...
Virgem de sonhos juvenis, estatua!
Visão te cuido, te julguei visão!

Que linda estavas! Melindrosa tunica
Te cinge o collo—emanação do céo!
E a côr da rosa virginal, purissima
Transpira ainda do regaço teu.

E caminhamos: energia subita
Succede ao fito de calado olhar.
Meu peito anceia, meu amor transporta-se,
Porque és no mundo sem rival, sem par!

Depois, na margem do regato limpido,
Que juramentos de sincero amor!...
E ao longe, no alto da montanha asperrima,
Cantava alegre jovial pastor.

Minhas palavras de ternura e jubilo
Embarga o trance da paixão feliz!
Porém o chôro da corrente múrmura
Traduz as magoas que o amor não diz.

«Sabes?.. és tudo que no espaço ethereo
Vejo de grande e só defino em ti!
És a ventura que percorre um seculo
E n'um momento se resume aqui!

Ó que és não sei! Mas o meu peito afflige-se!»
E te assumia o infantil carmim...
Ah! mais te quero, por te ver castissima!
Ah! quanto gosto de te vêr assim.

Assim o aljofar no virginio calice
Da rosa fria, vacillando, attrae
Á flôr mais prestes mariposa candida
Que á volta, á volta delirando vai.

Mas tu bem viste que meus olhos sofregos
Se mais venturas para o chão lancei,
Depois da muda confidencia mystica...
Que ha bem mysterio n'um olhar que eu sei!

E mais córavas! Desvairado, indomito,
Só a teus pés eu acordara emfim,
Se te não ouço murmurar—«Romantico!
Não teve ainda compaixão de mim!»

E de teus labios escutara o ultimo
Adeus fervente de saudoso amor!..
E ao longe, no alto da montanha asperrima,
Cantava alegre jovial pastor.

ALBERTO MALHEIRO.

POESIA CATALÃ

A Catalunha, como os outros povos, achou as suas tradições, a sua lingua, os seus cantos populares, o seu passado de independencia e de gloria, e com tudo isto um veio riquissimo de inspiração, que animou de uma nova vida o que parecia ter baixado ao sepulchro da historia, ou do esquecimento para jámais se levantar.

D'ahi provém o caracter patriotico da nova litteratura, a affirmação constante da existencia nacional, o recordar das glorias passadas, a lembrança dos grandes vultos, o anciar pela liberdade, tudo isso emfim que faz um de seus poetas, Eusebio Pascual, exclamar com a força do amor filial, n'uma bella poesia A *Barcelona*:

> Só catalá, só fill de eixas montanyas,
> adoro á Catalunya ab tot amor,
> adoro sos palaus y sas cabanyas,
> catalana es la nina que jo ador:

e mais adeante, com o desalento e o pezar de filho que vê a mãe querida coberta de grilhões:

> ¿Qui pót á los seus cants dar bisarria,
> cuant la patria no es independent?
> ....
> no't falta, patria hermosa, poesia,
> lo que't falta tan sols es *libertat*.

Os antigos feitos dos varões illustres, a vida e acções de D. Jayme, o nome de Ausias March, as velhas conquistas e batalhas servem de thema ás composições poeticas; a fórma narrativa de romance ou de lenda é o que muitas vezes prejudica, em quanto a nós, estas poesias.

Algumas das poesias historicas são magnificas; taes são por exemplo; *Le cap d'en Armengol d'Urgel*, por Victor Balaguer, poesia fundada n'uma lenda da historia catalã, *Borréll segon* (any. 993) de Antonio de Bofarull, *L'abadessa de Pedralves* e *Los dos reys* de Frederico Soler.

As poesias dedicadas á patria são em geral escriptas com o fogo santo do enthusiasmo e da dedicação; em muitas se revela a originalidade de seus auctores.

N'este genero, a poesia de Bofarull—*Lesomatent* é uma das mais bellas que conhecemos: quando o sino toca a rebate todos correm a defender a patria, combatem por ella, e vencem os inimigos.

E' original o principio d'esta poesia;

> —Glang, glang, glang, glang...!—«Ay mare!... Qui m'desperta?«—
> —«No só jo qui t' desvetilla: une altre mare t' crida.»—
> ....
> —Glang, glang, glang, glang...!—«Suspen, amada esposa,
> La caricia de amór, que es altre l' que m' convida!»—

Muitas outras poderiamos citar, cheias de enthusiasmo e dedicação como esta, de desalento como a de Balaguer, intitulada *A Lluis Cuchet*, ou de esperança, como os versos *A Catalunya*, de Frederico Soler.

As poesias inspiradas pela fé são de menos importancia, como não podia deixar de ser no seculo actual em que as grandes descobertas em todos os ramos dos conhecimentos humanos arruinaram completamente os dogmas religiosos.

As inducções tiradas das descobertas astronomicas foram confirmadas pelos trabalhos dos physicos, chimicos e biologistas do nosso seculo, e a geologia, a paleontologia e a embryologia vieram acabar de demolir o edificio religioso.

E é impossivel que essas descobertas scientificas não influissem muito ou pouco no pensar religioso dos poetas catalãs. De facto, examinando e considerando com attenção as poesias inspiradas pela fé, e principalmente as mais modernas, vemos que se deu essa influençia, e que o maior numero d'ellas é devido apenas ao segundo premio dos Jogos floraes. Comtudo, algumas ha dignas de menção, como *A la Verge de Montserral*, *La nuvia*, *Lo Senyor dels estels* e a *Cansó de Nadal* do sr. Balaguer.

A *Cansó de Nadal* termina com esta bella sextilha que é um protesto contra a pena de morte:

> Y onadas y ancellets,
> Floretas y angelets
> Ensemps ne diuhen ara:
> «Oh pobles, rassas, reys
> ¿Teniu en vostras lleys
> Pena de mort encara?»

Lo postrér consol e *La creu del terme*, poesias escriptas pela illustre poetisa Maria Josepa Massanés, estão impregnadas de melancholia religiosa e de crença profunda e sincera que as faz sobresahir [1]. Nomearemos, emfim, como muito mimosa a poesia de João Vinadèr *L'himne de la Verge*.

---

[1] Estas poesias e as outras por nós citadas, salvo as dos srs. Balaguer e Soler, cenhecemol-as pelas collecções de poesias: *Los Trovadórs mous*, Barcelona, 1858, e *Los Trovadórs moderns*, Barcelona, 1859.

Em geral nas poesias religiosas catalãs nota-se a influencia de Lamartine; a maior parte d'ellas difficilmente será lida por quem estiver na corrente das novas idéas; a extensão desmesurada, e a mediocridade dos pensamentos que propagam, farão bocejar ainda o mais animoso e o mais acostumado a procurar entre banalidades sem conta uma idéa elevada ou uma fórma desconhecida. Hoje mesmo na Catalunha já vemos uma tendencia para abandonar estes assumptos, cujo ideal poetico morreu ha muito.

Os cantos de amor, ou antes o lyrismo catalão apresenta-se-nos sentimental, e por vezes morbido e com uma grande variedade de fórmas poeticas, que agrada extraordinariamente, fazendo-nos lembrar o encantador lyrismo brazileiro. As fórmas estrophicas resentem-se da antiga poesia provençal, e na composição de muitas das poesias catalãs entram elementos tradicionaes e populares. Fallando da poesia provençal, diz Charles Louandre (*Revue des Deux Mondes*, 1846, t. IV, pag. 799) que é curioso notar como os instinctos poeticos da edade média vivem ainda hoje na Provença e no Languedoc; o mesmo se póde dizer da Catalunha.

A poesia do sr. Balaguer, que traz o numero XXIV no primeiro livro das Poesias, tem uma graça e um mimo inexcediveis;

Déixam que't cante, m'aymada,
Pus ja més no't cantaré;
Déixam que't cante, m'aymada,
Pus ben prompte'm moriré!

¡Adeu per sempre, nineta,
La que fores mon amor;
Adeu per sempre, nineta,
Robadora de mon cor!
....

Outrotanto dizemos da lindissima *Cansó* do sr. Frederico Soler, que começa assim:

Cada cant té sa tonada,
Cada bosch té sa ramor,
Cada niu té sa ninhada,
Cada noya enamorada
Son amor.

(Continúa).

TEIXEIRA BASTOS.

A MARGARIDA BERNARDI

«Feliz»—exclama Sapho ao som da aonia lyra,
Lá sob os céus da Grecia, entre os mirtaes em flôr,
Sapho, a sacerdotisa e victima do amor;
Sapho, que ante a belleza estatica delira:

«Feliz, mais que feliz, egual aos immortaes,
«Quem defronte de ti se pasce na ventura.
«De ouvir-te a maga voz, de ver-te a formosura,
«De espreitar-te um sorrir, nos labios virginaes!

«Que insolito alvoroto invade os meus sentidos!
«Suo, tremo, ardo, gelo, esmaio, vou morrer;
«Foi-se a voz; perco a luz; nada já posso ver,
«Nada ouvir; o que ouvi só enche estes ouvidos.

Resurge, Sapho! oh! sahe do equoreo mausuleo
Que os fogos te abysmou, e brotara Acydalia
Do teu grego portento hoje triumpha Italia
Vem ver Bernardi, vem, acorre ao luso céo.

Vem cingida, ó gentil, de rosas e cypreste,
De Corinna, ao passar, furta á campa um laurel.
Sombra immortal, do bello ao culto inda fiel,
Entra onde um povo adora este assombro celeste;

Lança-lhe o loiro aos pés sobre as grinaldas mil
De que lhe forma throno acceso enthusiasmo;
Olha-a, ficta-a; ouve-a, attenta-a; unirás pasmo a pasmo;
E outra vez morrerás por nume tão gentil.

Lisboa, 8—8—54.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

O PINTOR

ROMANCE HISTORICO

(Continuação)

—Quem será este homem mysterioso que assim me protege?—monologava o pintor—. Mas, que me deve importar quem elle é?! Acaso lucrava eu com isso alguma coisa?... quem sabe?... o dinheiro que d'ello recebi como signal d'uma obra, que ainda não está principiada, dá-me sobejo conhecimento do seu caracter. Elle ha de, porém, procurar-me para exigir de mim o seu retrato... e... então... então póde ser outra

pessoa a portadora da minha obrigação, e eu não terei o gozo de conhecer o meu bemfeitor! O seu fallar, ainda que o tentava disfarçar, não é de pessoa de baixa condição... Estranho homem!

Taes eram as reflexões que fazia o pintor ao encaminhar-se para um dos bairros da cidade, onde buscava uma casa na qual se pudesse recolher da chuva que já começava a cahir.

O joven parou junto d'uma esquina, e á baça luz d'um candieiro viu um rotulo por cima d'uma porta que dizia:—*Estalagem*—.

A casa era de mui fraca apparencia; a parede negra pelo tempo, estava cheia de limo entre as fracturas das pedras. Affonso Sanches encaminhou-se para esta casa e bateu na porta uma forte pancada.

Ninguem respondeu.

Segunda e mais possante pancada resoou na porta.

—Quem bate?—perguntou de dentro uma voz roufenha.

—Abri: é um passageiro que vos pede agazalho.

—Esperai um pouco, que já lá vou—tornou a mesma voz.

O artista encostou-se á porta para se resguardar da chuva que cada vez mais crescia. O vento começava o seu medonho sibillar, ia-se tornando uma noite horrivel. No sino d'uma torre batia meia noite.

—Já meia noite!—disse o pintor—safa! Chove com força e o maldito tornou seguramente a dormir! diabos o levem.

N'este momento rodava a chave na fechadura; a porta abriu-se e appareceu-lhe um homem gordo, baixo e calvo, trazendo na mão uma lanterna como para reconhecer o hospede.

Quando o artista entrou levou a mão ao barrete e disse:

—Muito boa noite, patrão, então que quereis?...

—Comer e dormir—interrompeu o pintor.

—Emquanto a dormida, bem estamos;—tornou o estalejadeiro—mas comer... ha pouco, e esse frio.

Não importa, contentar-me-hei com o que tiverdes. —Respondeu Affonso Sanches, que sentia mais fome do que somno.

—Entrai e deixai-me fechar a porta, que a chuva quer-me vir visitar, e eu como ainda agora me levantei da cama, não desejava muito apanhar este frio,—e fechando a porta continuou:—agora tende a bondade de me seguir.

Subiram uma escada de pedra e atravessaram um corredor; ao fundo estava uma porta, o estalajadeiro abriu-a e disse ao hospede:

—Eis aqui o vosso quarto.

Entraram. Era uma sala pequena e pobremente mobilada: uma mesa velha, uma cadeira que já não era nova e uma cama que se não recommendava melhor; eis os unicos trastes que havia. Este apparato, condizia com o exterior da casa. As paredes da sala estavam humidas e sujas; o tecto d'abobada já rachado em alguns logares.

O estalajadeiro pousou a lanterna sobre a meza.

Vou buscar-vos agora alguma cousa de comer.—disse elle ao pintor, e ia a sahir.

—Ides ás escuras?!

—Vou e não heide errar o caminho: lá dentro accenderei outra luz.—Sahiu.

Affonso Sanches sentou-se junto á mesa; tirou do cinto o dinheiro que lhe havia dado o desconhecido e contou-o; eram vinte libras tornezas.

—Com este dinheiro poderei passar aqui alguns dias—pensava elle—e depois, esse homem mysterioso, quando vier reclamar a minha palavra, trazer-me-ha o resto.

Entrou o estalajadeiro, trazendo-lhe algumas viandas já frias, um pichel com vinho, e pouzou-os sobre a mesa.

O pintor, apezar da comida não fazer appetite, comia com um desembaraço espantoso: depois de engulir alguns bocados lançou a mão ao pichel e levou-o á bocca.

—Oh! com os diabos! que pessimo vinho!—exclamou fazendo uma visagem burlesca.

—Enganais-vos;—accudiu o estalajadeiro—o vinho é optimo, é do Xerez legitimo: esse azedume dá-lhe muita graça.

—Dá, e muita! disse comsigo Affonso—. Não ha remedio senão subjeitar-me ás circumstancias.—E continuou a comer.

O estalajadeiro, depois de ter admirado a velocidade com que o seu hospede comia, afastou-se para um canto e encostou-se á janella.

Lá fóra a tempestade bramia, o vento fazia um ruido medonho.

—Que noite!—monologava o velho—Apre! Parece que desaba o céo! E o meu hospede como devora, hein! como lhe sabe a nata aquelle pedaço de carneiro, que já foi assado ha tres dias! que tal é a fome?! se fosse eu, parece-me que não o comia ainda que estivesse a morrer de lazeira. Mas emfim que tenha paciencia; não tinha outra coisa a estas horas; que viesse mais cedo. . Ah!... que somno!... irra!... parece que não dormi ha dez dias! Eu... em somno e o meu hospede em fome... estamos a par...ah!... —e abriu de novo a desconforme bocca, deixando vêr tres dentes em cada queixo.

Sentou-se n'um banco de pedra e encostou o cotovello á janella, apoiou na mão a cabeça e pegou a dormir.

Em quanto este dormia o pintor fazia suas reflexões inteiramente diversas das do velho:

— Todos estes malditos teem a mesma linguagem para elogiar a sua comida! — Todos teem este typo hypocrita. Faz-me recordar d'aquelle infame a quem eu me offereci para lhe tirar o retrato a troco d'um jantar e que m'o recusou... o maldito!

E fechando a mão deu sobre a mesa uma forte punhada.

—Ai! Ai!—acudiu o estalajadeiro sobresaltado e esfregando os olhos.—Que tendes? foi o vinho?...

—Oh! pois ainda aqui estaveis, patrão? Julguei que vos tinheis ido deitar. Não foi nada; casualmente dei com o cotovello na mesa.

—Então doe-vos?

—Nada; podeis deitar-vos; eu de nada mais preciso hoje. Vós estais com muito somno e eu tambem já o vou sentindo.

—Pois então, boa noite meu senhor; se fôr mister alguma coisa é só chamar. Com a devida venia.—E sahiu.

O pintor fechou a porta e apenas acabou a sua refeição deitou-se.

Como estivesse bastante fatigado, não tardou a adormecer.

(Continua)

A. Moraes.

LUZ NA SOMBRA

A D. Carolina Barbosa

Não me lamentes, não. Eu sou ditosa
na treva em que o meu ser immerso existe!
A lua tambem surge radiosa
entre as sombras da noite escura e triste.

Não me lamentes, não. Minh'alma ascende,
como a aguia, veloz transpondo o espaço;
nem amor, nem esp'rança ao mundo a prende,
é livre; não conhece algema ou laço!

É livre, como o curso da corrente;
como o vento a voar na immensidade;
é livre, como a vaga transparente;
é livre como a voz da tempestade!

Se já, prêza dos ferros, foi captiva...
se já nutriu no seio a dor mais forte...
hoje livre do pego, ergue-se altiva,
tem vida, força e luz e um novo norte!

Despresa o frio riso da indiff'rença!
Esp'rança, crença, amor—para ella é nada?
Se viu antes a treva na descrença,
n'ella vê hoje a luz da madrugada!

Não me lamentes, não. Não é desgraça
viver na treva quando a luz nos chama.
Na sombra, a que a minh'alma hoje se abraça,
encontra a luz d'um sol que anima e inflamma.

É oasis essa luz, onde se apaga
a sêde d'outra luz, d'outra existencia:
é a força viril com que ella esmaga
o amor—a flôr de venenosa essencia.

Porto, 20 setembro, 79.

Clorinda de Macedo.

ESTUDOS LITTERARIOS

I

SCIENCIAS E BELLAS LETRAS

Estas palavras designam em geral as luzes alcançadas pelo estudo.

Distinguem-se os litteratos, cultivadores sómente d'uma erudição variada e cheia de amenidade, dos sabios, que se dedicam ás sciencias abstractas e d'uma utilidade extremamente sensivel. Não se podem adquirir em grão eminente os profundos conhecimentos scientificos, sem o cultivo das bellas-lettras: resulta d'isto que as bellas-lettras e sciencias propriamente ditas estão ligadas entre si por meio de estreitas relações.

Entre os gregos o estudo das bellas-lettras embellezava o das sciencias, e o das sciencias dava um cunho brilhante ao das bellas-lettras.

A Grecia deveu todo o seu esplendor a esta reunião feliz; foi por isso que juntou a um merito solido uma brilhante reputação.

As bellas-lettras e as sciencias marcharam parallelamente n'este paiz: apoiaram-se mutuamente.

Ainda que as musas prezidissem umas á poesia e historia, outras á dialectica, geometria, astronomia, etc., os antigos olhavam-n'as a todas como irmãs inseparaveis.

Homero e Hesiodo invocaram-n'as a todas em seus poemas; Pithagoras sacrificou-lhes, sem as separar, uma hecatombe philosophica, como reconhecimento pela descoberta que fez da egualdade do quadrado da hypothenusa, no triangulo rectangulo, com os quadrados dos cathetos.

Na *urbs* romana, sob a protecção do imperador Augusto, as bellas-lettras floresceram juntamente com as sciencias.

Roma, logo que se apoderou de Athenas pela força de suas armas, concorreu com ella para uma erudição agradavel e uma sciencia profunda.

Entre nós, nos brilhantes seculos XV e XVI, o estudo das linguas cultas (grega e romana) e da nossa, foram os primeiros fructos da cultura do espirito, e em quanto a poesia ostentava seus encantos, a historia se fazia lêr com avidez em elegantes originaes e traducções; a antiguidade parecia desenrolar seus thesouros brilhantes,—as sciencias e bellas-lettras enriqueceram-se com sua intimidade.

Estes exemplos dos seculos aureos provam que as sciencias não subsistem n'um paiz se as bellas-lettras não forem cultivadas.

Sem ellas uma nação está impossibilitada de saborear os deliciosos fructos da sciencia e de trabalhar para adquiril-os.

As bellas-lettras embellezam todos os assumptos em que tocam; as verdades em suas mãos tornam-se mais sensiveis por meio de imagens risonhas e ficções, sob as quaes as offerecem ao espirito; espalham flôres sobre as materias mais abstractas e tornam-n'as interessantes.

Ninguem ignora com que vantagem os sabios da Grecia e Roma empregaram os ornatos da eloquencia em seus escriptos philosophicos,

Se as bellas-lettras servem de chave ás sciencias, as sciencias concorrem para a perfeição das bellas-lettras, as quaes apenas balbuciariam n'uma nação em que os conhecimentos sublimes, não tivessem importancia e consideração.

Para as tornar florescentes é preciso que o espirito philosophico e, por tanto, as sciencias que o produzem, como diz um escriptor distincto—se encontrem no corpo litterario do paiz.—

A grammatica, a eloquencia, a poesia, a historia, a critica, n'uma palavra, todas as partes da litteratura, seriam extremamente defeituosas se as sciencias não as reformassem e aperfeiçoassem.

Socrates, na antiga Grecia, cultivou a philosophia, a eloquencia e a poesia; Xenophonte, seu discipulo,—*a abelha attica*,—alliou a pessoa de orador, de historiador e de sabio com a de homem de Estado, homem da guerra e homem do mundo: ao ouvir o nome de Platão toda a elevação das sciencias e toda a amenidade das bellas-lettras se apresentam ao espirito; Aristoteles, de Stagyra, allumiou todos os generos da litteratura e todas as partes da sciencia. Lucrecio, entre os romanos, empregou as musas em cantar assumptos philosophicos; Varrão, o maior sabio da sua patria, escreveu sobre philosophia, historia, estudo de antiguidade, grammatica e poesia; Bruto foi philosopho, orador, e soube a fundo jurisprudencia; Cicero uniu prodigiosamente a eloquencia com a philosophia; etc., etc.

*

Concluindo: as sciencias e bellas-lettras — ousamos dizel-o convictamente—fazem florescer uma nação, espalham no coração do homem as regras d'uma razão recta, são as sementes da doçura e da virtude, tão necessarias para á felicidade da sociedade.

Lamego, 1879.

J. PESSANHA.

O MEU AMOR

É frouxo o sangue d'arteria...
pouco mais vivo... sómente
extranha paixão demente
prende o espirito á materia.

Não é d'alga flôr etherea
por quem sinto amor fremente;
nem paixão de Circe ardente,
ou do ceo a fé sideria.

É d'amor, sim, o meu mal,
e sem ser Silphide, ou Sara,
vi-a n'um verde rosal.

E é de belleza rara...
é Venus de pedestal
de marmore de Carrara!

Portalegre, 1879.

C. BOAVENTURA.

DUQUES DE COIMBRA

2.º DUQUE—D. JORGE

(Conclusão)

Foi segundo duque de Coimbra D. Jorge de Lencastre, filho natural d'el-rei D. João II, havido em D. Anna de Mendonça, dama da *Excellente Senhora*, e depois commendadeira de Santos, o qual nasceu em 12 de agosto de 1481.

D. João II amou predilectamente este seu bastardo. Havendo fallecido seu unico filho legitimo, intentou negociações e empregou grandes esforços para que D. Jorge de Lencastre fosse declarado herdeiro da corôa. Não conseguiu o monarcha seu intento, porque a isso se oppoz o direito ou a politica da epocha, succedendo-lhe seu primo, o duque de Beja D. Manuel.

Por seu testamento, lavrado em 29 e approvado em 30 de setembro de 1495, cumulou D. João II de grandes mercês e beneficios a seu filho D. Jorge, e o deixou recommendado com palavras de grande encarecimento á protecção do seu successor.

O titulo de Duque de Coimbra concedeu-lh'o neste testamento pela seguinte verba:

«.... *Olhando eu como não tenho outros fijos senão o dito D. Jorge meu fijo a que tenho grande amor e effeição e que por ser meu fijo e por suas virtudes e bondades e discrição que nosso Senhor lhe quiz dar é cousa divida e muy justa que pera se manter e governar segundo seu estado lhe fique por onde o possa fazer de meu motu proprio certa sciencia livre vontade poder absoluto sem mo elle requerer nem outros por elle me praz de lhe fazer graça doação e mercê antre vivos valedoura dagora para todo sempre da minha Cidade de Coimbra em Ducado....*» (a).

No mesmo testamento recommendava D. João II a D. Manuel tomasse D. Jorge como filho *em tal guisa que nom lhe dando Nosso Senhor fijos lidimos que ajão de soceder estos meus reynos e senhorios lhe fique seu Herdeiro e o faça jurar....* Mais pedia a D. Manuel que, se este tivesse alguma filha, ou filhas, *elle case a maior que tiver com o dito D. Jorge.*

Refere Damião de Goes que D. Jorge fôra feito duque a 25 de maio de 1500. Á vista da verba do testamento de D. João II acima copiada, não deve restar duvida de que este titulo lhe ficou competindo desde a approvação do mesmo testamento.

El-Rei D. Manuel, em carta passada em Evora em 16 de março de 1509, fez mercê a D. Jorge do titulo de Duque de Coimbra; mas verdadeiramente esta mercê deve ser considerada antes uma confirmação da referida verba do testamento de D. João II do que uma concessão de motu proprio. A parte d'essa carta, que se refere ao ducado de Coimbra, diz assim:

D. Manoel. etc. A quantos esta nossa Carta virem Fazemos saber que consirando nós o amor e afeiçam com que ElRey Dom Joam meu primo que santa gloria haja nos criou e como assy nisso como em todas as couzass nos tratou como proprio fijo e a mercês e acrescentamento que delle recebemos pello qual somos em muita obrigação de as suas cousas sempre o conhecermos lembrando-nos como delle não ficou outro filho senão Dom Jorge meu muito amado e prezado sobrinho Mestre Daviz e Santiago o qual elle nos deixou muito encommendado e por satisfazermos a obrigaçam que por todos estes respeitos temos; nos folgamos sempre de o criarmos e honrarmos com muito amor e afeiçam como hera razão pellos quaes respeitos e pello muito amor e boa vontade que lhe temos e por suas muitas virtudes e grandes merecimentos e por folgarmos de lhe fazer honra mercê e acrecentamento nos prouve de lhe dar titulo de Duque da nossa cidade de Coimbra e que uze inteiramente de todas as Insignias honras preminencias graças liberdades que por direito e costume destes nossos Reynos sam dadas e outorgadas aos Titulos de Duques (a).

Por esta mesma carta fez el-rei D. Manuel mercê a D. Jorge do castello e alcaidaria-mór da cidade de Coimbra, com o padroado das igrejas e mais regalias a ella annexas.

D. Jorge foi mestre da Ordem de Sant'Iago e administrador da de Aviz, senhor de Monte-mór o Velho, Condeixa, Aveiro, e de outras muitas terras, igrejas, direitos e padroados que seria longo referir.

Ha na vida de D. Jorge uma parte verdedeiramente dramatica, assumpto que muito se prestaria para se tractar em um romance. Referimo-nos aos seus galanteios com as damas do paço d'el-rei D. João III, e principalmente á sua paixão por D. Maria Manuel. Depois de viuvo e já velho de 70 annos, quando na cabeça lhe resplandecia a neve das cans, no coração se lhe ateava um vulcão de amor. D'aqui lhe provieram grandes desgostos e a inimizade de D. João III e da rainha, chegando a tal ponto, que o mandaram sahir do paço degredando-o para Setubal (b).

O duque D. Jorge foi o tronco da casa de Aveiro, pois foi o seu filho primogenito D. João de Lencastre o primeiro duque de Aveiro, titulo creado por el-rei D. João III no primeiro dia do anno 1547.

D. Jorge duque de Coimbra falleceu em Setubal em 22 de julho de 1550 e foi sepultado na igreja do convento de Palmella.

(a) *Provas da Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, T. 2.º pag. 172.

(a) *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, T. VI, pag. 8.

(b) Vide *Chronica do rey Dom João III*, por Francisco d'Andrada P. IIII cap. 43.º e *Provas da Hist. Geneal. da Casa Real Portug*, T. VI, pag. 21 etc.

3.º Duque—D. Augusto

É terceiro duque de Coimbra o sr. infante D. Augusto, filho da sr.ª D. Maria II, nascido em Lisboa em 4 de novembro de 1847.

O titulo de duque concedeu-lh'o el-rei o sr. D. Luiz pela seguinte carta regia:

Serenissimo infante D. Augusto Maria Fernando Carlos Miguel Gabriel Raphael Agricola Francisco de Assis Gonzaga Pedro de Alcantara Loyola de Bragança e Bourbon Saxe-Cobourg-Gotha, meu sobre todos muito amado e prezado irmão. Eu D. Luiz, por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves, etc. Envio muito saudar a vossa alteza serenissima como aquelle que muito amo e prezo.

Havendo-se distinguido em todos os tempos a cidade de Coimbra, antiga séde da monarchia portugueza pelo seu acrizolado patriotismo e pela fidelidade e amor que sempre consagrou aos legitimos soberanos d'este reino; tendo-se, além d'isso, a mesma cidade tornado notavel depois da fundação da Universidade, primeiro estabelecimento scientifico d'este paiz, que por sua illustração e zelo tanto tem contribuido para o adiantamento e propagação das sciencias e das letras patrias; e querendo por estes respeitos fazer mercê á mesma cidade, contemplando-a com um novo testemunho da minha real consideração: hei por bem conferir a vossa alteza serenissima o titulo de duque de Coimbra.

O que me pareceu communicar a vossa alteza serenissima para seu conhecimento e effeitos consequentes.

Serenissimo infante D. Augusto Maria Fernando Carlos Miguel Gabriel Raphael Agricola Francisco de Assis Gonzaga Pedro de Alcantara Loyola de Bragança e Bourbon Saxe-Cobourg-Gotha, meu sobre todos muito amado e presado irmão. Nosso Senhor haja a augusta pessoa de vossa alteza serenissima em sua continua guarda.

Escripta no paço da Ajuda, em 21 de Fevereiro de 1867—De vossa alteza serenissima, extremoso irmão —LUIZ—JOÃO BAPTISTA DA SILVA FERRÃO DE CARVALHO MARTENS

Coimbra, 1879.

A. M. SIMÕES DE CASTRO.

IMPROVISO D'UM CAMPONEZ

O mar tambem tem amante!
O mar tambem tem mulher!
E' casado com a arêa,
Dá-lhe beijos quando quer,

DOROTHEA E HERMANN

Goethe sempre admiravel nos typos que a sua fertil e artistica imaginação creou, soube sempre nos seus encantadores poemas compor, de burguezes e pastores, grupos dignos de um valle da Arcadia primitiva.

Elle consegue dar o puro contorno grego ás figuras da bonhomia germanica.

Esta maravilha d'arte opera-se-lhe sem exforço nem constrangimento; é espontanea, sua particular. Se não tem a linha erudita e o colorido dos grandes artistas; se não talha, como alguns, as suas estatuas nos marmores extrahidos da Grecia, os seus formosos personagens, arrancados das entranhas da terra natal, da sua propria raça, sem ultrapassar a medida da sua condicção, simples e verdadeiros, subrepujam as d'aquelles, porque exprimem, com uma franqueza tão suave, os immudaveis sentimentos do coração humano, a ponto de parecerem contemporaneos dos primogenitos da natureza.

Dizia elle e bem:—O lirio, tanto á beira do Meles, como nas margens do Neckar, quer elle cresça no seio da floresta Negra ou nos declives de Taygete, as suas petalas são sempre bellas delicadas e apreciaveis.—

Os amores de Hermann e Dorothea fazem recordar os noivos de Genesia, trocando os seus anneis de alliança á beira d'uma cisterna.

Observemos, pois, o quadro e digamos ligeiramente o singelo, mas delicado enredo d'este encantador poema:

Hermann era filho d'um estalajadeiro. A Villa, sua terra natal, estava ameaçada d'uma invasão estrangeira. Todos fugiam do perigo e se escondiam dos inimigos, e Hermann costumava levar aos refugiados provisões e roupas, o que o pae muito approvava com aquella gravidade com que Ulyses louvava qualquer acção da *veneravel Penolope*.

Satisfeito pela denodez do seu intrepido filho, pensou em cazal-o com uma das tres filhas d'um rico negociante da villa.

«Um bravo, como meu filho, merece uma mulher rica»—dizia elle, esgotando um cuvilhete de vinho do Rhin. Mas do que elle se não lembrava era do coração de Hermann.... era pae, e concluia, por isso, ser elle o senhor absoluto de todas as vontades e sentimentos de seu filho!

Vejamos, pois, regressar Hermann d'uma das suas excursões caritativas. Eil-o em caminho de sua casa, simples e franco, robusto e candido; um pouco leve de espirito e bastante pezado de corpo; não, formoso como

DO QUADRO DE KAULBACH E GRAVURA DE J. L. RAAB

DOROTHEA E HERMANN.

o pastor da Sicilia, mas cheio de vida, força e coragem, o verdadeiro typo da mocidade rude e viril.

As filhas do tal rico commerciante, vaidosas e soberbas, sabendo das idéas do velho estalajadeiro, escarnecem do pobre rapaz, ora por trazer os cabellos despenteados, ora da sua comprida reguingota; pelo que elle muito se offende e pelo que mais impossiveis se tornam as aspirações de seu pae.

N'elle tudo respira a seriedade d'um austero moço.

Tudo se grava em seu coração como na casca d'uma arvore.

A mulher de sua escolha, o enlevo de sua alma apparece-lhe ao encontro. Ao primeiro olhar reconhece-a e o seu coração trasborda de alegria.

Hermann é d'aquelles homens que amam só uma vez e para os quaes não ha senão uma mulher, assim como no paraizo não havia senão uma Eva.

A sua Eva era—Dorothea—essa formosa vaqueira que conduz a passo firme um carro puchado a bois dos maiores e mais possantes do logar. Veste um ligeiro e simples colete vermelho, que modela escrupulosamente a redondeza de seus seios; a branca camisa, fechada em pregas, dá-lhe uma graça airosa ao collo, que rivalisa na alvura; o seu rosto oval e encantador exprime a sã franqueza da serenidade; as tranças de seus abundantes cabellos enrollam-se naturalmente em muitas voltas n'uns *pregos* prateados; uma facha azul prende um pouco a saia para lhe deixar livre na marcha seus elegantes pés.

Com a sua pequena aguilhada, e acompanhada d'um pastorinho, d'um cão e d'uma cabra, guia o carro, onde quasi desfallecida vai a mulher de um rico *senhor*, a quem a generosa vaqueira acabava de salvar do perigo e abandono.

Fôra ella o anjo salvador d'aquella infeliz mãe! prestara-lhe todos os socorros ao seu alcance e condul-a á sua choupana pedindo esmola para ella.

E foi assim que Hermann viu Dorothea e julgou ver n'ella um anjo, como nos tempos Homericos se julgava um Deus no vagabundo que mendigava porta em porta.

Desenham-se n'aquella figura de mulher todas as graças da virgem e as virtudes da esposa—a bondade e a belleza, a força e a coragem. Até o amor maternal se apresenta na ternura que prodigalisara ao filho que não era seu!.

Hermann, embebido n'esta imagem, nunca poderia annuir a seu pae. O estalajadeiro, sabedor d'estes amores, vocifera contra tal enlace; este cala-se, mas não accede. A mãe, que tinha a expressão tocante da Sara de Rambrandt, consegue harmonisal-os. O pae enternece-se e cede ao inabalavel amor do filho. Hermann corre a buscar Dorothea; esta segue-o, ignorando a felicidade que a espera e só a conhece ao receber o osculo nupcial, ao sentir no seu dedo o annel da alliança e ao ver-se abraçada de seus novos paes!

Nada mais tocante do que a maneira como o poeta descreve esta scena e como faz realçar a modestia em Dorothea no acto da sua maior felicidade.

Dir-se-hia—é uma pastora coroada por o filho d'um rei.

Recorda a humildade da Virgem ao receber a divina mensagem!

Derothea diria tambem, a seu modo:

«Ecce ancilla Domini».

OSCAR TIDAUD.

AB IMO PECTORE

Irrequieto mar que essa juba desgrenhas
E transpões, a bramir, a glauca imensidão,
Escarpando o rochedo aonde te despenhas,
Espumante e feroz, com uivos de leão;

Assimelhas-te a mim, ó mar incompr'encivel,
E's revolto tambem como o espirito meu;
Incerto no aspirar, ala-se ao impossivel
E torna-se tal qual tu és,—um escarceu.

Meu pensamento hesita e cae no escuro abysmo
Da duvida que o punge, em que a luctá o prostrou.
Escruciante dôr—horrivel magnetismo,—
Me chumba á solidão em que me despenhou.

Interrogo a minh'alma, ella não me responde;
Por mais que busco o céo nunca lhe vejo o azul;
No deserto em que habito ignota mão m'o esconde
E sinto-me afundar em lodoso paul.

Se lucto por sahir, cada vez mais me afnndo;
Voar?!. não posso já as azas expedir!
A vertigem me vence e um pelago profundo
Vejo, p'ra me tragar, sob os meus pés surgir.

....

Só tu, querida amiga, ó alma da minh'alma,
Anjo da minha guarda, estrella do meu lar,
Tens para mim um céo n'essa suave calma
E a luz que me sorri, no teu benigno olhar.

Lisboa—1879.

PEDRO DE LIMA.

A VIUVA

Havia tres mezes que lhe morrêra o marido: fôra enterrado no cemiterio occidental debaixo das raizes d'um cypreste. Cobria a sepultura uma lousa rasa com um epitafio modesto e simples: o nome, a data do nascimento e a da morte. Apenas á cabeceira negrejava uma cruz singela de madeira coroada de perpetuas.

Muitas vezes Adelaide ia ajoelhar sobre a lage sepulchral, *rezando por alma d'aquelle que em vida lhe foi tão caro*. Estava *alli* o seu *companheiro querido*, o *esposo amado*, e não o podia vêr e abraçar! *escondia-o* uma pedra, *separava-os* um *abysmo, a eternidade!*

E as lagrimas corriam sinceramente dos olhos da viuva. Depois... levantava-se toda tremula; atravessava as ruas tumulares; parava de vez em quando lendo as inscripções douradas, opulentas, demorando o olhar nas corôas de perpetuas, algumas já muito velhas ou denegridas pelo tempo, abandonadas nos braços das cruzes que se erguiam como sentinellas com distinctivo de serviço, postas aos mortos.—Experimentava grandes commoções com a recordação do marido e o ideal que formava dos mysterios d'além da campa!—E alimentava então uma esperança:—a de se reunir um dia á *elle lá no céo!*—Vinha-lhe uma saudade infinita; sentia desejos irresistiveis de ficar *alli* toda a vida, de morrer tambem; e o cemiterio, com o seu aspecto lugubre e tetrico, produzia-lhe uma suave sensação de ante-gosto da morte. O que maior tristeza lhe causava, eram os mausoléus de lettras negras, os que tinham um môcho junto d'uma ampulheta ou pousado no tôpo d'uma cruz!—Mas, apoderava-se d'ella uma curiosidade immensa de penetrar *alli dentro*, demorarse, vêr, analysar, palpar as cinzas *dos* que em vida muito tivessem amado e soffrido! E, quem sabe? talvez as sentisse ainda tépidas, immersas em terna saudade, em amor indefinivel!—Com este pensamento, horrorisava-se, sentindo leves estremeções no corpo, uns arripios gelados, e depois uns desfallecimentos momentaneos...

Passadas as primeiras impressões pensava que não era ella só a infeliz no mundo que perdera um *ente querido*. Então diligenciava por se encher de coragem: suavisava-a a idéa de que *muitos* alli jaziam: e alguns letreiros—... *foi uma fiel e virtuosa esposa...*, *uma mãe exemplar...*, *uma filha dedicada e affectuosa...* ou *um marido e verdadeiro chefe de familia...* a que se seguiam muitas quadras, palavras *d'amor* e *saudade* pedindo *padre-nossos* e *ave-marias*, faziam-n'a entrar n'um recolhimento intimo, esquecer tudo que a rodeava.—Ainda, parando defronte da capella do cemiterio, *rezava por as almas de todos os defunctos.*

*

Uma tarde, quasi ao pôr do sol, erguia-se *ella* de sobre a pedra tumular sob que repousavam os restos mortaes do marido.—Atravez o espesso véo de luto que lhe cahia até á cintura cobrindo o seu rosto formoso da alvura da neve, via-se rolarem-lhe pelas faces duas grossas lagrimas.—Tinha acabado de depôr alli uma outra corôa de perpetuas. Ao mesmo tempo um homem em ar meditativo parava em frente d'um jazigo.

Os ultimos raios do sol douravam as folhas cyprestaes, lourejándo os craneos esbranquiçados e abandonados, produzindo reflexos brilhantes, mais ou menos suaves, mais ou menos vivos e penetrantes, em variações de luz, que davam áquelle recinto a illusão das miragens florestaes e o engrandecimento das caladas dos logares ermos.—Adelaide sentia uma commoção que a elevava a um ideal mystico, ás chimeras d'um mundo phantasiado e desconhecido.

E o seu espirito, embalado na infancia por dôces illusões e crendices, por uma educação excessivamente religiosa, perdia-se n'essas regiões como a aguia nas alturas do espaço infinito.—Uma attracção irresistivel prendia-a alli áquelle bocado de terreno: as pernas tremiam-lhe, sentia-se vergar, e n'um passo vagaroso havia caminhado até ao centro do cemiterio.—A realidade invadia-lhe a corrente de sensações, o cerebro confundia-se n'um vae-vem de idéas indefinidas, o sentimento elaborava-se como debaixo d'um sudario lutuoso, da negrura funebre, passando pelos filetes nervosos, e ella, desditosa, mesquinha, mas grande de coração, rompeu n'um chôro sentimental.—Deteve-se em atitude extatica: parecia alheada.

Ao longo do horizonte, rente ao mar, via-se uma extensa orla vermelha, da côr do fogo, com pequenas riscas brancas e douradas, que sobresahia esplendidamente, como riquissima bordadura, no azul purissimo do céo. Era uma tarde estiva. As listras que se delineavam a espaços curtos; as nuvens esbranquiçadas, tenues, como bordados de malha, que pareciam destinadas a opulentar aquelle fundo, mesclando de suavidade o soberbo listão em ar de magestosa cercadura; os contrastes, as cambiantes de luz em que se submergiam as vellas d'um navio ao longe, na linha do horizonte, e se confundiam vapores subtis; tudo isto que dava ao quadro, que se desenrolava do alto dos Prazeres, um tom melancholico, um aspecto de irradiação imponente, produzia no systema nervoso da viuva, umas vibrações abafadas de sentimentalismo, e o pensamento, em harmonia com a hora e o logar voava nas azas negras da soledade. O cemiterio *estava*

deserto, parecia-lhe; e que só ella estava alli olhando o occidente, contemplando aquelle vasto panorama que se desdobrava, mudo, esplendido, e que o seu espirito engrandecia d'uma sublimidade inattingivel!

O mesmo *homem* que havia parado defronte do *jazigo*, passou junto d'ella.

Então, Adelaide pareceu despertar do seu *enlevamento*.

Davam as *Ave-Marias*. Estas badaladas echoaram em todo o seu sêr, e fugiu como espavorida do cemiterio.—Á sahida foi cumprimentada pelo coveiro e não deu por tal. Rangeu a porta nos gonzos: pareceu-lhe sentir atraz os passos da morte...

*

Passados tres dias voltou aos Prazeres. Tinha estado muito adoentada: o espirito povoara-se-lhe de terrores, e ás vezes tranzida de frio, com as carnes arripiadas, sentia uma *pontinha de febre*. Mas já estava muito melhor, apenas alguns calefrios de vez em quando que passavam instantaneamente.—Olhou o jazigo proximo da sepultura do marido, defronte do qual estivera *aquelle* homem de semblante triste e pallido, a pallidez de quem soffre grandes desgostos, e viu que as flores que ornavam uma capellinha aberta no tumulo eram frescas e viçosas e que havia sido renovada a cercadura de rosas e perpetuas.—Pensou, lendo pela primeira vez com uma curiosidade desperta, o epitafio d'este mausoleu, que de certo a *senhora* tão nova, que jazia alli dentro d'uma d'aquellas gavetas de marmore, devia ter sido muito formosa. Sem duvida era o *marido* que vinha visital-a á sua ultima morada deixando-lhe os goivos da saudade.—Começou a sentir uma certa inclinação para *aquelle homem*, que em alguns momentos lhe preocupava a imaginação. Devia ser um amante extremoso; revelava-o o seu ar preocupado; e ao mesmo tempo parecia que uns leves toques nos nervos a faziam estremecer. *Elle*, era seu irmão no soffrimento: Adelaide tinha-o como tal. Quem sabe? talvez o destino...

Não tardou que apparecesse junto d'ella o mesmo individuo acompanhado pelo guarda do cemiterio. Este, depois de collocar um vaso de flôres sobre um pequeno alegrete em redor do jazigo embellezado por um gradeamento singelo, retirou-se, em passo lento e pesado.—Na capella havia uma imagem da Virgem da Soledade, com lagrimas de prata e um manto de seda preta povoado de estrellas douradas: do ante-braço pendia-lhe alvissima toalha de rendas; e deixava vêr a carnação do seio esculptural da alvura do gêsso.

A viuva seguia todos os movimentos do homem que lhe inspirava sympathia.—Elle, fitou n'ella um olhar interrogador, penetrante, que a fez córar ligeiramente.—Depois, passearam quasi ao lado um do outro e silenciosos, sem destino, sem intenção, abstractos, pelas aleas dos cyprestes, pelas avenidas tumulares.—Inconscientemente pararam defronte do monumento do Conde das Antas, e em seguida encostaram-se ao jazigo dos Palmellas.—Tinham os olhos baixos, enternecidos:—approximaram-se então, tocaram-se sem consciencia, obedecendo a um impulso instinctivo, a uma enlevação intima que os paralysava.

Adelaide era excessivamente romantica: via n'aquelle homem pallido um heroe das modernas aventuras, um d'aquelles personagens de Octavio Feiullet, que tantas vezes lêra no remanso do seu quarto á hora da sésta, ou ao declinar da tarde á janella do occidente, até o sol se esconder no horizonte.—O Conde de Camors devia ter sido assim decerto! E via n'aquelle individuo um homem superior por quem desmaiam e morrem as pallidas e louras Margaridas, por quem desfallecem as mulheres nervosas, aristocraticas! —Elle era o verdadeiro typo do *homem de salão* que apparece inesperadamente detraz dos reposteiros de damasco, com a mão no peito, declamando em tom sentimental e amoroso!—A viuva, embebida n'um ideal de sensações e commovida pelo aspecto soberbo e grandioso d'aquelles tumulos, sentia-se n'um bem estar suave, um tanto delicioso, amoravel, mystico... recordando-se d'aquelle verso sentido da *Rachel* de João de Deus:

«Despe o luto da tua soledade...»

E não sabia explicar a razão da sua demora n'este logar... pois que estava alli sósinha com um *ente* que a contemplava em silencio, de quem nunca ouvira a voz, uma palavra... Mas sentia uma attracção irresistivel para elle, que um impulso forte a impellia sem receios, sem obstaculos!—Ambos tinham desejos de fallar baixinho, quasi em segredo, mas conservavam-se mudos: parecia que o ar os abafava, que os suffocava uma mão de bronze.—E sem saberem porque apertaram-se as mãos.

O sol desapparecera entre nuvens escuras, carregadas: terminara o dia.

Adelaide, como se um toque a advertisse, sahiu do cemiterio, parecendo-lhe, sentir em si, no coração, as marteladas funerarias n'um ataúde ou o ehco do *dobrar a finados*, e teve um sentimento instinctivo de terror.

*

No dia seguinte a esta scena, a viuva foi mais cedo ao cemiterio; ajoelhou, rezando com fervor religioso sobre a sepultura do marido.—Não viu o seu *compa-*

nheiro da vespera. Esperou-o até sol-posto, sem uma idéa definida, sem saber porque: sentia uma tristeza vaga, uma vontade de chorar sem explicação possivel para ella.

Não sabia; uma necessidade imperiosa de estar acompanhada mortificava-a. Tinha a sensibilidade de uma falta de amizade e dedicação no seio.

Havia, sentia muito, um vasio immenso e o trasbordar de pensamentos ora funestos, ora grandiosos e sublimes, que se espargiam estes, como raios de luz suave, de todo o seu cerebro.—Depois sentiu um peso enorme na cabeça, um leve entristecimento.

Retirou-se.

Voltou no dia immediato, muito mais cedo ainda: —*nada*, não viu *ninguem* a não ser as *pessoas* que acompanhavam um enterro pobre.

Uma manhã acordou sobresaltada por grandes pesadellos. Tivera uma noite de sonhos maus, que ella tinha por agoureiros. Vestiu-se muito á pressa, mas vendo-se ao espelho muitas vezes, e foi para os Prazeres. O guarda disse-lhe:—Tão cedo hoje...

Sem saber porque a viuva corou ligeiramente.

Passou o dia muito contrariada, inquieta, n'um mal estar nervoso, passeando no cemiterio.—Mas porque se demorava ella alli depois da reza?!—Não o sabia. Porque pensava n'aquelle homem? Tambem o não podia explicar. E comtudo desejava vêl-o, enfreniziava-se com esta auzencia que já lhe parecia prolongada, tinha mordentes desejos de saber onde *elle* morava, perguntar ao guarda, dizer-lhe... mas o quê? Pensaria *elle* n'ella? Não, com *certeza*.

Todavia aquella scena muda ao pé do jazigo dos Palmellas, deixara-lhe uma recordação grata. — E aquellas palavras do coveiro:—«Tão cedo hoje...» que significariam! Seria *desconfiança*? Mas de quê? Não tinha gostado, e pareceu-lhe que um fogo lento lhe subira ás faces.

A' tardinha quiz ainda fazer oração, mas não poude murmurar uma palavra, recordar-se do que lhe ensinaram em creança. Sahiu quasi ao lusco-fusco.

*

Esteve tres dias sem voltar aos Prazeres, mole, adoentada, nervosa, sem animo de pôr o pé na rua.

Por fim, resolveu, eram quatro horas da tarde, ir dar um passeio á Estrella e de caminho resar um *padre-nosso* ao cemiterio. Foi. Ao mesmo tempo entrava o *sujeito*.

Adelaide estremeceu, o coração palpitou de jubilo, o rosto tingiu-se-lhe d'um leve rubor quente. Encaminhou-se, direita á sepultura do marido, ajoelhou distrahida, sem reverencia, bolindo nas corôas de perpetuas, sem uma palavra que lhe fizesse descerrar os labios.—Levantou-se, teve nma vertigem fugindo-lhe, de repente a luz dos olhos: foi um momento.—Dirigia-se ao fundo occidental do cemiterio: o homem seguia-a. Não tardou a approximar-se *d'ella* cumprimentando-a.—A viuva correspondeu-lhe baixando um pouco a cabeça em ar de deferencia.

—Pelo que vejo V. Exc.ª chora a perda d'um marido extremoso...

A viuva, ouvindo estas palavras tão tristemente pronunciadas, este tom de voz, em que havia uma certa maviosidade, sentiu pular-lhe o coração, e baixou os olhos com tristeza respondendo simplesmente com um suspiro:

—E' verdade.

—Estes logares infundem respeito e tristeza, minha senhora; e aos coraçõcs angelicos, como o de V. Exc.ª devem ser elles mais tristes ainda.

Adelaide não poude soltar uma palavra: os labios tremeram-lhe entre-abrindo-se n'um leve sorriso de agradecimento. Sentia-se grata áquelle homem que se mostrára tão delicado. E não seria um dever de gratidão receber bem as pessoas sinceras?—Elle julgava-a boa como um anjo... talvez meiga, formosa, um coração cheio de excellencias... E ella não era realmente assim?... Seria elle tambem franco e sincero?

Era-o, de certo: não podiam exprimir o contrario aquellas palavras *sentidas*, que a obrigavam a um reconhecimento eterno.

Tinham chegado a um recanto quasi fóra das vistas dos que por acaso andassem como elles *passeando* no cemiterio. Estavam tão senhores de si como se estivessem em passeio publico.—Adelaide sentia-se perfeitamente: triste no semblante, mas no intimo ia-lhe uma doçura maviosa, um mixto de sensações em que imperava um ideal sem fim, uma serie de pensamentos diversos.

Havia alli, n'aquelle logar sósinho, quasi escondido, deserto, ao fundo occidental do cemiterio, um pequeno alegrête povoado de couves e nabos á sombra dos cyprestes: mais adeante algumas ossadas espalhadas, craneos amarellos, tibias, costellas... confundidos nas malvas, ortigas e malmequeres... e, mais além ainda, a um cantinho, uma roseira sem cultivo, com rosas brancas e escarlates... Era *alli*... Estavam parados, silenciosos, inconscientes, confundidos, estupidos, chegados um ao outro.—Que faziam elles? não o sabiam! Pasmavam d'aquella felicidade inesperada! Adelaide ruborisava-se sentindo affoguear-se-lhe o rosto. —Depois embebidos, trementes, palpitantes... como um casal de pombas no pombal, olhavam-se enternecidos...

Perfeitamente unidos, a viuva de vez em quando

punha os olhos no chão, fitando distrahida as hortaliças viçosas e as hervas que pisava.—Era um idyllio funebre!—Dos hombros *d'ella* tinha cahido o grande chaile preto, despregara-se do alfinete; o seu vestido comprido de *merino* francez, um tanto levantado agora, deixava vêr a outra saia preta um pouco curta...

Instantes passados, no gosto, na suavidade d'aquella poesia de cemiterio, soou um beijo apaixonado, delirante, infinito... para aquelles corpos que se attrahiam obedecendo a um ideal de impressões sentimentaes.

A viuva sentiu uma grande tontura e como que uma nuvem de sangue passar-lhe rapidamente pela vista, abafando todo o seu ser, suffocando-a. Tremeram-lhe brandamente as carnes: tinha os olhos amortecidos, languidos, revirava-os na mesma languidez apaixonada: sentindo um quebrantamento no corpo, desfallecia: perdia a razão, a consciencia... desvairava pronunciando palavras sem nexo...—Não comprehendiam a propria ventura... a sua situação d'elles, egoistas, sôfregos d'amor, sedentos de beijos...—Era alli, d'onde se via negrejar a cruz da sepultura do marido, que Adelaide, idiota, louca, ardendo em desejos, obedecia ao seu temperamento voluptuoso e impressionavel—um mixto de *romantismo e mysticismo.*—Em ambos, o coração por momentos cessou de bater; a respiração parecia tomada, a paixão era crescente, e não se sentia o bolir d'uma folha nem o quebrar secco d'um panasco ou o rastejar d'um vil insecto...—Tinham perdido inteiramente a razão, o *sentimentalismo* deixou de influir, evaporou-se como levado pelo sopro do vento, houve um momento de impetuosidades, de ardencia, puramente animaes... Era *alli!*... A viuva com o peito offegante soltou um gemido hysterico... *Elle*, inflammado, trasbordava de sensualidade...

Arquejavam...—E ao mesmo tempo elles ouviram estalar de baixo dos seus pés uma caveira.

Cahia a luz crepuscular.

Lisboa, 1879.

REIS DAMASO.

A INTELLIGENCIA É LUZ, O SENTIMENTO O SOL

Facho, que espalhas pelo mundo a luz,
Sem nada exceptuar, egual e prodigo,
Tu, das côres a fonte que seduz,
E's de infalliveis leis brilhante codigo.

Se em diamante, limpido crystal,
Incidem raios teus, que luz insolita!
Como tu entre estrellas, é rival
Da *esmeralda*, *rubi*, e da *crysolita*.

Porém, no escuro e aspero carvão
Parece inerte a vibração etherea!
Parece resvalar no seixo em vão,
Preferencias fazer entre a materia.

Mas elle é sempre o mesmo, o mesmo, sim;
Quer na massa indigesta do calcario,
Quer sobre o prisma de crystal, emfim,
Conforme é recebido o effeito é vario.

Movimento subtil, geral tremor,
Enchendo o espaço, abysmo immenso e tetrico!
Aqui tu serás luz, alli calor,
Além, mais rapido, esse effeito electrico.

Se á *sensitiva* o movimento dás,
Negal-o-hias á singella *hepatica?*
O seu modo de ser não é capaz
De apreciar-te assim a luz sympathica.

Se a immovel *alga,* reproduz no mar
Inquietos filhos, que a abandonam tumida,
Sensiveis animaes, por que negar
O sentimento á mãe na patria humida? (1)

Se a *formiga* o sentir mais fino tem,
Que desdobra depois na intelligencia,
Esta se espalha como a luz tambem,
Tendo no sentimento alta potencia.

O mais puro crystal, o nobre sêr,
Que pensa, e sópra o que pensou dos labios,
Mais que nenhum resplende! Humbold, Gilbert
São conscientes, e entre os mais são sabios. (2)

Mas uma jaça, que affectar algum,
Desvia á intelligencia os raios lucidos.
Ella é unica e pura, egual, commum,
Mas nem todos os corpos são translucidos.

A. LUSO.

(1) Muitas algas se reproduzem por *sporos* animados, os quaes se movem, logo que sahem do seio da mãe. Esta entumece-se em alguns pontos, que são rompidos pelos *sporos* com uma especie de bico ou ponta (rostrum).

Depois nadam na agua até se fixarem sobre a rocha ou em outro corpo, aonde vão abrindo, alargando, convertendo-se em folha e formando a planta.

(2) O sabio Humbold e Guillaume Gilbert, de Colchester, que se pode dizer o pae da sciencia da electricidade.

DUAS PALAVRAS DE MEDICINA

(Conclusão)

A certeza medica não póde ser egual em todos os casos, nem mesmo constante. Muitas vezes ha apenas probabilidades, que variam de grau. Supponho porém certa a medicina theoricamente, poderão a sua utilidade, poder e efficacia serem eguaes em todas as molestias?

E' claro que não. Os resultados estarão sempre em relação com os progressos da sciencia, e com a habilidade do practico? Para o exercicio clinico será indifferente que os medicos tenham saber real, ou mediocre instrucção? Parece clara e simples a resposta, mas é preciso explicar o *porquê* de certos factos. Em toda a parte apparecem homens d'uma ignorancia crassa, e que todavia gosam da confiança do publico! Passam por sabios, sendo impostos pela opinião! Uns, o menor numero, tem bom senso, e são rotineiros felizes; outros commettem erros, faltas inacreditaveis, que ainda assim a sociedade desculpa e olvida! Comparando os resultados geraes de practicos diversos em enfermarias hospitalares, encontram-se leves differenças; todavia partilham elles idéas e doctrinas oppostas, excentricas, e alguns ha de sciencia muito contestavel. Parece á primeira vista que estes factos levam á conclusão de que a medicina exerce uma diminuta acção; e é d'efficacia e utilidade nullas, ou quasi, em face do homem doente. Conseguintemente que pouco importa chamar bom ou mau practico, o que justifica o procedimento do publico.

Expliquemos: dividamos os doentes em tres classes; a primeira (a maior) doenças leves, de marcha regular, caracter benigno, prognostico favoravel, tractamento simples e conhecido de todos, ou que se reduz a cuidados hygienicos, repouso, dieta etc. Taes são as febres ephemeras, indigestões, embaraços gastricos, anginas simples, bronchites, dores rheumaticas etc., etc.

Segunda; tuberculos, lesões organicas de visceras importantes e essenciaes á vida (coração, cerebro etc.) que em *muitos casos*, sejam quaes forem os esforços da arte, a morte é inevitavel. Terceira; molestias de gravidade que podem comprometter a vida, mas que um tratamento energico, bem dirigido, conveniente, e em harmonia com as condições individuaes, póde debellar inteiramente. As da 1.ª classe curam-se de per si, e algumas vezes *apezar do tratamento!*

Os doentes da 2.ª morrem nas mãos dos ignorantes, e cuidados pelos mais habeis facultativos. Logo para estas duas classes, que constituem os $^3/_5$ ou talvez mais das enfermidades, está justificada a indifferença sobre a illustração do medico. E' horrivel a *similhança apparente* entre o bom e o mau practico, mas infelizmente existe! Ainda assim, para haver justiça, é racional suppôr que os da primeira classe se curam mais rapidamente e melhor, e que os da segunda succumbem mais tarde, entregues a facultativos habeis. Chegando á 3.ª classe, os practicos separam-se, caminham por atalhos diversos: o bom—conduz o seu doente á extrema da vereda, onde encontra a saude e a vida; o mau—arrasta o seu, ou pelo menos, não lhe impede o caminhar para a morte! O medico habil descobre a séde, a cauza, e a qualidade da molestia; conhece as indicações, acerta com os indicados, e obtem optimo resultado; o ignorante investiga *ás apalpadellas*, tateia, ensaia, e cura por acaso, ou... mata, *se nivélla e affére a temeridade pela ignorancia!!!...* E, como esta classe é a menor, é claro que a separação é morosa e assim se explica o errado juizo, que por muito tempo forma o publico dos *seus* facultativos! Mais tarde é tradiccional a *sabedoria dos chavões*, e o charlatanismo magistral campeia infrene. Soltam *ex cathedra* os maiores dislates, e alcançam para as suas grosserias o epitheto de *excentricidades!!!... Sic transit gloria mundi......*

Evidenciar essa differença, collocando-se acima do practico vulgar, contribuir com o seu óbolo para o progresso da arte, trabalhando por descobrir tratamento para molestias, que o não teem seguro, devem ser os fins do medico, tanto por seu proprio interesse alcançando solida reputação, como por interesse da humanidade, e para ser digno da sublime e gloriosa missão, que tem de cumprir! A utilidade do medico estende-se a grande numero de individuos, se trata da hygiene publica. O seu valor pessoal está na razão directa d'essa utilidade, da benevolencia e mais talvez ainda da sua moralidade! Ai do que abusa da sua posição official, infamando a classe, trahindo a confiança, que n'elle depositam, e devem depositar, os chefes de familia!!!.. A' cabeceira do enfermo está o facultativo, e nunca o homem! Só os olhos da sciencia vêem, só o tacto *medico* apalpa, os sentidos externos são apenas auxiliares scientificos.

Tem de abstrahir, de ser completamente inacessivel a todas as sensações, e sentimentos humanos, de proscrever até a sensibilidade para que a razão, livre de peias, possa friamente raciocinar.

A dignidade da profissão baseia-se no merito particular dos medicos e nos serviços que prestam. Muitos medicos teem sido cumulados de honras pelos reis. Alguns d'estes exerceram a medicina, e outros coadjuvaram-a nos seus esforços philantropicos! A Esculapio erigiram-se mais de 60 templos só na Grecia.

Se a Medicina tem recebido benefico impulso das outras sciencias, tambem ella as tem coadjuvado, pagando o seu tributo na mesma moeda para o respectivo progresso de cada uma. O estudo da Astrologia foi recommendado por Hippocrates, e seguido com afan por medicos antigos e modernos; Copernico, Gemma, Fernel etc. etc. A physica deve-lhe tambem muito. O velho de Cós foi quem lançou os primeiros alicerces á meteorologia.

Sanctorius inventou o thermometro; Hooch e Ludolf modificaram o barometro; Leroi fez progredir a hygrometria; Jurine a eudiometria. A Electricidade, galvanismo e magnetismo são estudados por medicos principalmente.

Stahl, Hoffmann, Boerhaave foram grandes chymicos, além de medicos habeis.

O proprio interesse da Medicina contribuiu para o aperfeiçoamento do estudo da organisação olhada chymicamente; as historias dos venenos, e das aguas mineraes estão no mesmo caso. Gesner, Cesalpino, Hermann, Jussieu, e outros medicos ainda, deram á botanica o desenvolvimento, que tem hoje. Muitos progressos da zoologia são obra de medicos tambem. Belon estudou as aves; Salviani e Rondelet os animaes aquaticos; Lister e Bergeu os crustaceos; Geoffroy os insectos; Klein, Charleton, etc. estudaram varias classes, e Linneu abrangeu todos!

Os helminthes, a anatomia comparada, e as propriedades therapeuticas das familias naturaes das plantas (·) são outros tantos trabalhos especiaes, devidos aos sectarios da sciencia medica.

Identicamente topographias e Floras: Flora de Montepellier (Magnol) — Flora da Laponia (Linneu) — Flora da Siberia (Gmelin)—Flora da Suissa (Haller) etc.

Belon e Tourinfort percorrendo o Oriente, Prosper Alpin o Egypto, Bontins as Indias, Hermann Ceylão, Kempfer o Japão, Spormann o Cabo da boa Esperança, Lippi a Abyssinia, Hons Slorne a Jamaica, Margraf e Pison o Brazil, Hernandes o Mexico, Adonson as margens do Senegal, etc. formaram collecções magnificas, enriqueceram museus, em que se abraça com a vista a creação inteira.

A medicina é poderoso auxiliar tambem das sciencias moraes. Pelo estudo das funcções dos centros nervosos, e dos nervos periphericos, póde o psycologista estudar e conhecer a fonte, e coordenação das idéas dos sentimentos, sensações etc. as relações do moral com o physico. Locke estudou primeiro a medicina, e o seu nome está ligado a idiologia n'um dos seus periodos mais florescentes: Cabanis forneceu aos investigadores dos segredos do pensamento preciosos dados na sua obra. (*Relações do physico e moral do homem*).

(·) Decandolle.

O legislador e o magistrado, em muitos casos só podem julgar, e decidir com certeza e justiça, auxiliados pela medicina; logo a sua utilidade é incontestavel nos diversos ramos dos conhecimentos humanos. N'esta alliança com todas as sciencias, na reciprocidade de serviços, a medicina, longe de ser esteril, ingrata e inefficaz, é generosa e prodiga com todas, contribuindo para o engrandecimento de cada uma! Assim, esclarecendo a historia do physico e intellectual do homem, exercendo um verdadeiro sacerdocio, prestando serviços e cuidados á sociedade enferma, pela severa moralidade e benevolencia dos medicos, dignos d'este nome, pelo trabalho intellectual e material, que demanda, pela responsabilidade moral, que impõe, pelos graus de probabilidade ou certeza dos seus meios de investigação e de tratamento, pelo perigo, a que por vezes se arriscam os facultativos, não terá e os seus sectarios *jús* á confiança, e estima da humanidade?!!.....

Que o diga a opinião intelligente, sensata e instruida de todos os Paizes.

Novembro de 1869.

SOARES FRANCO.

À MEMORIA DE MEU IRMÃO

HERCULANO DE MESQUITA

Il ne nous reste plus que la triste mémoire.

RACINE.

Irmão querido, tu já não te queixas,
nem um gemido só ao menos deixas
Do teu sepulchro ouvir;
jazes debaixo d'uma campa raza,
humida e fria, té que a Deus se apraza
mandar-te, irmão sahir.

Tu já não sentes afflicções, tormentos,
tu já não ouves de ninguem lamentos,
n'essa escura mansão;
ouves a prece do christão, do crente,
a Deus erguida com a fé ardente
e pura devoção.

S. Martinho d'Escoplães.

LUIZ DE MESQUITA.

COM RELAÇÃO AO ARTIGO

DUAS PALAVRAS DE MEDICINA

Permitta-me o sr. Soares Franco algumas reflexões á cerca do seu artigo sobre a certeza e utilidade da medicina.

Confunde a sciencia com a arte. A 1.ª tem feito grandes progressos. A 2.ª não.

«Não é só o bom resultado obtido que prova a certeza da medicina, prever a marcha da affecção, prognosticar o termo fatal, marcar até a epocha, e isto apezar de todos os esforços, prova-o egualmente. «Prova os progressos da pathologia e a inefficacia da therapeutica.» Seria vantajoso saber o porquê da acção curativa, porque seria facil achar medicamentos substitutivos racionalmente, sabida tambem a cauza da molestia, isto em vez de serem descobertos casualmente.»

O snr. Soares Franco parece crêr que para cada perturbação organica existe um remedio.

Porém quantas doenças ha incuraveis? O homem foi condemnado á morte desde o seu nascimento, o seu organismo tem quasi um vicio que tende a destruil-o; e até provavelmente ha n'elle a predisposição para as doenças que hão de acommettel-o.

«E' grande o poder da natureza; mas se fôr coadjuvado pela arte, a molestia deixará menos estragos subsequentes.»

Não ha medicamentos inoffensivos. Todos produzem uma doença artificial para neutralisar uma doença natural. E quasi sempre o organismo fica ressentido d'ambas. Por isso o medico avisado applica o menos de remedios possivel.

—«A opportunidade da medicação representa o que characterisa o saber medico; pois a duração da expectação sobrepuja a intervenção therapeutica no tractamento de quasi todas as doenças.»—[1]

«Muitas vezes só para os profanos divergem os meios therapeuticos empregados» porém n'outros para os proprios adeptos são contrarios. «Suppondo a diagnose identica» o allopatha não receita como o homeopatha.

Ora que significa a existencia de homeopathia?

Significa o triumpho do methodo expectante. Aos olhos do allopatha a acção das doses infinitesimas é nulla, e é incontestavel a influencia homeopathica sobre a therapeutica em geral. As sangrias, os vomitorios, os causticos, todos os remedios heroicos vão perdendo de voga.

O sr. Soares Franco é demasiado severo para com os medicos que exercem a medicina sem crerem n'ella. Bastantes serviços prestou Magendié á sciencia e com tudo era um sceptico em chimica.

A cholera declara-se nos paizes do norte, Magendié corre ao fóco da infecção.

Na volta d'elle, os collegas perguntam-lhe.

— Que devemos fazer?

—Não sei—respondeu elle com tristeza.—

Uma creança cahe doente, Magendié não lhe larga o leito; porém não receita nada. Os symptomas morbidos desapparecem.

—Velhaquete—diz elle—não me deixaste um instante de descanço.

—Que tinha o pequeno?—pergunta o pae todo contente.

—Nem eu nem a faculdade saberiamos dizel-o; o que é certo é que tudo voltou ao estado normal. (Flourens—Elogio de Magendié pg. 32).

«Em todas as sciencias ha um limite além do qual a razão humana não falla. Porque seria a medicina uma excepção?»—As artes fundadas nas outras sciencias aperfeiçoam-se com ellas; o medico ha de ir cada vez mais confessando a sua impotencia para debellar as doenças, á medida que melhor lhes conhecer a natureza e as cauzas. No emtanto a profissão de medico não deixa de ser util e digna; pois se a therapeutica vai perdendo terreno, a hygiene, quer publica, quer privada, a medicina legal vão ganhando importancia.

P. AMORIM VIANNA.

UM CONDE QUE NÃO SE HUMILHA!

Dizia Dom Juan n'uma assembleia
A fidalgo de baixa jerarchia
«Que a cara lhe partia»

Mas, quando mais inchado se mostrava
Em seu tom de arrogante valentão,
Recebe um bofetão!

«Não lhe bato, senhor, que era humilhar-me»
Em tom humilde o valentão responde.
«Não me humilho, sou conde!»

Lisboa.

JOSÉ HELIODORO DE FARIA LEAL.

[1] Litré e Robin, Dicc. med., 16.ª edição, verbo Expectação.

AS RÃS

A escala animal é ininterrupta, do infusorio menos perceptivel ao carnivoro mais poderoso e ao homem mais intelligente.

Não podêmos agora explicar porque affirmamos a *transição das especies*, porque esta noticia é rapida, e afastar-nos-hiamos da nossa linha de narrativa, derivando em episodios que por força tinham de ser dilatados, e em explicações que certamente iam parecer difficeis. Conhecem-se assim, grupos animaes, que collocados pela boa classificação zoologica entre as grandes especies, e conservando d'estas ultimas os caracteres, senão todos, pelo menos em certo numero, fazem como o laço entre essas grandes especies. Os batracheos, tambem chamados amphibios ou reptis nus, são uma serie de transição, e pelos seus caracteres de peixes e de reptis, ligam na grande cadéa dos seres, os reptis com os peixes. E' assim que se conhecem batracheos (da sub ordem *apodes*) que em tudo lembram as serpentes (*ophidios.*) Como as serpentes, os *apodes* teem o corpo alongado, sem membros, sem pescoço perceptivel, com a cabeça achatada, pequenos dentes implantados na maxilla, olhos pequenos e amortecidos, um sem numero de costellas fluctuantes (queremos dizer, ligadas ás apophises da columna vertebral por um extremo e livres pelo outro extremo pela ausencia do osso sterno). cauda alongada etc.

Os batracheos *urodellos* (exemplo as salamandras terrestres e as salamandras aquaticas) lembram extraordinariamente, pela sua conformação exterior, os reptis saureos (lagartos). E por ultimo, áparte o esqueleto ou couraça dermica que as reveste, as tartarugas (reptis) não deixam de offerecer fortes relações externas de semelhança com os batracheos *anuros* ou sem cauda, exemplo as rãs.

Com os peixes, os batracheos parecem-se bastante, por seu turno.

A vida aquatica que levam ambas as classes; as palmouras que ligam nos batracheos os dedos, e que arremedam as barbatanas dos peixes; as guelras porque respiram nas primeiras edades os batracheos, e que caracterizam toda a vida os peixes; a disposição e constructura dos apparelhos sexuaes e o modo de reproducção e fecundação de uns e outros apparentam de parentesco bem estreito as duas especies, fundamentando quanto affiançamos. Como dissemos, os batracheos abrangem tres vastas sub-ordens.

Primeira, a dos *apodes*, antigamente considerados serpentes pela ignorancia dos naturalistas.

Segunda, a dos *urodellos*, que semelham lagartos, hibernam como elles, e como elles mudam de côres.

Terceira, a dos *anuros*, de que são exemplos notaveis as rãs, os sapos etc., e que em classificação se dividem em *ranideos* (rãs) *bufonidios* (sapos vulgares), e *pelobatideos* (sapo parteiro).

O nosso caso especialisa as rãs: deixamos por conseguinte na sombra os bufoideos e os pelobatideos.

A rã, que todos teem pelo menos visto, é um pequeno animal elegantissimo, pacioso nadando, de uma destreza especial. O dorso, na epocha da fecundação, muda de côr, passando do sombrio ao verde, salpicando-se aqui e além de vagas pintas de um amarello lavado. De não ter cauda lhe vem o nome, na classificação animal, de *anuro*.

Tem quatro membros: os anteriores ligando-se ao tronco fazem o que se chama as *cinturas escapulares* ou *peluicas;* são mais curtos que os posteriores, possuem cada um cinco dedos distinctos, unidos até meio por leves palmouras membranosas, e franjando-se cada dedo, na epocha dos amores, de pequeninos prolongamentos epidermicos e moveis.

Os membros posteriores são longos, fazem as *cinturas humeraes* ligando-se ao tronco, teem dedos como os primeiros, e pelo seu maior comprimento permittem ao animal grandes saltos agilissimos.

A parte ventral das rãs não possue a mesma coloração que o dorso, mas é de um branco pardacento, polvilhado de pequeninos pontos negros. A cabeça é grande, alongada em focinho chato, e os olhos formidaveis para o comprimento do batracheo e bem providos de palpebras e *membrana nictitante*, acham-se rasgados quasi aos cantos d'uma larga bocca, armada de pequenos dentes eguaes, ligeiramente curtos para dentro. O focinho; tem no extremo aguçado, acima da bocca, duas aberturas inperceptiveis de narinas, que podem fechar-se dentro d'agua, por uma fina membrana que se aperta á entrada das fossas nasaes. A meia cabeça, os ouvidos cobrem-se com uma prega da pelle manchada: n'elles ha as partes mais importantes do ouvido dos mamiferos, o *caracol* sob a forma rudimentar, as *janellas* de abertura microscopica, a *caixa do tympano* e um arremedo de *canaes semicirculares*.

Na cavidade bocal, além dos dentes temos a lingua, larga, carnosa provida de poucos foliculos salivares, e de *papillas gostativas*, bifida no extremo livre. Em quasi todos os animaes a lingua é presa no alto da pharinge, ao *osso hyoide*, pequenino osso curvo, com prolongamentos chamados *cornos*, que no homem são pouco mais que rudimentares.

D'este modo, é presa na parte posterior, ficando-lhe livre a ponta anterior, que qualquer de nós es-

tende fóra da bocca, que um gato usa para lamber a sua pelle electrica, que um *formigueiro* do Brazil aproveita para arremessar, coberta com o visco espesso de uma glandula secretora especial, aos pequeninos animaes de que se alimenta. Nas rãs o extremo preso da lingua é o que nós temos em liberdade é o anterior. O posterior, dotado de grande mobilidade, tem a propriedade de produzir um forte som nas arcadas bocaes, som que se repercute e fortalece no ambito de uma especie de sacco membranoso, posto á entrada do apparelho respiratorio e servindo ao mesmo tempo de broncheos, de larynge, e de pharynge. E' esse som, que se chama o *coaxar das rãs*, o que no proverbio popular annuncia excessiva calma no verão ou fortes aguaceiros no inverno. O apparelho digestivo das rãs é simples e adquado ao seu systhema alimentar. Um longo canal membranoso e forrado a mucosas absorbiveis, continua a bocca, dilata-se no extremo; o canal chama-se o *esophago*, a *dilatação* é o estomago do batracheo. Á dilatação segue-se um longo canal que termina n'uma abertura de esgoto.

Este canal é o *intestino*; a abertura tem o seu nome generico tambem. Ao estomago vão ter por canaezinhos microscopicos, pequenas secreções gastricas, alguma bilis do figado, etc.

A alimentação do animal é mixta e composta de lichens, radiculas tenras dos charcos e ribeiros onde vive, pequenos insectos d'agua, moluscozinhos sem conchas etc. Durante as grandes cheias do inverno e durante os grandes calores do outomno, que bom numero de vezes lhes seccam a agua em que vivem, as rãs enterram-se profundamente nas tocas, que a mesma agua e ellas pouco a pouco escavaram nas ribanceiras dos regatos; uma vez alli, sem tomarem alimento, n'um estado de morte apparente, sem se moverem, sem quasi respirarem, emmagrecidas, encolhidas, glaciaes, indifferentes a tudo, permanecem longos mezes, sepultas nas suas criptas lodosas, como esquecidas monjas de gothico mosteiro em ruinas. E' o periodo de *hibernação*, este que mencionamos.

(Continua.)

FIALHO D'ALMEIDA.

A D. ANGELINA VIDAL

Tens a tempera do aço! Viril é teu ardor!
Assombro do teu sexo!—Oh! morda-se d'inveja!—
E todavia és mãe... e o seio teu arqueja
ao dos filhos unido em carinhoso amor!

Dos olhos a ternura exprimem no langôr
o bello da mulher, que só n'ella viceja;
mas logo, sem doçura, abertos na peleja
fuzilam como o raio ardente ameaçador!

E' a voz angelical, se a soltas brandamente,
tão meiga tão suave, e n'alma nos retrata
o mago despontar da aurora sorridente,

qual belicosa tuba, altiva se arrebata
chamando os Campeões á lucta transcendente
da Luz, que ha de extinguir do mundo a catarata!

Porto—1979.

OSCAR TIDAUD.

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA N.º 8

A amisade é o nogordio da humanidade.

PORTO—TYP. OCCIDENTAL, RUA DA FABRICA 66—PORTO,

GALERIA COMMEMORATIVA

DOS

ESCRIPTORES FALLECIDOS

X

AUCTOR DE UM VOLUME — POESIAS

NASCEU NO PORTO A 27 DE NOVEMBRO DE 1826

FALLECEU NO PORTO A 8 DE FEVEREIRO DE 1860

ANTONIO SOARES DE PASSOS

MELODIOSO POETA LYRICO PORTUENSE

Da tua lyra a voz será sempre vidente!
Ja mais soube outra ainda assim cantar o amor!
Leval-o ao ideal mais puro e transcendente,
Unindo o pranto ao riso, unindo o gôso á dor!

Soares de Passos

Roubou-o cedo a morte aos seus amigos: á gloria não; resta d'elle o livro dos seus versos; e a sua probidade, a sua inspiração, a sua obra vivem eternamente alli.

Não era talvez um poeta de largo folego, no sentido em que costumam tomarem-se as condições de fertilidade litteraria. Desceu á campa sem grande bagagem de volumes; apenas um livro breve e ligeiro, como dizem os que só acreditam nos in-folio! Todavia que talento ameno e docemente triste! Como sorri chorando, como observa e pensa, scisma e descobre, e cria, sereno terno, suave.

Em volta da quadra florida
Eu co' as flôres virei outra vez.
Mas, se as flôres do campo voltarem
Sem que eu volte com as flôres da vida,
Chora aquelle, que em tumba esquecida,
Dorme ao longe seu longo dormir;
E cada anno, que o sopro do outomno;
Desfolhar a verdura do olmeiro,
Lembra-te ainda do adeus derradeiro,
D'este adeus, que te digo ao partir.

D'esta vez, pobre alma sublime, não voltarás com as flôres, mas, ao quebrar do teu desterro, alevanta-se para Deus, mais puro, mais limpido, e mais sagrado o espirito que tão inspirada e religiosamente o cantou na terra. Não era esta a patria d'elle, nem podia alcançar aqui a felicidadade, que alguma vez cantou; illuminava-o a chamma da sua aureola, mas queimou-o.

Annunciara-se a melancholia d'aquelle espirito desde as primeiras composições, com quanto o poeta parecesse querer evitar a todo o custo o encarar fixamente a tristeza que o devastava, o desgosto da terra que o consumia. De uma vez, porém, a venda cahiu e aquella alma teve de reconhecer, emfim, que amargura havia para ella em viver.

Desde então, nas suas composições lyricas, que de sensibilidade e de pathetico por entre as graças de uma musa grave, delicada e meiga!

Soares de Passos foi o poeta dos sentimentos generosos e leaes. Deus, a liberdade, e o amor, formaram o thema constante das suas inspirações ardentes sinceras, comquanto de uma harmonia dolorosa e triste.

A melancholia do seu espirito não soltou nunca a imprecação da vingança, ou o riso frio do escarneo. Aquelle coração agonisante procurou na idéa de Deus, na idéa da immortalidade, na idéa religiosa, a fé, a consolação e a esperança. Nas noites de verão, quando as brisas correm em redor de nós, e a alma se nos embriaga com o aroma das flôres, cravava elle a vista no céo infinito, entre as estrellas sem numero, e desprendia-se da terra.

Mas vós perto brilhaes no fundo accesas
Do throno soberano.
Quem vos ha de seguir nas profundesas
D'esse infinito oceano?
E quem ha de contar-vos n'essas plagas
Que os céos ostentam de brilhante alvura,
Lá onde sua mão sustenta as vagas
Dos céos que um dia romperão na altura?

A vida d'elle foi um dia pallido, em que mal se divisava o sol.

Era um caracter lutuoso; amava a solidão; a vida austera e concentrada; a vida do gabinete; a vida do estudo absorvia-o, e não lhe deixava vontade de ir buscar ao mundo os gabos e os cumprimentos de sala, que o seu talento alli tinha certos.

Nos ultimos tempos a sua vida tornou-se cada vez mais isolada; a tristeza principiou a fazer-se acompanhar pela doença, como se lhe não bastasse a elle sentir-se devorar pela doença mais cruel, a incapacidade de ser feliz.

A magua crescidamente profunda foi-o ralando, e percebeu-se que vinha perto a morte... A sua musa calou-se, humilde e angustiada; e, de repente, cançada de chorar na terra, a alma de Soares de Passos desprendeu as azas e voou para Deus!

Lisboa.

Julio Cesar Machado.

Um Sonho

Ah! si jamais le ciel jetait entre mes bras
un des songes vivants attachés à mes pas
....

Lamartine (Jocelyn.)

Inefavel sentir, branda tristura,
Oh! quero-te sósinho aqui gozar...
Eu te amo, tu não tens essa amargura
Que nos seios, a mão da desventura
Costuma derramar.
Eu te amo qual amara a melodia
Da terna e melancholica canção,
Ou o raio que o sol no fim do dia
Como um beijo d'adeus, saudoso envia
Á rosa da soidão...

Oh! sim, eu te amo, ó mystica saudade
Vem, quero no teu seio reclinar
A minha fronte, aqui na soledade
Como o lyrio a que falta a humidade...
Sim... quero ahi chorar...
Quantas vezes meu espirito elevando
Ao céo em tuas azas de marfim,
Os anjos um por um me andas mostrando!
Oh! se d'esse gentil, celeste bando
Tivesse um junto a mim!...
Qual fonte que em deserto resequido
Dá conforto ao exhausto viajor,
Se houvesse sobre a terra um ente qu'rido
Que terno respondesse a meu gemido
Com meigo hymno d'amor!...

Que vejo? as auras fendendo
Nivea pomba eis desce a mim,
Do céo á terra descendo!...
É um genio, um cherubim,
Já desceu e a mim chegando,
E meu pranto contemplando,
Já me uniu ao coração...,
E dous seios se entenderam,
E dous corações bateram
Em uma só pulsação...

Virgem que á terra vieste
Lá do seio do Senhor,
Deixaste o côro celeste
P'ra vir dar-me o teu amor?
Vens os prantos enxugar-me?
Vens n'um teu sorriso dar-me
O que ainda não senti?
Vens do amor e da ternura
Receber essa flôr pura
Que eu guardava para ti?

Vem; tu surges qual estrella
Que surge meiga no céo
Quando após uma procella,
Se mostra pura e sem véo;
Tu surges qual meiga aurora,
Qual ao Nauta que o implora
Surge seu berço natal;
Oh! quero pois adorar-te,
Quero só viver d'amar-te...
A vida sem ti que val'?

Sim, aqui junto ao teu seio
Tudo o mais quero esquecer...
Nada no mundo receio;
Junto a ti que hei de temer?

Este amor puro e ardente
Só bem o conhece e sente
Quem vive do coração...
Cá na terra não n'o entendem,
Só anjos o comprehendem
Só tu tens esse condão.

Tu eras, anjo, tu eras
Quem ao mundo em vão pedi:
Oh! escuta, se souberas
Todo o pranto que verti!...
Mas meu pranto, que importava?
O coração que eu buscava
No mundo não n'o achei...
Era em vão que lh'o pedia
O que só em ti havia,
O que em ti só encontrei.

Mas nós somos tão felizes!
E' tão doce este viver!...
Oh! essas fallas que dizes,
Torna-as, torna-as a dizer;
Essas fallas de ternura
D'innocencia e de candura
Quero escutal-as sem fim...
Dize-me, virgem celeste:
Os anjos, d'onde vieste,
São innocentes assim?

Tu és innocente e pura
Como a cecem ao abrir
Quando a aurora na candura
Lhe vem um beijo imprimir...
Por uma manhã formosa,
Quando desabrocha a rosa,
Quando o prado rescender,
Hei de ir em cada florinha,
Em cada tenra folhinha,
A tua innocencia ler...

Mas, repara n'este dia...
Como é lindo o seu fulgor!
Tudo n'elle é alegria,
Tudo palpita d'amor...
Não vês tu a natureza
Revestida de belleza
Nosso amor a festejar?
Não vês como nos convida
A lançarmo-nos na vida,
A vivermos para amar?

Eia pois, tudo olvidemos
Vivendo juntos aqui:

Eia, nosso amor gozêmos;
Sê minha, vivo p'ra ti...
Sim, és minha, as nossas vidas,
As nossas almas unidas,
Quem as pode separar?
Até no ultimo suspiro,
Como um anjo em leve giro,
Hão de ao céo junctas voar!...

Um sonho... sim, um sonho e... feliz que elle era...
Porém cedo fugiu...
Ai! não sei que terror, que medo gera
Esta mudez, que impera
Dês que elle se esvahiu...
P'ra quem sonhou na terra um céo d'amores
E' tão triste o acordar!
E, qual apaga o iris suas cores,
Qual se vêem desbotar mimosas flores
Ver o sonho expirar!...
Meu Deus! só vejo um ermo onde caminho
Sem protectora mão,
Qual triste o peregrino vê sozinho,
Longe do patrio ninho,
Do deserto que pisa a solidão!

ANTONO SOARES DE PASSOS.

A POESIA CATALÃ

(CONCLUSÃO)

D'entre muitas poesias cheias de belleza e originalidade citaremos apenas a *Recompensa* de Estanislau Clariano, *Amórs que matan* de Joaquim Rubió e *La cançó d'els ancells* de Soler, que é a historia d'um amante que morreu na guerra e d'uma freira que chora por elle, contada por varias aves, poesia premiada com a flôr natural em 1875, e da qual disse o consistorio dos jogos floraes:

«Mas é tal o genio do poeta em desenvolver o assumpto, tal a novidade da exposição, tão admiravelmente acabada a fórma da balada, e brota das suas harmoniosas estrophes uma voz tão pura de verdadeira poesia, que o consistorio lhe concedeu por unanimidade a flôr invejada, considerando a *Cançó d'els ancells* como uma obra prima de que poderá orgulhar-se a nossa litteratura renascente.»

Segundo o conde de Tourtoulon (1) a litteratura catalã está dividida em duas escholas oppostas e até mesmo rivaes, concorrendo, porém, ambas egualmente para o renascimento catalão: a eschola *tradicionalista*, que toma por modelo a antiga poesia popular, e que «parece não ter outro fim senão um simples trabalho de arte e archeologia litteraria», e a eschola *antitradicionalista*, que, respeitando a tradição, não tem por fim a arte pela arte, mas necessita de acção e «quer sentir palpitar a idéa moderna» sob as formas poeticas.

São innumeros os poetas dignos de menção; citaremos sómente os que foram nomeados mestres *en Gay Saber* pelo consistorio dos jogos floraes. Este titulo é concedido ao que consegue ganhar nos certamens as tres flôres dos premios ordinarios. O primeiro mestre *en Gay Saber* foi o sr. Victor Balaguer, proclamado em 1861; d'então até hoje teem conquistado esta distincção os snrs. Geroni Rosselló, Joaquim Rubió y Ors, Marian Aguiló y Faster, Joseph Lluis Pons y Gallarza, Adolf Blanch y Costada, Francesch Pelay Briz, Jeume Collell y Bancells, Tomás Forteza, Francesch Ubach y Vinyeta, Frederich Soler y Hubert, Angel Guimerá, e Damás Calvet.

Alguns d'estes poetas são ao mesmo tempo dramathurgos distinctos, historiadores eminentes, ou romancistas illustrados. Ao lado dos poetas apresenta-nos a Catalunha uma legião imponente de historiadores, sabios, philosophos romancistas, dramathurgos e jornalistas.

A poesia catalã tem-se conservado com um ponto de vista muito acanhado.

Quando por toda a parte os poetas elevam o seu ideal ás maiores alturas, hoje, que elles cantam a Justiça, o Direito, a Razão, a Verdade, a Sciencia e a patria commum de todos os povos—a Humanidade—vemos ainda os poetas catalãs encerrados nos estreitos limites da patria catalã e a custo elevarem-se a um ideal superior. Esta feição particular da litteratura da Catalunha tem tido uma razão de ser, que se explica com as considerações que fizemos no principio d'este estudo; a lingua tendo deixado de ser escripta e a patria, tendo perdido a autonomia, era necessario affirmar a existencia de uma e outra, o seu passado e as suas esperanças no futuro. A litteratura catalã quebrando o silencio secular tinha de combater pelas li-

---

(1) *Renaissance de la litterature catalane et de la litterature provençale*, apud. introducção ás *Poesias completas* (version castellana) de V. Balaguer. Procuramos a obra do conde de Tourtoulon e varias outras na biblioteca nacional de Lisboa, mas tivemos a infelicidade de nada encontrar n'este estabelecimento publico que nos servisse para este estudo. Não é a primeira vez que isto nos succede.

berdades locaes, emquanto que as litteraturas dos paizes independentes, vendo forte a sua autonomia, advogam a unidade de consciencia e a fraternidade dos povos perante a humanidade. A poesia catalã não tendo foros de cidade necessitava adquiril-os; não podia portanto arrojar-se ás largas concepções das modernas escholas poeticas. Mas hoje, que já alcançou os direitos de cidade, hoje que já chamou a attenção de escriptores como Muller, Brunet, Rosental, Lorinzer, Storn, Tourtoulon, Gaston Paris, Mathieu etc., deve elevar o seu ideal e pôr-se a par das litteraturas dos outros paizes.

Fallamos da inconsciencia d'este movimento autonomico ou federalista da lingua e litteratura catalã. E' facil proval-o; basta transcrevermos algumas palavras d'um dos escriptores mais distinctos da Catalunha e dos que mais tem contribuido para a renascença litteraria.

N'um discurso, que o snr. Victor Balaguer, como presidente da deputução provincial, pronunciou em Barcelona, da janella do governo civil; disse:

«Não deixeis que sugestões estranhas e malevolas venham inculcar-nos idéas federaes *que conduziriam a nação á ruina*, *se desgraçadamente* se chegassem a pôr em pratica!»

Se n'essa occasião dissessem e provassem ao snr. Balaguer que tinha sido elle um dos mais incansaveis propagandistas das idéas federaes, talvez tivessem evitado ao illustre poeta essa lamentavel contradição flagrante (ainda que de boa fé) com todas as idéas que tinha expendido e por que tinha combatido anteriormente.

O snr. Balaguer e outros favorecem e contribuem com todas as suas forças para a revolução intellectual, sem repararem para esta primeira phase da crise que tem de ser seguida de outras duas fataes e positivas, continuação e consequencia da primeira, a revolução moral e a revolução economica.

Lisboa, 1879.

TEIXEIRA BASTOS.

NOCTURNO

(HENRI HEINE)

TRAGEDIA

(AO EX.^mo^ SNR. FIALHO DE ALMEIDA)

I

«Foge commigo e sempre me acompanha,
Vem repousar n'um coração leal;
A minha alma, ao longe, em terra extranha,
Ser-te-ha a patria e o tecto paternal.»

«Se não vens ser a minha companheira;
Morro de dôr, ó minha pomba ideal;
E tu ficarás só, como extrangeira,
Na propria patria e tecto paternal.»

II (*)

De Abril n'uma das noites perfumadas,
As geadas fataes do céo desceram
Sobre as tenues florinhas azuladas,
E ellas foram murchando, e ellas morreram

Um rapaz adorava loucamente
Uma donzella que o amou tambem;
E fugiram da terra occultamente
Contra vontade de seus pae e mãe.

Sem norte, sem asylo, sem ventura,
Por muito tempo errantes se perderam,
Foi-lhes a vida uma cruel tortura,
E elles foram murchando, e elles morreram.

III

Na sua campa ha uma tilia antiga
Onde as aves e o zephyro fagueiro
Cantam, e ao pé da qual vem o moleiro
Fallar d'amor á sua rapariga.

E o vento tem um soluçado canto,
Tem triste voz as aves que lá moram,
E os amantes, que alegres fallam tanto,
Sem saberem porquê calam-se e choram.

Porto — 1880

MAXIMIANO LEMOS JUNIOR

CASO VELHO

(*Continuado da pag. 126*)

. . . .

Para Laura tinha-se aberto vida nova a contar d'aquelle dia.

Quando ao despegar do trabalho, o estudante a esperava no Romain, á noute sempre—para não a comprometter, dizia elle—sentia que uma felicidade enorme a dilatava, a tornava mais leve. E só um pesar a obsediava n'um circulo de desejos sensuaes: era, que se não podessem perpetuar indefinidamente os passeios quotidianos que elles alongavam sem consciencia, absorvidos n'uma contemplação material.

As sentimentalidades apaixonadas que Julio lhe confidenciava em arroubamentos d'um amor quente e lascivo; as despedidas longas e demoradas á esquina do

(*) Heine diz que este trecho é uma canção que se lembra de ter ouvido nas margens do Rheno.

campo, que doiam tanto como se fossem para uma grande separação; os jubilos intensos, consoladores, da perspectiva do encontro do dia seguinte, enchiam-lhe a cabeça de pensamentos côr de rosa; tornavam-lhe insupportavel a vida de casa, a loja da modista, faziam-lhe appetecer com ancia, desejar com uma vehemencia douda, o fugir para longe, para muito longe, e realisar idylios dôces, d'uma candidez bucolica, como os que se ostentavam no estabelecimento da *madama,* na exposição allumiada cruamente pela claridade aberta do gaz, desenhados nas ondulações setinosas de leques com paysagens luxuriantes, de côres audaciosas, d'uma concepção arrojada. E ahi, á sombra das arvores copadas, rumorosas, abraçaria o seu Julio, vestido de pagem com uma comprida pluma alva de neve no gorro de velludo preto—á semelhança do que ella vira no S. João, das varandas, n'uma noute de *lyrica*—beijal-o-hia, com uns beijos tão penetrantes como os que elle lhe dava todas as noutes ao separarem-se, á porta de casa, no escuro, aonde mal chegava a luz erratica e tremula dos candieiros.

Mas a monotonia d'aquelle viver prendia-a, acorrentava-a a uma realidade mesquinha e ordinaria, não lhe deixava d'aquelle enlevo que a possuia mais do que a sensação aspera dos bigodes do quintanista, retorcidos em guias quixotescas, nos beicinhos grossos, lascivos, muito vermelhos, que destacavam agora mais os seus tons carregados da pallidez baça e interessante da physionomia quebrada de insomnias.

Depois, as ambições mal satisfeitas da paixão faziam-a imprudente, davam-lhe ás vezes distracções tão significativas que as companheiras começavam a achincalhal-a com ditos, fallando baixinho com risadinhas suffocadas, olhando para ella de través, perseguindo-a á noute em espionagem curiosa e malevola. E chegára a tanto o atrevimento que a Adelina, a namorada do Alves dos Loyos—um que era socio da Euterpe e muito lido em romances baratinhos, de dous tostões—tinha dito ao André que quando a visse lhe perguntasse pelo *mysterio.*

Até á mãe de Laura o tinham ido contar—disse-o ella ao estudante; e referiu com magua entranhada, a voz cortada de soluços fundos, os aggravos inconvenientes, os gritos da *furia* que a descomposera de tudo quanto havia máu; na visinhança todos olhavam para ella com um modo exquisito, mas elle não havia de consentir que ninguem a offendesse: porque se se visse perdida, fugia para elle.—Não lhe restava outro recurso, não era verdade?—interrogava n'uma exaltação febril, agarrando-o por um braço com movimentos crispados, de impaciencia sacudida.

Que socegasse... se era cousa que valesse a pena. Tinha sido algum descuido d'ella—que a fallar a verdade era um bocadinho franca de mais—tinha-o talvez dito a alguma amiga que se divertia assim á custa d'ella. Não era nenhuma sangria desatada; fingisse ella um pouco e estava tudo salvo—dizia com intimativa, muito placido, sem alteação.—E e se me queres provar o teu amor, minha Laurinha—accrescentou caricioso, affagando-lhe o queixo macio, avelludado, em que lagrimas dolorosas deixavam vestigios humidos—vai ámanhã ao armazem do Freitas Guimarães ao meio dia, quando eu lá estiver, e faze que o André te acompanhe no domingo á missa da Lapa...

Isso nunca. Que não: pedisse o que quizesse menos isso; e se elle lhe pedia similhante cousa, é que não lhe tinha amizade e que andava a divertir-se com ella. Que a deixasse em paz—objectou á interrupção branda de Julio que lhe pegava na mão.

Mas que o ouvisse primeiro; não fosse creança—retrucou irado, n'uma entonação aspera que a intimidou; mas corrigindo-se.—Eu ainda não acabei, tontinha; tu então pedes a tua mãe que te dê licença para ires passeiar com o mono do caixeiro... Ouve até ao fim—oppoz á negativa que rompia quasi da bocca da costureira—e depois de jantar, em vez d'elle ter-me-has a mim para teu companheiro. Agrada-te? approvas o meu plano? ou despresas esta occasião de podermos estar tanto tempo juntos?—instava com um alvoroço sensual, em voz amimada, como se fallasse a uma creança; e vendo o silencio de Laura:—Não queres? não és então minha amiga?—perguntou.

Era, e era-o muito mais do que elle pensava. Não podia responder já. Que não a tentasse, que a deixasse pensar. Amanhã, ámanhã.

E ia fugir-lhe para casa; mas impedida por Julio que, já no portal, a apertava com implorações meigas, carinhosas, respondeu-lhe baixo, quasi imperceptivelmente, abraçando-o, o rosto encostado ao hombro d'elle.

—Vou; mas juras-me que nunca me deixarás?

Que sim. Jurava por tudo quanto ella quizesse, pelo amor que lhe tinha, pela felicidade de sua irmã.

E, emquanto Laura tocava a campainha, sahiu esfregando as mãos com um ar de satisfação triumphante, espelhado nas feições altivas, d'uma estupidez obtusa e presumida.

Começava a descahir a tarde n'uma placidez serena e fria, cortada dos apitos agudos e echoantes das locomotivas que na estação rodavam surdamente com largas golfadas de fumo branco, resfolegado com impeto, dispondo os wagons negros, escancarados para receber as bagagens. O sol, quasi no occaso, punha nos montes longinquos uma leve côr opalisada em que destacavam vigorosos, pequenos pontos brancos; aqui um casal, uma egreja além.

Uma melancholia dôce que lhe abria o peito n'uma cavidade enorme invadiu-a quando Julio a deixou só para ajustar as contas, para ir chamar um trem. Custava-lhe aquelle isolamento momentaneo; tinha desejos de abrir a janella a que encostava a cabeça ardendo em febre, para o chamar, para lhe pedir que não a abandonasse, que não a deixasse só com a consciencia da sua falta, que era só d'elle agora, que só d'elle podia ser.

Mas o seu temperamento lymphathico deu-lhe uma hesitação; o receio de que a vissem fel-a retrahir. Refugiu até ao meio da sala, e concentrada na idéa de que á podiam encontrar alli, n'aquella casa aonde tantas teriam ido *amar* como ella; accommetteu-a um desespero subito; despresou-se por ter sido como as outras que via arrastar sedas com orgulho impudico, tentando com palavradas ignobeis os homens que esbugalhavam os olhos, medindo-lhes as fórmas, apalpando-lhes com a vista cubiçosa os relevos carnaes d'uma abundancia contornada. Depois tudo que a cercava parecia recordar-lhe o seu erro; tudo, desde as lythographias eroticas, muito frescas, que cortavam a monotonia da parede caiada, representando *Venus nascendo das ondas*, e *As quatro estações* quasi nuas, cobertas por umas gazes diaphanas, que mais revelavam do que encobriam—até aos restos d'umas golodices que tinham servido de pretexto para *sellarem o seu amor*, bebendo pelo mesmo copo, fazendo brindes amiudados á sua eterna união, á ventura d'aquelle dia, á constancia de Lulu e á fidelidade de Juju.

Pancadas brandas soaram á porta: eraJulio que voltava depressa, a respiração offegante, muito ligeiro, com um ar de satisfação espalhado na physionomia radiosa.

Que estava tudo prompto. Já ficava o carro á porta; era só descer.—E olhando para Laura—Estava a chorar? O que tinha? Que dissesse. Então... então...

Abraçava-a com frenesi; tomava-lhe a cabeça pequenina entre as mãos, fitando-lhe os olhos brilhantes em que marejavam lagrimas.

Não tinha nada—respondeu afogada em soluços—não era nada. Precisava desabafar.

E soltando-se, foi lavar os olhos na bacia azul e branca para não se conhecer a vermelhidão do chôro; mas, ao pregar do véo pequeno de filó de seda ao espelho do lavatorio de ferro, uma explosão de soluços por muito tempo reprimidos suffocou-a; enlaçou o quintanista com um gesto largo dos braços rodeando-lhe o pescoço; perguntou-lhe anciosa, instantemente, n'um desvairamento.

—Mas tu não me deixas, não?

Ella bem sabia que não: era um dever que lhe impunha a sua honra e o seu brio de homem de bem —respondeu n'um tom theatral de dignidade offendida, com um encolher de hombros de aborrecimento e saciedade.

Iam a sahir do quarto, chegavam já ao patamar, mas Julio tomado d'uma idéa subita que lhe irradiou no semblante uma satisfação orgulhosa, reteve a costureira, levou-a para dentro, e no meio da casa, uma das mãos mettida no bolso furtado do fraque que se lhe dava a conhecer n'um relevo quadrilongo.

—Não quero abandonar este logar em que recebi a maior prova d'amor da unica mulher que me occupou o coração—disse com sentimentalidade, apontando o peito, n'uns ares cavalheirescos como um heroe de romance—sem lhe dar um testemunho da minha amizade, que terá um penhor do que lhe devo e do que hei de restituir-lhe.

Estendia a Laura um estojo de *chagrin*, vermelho, em que luziam frisos dourados; carregou no botão amarello da mola e fazendo saltar a tampa com impeto, mostrou com uma ostentação vaidosa brilhantes luminosos que resaltavam em reflexos irisados, cambiantes, com deslumbramentos tentadores, do fundo azul escuro da caixa estufada, de velludo, com lettras de phantasia, cercadas d'arabescos, annunciando pomposamente a casa que o vendera.

No cerebro da costureira passou uma como vertigem que a cegou; e do atordoamento da surpreza só o endereço do estabelecimento a fez tornar em si.—Eram os brincos que ella cubiçava ao passar pelo ourives novo, o Leitão da Praça Nova; os dous brilhantes grandes, cravados em garras d'ouro, que ella desejava para as suas orelhinhas tão mimosas e pennugentas, que o quintanista comparava a velludo, comprimindo-as entre os beiços, fazendo-lhe cócegas no pescoço com os bigodes. E por traz d'aquelles brincos, nas palavras do estudante, entreviu um futuro sorrindo-lhe resplendores de luz que offuscavam o brilho das joias. A perspectiva de casamento entonteceu-a de felicidade, e n'um impulso de desinteresse apaixonado, repelliu a realidade do seu sonho que todas as noutes a tentava do meio dos fulgores violentos que destacavam da exposição da ourivesaria.

Que não: como penhor guardaria no peito a promessa d'elle—e queria resistir, oppôr-se, ao intento de Julio que lhe mettia nas orelhas a haste d'ouro dos brilhantes, caçoando das argolinhas á africana, com bicos e momices que os faziam rir.

Mas o assobio tremulo dos americanos que chegavam ao comboyo e o rodar pesado na calçada deram-lhes a noção do tempo, fizeram-os despertar d'aquelle embevecimento sensual.

E o carro que os esperava á porta...

(Continua).

MARCOS PRATA.

DOLOR

Tu desataste os cabellos
e deixas voar a trança
cahida ao vento, creança...
não sabes que tenho zelos?

Não sabes que m'encendeia
o fogo d'ardua paixão
e mil ciumes ideia
o meu pobre coração?

Tenho ciumes do vento
que a trança te acaricia...
olha onde voa, Maria,
o meu louco pensamento!...

Torna filha o teu cabello
a prender na verde fita...
Maria, torna a prendel-o,
e ficarás mais bonita.

Satisfaz o meu pedido
e a linda madeixa entrança...
não amo vêr-te, creança,
co'o cabello desprendido.

Porto 17 d'abril 1879.

Affonso Coelho.

O ESPARTILHO

Carlota tem vinte annos; é bella e rica. Não se occupa senão quasi que exclusivamente na sua toilette: Metade do tempo em preparal-a e a outra metade em ostental-a.

Os tolos admiram-na, ou, para melhor dizer, admiram o seu talhe e figura; as pessoas rasoaveis compadecem-se d'ella.

No inverno passado já padecia a ponto de, em varias occasiões, renunciar a ir ás costureiras e modistas e á noite, ás reuniões, exhibir sua pessoa. Que tinha? Sómente agora se soube.

Acabados os bailes de inverno e extinctos os lustres em todos os salões, cahiu, ella de canceica; soffrendo crises de dôres excruciantes, agudas—*como se a picassem com alfinetes*—dizia certo dia a uma amiga—*e a ponto de me arrancar gritos.*

—Olha—lhe disse a amiga—sabes o conselho que te dou? Consulta um medico.

E foi o que fez: escreveu a um distincto medico, muito nosso conhecido, para que fosse visital-a.

O medico foi, e ao entrar na escada encontrou uma dama que subia tambem: viu-a apoiar-se fortemente repetidas vezes no corremão e parar dez vezes para respirar... Chegados que foram ambos ao patamar o medico offereceu o braço áquella dama para a sustentar.

— V. Ex.ª é o doutor que vem vêr-me?

— Sim, minha senhora; vejo agora que V. Ex.ª é a minha doente... Está extremamente fatigada!...

Entraram.

— Observei-a quando subia, minha senhora—diz o homem da sciencia—V. Ex.ª aperta-se muito.

— Eu!—exclamou ella—ora veja...

E passou o dedo pelo cinto que realmente parecia lasso.

Este artificio é usual nas mulheres: encolhem o estomago para darem uma apparencia de flexibilidade ao corpo.

O medico porém não se deixou illudir.

— Ignoro ainda o motivo para que V. Ex.ª me mandou chamar; mas desde a primeira vista lhe posso dizer que, se deseja evitar um mal perigoso... terrivel talvez... deve immediatamente renunciar a essas perigosas camisolas de força a que chamam *espartilhos.*

— Mas doutor... eu aperto-me pouco.

— Mas esse *pouco* ainda assim é *muito*! E' preciso não se apertar absolutamente nada. Conheço V. Ex.ª ha muito tempo de vista, tenho-a encontrado nos bailes, passeios e theatros, observei-a quando subia a escada; vejo-lhe a tez livida e uma cavidade azulada em redor dos olhos... digo-lhe pois que evite o espartilho, essa invenção infernal, que faz estiolar tantas flores e arrebatal-as pelo tufão da morte...

— Mas, doutor, agrandecendo-lhe o seu madrigal, tenho a certificar-lhe que não uso espartilho senão para os vestidos me assentarem melhor; sou do meu natural delicada de cintura...

— Quer então dizer disforme?

— Não foi para isso que o chamei...

O medico via claro; um perigo ameaçava aquella moça e formosa mulher; comprehendeu que alli havia d'esse amor proprio mal entendido em muitas, que julgam que uma cintura grossa e formas volumosas na mulher é attributo de formusura saloia, e portanto proseguiu implacavel:

— Dir-me-ha então para que me chamou?!... mas, como tenho a certeza que nada ha de mais grave para a ruina physica da mulher como o espartilho, por isso insisti n'este objecto... Talvez que V. Ex.ª padeça

nervoso ou chlorose, mas depois fallaremos n'isso. V. Ex.ª aperta-se de mais, isto é fatalmente certo; é um facto que debalde tenta negar; conheci-o no andar e leio-o nas feições. Sabe, pois, o que a espera se, com a constituição que lhe conheço, continuar assim? a mais terrivel das doenças... a que menos perdoa ás mulheres e que mata espantoso numero d'ellas? Primeiramente, talvez de longe em longe, umas picadas como de alfinete...

A dama impallideceu. O doutor adivinhava-lhe os symptomas.

— Bom — disse comsigo o medico — vai assustar-se da ameaça... que a lição lhe sirva... Continuemos. Primeiro estes prenuncios são bastante, afastados uns dos outros, mas pouco a pouco os bailes e os jantares fóra de casa = em que as funções da natureza são entravadas por esse tal estojo = essas dôres tornam-se mais vivas e mais frequentes; causar-lhe-hão um verdadeiro e mysterioso martyrio; a destruição continuará com a compressão insensata do corpo, dos orgãos essenciaes á vida...

— A' vida — repetiu a pobre senhora machinalmente.

— A' vida, sim, porque V. Ex.ª, minha senhora, parece ignorar que um d'esses orgãos tão necessarios, o mais delicado, será immediata e sympathicamente affectado d'essa mesma cauza... e ao cabo d'alguns mezes, padecendo cada vez mais, um estranho mal se decidirá a mandar-me chamar... mas... então será já tarde!

— Muito tarde?... Deus meu!

E fazendo-se cada vez mais pallida, até mesmo livida, os olhos se lhe fecharam, a respiração comprimiu-se-lhe, os membros retrahiram-se sob o impulso de um espasmo nervoso e cahiu desmaiada no sophá em que graciosamente estava sentada.

O medico espantado, assustado, tocou a campainha: a mãe e os criados accurreram...

O medico havia sobresaltado a joven senhora com a descripção do cruel mal, de cujos estragos ella propria já se sentia affectada...

Logo que ella voltou a si, o medico, depois de a tranquilisar, exigiu uma confissão completa. Ella a fez, e d'esta vez foi sincera, dizendo que o seu estado já de tempos era desesperado.

A mãe deitou todos os espartilhos no lume entretanto que a sciencia aconselhava o novo regimen adquado a combater o mal e a obstar-lhe o terrivel desenvolvimento.

Hoje, ao cabo d'algumas semanas de rigoroso tratamento, o distincto medico responde por salval-a.

Elle me contou esta historia pedindo-me para que eu a transmittisse para tantos jornaes quantos me fosse possivel. E' esta uma scena — diz ainda elle, — de assustadora realidade; se uma analoga se representasse no theatro seria de effeito dolorosissimo para muitas que usam dos taes supplicios de barbas de baleia, que lhes comprimem o thorax a ponto de impedir as funcções dos apparelhos circulatorio e respiratorio.

Oxalá que ellas se decidam a chamar o medico, o mais breve que possam, para que não ouçam dizer este as palavras fataes:

— E' já tarde!

Lisboa, 1879.

SILVA PEREIRA.

A MISSÃO DO PROPHETA

(SWEATA DO ALKORÃO)

Themoud, esse rebelde espirito sem fé,
Dizia ao povo:—é falsa a missão de Salé!

Do poderoso Allah symbolisando a força
Trazia o santo velho uma pequena corça,

Prodigioso animal, que, pondo-se a beber,
Deixava o rio em secco e as fontes sem correr,

De modo que a cidade em vão pedia ás fragoas,
Antes do sobnascido, o seu tributo d'agoas...

Que pretendia Allah secando os mananciaes?
Provar dos seus a fé na angustia e nada mais.

Mas o povo rebelde ás instrucções divinas,
Brandindo ferozmente as lanças damasquinas,

Cuspiu nas alvas cans do virtuoso ancião
E quiz matar a corça. O velho disse então:

«Moderae, filhos meus, o vosso orgulho futil:
Não immoleis a corça; é um sacrilegio inutil.»

Respondeu-lhe da turba um grito ameaçador:
«A quem pertence então a corça?»—É do Senhor!—

E o povo riu; depois, Themoud, erguendo o braço
A corça apunhalou; mas na amplidão do espaço,

Nos sombrios festões da cupula dos céus
Luzia, vigilante, o grande olhar de Deus.

E a cidade cahiu, pagando os incensatos
Com lagrimas de sangue os torpes desacatos...

O anjo do exterminio os impios punirá!
Ó miseros, tremei da colera d'Allah!...

Lisboa, 1879.

L. F. DE FREITAS E COSTA.

OTTILIE

O quadro que hoje exhibimos representa o momento em que Ottilie passa a uma apotheose angelical.

Digamos primeiramente quem é este personagem.

N'um formoso castello da Allemanha, viviam, n'uma affeição constante e de ha muito, dois felizes esposos — Eduardo e Carolina.

Eram amados tambem por todos, e a felicidade d'aquelles dois sêres parecia ter creado raizes no seio da mesma terra que elles proprios fecundavam e embellezavam... nem uma ligeira nuvem pairava sob o céo azul e puro de sua vida! nada ameaçava, em fim, seu feliz bem estar.

Eduardo era amigo d'um bravo official, que muito se destinguira nas armas, mas que, por circumstancias, sahira do serviço activo e se achava na ociosidade.

Lembrou-se Eduardo de o chamar ao castello e fazel-o seu mordomo.

Carolina, por esta mesma occasião, chama egualmente a si Ottilie, sua sobrinha e pupila que vivia n'um azylo, a fim de a ajudar nos serviços domesticos.

Brevemente o capitão se torna amante de Carolina, e o marido d'esta amante de Ottilie!

O sentimento do dever susta ao principio o coração de Carolina, já um pouco impressionado pelo magnetismo da seducção, mas o amor cego e vulcanico de Eduardo por Ottilie não vacilla siquer, avança arrostando todos os obstaculos e calcando todas as leis sociaes!

O divorcio era o unico meio possivel a realisar o intento do infiel marido... seguiu-o. Retira-se do castello para preparar Carolina a tão doloroso transe, impondo-lhe ainda a condição de vigiar Ottilie. Esta ausencia augmenta os elementos áquelle immenso magnete infernal e Carolina não póde resistir!

Mais tarde, porém, succedem-se varias catastrophes que rompem totalmente os desejos de Eduardo. Ottilie morre e logo depois seu amante.

É, sem duvida, simplissimo e infelizmente muito vulgar o assumpto que serve de enredo a este drama; mas o que o torna singularissimo e o eleva é que — esta mesma scena passada entre duas mulheres da nossa raça, daria de certo em resultado um conflicto, uma lucta homerica entre a esposa e a sua rival, tornando portanto o drama tambem vulgar; mas como o temperamento moral da Allemanha se afasta tão completamente do nosso, como a furia do encapellado vagalhão differe do simples e suave deslisar da lympha, Goethe póde, sem inverosimilhança, fazer d'este duplo adulterio o mais calmo e lento successo!

Poder-se-hia sem escrupulo, chamar-se-lhe uma tragedia moldorada n'um poema didatico.

Goethe fez adormecer n'aquelles seres a consciencia para livremente velar o instincto do coração.

Mas o que ainda é mais surprehendente é a maneira engenhosa e fina com que o poeta deu termo á obra!...

Aproximam-se as festas do Natal. Principiavam a eregir-se os presepes infantis com suas figuras allegoricas de pau e de cera, quando um artista (amigo do castello) imagina representar, por meio d'um quadro vivo, a *Natividade* e vai pedir a Ottilie para que se preste a figurar no grupo que imaginára — *Maria n'uma gondola contemplando seu divino filho.*

Eis o quadro.

O talhe, o gesto, a physionomia angelica, e o olhar de Ottillie excedem tudo o que o mais habil pintor quizesse exprimir!

Resalta n'ella a mais pura humildade, a modestia mais santa por tão immerecida honra suprema,

E é n'este lance tocante que o poeta nos faz sentir e comprehender a idéa que Ottilie deveria fazer da scena que representava, obrigando a um tempo a peccadora a pensar na sua culpa.

E' o clarão da divina aureola que lhe descobre pela primeira vez o remorso, que, como um phantasma inexoravel, desde aquelle instante a persegue até ao seu ultimo alento.

Oscar Tidaud.

PENSAMENTO

A esp'rança, astro brilhante,
Que, no horizonto da vida
Aos olhos do tenro infante
Se patenteia primeiro,
Na hora extrema da partida
E' tambem o derradeiro,
Que se eclypsa n'este mundo
A' vista do moribundo.

Phocion.

DO QUADRO DE KAULBACH E GRAVURA DE E. DERTINGER

OTTILIE

O PINTOR

ROMANCE HISTORICO

(Continuação)

....

Tinham-se passado tres dias, e o pintor ainda se achava na estalagem, onde o deixamos, dormindo, no antecedente capitulo.

O desconhecido, que tão franco e cortez, se mostrara para com elle n'aquella noite em que a desesperação do mancebo tinha tocado o apogeu, não lhe tornara a apparecer.

Affonso Sanches quasi que havia perdido as esperanças de conhecer o seu bemfeitor, no entanto, a sua palavra estava compromettida e quando o desconhecido a viesse reclamar elle devia cumpril-a.

O pintor esperava.

Era ao amanhecer. Affonso havia-se erguido da cama ha poucos momentos e, da janella do seu quarto, comtenplava a natureza ao raiar da aurora. A manhã estava serena, o céo puro. O rei dos astros principiava já a fulgir com toda a sua magestade. O pintor admirava aquelle bello quadro, talvez para o reproduzir com seus pinceis durante as suas horas de ocio. Depois de admirar por algum tempo todas as bellezas que se lhe offereciam á vista, sahiu da janella com o intuito de pôr em pratica a sua idéa, quando bateram á porta do quarto: o pintor foi abril-a.

—Deus vos dê muito bons dias, meu hospede — disse o estalajadeiro que era quem acabara de bater.

—Bons dias, patrão — respondeu Affonso.

—Muito cedo vos levantastes hoje! Logo ao romper da manhã! é verdade que me já esquecia de pedir perdão por vos ter vindo encommodar a estas horas, mas como vos sentisse já a pé vim cumprir com o meu dever.

—Obrigado, patrão, obrigado, fizeste muito bem em vir, porque chegaes em muito boa occasião.

—Como? precisaes d'alguma cousa?

—Sim preciso d'um original que possa copiar.

—Não entendo....

—Eu me explico: como me levantei hoje cedo, abri aquella janella e fui contemplar o dia, que começava a nascer. Ó patrão... que belleza! olhe aquelles raios de luz dando sobre as copas das arvores!... aquella sombra acolá... emfim, quanto mais analysava a natureza mais me crescia n'alma o desejo de pintar: sahi da janella com tenção de buscar os meus pinceis e de fazer um bello quadro, mas, como vós chegastes agora, vou satisfazer o desejo que, desde que cheguei aqui, se me despertou: retratar-vos; é por isso que vos disse, que tinheis chegado em mui boa occasião. Entendeis agora?

—Ah! como diabo haveis de fazer isso?

—Como? ora vinde cá.

O pintor chegou a meza e um banco para junto da janella, e concluiu:

—Agora sentae-vos aqui:

— Cá estou.

—Muito bem. Virai a cara para a direita... tanto não!... é pouco agora... ah! isso, isso, assim. Agora deixae-vos estar quiéto, não façaes o menor trejeito.

O pintor começava a dar os primeiros traços e o estalajadeiro, firme como uma estatua, na posição que o artista lhe havia indicado, não ousava nem pestanejar.

A cabeça do velho era um bello estudo: algumas cans lhe alvejavam no craneo, os olhos negros e vivos, o nariz algum tanto curvo e as rugas que lhe sulcavam a testa davam uma bella e sympatica expressão a toda a physionomia.

Teriam passado dez minutos, sem que o velho sahisse da sua impossibilidade nem o joven pintor deixasse de continuar a sua obra, quando de novo bateram á porta.

—Quem é?—perguntou o estalajadeiro conservando-se ainda na mesma posição.

—Tende a bondade de abrir —alguem disse de fóra.

—Ide abrir, patrão, o negocio é provavelmente comvosco, disse o pintor.

Foi então que o estalajadeiro se mecheu, não muito satisfeito, e foi saber quem viria.

—Móra n'esta casa um pintor chamado Affonso Sanches Coelho?—perguntou o recemchegado, que era um pagem.

—Móra sim senhor, e que lhe quereis?

—Fallar-lhe.

—Aqui me tendes, sou eu—accudiu o pintor.

—Louvado seja Deus que vos encontrei! Ha tres dias que vos procuro...

—Então que me quereis?

—Meu Amo, o Snr. D. Filippe II deseja fallar-vos e é por este motivo que eu vos procurei.

—Está bem, ide, e dizei ao vosso rei que me encontraste e que promptamente cumprirei o seu mandato.

—Sereis obedecido Senhor—tornou o pagem fazendo uma grande venia ao retirar-se.

—Então que dizeis a isto, hein? tantos lamentos e sois assim protegido de el-rei!—disse o estalajadeiro, sorrindo.

—Não sei o que me quer Filippe II—respondeu o pintor. — Estranha nova!... Que pretenderá elle de mim?!

—Seja o que fôr deverá ir.

— E assim o quero. Está uma voz a dizer-me que não voltarei aqui; todavia lembrar me-hei sempre do bom agazalho que me déstes. A'manhã, porém, recebereis novas minhas.

— Deus o queira...

— Até amanhã, patrão.

— Até amanhã Snr. Affonso Sanches.

O pintor ia a sahir e voltou.

— E' verdade, esquecia-me já um grande negocio. Se, durante o tempo que eu estiver auzente, vier uma pessoa aqui procurar-me, dizei-lhe que volte em outra occasião e então lhe podereis dar noticias minhas.

— Vá descançado, que tudo cumprirei.

O artista sahiu, monologando durante o caminho até ao paço real:

— Que me quererá Filippe II? Que haverá de commum entre mim e o rei de Hispanha?! Como soube elle da minha chegada a Bruxellas?!... Meu Deus... e hei de eu apparecer n'este estado?... e que importa?... contar-lhe-hei os meus infortunios...

Entrava no alcacer de D. Filippe.

— Bem vindo sejaes, mestre Affonso Sanches. — disse el-rei apenas lhe foi apresentado o artista. — A nossa estimada irmã fez-nos saber que vos achaveis em Bruxellas, e como precizamos de uma obra de primor, mandei-vos chamar.

— Estou prompto a obedecer a vossa alteza — respondeu o pintor algum tanto confundido.

— Deveis saber que d'hoje a um mez é celebrada a festa de S. Filippe e nós queremos um quadro pintado por vós, representando aquelle santo; dou-vos um mez para essa obra.

Acabando estas palavras el-rei fez signal a um pagem para que encaminhasse o artista a uma camara que já lhe estava destinada.

(Continua)

A. Moraes

DA LYRA DO AMOR

I

SCIENZA NUOVA

Para que hei de eu gastar noites e dias
Escavando no seio á Natureza,
Interrogando as agras serranias
E das estrellas a immortal grandeza?

Para que hei de enterrar as alegrias
Da minha mocidade, na tristeza
D'estas paginas lugubres e frias,
Como um coveiro enterra uma belleza,

Se os teus olhos, que são como as fogueiras
Do S. João, ardentes e sagradas,
Accezas das montanhas na eminencia,

Ensinam mais que paginas inteiras,
Cheias de theorias arrojadas,
Escriptas pelos grandes da Sciencia?

Porto, dez. 2 de 79.

II

DANÇA DA MEIA NOITE

Eu achei-me n'um monte escuro e solitario,
Á meia-noute. O vento uivava nos pinhaes
Com aquelle terror de um dobre funerario.
Ouviam-se do lobo os gritos sensuaes.

Satanaz, côr de sangue, ao pé das carvalheiras,
Com as bruchas dançava, á tibia luz dos céos
E eu julguei-me, ai! de mim, nas horas derradeiras,
E vi no Anjo do Mal um escarneo de Deus.

Oh! tragicas visões de uma alma sombria!
Lusbel erguia a vista abrazada, infernal,
E aquella luz cruel nas sombras refulgia,
Como um vivo diamante em um annel papal.

«—Maldição! maldição!— bradei aos ventos fóra.
Para que desdobraste, ó Noite, o manto escuro?
Job dizia a verdade, arrepellado outr'ora
Por sobre a podridão do biblico monturo.—»

E o firmamento hediondo abria então, a espaços,
Grandes boccas. Lusbel mostrava o olhar candente,
E tudo que abrangia acaso com os braços
Nas chammas infernaes ardia de repente.

Depois appareceste, ó pomba foragida,
A cuja voz de amor a Natureza acorda:
E eu, vendo-te, não mais amaldiçoei a vida,
Nem temi Satanaz, que dançava na córda.

Guimarães, 7 de setembro
de 1879.

J. L. de Vasconcellos.

INGENUA

Margarida peiorava dia a dia. A profunda consumpção que lentamente a ia impellindo para o sepulchro, que lhe ia transformando as alegres rosas da mocidade em funebres goivos, a prostrou no leito para pouco depois regelal-a no tumulo.

Ella acceitava a morte resignadamente, santamente, e o seu rosto, da pallida brancura da cera, tomava uma expressão doce, d'um encanto indefinivel. A's vezes, quando erguia os olhos para o Christo que tinha á cabeceira do leito e que sempre a agazalhara com a consoladora luz do seu olhar piedoso contra os fatuos desdens dos homens, o céo escuro da sua alma estrellava-se de pequeninos lumes scintillantes, d'uma radiação casta e ephemera, e transportava se, então, a mundos luminosos. Mas de subito baixava ao largo pantano da realidade e o seu corpo tremia.

No principio da doença aconselharam-lhe solidas comidas, fartas preguiças, ares vivificantes do campo. Mas vivia só, pobre abandonada, sem uma unica pessoa no mundo que a amasse, a consolasse, lhe tomasse a sua bem acabada cabeça contra o seio e lhe segredasse palavras amigas, d'um suave conforto, que lhe penetrassem n'alma e desfizessem, como raios de sol, o espesso nevoeiro dolorido que a enchia! Nada! Em torno d'ella estendiam-se as desoladas sombras do abandono; seus paes tinham morrido e talvez a chorassem no estreito sepulchro! E amara um homem que lhe fizera construir um tão castello d'illusões que, mais tarde, ao sopro cruel da realidade, desabou, e grandes ruinas, por entre as quaes se enraizaram heras d'uma vivaz saudade, permaneceram na sua alma.

*

Finalmente encamara. Uma amiga compadeceu-se d'ella e foi chamar o medico. Margarida não queria, riu até—para que... dentro em pouco... E os soluços abafaram-lhe a voz quasi apagada. Mas o que ella não queria era ter á cabeceira do seu leito de dores, como que espiando-a, o homem que em outro tempo tanto amara. Receiava morrer alli na sinistra presença d'elle. O choque que necessariamente se daria entre as suaves alegrias *d'hontem* e as severas tristezas *d'hoje* a abalariam fortemente.

A amiga ignorava tudo isto. Margarida guardara cautelosamente nos recantos da sua alma este amor infeliz, e, se ás vezes, se abria em intimas confidencias, ora gemebundas como psalmos que ululam, na calada da noite, pelas humidas abobadas sombrias d'um mosteiro que se ergue no desolado ermo, era alegres como triumphaes melodias de desejos d'uma noiva amorosa, era o seu Christo que se inclinava para ella e as recolhia no seu coração oceanico. O seu peito pulsava com um amor sincero, profundo, intenso. Na imagem d'elle, que se desenhava nitidamente no fundo da sua alma, havia alguma cousa de terno, de casto, de vago. Ella sentia que não era um amor calculado, artificial, banal, como o das outras, tendo uma existencia curta, instantanea como a que medeia entre o relampago e o trovão. Não. O seu amor seria eterno e dar-lhe-ia uma existencia luminosa. E sonhava: aconchegados interiores, respeitos religiosos, loiros *babys* rosados, de tenras carnes, penetradas de frescas essencias. Na pequenina alma dos filhos, incolor como os seus olhos, ella lançaria as sementes, que ao sopro creador d'elle, se desenvolveriam em flores de calices rescendentes. No intenso vermelho sanguineo dos cactus ella via—a força—e no branco setim dos lyrios—a bondade, e com estes dois predicados—a força e a bondade—concebia toda uma existencia forte, tranquilla, independente, feliz. Tinha uma imaginação viva, colorida, d'um vigoroso poder d'idealisação; portanto, qualquer objecto, que a ferisse, tomava para ella amplas proporções, côres exageradamente falsas em fundos intensamente luminosos ou sombrios. Estas exagerações cauzavam-lhe fundas tristezas ou largos contentamentos. Faltava-lhe uma comprehensão clara, nitida, justa, real, das coisas e dos homens; por isso este amor fazia-a sonhar, delirar, vagar por mundos ignorados, desconhecidos.

Quando esta chamma irrompeu e inundou toda a sua alma, contava ella dezoito annos. Até então nunca tinha amado. Era uma creança adoravel, ingenua, tendo um religioso culto enthusiasta por flores, aves, estrellas. Encantava vel-a tecer grinaldas com que envolvia o corpo macerado e nú de Christo que parecia desprender os braços da cruz para a abençoar. Mas de repente no seu peito faz explosão o amor que havia de brilhar constantemente através toda a sua vida, como eternamente o sol através todas as edades. Como ella o achava bello, intelligente, energico, meigo, leal! Que melhor e solido apoio que o seu braço que seria bom, amante, quente para a abraçar, e forte, vigoroso, resistente, como aço, para a defender! Que coração mais apaixonado pulsaria por ella! Quem, senão elle, a veria em sonhos, radiosa, arrastando brancas vestes fluctuantes, de visão, por caminhos largos, amplos, cobertos de fofas relvas, orlados d'altas vegetações que estenderiam as suas frescas sombras, ás horas em que o sol espalha clarões lividos, d'uma doçura ineffavel, e as estrellas começam a tecer a sua teia de luz, fazendo-a e desfazendo-a, dia a dia, como

a fiel Penelope, ouvindo ao longe o mar gemer o seu canto d'uma vaga tristeza infinita!...

Ella era feliz então. A's exaltadas alegrias d'amor juntavam-se as confortaveis commodidades da vida. Na sua alma havia um como lampadario que a illuminava toda. Mas inopinadamente essa luz apaga-se e dentro d'ella e fora d'ella, faz-se uma grande sombra. Seus paes tombaram, ainda na florescencia da vida, para as geladas estreitezas do tumulo e aquelle que lhe promettera um futuro farto e honrado abandonara-a! A orphandade e a miseria estenderam sobre ella as suas azas negras! Que poema de dores soluçou então a sua alma! Porém a resignação, essa mystica flor que desabrocha nas boas almas ingenuas, desabrochou na sua e perfumou toda a sua dolorosa existencia!

*

Quando o medico entrava no pequeno quarto em que se respirava a subtil essencia da pureza, Margarida, absorta, olhos dilatados e cheios d'uma extranha suavidade, revia todo o seu passado. E recordava as noites em que a lua inundando a vasta concha dos céos, envolvendo a paizagem n'uma luz emolliente, esbatendo os contornos dos objectos n'uma penumbra mysteriosa, illuminava as aleas florentes do jardim, onde se trocavam ternos olhares romanticos, doces e amorosas confidencias, ardentes e solemnes juramentos... os estremecimentos que lhe causava a queda d'uma folha, o esvoaçar d'uma ave, alguma coisa d'impalpavel e d'invisivel que palpitava em torno d'elles... O longo beijo da despedida que acordava na sua alma vagos desejos indefinidos... Depois os sonhos em que ella se julgava apoiada ao braço d'elle, divagar pelas regiões infinitas do espaço, sentir palpitar junto a si as estrellas, pregar algumas no penteado, e subir, subir até á presença do bom Deus, que do alto do seu reluzente solio lhes lançava a benção matrimonial, em quanto que harpas resoavam melodias divinas, e flores d'exquisitos perfumes cahiam sobre as suas cabeças... Em seguida envolvia-os um mystico somno voluptuoso em que as almas se confundíam... Acordava e sorria-se. Todos aquelles sonhos tão singularmente coloridos lh'os contava, e elle com profundo requebro—doida, minha doida—dizia.

N'isto sentira tomar-lhe o pulso uma mão fria. Um profundo estremecimento abalou todo o seu ser. Olhou o reconheceu-o, e, cravando n'elle um olhar tão expressivamente doloroso, extinguiu-se.

O medico, serenamente, friamente, voltando-se para a amiga que sobre o cadaver soluçava, disse:

— Bem! sou aqui inutil.

Porto, 1879.

FRANCISCO CARVELHAS

ANHELLO

Quem pudera em terno beijo
O seu rosto unir ao teu!
Dos teus labios côr de pêjo
Não fugir mais, e fosse eu!
Alegre a vida eu daria
Se tu me désses Sophia
O que alguem me ainda não deu!
Amaria a sepultura
Se me desse esta ventura
Que não ha, talvez, no céo!

Ai! Sophia, quem pudéra
Conquistar o teu amor!
Abraçar-te como a hera
Que se abraça ao pé da flôr!
Subir comtigo aos espaços
Presa mais que pelos braços...
Por um beijo abrazador!
E depois, quando acabado
Fosse o beijo demorado,
Dar-te a vida e rir da dôr!

Não accedes ao desejo
Que me vai no peito aqui?
Não me dás, Sophia, um beijo
Não me chamas para ti?...
Mas perdia; quando a mente
Pensa n'isto, eu sou demente
Como a dôr que inda se ri...
Eu bem sei que os meus anhellos
Hão de ser os meus flagellos
Desde a hora em que te vi.

Tu não sabes não, Sophia
Quanto é triste assim viver!
Quantas vezes mais valia
Não te haver visto mulher!
Vou seguindo o meu fadario
Sem nas cristas do calvario
Um alivio ter, siquer!
E se paro no caminho
O teu nome vem baixinho
Juncto aos meus labios morrer!

Abril 17 de 1879.

JOSÉ RIBEIRO.

NO CAMARIM DA ACTRIZ

Era a noite do seu beneficio.

Os admiradores entravam uns após outros com um rizinho nos labios, apparentemente satisfeitos. Os intimos approximavam-se do velho sophá e sentavam-se cruzando as pernas proferindo dichotes. Os elegantes vinham nos bicos dos pés, em tremuras: os mais nutridos, typos de commendadores ou barões, a passo vagaroso, enfatuados: uns, em ar triumphante, os nervosos, os enthusiastas, empunhando phantasiados *bouquets* em que sobresahiam as camelias: outros, indifferentes, habituados a este piso, a estas occasiões, contentando-se com simples phrases do estylo.

Alguns, só diziam banalidades da adulação; eram os escriptores, os poetas, os jornalistas. *A grosseria*, o positivo, sahia da glote dos actores, com aquella franqueza e independencia que os caracterisa, inspirados pela confiança adquirida entre companheiros.

Além d'isso a arte é licenciosa, tem d'estas bôas concessões, d'estas optimas tolerancias.

Fumava-se, ria-se em sonoras gargalhadas, havia ditos picantes, espirituosos, boçaes. Os predilectos, os atrevidos, os *leões*, bamboleando as pernas, escondiam as botas d'elastico ou os sapatos de laço por baixo das saias engommadas das actrizes ou comparsas que passavam. Ouviam-se gritinhos de *susto*, encontrões, *apalpadellas*, topadas,... depois risadinhas, novos encontros de pés, n'um frenezi, n'uma luxuria, o auge da loucura permittida por de traz dos bastidores.

De vez em quando via-se sahir das algibeiras das casacas ou dos *paletots* este ou aquelle objecto insignificante, a pretexto de ser *a ultima novidade de Pariz*, que era offerecido como *lembrança* á rainha da festa. Ás vezes sahiam ás escondidas, muito em segredo, em tom mysterioso e surprehendedor.

—Que não tinha valor, que era apenas uma prenda insignificante — dizia-se — mas era a ultima moda.

Depois:

—Muito elegante... bonito gosto!

Os olhares cruzavam-se; havia emulações, desejos de triumpho, ardencias de superioridade e de posse.

A inveja fazia morder os beiços aos conquistadores vexados.

Ella, a *rainha da festa*, a *sympathica e intelligente actriz*, ou o *genio da scena portugueza*, agradecia risonha, radiante, com os olhos no espelho e a mão na boneca do pó d'arroz, todas estas provas de sympathia d'affecto, d'admiração e enthusiasmo! E ás vezes aos saltinhos, com fingida ingenuidade, corria o olhar ligeiramente pelos objectos... e pensava talvez... em que?—nas grandes offertas que cáem aos pés das actrizes francezas nas suas noites de triumpho; no esplendor que as rodeia, no brilho das joias d'alto preço que as deslumbra!... Portugal era um paiz pelintra! E quem sabe mesmo que de sacrificios, que transacções vergonhosas com a agiotagem, para a compra d'aquellas insignificancias!

Ella tinha ouvido dizer que em França é que se póde ser actriz: que alli, em Pariz, os adoradores são muitos; que a arte é bem compensada... que as perolas, os brilhantes, os diamantes são no camarim da mulher do theatro, como as flores no campo. E ella não tinha uma prenda rica, um collar de perolas, um annel de brilhantes, uma pulseira decente!

Tudo que lhe offereciam era collocado, espalhado, por cima do toucador.

Sentia ás vezes um sentimento momentaneo de desprezo pelo que via, mas disfarçava. E, como que examinando com curiosidade e contentamento:

—Muito bonito, obrigada.

Sahiam uns sujeitos, entravam outros, passo curto, mas apressado, ar imponente, sobraçando pequenos cofres, em segredo, em mysterio como *para causar surpreza*, como quem trazia uma variedade elegante de cousas d'alto preço. A actriz volvia o olhar com ancia, um olhar simultaneamente cubiçoso e receiante d'uma nova desillusão. Quanto estimaria uma prenda de valor arranjada a capricho, destinada a fazer-lhe a côrte... E uma contrariedade! cousa terrivel?... Ella que sonhara na vespera tantas galanterias de valor subido, de valor intrinseco, que dá o realce, que dá a alegria, a felicidade; que é o positivo! O mais, que lhe importava?!... Tinha alli as corôas de flores de variegadas côres, das mais exquisitas, os ramalhetes, aperfeiçoados a capricho, muito pensados, quinze dias antes; algumas lembranças simples como as dos annos entre familia burgueza; mas de que lhe servia isso? E soltava um leve suspiro de magoa pensando no Brazil onde talvez fosse mais feliz. Tambem ouvia dizer muitas cousas de lá.

Os pallidos romanticos entravam timidos olhando-a ás furtadellas, com medo de tentação, parecendo fascinados pela luz do gaz o das stearinas, aspirando a um sorriso, a uma phrase doce e convidativa. Mas na sua timidez natural diziam: —É uma mulher ideal! —indo-se-lhes os olhos na alvura do collo.

E diligenciavam ainda assim por inspirar, por obter um gesto ao menos de modo dramatico.

Ella caracterisava-se, empoava se, fazia-se, appetecivel, adoravel. Ia representar o papel de protogonista da peça, uma mulher apaixonada. Os seus encantos artificiaes brilhavam esplendidamente á luz que se difundia no camarim.

Tinha o cabello louro como o d'uma normanda, era alva de neve pelas camadas do *cold-cream* e pó d'arroz aromatico; os labios de vivo carmim: pequenos sulcos feitos a carvão, fingiam olheiras das mulheres chloroticas, ideaes. Havia n'aquelles semicirculos arroxeados todo o artificio possivel para illudir. Viam-se-lhe as espaduas nuas que provocavam a animalidade. As suas formas voluptuosas despertavam uma sensualidade baixa nos *habitués*, e um tanto mystica ou artistica, ideal ou platonica, nos inexperientes, nos romanticos, nos poetas e trovadores vadios da epocha. Existia mesmo no intimo d'elles um certo sentimentalismo, elevando a actriz ás regiões infinitas do amor immenso ouvindo a musica dos anjos, ou os menos mysticos, a de Verdi ou a poesia Millevoye.

Outros, estavam deslumbrados perante a *deusa*, sem que ousassem proferir palavra, extacticos, idiotas cheios de sensações fortes sonhando mundos ideaes, d'encantos indefiniveis, pairando-lhes o espirito no vago, no incomprehensivel! — Que felicidade, o poder arrojar aos pés d'aquella mulher todos os tropheus d'uma victoria!

Porque ella parecia uma *rainha em dia de nupcias!* porque era ella uma *belleza pagã!* Quem lhes dera alli a musica de Mayerbeer, de Mozart ou Beethoven elles os phantasistas, os idealistas, os bohemios enervados, em que envolvessem aquella existencia de *mulher divina*!

Havia um mixto de sensações, uma variedade de sentimentos, uma mordedura de desejos carnaes que incommodavam, a febre, as tintas do delirio, todo o colorido romantico!

De toda ella, dos poros, da *toilette*, sahia uma exhalação de perfumes, da agua de colonia, do almiscar, das essencias. E agradecia, com delicadeza, toda *coquete*. Julgava-se adoravel, appetecivel, desejada, por todos aquelles typos, mesmo os pobres litteratos que mais nada tinham a offerecer de que uma phrase banal, um *speech* nas columnas dos jornaes. Pois se ella estava *attrahente!* Se reunia em si todos os attractivos da mulher do *romance!*

O camarim estava cheio, atulhava-se: havia uma concorrencia enorme de chapeos altos; os cumprimentos dos lisboetas choviam de todos os lados, os applausos começavam antes de tempo. Isto era o usual, o costume; a *bajojice* e adulação balôfa. Proferiam-se phrazes grosseiras, de fazer córar os menos pudicos, porque se estava com actrizes—as *corruptas Messalinas* da epocha; porque *d'ellas fugiu ha muito o pudor*, porque são *geralmente* olhadas como *mulheres devassas!*...

Assim o pensam os frequentadores das platéas, assim o diz o corrompido *dandy*, o argentario, o aristocrata, os apostolos da *moralidade!*

E os pallidos e macilentos poetas laureados pelo elogio-mutuo córando levemente, sentiam uma attracção irresistivel para aquella festa esplendida, para aquelle brilho de mulher que os arrastava como á luz as mariposas, cheios de timidez, acanhados, phantasiando quadras e sonetos d'uma idealisação transparente, em que se divinisava as fórmas da actriz, o seu halito perfumado, a sua graça infinita!

O fumo dos charutos subia em espiraes azuladas; o cheiro confundia-se com os arômas acres do *toilette;* os lenços brancos e as sobre-casacas litteratas rescendiam a agua de colonia e a almiscar. Respirava-se uma atmosphera de perfumes enjoativos, tocavam-se as respirações, tudo isto cauzava tonturas e dôres de cabeça.

Todos queriam vêr a *rainha da scena*, cumprimental-a na sua noite artistica; agglomeravam-se, punham-se nos bicos dos pés, erguendo muito as cabeças. Depois, um certo cheiro desagradavel, vinha corromper os odôres almiscarados...

Subiu o panno, começaram as ruidosas ovações, a protogonista apparecia com todo o podêr dos seus encantos, como imaginaria entidade, como visão celeste! As carnes dos espectadores machos tremeram brandamente; havia pensamentos furiosos, um ante-gosto de prazeres sensuaes, a voluptuosidade era idealisada n'uma variedade dissoluta; crescia, alastrava-se pelos corpos dos nervosos, dos sanguineos, n'uma desesperação mundana, brutal. Dos camarotes choviam os ramalhetes e as corôas de flores e fitas de seda.......

Por fim a actriz estava cançada, doia-lhe o ventre, e, simulando uns pulinhos de contentamento, sentia ao mesmo tempo uma certa displicencia.

Finda a representação, entrando no camarim, viu-se novamememente cercada de adoradores e apertada entre muitos braços que a estreitavam d'encontro a peitos robustos, fracos, doentios e amorosos, n'um frenezi desesperador de luxuria. Estava finda a festa. Ella, a *talentosa actriz*, com um sorriso desdenhoso em que ás vezes, ás furtadelas, pairava um beijo luxuriante e devasso, d'algum intimo, tornava a agradecer, embrulhando-se na capa para sahir.

Um pensamento a minava:—era a platéa não estar *literalmente cheia*, o que denotava pouco *metal sonante* a receber e uma tal ou qual desconsideração aos seus meritos—*artisticos*.

—Não seria ella um *talento* como dizia a imprensa?!..

Suspirou, entreabrindo-se-lhe os labios n'um sorriso amargo.

Lisboa, 1879.

Reis Damaso.

EX CORDE

AO AMIGO J. SIMÕES DIAS

Não sei porque se afasta
De mim que tanto a estimo...
Eu que não tenho um mimo
D'uma alma boa e casta.

Abra a janella e veja
Os leves passarinhos,
Que vão buscando os ninhos
Nas torres da igreja.

Como se animam todos
No seu concerto unanime...
Eu que sou pusillanime,
Affligem-me os seus modos.

Se o meu olhar tem febre
E o collo lhe incendeia,
Os éllos da cadéa
Que a si me prendem, quebre.

Rasgue-me o coração
E a alma a pouco a pouco...
Mas não me torne louco
Com essa ingratidão.

Não me fulmine agora,
Que a tenho em minha frente
A' alma que ama e sente
Fogo intimo a devora.

Desprese-me, condemne
Esta temeridade;
Mas olhe que não ha-de
Vencer o amor infrene.

Que louco visionario
Phantasiei um dia,
Quando sonhei que a unia
Ao peito solitario!

Feliz quem vê surgir,
Por entre o rosiclér,
No amor d'uma mulher,
A estrella do porvir.

Conceda-me um instante
De celica ventura...
Ouça a linguagem pura
D'um infeliz amante.

Escute a minha voz
Doce, serena e callida...
Não sei porque está pallida,
Ninguem nos ouve a nós...

Eu sou um sonhador
Que a ama loucamente...
E é tudo quanto sente
Meu coração em flor.

....
....

Affirmam que me adora;
O seu rubor e o medo...
Amava-me em segredo...
Bem o conheço agora.

Recline á minha espalda
O rosto ingenuo e flebil,
Conchegue o peito debil
Ao meu que é forte e escalda.

Assim; pomba, descança,
Que a tarde é linda e calma,
Deixa entrever á alma
Uns sonhos de esperança...

....
....

Que estranho monstro passa
N'abobada infinita...
Ninguem por certo evita
Uma fatal desgraça...

Que idéa a mente nutre
E que paixão me arrasta...
Ai! foge, pomba casta,
Que eu sou o negro abutre!...

Abril, 1878.

FRANCISCO DE MENEZES

RESPOSTA ÁS REFLEXÕES

SOBRE O ARTIGO

DUAS PALAVRAS DE MEDICINA

O meu artigo — Duas palavras de medicina — suscitou ao Snr. Amorim Vianna algumas reflexões. Comquanto o facto seja demasiado honroso para mim, vou tentar refutal-as. E' dever, porque as não posso aceitar por verdadeiras.

«Confunde a sciencia com a arte» diz o Snr. A. Vianna. Pondo de parte a dureza da phrase, respondo que a prova de que não confundo, é a definição dada a pag. 107 do *Museu Illustrado*.

E, como não diz o *ponto*, onde notou a confusão, nada posso accrescentar. «A primeira tem feito grandes progressos, a segunda não». Parece-me que é exactamente o contrario: a medicina operatoria, a cirurgia, é que mais teem progredido, e ninguem dirá que os variados processos, instrumentos e apparelhos aperfeiçoados, como são actualmente, não sejam do dominio da arte!...

Em seguida transcreve um periodo, em que eu digo «que se prova a *certeza* medica, tanto quando se obtem bom resultado, como quando se prevê a morte inevitavel» tirando em concluzão das minhas palavras = os progressos da pathologia e a inefficacia da therapeutica =. D'acordo; mas não destroe, confirma o que eu quero provar «*a certeza*». Pathologia e therapeutica são partes constituintes da Medicina; pela primeira conhece-se a molestia, pela segunda os meios a empregar; assim pelos conhecimentos medicos obtemos a *certeza* da qualidade da lezão, e a *certeza* de ser incompativel com a vida, logo a *certeza medica* em ambos os casos!!... A segunda parte transcripta refere-se ao *porque* da acção curativa, isto é, que era mais vantajoso conhecer-se a cauza para não confiar do acaso, e só d'elle, a descoberta dos medicamentos. Isto é evidente.

Conclúe «O Snr. Soares Franco parece crer, que para cada perturbação organica existe um remedio». Permitta-me o Snr. Amorim Vianna que lhe diga, com o respeito que lhe devo, «que não parece tal!... se digo exatamente o contrario! A pag. 170 do *Museu Illustrado* lê-se... «mas se é chamado a tratar uma lezão cardiaca, um scirro, um amollecimento cerebral etc. ?!... Eis a infelicidade do facultativo! Quando a molestia chega ao termo invariavel e fatal, etc » Ora, se eu julgo, que estas e outras molestias teem um termo invariavelmente fatal, é por *crer que não existe para ellas remedio algum*. No proprio periodo transcripto lê-se tambem... «prognosticar o termo fatal, marcar até a epocha, e isto, apezar de todos os esforços etc.» Ora, se a molestia *mata* necessariamente, *apezar dos esforços da medicina*, é porque não creio *que exista remedio para a curar!!!...*

«Porem quantas doenças ha incuraveis?—diz o Sr. A. Vianna» Muitas, infelizmente; já o disse e repeti.

«O homem foi condemnado á morte, desde o seu nascimento; o seu organismo tem quasi um vicio, que tende a destruil-o; e até provavelmente ha n'elle a predisposição para as doenças, que hão-de acommettêl-o.» Seja-me permittido dividir o periodo em tres partes; á primeira respondo *que é esgrimir no espaço*. Não só o homem, mas todos os seres organisados tem de morrer! E' uma lei natural e geral; á segunda, que não é preciso admittir um *quasi vicio*, porque basta o uso dos orgãos para os gastar, e as innumeras cauzas de destruição, a que está subjeito o homem, para lhe terminar a vida; á terceira livra-me de responder o adverbio «provavelmente» todavia direi = é possivel, subjeitando-se ás cauzas occasionaes.

Por eu dizer «que a molestia deixa menos estragos, se a natureza fôr coadjuvada pela arte» diz o Snr. Amorim Vianna 1.º «não ha medicamentos inoffensivos.» Peço perdão, não ha medicamentos offensivos! Estas palavras exprimem idéas diametralmente oppostas; á idéa *medicamento* repugna a idéa de offensivo. Medicamento é toda a substancia, que tem a *virtude* de modificar as propriedades vitaes, e que se emprega para *obrar vantajosamente* no decurso das molestias (Nysten). 2.º «Todos produzem uma doença artificial para neutralizar uma doença natural». Isto é inintelligivel para mim. Parece, porém, que chama artificiaes ás que os medicamentos produzem, e naturaes a todas as outras. Distincção inadmissivel, porque a desnudação da pelle feita por um caustico por ex: seria molestia *artificial*, e a mesma desnudação produzida por uma panella d'agua a ferver, ou outro desastre, seria *natural*. Alem de quê a primeira parte «todos produzem uma doença» está muito longe de ser uma asserção verdadeira. Centenares de medicamentos produzem tão pequena modificação, que só depois de prolongado uso apparecem os effeitos beneficos, por ex: os tonicos.

A segunda parte está por demonstrar, isto é, «que para neutralizar uma doença seja precizo produzir outra»!... Isto levaria ao monumental absurdo = que o estado normal do individuo é a doença = porque ou estaria sôb o imperio da molestia *natural* ou sôb o da *artificial*, produzida para curar aquella!!... «E quasi sempre o organismo fica ressentido d'ambas.» Suppunhamos, que tudo assim é, admittamos a veracidade dos tres periodos chamados a combater a mi-

nha proposição, ainda ella ficará de pé, inabalavel, em quanto se não demonstrar=que os estragos da doença artificial são maiores, do que os da natural!... (servindo-me das palavras do Snr. A. Vianna). E é só depois d'isso, que o medico *avisado* applicará os menos remedios possivel, (como diz).

Remedio é tudo o que póde determinar uma mudança *salutar* na economia em geral, ou em um orgão em especial (Nysten) logo o medico *avisado* deve antes ser prodigo, do que avaro de remedios!

O Snr. Amorim Vianna transcreve as palavras de Litré et Robin «A apportunidade da medicação representa o que caracteriza o saber medico, etc.» Ora este argumento é *contraproducente*, porque confirma, não destróe as minhas palavras=que se a natureza fôr coadjuvada pela arte, a molestia deixará menos estragos subsequentes=! Com effeito, se o saber medico é caracterisado pela opportunidade da medicação, segue-se que ha medicação opportuna, com a qual o medico, isto é, a arte póde coadjuvar a natureza, ou por si só curar a molestia; e, como em ambos os casos a doença dura menos, deverá ser o estrago menor!

«Pois a duração da expectação sobrepuja a intervenção therapeutica no tractamento de quasi todas as doenças.» A isto respondo: primeiro, intervir, não é coadjuvar; segundo, expectação em medicina, quer dizer=esperar as indicações da natureza=; e para que?!... Evidentemente para lhe servirem de guia, para lhe coadjuvar os esforços! por ex: ha symptomas de embaraço gastrico, predominando as nauseas, os vomitos mesmo... a natureza esforça-se por se desembaraçar do que lhe é prejudicial, por aquelle meio; que faz qualquer medico? applica um vomitivo, ou um emeto—cathartico; logo todo o periodo transcripto vem confirmar o que foi chamado a combater!

=«Muitas vezes só para os profanos divergem os meios therapeuticos empregados»=disse eu. «Porém outras para os proprios adeptos são contrarios» (acrescenta o Snr. Amorim Vianna). D'acôrdo; mas que tem isso?!... Eu disse=muitas vezes=ora muitas veses não é=sempre=logo dentro da esphera da minha asserção cabe perfeitamente a asserção do Snr. A. Vianna! Não se oppõem, coexistem. Como exemplo continúa «Suppondo a diagnose identica, o allopatha não receita como o homeopatha». Em geral decerto que não, porque as bases dos systemas são oppostas =*contraria a contrariis curantur*= e =*similia similibus curantur*=Mas em absoluto é falsa a proposição; na syphilis ambos receitam mercurio, nos dartros enxofre, em muitas enfermidades do tubo digestivo ambos lançam mão da noz vomica, ou do seu principal alcaloide a estrychnina etc. Alem d'isto a pag. 170, d'onde as minhas palavras foram transcriptas sem o exemplo, que as segue, e completa, vê-se claramenmente, que me refiro a um só systema, a allopathia!

Em seguida o snr. Amorim Vianna faz uma pergunta, a que se encarrega de responder; eil-a: «Ora que significa a existencia da homeopathia?... significa o triumpho do methodo expectante.»

Creio bem que os sectarios da homeopathia nem concordam, nem ficam agradecidos.

Por mim direi, que=entre medicina homeopatica e medicina expectante ha grande differença=. A ultima não exprime a idéa de *que o medico espere de braços cruzados o resultado da lucta*! Mas sim que espere as indicações da natureza para a coadjuvar.

Não intervem, ajuda: distincção já acima referida; e, como essa coadjuvação pode estar em harmonia com qualquer systema, segue-se que tanto o allopatha, como homeopatha podem empregar a expectação.

Não é só aos olhos do allopatha (como diz o Snr. Amorim Vianna) que as dóses infinitessimas teem acção quasi nulla; ou pelo menos inferior á de maiores dóses é mesmo intuitivo «que a menor cauza corresponda a menor effeito». Não é a *menor* dóse homeopathica, que desenvolve *maior* energia, mas sim a maior divisão do medicamento, o que é differente.

Diz o Snr. A. Vianna «que as sangrias, vomitorios e causticos, todos os remedios heroicos vão perdendo de voga».

Não é exacto. Os antigos *não uzavam*, abuzavam principalmente das sangrias e vomitorios; os modernos proscrevem *o abuzo*, reservando apenas o *uso*!

Ha muitas molestias, em que a Medicina não póde sem perigo prescindir das emissões sanguineas, vomitivos e causticos. E' inutil citar casos.

Diz o Snr. Amorim Vianna «que sou demasiado severo com os medicos, que exercem a medicina, sem crêrem n'ella». Decerto, porque é uma *burla* levarem dinheiro pelo ensino de meios, que sabem não prestarem para nada!!. O doente paga, e usa, suppondo-os remedio para o seu mal!... Mas isto não quer dizer que não possam prestar serviços á sciencia medica em qualquer ramo. Os dois casos de Magendie nada provam contra a minha opinião, que é puramente pessoal. O 1.° diz que não sabe o que se ha de fazer contra o cholera-morbus.

O 2.° é o seguinte «Uma creança cahe doente Magendie não lhe larga o leito, porém nada receita. A doença desapparece. *Velhaquete*=diz elle=não me deixaste um instante de descanço etc.»

Ora chama-se a isto «allegar serviços, que não prestou». Podía ter descançado á vontade, visto que nada fez, e nada receitou.

E' apenas uma excentricidade espirituosa, como tantas outras!

A natureza venceu a molestia sem o auxilio da arte. E quantas se curam espontaneamente!!!... Muitas, todos o sabem.

Dezembro — 79.

SOARES FRANCO.

CANÇÃO DO OUTOMNO

O' frio céo do Outomno, eternamente triste,
Onde é que a luz se esconde, onde é que a luz existe?

A terra—a boa mãe—entoa um largo pranto
E toda a Natureza um doloroso canto.

O sol no horizonte, o seu enorme flanco
Tem a sinistra côr d'um grande lirio branco.

Não sei que voz cruel e que gemido horrivel
E que blasfemia má d'um vago som terrivel.

Corta instantaneamente os céos, que até as aves
Não deixam mais ouvir canções suaves.

E no sonoro azul as fulgidas estrellas
Dizem um triste adeus ás thysicas donzellas,

—Virgens cheias d'amor, serenas como opalas.
Que aos vinte annos vão dormir dentro das vallas.

As arvores até immoveis nas campinas
Sorriem vagamente aos astros e ás boninas,

Erguendo para os céos os braços piedosos
Como phantasmas nus ou martyres gloriosos.

O vento como um doudo estrangulado chora
O sol da primavera, o reflorir da aurora,

O balsamo de luz que entorna a madrugada
E a canção virginal da cotovia amada.

Chora o tempo passado em sonhos radiantes
N'essas manhãs de Abril que são comc diamantes.

Por isso, quando se ouve o grito do nordeste
Por cima do jasmim, por cima do cypreste,
Quando se curva a flôr e passam friamente,
Como um soluço triste as nuvens do poente:

Parece então que o vento, aquelle antigo Deus
O combatente do ar e o maestro dos ceus,

Que a musica ensinou a toda a Natureza
Traz uma grande dôr e sepulchral tristeza.

N'este quadro fatal de dôr vasta e profunda
Enche de lucto o azul, todo o meu ser inunda!

Que lagrimas de sangue e que poema de horrores
Ha na scintillação alegre das flores!

O' frio céo do Outomno, eternamente triste
Onde é que a luz se esconde, onde é que a luz existe?

Porto, 1879.

XAVIER DE CARVALHO.

Enigma figurado

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA N.º 9

Quem espera sapatos de defuncto anda sempre descalço.

TYP. OCCIDENTAL, RUA DA FABRICA, 66.

GALERIA COMMEMORATIVA

DOS

ESCRIPTORES FALLECIDOS

XI

AUCTOR DA LYRA INTIMA

NASCEU NO PORTO A 7 DE AGOSTO DE 1843

FALLECEU NO PARÁ A 2 DE JUNHO DE 1872

JOSÉ DIAS D'OLIVEIRA

MAVIOSO POETA LYRICO PORTUENSE

Os sons da tua lyra só se ouviam
nas silenciosas noites sem luar!...
Só ternos corações os traduziam
ao sentil-os por sonhos perpassar!

José Dias d'Oliveira

Desde a sua infancia, naturalmente triste e pensativo, dera-se mais á leitura de livros de poesias do que aos do negocio que seu pae continuamente folheava. Frequentou algumas aulas d'instrucção primaria e francez, a que foi sempre assiduo, e todos os momentos, que pudesse dispensar á distracção, empregava-os procurando pessoas instruidas de quem colhesse resultado em prol de suas aspirações.

Seu pae, negociante no Porto, morava na rua das Flores, aonde possuia um bom estabelecimento d'ourivesaria.

José Dias d'Oliveira viveu sempre no seio da familia, mas seu pae, embora homem honrado e muito amigo do seu unico varão, era totalmente avêsso á litteratura: era negociante emfim. Desde que nasceu, habituado ao *Deve e Hade Haver*, sempre intimamente familiarisado com os severos algarismos e tão só preoccupado em angariar peculio com que pudesse alcançar fortuna, unica felicidade que comprehendia, isento de cabedal algum de conhecimentos auxiliares ao desenvolvimento intellectual, era-lhe portanto completamente estranha e, ainda assim, repellente a litteratura que, segundo elle, não servia senão para matar de fome aquelles que a ella se dedicassem—no que (aqui para nós) sem querer entendia uma grande verdade.

O pobre moço conhecia bem esta implacavel antipathia e divisára logo no raiar da sua aurora, o signo fatal que sempre existe, como symbolo de futura desgraça, nas que irradiam o nascimento dos seres predestinados á utilidade social.

Paciente, porém, esperava, no seio d'esta vida que lhe repugnava, pelo dia em que seu pae, vendo-o modesto, obediente, irreprehensivel na conservação d'uma certa deferencia para com o rude mas consciencioso pensar paterno, deslisando apenas subtilmente um sorriso d'intelligencia ás opposições, sem todavia nunca suggerir a discordia, resolvesse acceder ao seu ideal e o deixasse continuar nos estudos e assim ampliar o seu genio, já por muitos homens de lettras apreciado.

Perto do seu estabelecimento havia outro, completa anthitese d'aquelle—o do snr. Marques Nogueira Lima, poeta e proprietario da *Grinalda*. Abria, pois, este dito estabelecimento as suas portas francamente a toda essa inspirada e laboriosa mocidade, que brilhantemente collaborára na *Grinalda* e que mais tarde grangeou nomes immorredouros. Foi então que em José Dias d'Oliveira se despertou mais o desejo de se elevar, e começou a frequentar aquelle pequeno, mas esplendido *club*, onde as perolas vocaes mais faziam sobresahir o ouro resplendente das *vitrines*.

A occultas, sósinho no seu quarto, até alta noite, o infeliz poeta passava ao papel as suas idéas e no dia seguinte ia modestamente consultar os que lhe eram superiores.

Em pouco tempo, póde dizer-se que a natureza e a arte lhe tinham prodigalisado todos os elementos que podem constituir um poeta, porque a grandeza do estylo, que por vezes lhe faltava, sabia-a elle engenhosamente substituir por essa qualidade que os homens de proporções means, segundo uns, admiram, e que os homens de genio, segundo outros, desprezam —o sentimento.

As suas poesias eram todas diaphanamente perpassadas pelas sombras d'uma melancholia suave, que prende magoando, e intristece attrahindo; eram como o scintillar das estrellas n'uma noite sem luar.

Já era collaborador da *Grinalda;* as suas aspirações redobraram, e confeccionou um volume de poesias—*Lyra intima*—. Não pôde mais sustentar o mysterio com seus paes e decidiu-se a final a declarar-lhes positivamente qual o seu desejo, apresentando-lhes a um tempo, como testimunho da sua inabalavel vocação, a sua—*Lyra intima*—já publicada, e varios jornaes que lisonjeiramente a acolheram.

Esforço baldado! as aggressões, embora de boa fé, succederam-se, adquirindo uma auctoridade mais tenaz, que o resolveram a ausentar-se da Patria.

Partiu para o Rio de Janeiro! Má escolha para o seu ideal, mas as circumstancias assim o obrigaram. A sua constituição physica, além de debil, ia muito deteriorada pelas de ha muito constantes affecções moraes, e seria mui pouco provavel resistir ao clima extranho d'uma terra, onde, para cumulo de desgraça, grassava a febre amarella na sua maior intensidade.

D'ahi passou ao Pará.

Estava escripto o seu destino.

Cheio de aspirações, sem recursos, e com um coração benevolo, feminino, não podia resistir: succumbiu mezes depois a uma thysica pulmonar, que vorazmente lhe extinguiu a existencia, sendo a sua perda sentida por todos quantos o conheceram e souberam da sua triste e attribulada vida.

Gaspar Pessanha

INEDITA

Que diz tua face triste,
Que hoje o riso não perfuma?
O teu collo que se agita
Mais alvo que a branca espuma?

E teu olhar distrahido,
Que no céo procura a imagem,
Que a scismar viste ao sol posto
Das relvas entre a folhagem?

E tua fronte pendida
Sobre o crystal d'ermo lago,
Ao crepusculo, que a banha
D'um clarão saudoso e vago?

E teus labios que murmuram
Palavras que leva o vento?
E os suspiros que tu mandas?
Onde vai teu pensamento?

A mulher, que Deus fez triste,
Diz no altar tudo o que sente...
Teu olhar responde ás almas
N'uma mudez elegante.

Abril, 1864

José Dias d'Oliveira.

O DIA DO BAPTISADO

(capitulo d'um livro inédito)

A scena passa-se em familia burgueza, entre essa pequena burguezia geralmente conhecida por *gente de meia tijela*

Era o primeiro filho, creaturinha anémica e escrophulosa, de trez mezes de existencia.

A mamã, coitada, não a podia crear, era *muito fraca do peito*, diziam, e o pobre anjinho, momentos depois de ser dado á luz, procurava... chupava... mas debalde, soltando vagidos de *cortar* o coração.

Tinha vindo o medico que effectivamente concordara ser impossivel a mãe amamentar o filho.

Adelina não desgostára... tambem não era bonito, não era decente o *crear*... Ainda que pudesse o não faria.

Viria uma ama, robusta, sádia; o menino dar-se-hia bem com um leite approvado na sala das consultas medicas.

—A medicina, filha,—dizia a sogra—é que o ha-de decidir: é uma grande cousa, a sciencia dos *homens*. Tu não pódes, coitadinha... antes assim.

A creancinha *tinha fome*; era preciso vir a toda a pressa uma ama... Que se esperava?!

Devia ser já! Não havia outro remedio, era mais um sacrificio... e grande! Oh! se era!... mas que se havia de fazer?... O que tem de ser faça-se. Para que tinham estado tanto tempo a pensar?! De que serviam os projectos, as esperanças? Porque se não tomava já uma resolução?! Estupidez no caso.—

E o Julio, meditativo, cabisbaixo, de má vontade, como um cão que querem arrastar á força, lá foi ás duas horas da noite procurar uma ama.

Não haviam decidido cousa alguma previamente, sempre, com esperanças na mãe, ao menos para o primeiro leite, e por isso se viram, na occasião do nascimento da creança, em sérios embaraços.

Foi por milagre, que o pae, depois de muito procurar pela vizinhança, batendo a muitas portas, se lembrou d'uma vizinha, rapariga de 17 annos, amante d'um soldado, que estava a crear.

O homem já não sabia como sahir-se d'aquella situação aggravada pelos gemidos enternecedores do filhinho, que eram mesmo de *trespassar a alma*. Batia ás portas, para perguntar, para indagar.

A rapariga levantou-se e foi.

—Sempre lhe pagariam bem, talvez lhe dessem ao menos para um vestido.—O soldado ficou a resonar depois de rosnar um pouco.

—Mas a mulher era por emprestimo: não podia crear duas creanças ao mesmo tempo: ainda pelo resto da noite, vá, era uma grande precisão.

A mãe de Julio ralhava-lhe logo á hora do almoço para que sahisse: era já meio dia, que fosse procurar uma ama effectiva, assim não podia ser; e a creancinha cada vez *chorava* mais!—Põe um annuncio no *Diario de Noticias*—terminava.

—*Tambem era uma bagatella*;—e depois;—Anda, avia-te depressa, filho, não ha um momento a perder; guardam tudo para a ultima hora, credo!...

Julio andou ainda muito tempo em Lisboa a indagar onde haveria uma *ama bôa*.

Perguntava aos amigos que via, e estes riam-se proferindo dichotes.

Queria evitar o *annuncio*, mas não havia outro rumo.

Que remedio senão ceder?

Primeiro calculou as *linhas*, e em quanto *importaria*...

— Ora adeus... supponha-se que é uma extravagancia!

Cedeu.

Só quando voltou para casa, quasi á noite, se lembrou de que era um pobre amanuense! Que falta mesmo assim lhe não faziam aquelles *cobres* gastos na *agencia* do Peixoto, da rua Augusta!

Todos o esperavam anciosos.

A esposa sorriu-lhe e elle disse que *até ao pôr do sol andara á procura*...

—Uma boa ama! cousa difficil d'arranjar na *epocha presente!*

Ao chamamento do annuncio tinham vindo algumas cinco, que foram examinadas e dadas por incapazes.

Por fim appareceu uma, que era natural d'Odivelas, mandada pela *agencia d'amas*.

— Sim senhores, era boa, o medico observou-a, nem de encommenda. Antecipadamente não a teriam achado melhor.

Mas, passados dias, seccou-se o leite á pobre mulher, que teve de sahir da casa de Julio, quasi furiosa, insultando a todos e dizendo que tinha *fóme*.

— Fóme! atrevida, — dissera a avózinha da creança no auge da indignação.

Tambem a *comadre* havia sahido na noite do parto, dizendo: — *Que corja de pelintras!*

Julio tinha-lhe dado apenas 500 rs. quando ella, com um sorriso velhaco a bailar-lhe nos labios, lhe apresentára *um menino*.

— Parabens, parabens, dizia a parteira preparando-se para receber a *magra esportula* pelas *alviçaras*, e *torcendo o focinho* quando ella lhe cahiu na mão.

— Não era de esperar! que miseria! que sucia de pobretões... pelintragem no caso! Ora não havia cousa semilhante! E não ter aquella gente vergonha! Ella coitada, sincera, a illudir-se, a imaginar *cousas e lousas*, *castellinhos no ar*! Não havia maior desafôro, maior descaramento! Dispunha-se a receber uma cousa e recebe outra!.. uma moeda de prata... de cinco tostões!..

Teve vontade de a atirar á cara de quem lh'a deu. — Ora pois, paciencia... que fazer?— não havia remedio... guardar.

A avó tambem... nada!

Nem se *moveu a bruta*, depois de tantos esmeros, carinhos, delicadezas, em que havia contracções no risorius, momices, uma gesticulação variada e complicadissima.

Tinha-se amamentado por algum tempo a creança com leite de cabra; depois não se dera bem, não pegava... imaginou-se a *bomba*, devia ser melhor!.. qual historia!.. peior um pouco. — Uma ama! uma ama — gritava Adelina, gritava a sogra, gritavam todos da familia e as vizitas.

Puderam finalmente conseguir uma rapariga que se *sujeitava* a tudo, á alimentação diaria, aos ralhos, ás exigencias... Era a que no dia do baptisado vestira a creança.

Adelina estava alegre e satisfeita. Lembrava-se de todo o seu passado, principalmente da sua *hora feliz*. Soffrera tanto... Quem lhe diria que fazendo um anno de casada teria de baptisar um filho!

O seu casamento fôra bem agourado... No momento em que se unia a Julio, pelos laços do matrimonio, tinham-lhe dito que *seria muito feliz*.

Que radioso dia o das suas nupcias! Estava um sol esplendido! Fazia exactamente um anno no dia do baptisado do seu querido, filhinho que por força se chamaria Affonso.

Ella tinha o direito de assim o querer. — Tão pouco lhe custara dál-o á luz no fim do nono mez de casada!..

Julio estava triste, mesmo muito aborrecido. Havia pedido algum dinheiro emprestado para as despezas d'aquelle dia. E quando poderia pagar?

Começava a sua vida de inferno: a cada pensamento do futuro uma punhalada.

Já por causa da renda da casa se vira obrigado a unir-se a estranhos, que devassavam o seu quarto de dormir, que lhe mexiam nos seus papeis, que o apoquentavam todos os dias. Pagava agora a renda ao meio, era lhe muito mais suave; mas, ainda assim, sabia Deus com que custo. Ganhava apenas vinte mil reis mensaes no ministerio da fazenda: os senhorios eram todos uns *lóbos* e a vida estava cara. Andava muito descontente, não tinha um *conchego* á sua vontade, um *ninho* só d'elle, onde pudesse disfructar os encantos da mulher e do filho sem que ninguem o observasse, longe das vistas dos estranhos. Era um martyrio... não dava um beijo na esposa ou no filho que não *viessem* logo *troçal-o*, com ditinhos que lhe pareciam acres, offensivos, desdenhosos. Elle daria a vida em troca d'uma cazinha decente, onde apenas habitasse a sua familia: elle, mulher, filho e... sua mãe... a sua velhota.

Vá lá, coitada; ella já estava com os pés para a cóva e não tinha mais ninguem no mundo! Então sim, que felicidade! viveria admiravelmente n'esse goismo de prazeres, de carinhos e delicias, só com a unica familia que o adorava. Mas sempre sob a vista de estranhos!... insupportavel.

Adelina approximou-se, pondo-lhe a mão no hombro e beijando-o:

—Hoje é dia grande, Julio, baptisa-se o nosso filhinho.

—E' verdade filha.

—Credo! andas tão macambusio...

—Tolice tua...

—Não, que eu não vejo...

—Estou alegre, descança.

—Bem sei, não gostas já de mim. Olha, fazes com que a tua mulherzinha tambem ande triste e aborrecida.

—Fazes bem mal.

Passou-se. Eram 11 horas da manhã; o baptisado devia ser ao meio dia em ponto.

O trem já esperava á porta, e o cocheiro fumava o seu cigarro.

—O padrinho demora-se —veiu dizer á *vó-vó*, nome que o Affonsinho havia de pronunciar quando tivesse um anno. Antecipadamente já a ama, Adelina e Julio o iam pronunciando por elle, querendo ás vezes á viva força, por pieguice e contrasenso, que o anjinho o balbuciasse ao menos.

Havia de dizer muito bem explicado, assim como lhe ensinariam: «*pá...-pá...-zi. .-nho...*» «*ma...-mã...-zi...-nha...*» *a...-vó...-zi...-nha*» diminutivos d'uma suavidade angelica, que seriam *gracinhas* proferidas pela boquinha do Affonsinho, que era mesmo um botão de rosa.

A comadre acabara de receber dos braços da ama o menino e veiu mostral-o aos paes. Estava lindo, bem *bestidinho* de setim com a sua touca branca *embellezada* de flores e uma fita azul á cintura.

A mãe fitava-o enternecida, beijava-o sofregamente, pegava-lhe na pontinha da barba, fazia-lhe cócegas, por cima do vestido. O pae sorria de vez em quando, com um riso forçado.

Vieram os padrinhos: eram um mercieiro e sua mulher.

Julio convidara-os fiado de que *elles* concorreriam com alguma despeza. Sempre haveria um *presente* decente... as despesas da igreja... Tinham fama de ricos.

Houve os cumprimentos do estylo; a madrinha, creatura obesa, anafada, carregada de ouro sobre o cóllo trigueiro e gordurento, lustroso, abanava-se, ardendo em calor, com o seu melhor leque da China, salpicado de figuras symbolicas.

Viu o menino, deu-lhe um beijinho. Depois dirigindo-se á ama:

—É preciso crear bem o meu afilhado, ouviu?

Sentou-se no cana-pé, batendo nos fôfos do seu vestido de seda verde semeado de enfeites extravagantes.

Ao mesmo tempo mettia na mão da rapariga, que já ia a retirar-se, dez tostões, dizendo:

—Tome que é para a ajuda d'um vestido.

A ama fez-se pallida de indignação; e para comsigo:

«Ora não ha maior ridicularia!» Ficou deveras surprehendida; esperava melhor *maquia*, custava-lhe a acreditar!

—Toca para a igreja que são horas--bradou o padrinho.

Que se esperava?

A *comadre* foi a primeira a subir para o trem, depois a madrinha; logo em seguida Julio e o padrinho.

Adelina ficou pensativa.

—Por que seria que Julio andava tão triste? Não lhe correriam bem os seus negocios? mas quaes? elle não os tinha!... era apenas um empregado publico!... Estaria aborrecido d'ella?!.. Não gostaria do filhinho?!.. Ah! se ella adivinhasse, tudo isto antes de casar!.. Demais sendo pobre, quando houve alguns rapazes com furtuna que a desejavam, que lhe escreviam cartas, que lhe fizeram a côrte admiravelmente! Tinha sido uma grande tôla, na verdade. Bem lhe diziam as suas amigas, todos os que desejavam a sua felicidade. Agora viver com um homem *triste*, que parecia aborrecer a casa, a mulher, o filho... era duro, era. Para que se deixou ella apaixonar por aquella *figura*, sempre a pensar em economias, a forjar projectos de futuro, a conceber planos prosaicos e estupidos?!

Amor! que o leve o diabo, quando se não tem um vestido de seda para se estrear ao menos n'um dia de festa!

E o marido não pensava senão em cousas irrealisaveis.

Ainda amizade com dinheiro, vá, é toleravel. Mas assim, sem esperanças!...

Via agora que os romances eram falsos, que a illudiram... a ponto de a fazerem amar um *João ninguem*, que nem ao menos tinha *ponta* por *onde se lhe pegasse!* E ella que o achára tão elegante, vivo, forte, intelligente! Que o teve alguns mezes na imaginação sempre formoso como um Romeu, ou como outros personagens sympathicos das novellas francezas! Que ideal tão estupido o seu! que heroe de aventuras tão ridiculo!

Todavia ella poderia ser ainda uma Julieta, mas em certas condições, por interesse. Julgava-se bonita e de certo haveria muitos homens que a quizessem. Amor! nada d'isso, fôra uma illusão!

Ao menos o compadre, com ser um simples merceeiro, era um homem *abonado*... até perfeito! Nada, isto assim não ia bem, não lhe agradava. Pobreza... e ainda por cima ter de aturar *más caras*...

Que martyrio! para *o inferno antes de carruagem!...*

Meditava... Foi vêr-se ao espelho; *era realmente formosa.* Para que havia de pensar em tolices?!... Algumas das suas amigas do collegio haviam sido *muito felizes, estavam de grande!*

....

Adelina, era uma mulher nervosa, branca de leite e de cabellos louros; de estatura regular, de fórmas perfeitas: nos labios sensuaes, vermelhos, da côr de romã, pairava ás vezes um sorriso desdenhoso, quasi provocante, que não agradava ao marido.

A sogra tambem não gostava de a *vêr assim.* Se acontecia Adelina zangar-se, a velha resmongava: «Tem a ventinha torcida...» E depois commentava-se entre familia:—Não admira, tem o nariz *arrebitado!* É signal de muito genio.

Nas fontes tinha umas veiazinhas azues, muito vivas, delgadas como fios de linha. Pareciam traços anilados, finos, dados a capricho, com cuidado, na superficie da pelle finissima e assetinada.

N'outro tempo os rapazes fitando-a, faziam os seus juizos particulares sobre as ramificações fininhas e suaves d'aquellas veias que davam uma feição sympathica e especial á mulher de Julio. — *Era deveras apreciavel*—mordiam.

Em pequena fôra o *demonio vivo,* turbulenta, irrequieta, *vaidosa,* e muito cêdo começou a *olhar para a sombra.*

Tinha herdado alguns defeitos physicos e moraes dos paes.

A mãe fôra sempre muito fraca do peito, amorosa, d'uma sensualidade não muito digna de louvor: o pae, esse tivera uma mocidade estragada, dissoluta, e padecia por fim de escrophulismo e rheumatismo, morrendo ainda muito novo.

Adelina não se julgava sádia, andava pelo contrario muitas vezes a queixar-se de falta de saude; principalmente o *nervoso*... era uma *doença* que a *incommodava!*

Muitas occasiões ouviu do pae em conversação com os amigos, quando estes a elogiavam pela belleza, ou mesmo com a mamã á noite, na alcôva, que o motivo de ella ser assim explicava-se pela união de conjuges de differente constituição e temperamento. E depois ouvia ainda fallar em certos paineis bonitos no quarto de dormir, em *leis de hereditariedade,* de que os amigos riam muito respeitando todavia a opinião do pae que dizia ter estudado *alguma cousa de medicina.*

Ella nada percebia do que ouvia, mas escutava com o ouvido colladinho á fechadura da porta do seu quarto.

Uma vez, coitada, teria quatorze annos, *ainda se lembrava*, haviam-lhe os cirurgiões tirado um *caroço*... que dôres tão horriveis! tinha perdido os sentidos!...

Voltavam da egreja: eram 2 horas.

Adelina correu a beijar o seu *filhinho*, a fazer-lhe muitas festas.

O rosto da mulher de Julio animou-se, como se por elle tivesse passado uma luz magica.—Antes tivera vontade de chorar, desejos até de *arrepellar os cabellos,* e depois deixar a casa, o marido, o filho, a sogra, tudo, sabia lá!... Mas fôra um momento de alucinação, de desvario, de loucura, pois não era!—Agora tinha serenado o espirito, alegrou-se com a volta do filhinho, que até chegára a esquecer por momentos, pensando em *tolices!* Estava, porém, satisfeita, sentia uma alegria intima e gritava aos risinhos:—«Affonsinho, Affonsinho!»

—Tanto tempo, credo!—exclamou a sogra.

—E' verdade—dizia a ama.

—O prior é moroso—respondia o padrinho.

—Que *sarna!*—accrescentava a madrinha.

A mãe de Julio pegava no seu *netinho*.

—Que lindo!

E teve-o no cóllo por alguns momentos. A creança chorou; foi logo entregue á mãe, que em acto continuo a passou á ama.

—Tome-o, tome-o—disse Adelina—é muito mau, está insupportavel... Tem a quem sahir.

E olhou para o marido que conversava com o merceeiro encostado á janella.

Julio não deu pela vingançazinha de sua mulher.

O jantar ainda estava demorado; iriam dar um passeio ou conversariam depois de *comerem uns bólos* e *beberem um copinho de licor.*

A parteira ou antes a *comadre,* ia a despedir-se.

—Tome lá, senhora, pelo seu trabalho—disse o padrinho, dando-lhe um *quartinho.*

A mulher ficou fula e sahiu sem dizer palavra.

Ao mesmo tempo o merceeiro chamou a ama e deu-lhe egual quantia.

Conversaram, esgotando alguns calices de licor e genebra, acompanhados de bôlos e pasteis.

Eram quatro horas quando foram para a mesa jantar.

Houve no fim brindes a todas as pessoas presentes: vieram os estranhos que habitavam a mesma casa, e o merceeiro, levantando-se, gritou:

— A' saude do *leó... fito...* que diabo, não me chega a lingua! eu sabia dizer...

E voltando-se para a mulher:

— Como se diz isto, Maria?

— Ora... é assim, vá que dizes bem.

— Eu quero fazer uma saude toda *catita...* ao *recemnascido,* ao *baltisado...*

Adelina e Julio riram.

— Disse asneira, aposto — tornou o padrinho erguendo o calice á altura do nariz.

— O neófito, o neófito! o baptisado! — disseram a uma voz os dois filhos d'um vizinho que haviam sido convidados para *tomar alguma cousa.*

— Ah! é verdade — volveu o padrinho — é assim, é assim, pois bem, saúdo o *neó... filo* em companhia da ama e mais familia!

Foi uma gargalhada geral.

Adelina foi cumprimentada pelo compadre, que atrevidamente fitava n'ella os seus olhos alegres e pequeninos em que brincavam duas luzinhas.

Alguns estomagos estavam fracos, *lançaram.*

O vinho começava a fazer effeito. A madrinha estava agoniada. *Que fôra o chouriço de sangue;* ou a *linguiça.*

Era já noite. E ainda se bebia, *tasquinhava-se.*

Alguns, levantando-se, cambaleavam entontecidos, parecendo-lhes vêr passar deante dos olhos uma infinidade de luzernas bruxuleantes. Arrotava-se.

O Affonsinho dormia com as perninhas muito delgadas e arqueadas, em fórma de cruz. *Um* ia cahindo por cima do berço. Foi um milagre. A creança esteve quasi a ser victima d'aquella *brutalidade*

E a folia continuava nos seus enthusiasmos bacchicos, cantarolava-se, e Adelina conversava animadamente com o compadre, fazendo realçar as suas linhas finas e nervosas.

Havia no merceeiro uns olhares de concupiscencia, atrevidos. Julio pensava da comadre:

— É ainda frescalhona... não deixava de me fazer arranjo, e com dinheiro...

Um dos vizinhos, rapaz *marialva,* todo *afadistado,* cantou ainda os louvores do vinho, acompanhados na guitarra.

Julio *botou* poesia sentimental, inclinando-se com largos gestos para a comadre, que o ouvia n'um *derretimento* melindroso, com as narinas dilatadas, com um *crescer* e *abaixar* de seio muito sensivel, dando ás ilhargas, em grandes folegos.

Depois houve verso anacreontico botado por Adelina e acompanhado pela *banza* do vizinho.

As cordas partiam-se a miudo. Houve ditinhos picantes — *não era um quebrar natural.*

E os cerebros pesavam; as tranças das mulheres desprendiam-se dos penteados; dançou-se aos encontrões na pequena sala; os moveis cahiam com estrondo; ouviam-se as pancadas dos paus das vassouras dos vizinhos de baixo, dadas com desespero, aos gritos; n'uma turbulencia, n'uns *empecilhos,* n'uns baldões phreneticos, tontos, todos se moviam.

Ainda do primeiro andar diziam:

— O' brutos! não sabem que assiste aqui gente?... Canalha brava!...

A ama foi impellida pelo rapaz da guitarra para o fundo d'um quarto ás escuras, onde se não enxergavam as formas animaes, mas onde as respirações se tocavam e os corpos se uniam, afogueados: estupidas, brutaes, as cabeças, pendiam cedendo a força maior, ás evaporações alcoolicas, ás *distillações*..........

Havia uns contactos abrasadores, desesperados, delirantes; queimavam os apertos de mão, de seios; ás vezes uns labios tocavam n'outros no rodopio, no delirio, no voltear da dança, na alegria da festa. Só a innocencia dormia tranquillamente.

Adelina chegou a cançar encostando-se ao hombro do compadre que a fez desapparecer da scena. As luzes esmoreciam e a noite ia já alta.

Por fim a fadiga veiu quebrar o enthusiasmo da funcção, Julio não sabia da esposa, não pensava em tal. A comadre unia-se-lhe, idiota, cedendo a desejos imperiosos. Em ambos uma crescencia de maré agitada, revôlta, punha-os na idiotice.

A mulher do merceeiro ainda desmaiou: a mãe de Julio agoniada, foi-se *reclinar.* A ama depois bracejava com um *chilic,* com as mãos a abanar, como quem fazia acênos de chamamento.

O quadro vivo tinha a sua feição irrisoria, ao mesmo tempo commovente.

No dia seguinte haveria os ditinhos, os largos commentarios, os arrependimentos da loucura: então se apreciariam a face comica e a face dramatica da acção, seria vista por todos os lados, apregoada pelos vizinhos, mui bem commentada.

A's 3 horas da noite era tudo findo, os pares procuravam-se.

Adelina, pallida, desgrenhada, com grandes olheiras, o vestido amarrotado, o seio quasi descoberto, tudo em desordem, parecia ter sahido d'um sonho, d'um pesadelo...............................

. . . .

O merceeiro não era homem de affecções esthéticas, empurrou-a brutalmente.

Julio pensava em vizitar a comadre muito breve; seria assiduo, arranjaria sempre pretextos para a ver e frequentar a casa da madrinha do seu pequeno. Mas bocejava, abrindo muito a bocca, tinha somno.

Uns, ainda entontecidos, cabeceando, retiraram-se. Outros já estremunhavam.

Ouvia-se cantar os gallos, era madrugada. Alguns convivas soltavam risadinhas significativas.—*E viva o brodio!*—diziam.

Áquella hora não passava ninguem pela rua.

Adelina foi ainda á janella.

Sentia o cerebro a arder, um peso enorme augmentado pela fadiga. As pernas enfraqueciam, estava cançada. Pretendeu reunir todas as idéas.

—Que lucta, santo Deus, que lucta! foi uma loucura!—murmurou... Depois continuando:

—Eu estava doida! e que bruto, credo!... E Julio, que fazia elle?!... com a comadre... impossivel!...

—Mas a ama, a minha sogra?!... que gente, que gente!

Precisava d'ar, sentia um fogo abrazador na cabeça e ás vezes uns arripios ligeiros, momentaneos, por todo o corpo, que passavam como correntes de gelo. Tocára-se de sensibilidade, os seus olhos marejaram-se de lagrimas.—Mas o Julio!...

E meditava: pensamentos horriveis, medonhos, vinham em turbilhão mortifical-a ainda mais. Sentia desejos de chorar muito para *desabafar*. Pretendia esquecer tudo, abalar, para disfarçar a magua que sinceramente a pungia n'aquelle instante. Áquella hora não podia já espairecer.

Julio chamou-a.

—Então ainda te não vens deitar? achas cêdo?

—Vou já, meu maridinho, estava a ver romper a aurora.

Pareceu-lhe que as palavras do marido significavam uma ameaça de morte. Toda ella tremeu como um vime sacudido pelo vento. E havia de ir para a cama com *olhos de chóro?*... Desconfiaria elle? Assim era peior, não poderia dar uma desculpa.—Ah! bem sabia, *era nervoso*,—o costume, que a inquietava. Mas, se Julio a queria ao pé de *si*! Enxugou muito os olhos com o lenço e murmurou:

—Ora adeus! Pode mui bem ser um mysterio. A vida é um passatempo que deve ser sempre agradavel.

E correu a lançar-se nos braços, do marido que estando já deitado e querendo dormir, a afastou bruscamente, dizendo:

—Deixa-me que tenho somno: ainda não achas horas?

A esposa resentiu-se, mas jurou vingar-se pensando em gôsos infinitos.—Eram bem tôlas as suas apprehensões, os seus arrependimentos, as suas idéas! Remorsos!? Grande tolice! Desejos de honestidade e recato?! Ficções romanticas!

Ella tiraria a desforra da *brutidade* marital.

Lisboa—1880

REIS DAMASO.

LUZ

(DAS MEMORIAS INÉDITAS D'UM POETA)

I

Que apparição, meu Deus! Resplandecente
D'ethérea formosura e embebecida
Aos pés da santa Virgem dolorida,
Chorava no seu extase a innocente!

E eu, macerado monge penitente,
Que ao vêr tanta belleza alli rendida,
M'esqueci da oração!... Na flor da vida,
Oh! como a carne é fraca, mãe clemente!

Perdão, por vosso filho n'uma cruz,
Se de vós apartei, Virgem das dores!
Meus olhos tristes e na bella os puz.

Mas ella prometteu-me altos favores
No philtro d'um olhar!... Perdão; mas Luz
Acabava d'abrir-me um ceu de amores!

II

Todos, vendo-a passar, a indigitavam
Como ingenua e mimosa poetiza;
E das lettras gentil sacerdotiza
O gesto e a pallidez a denunciavam.

Uma noute (meu Deus, como voavam
No seu jardim as horas!), nova Heloisa,
Ella a abraçar-me diz: «Se martyrisa
Este amor?!... Ah!...» E os prantos a afogavam;

Mas oh! que infausta a minha es'rella! Um dia
Fui achal-a no Carmo: estava então
Radiante de luxo e de alegria.

Comprehendi logo tudo. Oh! maldição!
N'esse instante a vestal da Poesia
Desposava o farçola d'um barão!!

Miranda do Douro—1880.

MANUEL SARDENHA.

A EMBRIAGUEZ

CONSIDERADA POR ALGUNS ESCRIPTORES

Dizia Hume que o *fim do homem é o prazer.*

Anacreonte cantou as rosas, o amor e o vinho: Horacio e Petronio consagraram ás delicias de Baccho uma boa parte das suas odes.

Littré faz dizer a Hyppocrates:

Qu'il faut a chaque mois
S'enivrer au moyens une fois.

Alvares d'Azevedo, o malogrado poeta brazileiro, põe na bocca d'um dos convidados do festim, na sua *Noite de Taberna*, a seguinte apostrophe:—

—Ao deus Pan da natureza, áquelle a quem a antiguidade chamou Baccho, o filho d'um deus e do amor de uma mulher e a quem nós chamamos melhor pelo seu nome—*o Vinho!*

—Eia bebamos!

És o sangue do genio, o puro nectar,
Que as almas do poeta divinisa,
O condão que abre o mundo das magias!...
Vem fogoso *Cognac!* É só comtigo
Que me sinto viver...

Vinum est vita hominis; diz um antigo proverbio latino.

Pitt e Fox, os maiores oradores e os melhores bebedores da Inglaterra, bem o sabiam por que se embriagavam todos os dias.

Luthero, o austero reformista allemão, havia feito o mesmo.

Ah! é porque a vida deve passar-se a beber, a propria natureza o justifica.

Os vegetaes, para medrarem, precisam beber da terra a humidade que os vai fortificar; a abelha *bebe* das flores o precioso succo com que fabrica o mel e a cera; a chuva é o resultado d'uma bebida; a creança, quando vem ao mundo, a primeira cousa que faz é *beber;* a propria sciencia *bebe-se* nos livros. etc. etc.

Um bom bebedor dizia:

Aonde bom vinho me dão saboroso
Pegando d'estaca fiquei encantado,
Eu sou como o cravo fragrante e formoso
Que lança raizes onde é bem regado.

«Posto que o homem seja dotado de razão, diz lord Byron, preciso é que se embriague: a gloria, o vinho, o amor e o dinheiro, eis as cousas em que se fundam as esperanças de todos os homens: estas são a seiva da arvore da vida; sem ellas os seus frondosos ramos seccariam e cahiriam murchos.

Repito—bebei até á embriaguez e se acordardes com dores de cabeça arranjae-vos então conforme poderdes.»

Á glorificação da embriaguez, feita pelo celebre auctor do *Child Harold* e do *D. Juan*, não faltaram imitadores.

Era no *punch,* no groz e no vinho, que Henrique Heine, buscou remedio e consolo á melancholia profunda que o dominava ao ver a incurabilidade dos seus soffrimentos; agonias de oito annos, que lhe torturavam a vida.

Theophilo Gautier, exalta o epicurismo da seguinte forma:

Renunciaria gostoso, diz elle, aos meus direitos de cidadão e de francez, para ter um quadro authentico de Raphael. Consentiria de bom grado no regresso de esse antropophago de Carlos X, se me trouxessem do seu palacio da Bohemia uma porção de garrafas de Tokay ou Johannisberg. Creio que o unico objecto da vida, a unica cousa util n'este mundo é o prazer. Deus assim o quiz; Deus que fez as mulheres, os perfumes, a luz, as flores formosas e os bons vinhos.

Hoffmann, disse que os poetas precisavam de vinho e que os gregos perderam o seu bello espirito, tão gabado entre os povos, desde que os turcos lhes destruiram as vinhas.

Mathias Claudius, fazendo a *Marselhesa* dos bebedores, o seu celebre canto bacchico *O Vinho do Rheno,* que se canta em todas as festas populares da Allemanha, conquistou maiores tropheus do que nunca mais poderão obter os Bismarks, os Moltkes e os Edisons, com a sua diplomacia, e as suas armas, e os seus inventos.

Um bebado alegre é uma creatura feliz, disse o harmonioso Chateaubriand; e o faceto Brillat Savarin, na sua famosa *Physiologia do Gosto,* a que Montaigne muito antes havia chamado: *Arte da Guella*, falla em que no reinado de Luiz XIV, quasi todos os homens de lettras se emborrachavam.

Quanto a nós, parece-nos que isso tem acontecido em todos os tempos e em todos os reinados. No tempo da Regencia o desenfreamento foi tamanho, que não poucas vezes occasionou serias consequencias.

Murger e Gerard de Nerval, os dois creadores d'aquillo a que os francezes chamam *Vida de Bohemio*, foram victimas do desregramento da sua libertinagem.

Conta o dr. Taguet que, quando era estudante, foi uma noite conduzido ao hospital de caridade, onde cu-

tão estudava, um individuo em estado de extraordinaria exaltação, e que havia sido encontrado deitado no Palais-Royal, sem mais roupa do que umas calças. Esse homem era Gerard Nerval, cuja tragica morte alguns mezes depois, horrorisava Paris.

O poeta aristocratico e distincto, cuja musa brilhante e cavalheiresca foi uma revolução para a juventude de 1830, Alfredo de Musset, tambem se entregava ao epicurismo, mas sabia fugir dos furores das orgias ainda a tempo, e evitar as perigosas exaltações do alcoolismo.

Nos terriveis dias da Communa viu-se o resultado d'esta glorificação da materia: monstruosos espectaculos se deram, repugnantes saturnaes, horrorosas orgias de sangue e de alcool!...

E pensar, accrescenta Mr. Taguet, a quem nos reportamos,—que para aquelles desgraçados isto era o principio da edade de ouro!

Se a victoria tivesse ficado nas mãos d'aquelles devassos, o civico auctor do *Père Duchesne*, promettia-lhes vinho e *punch*, para o resto dos seus dias.

Assim aconteceu a Billaud Varennes e a Collot de Herbois, pela primeira revolução franceza, no seu exilio de Cayenna. Foi em tempos não menos ominosos, da epocha do Terror ou de Robespierre.

D'Herbois, o furibundo republicano, exhalava os derradeiros suspiros entre o fogo do delirio e da febre, depois de ter exgotado d'um só trago uma botelha d'agua ardente!

E depois d'isto digam-nos qual das duas theses, que foram debatidas na Eschola de Paris, entre Langlois e Hamet, é a mais acceitavel;

Non ergo unquam ebrietas salutaris.

Non ergo singulis meusibus repetita ebrietas salubris.

Os vicios teem sido em todos os tempos divinisados, consequencias certas e naturaes da fallibilidade do homem e da extravagancia do espirito humano.

Lisboa—79.

SILVA PEREIRA.

FATALIDADE

(IMPROVISO)

Para que insana lucta e miseras fadigas...
Para que inferno e dôr, martyrio, pranto e cruz...
Se á violencia fatal das Parcas inimigas
Cede a vida, por fim, a escaça e vaga luz?!

Porto 2 de Março de 1880

OSCAR TIDAUD.

ALEXIS E DÓRA

Á cerca d'este pathetico grupo, tão cheio d'amor puro, divino, que parece ter desenhadas as linhas de Theocrito, antes de Goethe o ter aviventado com as poeticas canções de seu terno coração, nada poderemos dizer que attinja á sublimidade de tanta poesia, nada nos suggere que vá nivelar-se-lhe.

Deixemos pois fallar o poeta.

É o maior elogio que lhe podêmos consagrar e a melhor explicação que poderiamos dar do quadro que hoje apresentamos.

Escutemos, pois, a parte da historia, que diz respeito á gravura, pela propria bocca de Alexis, personagem que n'ella figura.

— Dora era minha vizinha.

Eu tinha de partir para o estrangeiro em busca de fortuna. O navio, que havia de separar-me do lar domestico, já içava a vella, que se enfonava anciosa por luctar com os ventos. Um rapáz da tripulação correu a minha casa a prevenir-me da partida: Então, meu pae, correndo-me afavelmente a mão pelos cabellos, me abençoou e minha boa mãe confiava-me com precaução uma mala cuidadosamente preparada. Depois, como que despertos pelo mesmo sentimento, ambos, abraçando-me, exclamaram: «Volta, volta feliz... feliz e rico.» E sahi... sahi de casa como atordido, e com a mala debaixo do braço.

Ao passar juncto do portão do jardim de Dora, vi-a. Ella disse-me, com um sorriso angelico: «Aquelles homens, que tanto barulho fazem lá em baixo ao pé do rio, são os teus companheiros de viagem?» São; lhe respondi. «Vais visitar novos mundos; comprar preciosas joias; adereços das ricas matronas das grandes cidades. Traze-me um pequeno collar, sim? eu t'o pagarei com o meu reconhecimento... tenho-o tantas vezes desejado...» E eu, sem saber de mim, sem me comprehender, interrogava-a, como se fosse um commerciante, sobre a forma e pezo da encommenda!—Tu fixas um preço bem modesto!—lhe dizia eu, e no entanto via-lhe o collo, que era digno dos diamantes d'uma rainha.

Gritos mais violentos sahiram do navio: e Dora disse-me ingenuamente: «Leva algumas fructas do meu pomár — laranjas das mais maduras, figos brancos — olha que o mar não dá fructos».—Entramos, e Dora colhe apressadamente varios fructos, deitando-os na saia; e por mais que eu lhe dissesse — agora é bastante, obrigado, mais não — ella teimava: «mais esta, que está tão madura; ainda este, levemente tocado.»

DO QUADRO DE KAULBACH E GRAVURA DE SCHAEFFER

ALEXIS E DÓRA

Depois seguiu para debaixo d'uma ramada; havia alli um cesto, e n'elle começou, em silencio, a arranjar artisticamente os fructos, collocando primeiro as laranjas, tão perfeitas como pomos d'ouro; depois os figos e afinal o myrtho, para decorar e cobrir o presente. Eu, nada dizia! como uma estatua de pé, me conservava estatico. De repente seus olhos encontraram-se com os meus, e o véo, que me assombrava, dissipou-se de subito. Lancei-me em seus braços... não me repudiou!... senti-lhe palpitar o seio, e cobri-lhe de beijos seu collo alabastrino.

A sua formosa cabeça recostou-se-me no hombro e seus assetinados e tenros braços ataram para sempre a cadeia da nossa união!

Sentimos as mãos do Amor apertar-nos... unir-nos com força... quando um trovão estalou tres vezes no Ether!... Estremecemos... e choramos... e, n'este sentir de dilirio e dôr, pareceu-nos acabar-se o mundo.

Redobraram os gritos no rio: então, como que voltasse a mim d'um lethargo, disse:— Dóra, serás tu só minha? «Para sempre» me respondeu: e as lagrimas se me seccaram como que um sôpro divino m'as bafejasse.

— Alexis! — alguem bradou de perto: era ainda o mesmo rapaz do navio que me tornava a chamar, avisando-me de que já ia levantar ancora. Como eu o ouvia!.. como recebi o cestinho!... como apertei ainda uma vez a mão tremula de Dóra!... E como cheguei ao navio! parecia embriagado! os meus companheiros assim o julgaram...

Já a Villa se ia deslisando na nebelina da distancia, e eu repetia ainda:

—Para sempre!—Jámais deixará de repercutir esta phrase em meus ouvidos, como o trovão de Deus! Sim... murmurava eu, perto do throno, n'esse momento, estava sua filha, a Deusa do amor, cercada das suas Graças. Oh! a nossa união foi confirmada pelos deuses. Apressa, pois, a carreira, navio!... que todos os ventos te sejam favoraveis! Avança poderosa quilha... corta as ondas escumantes... leva-me a porto estranho, onde um ourives, sem detensa, me fabrique um collar... oh! sim, Dóra, eu t'o juro: o collar que te trouxer será uma cadeia tão fina e flexivel que se ha-de enrolar nove vezes no teu collo de marfim!

E já não via senão mar e céo.

OSCAR TIDAUD.

N'UM ALBUM

(POESIA INEDITA)

É este livro a imagem
D'outro livro, o coração?
Mysterios d'alma quem póde
Revelar n'uma canção?

Na pobre lingua dos homens
Não se espelha o sentimento;
No papel a vida é morta,
Falta o sangue, o fogo, o alento.

Não gravarei, pois, n'este album
Vãos protestos de amizade;
É impio réu quem descobre
Segredos da Divindade.

Deixae-me occulta no peito
Lavrar a chamma vehemente:
A palavra é de quem finge,
O silencio é de quem sente.

Coimbra.

CUSTODIO JOSÉ VIEIRA.

A BURGUEZINHA

Ao Ill.mo e Ex.mo Snr. Visconde de Valmor, Par do Reino e Ministro Plenipotenciario de S. M. F. em Vienna d'Austria.

O relogio do patamar batera onze horas.

Na sua cama franceza, muito confortavel, Laura, com lentos movimentos de preguiça, recahira n'uma somnolencia dôce; pouco depois passara pelas palpebras a palma da mãozinha aristocratica, fizera um tenue bocejo, e acordára de vez. Uma claridade frouxa com tons dos primeiros alvores da madrugada entrava pela fresta das portas mal cerradas da janella.—Que horas seriam?—pensava. Parecia-lhe cedo. Mas o ruido de loiça na sala de jantar convencera-a de que eram horas d'almoço. Começou a vestir-se.

Tinha vinte annos. O rosto emmoldurado em fartas tranças d'um castanho claro era de expressão sympathica, gentil; trigueirinha, mas d'um trigueiro quente e macio, nos seus olhos côr da noite, bem salientes, luziam scintillações de pedras preciosas; e a peque-

nina bocca, rosada e fresca, quando desprendia um leve sorriso vermelho, tinha a vaga similhança d'um botão que começa a mostrar as petalas. De estatura regular, o seu contorno flexivel, vaporoso, era feito de linhas d'uma harmonia delicada, encantadora.

Regressára do collegio, havia quasi cinco annos. Trouxera uma educação brilhante, porque fôra sempre muito applicada, graças ao desejo ardente de sobresahir entre as suas condiscipulas, que, na maior parte, lhe chamavam *a infatuada*. Com effeito exhibia um ar soberbo, era sobria de palavras, mostrava-se sempre aborrecida para com as suas companheiras que não fossem ricas ou illustres, e só para estas é que tinha intimidades, risinhos e caricias, postoque soubesse que não vinha de procedencia aristocratica e que, se gosava as melhores commodidades do collegio, tal era a consequencia da bondade do tio do Brazil, que, ao saber da sua orphandade, se promptificara a enviar uma excellente mesada á mamã. Laura procedia assim por orgulho, mas muito mais por calculo.

Pensava:

—Que eram as relações com *gente fina* que lhe dariam no futuro um certo realce distincto! Tratar por *tu* as filhas da viscondessa das Amoras, as da baroneza dos Salgueiraes e as do grande capitalista Ramires! Que *chic!* E, sobretudo, que importancia para ella!

Um domingo, na missa dos Congregados, os olhos castanhos, muito vivos, d'um rapaz louro, de porte correcto, elegantemente vestido, poisaram-se no rosto de Laura com uma dilatação de ternura, penetrante e sincera.

Ella, simulando lêr as suas orações no livro de madreperola com fechos de prata, ia-o observando com essa disfarçada curiosidade feminil. Não desgostava da sua figura esbelta d'elle, da sua ampla testa polida, onde destacavam espessas sobrancelhas; achava-lhe mesmo na physionomia rosada o quer que fosse de um temperamento docil, affectuoso. Mas, pensava que era preciso verificar *se elle lhe convinha*; que nada de precipitações. E só a espaços, quando fechava o livro, é que lhe dirigia o olhar, um tanto frio e investigador.

Elle seguiu-a até casa. Ia torcendo os seus curtos bigodes macios, appetecendo a posse d'aquella bella creatura.

—Francamente, gostava d'ella!

Laura procedera desde logo a informações ácerca do meio social de Carlos, e o resultado logrou satisfazel-a. Podera não! Um medico em perspectiva!... Tornara-se-lhe, pois, completamente accessivel, e o namôro começara cheio de vida e de enthusiasmo. Elle *convinha-lhe!...*

Acabou de envergar o roupão de fazenda escura e foi abrir as janellas. Teve um olhar de espanto e ficou ensombrada de melancolia.—Como era infeliz! pensava: um dia assim! Combinára encontrar-se com o *seu doutor* na loja de modas do Barateiro, ás duas horas, e afinal... E logo n'esta occasião em que elle estava a ir para férias! Por si, que sahia; mas a mamã, toda commodista, e com os soffrimentos que lhe trazem os dias de trovoada!... Era inutil fallar-lhe n'isso. Que pena!—E, tomada d'uma profunda abstracção, olhava para a linha do horisonte, batendo as palpebras, vagamente absorta.

N'aquella manhã o divino astro d'ouro escondera-se por entre nuvens d'um pardo-escuro, pesadas de electricidade; o ar que se aspirava era quente, abafadiço. A cidade envolvia-se em uma larga tristeza luctuosa; e a luz baça, fortemente toldada, dava-lhe mesmo um aspecto como que de terror. Sentia-se o mal estar d'um aborrecimento accentuado. Pelas ruas o desfilar rapido dos trens, acompanhado do silvo agudo e pausado dos *americanos*, punha no ar irrespiravel uma vibração que ao de longe semelhava o desabamento subito d'um edificio, em que a espaços gemem os lamentos dolorosos, enternecidos, das victimas que colhe. Como que desnorteados, bandos de pombas côr de leite, de olhar irrequieto e meigo, vinham cortando o ar em espiral, e ora poisavam nos beiraes dos telhados salpicados de pintas d'um amelado esbatido, ora voavam ás cornijas musgosas e ennegrecidas dos templos. Começava de cahir uma chuva miudinha que pouco e pouco ia humedecendo o *macadam*, levantando uma poeira imperceptivel, d'um cheiro desagradavel e incaracteristico.

Ouvira tres pancadinhas na porta. Era a creada. Alta, magra, d'uma pallidez doente, tinha os olhos grandes, d'um brilho amortecido. Trajava um vestido de merino preto, bastante coçado, e pendia-lhe da cintura desengraçada, preso por estreitas fitas de nastro, um avental branco, franjado de renda barata. O seu aspecto era triste e banal.

—Quando a menina quizesse vir almoçar... A mamã ficava esperando.

—Que ia já.

Foi ao toucador, ageitou o cabello ao espelho, olhou em roda. O quarto era mobilado com elegancia e bom gosto. No vão das duas janellas fronteiras á rua, o rico toucador de mogno, muito trabalhado de ornatos, cujo espelho de crystal olhava para o leito, coberto por cortinados de fina cambraia branca com ramagens em tenuissimo relevo. A um lado das paredes, forradas de papel cinzento com listas escarlates que cahiam perpendiculares, o lavatorio de pau preto encimado por um pequeno espelho oval, ladeado de cadeiras de estofo d'um verde garrafa. Do outro, o sophá

em meio de duas *voltaires*; e em cada angulo, vasos de begonias com tons de zinco, d'uma vegetação saudavel, poisavam em pequenas mesas circulares de marmore branco com veias cinzentas, de pé direito. Molduras douradas presas por cordões vermelhos pendiam das paredes. Eram quadros de costumes da vida campestre, d'uma verdade adoravel.

Laura desceu á sala de jantar, uma salinha estreita, bonita, muito alegre em dias de sol, que dava para risonho jardim, fechado por muros caiados, de facil accesso. Cumprimentou respeitosamente a sua mamã, beijou-a com ternura, e sentou-se á mesa, disposta para o almoço.

A mãe de Laura, a senhora D. Rita, de estatura mediana, contava proximamente cincoenta annos, tinha algumas rugas no rosto pallido, de revelação bondosa, bastantes cabellos brancos, uma pontinha de genio, e alguma enxaqueca de longe em longe. Sentira do coração a perda do esposo, um negociante immaculado, que, como ella dizia no auge da satisfação, toda a gente estimava. Lembrava-o muitas vezes, sempre com uma larga saudade, e não raro os seus olhos pequeninos, um tanto encovados, accusavam uma nevoa humida de lagrimas. Protestara jámais aliviar o luto a rigor que se impozera, e experimentava um como prazer em não haver discrepado do seu proposito.

A creada começou a servir o almoço. D. Rita queixou-se do seu estado de saude; que se encontrava fraca dos nervos, a cabeça pesada, muito doente.

—Para adivinhar trovoadas, infelizmente, ninguem como eu, filha—disse n'um tom dolente, arrastado. Calculei logo como devia encontrar o dia. E a sua Laura, a luz dos seus olhos, como se sentia com um tempo assim, triste e tão turvo?

—Que muito aborrecida e com um *ferrinho* por não poder ir ao lojista ver os chapeus de palha de Italia. Desejava escolher o mais gracioso d'entre os que elle recebera de Paris, mas—com uma inflexão affavel, como que conformando-se—a mamã não podia sahir, estava doente...

—Oh menina! Hoje?! E olhava-a com espanto. Pelo amor de Deus! Estivera mesmo para se deixar na cama...

Mas a campainha da grade fizera-se ouvir com esta palavra: *correio*.

—Vá abrir, Francisca, vá, se o creado sahiu—disse Laura. E logo depois:

—Não lhe parece, mamã, que esta creatura anda ha uns dias com um ar tão desconsolado?

—Que dissesse o pòrquê andava triste. Que ella não adivinhava.

Mas a creada entrara na sala, dizendo:

—Uma carta para Vossa Excellencia—entregando-a a D. Rita—e um jornal para a menina—poisando-o junto de Laura—. E retirou-se, levando da mesa a loiça já servida.

—Lê, filha, lê. Já vejo pelo sobrescripto que é de teu tio.

E Laura, com um regosijo que lhe animava o rosto:—Ah! É do tio! Vejamos.

E lêra:

Mana:

Rio de Janeiro, 15 d'agosto de 1878.

«Accuso a recepção do teu estimado favor, em que me enviaste o retrato de Laura, o qual muito apreciei.

Minha sobrinha está realmente formosa. Um vestido de velludo lhe deve ficar como ouro sobre azul.

Alem, pois, da quantia que te costumo remetter mensalmente, envio quarenta libras, cuja applicação deixo acima indicada.

O paquete está a partir, não posso ser mais extenso. Saudades a Laura e tu recebe um apertado abraço do teu

irmão, muito amigo,
Dionizio dos Santos Veiga.»

Laura ficára em extase. E logo:

—Um vestido de velludo! Que *chic* ia ficar! Nunca o possuira! Havia de ser feito pela modista de Sua Magestade... a mamã bem sabia, a Cecilia Fernandes. Ficaria lindissimo, esplendido! Oh! Como era seu amigo o tio Dionizio!

—Devemos-lhe tudo, filha!—disse enternecida a velha senhora.—Devemos-lhe mesmo tudo!

Levantaram-se da mesa. Laura ia fazer a sua *toilette* e D. Rita—encostar-se, que estava sem forças.

A chuva começava a bater agora com furia nas vidraças, impellida pelas rajadas d'um vento desabrido que chegava. No jardim os arbustos dobravam-se, e a espaços viam-se, por entre os canteiros, petalas de rosas desfolhadas.

—Traga-me o jornal que ficou sobre a mesa, disse Laura, da porta do seu quarto, para a creada.

E foi sentar-se, muito estendida, n'um angulo do sophá, a si-mesmo mostrando a exiguidade d'um pézinho bonito, tão seductor, para fazer perder os sentidos ao poeta Luiz de Campos. Poz-se a pensar no *chic*, que lhe daria o vestido de velludo, descrevendo-lhe o annel da cintura, amostrando-lhe o collo setinoso, artisticamente arredondado, bello, cheio de attracção. E previa que a vizinhança deixaria cahir sobre ella demorados olhares de inveja, quando a visse acompanhada da sua mamã descer o *trottoir*, arrastando a longa cauda roçagante d'esse vestido, que lhe daria um tom de fidalga, de senhora do *grand monde!* Mas, que lhe importava a ella? Sentiria até muito prazer com isso. Não desejava

ella destacar-se no mais elevado plano que lhe fosse accessivel? Por sem duvida! Era extremamente ambiciosa! Quantas vezes—ao lêr o *high-life* do *Diario Illustrado*, appetecera transpôr os porticos elegantes dos palacios de Lisboa, subir aos salões sumptuosos, e deslumbrar-se alli, sob aquelle sol phantastico, que irrompe de candelabros de crystal e põe scintillações candentes nas faces dos convivas, depois do delirio da valsa!...

Mas a creada entrara com o jornal.

E Laura, n'um tom familiar:

—Você que tem, mulher, que não deixa essa tristeza, ha uns poucos de dias? Falle, não seja tola.

—Que era genio... Não tinha nada.

—Então, bem.—E um pouco zangada:

—Que se podia retirar.

Mas a Francisca acudiu logo, chocada:

—Que havia de ser, menina, coisa boa por certo que não. A creada do Desembargador influira-a para jogar na loteria de Hispanha, e ella seguira-lhe o conselho, mas perdera tudo... uns dois mil e tanto!

Laura perdia-se agora de riso, mostrando os dentes miudinhos, esmaltados.

Mas disse logo:

—Que se não affligisse. Se a sua alegria custava tão pouco...

E levantando-se, abriu uma gaveta do toucador, onde estava um pequenino cofre, tirou d'elle uma moedazinha d'ouro e deu-lh'a.

—Que Deus lh'o pagasse.

—Agora que cahisse n'outra... não tivesse juizo...

E, logo que a creada sahiu, despiu o roupão e ficou em saia branca, vendo-se-lhe o seio espartilhado e a rendinha da camisa de fina bretanha. Começou a pentear-se. E relembrando-se da valiosa dadiva do tio, sentia-se muito reconhecida, grata, penhorada.—Que generoso coração!, pensava. Oh! Nunca esqueceria os seus beneficios! Fôra elle que a educara, era elle quem custeava o seu viver agradavel, commodo, fôfo.

E na sua alma tranquilla ia-se entornando subtilmente um como fluido doce, embriagante de ventura! Mas uma idéa negra assaltou-lhe o cerebro e viu n'um momento desenhar-se ante si a imagem assustadora, espectral, da desgraça! Pensara na possibilidade de successos infelizes: na falta repentina do tio ou n'um desastre commercial que o tornasse pobre. E, immovel, sobresaltada, o olhar errante, reflectia:—Que havia de ser d'ella, que gosava uma vida isenta de cuidados e repleta das largas alegrias da abundancia e do aceio, tendo apenas por trabalho poisar os seus dedos transparentes no teclado do piano Herz, lêr Camillo e Dumas, e executar de vez em quando, para se não esquecer, o seu pequeno *crochet*?!

—Como era doloroso pensar n'isso, santo Deus! Mas a subita recordação de Carlos arrancou-a áquelle scismar amargurado, e a sua fronte ergueu-se airosa, como que banhada por uma onda de felicidade. Não a amava elle em extremo, com delirio? Desconhecia porventura o haver Carlos regeitado a mão d'uma menina rica, primorosamente educada, que tão appetecida fôra até por muitos dos rapazes da aristocracia? E não via n'aquelle espirito, apaixonado com ardor desde o primeiro instante que a olhara, havia dois annos, nos Congregados, o seu proximo esposo, *o seu doutor*, com numerosos clientes, muito conhecido na cidade, elogiado em communicados nos jornaes serios, muito feliz, e ella então, installada na sua casa, rodeada de considerações e de respeitos, recebendo as visitas do costume por entre uma chuva de excellencias permutadas, respirando emfim um amplo bem estar conchegado, delicioso, paradisiaco?! Ora! Que para longe pensamentos lugubres!—E compunha as pregas do vestido d'alpaca clara, guarnecido de azul, porque, pensando, aos poucos, terminara a sua *toilette*. Foi applicar *velloutine* ás faces, que tomaram tons de jaspe. Olhou-se ao espelho exhibindo um ar gracioso, ridente, como que namorando-se de si. Sabia-se bonita, encantadora.—Com uma fortuna, pensava, não conquistaria um medico; inflamara d'amor o coração d'um conde! Não ser rica! E acariciava o penteado caprichoso.

A chuva continuava torrencial, estalando seccamente na calçada; o vento debatia-se no espaço com impetos colericos e uivava como um velho cão que se lamenta; troncos d'arvores partiam-se; grossos enxurros barrentos corriam pelas valletas, levantando um rumor dormente. Um dia de spleen para as classes favorecidas; verdadeiramente infernal e de lagrimas para a pobreza.

Laura chegou-se á janella. Veiu-lhe logo um grande aborrecimento. Faltava-lhe o seu prazer predilecto; não podia debruçar-se no peitoril esperando que Carlos a viesse vêr da loja da estanqueira em frente. Nem elle poderia sahir tambem! Um temporal assim! E ella que havia de fazer? Como matar o tempo? Tocar? Ora! Que sécca?! Ler? O ultimo livro que lhe tinham emprestado, já o havia lido, os *Doze Casamentos Felizes*, que tanto gabara a Leopoldina do Desembargador. Ah! Tinha alli o jornal. E puxando uma *voltaire* para junto da janella, sentou-se e começou a lêr a *Moda Illustrada*.

O dia seguinte surgira bello e radioso; um sol esplendido descia dos plainos do azul profundo, enchendo a cidade d'uma claridade ampla, intensamente luminosa, que punha em cada rosto a expressão viva d'um largo jubilo.

Ás cinco horas da tarde Carlos entrou na loja da estanqueira. Modelava-o uma sobrecasaca preta, cujo destaque ao contraste da côr das calças, cinzentas, de uma cazimira leve, era de effeito agradavel e elegante. Forneceu-se de charutos, accendeu um, e veiu encostar-se ao humbral da porta, a perna direita crusada sobre a outra, dirigindo a Laura olhares muito dilatados, feitos d'amor.

Ella, um pouco curvada sobre o peitoril da janella, o collo apoiado nos braços quasi arcados, envolvia-o em sorrisos acariciadores, muito terna, enlevada.

Carlos sentia-se feliz, muito feliz!—Como ella estava bonita com aquelle vestidinho fresco, tão despretencioso! pensava. Que belleza! E não poder desde logo cobril-a de beijos, abraçal-a nos estos da effusão, chamar-lhe a sua Laura, a sua pomba, a sua alegria!... Ter de esperar ainda um anno! Oh! Mas esse tempo voaria rapido como uma ave perseguida!

Entretanto, o dono da taberna contigua á casa de Laura impellia bruscamente para a rua um cidadão de Tuy que excedera o maximo limite da embriaguez permittida ao que paga.

Mas o triste subdito de S. Magestade Catholica espojara-se no *macadam*, birrando com o chapeo, muito velho e sebento, que, ora, amarfanhava com impetos de raiva, indignado, arreganhando a bocca e franzindo o rosto, ora, sereno, collocava na cabeça com uma fleugma digna do conselheiro Accacio.

O rapasio viera cercal-o, atormentando-o com uma gritaria infernal. O desgraçado empregava esforços desesperados para se levantar, mas não o conseguia; arremettia então furiosamente com os braços, pondo em evidencia o desejo de se vingar da turba-multa de gaiatos que o exasperava. Gente que passava agrupava-se e ria com um grande ar lorpa do pobre ebrio. O Fagundes da mercearia proxima, o thesoureiro de diversas irmandades, apostrophava da porta do seu estabelecimento contra a costumada ausencia da policia e contra os modernos costumes do paiz, invocando como causa d'estes a falta de religião e da forca. Estava sentado n'um extremo do banco de pinho, a cabeça descoberta deixando ver a calva d'uns tons rosados, estendidas as pernas ao longo da soleira, todo espipado, a farta proeminencia do ventre envolta pelo casaco de linho cru, cheio de rugas, d'uma limpeza duvidosa.

Carlos, aproveitando-se logo do incidente, poude, furtando-se com arte ás vistas curiosas da vizinhança, dirigir-se ao passeio opposto, a fallar a Laura.

—Não sabes?—disse com sentimento—Parto amanhã, ao meio dia, para Mezão-frio! Meu pae, n'um telegramma que me enviou, quasi me censura pela demora que me hei permittido no Porto desde o principio das ferias. Diz-me que hoje é o dia 4 de setembro e põe um ponto de admiração. A que horas podes apparecer para a nossa despedida?

—Que só á meia noite, por causa da mamã.

—Bem. Que até á meia noite!

E seguiu rua acima, olhando de vez em quando para traz, em quanto poude enxergar o vulto da sua amada.

Mas ás onze horas e meia, se tanto, Carlos, embuçado na sua capa hespanhola, já esperava Laura, anciosameute. A grande belleza da noite attrahia a vista á amplidão do espaço. Sentia-se um como desejo de voar pela vastidão fóra ao seio d'aquelles mundos ignotos, tecidos de sol, aonde a treva não logra ter accesso. O infinito azul, picado de estrellas, era como um immenso lago sereno e tornando-se de sorrisos luminosos. A lua, que ás horas saudosas do crepusculo, já havia espreitado a terra, mostrava-se agora animada da sua alegria benefica, e ia desdobrando por sobre a cidade as suas fartas roupagens macias, côr de prata. O ar adormecera. Havia um silencio completo, acordado a intervallos pelos passos pesados e vagarosos de dois municipaes, d'aspecto sinistro, envoltos nos seus retesados capotes d'oleado. E a meia noite batera, compassadamente, no relogio d'uma torre proxima.

Laura ergueu de vagarinho a vidraça; e n'uma voz terna, perguntou a Carlos:

—Então, sempre vais amanhã, filho?

—Impreterivelmente!—respondeu Carlos com sentimento. Sabes que, por emquanto, estou dependente de minha familia. Tenho de partir.

E Laura, muito meiga:

—Mas vens breve, não é verdade? Se conheces como te adoro, não podes ignorar que fico abandonada a uma saudade infinita, e isenta das alegrias doidas que a tua presença me desperta. Volta cedo, meu adorado Carlos! Tem pena de mim!

—Oh! tu não imaginas, Laura, a funda desconsolação que me vai n'alma. Separar-me de ti, que és o meu culto, tanto vale o deixar as radiações da luz e embrenhar-me n'uma selva de trevas! Vou forçado, vou pelos cabellos! Um mez de martyrio, de desventuras! E no entanto, quando regresso ao seio de meus paes, é isso para elles um verdadeiro acontecimento jubiloso! Nos abraços, com que me estreitam n'uma effusão sincera d'amor, vibram-se as fortes alegrias d'um amplo enthusiasmo, authenticadas pelas lagrimas sentidas que lhes vejo deslisar por sobre as faces saudosas!... Mas que me importam todas as caricias, todos os affectos que elles me prodigalisam, se a minha alma, ferida pelo desconforto, procurará sómente fixar-se na tua imagem bella, de ti, a minha maior aspiração, a unica esperança que me acalenta em meio dos infortunios, a

minha vida emfim! Nada, absolutamente nada! Suspirarei, impaciente, pela hora feliz em que deixe aquellas paragens campestres, que só me podiam encher dos deliciosos arroubos da poesia, se me fosse licito comtemplal-as da janella do mirante, junto de ti, ao sol posto, quando os passaros véem procurar o ninho, ferindo o ar com a musica rendilhada das suas canções alegres... É assim como te idolatro! Promette, pois, escrever-me pontualmente; que as tuas lettras serão um dôce linitivo ao meu soffrer de exilado!

—Escrever pontualmente! acudiu Laura. Fosse possivel enviar-te o coração! Eu tambem te amo com enthusiasmo! Vivo por ti e só para ti! Julgas que a tua ausencia deixará de ser por mim pranteada com as mais sinceras lagrimas? Que não beijarei muitas vezes o teu retrato, soffregamente, devorando-o de olhares em febre? Pois hei-de soffrer muito, muito! E quando eu aos domingos, nos Congregados, reparar para o sitio d'onde tu me apparecias?! Que immensa tristeza, meu amigo! Mas um anno passa depressa; e d'estas reciprocas contrariedades com que luctamos, nós, que vivemos sob o influxo d'um grande amor, havemos de triumphar gloriosos, estreitando a suprema felicidade que nos abrirá os braços, e voando nas suas azas pandas ao seio d'um prazer indizivel! Oh minhas doiradas esperanças! Como vos adoro tanto!

A distancia, uma voz magoada deixava cahir no silencio a canção celebre de Francisco I:

La donna é mobile...

Mas Carlos, arroubado, não a ouviu sequer.

—Como as tuas palavras me fazem bem, minha Laura!, disse. É certo; em breve seremos felizes!

Mas subitamente levantou-se uma aragem rispida que ergueu no ar ondas de pó. Os namorados trocaram o *adeus* de despedida.

Já então uma nuvem esbranquiçada roçava lentamente o rosto da lua.

Laura descera a vidraça com muito cuidado para não fazer ruido e dirigira-se ao seu quarto, pé ante pé, com certo medo aos ouvidos da mamã, que felizmente dormia o somno descançado de quem vive em meio d'uma paz consoladora. Deitara-se; o seu espirito tranquillo sentia-se banhado d'aquelle prazer ineffavel que se experimenta e sóbe do coração ao rosto, quando praticamos uma virtude. Ficára voltada para o lado da rua, a pequenina cabeça poisada sobre a travesseira franjada de renda, olhando em frente para o toucador, d'onde o elegante candieiro de metal lavrado despedia através do globo *Carcel* uma claridade morna que punha no recinto silencioso tons d'uma tristeza suave. Poz-se a recordar as palavras sinceras de Carlos e a enorme saudade que se appossara d'elle.—Decididamente possuia-lhe o coração!, pensava. E ella amava-o assim com enthusiasmo e desinteresse?!

Francamente, não! Mas sympathisava bastante com elle, e o amor, que ora é a catadupa das lagrimas, ora a fonte abundante dos beijos de ventura, viria *depois*. Quem sabe? talvez até houvesse de ser uma viborazinha de ciume!...

E cerrando as palpebras entregara-se ao somno.

Durante quinze dias, Laura fora sempre muito sollicita em responder ás cartas tão amiudadas quanto apaixonadas de Carlos; mas depois deixou de lhe escrever. Ao principio elle attribuiu a falta das lettras da sua amada a qualquer incommodo ligeiro que a acommettesse; porém, como essa falta continuasse, começou de se preoccupar vivamente e uma grande exasperação, de o mortificar. Mas nunca perdera a plena confiança do amor que Laura tantas vezes lhe jurara.

—Oh! Era uma verdadeira loucura presumir sequer que fosse trahido!, pensava. Com certeza ella estava doente! mas muito doente! Não podia ser outra a causa do seu silencio! E elle alli, em Mesão-frio, sem poder partir immediatamente para o Porto, a informar-se da importancia da enfermidade!...

E, no auge da sua dor, cobria o rosto com as mãos, sentindo uma immensa vontade de chorar.

No dia 5 de outubro seguinte, pelas onze horas da manhã, Carlos apeou-se d'um trem na praça de D. Pedro e dirigiu-se logo para a rua onde morava Laura, n'um passo rapido, apressado, como quem vê a difficuldade de transpôr uma distancia dentro de espaço de tempo fatal. O dia estava claro e alegre. Um sol glorioso beijava a cidade, alvoraçada no seu largo movimento de trabalho. Carros crusavam-se. Bandos de camponezas, d'uma carnação vigorosa, passavam, d'açafate á cabeça, que seguravam com uma mão, arcando a outra sobre a cintura cheia de saracoteados movimentos. Aqui e alli, negociantes conversavam, ácerca de cotação de titulos. Dandys, encostados ociosamente á porta da casa Moré, tinham ditos apparentemente amaveis para as costureiras galantes e tocavam-lhes com a *badine*. Ellas baixavam os olhos ao chão no proposito de affirmarem a sua virtude, que ninguem ousará contestar. Nos estabelecimentos de modas, senhoras elegantes escolhiam os tecidos modernos da estação proxima, por entre uma chuva de sorrisos e de assucaradas amabilidades dos caixeiros catitas, penteados á *petit-crèvé*, que emittiam a sua opinião, sempre favoravel, a respeito da belleza das fazendas depois dos cuidados da modista. No arvoredo da praça passaros saltitavam contentes. De vez em quando a voz d'um garoto apregoava o *Primeiro de Janeiro*, promettendo setecentas mortes na Hollanda! jurando que hoje é que valia a pena!

E junto da tabacaria Xabregas, em pé sobre uma mesa de pinho, um charlatão fazia com largos gestos e em alta voz o elogio d'um especifico destinado a combater a dôr de dentes, extraordinaria panacêa que era, segundo as suas palavras, producto do seu grande genio inventivo.

—Uma maravilha! Uma maravilha sem egual! E por um pataco! Quem não ha-de comprar?! clamava aos camponios, que o rodeavam, ouvindo-o com religiosa attenção.

Mas Carlos ao dar com a casa de Laura hermeticamente fechada, teve uma convulsão violenta, e uma dôr aguda feriu-lhe o mais intimo e profundo da alma.

—Se ella tivesse morrido?—pensava.

E logo no seu cerebro uma idéa rebentou como uma granada.—Mas ninguem mais competente do que a estanqueira para lhe ministrar informações, para o tirar d'aquelle estado afflicto, d'uma duvida mortal.

Entrou no estanco. Pediu charutos. A dona da loja, a senhora Maria Rosaria, que estava da parte de dentro do mostrador, sentada, com a face poisada na palma da mão esquerda, olhando vagamente o estabelecimentozinho com os seus estalados olhos azues, ergueu-se n'uma pressa, e com um ar prasenteiro e um bom sorriso alegre, que davam ao seu rosto comprido, d'uma alvura molle, um tom sympathico, disse logo:

—Seja muito bem apparecido, snr. Mendonça... Ditosos olhos que o vêem n'esta sua casa! E apeava da estante uma caixa. E depois:—Prompto. Eil-os aqui fresquinhos; são *Flor de Creta*... Ou gastava agora d'outros?

—Que não, disse Carlos.

—E d'onde vinha com aquelle trajo de viagem? Por onde se perdera, havia tanto tempo? Elle, assiduo e antigo frequentador da sua loja...

—Chegara de casa. Havia estado para lá um mez. E ia apartando para o lado os charutos que lhe agradavam, mostrando-se preoccupado com a escolha.

A estanqueira tornou:

—Mas está farto de saber que a menina Laura de fronte...

—Morreu? Não é verdade?, acudiu Carlos immediatamente, cortando a phrase á lojista e olhando-a vivamente, profundamente, todo assustado.

—Qual!, obtemperou a senhora Rosaria. Ora essa?! Que idea?! Casou, snr. Mendonça, casou! E procurava dar larga extensão ao verbo.

—Palavra de honra?!, fez Carlos, muito livido, assombrado.

—E' o que lhe digo. Até admira que o ignorasse... As folhas deram noticia.

—E com quem casou?, perguntou Carlos com voz estrangulada.

—Com o tio do Brazil, um tal Veiga, se bem me recordo. Chegou ahi, de repente, sem ninguem o esperar. Diz que quiz fazer uma surpreza. Depois aquillo foi dito e feito. E olhe que já não é nenhuma creança! Ha-de ter os seus cincoenta e oito annos seguros... isso ha-de. A barba é toda branca, o cabello não lhe pode pesar muito, e, alem d'isso, pesadote, pesadote. Mas dizem que é muito *voa* pessoa, isso lá dizem. E, a respeito de—e punha movimentos no pollegar e no index que roçava apressadamente—segundo me contou a creada, é pôdre de rico! Ha coisa de oito dias que está tudo para o Bom Jesus. É como canta. A vida está para elles!

—Pois não sabia, não. Tenho estado lá para a aldeia...—balbuciou elle, recalcando o seu soffrer do inferno.

E, depois de lançar sobre a mesa cinco tostões em prata para pagar a despeza, sahiu, mais morto que vivo, tirando do charuto grossas espiraes de fumo, que se elevavam e, adelgaçadas, se perdiam no ar luminoso.

E ia pensando:—Dallila! Dallila!

Porto, Dezembro de 79.

José da Luz Braga.

A CRITICA D'ALGUNS...

Ella é baixa, faminta, rancorosa,
Como um reptil arrasta-se e envenena,
não é branca nem rubra nem morena,
mas em compensação é escrofulosa.

Devendo ser prudente, é biliosa;
e ruge—em vez de ser grandiosa e amena;
em vez d'imitar Christo, imita a hyêna;
em vez de verdadeira é mentirosa!

Beija, e mata! não é altiva, é rude;
não é luz... é das trevas—a indecente!
e mascara-se, a ver se nos illude!

—Tal é a falsa critica doente,
que zomba da Justiça e da Virtude,
e em tudo quanto inveja crava o dente.

Vidigueira.

Pedro Covas.

O CENTENARIO DE CAMÕES

NO PORTO

A vida dos homens celebres é geralmente egual na infelicidade. São elles quasi sempre martyres na sua epocha de procreação genial e, em cada aurora que se lhes desenrola purpurina nas suas primaveras preside constante uma sombra imperceptivel que parece demarcar-lhes antecipadamente um holocausto!

Recordemos por momentos Machiavel, Tasso, Marlow, Bocage, etc. — todos tiveram mais ou menos a sua epocha aurirosada e todos alfim se sentiram immergidos no profundo abysmo do infortunio!

Camões foi celebre... era grande... não seria por tanto uma excepção.

Aos vinte e tres annos de edade sahiu da Universidade para entrar em Lisboa, cercado pela primeira aureola sorridente, cheio de vida, fluente de imaginação, gentil, afavel e robusto. A luzida côrte de D. Sebastião abriu-lhe francamente as suas doiradas portas; as damas porfiavam-se em amal-o; os cortezãos admiravam-no e respeitavam-no; mas na sua fronte esbelta e promettedora, no seu olhar vivo, insinuante e prescutor resaltavam os traços particulares da superioridade e eram elles, sem duvida, os que constituiam o ponto negro, como indicação da côr do seu porvir.

O poeta, ao sentir no craneo o ardor d'uma imaginação fertil, reconheceu que, como Dante, Ariosto, Boscan, e Pethrarcha, o futuro lhe pertencia. Procura, pois, a gloria com a força e a energia que lhe eram peculiares; esquece-se do amor, da crença e da esperança, que apprendera de Pethrarcha, e arroja-se impetuoso e vehemente n'outro elemento mais positivo — o da lucta — cujo exercicio lhe facultaria d'um jacto o gôso das suas forças physicas e intellectuaes. Encara o oceano e, arrebatado de enthusiasmo, cheio de confiança, parte com a Lyra e o gladio... vai e entra denodado como soldado e poeta na arena do combate!... Peleja e descreve. Amplia-se o ponto negro... a sua aurora escurece... já não é querido... é temido! E o abutre da inveja, como a Prometheu, roe-lhe as entranhas, dilacera-lhe o coração... mata-o! Mas, viu-se cahir a um tempo um corpo e surgir um monumento eterno — os Lusiadas!

Este monumento eleva-se sobranceiro como a torre de Babel e atira aos quatro ventos seus echos immortaes. O Leão de Castella estorce-se de cubiça e inveja e, furioso, vem com seus feros rugidos, abafar esses echos na patria que lhes foi berço... e elles foram repercutir-se longinquamente!...

O inimigo, porém, era mortal... tinha de ceder ás leis da natureza... cançou... succumbiu após doze lustros d'insana furia!

Era muito tempo para se succeder de prompto a reacção. As lettras patrias haviam soffrido assaz e Marte continuava ainda a espavorir as Musas, absorvendo os animos tão só na lucta physica.

Foi necessario dois seculos decorrerem para que apparecesse um homem energico que, com seu braço de ferro e a razão esclarecida, fizesse partir o gelo d'essa indifferença pelas lettras patrias.

Foi, emfim, desde o seculo XVIII que o Marquez de Pombal fez reviver o desenvolvimento, que a reacção começou vagarosamente a manifestar-se.

O grande épico, porém, era apenas lembrado, mas não tinha sido todavia indemnisado da indifferença tão longa.

Chega o tempo emfim! Tres seculos depois! É no dia 10 de junho proximo que ressuscita a *patria que morreu com elle* e toma accento no solio da civilisação moderna.

É o povo e só elle em que se manifesta o solido enthusiasmo, que revela e põe em relevo para significar o resgate da sua intelligencia dos dogmas tradiccionaes, fundando d'uma vez para sempre o regimen da democracia.

A esta imponente festa popular associa-se um benemerito extranho que, com a mais louvavel dignidade, concorreu muito para que o Porto mais activamente accudisse ao reclame geral do centenario do eminente auctor dos Luziadas, d'esse unico poema geographico (póde dizer-se), assombro do mundo e que tanto nos gloriou.

Esse arrojado e admiravel extranho é o snr. Emilio Biel, allemão, acreditado negociante n'esta cidade do Porto e insigne photographo, que intentou e levou a effeito apresentar-nos uma nova e surprehendente edição illustrada dos Luziadas, superior em tudo á do Morgado Matheus!

Envidou os mais notaveis gravadores allemães a erigir este portentoso monumento e não se tem poupado a sacrificios para dar á luz da publicidade tão luxuosa obra no dia aprazado, commemorando assim o 3.º centenario do seu auctor.

Abre esta edição, firmada era de 1572, por dois prologos: um do nosso eminente escriptor Mendes Leal; e o outro—do erudito José Gomes Monteiro; sendo o primeiro um estudo esplendido sobre a vida do Poeta e suas obras, o que prehenche 160 paginas; além de uma poesia commemorativa: e o segundo uma bibliographia, em que se destacam innumeras annotações justificativas e duas tabellas de variantes, o que

tudo tambem perfaz o complemento da critica camoniana, e a historia de todas as edições notaveis, enchendo tambem cerca de 160 paginas.

Foi, pois, sem duvida esta maravilhosa empreza um incentivo para que a do Palacio de Crystal commemorasse o 3.° centenario de Camões com uma festa que, segundo nos consta, será pela seguinte fórma:

Haverá ferias publicas durante os quatro dias, 10, 11, 12 e 13 de junho, dos quaes os tres primeiros serão preenchidos por conferencias historicas sobre a vida de Camões e seu seculo, a que presidirá a illustre Sociedade de Geographia; recitações dos principaes episodios dos Lusiadas; execução de varios trechos de musica; representação do drama *Camões*, do snr. Jardim, exhibição da completa bibliotheca camoniana do snr. conselheiro Minhava; da monumental edição de Emilio Biel; e de varias outras edições de luxo; de um volume dos Lusiadas, contendo o centenario de Camões, por Manoel de Faria e Souza; imitação á penna pelo insigne calligrapho o snr. Godinho, curiosissimo e paciente trabalho cheio de vinhetas e illustrações; do quadro da galeria do snr. D. Fernando—Camões na gruta de Macau: do de Sequeira—A morte de Camões; de duas medalhas commemorativas, uma do nosso primeiro abridor José Arnaldo Nogueira Mollarinho, e que será a verdadeira cemmemorativa, da qual se cunharão 6 em ouro, 40 em prata, e 500 em cobre, e a outra do nosso laborioso artista Sousa Reis, cunhada em cobre; d'um jornal commemorativo, intitulado *Portugal a Camões*, collaborado pelos principaes poetas, litteratos, jornalistas e diplomatas, e illustrado pelos primeiros artistas nacionaes acompanhado de um supplemento, representando um dos pontos mais notaveis do poema *Os Lusiadas*, exhibição da empreza do *Jornal de Viagens*; e d'outro jornal, no mesmo sentido, pelos primeiros escriptores portuguezes, propriedade da empreza *Bibliotheca Progressista*.

O ultimo dia, será destinado á grande festa popular, que se effectuará nos jardins, com musicas, illuminações, fogos d'artificio, etc., sendo franca a entrada para todos, distribuindo-se premios ás vinte camponezas mais formosas do districto do Porto, nos trajes caracteristicos das localidades.

Tudo isto, emfim, promette uma festa imponente, á altura do fim a que é destinada e é de crêr que ainda appareçam muitas mais exhibições, porque todos os portuguezes, sem distincção de classe, cooperarão, segundo os meios de que dispõem, para tornar esta commemoração a mais esplendida possivel.

A Redacção.

ECHOS DO ORIENTE

(Continuação do inedito a pag. 68)

II

Região divinal da roixa aurora...
Prodigioso Oriente:
Eden da natureza criadora...
Fadou-te o Omnipotente.
Em teus valles, teus montes luxuriantes
Espalha aroma a quente especiaria
Dão-te as vastas planuras scintillantes
De Visapur fulgente pedraria.

Quanto de mais formoso sobre a serra
Prende humanos olhares
Quanto mais bello no seu seio encerra
A vastidão dos mares,
Contens em ti da humanidade o berço;
Tudo orgulhoso em teu dominio abranges:
Os thesouros mais ricos do universo
Nas planicies que banha o Nilo e o Ganges.

Nas solidões d'Ophir, longinquas, varias,
Tens de oiro fino os cofres!
Java e Ceylão, rainhas voluptuarias,
Vivos coraes e aljofres.
Feudo opulento vão pedindo á vaga
O candido marfim d'Etheopia ardente,
O ambar cheiroso, o incenso que embriaga,
A tua gloria são, magico Oriente.

Da praia lusitana tão distante
Sonhou-te um dia o Gama
Que pallidez lhe passa no semblante?
Que estranha febre o inflama?
É mago ardor que aos grandes inspirados
Traz de sondar o incognito a vertigem!...
Voa-lhe a mente aos mundos ignorados
E o semideus esquece humana origem.

III

Sonhou-te Oriente, e, impavido,
Corre a amplidão dos mares,
Inspira-o mago anhelito
Dos indicos palmares.

Rival de Ulysses de Hercules,
Que a hydra horrenda abate,
Eil-o do torvo pelago
No asperrimo combate!

Já vence os monstros horridos,
Que as humidas cavernas
Povoam de cadaveres,
De imprecações eternas;

Já os ventos, leões indomitos
Dos antros infinitos
Que, austeros, pela encharchea
Correm soltando gritos.

Os rudes climas d'Africa
Intrepido perpassa!
Suplanta as ondas perfidas
Dos mares de Mombassa!

E a fome e a fome, a livida,
A sepulchral megéra,
Que da existencia dos naufragos
Os membros dilacera;

Os negros mil anathemas,
Em fim, que ao navegante
Pungem, por zonas varias,
Do ninho seu distante!

Mas densa nuvem ferrea,
Que os ares escurece,
Já sobre o ousado nautico
Se estende e cresce, cresce;

E pavido relampago,
Ora espalhando medos,
Mostra os perfis fantasticos
De validos rochedos!...

Alli lhe surge o athletico
Descommunal collosso
De côr terrena e pallida,
Fallar horrendo e grosso!

Feroz o aspecto e sordido!
Tem crespos os cabellos,
Hirsuta a barba esqualida,
Os dentes amarellos!

«Que alento, diz, que audacia
«Te impelle ó Gama a entrares,
«No sepulchral dominio
«D'estes ignotos mares?

«Imperio de naufragios,
«É meu sombrio imperio!
«E cemiterio lugubre
«Sem paz de cemiterio!

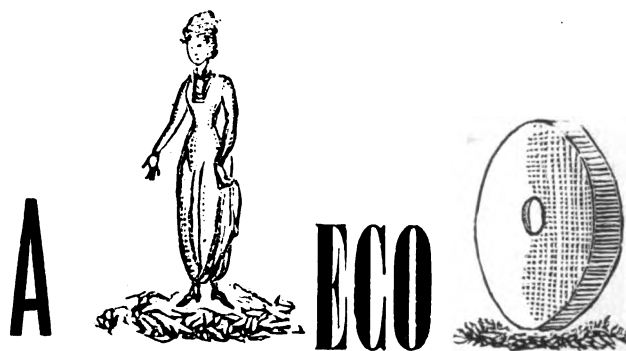
«E emtanto é astro esplendido
«Entre os mortaes divinos
«Segue: no mundo esperam-se
«Reconditos destinos.

«Corre á conquista magica,
«Que essa alma se incendêa
«Sem tua estranha audacia
«Criou-se uma epopêa.

«Do cabo tormentorio
«Que á ruina os vivos lança,
«Já vês sorrir-te fulgida
«Immorredoura esp'rança».

Ouvira-o—o Gama e attonito
Imporio immenso envade:
Inunda-se-lhe o espirito
D'eterna claridade.
....

ERNESTO PINTO.

Enigma figurado

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA N.º 10

Quem torto nasce tarde ou nunca se endireita.

Porto—Typographia Occidental, Rua da Fabrica, 66.

MARÇO PRIMEIRO FASCICULO 2.º ANNO

MUSEU ILLUSTRADO

ALBUM LITTERARIO

SOCIEDADE ATHENA

DIRECTOR GERAL
DAVID DE CASTRO

ADMINISTRADOR
A. BORGES

COLLABORADORES

ABEL ACACIO
ACACIO ANTUNES
ADELIO JAMES
A. FEIJÓ
ALBERTO PIMENTEL
ALBERTO TELLES
ALFREDO CAMPOS
ALFREDO SOARES FRANCO
AMELIA JANNY
A. M. SIMÕES DE CASTRO
ANGELINA VIDAL (R. A.)
ANONIO GUALBERT
ANTHERO DO QUENTAL
ANTONIO PAPANÇA
ANTONIO XAVIER R. CORDEIRO
AUGUSTO LUSO
AURELIO BALTHAZAR
BITTENCOURT RODRIGUES
BRUNO
CARLOS BOAVENTURA
CHRISTOVÃO AYRES
CLORINDA DE MACEDO
COELHO DE CARVALHO
CUNHA VIANNA
EÇA DE QUEIROZ
EDUARDO VIDAL
ERNESTO CABRITA
FAUSTO DE AZEVEDO
F. GUIMARÃES FONSECA
FERNANDO CASTIÇO
FERNANDES COSTA
FERNANDO LEAL
FIALHO D'ALMEIDA
F. MARTINS SARMENTO
FRANCISCO D'ALMEIDA
FRANCISCO CARRELHAS
FRANCISCO DE MENEZES
GASPAR DE LEMOS
GASPAR PEÇANHA
GOMES LEAL
GONÇALVES CRESPO
GUILHERME DE AZEVEDO
JAYME SEGUIER
JAYME VICTOR
J. J. SILVA BASTOS
J. M. DE QUEIROZ VELLOZO
J. NAVARRO DE ANDRADE
JOÃO DE DEUS
JOÃO PENHA
JOAQUIM D'ARAUJO
JORGE SEIDE
JOSÉ SIMÕES DIAS
JULIO CESAR MACHADO
JULIO DE MATTOS
L. T. DE FREITAS COSTA
LEITE DE VASCONCELLOS
LUIZ DE MAGALHÃES
LUIZ DE MESQUITA
MAGALHÃES LIMA
MANUEL DUARTE D'ALMEIDA
MANUEL SARDENHA
MARIA A. VAZ DE CARVALHO
MAXIMIANO LEMOS JUNIOR
NARCISO DE LACERDA
OLIVEIRA SIMÕES
OSCAR TIDAUD
PEDRO AMORIM VIANNA
PEDRO COVAS
PEDRO DE LIMA
PEREIRA CALDAS
PINHEIRO CHAGAS
REIS DAMAZO
RODRIGUES DE FREITAS
SANTOS VALENTE
SIMÃO RODRIGUES FERREIRA
SOUSA VITERBO
TEIXEIRA DE CARVALHO
TEIXEIRA BASTOS
THEOPHILO BRAGA
THOMAZ RIBEIRO
URBANO DE CASTRO
VICENTE NOVAES
VISCONDE DE BENALCANFÔR
XAVIER DE CARVALHO
XAVIER PINHEIRO

PORTO
TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL
50 — RUA DA PICARIA — 54
1879

SUMMARIO

PARTE LITTERARIA

PARTE ARTISTICA

BRINDES Á REDACÇÃO

Primeiramente temos a agradecer a todos os nossos collegas, não só as boas palavras com que sempre nos distinguiram durante o primeiro anno d'esta nossa publicação, como a generosidade e confiança com que continuaram a enviar-nos os seus jornaes sem lhes causar suspeita a demora que houve do ultimo fasciculo que démos em novembro ao brinde e a este 1.º numero do 2.º anno; demora occasionada pela difficuldade do trabalho d'aquelle.

Um fraternal abraço a todos os nossos collegas.

Temos recebido, pois, as seguintes publicações:

Commercio Portuguez — Correspondencia de Portugal — Progresso — Partido do Povo — Aurora do Cavado — Estrella Povoense — O Imparcial — Correspondencia da Figueira — Tribuno Popular — A Voz Escholar — Penafidelense — Progresso Pombalense — A Voz do Progresso — Gazeta da Beira Gazeta do Norte — Liberdade — A Emancipação — O Bombeiro Portuguez — O Instituto — Jornal das damas e o Occidente.

A RENASCENÇA

Tambem, sobre a nossa banca, entre o *Incendio de Londres* de Dickens e o *Rolla* de Alfred de Musset, encontramos hoje o 4.º numero da revista litteraria e scientifica, cujo titulo nos serve de epigraphe e de que é director litterario o nosso amigo e distincto poeta Joaquim d'Araujo, espirito eminentemente progressivo e d'uma tenaz dedicação pelas lettras tal, que mereceu ao illustre critico das *Farpas* justissimas palavras de louvor e incitamento.

Este 4.º fasciculo, se não se avantaja aos anteriores, não desmerece tambem d'elles, pois, como os que o precederam, insere prosas e versos do que de mais completo se produz entre nós.

O snr. Gonçalves Crespo, o Benevenuto Cellini do verso portuguez, o artista delicadissimo que possue, como ninguem, a superior sciencia de dar a linha sem divergencias, firmar o traço, esbater os contornos asperos, limar e polir o precioso engaste das suas concepções subtis, faz inserir n'este numero da *Renascença* um pedaço de prosa a mais trabalhada e a mais graciosa que temos lido nos ultimos tempos, sem o amaneiramento, a ridicula *affeterie*, hoje tão vulgar nas imitações d'aquelles que tão justos reparos mereceram já a Sarcey, mercê d'uma fórma n'elles tão anormal quanto no auctor das *miniaturas* refacetada como um crystal, limpida tambem como elle.

A biographia de João Penha, pelo snr. Gonçalves Crespo, é, quanto a nós, uma obra prima do genero. A individualidade tão vivaz, tão caracteristica do poeta do *Vinho e fel* apparece-nos alli posta em todo o seu relevo, destacando-se poderosamente como uma nota clara e alegre no concerto monotono e reles das mediocridades palavrosas que enchem essa Coimbra que João Penha espavoriu com a sua refractaria mocidade, plenamente illuminada do bom sol, sem manchas da alegria.

Este viver de Coimbra, riscado de ditos, scintillante de *lazzis*, repleto de boas pilherias, seria na biographia do poeta o primeiro encargo de que deveria occupar-se aquelle que tractasse de nol-o fazer conhecer por todos os seus aspectos; seguindo-se depois o trabalho mais grave de demarcar a importancia, de dizer qual o papel desempenhado por João Penha nos dominios da intellectualidade do paiz.

D'uma e d'outra cousa conseguiu dar-nos uma idéa nitida e segura o snr. Gonçalves Crespo que, depois de ter esboçado a largos traços incisivos o viver descuidoso da ultima geração litteraria de Coimbra, depois de nos ter feito conhecer o *espirito*, as maneiras, os ditos, as improvisações de João Penha, cuja reputação de *causeur* sem rival e de repentista sem segundo, se estendeu por todo o paiz, deixou mostrado, d'um modo completo, qual a influencia do director da *Folha* sobre os destinos da moderna poesia portugueza, (cap. III).

Se esta segunda parte faltasse, o snr. Crespo teria feito tão só uma encantadora biographia anecdotica; se a primeira não apparecesse, não se poderia por fórma alguma dar uma idéa clara da natureza do talento do biographado, por se não fixar o *meio* em que esse talento se constituiu, como o escriptor reagiu no seu individualismo poderoso contra as acções ambientes, e como se foi deixando influenciar pela acção d'este ou d'aquelle criterio de modo a definir-se por este ou aquelle genero de producção.

Os nossos francos e rasgados elogios, pois, ao trabalho do snr. Crespo, tão justo, tão verdadeiro, d'uma critica tão lucida e d'uma factura a tal ponto delicada, que merece, sem lisonja, a qualificação que lhe deu o nosso amigo Guilherme de Azevedo de *filagrana deliciosissima que faz honra ao supremo bom gosto do artista que a entreteceu.*

O restante do 4.º n.º da *Renascença* afere por esta bitola, e se o espaço nos não faltasse, demorar-nos-hiamos algum tanto na consideração da bella pagina da historia patria do snr. Bernardino Pinheiro; da aventura de Withoyne, tão espirituosamente contada por aquella privilegiadissima natureza de Julio Cesar Machado, o grande mestre do folhetim, tão espontaneo e tão vivo; da erudita critica de archeologia iberica, devida á penna do snr. Gabriel Pereira, de tão variadas aptidões, um dos pouquissimos geologos que conta a nossa sciencia e o artista dos *Contos singelos*.

Alguma cousa diriamos tambem do soneto, d'uma concepção profunda, alliada a uma fórma rigorosissima, do snr. Anthero do Quental; das quadras tão delicadas, d'uma graça suave e ingenua, do snr. Freitas Costa; da decima do snr. João de Deus, mais uma adoravel nota da esthetica delicadissima do grande lyrico; do soneto irreprehensivelmente correcto do snr. Antonio Papança; e do que o snr. Luiz Guimarães Junior, o phantasista das *Curvas e zig-zags*, o poeta tão fundamente embebido de ideal dos *nocturnos*, e o critico d'uma tão fina comprehensão dos *Poetas do amor*, hoje secretario da embaixada junto ao Quirinal, offerece ao director da *Renascença*, que insere duas utilissimas quadras, com as quaes, um bom talento perdido na provincia, o dr. Rodrigo Velloso, cujo nome encontramos sempre na biographia de todos os dissidentes de Coimbra, para quem elle, na sua tendencia de jornalista, que é por indole, fundava pequenos periodicos successivos, o alegre conversador das *Folhas ao vento*, dedicado cultor das lettras, amigo sempre certo e valioso dos que começam, bello espirito, nobre caracter, fechou como se soneto, com justiça o disse a sua noticia tão lucidamente escripta ácerca da revista de que nos viemos occupando.

Damos os parabens ao nosso amigo Joaquim d'Araujo pelo bom exito com que continúa a vêr coroados os seus esforços, e fazemos votos para que não desanime na tarefa que tão brilhantemente ha encetado.

A EVOLUÇÃO

É outro jornal litterario e illustrado de que é director o snr. Cotter Franco.

Pelo n.º 7, unico que nos foi enviado, não nos resta duvida de que esta revista de sciencias, artes e lettras é de merito, e crêmos que será bem acceite do publico; porque, tanto pelo que diz respeito á parte litteraria como á artistica, é excellente.

Damos os parabens ao nosso illustrado collega e pedimos-lhe o favor de nos enviar os n.os antecedentes, pois muito desejavamos haver a collecção completa.

ALMANACH DO BOMBEIRO PORTUGUEZ

Foi-nos dirigido este interessante volume que encerra, além d'um grande numero de artigos litterarios firmados por muitos dos principaes escriptores do paiz, o retrato e biographia do snr. Guilherme Fernandes, commandante dos bombeiros voluntarios do Porto. E' este almanach, quanto a nós, um dos mais curiosos e distractivos que sahiram á luz publica no presente anno. Reconhecidos agradecemos.

HORTICULTURA PRATICA

Recebemos o n.º 1, 2 e 3 do volume x d'esta brilhante e utilissima publicação que denodada prosegue na sua vereda, cada vez mais curiosa e selecta, e cujo impulso é devido ao nosso estimavel collega Duarte de Oliveira Junior, talentoso e incançavel escriptor que, desinteressado e assiduo, trabalha unica e exclusivamente a bem da humanidade e do seu paiz.

Ao nosso digno collega e amigo um fraternal aperto de mão.

POEMA D'ALMA

Foi-nos offerecido pelo auctor o snr. Leite de Vasconcellos esta auspiciosa estreia, que muito agradecemos.

PHOTOTYPIAS DO MINHO

Egualmente nos foi offerecido pela Bibliotheca nacional este volume, cujo auctor é o snr. José Augusto Vieira. Penhorados agradecemos.

PORTUGAL PITTORESCO

Esta nova e magnifica publicação mensal, sob a direcção do nosso amigo e destincto collaborador o snr. Augusto Mendes Simões de Castro, tambem nos foi enviada.

Tanto d'esta como das duas publicações antecedentes fallaremos na nossa analyse-critica-litteraria trimensal. Por emquanto limitamo-nos a agradecer.

O DIABO EM LISBOA

Appareceu-nos d'improviso sobre a nossa secretaria — *O Diabo em Lisboa*! Isto parece á primeira vista um impossivel: estar em duas partes a um tempo!! mas acredita-se attendendo ao seu poder sobrenatural.

Ouvimol-o e gostamos. Depois fechamol-o na nossa gaveta (sem comtudo ficar *o diabo fechado na minha gaveta*) outro impossivel!. . pois se elle é o diabo: mas, como diziamos, fechamol-o para que esperasse pelos seus companheiros, que, segundo elle nos asseverou, viriam um por semana.

Agradecemos a Plutão os seus emissarios, e congratulamo-nos por abrirmos com *sua divindade* relações amigaveis. Os nossos comprimentos a Proserpina.

ESTUDO

Esta publicação litteraria quinzenal é devida aos estudiosos academicos Lamecenses que, em vez de applicarem o seu tempo de recreio em banalidades as mais das vezes prejudiciaes, o empregam na litteratura, buscando assim uma distracção util e digna de todo o louvor.

Damos-lhes os nossos parabens e desejamos uma longa vida ao seu jornal.

O DESPERTADOR

Tambem nos foi enderessada esta *revista mensal*, cujo proprietario é o snr. João Correia Pinto da Cruz.

Diz-nos este periodico que é «advogado das almas do Purgatorio, e é dedicado á Santissima Virgem, mãe das almas e a todos os Santos e especialmente a S. José, castissimo esposo e a S. Nicolau Tolentino.»

Quem assignar este jornal ganha indulgencias, tem uma missa cada mez por alma dos seus passados, e outras em diversos dias festivos e funereos, etc.

A assignatura é de 500 reis ao anno, e para que o jornal se torne accessivel a todas as classes, a empreza facilita o pagamento em trimensalidades; de sorte que, qualquer individuo devoto, possa ser indulgenciado e ter a sua missa além e aquem da campa por seis e cinco!

É uma publicação edificante, economica e ingenua.

Os nossos parabens.

A MULHER

Com este titulo os nossos amigos e destinctos collaboradores, os snrs. Xavier Pinheiro e Xavier de Carvalho, vão fazer ver a luz n'esta cidade a um periodico especialmente destinado á orientação positiva e scientifica da educação da mulher.

Do provado talento dos dois moços escriptores, espiritos na corrente de idéas do seu tempo e corações que fazem palpitar por sãos enthusiasmos pela sciencia e pela liberdade, bem como da collaboração, que sabemos magnifica, fiamos que nada teremos senão a louvar na publicação em via de apparecimento.

Se as gentis assignantes do *Museu Illustrado* deixarem cahir *a clara festa dos seus olhos, por quem até o impassivel sol é curioso,* sobre estas regras humildes, e se resolverem a mandar inscrever os seus nomes no registro dos leitores da *Mulher,* podem mandal-o fazer a esta redacção, na certeza de que não será, quanto a nós, de todo, perdido o tempo que roubarem ás exigencias um pouco demasiado tyrannicas da moda, tão frivola, para o entregarem aos ensinamentos fecundos e aos conselhos honrados da sciencia, tão indispensavel para que cesse a cruel antinomia actual entre o homem na civilisação e a sua companheira na rotina, na crendice, e na superstição.

Saudamos, pois, a tentativa dos nossos estudiosos amigos como eminentemente civilisadora.

Do 2.º numero em deante annunciaremos todas as publicações litterarias de que nos enviarem um exemplar, assim como d'algumas que já recebemos e que por falta d'espaço o não pudemos fazer d'esta vez.

A REDACÇÃO.

MUSEU ILLUSTRADO

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Por anno — Porto, Lisboa, Coimbra e Braga..	2$400
Para as outras terras do reino................	2$520
Avulso — 1 numero............................	400

Não se tomam assignaturas senão por um anno.

Os snrs. assignantes do Porto, Lisboa, Coimbra, Braga, Vizeu, Lamego, Vianna e Penafiel, pagarão as suas assignaturas em duas prestações e só em face dos respectivos recibos, que lhes serão apresentados em seguida á entrega do 2.º e 7.º fasciculos.

Das outras terras do reino, os que se quizerem subscrever terão de enviar incluso o importe da assignatura inteira, em vale ou estampilhas, directamente á administração do **MUSEU ILLUSTRADO.**

OBSERVAÇÕES

Toda a correspondencia relativa a este periodico deverá ser dirigida á administração geral do **MUSEU ILLUSTRADO,**

RUA DE S. BENTO DA VICTORIA N.º 20

PORTO

A quem obtiver 6 assignaturas realisaveis compete uma assignatura gratis.

No fim do anno os snrs. assignantes receberão um brinde offerecido pela redacção, o qual será enunciado na capa do 10.º fasciculo.

Artigos enviados a esta redacção por auctores que não sejam collaboradores, não se remettem, sejam ou não publicados.

O escriptor ou empreza, que offerecer a esta redacção um exemplar de qualquer obra sua, ser-lhe-ha annunciada nas capas dos fasciculos immediatos á recepção.

Ex.mo Snr. Dr. [illegible] Simões de Castro

ABRIL — SEGUNDO FASCICULO — 2.º ANNO

MUSEU ILLUSTRADO

ALBUM LITTERARIO

SOCIEDADE ATHENA

DIRECTOR GERAL
DAVID DE CASTRO

ADMINISTRADOR
A. BORGES

COLLABORADORES

ABEL ACACIO
ACACIO ANTUNES
ADELIO JAMES
A. FEIJÓ
ALBERTO PIMENTEL
ALBERTO TELLES
ALFREDO CAMPOS
ALFREDO SOARES FRANCO
AMELIA JANNY
A. M. SIMÕES DE CASTRO
ANGELINA VIDAL (R. A.)
ANONIO GUALBERT
ANTHERO DO QUENTAL
ANTONIO AUGUSTO M. FELIZ
ANTONIO PAPANÇA
ANTONIO XAVIER R. CORDEIRO
AUGUSTO LUSO
AURELIO BALTHAZAR
BITTENCOURT RODRIGUES
BRUNO
CARLOS BOAVENTURA
CHRISTOVÃO AYRES
CLORINDA DE MACEDO
COELHO DE CARVALHO
CUNHA VIANNA
EÇA DE QUEIROZ
EDUARDO VIDAL
ERNESTO CABRITA
FAUSTO DE AZEVEDO
F. GUIMARÃES FONSECA
FERNANDO CASTIÇO
FERNANDES COSTA
FERNANDO LEAL
FIALHO D'ALMEIDA
F. MARTINS SARMENTO
FRANCISCO D'ALMEIDA
FRANCISCO CARRELHAS
FRANCISCO DE MENEZES
GASPAR DE LEMOS
GASPAR PEÇANHA
GOMES LEAL
GONÇALVES CRESPO
GUILHERME DE AZEVEDO
JAYME SEGUIER
JAYME VICTOR
J. J. SILVA BASTOS
J. M. DE QUEIROZ VELLOZO
J. NAVARRO DE ANDRADE
JOÃO DE DEUS
JOÃO PENHA
JOAQUIM D'ARAUJO
JORGE SEIDE
JOSÉ SIMÕES DIAS
JULIO CESAR MACHADO
JULIO DE MATTOS
L. T. DE FREITAS COSTA
LEITE DE VASCONCELLOS
LUIZ DE MAGALHÃES
LUIZ DE MESQUITA
MAGALHÃES LIMA
MANUEL DUARTE D'ALMEIDA
MANUEL SARDENHA
MARIA A. VAZ DE CARVALHO
MAXIMIANO LEMOS JUNIOR
NARCISO DE LACERDA
OLIVEIRA SIMÕES
OSCAR TIDAUD
PEDRO AMORIM VIANNA
PEDRO COVAS
PEDRO DE LIMA
PEREIRA CALDAS
PINHEIRO CHAGAS
REIS DAMAZO
RODRIGUES DE FREITAS
SANTOS VALENTE
SILVA PEREIRA
SIMÃO RODRIGUES FERREIRA
SOUSA VITERBO
TEIXEIRA DE CARVALHO
TEIXEIRA BASTOS
THEOPHILO BRAGA
THOMAZ RIBEIRO
URBANO DE CASTRO
VICENTE NOVAES
VISCONDE DE BENALCANFÔR
XAVIER DE CARVALHO
XAVIER PINHEIRO

VOLUME SEGUNDO

PORTO
TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL
66 — RUA DA FABRICA — 66

1879

SUMMARIO

PARTE LITTERARIA

PARTE ARTISTICA

BRINDES Á REDACÇÃO

Temos recebido as seguintes publicações, que pinhoradissimos agradecemos, assim como as lisongeiras phrases, que todos os nossos collegas dispensaram, nos seus jornaes, ao nosso *Museu Illustrado.*

Commercio Portuguez — Correspondencia de Portugal — Progresso — Partido do Povo — Aurora do Cavado — Estrella Povoense — O Imparcial — Correspondencia da Figueira — Tribuno Popular — A Voz Escholar — Penafidelense — Progresso Pombalense — A Voz do Progresso — Gazeta da Beira — O Bombeiro Portuguez — O Diabo em Lisboa — Portugal Pittoresco — Horticultura Pratica — O Instituto — Jornal das Damas — O Occidente.

A EVOLUÇÃO

JORNAL ILLUSTRADO, LITTERARIO E SCIENTIFICO

Recebemos o 1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 6.º e 8.º fasciculos d'esta bella publicação, redigida pelo distincto escriptor Cotter Franco — revista de sciencias, litteratura e artes, illustrada com retratos em photographia e gravura, e outros quadros curiosos. E' nitidamente impressa e encerra artigos magnificos, tanto nos varios ramos da sciencia e da philosophia como nos puramente litterarios. Agradecemos a troca e desejamos-lhe uma longa vida.

Muito nos obsequiava o snr. Cotter Franco se nos enviasse o 5.º e 7.º numeros, para não ficarmos com a *Evolução* incompleta, o que muito sentiriamos.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Lisboa: avulso 100 réis — Mez 150 — Trimestre 450 — Semestre 900 — Anno 1$600. Provincias: 3 mezes 480 reis — Semestre 960 — Anno 1$800. Africa e Hispanha: Semestre, reis 1$200 — Anno 2$200. Brazil: (moeda fraca) Mez 600 reis — Semestre 3$600 — Anno 7$000.

Os pagamentos de fóra de Lisboa, devem ser em ordens, vales ou estampilhas, e nunca em sellos de imposto. Estes preços vigoram só até ao n.º 24.

Pede-se aos snrs. assignantes aos quaes falte o n.º 4 ou outros, além do 5.º, os reclamem.

A edição do 5.º n.º está a concluir.

Mencionam-se e annunciam-se as obras litterarias e artisticas (postas á venda) sempre que se recebam no escriptorio da empreza 2 exemplares.

Roga-se aos snrs. assignantes em divida o prompto pagamento dos seus debitos.

Para evitar a continuação de abusos, a empreza publicará na capa do jornal os nomes das pessoas que, requisitando expontaneamente numeros da *Evolução,* se recusem depois a pagal-os.

A quem obtiver 10 assignaturas realisaveis dá-se uma gratuita.

Aos snrs. correspondentes se offerece 20 p. c. de 12 assignaturas para cima.

UNIVERSO ILLUSTRADO

Recebemos tambem o 1.º e 2.º fasciculos do 3.º volume d'este semanario de instrucção e recreio, publicado por uma sociedade, de que é director o nosso amigo e collaborador Silva Pereira.

Do merecimento d'esta publicação desnecessario é fallar: tudo o que poderiamos dizer está já de ha muito sabido e prova-o, ainda mais, o entrar ella em 3.º anno. Estes dois ultimos numeros trazem artigos muito curiosos e agradaveis e 18 gravuras, as quaes são:

O pintaroxo — Uma aldeia nos tropicos — Vista ideal de uma praia arborisada, na epocha oolitica — Castellamar — Ponte suspensa em Clifton — Vista da cidade de Saint-Cloud — Vista da cidade de Honolula — Vista da cidade de Sorrento — Palacio do rei em Gondar — Barreira de Clichy — Alanda — Vista da cidade da Horta — Vista da Havana.

Muito agradecemos.

Assigna-se em Lisboa, rua de S. José n.º 15, 3.º andar, direita. Custa a assignatura em Lisboa: por anno 1$500 reis, nas provincias 1$600 reis.

A QUESTÃO
DO
BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

LEGALIDADE — MORALIDADE — RESPONSABILIDADE

É este o titulo d'um opusculo que o seu auctor, o nosso amigo Magalhães Lima, acaba de nos offerecer. Nada diremos por emquanto senão que pinhoradissimos agradecemos a sua fineza, pois, por falta de tempo não pudemos lêl-o. No seguinte n.º diremos o que se nos offerecer.

ANNUARIO ESTATISTICO
DO
REINO DE PORTUGAL

Devemos este curiosissimo brinde ao nosso amigo e collaborador o snr. Silva Pereira.

E' este trabalho o primeiro d'esta natureza que entre nós se apresenta.

Crêmos que esta tentativa despertará o gosto pelos trabalhos estatisticos, que tão descurados teem andado n'este paiz.

Tudo o que n'este volume se lê foi feito sob as indicações da sciencia estatistica e tem por principal objecto não deixar de mencionar tudo o que seja de interesse real e positivo, agrupando dados estatisticos com uniformidade e conjuncto harmonico. Louvamos e agradecemos.

MUSEU ILLUSTRADO

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Por anno — Porto, Lisboa, Coimbra e Braga..	2$400
Para as outras terras do reino................	2$520
Avulso — 1 numero	400

Não se tomam assignaturas senão por um anno.

Os snrs. assignantes do Porto, Lisboa, Coimbra, Braga, Vizeu, Lamego, Vianna e Penafiel, pagarão as suas assignaturas em duas prestações e só em face dos respectivos recibos, que lhes serão apresentados em seguida á entrega do 2.º e 7.º fasciculos.

Das outras terras do reino, os que se quizerem subscrever terão de enviar incluso o importe da assignatura inteira, em vale ou estampilhas, directamente á administração do **MUSEU ILLUSTRADO.**

OBSERVAÇÕES

Toda a correspondencia relativa a este periodico deverá ser dirigida á administração geral do **MUSEU ILLUSTRADO,**

RUA DE S. BENTO DA VICTORIA N.º 20

PORTO

A quem obtiver 6 assignaturas realisaveis compete uma assignatura gratis.

No fim do anno os snrs. assignantes receberão um brinde offerecido pela redacção, o qual será enunciado na capa do 10.º fasciculo.

Artigos enviados a esta redacção por auctores que não sejam collaboradores, não se remettem, sejam ou não publicados.

O escriptor ou empreza, que offerecer a esta redacção um exemplar de qualquer obra sua, ser-lhe-ha annunciada nas capas dos fasciculos immediatos á recepção.

N'esta redacção vende-se o primeiro volume d'esta publicação. — Broxado, para os assignantes do 2.º anno — 2$400 reis. — Avulso 2$600.

O amo Ex.mo Snr. A. Mendes Simões de Castro

MAIO TERCEIRO FASCICULO 2.º ANNO

MUSEU ILLUSTRADO

ALBUM LITTERARIO

SOCIEDADE ATHENA

DIRECTOR GERAL
DAVID DE CASTRO

ADMINISTRADOR
A. BORGES

COLLABORADORES

ABEL ACACIO
ACACIO ANTUNES
ADELIO JAMES
A. FEIJÓ
ALBERTO PIMENTEL
ALBERTO TELLES
ALFREDO CAMPOS
ALFREDO SOARES FRANCO
AMELIA JANNY
A. M. SIMÕES DE CASTRO
ANGELINA VIDAL (R. A.)
ANONIO GUALBERT
ANTHERO DO QUENTAL
ANTONIO AUGUSTO M. FELIZ
ANTONIO PAPANÇA
ANTONIO XAVIER R. CORDEIRO
AUGUSTO GAMA
AUGUSTO LUSO
AURELIO BALTHAZAR
BITTENCOURT RODRIGUES
BRUNO
CARLOS BOAVENTURA
CHRISTOVÃO AYRES
CLORINDA DE MACEDO
COELHO DE CARVALHO
CUNHA VIANNA
EÇA DE QUEIROZ
EDUARDO VIDAL
ERNESTO CABRITA
FAUSTO DE AZEVEDO
F. GUIMARÃES FONSECA
FERNANDO CASTIÇO
FERNANDES COSTA
FERNANDO LEAL
FIALHO D'ALMEIDA
F. MARTINS SARMENTO
FRANCISCO D'ALMEIDA
FRANCISCO CARRELHAS
FRANCISCO DE MENEZES
GASPAR DE LEMOS
GASPAR PEÇANHA
GOMES LEAL
GONÇALVES CRESPO
GUILHERME DE AZEVEDO
JAYME SEGUIER
JAYME VICTOR
J. J. SILVA BASTOS
J. M. DE QUEIROZ VELLOZO
J. NAVARRO DE ANDRADE
JOÃO DE DEUS
JOÃO PENHA
JOAQUIM D'ARAUJO
JORGE SEIDE
JOSÉ SIMÕES DIAS
JULIO CESAR MACHADO
JULIO DE MATTOS
L. T. DE FREITAS COSTA
LEITE DE VASCONCELLOS
LUIZ DE MAGALHÃES
LUIZ DE MESQUITA
MAGALHÃES LIMA
MANUEL DUARTE D'ALMEIDA
MANUEL SARDENHA
MARCOS PRATA
MARIA A. VAZ DE CARVALHO
MAXIMIANO LEMOS JUNIOR
NARCISO DE LACERDA
OLIVEIRA SIMÕES
OSCAR TIDAUD
PEDRO AMORIM VIANNA
PEDRO COVAS
PEDRO DE LIMA
PEREIRA CALDAS
PINHEIRO CHAGAS
REIS DAMAZO
RODRIGUES DE FREITAS
SANTOS VALENTE
SILVA PEREIRA
SIMÃO RODRIGUES FERREIRA
SOUSA VITERBO
TEIXEIRA DE CARVALHO
TEIXEIRA BASTOS
THEOPHILO BRAGA
THOMAZ RIBEIRO
URBANO DE CASTRO
VICENTE NOVAES
VISCONDE DE BENALCANFÔR
XAVIER DE CARVALHO
XAVIER PINHEIRO

VOLUME SEGUNDO

PORTO
TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL
66 — RUA DA FABRICA — 66
1879

SUMMARIO

PARTE LITTERARIA

PARTE ARTISTICA

Não nos sendo possivel incluir na nossa *Analyse critico-litteraria* trimensal todas as obras, com que nos teem brindado seus dignos auctores, por serem muitas e algumas de bastante estudo, resolvemos dividil-a por todos os mezes, principiando pela ordem em que foram e forem recebidas.

Ainda assim, tivemos de retirar alguns artigos já compostos, do que pedimos desculpa aos nossos collaboradores, certificando-lhes que sahirão no seguinte numero.

ATTENÇÃO

Avisamos os nossos assignantes de Villa Real, Santa Marinha, Murça, Louzã, Baião, Marvão, Villa Meã, para que nos enviem o importe das suas assignaturas, segundo as condições expostas nos prospectos e em todas as capas dos fasciculos, para não soffrerem interrupção na remessa do jornal.

BRINDES Á REDACÇÃO

Recebemos as seguintes publicações que muito agradecemos.

Commercio Portuguez — Correspondencia de Portugal — Progresso — Partido do Povo — Aurora do Cavado — Estrella Povoense — O Imparcial — Correspondencia da Figueira — Tribuno Popular — A Voz Escholar — Penafidelense — Progresso Pombalense — A Voz do Progresso — Gazeta da Beira — O Bombeiro Portuguez — O Algarve — Portugal Pittoresco — Horticultura Pratica — O Instituto — Jornal das Damas — O Occidente — Diario do Minho — Gazeta do Norte — Academia — Aurora do Lima — A Emancipação — O Districto de Faro — A Estrella Pavoense e Jornal de Vizeu.

A MULHER

Temos presente o 1.º, 2.º e 3.º numeros d'esta nova publicação, devida á direcção de nossos dois jovens e muito applicados collaboradores os snrs. Xavier Pinheiro e Xavier de Carvalho. Sem favor nem lisonja é nossa convicção que ha de agradar e será prospera e longa a sua existencia. E' bem escripto, e attinge ao fim a que se propõe. Traz bons artigos e a parte poetica é muito escolhida. Damos-lhes os nossos sinceros parabens.

Tomam-se assignaturas n'esta redacção.

O PYRILAMPO

Recebemos tambem o 1.º 2.º e 3.º numeros d'este novo jornal litterario, cuja séde é em Braga. Agradecemos e desejamos que os seus fundadores não esmoreçam ante as contrariedades que de continuo surgem no começo d'estas emprezas.

O CIVILISADOR

Folgamos por vêr que este periodico continua na sua vereda, podendo resolver satisfatoriamente as difficuldades que o impelliram a suspender-se temporariamente. Este ultimo numero traz artigos de merito e enceta uma minuciosa bibliographia que será digna de attenção.

Um fraternal aperto de mão aos nossos illustrados collegas.

GAZETA DA NOITE

Temos recebido regularmente este jornal trisemanal cujo director é o snr. A. M. de Magalhães. Achamol-o agradavel e é bastante curioso o seu noticiario. Felicitamos e agradecemos.

Assigna-se na Fontinha, n.º 20.

DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ

POR

FRANCISCO D'ALMEIDA

Illustrado com um grande numero de gravuras e vinhetas desenhadas por M. de Macedo e gravadas por C. Alberto.

Em presença das folhas já publicadas, o que tem attrahido ao escriptorio da Empreza, em Lisboa, immensos assignantes, poderá o publico avaliar a importancia do trabalho d'esta obra.

A modicidade do preço e a conveniencia na acquisição convidam a assignar esta tão util obra, a primeira n'este genero no paiz.
Assigna-se n'esta redacção.

O ONANISMO

SUAS CAUSAS, PERIGOS E INCONVENIENCIAS PARA O INDIVIDUO, PARA A FAMILIA E SOCIEDADE

REMEDIO

Traducção de Narciso Alberto de Sousa, bacharel formado em philosophia pela universidade de Coimbra, alumno de medicina na mesma universidade, socio fundador da Sociedade de Estudos Medicos, etc., e A. D. M. P. alumno de medicina na mesma universidade.
Este livro sahirá á luz publica por todo este mez de maio. Todas as requisições podem ser feitas para a redacção do *Partido do Povo*, a Narciso Alberto de Sousa, Coimbra.
Preços da assignatura, 400 reis. Avulso 500 reis, para ilhas e estrangeiro accresce o porte do correio.

PORTUGAL PITTORESCO

PUBLICAÇÃO MENSAL

SOB A DIRECÇÃO DE

Augusto Mendes Simões de Castro

BACHAREL FORMADO EM DIREITO PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
SOCIO EFFECTIVO DO INSTITUTO DA MESMA CIDADE
SOCIO CORRESPONDENTE DA REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHIOLOGOS PORTUGUEZES

Cada numero consta de uma estampa representando um monumento, ou um edificio notavel, uma paizagem pittoresca, uma curiosidade natural ou artistica, etc.; e de um numero de impressão, nunca inferior a dezeseis, em fórma de oitavo maximo.
Publica-se um numero em cada mez.
Doze numeros formam um volume.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Só se admittem assignaturas para um volume, e pagando-se a sua importancia adiantadamente.
Os assignantes residentes em Coimbra podem porém fazer o seu pagamento em duas prestações, cada uma no principio de cada semestre.
Os assignantes de fóra de Coimbra podem enviar a importancia das suas assignaturas por meio de vales ou estampilhas do correio.
Preço de cada volume, tanto em Coimbra, como para fóra, 3$000 reis.
Toda a correspondencia relativa a esta publicação deve ser dirigida a Augusto Mendes Simões de Castro, rua do Visconde da Luz, n.º 12, Coimbra.

SOMBRAS

Livro de poesias da distincta poetiza D. Clorinda de Macedo, com um preambulo de Gomes Leal.

Vende-se no Porto nas principaes livrarias e n'esta redacção—em Lisboa nas livrarias de Joaquim José Bordalo e Carrilho Videira, e nas livrarias em Braga, Coimbra, Penafiel, Cuba, Barcellos, Vianna.—Preço 600 reis.

BIBLIOTHECA SERÕES ROMANTICOS

HEITOR MALOT

PADRES E BEATOS

VERSÃO PORTUGUEZA DE JULIO MAGALHÃES

Publicou-se a 12.ª e 13.ª caderneta do vol. 1.º

Custa cada caderneta 50 réis no acto da entrega.

JORNAL DAS DAMAS

(13.º ANNO DE PUBLICAÇÃO)

PROPRIETARIO E EDITOR—JOAQUIM JOSÉ BORDALO

Publicou-se o n.º 149 d'esta interessante revista de modas, a mais antiga que existe em Portugal, contendo a descripção das mais elegantes *toilettes* para passeio, visita, baile theatro, noiva; para meninas etc. etc. com o detalhe dos mais modernos chapeus, *paletots*, tunicas, *fichus*. e todas as indicações tendentes a modas; artigos de litteratura, poesias, etc. Acompanha cada numero d'este jornal dois bellos figurinos gravados e illuminados em Paris, e alternadamente uma folha de debuxos e moldes para cortar fato de senhora.

15 BRINDES, GRATIS, AOS ASSIGNANTES

A empresa offereceu este anno 15 brindes aos assignantes, sendo tres que se entregam gratis no acto da assignatura, e doze á sorte durante o anno, incluindo n'estes, cinco ricos livros de missa de capas de marfim, tartaruga, madre-perola, buffalo, chagrin e veludo, e um bonito album para retratos com differentes peças de musica, ficando a assignatura de graça para uns, e quasi de graça para outros.
Preço da assignatura: Lisboa, 1 anno 2$000 réis—6 mezes 1$200 réis—Provincias, 1 anno 2$400 réis—6 mezes 1$500 réis. Brazil e provincias ultramarinas 2$600 réis, moeda forte. Numero avulso, 240 reis. Todas as assignaturas são *pagas adiantadas*, e recebem-se em Lisboa na livraria do editor Joaquim José Bordalo, travessa da Victoria 42—1.º, no Porto, Coimbra, Braga e em Setubal nas principaes livrarias, e em S. Miguel na livraria de Marianno Machado (com o augmento de 25%, differença da moeda.) A importancia de qualquer assignatura póde ser enviada ao editor em estampilhas de franquía, ou em vales do seguro do correio.

MUSEU ILLUSTRADO

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Por anno—Porto, Lisboa, Coimbra e Braga..	2$400
Para as outras terras do reino...............	2$520
Avulso—1 numero	400

Não se tomam assignaturas senão por um anno.

Os snrs. assignantes do Porto, Lisboa, Coimbra, Braga, Vizeu, Lamego, Vianna e Penafiel, pagarão as suas assignaturas em duas prestações e só em face dos respectivos recibos, que lhes serão apresentados em seguida á entrega do 2.° e 7.° fasciculos.

Das outras terras do reino, os que se quizerem subscrever terão de enviar incluso o importe da assignatura inteira, em vale ou estampilhas, directamente á administração do **MUSEU ILLUSTRADO**.

Assigna-se no Porto, n'esta redacção e nas principaes livrarias; em Lisboa, nas dos snrs: Carrilho Videira e Joaquim José Bordalo; em Braga, na succursal da Casa Moré; em Lamego, na livraria do snr. Sant'Anna e em Penafiel, na do snr. Luiz Antonio d'Almeida.

OBSERVAÇÕES

Toda a correspondencia relativa a este periodico deverá ser dirigida á administração geral do **MUSEU ILLUSTRADO**,

RUA DE S. BENTO DA VICTORIA N.° 20

PORTO

A quem obtiver 6 assignaturas realisaveis compete uma assignatura gratis.

No fim do anno os snrs. assignantes receberão um brinde offerecido pela redacção, o qual será enunciado na capa do 10.° fasciculo.

Artigos enviados a esta redacção por auctores que não sejam collaboradores, não se remettem, sejam ou não publicados.

O escriptor ou empreza que offerecer a esta redacção um exemplar de qualquer obra sua, ser-lhe-ha annunciada nas capas dos fasciculos immediatos á recepção.

N'esta redacção vende-se o primeiro volume d'esta publicação.—Broxado, para os assignantes do 2.° anno—2$400 reis.—Avulso 2$600.

JUNHO — QUARTO FASCICULO — 2.º ANNO

MUSEU ILLUSTRADO

ALBUM LITTERARIO

SOCIEDADE ATHENA

DIRECTOR GERAL
DAVID DE CASTRO

ADMINISTRADOR
A. BORGES

COLLABORADORES

ABEL ACACIO
ACACIO ANTUNES
ADELIO JAMES
A. FEIJÓ
ALBERTO PIMENTEL
ALBERTO TELLES
ALFREDO CAMPOS
ALFREDO SOARES FRANCO
AMELIA JANNY
A. M. SIMÕES DE CASTRO
ANGELINA VIDAL (R. A.)
ANONIO GUALBERT
ANTHERO DO QUENTAL
ANTONIO AUGUSTO M. FELIZ
ANTONIO PAPANÇA
ANTONIO PINTO DE SOUSA
ANTONIO XAVIER R. CORDEIRO
AUGUSTO GAMA
AUGUSTO LUSO
AURELIO BALTHAZAR
BITTENCOURT RODRIGUES
BRUNO
CARLOS BOAVENTURA
CHRISTOVÃO AYRES
CLORINDA DE MACEDO
COELHO DE CARVALHO
CUNHA VIANNA
EÇA DE QUEIROZ
EDUARDO VIDAL
ERNESTO CABRITA
FAUSTO DE AZEVEDO
F. GUIMARÃES FONSECA
FERNANDO CASTIÇO
FERNANDES COSTA
FERNANDO LEAL
FIALHO D'ALMEIDA
F. MARTINS SARMENTO
FRANCISCO D'ALMEIDA
FRANCISCO CARRELHAS
FRANCISCO DE MENEZES
GASPAR DE LEMOS
GASPAR PEÇANHA
GOMES LEAL
GONÇALVES CRESPO
GUILHERME DE AZEVEDO
JAYME SEGUIER
JAYME VICTOR
J. J. SILVA BASTOS
J. M. DE QUEIROZ VELLOZO
J. NAVARRO DE ANDRADE
JOÃO DE DEUS
JOÃO PENHA
JOAQUIM D'ARAUJO
JORGE SEIDE
JOSÉ SIMÕES DIAS
JULIO CESAR MACHADO
JULIO DE MATTOS
L. T. DE FREITAS COSTA
LEITE DE VASCONCELLOS
LUIZ DE MAGALHÃES
LUIZ DE MESQUITA
MAGALHÃES LIMA
MANUEL DUARTE D'ALMEIDA
MANUEL SARDENHA
MARCOS PRATA
MARIA A. VAZ DE CARVALHO
MARIANO PINA
MAXIMIANO LEMOS JUNIOR
NARCISO DE LACERDA
OLIVEIRA SIMÕES
OSCAR TIDAUD
PEDRO AMORIM VIANNA
PEDRO COVAS
PEDRO DE LIMA
PEREIRA CALDAS
PINHEIRO CHAGAS
REIS DAMAZO
RODRIGUES DE FREITAS
SANTOS VALENTE
SILVA PEREIRA
SIMÃO RODRIGUES FERREIRA
TEIXEIRA DE CARVALHO
TEIXEIRA BASTOS
THEOPHILO BRAGA
THOMAZ RIBEIRO
URBANO DE CASTRO
VICENTE NOVAES
VISCONDE DE BENALCANFÔR
XAVIER DE CARVALHO
XAVIER PINHEIRO

VOLUME SEGUNDO

PORTO
TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL
66 — RUA DA FABRICA — 66
1879

SUMMARIO

PARTE LITTERARIA

PARTE ARTISTICA

AOS NOSSOS DIGNOS ASSIGNANTES

Ha já anno e meio que dura esta nossa publicação, sem nunca deixar de ser regular o seu expediente; mas uma vez seria a primeira que nos vissemos involuntariamente obrigados a quebrar o nosso brio; e foi d'esta que assim aconteceu! Os muitos dias santos que houve este mez e as muitas festas de Santo Antonio, S. João, S. Pedro, etc., attrahiram á reinação os snrs. typographos impedindo-os voluntariamente do trabalho. Eis a causa d'esta pequena interrupção, que de certo se não tornará a dar, e que por isso os nossos dignos assignantes relevarão, segundo cremos.

ATTENÇÃO

Avisamos os nossos assignantes de Villa Real, Santa Marinha, Murça, Louzã, Baião, Marvão, Villa Meã, para que nos enviem o importe das suas assignaturas, segundo as condições expostas nos prospectos e em todas as capas dos fasciculos, para não soffrerem interrupção na remessa do jornal.

BRINDES Á REDACÇÃO

Recebemos as seguintes publicações que muito agradecemos:

Commercio Portuguez — Correspondencia de Portugal — Progresso — Partido do Povo — Aurora do Cavado — Estrella Povoense — O Imparcial — Correspondencia da Figueira — Tribuno Popular — A Voz Escholar — Penafidelense — Progresso Pombalense — A Voz do Progresso — Gazeta da Beira — O Bombeiro Portuguez — O Algarve — Portugal Pittoresco — Horticultura Pratica — O Instituto — Jornal das Damas — O Occidente — Diario do Minho — Gazeta do Norte — Academia — Aurora do Lima — A Emancipação — O Districto de Faro — Jornal de Vizeu. — Diario de Portugal. — Gazeta da noite — O Novo Academico.

REVISTA DE COIMBRA

Recebemos o 1.º numero d'esta nova e excellente publicação, de que é director o erudito snr. dr. Correia Barata, cujo summario é o seguinte:

Preambulo, Correia Barata — *A Surpreza* (conto), A. Vianna da Silva Carvalho — *Transfiguração* (poesia), C. de Carvalho — *O Funeral da Pomba* (poesia), Alberto Braga — *O Assassinato individual e o assassinato collectivo*, Carlos Lobo d'Avila — *No enterro d'uma freira*, José M. d'Alpoim — *Crystalisações* (poesia), Cesario Verde — *Bibliographia*.

Todos os artigos são importantes, o que desnecessario era dizer lendo a lista dos seus auctores. Reconhecidos agradecemos.

Esta *Revista* publica-se em séries. O pagamento da assignatura é feito no acto da entrega de cada numero, cuja quantia é de 100 reis.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção do mesmo jornal — Coimbra, rua do Sul — Ripas.

BIBLIOTHECA REPUBLICANA DEMOCRATICA

SOLUÇÕES POSITIVAS

DA

POLITICA PORTUGUEZA

POR

THEOPHILO BRAGA

Recebemos o X volume, que tracta da *Aspiração revolucionaria e sua disciplina em opinião democratica*, dividido em XV capitulos.

Emittiremos a nossa humilde opinião ácerca d'este trabalho na nossa Analyse critico-litteraria. Por em quanto limitamo-nos a agradecer a offerta.

O ONANISMO

SUAS CAUSAS, PERIGOS E INCONVENIENCIAS PARA O INDIVIDUO, PARA A FAMILIA E SOCIEDADE

REMEDIO

Traducção de Narciso Alberto de Sousa, bacharel formado em philosophia pela universidade de Coimbra, alumno de medicina na mesma universidade, socio fundador da Sociedade de Estudos Medicos, etc., e A. D. M. P. alumno de medicina na mesma universidade.

Este livro sahirá á luz publica por todo este mez de maio. Todas as requisições podem ser feitas para a redacção do *Partido do Povo*, a Narciso Alberto de Sousa, Coimbra.

Preços da assignatura, 400 reis. Avulso 500 reis, para ilhas e estrangeiro accresce o porte do correio.

BIBLIOTHECA MINERVA

LUIZ NOIR

AS MIL E UMA NOITES AFRICANAS

Recebemos a 2.ª e ultima parte do 3.° volume d'este interessante romance, para quem, cançado do estudo ou do trabalho material, queira gosar algumas horas deleitosas, entregando-se a uma leitura puramente distractiva.

Sentimos não possuir a 2.ª parte do 2.° volume, tendo recebido os outros cinco.

Pediamos o favor inteiro, podendo ser.

ERRATAS

Nos dois ultimos numeros sahiram algumas incorrecções importantes no artigo—*A Educação Moral*. O auctor não reviu as provas.

N.° 1—Pag. 17—linha 31—leia-se: *mas não é nosso intento aqui apreciar...*—Pag. 18—1.ª columna—linha 18—leia-se: *tem innegavelmente*— linhas 26 e 27—leia-se: *a mãe é essencialmente logica nos seus conselhos, insinuante nas suas reprehensões; procura convencer e dar a razão do que diz...*—2.ª columna—linha 6.ª—leia-se: *plantas cryptogamicas*—linha 32—leia-se: *funcções nervosas*—linha 51—leia-se: *simples e irreductivel*. Pag. 19—1.ª columna—linha 18—leia-se: *obrigam a obrar*—linha 38—leia-se: *circumstancias especiaes*—linha 47—*progressos scientificos*.

N.° 2—Pag. 41—1.ª columna—linha 4—leia-se: *Herbert*—2.ª columna—linhas 22 e 23—leia-se: *esta tendencia para preferir*—linha 31—leia-se: *e por ultimo á extincção completa*. Na nota 1.ª—leia-se: *Herbert Spencer*. Pag. 42—1.ª columna—linha 9.ª—leia-se: *anthropologica, nós*—linhas 9 e 10—leia-se: *explicação*—2.ª columna—linha 15—leia-se: *altruismo*—linha 24—leia-se: *altruismo*—linha 30—leia-se: *Herbert*—linha 38—leia-se: *altruismo*. Pag. 58—4.ª quadra verso 2.°. leia-se: *Sem nunca conhecer o que em redor nos vai?!* Pag. 69. lin. 11 deve ler-se: *Entoam-lhe a epopêa os terminos do Oceano*. Pag. 75. lin. 36 em vez de «plenamente alternista» leia-se *plenamente altruista*.

MUSEU ILLUSTRADO

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Por anno — Porto, Lisboa, Coimbra e Braga..	2$400
Para as outras terras do reino...............	2$520
Avulso — 1 numero	400

Não se tomam assignaturas senão por um anno.

Os snrs. assignantes do Porto, Lisboa, Coimbra, Braga, Vizeu, Lamego, Vianna e Penafiel, pagarão as suas assignaturas em duas prestações e só em face dos respectivos recibos, que lhes serão apresentados em seguida á entrega do 2.º e 7.º fasciculos.

Das outras terras do reino, os que se quizerem subscrever terão de enviar incluso o importe da assignatura inteira, em vale ou estampilhas, directamente á administração do **MUSEU ILLUSTRADO**.

Assigna-se no Porto, n'esta redacção e nas principaes livrarias; em Lisboa, nas dos snrs. Carrilho Videira e Joaquim José Bordalo; em Braga, na succursal da Casa Moré; em Lamego, na livraria do snr. Santarem e em Penafiel, na do snr. Luiz Antonio d'Almeida.

OBSERVAÇÕES

Toda a correspondencia relativa a este periodico deverá ser dirigida á administração geral do **MUSEU ILLUSTRADO**,

RUA DE S. BENTO DA VICTORIA N.º 20

PORTO

A quem obtiver 6 assignaturas realisaveis compete uma assignatura gratis.

No fim do anno os snrs. assignantes receberão um brinde offerecido pela redacção, o qual será enunciado na capa do 10.º fasciculo.

Artigos enviados a esta redacção por auctores que não sejam collaboradores, não se remettem, sejam ou não publicados.

O escriptor ou empreza que offerecer a esta redacção um exemplar de qualquer obra sua, ser-lhe-ha annunciada nas capas dos fasciculos immediatos á recepção.

N'esta redacção vende-se o primeiro volume d'esta publicação. — Broxado, para os assignantes do 2.º anno — 2$400 reis. — Avulso 2$600.

JULHO — QUINTO FASCICULO — 2.º ANNO

ALBUM LITTERARIO

SOCIEDADE ATHENA

DIRECTOR GERAL
DAVID DE CASTRO

ADMINISTRADOR
A. BORGES

COLLABORADORES

ABEL ACACIO
ACACIO ANTUNES
ADELIO JAMES
A. FEIJÓ
ALBERTO PIMENTEL
ALBERTO TELLES
ALFREDO CAMPOS
ALFREDO SOARES FRANCO
AMELIA JANNY
A. M. SIMÕES DE CASTRO
ANGELINA VIDAL (R. A.)
ANONIO GUALBERT
ANTHERO DO QUENTAL
ANTONIO AUGUSTO M. FELIZ
ANTONIO PAPANÇA
ANTONIO DE SOUSA PINTO
ANTONIO XAVIER R. CORDEIRO
ARNALDO BARBOSA
AUGUSTO GAMA
AUGUSTO LUSO
AURELIO BALTHAZAR
BITTENCOURT RODRIGUES
BRUNO
CARLOS BOAVENTURA
CHRISTOVÃO AYRES
CLORINDA DE MACEDO
COELHO DE CARVALHO
CUNHA VIANNA
EÇA DE QUEIROZ
EDUARDO VIDAL
ERNESTO CABRITA
FAUSTO DE AZEVEDO
F. GUIMARÃES FONSECA
FERNANDO CASTIÇO
FERNANDES COSTA
FERNANDO LEAL
FIALHO D'ALMEIDA
F. MARTINS SARMENTO
FRANCISCO D'ALMEIDA
FRANCISCO CARRELHAS
FRANCISCO DE MENEZES
GASPAR DE LEMOS
GASPAR PESSANHA
GOMES LEAL
GONÇALVES CRESPO
GUILHERME DE AZEVEDO
J. J. D'ALMEIDA
JAYME SEGUIER
JAYME VICTOR
J. J. SILVA BASTOS
J. M. DE QUEIROZ VELLOZO
JOÃO DE DEUS
JOÃO PENHA
JOAQUIM D'ARAUJO
JORGE SEIDE
JOSÉ SIMÕES DIAS
JULIO CESAR MACHADO
JULIO DE MATTOS
L. T. DE FREITAS COSTA
LEITE DE VASCONCELLOS
LUIZ DE MAGALHÃES
LUIZ DE MESQUITA
MAGALHÃES LIMA
MANUEL DUARTE D'ALMEIDA
MANUEL SARDENHA
MARCOS PRATA
MARIA A. VAZ DE CARVALHO
MARIANO PINA
MAXIMIANO LEMOS JUNIOR
NARCISO DE LACERDA
OLIVEIRA SIMÕES
OSCAR TIDAUD
PEDRO AMORIM VIANNA
PEDRO COVAS
PEDRO DE LIMA
PEREIRA CALDAS
PINHEIRO CHAGAS
REIS DAMAZO
RODRIGUES DE FREITAS
SANTOS VALENTE
SILVA PEREIRA
SIMÃO RODRIGUES FERREIRA
TEIXEIRA DE CARVALHO
TEIXEIRA BASTOS
THEOPHILO BRAGA
THOMAZ RIBEIRO
URBANO DE CASTRO
VICENTE NOVAES
VISCONDE DE BENALCANFÔR
XAVIER DE CARVALHO
XAVIER PINHEIRO

VOLUME SEGUNDO

PORTO
TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL
66 — RUA DA FABRICA — 66
1879

SUMMARIO

PARTE LITTERARIA

PARTE ARTISTICA

AOS NOSSOS DIGNOS COLLABORADORES

Cumpre-nos illucidar os nossos dignissimos collaboradores de que o motivo, porque alguns artigos seus não teem sido por emquanto publicados, é devido tão sómente, a terem de ser attendidos outros artigos, já de ha muito em nosso poder. Alguns d'aquelles ficaram compostos e por falta d'espaço tiveram de esperar para o seguinte numero, vendo-nos inclusivé obrigados a retirar o *romance historico de A. Moraes*, para não ser tão sensivel a falta involuntaria de que pedimos desculpa.

ATTENÇÃO

Pela terceira e ultima vez avisamos os nossos assignantes de Villa Real, Santa Marinha, Murça, Louzã, Baião, Marvão, Villa Meã, S. Miguel de Outeiro, para que nos enviem o importe das suas assignaturas, segundo as condições expostas nas capas de todos os fasciculos que teem, desde o começo, recebido.

Aos mesmos snrs., no mez passado, enviamos directamente cartas sobre o mesmo assumpto, mas até hoje ainda não houvemos resposta.

BRINDES Á REDACÇÃO

Recebemos as seguintes publicações que muito agradecemos:

Commercio Portuguez — Correspondencia de Portugal — Progresso — Partido do Povo — Aurora do Cavado — Estrella Povoense — O Imparcial — Correspondencia da Figueira — Triquno Popular — A Voz Escholar — Penafidelense — Progresso Pombalense — A Voz do Progresso — Gazeta da Beira — O Bombeiro Portuguez — O Algarve — Portugal Pittoresco — Horticultura Pratica — O Instituto — Jornal das Damas — O Occidente — Diario do Minho — Gazeta do Norte — Academia — Aurora do Lima — A Emancipação — O Districto de Faro — Jornal de Vizeu. — Diario de Portugal. — Gazeta da noite — O Novo Academico — Diario de Portugal — Commercio de Portugal.

A todos os collegas que fallaram do nosso Museu, com tão lisongeiras phrases, pinhoradissimos damos um cordeal aperto de mão.

Recebemos do nosso amigo collaborador, e mui distincto archeologo o ex.^mo snr. dr. Pereira Caldas, um folheto intitulado — *Monumentos epigraphicos de Roma, exalçadores da memoria do Papa S. Damazo, prodigio Vimaranense.*

E' um estudo curiosissimo, como todos a que se dedica este erudito cavalheiro e de que, por seu turno, nos occuparemos na nossa *Analyse critica-litteraria.*

O auctor apenas fez imprimir 150 exemplares para distribuir pela seguinte fórma:

100 para brindes no paiz; 50 para o estrangeiro e 100 para venda aos amadores, que não forem das suas relações litterarias. Aos escriptores que não trocam os seus escriptos com o auctor, a nenhum offerece, aos outros, a nenhum esqueceu.

Agradecemos tão precioso brinde.

REVISTA DE COIMBRA

Recebemos o 1.º numero d'esta nova e excellente publicação, de que é director o erudito snr. dr. Correia Barata, cujo summario é o seguinte:

Preambulo, Correia Barata — *A Surpreza* (conto), A. Vianna da Silva Carvalho — *Transfiguração* (poesia), C. de Carvalho — *O Funeral da Pomba* (poesia), Alberto Braga — *O Assassinato individual e o assassinato collectivo*, Carlos Lobo d'Avila — *No enterro d'uma freira*, José M. d'Alpoim — *Crystalisações* (poesia), Cesario Verde — *Bibliographia*.

Todos os artigos são importantes, o que desnecessario era dizer lendo a lista dos seus auctores. Reconhecidos agradecemos.

Esta *Revista* publica-se em séries. O pagamento da assignatura é feito no acto da entrega de cada numero, cuja quantia é de 100 reis.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção do mesmo jornal — Coimbra, rua do Sul — Ripas.

MUSEU ILLUSTRADO

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Por anno — Porto, Lisboa, Coimbra e Braga..	2$400
Para as outras terras do reino................	2$520
Avulso — 1 numero........................	400

Não se tomam assignaturas senão por um anno.

Os snrs. assignantes do Porto, Lisboa, Coimbra, Braga, Vizeu, Lamego, Vianna e Penafiel, pagarão as suas assignaturas em duas prestações e só em face dos respectivos recibos, que lhes serão apresentados em seguida á entrega do 2.º e 7.º fasciculos.

Das outras terras do reino, os que se quizerem subscrever terão de enviar incluso o importe da assignatura inteira, em vale ou estampilhas, directamente á administração do **MUSEU ILLUSTRADO.**

Assigna-se no Porto, n'esta redacção e nas principaes livrarias; em Lisboa, nas dos snrs. Carrilho Videira e Joaquim José Bordalo; em Braga, na succursal da Casa Moré; em Lamego, na livraria do snr. Santarem e em Penafiel, na do snr. Luiz Antonio d'Almeida.

OBSERVAÇÕES

Toda a correspondencia relativa a este periodico deverá ser dirigida á administração geral do **MUSEU ILLUSTRADO,**

RUA DE S. BENTO DA VICTORIA N.º 20

PORTO

A quem obtiver 6 assignaturas realisaveis compete uma assignatura gratis.

No fim do anno os snrs. assignantes receberão um brinde offerecido pela redacção, o qual será enunciado na capa do 10.º fasciculo.

Artigos enviados a esta redacção por auctores que não sejam collaboradores, não se remettem, sejam ou não publicados.

O escriptor ou empreza que offerecer a esta redacção um exemplar de qualquer obra sua, ser-lhe-ha annunciada nas capas dos fasciculos immediatos á recepção.

N'esta redacção vende-se o primeiro volume d'esta publicação. — Broxado, para os assignantes do 2.º anno — 2$400 reis. — Avulso 2$600.

AGOSTO SEXTO FASCICULO 2.º ANNO

MUSEU ILLUSTRADO

ALBUM LITTERARIO

SOCIEDADE ATHENA

DIRECTOR GERAL
DAVID DE CASTRO

ADMINISTRADOR
A. BORGES

COLLABORADORES

ABEL ACACIO
ACACIO ANTUNES
A. FEIJÓ
ALBERTO PIMENTEL
ALBERTO TELLES
ALFREDO CAMPOS
ALFREDO SOARES FRANCO
AMELIA JANNY
A. M. SIMÕES DE CASTRO
ANGELINA VIDAL (R. A.)
ANONIO GUALBERT
ANTHERO DO QUENTAL
ANTONIO AUGUSTO M. FELIZ
ANTONIO PAPANÇA
ANTONIO DE SOUSA PINTO
ANTONIO XAVIER R. CORDEIRO
ARNALDO BARBOSA
AUGUSTO GAMA
AUGUSTO LUSO
AURELIO BALTHAZAR
BITTENCOURT RODRIGUES
BRUNO
CARLOS BOAVENTURA
CHRISTOVÃO AYRES
CLORINDA DE MACEDO
COELHO DE CARVALHO
CUNHA VIANNA
EÇA DE QUEIROZ
EDUARDO VIDAL
ERNESTO CABRITA
FAUSTO DE AZEVEDO
F. GUIMARÃES FONSECA
FERNANDO CASTIÇO
FERNANDES COSTA
FERNANDO LEAL
FIALHO D'ALMEIDA
F. MARTINS SARMENTO
FRANCISCO D'ALMEIDA
FRANCISCO CARRELHAS
FRANCISCO DE MENEZES
GASPAR DE LEMOS
GASPAR PESSANHA
GOMES LEAL
GONÇALVES CRESPO
GUILHERME DE AZEVEDO
J. J. D'ALMEIDA
JAYME SEGUIER
JAYME VICTOR
J. J. SILVA BASTOS
J. M. DE QUEIROZ VELLOZO
JOÃO DE DEUS
JOÃO PENHA
JOAQUIM D'ARAUJO
JORGE SEIDE
JOSÉ B. D'ALMEIDA PESSANHA
JOSÉ SIMÕES DIAS
JULIO CESAR MACHADO
L. T. DE FREITAS COSTA
J. LEITE DE VASCONCELLOS
LUIZ DE MAGALHÃES
LUIZ DE MESQUITA
MAGALHÃES LIMA
MANUEL DUARTE D'ALMEIDA
MANUEL SARDENHA
MARCOS PRATA
MARIA A. VAZ DE CARVALHO
MARIANO PINA
MAXIMIANO LEMOS JUNIOR
NARCISO DE LACERDA
OLIVEIRA SIMÕES
OSCAR TIDAUD
PEDRO AMORIM VIANNA
PEDRO COVAS
PEDRO DE LIMA
PEREIRA CALDAS
PINHEIRO CHAGAS
REIS DAMAZO
RODRIGUES DE FREITAS
SANTOS VALENTE
SILVA PEREIRA
SIMÃO RODRIGUES FERREIRA
TEIXEIRA DE CARVALHO
TEIXEIRA BASTOS
THEOPHILO BRAGA
THOMAZ RIBEIRO
URBANO DE CASTRO
VICENTE NOVAES
VISCONDE DE BENALCANFÔR
XAVIER DE CARVALHO
XAVIER PINHEIRO

VOLUME SEGUNDO

PORTO
TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL
66 — RUA DA FABRICA — 66
1879

SUMMARIO

PARTE LITTERARIA

PARTE ARTISTICA

BRINDES Á REDACÇÃO

Recebemos as seguintes publicações que muito agradecemos:

Commercio Portuguez — Correspondencia de Portugal — Progresso — Partido do Povo — Aurora do Cavado — Estrella Povoense — O Imparcial — Correspondencia da Figueira — Tribuno Popular — A Voz Escholar — Penafidelense — Progresso Pombalense — A Voz do Progresso — Gazeta da Beira — O Bombeiro Portuguez — O Algarve — Portugal Pittoresco — Horticultura Pratica — O Instituto — Jornal das Damas — O Occidente — Diario do Minho — Gazeta do Norte — Academia — Aurora do Lima — A Emancipação — O Districto de Faro — — Jornal de Vizeu. — Diario de Portugal. — Gazeta da noite — O Novo Academico — Diario de Portugal — Commercio de Portugal.

A todos os collegas que fallaram do nosso Museu, com tão lisongeiras phrases, pinhoradissimos damos um cordeal aperto de mão.

REVISTA DE COIMBRA

Reconhecidos agradecemos o 2.º numero d'esta excellente publicação de que é director o erudito snr. dr. Correia Barata. Eis o summario:

Traços, por Julio Cesar Machado. *A Morte do ideal*, poesia, por A. Feijó. *Os Emolumentos*, conto, por A. Vianna da Silva Carvalho. *A Accusação da lua*, poesia, por L. de Magalhães. *A Ida para os touros*, (excerpto), por Carlos Lobo d'Avila. *Versos a uma defunta*, poesia, por C. de Carvalho. *Os Arvoredos*, poesia, por José M. d'Alpoim. *Bibliographia, O Sr. Camillo Castello Branco*, por C. L. d'Avila.

Esta *Revista* publica-se em séries. O pagamento da assignatura é feito no acto da entrega de cada numero, cuja quantia é de 100 reis.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção do mesmo jornal — Coimbra, rua do Sub-Ripas.

ALMANACH DAS SENHORAS

Agradecemos a recepção d'este interessante Almanach, que já entra no seu decimo anno, nunca desmerecendo de valor, antes melhorando progressivamente, para o que muito concorre o reconhecido talento de sua illustrada directora a snr.ª D. Guiomar Torresão.

E' collaborado por quasi todos os principaes escriptores do paiz, o que torna este livro, alem de interessante e recreativo, util e muito curioso.

PORTUGAL PITTORESCO

Recebemos o 6.° e 7.° numeros d'esta esplendida publicação mensal de Coimbra, que, como sempre, tanto na parte scientifica como na artistica vem cuidadosamente tractada.

O nosso amigo e illustradissimo collaborador o snr. Augusto Mendes Simões de Castro, sob quem está a direcção d'esta obra, é, além de competentissimo, incançavel na commemoração de nossos monumentos e sua historia.

Acompanha o 6.° fasciculo uma nitida gravura representando o interior da Bibliotheca da Universidade de Coimbra, edificio onde, entre nós, mais impera, com todo o seu esplendor, o gosto e a sumptuosa magnificencia da ornamentação. A' gravura segue-se um curioso artigo que revela mais uma vez o aturado estudo archeologico de seu auctor. Mais dois bellos artigos—*A epopea Babilonia* do snr. Theophilo Braga e *Inscripções lapidares* do snr. Pereira Caldas, completam este interessante numero. A' gravura do 7.° numero—Uma rua do Bussaco—segue-se um curioso artigo do snr. Simões de Castro—Os Cedros do Bussaco : Estudos sobre o districto de Coimbra, continuação por Adolpho Loureiro—Bussaco—por Borges de Figueiredo—Resumo bibliographico.

Agradecemos.

ORAÇÃO FUNEBRE

Devemos á obsequiosa delicadeza do excm.° snr. Miguel Osorio Cabral de Castro, a offerta d'este magnifico trabalho feito e recitado pelo insigne prégador o snr. Antonio Candido Ribeiro da Costa, por occasião das exequias mandadas celebrar pelos saudosos filhos da fallecida—a excm.ª snr.ª D. Maria da Conceição Pereira da Silva Forjaz e Menezes, na cathedral de Coimbra, no dia 27 de maio do corrente anno.

Agradecemos tão distincta fineza e da oração fallaremos, por seu turno, na nossa *Analyse critico-litteraria.*

SOMBRAS

Livro de poesias da distincta poetiza D. Clorinda de Macedo, com um preambulo de Gomes Leal.

Vende-se no Porto nas principaes livrarias e n'esta redacção—em Lisboa nas livrarias de Joaquim José Bordalo e Carrilho Videira, e nas livrarias em Braga, Coimbra, Penafiel, Cuba, Barcellos, Vianna.—Preço 600 reis.

JORNAL DAS DAMAS

(13.° ANNO DE PUBLICAÇÃO)

PROPRIETARIO E EDITOR—JOAQUIM JOSÉ BORDALO

Publicou-se o n.° 150 d'esta interessante revista de modas, a mais antiga que existe em Portugal, contendo a descripção das mais elegantes *toilettes* para passeio, visita, baile, theatro, noiva; para meninas, etc., etc., com o detalhe dos mais modernos chapeos, *paletots*, tunicas, *fichus*, e todas as indicações tendentes a modas; artigos de litteratura, poesias, etc. Acompanham cada numero d'este jornal dois bellos figurinos gravados e illuminados em Paris, e alternadamente uma folha de debuxos e moldes para cortar fato de senhora.

15 BRINDES, GRATIS, AOS ASSIGNANTES

A empresa offereceu este anno 15 brindes aos assignantes, sendo tres que se entregam gratis no acto da assignatura, e doze á sorte durante o anno, incluindo n'estes, cinco ricos livros de missa de capas de marfim, tartaruga, madre-perola, buffalo, chagrin e veludo, e um bonito album para retratos com differentes peças de musica, ficando a assignatura de graça para uns, e quasi de graça para outros.

Preço da assignatura: Lisboa, 1 anno 2$000 réis—6 mezes 1$200 réis—Provincias, 1 anno 2$400 réis—6 mezes 1$500 réis. Brazil e provincias ultramarinas 2$600 réis, moeda forte. Numero avulso, 240 reis. Todas as assignaturas são *pagas adeantado* e recebem-se em Lisboa na livraria do editor Joaquim José Bordalo, travessa da Victoria 42—1.°, no Porto, Coimbra, Braga e em Setubal nas principaes livrarias, e em S. Miguel na livraria de Marianno Machado (com o augmento de 25%, differença da moeda.) A importancia de qualquer assignatura póde ser enviada ao editor em estampilhas de franquia, ou em vales do seguro do correio.

LORD BYRON EM PORTUGAL

POR

ALBERTO TELLES

Para a edição d'este livro ser ao mesmo tempo elegante e economica, deu-se preferencia a um formato correspondente ao 18 francez, e mandou-se compôr em typo meúdo, egual ao do presente prospecto.

Este volume, que terá cerca de 200 paginas, divide-se naturalmente em tres partes, relativas ás impressões que o celebre poeta recebeu em Lisboa, Cintra e Mafra; contém o original e a traducção de todas as estancias da *Peregrinação de Childe Harold*, que dizem respeito a Portugal; mui curiosos documentos inéditos extrahidos do archivo nacional da Torre do Tombo; e notas explicativas do texto. Preço, 500 réis—Assigna-se n'esta redacção.

BIBLIOTHECA MINERVA

LUIZ NOIR

AS MIL E UMA NOITES AFRICANAS

Recebemos a 2.ª e ultima parte do 3.° volume d'este interessante romance, para quem, cançado do estudo ou do trabalho material, queira gosar algumas horas deleitosas, entregando-se a uma leitura puramente distractiva.

Sentimos não possuir o 2.° volume da 2.ª parte, tendo recebido os outros cinco.

Pediamos o favor inteiro, podendo ser.

ERRATAS AO N.° 5 E 6

N.° 6—**Consolação**—Esta poesia é do snr. Alfredo Campos e não de J. J. d'Almeida, como por engano escapou.

N.° 5—**Uma arrependida**, pag. 105. 1.ª col., lin. 22. onde se lê *indolente*—deve lêr-se: dolente. Pag. 106. 1.ª col. lin. 41. onde se lê: *debater*—deve lêr-se: esbater. Uma linha abaixo, onde se lê: *sibyllantes*—deve lêr-se: ullulantes. Pag. 106. 2.ª col., ultima lin., onde se lê: *estabelecia-se*—deve ler-se: establecia-a.

Aos Cometas. pag. 98. verso 46, onde se lê: *Requebrai-vos gentis em paixões lascivas*—deve lêr-se: Requebrae-vos gentis em posições lascivas.

Duas palavras de medicina. Summario—pag. 167. 1.ª col. lin. 2.ª, onde se lê—*o que é definição*—deve lêr-se—o que é—definição. Pag. 167. 1.ª col. lin. 41—*doutrinas* em vez de—doutrina. Pag. 167. 2.ª col. lin. 6.ª *reconhecimento* em vez de—conhecimento. Pag. 167, 2.ª col. lin. 36, *soffres-te?* em vez de—soffres? Pag. 167. 2.ª col. lin. 42—*ficava* em vez de—ficára.

MUSEU ILLUSTRADO

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Por anno—Porto, Lisboa, Coimbra e Braga..	2$400
Para as outras terras do reino..............	2$520
Avulso—1 numero.........................	400

Não se tomam assignaturas senão por um anno.

Os snrs. assignantes do Porto, Lisboa, Coimbra, Braga, Vizeu, Lamego, Vianna e Penafiel, pagarão as suas assignaturas em duas prestações e só em face dos respectivos recibos, que lhes serão apresentados em seguida á entrega do 2.º e 7.º fasciculos.

Das outras terras do reino, os que se quizerem subscrever terão de enviar incluso o importe da assignatura inteira, em vale ou estampilhas, directamente á administração do **MUSEU ILLUSTRADO.**

Assigna-se no Porto, n'esta redacção e nas principaes livrarias; em Lisboa, nas dos snrs. Carrilho Videira e Joaquim José Bordalo; em Braga, na succursal da Casa Moré; em Lamego, na livraria do snr. Santarem e em Penafiel, na do snr. Luiz Antonio d'Almeida.

OBSERVAÇÕES

Toda a correspondencia relativa a este periodico deverá ser dirigida á administração geral do **MUSEU ILLUSTRADO,**

RUA DE S. BENTO DA VICTORIA N.º 20

PORTO

A quem obtiver 6 assignaturas realisaveis compete uma assignatura gratis.

No fim do anno os snrs. assignantes receberão um brinde offerecido pela redacção, o qual será enunciado na capa do 10.º fasciculo.

Artigos enviados a esta redacção por auctores que não sejam collaboradores, não se remettem, sejam ou não publicados.

O escriptor ou empreza que offerecer a esta redacção um exemplar de qualquer obra sua, ser-lhe-ha annunciada nas capas dos fasciculos immediatos á recepção.

N'esta redacção vende-se o primeiro volume d'esta publicação.—Broxado, para os assignantes do 2.º anno—2$400 reis.—Avulso 2$600, (acresce o porte).

Tambem se vendem avulso as gravuras da estatua de D. José 1.º. Preço 200 rs. (acresce o porte).

Ca. Snr. A. Moreira Pinto... e Castro

SETEMBRO SETIMO FASCICULO 2.º ANNO

MUSEU ILLUSTRADO

ALBUM LITTERARIO

SOCIEDADE ATHENA

DIRECTOR GERAL
DAVID DE CASTRO

ADMINISTRADOR
A. BORGES

COLLABORADORES

ABEL ACACIO
ACACIO ANTUNES
A. FEIJÓ
ALBERTO PIMENTEL
ALBERTO TELLES
ALFREDO CAMPOS
ALFREDO SOARES FRANCO
AMELIA JANNY
A. M. SIMÕES DE CASTRO
ANGELINA VIDAL (R. A.)
ANONIO GUALBERTO
ANTHERO DO QUENTAL
ANTONIO AUGUSTO M. FELIZ
ANTONIO PAPANÇA
ANTONIO DE SOUSA PINTO
ANTONIO XAVIER R. CORDEIRO
ARNALDO BARBOSA
AUGUSTO GAMA
AUGUSTO LUSO
AURELIO BALTHAZAR
BITTENCOURT RODRIGUES
BRUNO
CARLOS BOAVENTURA
CHRISTOVÃO AYRES
CLORINDA DE MACEDO
COELHO DE CARVALHO
CUNHA VIANNA
EÇA DE QUEIROZ
EDUARDO VIDAL
ERNESTO CABRITA
FAUSTO DE AZEVEDO
F. GUIMARÃES FONSECA
FERNANDO CASTIÇO
FERNANDES COSTA
FERNANDO LEAL
FIALHO D'ALMEIDA
F. MARTINS SARMENTO
FRANCISCO D'ALMEIDA
FRANCISCO CARRELHAS
FRANCISCO DE MENEZES
GASPAR DE LEMOS
GASPAR PESSANHA
GOMES LEAL
GONÇALVES CRESPO
GUILHERME DE AZEVEDO
J. J. D'ALMEIDA
JAYME SEGUIER
JAYME VICTOR
J. J. SILVA BASTOS
J. M. DE QUEIROZ VELLOZO
JOÃO DE DEUS
JOÃO PENHA
JOAQUIM D'ARAUJO
JORGE SEIDE
JOSÉ B. D'ALMEIDA PESSANHA
JOSÉ SIMÕES DIAS
JULIO CESAR MACHADO
L. T. DE FREITAS COSTA
J. LEITE DE VASCONCELLOS
LUIZ DE MAGALHÃES
LUIZ DE MESQUITA
MAGALHÃES LIMA
MANUEL DUARTE D'ALMEIDA
MANOEL SARDENHA
MARCOS PRATA
MARIA A. VAZ DE CARVALHO
MARIANO PINA
MAXIMIANO LEMOS JUNIOR
NARCISO DE LACERDA
OLIVEIRA SIMÕES
OSAR TIDAUD
PEDRO AMORIM VIANNA
PEDRO COVAS
PEDRO DE LIMA
PEREIRA CALDAS
PINHEIRO CHAGAS
REIS DAMAZO
RODRIGUES DE FREITAS
SANTOS VALENTE
SILVA PEREIRA
SIMÃO RODRIGUES FERREIRA
TEIXEIRA DE CARVALHO
TEIXEIRA BASTOS
THEOPHILO BRAGA
THOMAZ RIBEIRO
URBANO DE CASTRO
VICENTE NOVAES
VISCONDE DE BENALCANFÔR
XAVIER DE CARVALHO
XAVIER PINHEIRO

VOLUME SEGUNDO

PORTO
TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL
66 — RUA DA FABRICA — 66

1879

SUMMARIO

PARTE LITTERARIA

PARTE ARTISTICA

CANCIONEIRO PORTUGUEZ

Recebemos o 1.º fasciculo d'esta publicação mensal, dirigida pelos snrs. J. Leite de Vasconcellos e Ernesto Pires, mancebos já bastante conhecidos na republica das lettras.

É este um album, quanto a nós, digno de attenção e do auxilio do publico, embora nos não possa desvanecer a saudade pela *Grinalda*, de Nogueira Lima, esse magnifico archivo poetico, base da eschola hugolina.

O *Cancioneiro Portuguez* é um jornal mensal, que se compõe de 32 paginas (8.º grande) nitidamente impresso, onde se encontram não só poesias de alguns poetas de reconhecida reputação, mas tambem de outros que, pelo seu estudo e genio, breve attingirão á mesma gloria.

Este fasciculo encerra, além do prologo, vinte e cinco escolhidas poesias, d'entre as quaes, sem o intuito de desmerecer alguma, mais nos impressionaram as seguintes:

Poesia posthuma, do nosso insigne e sempre lembrado poeta, Guilherme Braga.

É um dos seus primeiros *bouquets*, cujo perfume suave, doce e pathetico, que d'elle desliza, eleva os corações e descobre-lhes a breve apparição do genio que, banhado todo em luz, subiu coroado, ao sublime throno da immortalidade.

Poesia inedita, de D. Maria do Patrocinio, poetisa portuense a quem não podemos deixar de tributar uma saudade pelo que se distinguiu nas suas varias producções lyricas e pelo muito que ainda respeitamos sua irmã, muito conhecida auctora de varios romances, folhetins e poesias, ainda que ha muito se ausentou do gremio litterario;

A Jesus cruxificado, soneto, de Fr. Pedro do Cenaculo (?), primoroso e original não só na idéa como no desenvolvimento d'ella.

A uns annos, de José Pinto de Mesquita Pimentel e Vasconcellos, soneto tambem de muito mimo, posto que mais vulgar.

A dôr, de Maximiano Lemos Junior, poesia que, pelo pensamento de comparação e excellente primor, se torna a nosso ver um dos principaes trabalhos poeticos d'este novel, mas já muito distincto poeta.

Dilemma, de D. Angelina Vidal, o vigor da phrase e coherencia com o inabalavel pensar da auctora, tornam esta producção, assim como muitas outras d'esta distincta poetisa de combate, dignas de menção.

Aguarellas da rua, de Gaspar de Lemos, conto infantil, natural, singello, cujo assumpto é desenvolvido sem custo no limitado espaço de doze versos rimados, fechando com muita felicidade.

Mulher, de Henrique Marinho; *Tantalo*, de Teixeira Bastos; *Sem Titulo*, de José de Napoles; e *Paradisus Voluptatis*, de J. Leite de Vasconcellos, são outras tantas producções de muito appreço e que sobre a correpção artistica resalta o aturado estudo de seus auctores.

É portanto, muito louvavel o fim a que esta publicação se dirige, porque exhibindo varios exemplares de mestres para guia e nórma dos noveis cultores da arte, desperta o gosto pela poesia e franquia amplamente as suas paginas, á mocidade que, desabrochando tão cheia de vida e de esperanças, tantas vezes se mirra pela escacez de meios e incentivos.

Agradecemos a offerta e damos os nossos sinceros parabens aos emprehendedores de tão espinhosa tarefa, desejando-lhes um futuro correspondente ao seu empenho.

ALMANACH DO POVO

Por uma falta, embora imperdoavel, mas não intencional, deixamos de accusar este annuario que ha muito nos foi enviado, do que pedimos desculpa aos seus auctor e editor.

Confiados de que a obteremos, attendendo a que todos nós estamos subjeitos a um esquecimento; e principalmente eu que, á parte a modestia, levo a palma a qualquer, sob este ponto de vista.

É este Almanach collaborado por 74 escriptores, entre os quaes se encontram muitos dos principaes do paiz.

Os artigos, por tanto, quer em prosa ou verso, lêem-se aprazivelmente e sem intorrupção, porque alem da variedade de assumptos, são todos muito curiosos.

Pode chamar-se-lhe um Album que, pelo modico preço de 200 reis, se obtem para passar uma meia hora de instructiva e deleitosa leitura.

Aagradecemos.

A RENASCENÇA

Chegaram-nos á ultima hora os fasciculos 5.º, 6.º e 7.º d'esta bella publicação litteraria, e como por falta d'espaço e tempo não podemos hoje dar uma completa noticia dos muitos e bons artigos que encerram as suas columnas, limitamo-nos a mencionar as gravuras de que se compõem.

São estas os retratos dos snrs. Custodio José Duarte, Theophilo Braga e Eça de Queiroz, e mais duas estampas representando as Ruinas do Templo Romano de Evora.

Agradecemos ao nosso amigo e collega.

COLLECÇÃO DE ROMANCES ORIGINAES

POR

ANTONIO DE LACERDA BULHÃO

SEGUNDO OFFICIAL DO GOVERNO CIVIL DA HORTA

Agradecemos a recepção dos tres volumes d'esta obra, contendo dezeseis romances originaes e o retrato do auctor.

A acção d'estes romances passa-se nas Ilhas do Districto da Horta e são elles de bastante interesse e utilidade para quem, fatigado dos trabalhos materiaes da vida, queira, nas horas do descanço, na paz domestica, á noite, com sua familia, á volta d'uma jardineira gozar algumas horas agradaveis, sem receio de que todos participem de egual goso, porque offerecem uma leitura, alem de interessante, amena e moral.

São pois, como já dissemos, 3 volumes em 8.º contendo todos 750 paginas, cujo preço é de 1$000 reis.

Na Livraria Hortense, de Sergio de Sousa, Fayal, faz-se troca d'esta obra por qualquer outra de egual preço.

DICCIONARIO

HESPANHOL-PORTUGUEZ E PORTUGUEZ-HESPANHOL

Temos em nosso poder a 1.ª e 2.ª cadernetas d'esta importante obra que a *Empresa Editora d'Obras Classicas e Illustradas* nos offerece, e que de tanta utilidade é para quem deseja e necessita conhecer as duas linguas nascidas da mesma Mãe — o Latim.

Á Hespanha e Portugal, nações tão visinhas e que hoje mais que nunca manteem e conservam laços communs, era indispensavel um diccionario, pelo qual se podessem melhor entender e conhecer, a fim de avaliarem entre si os seus thesouros litterarios e scientificos, cujos resultados só podem ser uteis e affeiçoados aos dois povos.

Agradecemos tão precioso brinde.

O MELRO

Pousou-nos sobre a nossa banca, inesperadamente, este formoso e canoro passarinho de bico amarello, chilreando-nos em verso e em prosa bonitos fragmentos. Disse-nos ter sido educado pelo snr. José Augusto Corrêa Guimarães e por elle enviado a visitar-nos. Recebemol-o com toda a attenção e carinhos; ouvimol-o com toda a anciedade. Elle então deu um pullinho para mais perto de nós, fez-nos a sua apresentação em nome de Octavio Mendes: cantou-nos, para variar, uma poesia — *A uma secular*, de Abilio Maia: e sem descançar, declamou-nos e recitou-nos o seguinte: *Exauthorações*, de A. J. Alves: *E esta?*, de Julio Moutinho: *Gargantua*, de Xavier Pinheiro: *Saudação*, de A. M.: *Revista a vapor*, de Plinio: *Edylio triste*, de Xavier de Carvalho: *Conclusão scientifica*, de D. Angelina Vidal; *Realité*, de A. N. Rafael Dorf: *Charlatães*, de J. Leite de Vasconcellos: *O Cancioneiro alegre*, por Xavier Pinheiro: *Elle*, de Eduardo Veras: *A Liberdade do escravo*, de Nuno Rangel: *Imagens*, de Catão Simões: e, finalmente duas piadas de theatro, *e... bateu as azas e voou*, promettendo voltar d'aqui a um mez...

Gostamos muito de o vêr e ouvir e damos os nossos sinceros parabens aos seus donos e preceptores, pedindo-lhes que lhe façam cumprir a promessa, porque o promettido é devido.

ALMANACH DA PRAIA DA FIGUEIRA

Este magnifico annuario, que já vai no 2.º anno de publicação, vem illustrado com tres magnificas gravuras e o retrato de Manoel Fernandes Thomaz:

A 1.ª representa o Forte de Santa Catharina e praia de Banhos — a 2.ª A Praça do Commercio na Villa da Figueira — e a 3.ª A fachada e lado esquerdo do Theatro do Principe D. Carlos, na Figueira da Foz. Todas estas estão nitidamente gravadas e sobretudo o excellente retrato do inaugurador da Sociedade de Synedrio — o distincto estadista liberal Fernandes Thomaz.

Segue-se a sua biographia, por A. de Amorim Pessoa, concisa e verdadeira; e mais 107 artigos, tanto em prosa como em verso, terminando pela *Guia do Banhista* e uma secção de annuncios.

É pois, a nosso vêr, o mais curioso almanach do paiz, ou pelo menos um dos principaes. A collaboração é explendida.

Penhorados agradecemos ao nosso digno collega o snr: A. de Amorim Pessoa.

LO GAY SABER

Hemos recibido los n.ºs XVI, XVII y XVIII de este *Periodich litterari*, echo por escriptores catalans, malorquins y valencianos, y que cuenta yá dos años de publicidad en Barcelona.

E's esta, sien embargo una publicacion, cuya lectura de tan buenos articulos en prosa y verso, nosotros no dudamos de que agradará á los que desean instruir-se y conocer la litteratura catalana.

Quieran sus autores aceptar nuestras felicitaciones.

LA RENAIXENSA

Tenemos tambien el honor de acusar el ricibo del n.º 5, tom. II de estotra *Revista Catalana*, destinada á la propaganda y culto de su litteratura.

Luxuosa edicion que contiene articulos de los más reputados escriptores de Catalunya, Valencia, y Malorca.

El todo formará una escogidissima colecion, al titulo de *Bibliotheca de La Renaixensa*.

Reciban sus auctores la expresion de nuestra más alta consideracion.

Por falta de espaço tivemos de retirar os annuncios, do que pedimos desculpa aos interessados.

MUSEU ILLUSTRADO

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Por anno—Porto, Lisboa, Coimbra e Braga..	2$400
Para as outras terras do reino...............	2$520
Avulso—1 numero	400

Não se tomam assignaturas senão por um anno.

Os snrs. assignantes do Porto, Lisboa, Coimbra, Braga, Vizeu, Lamego, Vianna e Penafiel, pagarão as suas assignaturas em duas prestações e só em face dos respectivos recibos, que lhes serão apresentados em seguida á entrega do 2.° e 7.° fasciculos.

Das outras terras do reino, os que se quizerem subscrever terão de enviar incluso o importe da assignatura inteira, em vale ou estampilhas, directamente á administração do **MUSEU ILLUSTRADO.**

Assigna-se no Porto, n'esta redacção e nas principaes livrarias; em Lisboa, nas dos snrs. Carrilho Videira e Joaquim José Bordalo; em Braga, na succursal da Casa Moré; em Lamego, na livraria do snr. Santarem e em Penafiel, na do snr. Luiz Antonio d'Almeida.

OBSERVAÇÕES

Toda a correspondencia relativa a este periodico deverá ser dirigida á administração geral do **MUSEU ILLUSTRADO,**

RUA DE S. BENTO DA VICTORIA N.° 20

PORTO

A quem obtiver 6 assignaturas realisaveis compete uma assignatura gratis.

No fim do anno os snrs. assignantes receberão um brinde offerecido pela redacção, o qual será enunciado na capa do 10.° fasciculo.

Artigos enviados a esta redacção por auctores que não sejam collaboradores, não se remettem, sejam ou não publicados.

O escriptor ou empreza que offerecer a esta redacção um exemplar de qualquer obra sua, ser-lhe-ha annunciada nas capas dos fasciculos immediatos á recepção.

N'esta redacção vende-se o primeiro volume d'esta publicação.—Broxado, para os assignantes do 2.° anno—2$400 reis.—Avulso 2$600, (acresce o porte).

Tambem se vendem avulso as gravuras da estatua de D. José 1.°. Preço 200 rs. (acresce o porte).

OUTUBRO — OITAVO FASCICULO — 2.º ANNO

MUSEU ILLUSTRADO

ALBUM LITTERARIO

SOCIEDADE ATHENA

DIRECTOR GERAL
DAVID DE CASTRO

ADMINISTRADOR
A. BORGES

COLLABORADORES

ABEL ACACIO
ACACIO ANTUNES
A. FEIJÓ
ALBERTO PIMENTEL
ALBERTO TELLES
ALFREDO CAMPOS
ALFREDO SOARES FRANCO
AMELIA JANNY
A. M. SIMÕES DE CASTRO
ANGELINA VIDAL (B. A.)
ANONIO GUALBERT
ANTHERO DO QUENTAL
ANTONIO AUGUSTO M. FELIZ
ANTONIO PAPANÇA
ANTONIO DE SOUSA PINTO
ANTONIO XAVIER R. CORDEIRO
ARNALDO BARBOSA
AUGUSTO GAMA
AUGUSTO LUSO
AURELIO BALTHAZAR
BITTENCOURT RODRIGUES
BRUNO
CARLOS BOAVENTURA
CHRISTOVÃO AYRES
CLORINDA DE MACEDO
COELHO DE CARVALHO
CUNHA VIANNA
EÇA DE QUEIROZ
EDUARDO VIDAL
ERNESTO CABRITA
FAUSTO DE AZEVEDO
F. GUIMARÃES FONSECA
FERNANDO CASTIÇO
FERNANDES COSTA
FERNANDO LEAL
FIALHO D'ALMEIDA
F. MARTINS SARMENTO
FRANCISCO D'ALMEIDA
FRANCISCO CARRELHAS
FRANCISCO DE MENEZES
GASPAR DE LEMOS
GASPAR PESSANHA
GOMES LEAL
GONÇALVES CRESPO
GUILHERME DE AZEVEDO
J. J. D'ALMEIDA
JAYME SEGUIER
JAYME VICTOR
J. J. SILVA BASTOS
J. M. DE QUEIROZ VELLOZO
JOÃO DE DEUS
JOÃO PENHA
JOAQUIM D'ARAUJO
JORGE SEIDE
JOSÉ B. D'ALMEIDA PESSANHA
JOSÉ SIMÕES DIAS
JULIO CESAR MACHADO
L. T. DE FREITAS COSTA
J. LEITE DE VASCONCELLOS
LUIZ DE MAGALHÃES
LUIZ DE MESQUITA
MAGALHÃES LIMA
MANOEL DUARTE D'ALMEIDA
MANOEL SARDENHA
MARCOS PRATA
MARIA A. VAZ DE CARVALHO
MARIANNO PINA
MAXIMIANO LEMOS JUNIOR
NARCISO DE LACERDA
OLIVEIRA SIMÕES
OSCAR TIDAUD
PEDRO AMORIM VIANNA
PEDRO COVAS
PEDRO DE LIMA
PEREIRA CALDAS
PINHEIRO CHAGAS
REIS DAMAZO
RODRIGUES DE FREITAS
SANTOS VALENTE
SILVA PEREIRA
SIMÃO RODRIGUES FERREIRA
TEIXEIRA DE CARVALHO
TEIXEIRA BASTOS
THEOPHILO BRAGA
THOMAZ RIBEIRO
URBANO DE CASTRO
VICENTE NOVAES
VISCONDE DE BENALCANFÔR
XAVIER DE CARVALHO
XAVIER PINHEIRO

VOLUME SEGUNDO

PORTO
TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL
66 — RUA DA FABRICA — 66
1879

SUMMARIO

PARTE LITTERARIA

PARTE ARTISTICA

BRINDES Á REDACÇÃO

Recebemos as seguintes publicações que muito agradecemos:

Commercio Portuguez — Correspondencia de Portugal — Progresso—Partido do Povo—Aurora do Cavado—Estrella Povoense—O Imparcial—Correspondencia da Figueira—Tribuno Popular—A Voz Escholar—Penafidelense—Progresso Pombalense—A Voz do Progresso—Gazeta da Beira—O Bombeiro Portuguez—O Algarve—Portugal Pittoresco—Horticultura Pratica—O Instituto—Jornal das Damas—O Occidente—Diario do Minho — Gazeta do Norte — Academia — Aurora do Lima—A Emancipação—O Districto de Faro—Jornal de Vizeu—Diario de Portugal—Gazeta da noite—Commercio de Portugal—Boletim do Cancioneiro Portuguez—O Districto d'Aveiro.

A todos os collegas que fallaram do nosso Museu, com tão lisongeiras phrases, penhoradissimos damos um cordeal aperto de mão.

LORD BYRON EM PORTUGAL

Recebemos esta nova, curiosa e excellente publicação, de que fallaremos a seu turno na nossa *Analyse*. Muito agradecemos ao auctor — o snr. Alberto Telles, nosso distincto collaborador e amigo—tão precioso brinde.

Este volume custa a modica quantia de 500 reis e vende-se nas principaes livrarias.

JORNAL DAS DAMAS

Publicou-se o n.º 154, pertencente ao mez de outubro, contendo figurinos illuminados das ultimas modas de Pariz para senhoras e meninas, e alternadamente debuxos para bordar e moldes para cortar fato, descripção de differentes toilettes de vestidos, chapeus, penteados, etc. Quem assignar pelo presente semestre — julho a dezembro—paga unicamente 1$500 réis, e recebe *gratis* todos os numeros publicados desde janeiro a junho.

Recebem-se assignaturas em Lisboa na livraria do editor Joaquim José Bordalo, travessa da Victoria, 42, 1.º andar, e no Porto, Coimbra, ilha de S. Miguel, Braga, Beja, etc. nas principaes livrarias.

As pessoas das provincias pódem remetter esta importancia em estampilhas ou valles do correio ao editor.

ACABA DE SAHIR Á LUZ O

ALMANACH
DA
PRAIA DA FIGUEIRA

PARA 1879-1880

GUIA DO BANHISTA

ILLUSTRADO COM O RETRATO DO GRANDE CIDADÃO

MANOEL FERNANDES THOMAZ

E COM TRES MAGNIFICAS GRAVURAS REPRESENTANDO UMA DAS PRAÇAS DA VILLA, O THEATRO PRINCIPE D. CARLOS E A PRAIA DE BANHOS

(SEGUNDO ANNO)

Um grosso volume de mais de 400 paginas, collaborado pelos principaes escriptores portuguezes e contendo indicações de muita utilidade com relação ao uso dos

BANHOS DE MAR

Preço .... **240 réis**

Á venda nas principaes livrarias.

Remette-se pelo correio franco de porte a quem enviar 240 réis em estampilhas, a A. de Amorim Pessoa, travessa de S. Julião, Figueira da Foz.

SOMBRAS

Livro de poesias da distincta poetiza D. Clorinda de Macedo, com um preambulo de Gomes Leal.

Vende-se no Porto nas principaes livrarias e n'esta redacção—em Lisboa nas livrarias de Joaquim José Bordalo e Carrilho Videira, e nas livrarias de Braga, Coimbra, Penafiel, Cuba, Barcellos, Vianna.—Preço 600 reis.

A AURORA

Temos presente o 2.º n.º d'esta *Revista de litteratura*, dedicado á mocidade estudiosa, e que é dirigida pelo snr. A. C. Mimoso Ruiz, e Luiz da Silva e collaborado por varios escriptores entre os quaes figuram os nomes de D. Amelia Janny, Eduardo Vidal, Gervasio Lobato, Jayme Victor e Pinheiro Chagas.

A elevada intenção dos seus emprehendedores é facilitar a muitos ignotos e timidos talentos os meios da publicação franca e assim incital-os ao estudo, darlhe azas para mais rapidamente entrarem no movimento litterario.

PROGRESSO DO ESPIRITO HUMANO

Egualmente recebemos do seu auctor, e nosso amigo Teixeira Bastos a publicação da conferencia realisada em Thomar a 26 de agosto de 1877. Agradecemos e na nossa Analyse critico-litteraria diremos o que entendermos.

O PARTIDO DO POVO

Este magnifico periodico, orgão do partido republicano, que se publicava tri-semanalmente em Coimbra, vai brevemente sahir a lume na Capital e diariamente, sob a direcção do nosso Collega Moura B. Feio Terenas.

A redacção é na rua das Barrocas, n.º 107, 1.º andar—Lisboa.

COLLECÇÃO DE ROMANCES ORIGINAES

POR

ANTONIO DE LACERDA BULHÃO

SEGUNDO OFFICIAL DO GOVERNO CIVIL DA HORTA

Esta magnifica obra, contém dezeseis romances originaes e vem acompanhada com o retrato do auctor.

A acção d'estes romances passa-se nas ilhas do districto da Horta, e são elles de bastante interesse e utilidade para quem, fatigado dos trabalhos materiaes da vida, queira, nas horas do descanço, na paz domestica, á noite, com sua familia, á volta d'uma jardineira gozar algumas horas agradaveis, sem receio de que todos participem de egual goso, porque offerecem uma leitura, além de interessante, amena e moral.

São, pois, como já dissemos, 3 volumes em 8.º contendo todos 750 paginas, cujo preço é de 1$000 reis.

Na Livraria Hortense, de Sergio de Sousa, Fayal. Faz-se troca d'esta obra por qualquer outra de egual preço.

ERRATAS AO N.º 7

Elmano — soneto, pag. 145, primeiro verso do primeiro terceto, leia-se:

Camões foi grande no soffrer e amar!

Das Feiticeiras de Machbeth, pag. 153, verso 23, leia-se: *Todas as partes marcadas.*

MUSEU ILLUSTRADO

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Por anno—Porto, Lisboa, Coimbra e Braga..	2$400
Para as outras terras do reino................	2$520
Avulso—1 numero..........................	400

Não se tomam assignaturas senão por um anno.

Os snrs. assignantes do Porto, Lisboa, Coimbra, Braga, Vizeu, Lamego, Vianna e Penafiel, pagarão as suas assignaturas em duas prestações e só em face dos respectivos recibos, que lhes serão apresentados em seguida á entrega do 2.º e 7.º fasciculos.

Das outras terras do reino, os que se quizerem subscrever terão de enviar incluso o importe da assignatura inteira, em vale ou estampilhas, directamente á administração do **MUSEU ILLUSTRADO.**

Assigna-se no Porto, n'esta redacção e nas principaes livrarias; em Lisboa, nas dos snrs. Carrilho Videira e Joaquim José Bordalo; em Braga, na succursal da Casa Moré; em Lamego, na livraria do snr. Santarem e em Penafiel, na do snr. Luiz Antonio d'Almeida.

OBSERVAÇÕES

Toda a correspondencia relativa a este periodico deverá ser dirigida á administração geral do **MUSEU ILLUSTRADO,**

RUA DE S. BENTO DA VICTORIA N.º 20

PORTO

A quem obtiver 6 assignaturas realisaveis compete uma assignatura gratis.

No fim do anno os snrs. assignantes receberão um brinde offerecido pela redacção, o qual será annunciado na capa do 10.º fasciculo.

Artigos enviados a esta redacção por auctores que não sejam collaboradores, não se remettem, sejam ou não publicados.

O escriptor ou empreza que offerecer a esta redacção um exemplar de qualquer obra sua, ser-lhe-ha annunciada nas capas dos fasciculos immediatos á recepção.

N'esta redacção vende-se o primeiro volume d'esta publicação.—Broxado, para os assignantes do 2.º anno—2$400 reis.—Avulso 2$600, (acresce o porte).

Tambem se vendem avulso as gravuras da estatua de D. José 1.º. Preço 200 rs. (acresce o porte).

NOVEMBRO NONO FASCICULO 2.º ANNO

MUSEU ILLUSTRADO

ALBUM LITTERARIO

SOCIEDADE ATHENA

DIRECTOR GERAL
DAVID DE CASTRO

ADMINISTRADOR
A. BORGES

COLLABORADORES

ABEL ACACIO
ACACIO ANTUNES
A. FEIJÓ
ALBERTO PIMENTEL
ALBERTO TELLES
ALFREDO CAMPOS
ALFREDO SOARES FRANCO
AMELIA JANNY
A. M. SIMÕES DE CASTRO
ANGELINA VIDAL (R. A.)
ANTONIO GUALBERTO
ANTHERO DO QUENTAL
ANTONIO AUGUSTO M. FELIZ
ANTONIO PAPANÇA
ANTONIO DE SOUSA PINTO
ANTONIO XAVIER R. CORDEIRO
ARNALDO BARBOSA
AUGUSTO GAMA
AUGUSTO LUSO
AURELIO BALTHAZAR
BITTENCOURT RODRIGUES
BRUNO
CARLOS BOAVENTURA
CHRISTOVÃO AYRES
CLORINDA DE MACEDO
COELHO DE CARVALHO
CUNHA VIANNA
EÇA DE QUEIROZ
EDUARDO VIDAL
ERNESTO CABRITA
FAUSTO DE AZEVEDO
F. GUIMARÃES FONSECA
FERNANDO CASTIÇO
FERNANDES COSTA
FERNANDO LEAL
FIALHO D'ALMEIDA
F. MARTINS SARMENTO
FRANCISCO D'ALMEIDA
FRANCISCO CARRELHAS
FRANCISCO DE MENEZES
GASPAR DE LEMOS
GASPAR PESSANHA
GOMES LEAL
GONÇALVES CRESPO
GUILHERME DE AZEVEDO
J. J. D'ALMEIDA
JAYME SEGUIER
JAYME VICTOR
J. J. SILVA BASTOS
J. M. DE QUEIROZ VELLOZO
JOÃO DE DEUS
JOÃO PENHA
JOAQUIM D'ARAUJO
JÒRGE SEIDE
JOSÉ B. D'ALMEIDA PESSANHA
JOSÉ SIMÕES DIAS
JULIO CESAR MACHADO
L. T. DE FREITAS COSTA
J. LEITE DE VASCONCELLOS
LUIZ DE MAGALHÃES
LUIZ DE MESQUITA
MAGALHÃES LIMA
MANOEL DUARTE D'ALMEIDA
MANOEL SARDENHA
MARCOS PRATA
MARIA A. VAZ DE CARVALHO
MARIANNO PINA
MAXIMIANO LEMOS JUNIOR
NARCISO DE LACERDA
OLIVEIRA SIMÕES
OSCAR TIDAUD
PEDRO AMORIM VIANNA
PEDRO COVAS
PEDRO DE LIMA
PEREIRA CALDAS
PINHEIRO CHAGAS
REIS DAMAZO
RODRIGUES DE FREITAS
SANTOS VALENTE
SILVA PEREIRA
SIMÃO RODRIGUES FERREIRA
TEIXEIRA DE CARVALHO
TEIXEIRA BASTOS
THEOPHILO BRAGA
THOMAZ RIBEIRO
URBANO DE CASTRO
VICENTE NOVAES
VISCONDE DE BENALCANFÔR
XAVIER DE CARVALHO
XAVIER PINHEIRO

VOLUME SEGUNDO

PORTO
TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL
66 — RUA DA FABRICA — 66
1879

SUMMARIO

PARTE LITTERARIA

PARTE ARTISTICA

Pelo motivo de se achar incommodado o nosso amigo e collega Bruno não póde, n'este numero, sahir a continuação da Analyse-critico-litteraria.

BRINDES Á REDACÇÃO

Recebemos as seguintes publicações que muito agradecemos:

Commercio Portuguez — Correspondencia de Portugal — Progresso—Partido do Povo—Aurora do Cavado—Estrella Povoense—O imparcial—Correspondencia da Figueira—Tribuno Popular — A Voz Escholar—Penafidelense—Progresso Pombalense—A Voz do Progresso—Gazeta da Beira—O Bombeiro Portuguez—O Algarve—Portugal Pittoresco—Horticultura Pratica—O Instituto—Jornal das damas—O Occidente—Diario do Minho—Gazeta do Norte—Aurora do Lima—O Districto de Faro—Jornal de Vizeu—Diariode Portugal—Gazeta da Noite—Commercio Portuguez—O Districto d'Aveiro.

A todos os collegas, que fallaram do nosso Museu com tão lisongeiras phrases, penhoradissimos damos um cordeal aperto de mão.

ALMANACH LITTERARIO E CARACTERISTICO

Recebemos este novo annuario do nosso illustrado amigo o snr. Matheus Peres, residente em Cuba.

É um lindissimo volume de 224 paginas, nitidamente impresso em magnifico papel.

A collaboração é esplendida; compõe-se de 33 senhoras e 148 cavalheiros em cujo grupo entram muitos dos principaes escriptores do paiz.

Além da variedade d'artigos instructivos e deleitosos, encerra uma escolhida collecção de charadas e inigmas e logogriphos primorosamente feitos, e postos a premio, o que muito deve lisonjear os amadores d'este genero de distracção.

O auctor d'este almanach exhibe-nos varios trabalhos litterarios seus dignos de attenção. — *Vozes intimas* é uma poesia de tanta singeleza e sentimento, que falla ao coração e retracta-nos a um tempo a sensibilidade da sua boa alma.—A pag. 189 dá-nos um inigma que, embora nós o não possamos avaliar devidamente por sermos leigos n'este genero de adivinhação, conhecemos que deve ser de trabalho e imaginação. Sobretudo a charada LXXI a pag. 191 é sublime, porque é uma excellente poesia feita a *Rosaria* (julgamos ser esta a decifração).

Damos, pois, os nossos parabens ao auctor e reconhecidos agradecemos tão primoroso brinde.

EMPREZA EDITORA BELEM & C.ª

RUA DA CRUZ DE PAU, 26—LISBOA

OBRAS PUBLICADAS

O Processo de Lerouge	2 vol.	
Os Escravos de Paris	4 vol.	illustrados
Os Desherdados	5 vol.	»
Os Filhos Perdidos	5 vol.	»
Os Lobos de Paris	5 vol.	»
Martyrio e Cynismo	1 vol.	»
Cem Mil Francos de Recompensa. .	1 vol.	»
O Homem de Gêlo	2 vol.	»
O Rei dos Mendigos	5 vol.	»

NO PRÉLO

A Mulher do Saltimbanco.
Padres e Beatos.

A empreza *Serões Romanticos,* que floresce de dia para dia devido á regularidade das suas publicações, aos valiosos brindes que têem distribuido, e á acertada escolha de bons romances, vae publicar o novo romance de Montepin *As doidas em Paris* segundo o annuncio publicado hoje na secção respectiva.

AS DOIDAS EM PARIS

A bem conhecida e acreditada empreza *Serões Romanticos,* de Belem & C.ª, vae em breve publicar este magnifico romance que tanto delirio causou em Paris, devido á penna do eminente escriptor Xavier de Montepin.

A empreza continuará a distribuir como até hoje um util brinde a todos os seus assignantes, e offerece mais, a quem enviar duas assignaturas, um bilhete de uma das loterias de Hispanha em que o angariador fica habilitado a oitocentos e tantos premios, sendo o maior da quantia de 540$000 reis.

Desde já se recebem assignaturas no escriptorio da empreza, rua da Cruz de Pau, 26.

JORNAL DAS DAMAS

Publicou-se o n.º 155, pertencente ao mez de outubro, contendo figurinos illuminados das ultimas modas de Pariz para senhoras e meninas, e alternadamente debuxos para bordar e moldes para cortar fato, descripção de differentes toilettes de vestidos, chapeos, penteados, etc. Quem assignar pelo presente semestre — julho a dezembro—paga unicamente 1$500 réis, e recebe *gratis* todos os numeros publicados desde janeiro a junho.

Recebem-se assignaturas em Lisboa na livraria do editor Joaquim José Bordalo, travessa da Victoria, 42, 1.º andar, e no Porto, Coimbra, ilha de S. Miguel, Braga, Beja, etc. nas principaes livrarias.

As pessoas das provincias pódem remetter esta importancia em estampilhas ou valles do correio ao editor.

SOMBRAS

Livro de poesias da distincta poetiza D. Clorinda de Macedo, com um preambulo de Gomes Leal.

Vende-se no Porto nas principaes livrarias e n'esta redacção — em Lisboa nas livrarias de Joaquim José Bordalo e Carrilho Videira, e nas livrarias de Braga, Coimbra, Penafiel, Cuba, Barcellos, Vianna.—Preço 600 reis.

BIBLIOTHECA PARA HOMENS

O CAVALHEIRO DE FAUBLAS

Publicar-se-ha um fasciculo por semana, constando cada um d'uma folha de 16 paginas, pela modica quantia de 20 reis. A cobrança será feita no acto da entrega.

Assigna-se no Campo dos Martyres da Patria n.º 132, 1.º andar—defronte da fonte da Cadeia.

ALMANACH DAS SENHORAS

PARA 1880

PUBLICADO SOB A PROTECÇÃO DE S. M. A RAINHA
A SNR.ª D. MARIA PIA

CONTENDO 206 ARTIGOS E UM ESBOÇO BIOGRAPHICO DE MISS MARIA CARPENTER

POR

GUIOMAR TORREZÃO

10.º ANNO

Este almanach terá duas edições, uma para Portugal e outra para o Brazil. E' collaborado pelas principaes escriptoras e escriptores portuguezes e brazileiros. Enriquece-o, além da parte litteraria, uma variada serie de tabellas de immediata importancia, taes como dos C. de ferro, correios, etc., incluindo as dos *Vales internacionaes, Postos medicos, Direitos parochiaes, e Sellos correspondentes a differentes diplomas,* e termina com uma desenvolvida secção d'annuncios dos primeiros estabelecimentos de Lisboa e Porto.

A' venda em todas as livrarias do reino, e no Porto nas livrarias Chardron, Malheiro, Magalhães & Moniz, Moré, Novaes, Viuva Jacintho Silva e Cruz Coutinho.

Um elegante vol. de 384 pag., 240, cart. 340.

Deposito do Almanach das Senhoras, rua de S. Bento 218, Lisboa, onde se faz abatimento para revender, e onde tambem existem collecções do almanach, exceptuando o n.º 1.º.

15 BRINDES, GRATIS, AOS ASSIGNANTES

O PARTIDO DO POVO

Este magnifico periodico, orgão do partido republicano, que se publicava tri-semanalmente em Coimbra, e que ultimamente se publicava diario em Lisboa, suspende temporariamente. Anciamos porque seja curta a interrupção.

ERRATAS

7.º FASCICULO.—Poesia **O Cão**, ultima estrophe, onde se lê *Do compassivo Christo*: lêia-se: *Do languido Jesus.*

8.º FASCICULO.—**Duas palavras de medicina.** pag. 169, col. 1.ª, linhas 42, onde se lê: *a repugnancia, a covardia*—leia-se: *a repugnancia á covardia*—idem, linhas 45, onde se lê: *grave tranquillamente—quando a propria familia o nao, faz!*; leia-se: *grave, tranquillamente—quando a propria familia o não faz!*—idem, lin. 46., *halio* leia-se *halito*, idem, col. 2.ª, lin. 20, *Decerto, não.* deve ser: *Decerto não.*

9.º FASCICULO.—**Saudades**—pag. 179. 2.ª col. 7.ª quadra, 2.º verso, deve ler-se: *De mais venturas para o chão lancei,*

MUSEU ILLUSTRADO

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Por anno—Porto, Lisboa, Coimbra e Braga..	2$400
Para as outras terras do reino................	2$520
Avulso—1 numero	400

Não se tomam assignaturas senão por um anno.

Os snrs. assignantes do Porto, Lisboa, Coimbra, Braga, Vizeu, Lamego, Vianna e Penafiel, pagarão as suas assignaturas em duas prestações e só em face dos respectivos recibos, que lhes serão apresentados em seguida á entrega do 2.º e 7.º fasciculos.

Das outras terras do reino, os que se quizerem subscrever terão de enviar incluso o importe da assignatura inteira, em vale ou estampilhas, directamente á administração do **MUSEU ILLUSTRADO**.

Assigna-se no Porto, n'esta redacção e nas principaes livrarias; em Lisboa, nas dos snrs. Carrilho Videira e Joaquim José Bordalo; em Braga, na succursal da Casa Moré; em Lamego, na livraria do snr. Santarem e em Penafiel, na do snr. Luiz Antonio d'Almeida.

OBSERVAÇÕES

Toda a correspondencia relativa a este periodico deverá ser dirigida á administração geral do **MUSEU ILLUSTRADO**.

RUA DE S. BENTO DA VICTORIA N.º 20

PORTO

A quem obtiver 6 assignaturas realisaveis compete uma assignatura gratis.

No fim do anno os snrs. assignantes receberão um brinde offerecido pela redacção, o qual será annunciado na capa do 10.º fasciculo.

Artigos enviados a esta redacção por auctores que não sejam collaboradores, não se remettem, sejam ou não publicados.

O escriptor ou empreza que offerecer a esta redacção um exemplar de qualquer obra sua, ser-lhe-ha annunciada nas capas dos fasciculos immediatos á recepção.

N'esta redacção vende-se o primeiro volume d'esta publicação.—Broxado, para os assignantes do 2.º anno—2$400 reis.—Avulso 2$600, (acresce o porte).

Tambem se vendem avulso as gravuras da estatua de D. José 1.º. Preço 200 rs. (acresce o porte).

Ex.mo Snr. A. Mendes Simões de Castro

DEZEMBRO — DECIMO FASCICULO — 2.º ANNO

MUSEU ILLUSTRADO

ALBUM LITTERARIO

SOCIEDADE ATHENA

DIRECTOR GERAL
DAVID DE CASTRO

ADMINISTRADOR
A. BORGES

COLLABORADORES

ABEL ACACIO
ACACIO ANTUNES
A. FEIJÓ
ALBERTO PIMENTEL
ALBERTO TELLES
ALFREDO CAMPOS
ALFREDO SOARES FRANCO
AMELIA JANNY
A. M. SIMÕES DE CASTRO
ANGELINA VIDAL (R. A.)
ANTONIO GUALBERTO
ANTHERO DO QUENTAL
ANTONIO AUGUSTO M. FELIZ
ANTONIO PAPANÇA
ANTONIO DE SOUSA PINTO
ANTONIO XAVIER R. CORDEIRO
ARNALDO BARBOSA
AUGUSTO GAMA
AUGUSTO LUSO
AURELIO BALTHAZAR
BITTENCOURT RODRIGUES
BRUNO
CARLOS BOAVENTURA
CHRISTOVÃO AYRES
CLORINDA DE MACEDO
COELHO CARVALHO
CUNHA VIANNA
EÇA DE QUEIROZ
EDUARDO VIDAL
ERNESTO CABRITA
FAUSTO DE AZEVEDO
F. GUIMARÃES FONSECA
FERNANDO CASTIÇO
FERNANDES COSTA
FERNANDO LEAL
FIALHO D'ALMEIDA
F. MARTINS SARMENTO
FRANCISCO D'ALMEIDA
FRANCISCO CARRELHAS
FRANCISCO DE MENEZES
GASPAR DE LEMOS
GASPAR PESSANHA
GOMES LEAL
GONÇALVES CRESPO
GUILHERME DE AZEVEDO
J. J. D'ALMEIDA
JAYME SEGUIER
JAYME VICTOR
J. J. SILVA BASTO
J. M. DE QUEIROZ VELLOZO
JOÃO DE DEUS
JOÃO PENHA
JOAQUIM D'ARAUJO
JORGE SEIDE
JOSÉ B. D'ALMEIDA PESSANHA
JOSÉ SIMÕES DIAS
JULIO CESAR MACHADO
JULIO DE MATTOS
J. T. DE FREITAS COSTA
J. LEITE DE VASCONCELLOS
LUIZ DE MAGALHÃES
LUIZ DE MESQUITA
MAGALHÃES LIMA
MANOEL DUARTE D'ALMEIDA
MANOEL SARDENHA
MARCOS PRATA
MARIA A. VAZ DE CARVALHO
MARIANNO PINA
MAXIMIANO LEMOS JUNIOR
NARCISO DE LACERDA
OLIVEIRA SIMÕES
OSCAR TIDAUD
PEDRO AMORIM VIANNA
PEDRO COVAS
PEDRO DE LIMA
PEREIRA CALDAS
PINHEIRO CHAGAS
REIS DAMAZO
RODRIGUES DE FREITAS
SANTOS VALENTE
SILVA PEREIRA
SIMÃO RODRIGUES FERREIRA
TEIXEIRA DE CARVALHO
TEIXEIRA BASTOS
THEOPHILO BRAGA
THOMAZ RIBEIRO
URBANO DE CASTRO
VICENTE NOVAES
VISCONDE DE BENALCANFÔR
XAVIER DE CARVALHO
XAVIER PINHEIRO

VOLUME SEGUNDO

PORTO
TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL
66 — RUA DA FABRICA — 66
1879

SUMMARIO

PARTE LITTERARIA

PARTE ARTISTICA

ATTENÇÃO

A cauza que motivou a demora d'este fasciculo foi o desejo e a esperança de que o nosso collega melhoraria da sua enfermidade e pudesse concluir o artigo—Analyse critico-litteraria, mas como infelizmente ainda se não acha nas condições de o fazer, resolvemos, para ser menos sensivel a demora, fazer sahir este n.° sem o dito artigo.

BRINDES Á REDACÇÃO

Recebemos as seguintes publicações que muito agradecemos:

Commercio Portuguez — Correspondencia de Portugal — Progresso—Gazeta da Noite—Aurora do Cavado—Estrella Povoense—O imparcial—Correspondencia da Figueira—Tribuno Popular— A Voz Escholar—Penafidelense—Progresso Pombalense—A Voz do Progresso—Gazeta da Beira—O Bombeiro Portuguez—O Algarve—Portugal Pittoresco—Horticultura Pratica—O Instituto—Jornal das damas—O Occidente—Diario do Minho—Gazeta do Norte—Aurora do Lima—O Districto de Faro—Jornal de Vizeu—Diario de Portugal—Commercio de Portugal—O Districto d'Aveiro.

A todos os collegas, que fallaram do nosso Museu com tão lisongeiras phrases, penhoradissimos damos um cordeal aperto de mão.

CANCIONEIRO PORTUGUEZ

Recebemos o 5.° fasciculo d'esta publicação mensal, sob a direcção dos snrs. Ernesto Pires e J. Leite de Vasconcellos. Este numero vem magnifico; traz uma esplendida collecção de producções poeticas firmadas por muitos dos primeiros talentos da moderna geração, o que attrahe a lêr d'um só folego, pelo muito que se torna deleitosa e variada.

Agradecemos.

O COMMERCIO DA FIGUEIRA

Recebemos tambem os 3 n.os d'este *Diario Democratico*, que principiou a sua lida no primeiro d'este anno e, que pelo bem escripto que é, promette longa duração. Damos um aperto de mão aos nossos novos confrades e desejamos-lhes a maior prosperidade.

GAZETA DO REALISMO

Lemos o 1.° numero d'este novo orgão realista, dito—*da ultima Bohemia,* que acaba de publicar-se n'esta cidade do Porto, cujos redactores, sob os nomes dos mais celebres escriptores estrangeiros, nos apresentam artigos dignos d'estes em estylo.

A introducção é primorosamente cuidada e eloquente; as poesias *Palavras d'um Bohemio*, e *As andorinhas*, são esplendidas, destacando-se na primeira alguns versos admiravelmente cheios e scintillantes; *Actualidades* é um trabalho magnifico, cujo estylo por vezes fluente nada deixa a desejar: e o conto—*Romanticismo*—vividamente lavrado, eleva-se ao requinte do puro-realismo, o que tem dado no gôto dos ultra-intransigentes e obtido a um tempo uma tão grande extracção que está quasi extincta a tiragem!

Agradecemos aos illustrados redactores a offerta e anciosos aguardamos os seguintes numeros.

BIBLIOTHECA PARA HOMENS

O CAVALHEIRO DE FAUBLAS

Temos em nosso poder o primeiro fasciculo d'esta versão que a empreza—*Bibliotheca para homens*—fez distribuir.

Publica-se um fasciculo por semana, constando cada um d'uma folha de 16 paginas, pela modica quantia de 20 reis. A cobrança será feita no acto da entrega.

Assigna-se no Campo dos Martyres da Patria n.° 132, 1.° andar—defronte da fonte da Cadeia.

O UNIVERSO ILLUSTRADO

Recebemos o n.° 9 d'este excellente semanario de instrucção e recreio, illustrado com 8 nitidas e cuidadas gravuras, e replecto de curiosos e bem escriptos artigos.

Agradecemos a recepção e recommendamol-o ao publico como uma das primeiras publicações do paiz.

Assigna-se em Lisboa—Rua de S. José n.° 15 3.° andar—lado direito, cujo preço da assignatura é, em Lisboa 1500, reis ao anno nas provincias 1600 reis.

ALMANACH

DA

PRAIA DA FIGUEIRA

PARA 1879-1880

GUIA DO BANHISTA

ILLUSTRADO COM O RETRATO DO GRANDE CIDADÃO

MANOEL FERNANDES THOMAZ

E COM TRES MAGNIFICAS GRAVURAS REPRESENTANDO UMA DAS PRAÇAS DA VILLA, O THEATRO PRINCIPE D. CARLOS E A PRAIA DE BANHOS

(SEGUNDO ANNO)

Um grosso volume de mais de 400 paginas, collaborado pelos principaes escriptores portuguezes e contendo indicações de muita utilidade com relação ao uso dos

BANHOS DE MAR

Preço .... **240 réis**

Á venda nas principaes livrarias.

Remette-se pelo correio franco de porte a quem enviar 240 réis em estampilhas, a A. de Amorim Pessoa, travessa de S. Julião, Figueira da Foz.

ALMANACH LITTERARIO E CHARATERISTICO

É um lindissimo volume de 224 paginas, nitidamente impresso em magnifico papel.

A collaboração é esplendida; compõe-se de 33 senhoras e 148 cavalheiros, em cujo grupo entram muitos dos principaes escriptores do paiz.

Além da variedade d'artigos instructivos e deleitosos, encerra uma escolhida collecção de charadas, inigmas e logogriphos primorosamente feitos, e postos a premio, o que muito deve lisonjear os amadores d'este genero de distracção.

Vende-se no Porto na livraria de Ernesto Chardron.

JORNAL DAS DAMAS

Publicou-se o n.º 156, pertencente ao mez de outubro, contendo figurinos illuminados das ultimas modas de Pariz para senhoras e meninas, e alternadamente debuxos para bordar e moldes para cortar fato, descripção de differentes toilettes de vestidos, chapeos, penteados, etc. Quem assignar pelo presente semestre — julho a dezembro — paga unicamente 1$500 réis, e recebe *gratis* todos os numeros publicados desde janeiro a junho.

Recebem-se assignaturas em Lisboa na livraria do editor Joaquim José Bordalo, travessa da Victoria, 42, 1.º andar, e no Porto, Coimbra, ilha de S. Miguel, Braga, Beja, etc., e nas principaes livrarias.

As pessoas das provincias pódem remetter esta importancia em estampilhas ou vales do correio ao editor.

ALMANACH DAS SENHORAS

PARA 1880

PUBLICADO SOB A PROTECÇÃO DE S. M. A RAINHA
A SNR.ª D. MARIA PIA

CONTENDO 206 ARTIGOS E UM ESBOÇO BIOGRAPHICO DE MISS MARIA CARPEUTER

POR

GUIOMAR TORREZÃO

10.º ANNO

Este almanach terá duas edições, uma para Portugal e outra para o Brazil. E' collaborado pelas principaes escriptoras e escriptores portuguezes e brazileiros. Enriquece-o, além da parte litteraria, uma variada serie de tabellas de immediata importancia, taes como dos C. de ferro, correios, etc., incluindo as dos *Vales internacionaes, Postos medicos, Direitos parochiaes, e Sellos correspondentes a differentes diplomas*, e termina com uma desenvolvida secção d'annuncios dos primeiros estabelecimentos de Lisboa e Porto.

A' venda em todas as livrarias do reino, e no Porto nas livrarias Chardron, Malheiro, Magalhães & Moniz, Moré, Novaes, Viuva Jacintho Silva e Cruz Coutinho.

Um elegante vol. de 384 pag., 240, cart. 340.

Deposito do Almanach das Senhoras, rua de S. Bento 218, Lisboa, onde se faz abatimento para revender, e onde tambem existem collecções do almanach, exceptuando o n.º 1.º.

15 BRINDES, GRATIS, AOS ASSIGNANTES

SERÕES ROMANTICOS

EMPREZA EDITORA BELEM & C.ª

RUA DA CRUZ DE PAU, 26 — LISBOA

OBRAS PUBLICADAS

O Processo de Lerouge	2 vol.	
Os Escravos de Paris	4 vol.	illustrados
Os Desherdados	5 vol.	»
Os Filhos Perdidos	5 vol.	»
Os Lobos de Paris	5 vol.	»
Martyrio e Cynismo	1 vol.	»
Cem Mil Francos de Recompensa. .	1 vol.	»
O Homem de Gêlo	2 vol.	»
O Rei dos Mendigos.	5 vol.	»

NO PRÉLO

A Mulher do Saltimbanco.
Padres e Beatos.

LORD BYRON EM PORTUGAL

POR

ALBERTO TELLES

Este curioso volume custa a modica quantia de 500 reis e vende-se no Porto na livraria de Magalhães & Moniz e nas principaes livrarias do reino.

MUSEU ILLUSTRADO

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Por anno—Porto, Lisboa, Coimbra e Braga..	2$400
Para as outras terras do reino...............	2$520
Avulso—1 numero........................	400

Não se tomam assignaturas senão por um anno.

Os snrs. assignantes do Porto, Lisboa, Coimbra, Braga, Vizeu, Lamego, Vianna e Penafiel, pagarão as suas assignaturas em duas prestações e só em face dos respectivos recibos, que lhes serão apresentados em seguida á entrega do 2.° e 7.° fasciculos.

Das outras terras do reino, os que se quizerem subscrever terão de enviar incluso o importe da assignatura inteira, em vale ou estampilhas, directamente á administração do **MUSEU ILLUSTRADO.**

Assigna-se no Porto, n'esta redacção e nas principaes livrarias; em Lisboa, nas dos snrs. Carrilho Videira e Joaquim José Bordalo; em Braga, na succursal da Casa Moré; em Lamego, na livraria do snr. Santarem e em Penafiel, na do snr. Luiz Antonio d'Almeida.

OBSERVAÇÕES

Toda a correspondencia relativa a este periodico deverá ser dirigida á administração geral do **MUSEU ILLUSTRADO.**

RUA DE S. BENTO DA VICTORIA N.° 20

PORTO

A quem obtiver 6 assignaturas realisaveis compete uma assignatura gratis.

No fim do anno os snrs. assignantes receberão um brinde offerecido pela redacção, o qual será annunciado na capa do 10.° fasciculo.

Artigos enviados a esta redacção por auctores que não sejam collaboradores, não se remettem, sejam ou não publicados.

O escriptor ou empreza que offerecer a esta redacção um exemplar de qualquer obra sua, ser-lhe-ha annunciada nas capas dos fasciculos immediatos á recepção.

N'esta redacção vende-se o primeiro volume d'esta publicação.—Broxado, para os assignantes do 2.° anno—2$400 reis.—Avulso 2$600, (acresce o porte).

Tambem se vendem avulso as gravuras da estatua de D. José 1.°. Preço 200 rs. (acresce o porte).

Ex.mo Snr. A. Mendes Simões de Castro

JANEIRO UNDECIMO FASCICULO 2.º ANNO

MUSEU ILLUSTRADO

ALBUM LITTERARIO

SOCIEDADE ATHENA

DIRECTOR GERAL
DAVID DE CASTRO

ADMINISTRADOR
A. BORGES

COLLABORADORES

ABEL ACACIO
ACACIO ANTUNES
A. FEIJÓ
ALBERTO PIMENTEL
ALBERTO TELLES
ALFREDO CAMPOS
ALFREDO SOARES FRANCO
AMELIA JANNY
A. M. SIMÕES DE CASTRO
ANGELINA VIDAL (R. A.)
ANTONIO GUALBERTO
ANTHERO DO QUENTAL
ANTONIO AUGUSTO M. FELIZ
ANTONIO PAPANÇA
ANTONIO DE SOUSA PINTO
ANTONIO XAVIER R. CORDEIRO
ARNALDO BARBOSA
AUGUSTO GAMA
AUGUSTO LUSO
AURELIO BALTHAZAR
BITTENCOURT RODRIGUES
BRUNO
CARLOS BOAVENTURA
CHRISTOVÃO AYRES
CLORINDA DE MACEDO
COELHO CARVALHO
CUNHA VIANNA
EÇA DE QUEIROZ
EDUARDO VIDAL
ERNESTO CABRITA
FAUSTO DE AZEVEDO
F. GUIMARÃES FONSECA
FERNANDO CASTIÇO
FERNANDES COSTA
FERNANDO LEAL
FIALHO D'ALMEIDA
F. MARTINS SARMENTO
FRANCISCO D'ALMEIDA
FRANCISCO CARRELHAS
FRANCISCO DE MENEZES
GASPAR DE LEMOS
GASPAR PESSANHA
GOMES LEAL
GONÇALVES CRESPO
GUILHERME DE AZEVEDO
J. J. D'ALMEIDA
JAYME SEGUIER
JAYME VICTOR
J. J. SILVA BASTO
J. M. DE QUEIROZ VELLOZO
JOÃO DE DEUS
JOÃO PENHA
JOAQUIM D'ARAUJO
JORGE SEIDE
JOSÉ B. D'ALMEIDA PESSANHA
JOSÉ SIMÕES DIAS
JULIO CESAR MACHADO
JULIO DE MATTOS
J. T. DE FREITAS COSTA
J. LEITE DE VASCONCELLOS
LUIZ DE MAGALHÃES
LUIZ DE MESQUITA
MAGALHÃES LIMA
MANOEL DUARTE D'ALMEIDA
MANOEL SARDENHA
MARCOS PRATA
MARIA A. VAZ DE CARVALHO
MARIANNO PINA
MAXIMIANO LEMOS JUNIOR
NARCISO DE LACERDA
OLIVEIRA SIMÕES
OSCAR TIDAUD
PEDRO AMORIM VIANNA
PEDRO COVAS
PEDRO DE LIMA
PEREIRA CALDAS
PINHEIRO CHAGAS
REIS DAMASO
RODRIGUES DE FREITAS
SANTOS VALENTE
SILVA PEREIRA
SIMÃO RODRIGUES FERREIRA
TEIXEIRA DE CARVALHO
TEIXEIRA BASTOS
THEOPHILO BRAGA
THOMAZ RIBEIRO
URBANO DE CASTRO
VICENTE NOVAES
VISCONDE DE BENALCANFÔR
XAVIER DE CARVALHO
XAVIER PINHEIRO

VOLUME SEGUNDO

PORTO
TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL
66—RUA DA FABRICA—66
1880

SUMMARIO

PARTE LITTERARIA

PARTE ARTISTICA

BRINDE

Consta-nos que alguns assignantes se teem queixado de não termos mencionado o brinde, como haviamos promettido no prospecto, e empregando phrases pouco lisongeiras para com uma empreza que sustenta um jornal d'esta ordem ha já dois annos, sem faltarem aos seus compromissos, luctando continuamente com difficuldades e contratempos, recebendo muito calote, etc. Ora áquelles, que se queixaram assim e ainda não satisfizeram as suas assignaturas, approveitando a nossa falta involuntaria para addiarem indefinidamente o pagamento, diremos que tambem ha 8 mezes esperamos em vão pelo cumprimento do seu dever, porque logo que assignaram esta publicação ficaram subjeitos ás condições da assignatura.

Agora daremos a explicação porque não mencionamos o brinde.

O nosso amigo Director adoeceu; não pôde intervir no expediente passado (assim como n'este), e não se lembrou de nos recordar a revelação do brinde. Hoje, porém, remediaremos esse *mal* annunciando-lhes que tencionamos dar aos nossos assignantes uma gravura propria para encaixilhar e pendurar n'uma sala.

Approveitamos esta occasião para pedirmos desculpa da demora que tem havido n'este ultimo expediente; a doença do nosso amigo e collega David de Castro, e depois o transe por que passou ao soffrer o golpe do fallecimento de sua extremosa Mãe, foram a causa d'essa impontualidade. Nós, sem o seu auxilio pouco podêmos concorrer para o andamento regular do jornal, porque não podêmos dispôr do tempo tão francamente como elle.

O 12.º N.º tambem, de certo terá alguma demora, porque queremos concluir todos os artigos encetados nos n.os antecedentes, *revista litteraria, etc.* e como isso depende da vontade e possibilidade dos nossos dignos Collaboradores, não se deverão descontentar os nossos assignantes pela demora, pois, crêmos que lhes convem possuir o volume contendo todos os artigos completos, como o conseguimos no 1.º anno d'esta publicação.

O nosso compromisso, em fim, é darmos 12 numeros; feito isto, nada mais devemos aos nossos dignos leitores, senão muita gratidão e reconhecimento.

A Redacção

David de Castro agradece penhoradissimo a todos os seus amigos, collegas e confrades que com elle partilharam da sua dôr, pelo fallecimento de sua extremosa Mãe.

BRINDES Á REDACÇÃO

Recebemos as seguintes publicações que muito agradecemos:

Commercio Portuguez — Correspondencia de Portugal — Progresso—Gazeta da Noite—Aurora do Cavado—Estrella Povoense—O Imparcial—Correspondencia da Figueira—Tribuno Popular — A Voz Escholar—Penafidelense—Progresso Pombalense—A Voz do Progresso—Gazeta da Beira—O Bombeiro Portuguez—O Algarv'—Portugal Pittoresco—Horticultura Pratica—O Instituto—Jornal das damas—O Occidente—Diario do Minho — Gazeta do Norte — Aurora do Lima — O Districto de Faro —Jornal de Vizeu — Diario de Portugal— Commercio de Portugal—O Districto d'Aveiro—O Commercio da Figueira—Diario do Commercio—O Valenciano.

BIBLIOTHECA PARA HOMENS

O CAVALHEIRO DE FAUBLAS

Temos em nosso poder o primeiro fasciculo d'esta versão que a empreza —*Bibliotheca para homens* — fez distribuir.

Publica-se um fasciculo por semana, constando cada um d'uma folha de 16 paginas, pela modica quantia de 20 reis. A cobrança será feita no acto da entrega.

Assigna-se no Campo dos Martyres da Patria n.º 132, 1.º andar—defronte da fonte da Cadeia.

INDIANAS PORTUGUEZAS

Sob este titulo recebemos um volume de poesias do nosso digno collaborador—Christovão Ayres, reconhecido ha muito como um mimoso e elegante poeta.

Este seu livro confirma a sua reputação, eleva-o á gloria. Tem este primor d'arte quatro divisões, cujas epigraphes são: *Indianas, Polychardon, Symphonias do amor, Goivos e Naly*.

A primeira parte é sobre a vida indiana, onde o auctor soube dar o colorido local como proprio filho, que é, da India. Em todos os quadros que apresenta se encontra a um tempo o encanto, a gravidade e a inspiração nascida d'uma natureza extranha, onde só se podem condensar tão originaes como attrahentes melodias.

O livro torna-se cubiçoso, mesmo antes de o abrir, pelo luxo com que está publicado; e essa boa impressão recresce á medida que se vai revelando.

Damos, pois, ao nosso illustrado collega os nossos cinceros parabens pela sua primeira e brilhantissima estreia, certificando-lhe que somos seus convictos admiradores.

As *Indianas portuguezas* foram impressas no Porto — na Imprensa Portugueza e custam a modica quantia de 500 reis.

A MOCIDADE

Recebemos tambem o 1.º n.º d'esta *Revista Academica litteraria bi-mensal*, propriedade dos snrs. A. J. Claro, D. A. Pereira, e M. J. d'Araujo, dirigida pelo snr. Augusto Brochado.

É uma publicação promettedora a julgar pelos bons artigos de que se compõe este 1.º fasciculo. Agradecemos e desejamos que os nossos novos collegas tirem o melhor resultado da sua empreza.

Assigna-se no Porto—Rua Formosa 112.

LORD BYRON EM PORTUGAL

POR

ALBERTO TELLES

Este curioso volume custa a modica quantia de 500 reis e vende-se no Porto na livraria de Magalhães & Moniz e nas principaes livrarias do reino.

A CHRONICA

Egualmente recebemos esta nova Revista mensal de critica litteraria e artes, que lêmos com sofrega satisfação.

É uma esplendida publicação de 32 paginas, e que se distingue não só pela boa collaboração como pela escolha de assumptos.

Lisboa que passa e o *Funambulo de marmore*, são dois magnificos artigos por que debuta este 1.º fasciculo: artigos videntes, fecundos, de estudo, de critica severa e humoristica, como tudo que é traçado pela vigorosa penna de seu auctor—o snr. Fialho d'Almeida—um dos modernos escriptores mais fluentes, e que de dia a dia engasta uma perola na corôa de gloria, que muito breve ha de merecidamente cingir na fronte.

Todas as outras producções: *Esquecimento*, melodiosa poesia do snr. Maximiano Lemos Junior; *Dolora* do snr. Araujo; *Sem nome* do snr. L. e o ultimo artigo do snr. Theophilo Braga sobre a *Muzica sacra portugueza* são irmãmente apreciaveis.

Damos os nossos parabens á empreza e reconhecidissimos agradecemos tão lisongeiro brinde.

Assigna-se esta Revista n'esta redacção; e em Lisboa rua da Inveja 28 — 2.º esquerdo. — Trimestre (pago adiantado) 360 réis—semestre 700 réis—anno 1$400 réis.

SERÕES ROMANTICOS

EMPREZA EDITORA BELEM & C.ª

RUA DA CRUZ DE PAU, 26—LISBOA

OBRAS PUBLICADAS

O Processo de Lerouge	2	vol.
Os Escravos de Paris	4	vol. illustrado.
Os Deshërdados	5	vol. »
Os Filhos Perdidos	5	vol. »
Os Lobos de Paris	5	vol. »
Martyrio e Cynismo	1	vol. »
Cem Mil Francos de Recompensa	1	vol. »
O Homem de Gêlo	2	vol. »
O Rei dos Mendigos	5	vol. »

NO PRÉLO

A Mulher do Saltimbanco.
Padres e Beatos.

ALMANACH DA PRAIA DA FIGUEIRA

PARA 1879-1880

GUIA DO BANHISTA

ILLUSTRADO COM O RETRATO DO GRANDE CIDADÃO

MANOEL FERNANDES THOMAZ

E COM TRES MAGNIFICAS GRAVURAS REPRESENTANDO UMA DAS PRAÇAS DA VILLA, O THEATRO PRINCIPE D. CARLOS E A PRAIA DE BANHOS

(SEGUNDO ANNO)

Um grosso volume de mais de 400 paginas, collaborado pelos principaes escriptores portuguezes e contendo indicações de muita utilidade com relação ao uso dos

BANHOS DE MAR

Preço .... 240 réis

Á venda nas principaes livrarias.

Remette-se pelo correio franco de porte a quem enviar 240 réis em estampilhas, a A. de Amorim Pessoa, travessa de S. Julião, Figueira da Foz.

ALMANACH DAS SENHORAS

PARA 1880

PUBLICADO SOB A PROTECÇÃO DE S. M. A RAINHA A SNR.ª D. MARIA PIA

CONTENDO 206 ARTIGOS E UM ESBOÇO BIOGRAPHICO DE MISS MARIA CARPEUTER

POR

GUIOMAR TORREZÃO

10.º ANNO

Este almanach terá duas edições, uma para Portugal e outra para o Brazil. E' collaborado pelas principaes escriptoras e escriptores portuguezes e brazileiros. Enriquece-o, além da parte litteraria, uma variada serie de tabellas de immediata importancia, taes como dos C. de ferro, correios, etc., incluindo as dos *Vales internacionaes, Postos medicos, Direitos parochiaes, e Sellos correspondentes a differentes diplomas*, e termina com uma desenvolvida secção d'annuncios dos primeiros estabelecimentos do Lisboa e Porto.

A' venda em todas as livrarias do reino, e no Porto nas livrarias Chardron, Malheiro, Magalhães & Moniz, Moré, Novaes, Viuva Jacintho Silva e Cruz Coutinho.

Um elegante vol. de 384 pag., 240, cart. 340.

Deposito do Almanach das Senhoras, rua de S. Bento 218, Lisboa, onde se faz abatimento para revender, e onde tambem existem collecções do almanach, exceptuando o n.º 1.º.

15 BRINDES, GRATIS, AOS ASSIGNANTES

MUSEU ILLUSTRADO

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Por anno—Porto, Lisboa, Coimbra e Braga..	2$400
Para as outras terras do reino................	2$520
Avulso—1 numero	400

Não se tomam assignaturas senão por um anno.

Os snrs. assignantes do Porto, Lisboa, Coimbra, Braga, Vizeu, Lamego, Vianna e Penafiel, pagarão as suas assignaturas em duas prestações e só em face dos respectivos recibos, que lhes serão apresentados em seguida á entrega do 2.° e 7.° fasciculos.

Das outras terras do reino, os que se quizerem subscrever terão de enviar incluso o importe da assignatura inteira, em vale ou estampilhas, directamente á administração do **MUSEU ILLUSTRADO.**

Assigna-se no Porto, n'esta redacção e nas principaes livrarias; em Lisboa, nas dos snrs. Carrilho Videira e Joaquim José Bordalo; em Braga, na succursal da Casa Moré; em Lamego, na livraria do snr. Santarem e em Penafiel, na do snr. Luiz Antonio d'Almeida.

OBSERVAÇÕES

Toda a correspondencia relativa a este periodico deverá ser dirigida á administração geral do **MUSEU ILLUSTRADO.**

RUA DE S. BENTO DA VICTORIA N.° 20

PORTO

A quem obtiver 6 assignaturas realisaveis compete uma assignatura gratis.

No fim do anno os snrs. assignantes receberão um brinde offerecido pela redacção, o qual será annunciado na capa do 10.° fasciculo.

Artigos enviados a esta redacção por auctores que não sejam collaboradores, não se remettem, sejam ou não publicados.

O escriptor ou empreza que offerecer a esta redacção um exemplar de qualquer obra sua, ser-lhe-ha annunciada nas capas dos fasciculos immediatos á recepção.

N'esta redacção vende-se o primeiro volume d'esta publicação.—Brochado, para os assignantes do 2.° anno—2$400 reis.—Avulso 2$600, (acresce o porte).

Tambem se vendem avulso as gravuras da estatua de D. José 1.°. Preço 200 rs. (acresce o porte).